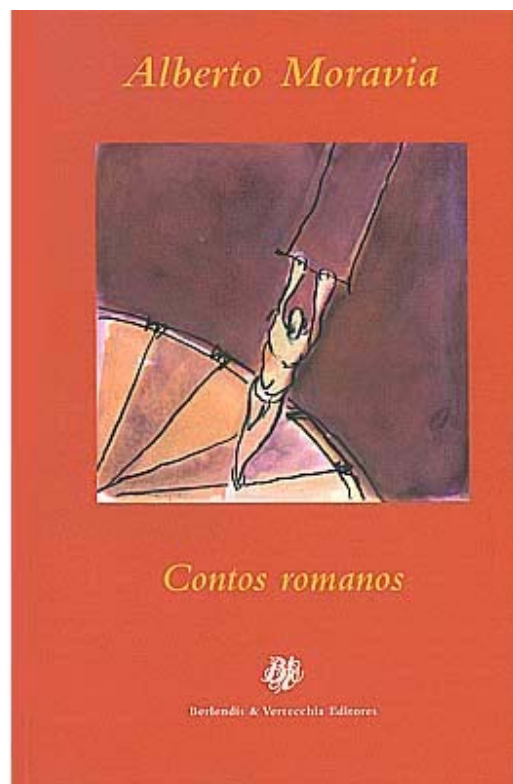




CONTOS ROMANOS

Alberto Moravia

Tradução de

Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade

Título original: "Racconti romani"

Capa: Natanael L. de Oliveira



INDICE

Nota dos tradutores

Fanático

Chuva de maio

Não se aprofundar

Uma bela noitada

Brincadeiras do calor

Dublê

O palhaço

A nota falsa

O caminhoneiro

O pensador

Mostrengos

O nenê

O crime perfeito

O piquenique

A marca de nascença

Valentão na marra

Mão furada

O dia negro

As jóias

Corpo fechado

Não digo que não

O inconsciente

O teste

Goiaba

A ciociara

O pataqueiro

Brincadeiras de ferragosto

O terror de Roma
A amizade
A desgraça da humanidade
O pé- frio
Velho idiota
Catarina
A palavra mamãe
Os óculos
O cão chinês
Mário
Os amigos sem dinheiro
Bububu
Ladrões na igreja
Este da- qui
Cara de cafajeste
Um homem azarado
O sorteio
Tome um caldinho
A vida na roça
Os seus dias
O passeio
A desforra de Tarzã
Rômulo e Remo
Cara de salsicheiro
O apetite
A enfermeira9
O tesouro
A concorrência
Baixote

O guarda
O nariz
Maré baixa

NOTA DOS TRADUTORES

OS CONTOS ROMANOS de Moravia, publicados pela primeira vez em 1954, abrangem porém todo o período do imediato pós- guerra e relatam as histórias curiosas do povo romano às voltas com os apertos da época. Malandros, ambulantes, quebra- galhos, vigaristas, assaltantes, presidiários, marreteiros, estropiados caronistas, desocupados em geral, misturam-se aos que vivem de expedientes: garçons, barbeiros, motoristas, vigilantes, cantadores, lixeiros, encanadores, entregadores, enfermeiras, costureiras. Todos eles falam sua linguagem característica, que não chega a ser dialetal e que, à exceção de duas ou três expressões, pode ser compreendida por qualquer leitor.

Nossa preocupação, enquanto tradutores, foi a de conservar esse coloquial diferenciado de tipo a tipo, sem cair na gíria regionalista, e manter o tom vivo do original. Para tanto, valem-nos de certas “liberdades” gramaticais e sintáticas como: o uso de pronomes pessoais com função de objeto direto ou indireto; a alternância do tratamento tu e você e pronomes correspondentes; o uso de certos modos verbais em lugar de outros (imperfeito do indicativo por subjuntivo ou condicional); a eventual preferência pelo emprego proclítico dos pronomes; o uso discriminado dos nomes próprios, de pessoas e de locais, ora no original (nos casos mais consagrados), ora no correspondente brasileiro.

Quanto às soluções e às “compensações” o leitor poderá encontrá-las em cada conto, quando não constarem das notas de rodapé.

FANÁTICO

Uma manhã de julho estava cochilando na praça Melozzo de Foli, à sombra dos eucaliptos, perto da fonte seca, quando chegaram dois homens e uma mulher e me pediram para levá-los ao Lido de Lavinio. Observei-os enquanto discutíamos o preço: um era loiro, alto e grandalhão, com a cara sem cor, como que cinzenta e os olhos de porcelana celeste no fundo das olheiras escuras, um homem de uns trinta e cinco anos. O outro mais moço, moreno, de cabelos desgrenhados, óculos de aro de tartaruga, desengonçado, magro, talvez um estudante. A mulher, então, era magérrima, com o rosto afilado e comprido entre duas ondas de cabelos soltos e o corpo delgado num vestidinho verde que a fazia parecer uma serpente. Mas tinha a boca vermelha e cheia, como um fruto, e os olhos bonitos, negros e cintilantes como carvão molhado; e pelo jeito como olhou para mim, me deu vontade de combinar o negócio. Na realidade aceitei o preço que me propuseram; depois subiram, o loiro ao meu lado, os outros dois atrás; e fomos indo.

Atravessei Roma inteira para ir pegar a estrada atrás da basílica de São Paulo que é a mais curta até Anzio. Na basílica enchi o tanque de gasolina e depois dirigi em boa velocidade pela estrada. Calculava que houvesse uns cinqüenta quilômetros, eram nove e meia, chegaríamos lá pelas onze, bem a tempo para um banho de mar. A moça me agradara e esperava travar amizade: não era gente fina, os dois homens pareciam, pelo sotaque, estrangeiros, talvez refugiados, daqueles que vivem nos campos de concentração nos arredores de Roma. A moça, ao contrário, era italiana, aliás, romana, mas ela, também, insignificante: digamos que fosse arrumadeira, engomadeira, ou algo parecido. Pensando nessas coisas, eu esticava a orelha e ouvia, dentro do carro, a moça é o moreno conversando e rindo. Sobretudo a moça ria, porque, como eu já notara, era um tanto ordinária e deslizando, justamente como uma cobrinha bêbada. O loiro torcia o nariz àquelas risadas sob os óculos

escuros de sol, mas não dizia nada, nem mesmo se virava para trás. Porém, é verdade que lhe bastava erguer os olhos para o espelhinho, acima do pára-brisa, para ver o que estava acontecendo lá atrás.

Atravessamos os Trappisti, o E 42, prosseguimos de um só fôlego até o desvio para Anzio. Aí diminuí e perguntei ao loiro meu vizinho onde exatamente queriam ser levados. Ele respondeu:

- Um lugar tranquiilo onde não tenha ninguém... queremos ficar sozinhos.

Eu disse:

- Aqui há trinta quilômetros de praia deserta... vocês é que devem escolher.

- A moça, dentro do carro, gritou:

- Deixemos que ele escolha.

Respondi:

- O que eu tenho a ver com isso?

- Mas a moça continuava a gritar:

- Deixemos que ele escolha, e ria como se a frase tivesse sido muito engraçada. Aí, eu disse:

- O Lido de Lavinio é muito freqüentado... mas eu os levarei a um lugar não muito distante onde não há viv'alma

- Essas minhas palavras fizeram rir novamente a moça que, lá de trás, me bateu com a mão no ombro, dizendo:

- Muito bem... você é inteligente... entendeu o que queríamos.

- Eu não sabia o que pensar desses modos, me chateavam um pouco, outro tanto me faziam esperar.

O loiro se calava, sombrio, e por fim disse:

- Pina, não estou vendo graça nenhuma.

- Então retomamos a marcha.

Fazia um calor forte, sem vento, e a estrada ofuscava; aqueles dois

dentro do carro só ficavam falando e rindo, mas depois, repentinamente, se calaram e isso foi pior porque vi o loiro olhar pelo espelho retrovisor e em seguida torcer o nariz como se tivesse visto algo que não lhe agradava. A estrada agora tinha de um lado os campos pelados e secos e do outro uma densa mata. Junto a uma placa proibindo a caça, diminuí, virei, me enfiei num atalho em ziguezague. Tinha ido caçar lá no inverno e era um lugar bem solitário, impossível de se descobrir se não se conhecia. Depois da mata havia o pinheiral e depois do pinheiral a praia e o mar. No pinheiral, como eu sabia; durante o desembarque de Anzio, os americanos tinham se entrincheirado, e havia ainda as trincheiras, com as latinhadas enferrujadas e os cartuchos vazios, e as pessoas não passavam por ali de medo das minas.

Fanático II

O sol ardia intenso e toda a superfície pululante da mata era luminosa, quase loira de tanta luz. O atalho continuou reto, em seguida dobrou para uma clareira e depois entrou de novo na mata. Agora víamos os pinheiros, com as cabeleiras verdes, infladas de vento, que pareciam flutuar no céu, e o mar azulado e cintilante, entre os troncos vermelhos. Eu dirigia devagar porque não estava enxergando direito no meio de todas aquelas moitas e é fácil quebrar uma suspensão. De repente, enquanto eu permanecia atento ao caminho, o loiro sentado ao meu lado, deu-me um violento encontrão com o corpo inteiro, de modo que quase fui atirado para fora pela janelinha.

- Mas que diacho!- exclamei, brecando de chofre. No mesmo instante houve um estampido seco bem atrás de mim e eu fiquei de queixo caído, vendo no pára-brisa uma rosácea de rachaduras finas e um buraco redondo no meio. Meu sangue gelou e tentei pular para fora do carro, gritando “assassinos”; mas o moreno, que tinha disparado, apertou o cano do revólver

nas minhas costas, dizendo:

- Não se mexa.

Fiquei quieto e perguntei:

- O que querem de mim?

- O moreno respondeu:

- Se aquele imbecil não tivesse reparado em você, não seria preciso dizer agora... queremos o seu carro.

- O loiro disse, cerrando os dentes:

- Eu não sou imbecil.

- O outro respondeu:

- Claro que é... por acaso não tínhamos combinado que eu devia disparar? Por que você se mexeu?

- O loiro retrucou:

- Também tínhamos combinado que a Pina ficaria fora disso... também você se agitou.

- A moça começou a rir e disse:

- Estamos fritos.

- Por quê?

- Porque agora ele vai a Roma e nos denuncia.

- O loiro disse:

- E será bem- feito.

- Tirou do bolso um cigarro, acendeu e pôs-se a fumar. O moreno virou-se indeciso para a moça:

- Mas, então, o que vamos fazer?

- Eu ergui os olhos até o espelhinho e a vi, encolhida num canto, fazendo-me um gesto com o polegar e o indicador como que para dizer:

- Acabe logo. Meu sangue gelou novamente; mas respirei ouvindo o moreno dizer num tom de profunda convicção:

- Não certas coisas, só se tem coragem de fazê-las uma única vez...

agora estou desacorçoado e não faço mais.

Recobrei a coragem e disse:

- Mas o que vão fazer com um táxi?

Quem vai falsificar o registro? Quem vai pintá-lo?" A cada pergunta via que não tinham ninguém e que não sabiam mais o que fazer: tinham resolvido me matar e, como não conseguiram, não tinham mais nem mesmo coragem de me roubar. Entretanto o moreno disse:

- Temos tudo, não se preocupe.

- Mas o loiro, sardônico:

- Não te os nada, temos apenas vinte mil liras os três e um revólver que não dispara.

Naquele instante ergui novamente os olhos até o espelhinho e vi a moça fazendo novamente aquele gesto tão gracioso em minha direção.

Aí, eu disse:

- Mocinha, quando estivermos em Roma esse gesto vai lhe custar alguns aninhos a mais no xadrez. Em seguida, virei meio corpo para o moreno e gritei exasperado:

- E aí, o que está esperando? atire, seu covarde, atire!

- Minha voz ressoou num silêncio profundo e a moça, dessa vez com simpatia, gritou:

- Sabem quem é o único corajoso daqui?

Ele , apontando para mim. O moreno disse algo parecido com uma praga, cuspiu de lado e depois abriu a porta, desceu, e veio até mim, junto dajanela.

- Disse furioso:

- Então rápido, quanto quer para nos levar de volta a Roma e não nos denunciar?...

- Vi que o perigo tinha passado e disse lentamente:

- Eu não quero nada... e levo-os direto para a Regina Coeli os três.

- O moreno não se assustou, é preciso reconhecer, estava por demais desesperado e aflito. Disse apenas:

- Então eu o mato.

- E eu:

- Experimente... eu digo que você não mata ninguém... e digo também que verei vocês todos com o focinho atrás das grades, você, a bruaca da sua amiga e ele também.

Ele disse:

“Está bem” a meia-voz e eu percebi que estava falando sério e realmente deu um passo para trás e levantou a arma.

Por sorte, naquele instante, a moça gritou:

- Acabe com isso... e você, em vez de oferecer-lhe dinheiro, imponha-se com o revólver... vai ver como corre.

- Assim dizendo, debruçava-se às minhas costas e então senti que com os dedos estava me fazendo cócega na orelha, de leve, de modo que os demais não vissem. Fiquei muito perturbado porque, como disse, tinha gostado dela e, não sei porquê, estava convencido de que ela gostara de mim.

Olhei para o moreno que ainda me apontava a arma, olhei de esguelha para ela que me fitava com aqueles seus olhos de carvão, negros e sorridentes, e depois disse:

- Guardem o seu dinheiro... não sou um bandido como vocês... mas para Roma eu não os levo de volta... levarei somente ela, e isso porque é uma mulher.

- Achava que iriam protestar e, ao contrário, para minha surpresa, o loiro foi logo descendo do carro e disse:

- Boa viagem.

O moreno baixou a arma. A moça, toda alvoroçada, veio sentar ao meu lado.

Falei:

- Então até a vista e espero que os ponham depressa na cadeia

- E depois virei, manobrando só com uma das mãos porque a outra ela me apertava com a sua, e não me desagradava que aqueles dois compreendessem o motivo pelo qual eu me mostrara tão condescendente.

Fanático III

Voltei à estrada e percorri cinco quilômetros sem abrir a boca. Ela continuava me apertando a mão e isso era o suficiente. Buscava agora eu também um lugar isolado, ainda que por motivos diferentes dos deles. Porém quando parei e fiz que ia entrar num atalho que levava à praia, ela pousou a mão no volante, dizendo:

- Não, o que está fazendo? vamos para Roma

- Disse, fixando seus olhos:

- Para Roma vamos à tarde.

E ela:

- Entendi, você também é como os outros, você também é como os outros. - Choramíngava, mole e fria, falsa, porque dava para ver de longe que estava fingindo, e quando fiz que ia abraçá-la, escapulia ora para um lado ora para outro, e não tinha lugar que me deixasse beijar. Tenho sangue quente e vou ficando logo furioso. De repente, compreendi que brincara comigo e que eu, naquele maldito passeio, tinha empenhado a gasolina, o medo e o tempo; e cheio de raiva afastei-a com violência, dizendo:

- Então, vá para o inferno e fique por lá.

Ela logo se ajeitou, nem um pouco ofendida. Tornei a pôr o carro em movimento e depois, até Roma, não conversamos mais.

Em Roma disse-lhe, parando e abrindo a porta:

- E agora desça, corra, o mais rápido que puder.

E ela, como que admirada:

- Mas então, ficou bravo comigo?

Aí, não me segurei mais e gritei:

- Qual é a sua, quis me assassinar, me fez perder o dia, a gasolina, o dinheiro... e depois eu não deveria ficar bravo com você? Agradeça a Deus por não levá-la à delegacia.

- Sabe o que respondeu?

- Como você é fanático.

- Depois desceu e, digna, orgulhosa, altaneira, rebolando toda naquela roupinha serpentina, passou entre os carros e o trânsito da porta San Giovanni. Eu permaneci aturdido a olhar para ela enquanto se afastava, até que desapareceu. Naquele instante alguém entrou no táxi, gritando:

- Praça do Povo.

Portolongone é um castelo no topo de uma rocha suspensa sobre o mar. O dia que saí dali, soprava o sudoeste, um vento forte que cortava a respiração e o sol ofuscava no céu limpo. Talvez por causa daquele vento e daquele sol, talvez pela emoção da liberdade, sentia-me aturdido. Por isso, quando atravessei o pátio e vi o diretor ao sol, falando com um carcereiro, não pude deixar de gritar:

- Até à vista, senhor diretor.

- Logo mordi a língua porque me dei conta de que aquele até à vista não pegava bem, podia parecer que eu tivesse a intenção de voltar à cadeia ou estivesse convencido de que para lá voltaria. O diretor, um bom sujeito, sorriu e corrigiu no ato, fazendo-me um gesto de despedida:

- Quer dizer: adeus. E eu repeti:

- Sim, adeus, senhor diretor; mas agora era tarde demais; a besteira eu já tinha falado e não havia mais nada a fazer.

Aquele até à vista ficou ressoando nos meus ouvidos durante toda a viagem e mais tarde em Roma também, quando me encontrei de novo em casa. Talvez tenha sido a acolhida: por parte da minha mãe, afetuosa, claro, mas por parte dos outros pior ainda do que eu tinha imaginado. Meu irmão, um cabeça oca, estava saindo para ir ao o o de futebol e só me disse.:

- Oh,tchau, Rodolfo, minha irmã, aquela piranha empetecada, no ato saiu da sala, gritando que se eu ficasse em casa, ela ia embora. Quanto a meu pai, que não fala nunca, limitou-se a lembrar-me que na carpintaria o meu lugar não tinha sido ocupado, se quisesse, eu podia começar a trabalhar naquele mesmo dia. Resumindo, saíram todos e eu fiquei sozinho em casa com a mãe. Ela estava na cozinha, lavando os pratos do almoço.

Em pé diante da pia, pequena e esculachada, os cabelos grisalhos em desordem, os pés enfiados em dois enormes chinelos de feltro por causa do reumatismo, ainda enxaguando a louça, começou a me passar um sermão que, para dizer a verdade, embora fosse bem-intencionado, para mim era pior que os estrilos de minha irmã ou que a indiferença de meu irmão e de meu pai.

O que estava me dizendo? As coisas que dizem todas as mães, sem levar em conta, como sempre, que, no caso, a razão estava do meu lado, e eu tinha ferido para me defender, como poderia ter demonstrado no processo se não fosse o falso testemunho de Guglielmo.

- Meu filho, está vendo no que deu ser violento? Dê ouvidos à sua mãe que é a única que te quer bem e que na sua ausência sofreu mais que Nossa Senhora das sete dores, dê ouvidos à sua mãe: deixe a violência de lado, na vida é melhor passar por uma centena delas que cometer uma que seja... você não sabe que quem com ferro fere com feno será ferido? Mesmo que a razão esteja do teu lado, com a violência, Você passa para o lado errado... contra Jesus cometeram uma violência, quando o crucificaram, mas ele perdoou todos seus inimigos... e você gostaria de ser melhor que Jesus!

- E assim por diante. Que é que eu podia dizer? Que não era verdade ,

que a violência tinha sido praticada contra mim? que a culpa era toda daquele patife do Guglielmo? que era o outro que deveria ter ido em cana? Preferi, finalmente, levantar-me e sair dali.

Poderia ir até a carpintaria, na rua San Teodoro, onde me esperavam meu pai e os outros operários. Mas eu não estava afins. No mesmo dia da minha chegada, como se nada tivesse acontecido, de pendurar o casaco no prego e enfiar o macacão com as manchas de cola e de graxa que eu fizera há dois anos.

E depois eu queria gozar a liberdade, sem preocupações, rever Roma, pensar na minha vida. Assim, resolvi que aquele dia iria dar um passeio e começaria a trabalhar no dia seguinte.

Moramos ali pelos lados da rua Giulia. Saí e me encaminhei até a ponte Garibaldi.

Na prisão pensara que, uma vez de novo em Roma, livre, as coisas me pareceriam, pelos menos nos primeiros dias, de um modo particular, de acordo com o sentimento que experimentaria ao revê-las : alegres, novas, bonitas, apetitosas. Em vez disso, nada, como se não tivesse estado em Portolongone por tanto tempo, mas, suponhamos, tivesse passado alguns dias no balneário de Ladispoli. Era um dos costumeiros dias de siroco romano, com o céu cor de capacho sujo, o ar pesado, e a preguiça até nas pedras das casas. Caminhando, reencontrava tudo como antes e como sempre, sem novidade nem alegria: os gatos espalhados em volta do lixo, na esquina do beco; os mictórios com as latrinas sem água; as escrituras nos muros com os abaixos e os vivos; as mulheres sentadas de pernas abertas conversando à porta das lojas; as igrejas com o cego e o aleijado nos degraus; as carrocinhas de figos secos e laranjas; os jornaleiros com as revistas ilustradas cheias de atrizes americanas. As pessoas, então, me pareciam ter caras antipáticas; uma com o nariz comprido demais, outra com a boca torta, ou com os olhos encovados, outra com as bochechas caídas. Enfim, era a Roma de sempre e os romanos

de sempre: tal como os deixara, eu os reencontrava.

Chegando à ponte Garibaldi, debrucei-me no parapeito e fitei o Tibre: era sempre o mesmo Tibre, reluzente, caudaloso e amarelo, com as barracas das sociedades de remo ancoradas, e o costumeiro gorducho de calção, exercitando-se no remo fixo e os costumeiros desocupados que o olhavam. Para seguir subindo, atravessei a ponte e fui pelo Tibre até o beco do Cinque, a uma certa cantina veletrana: o dono, Gigi, era o único amigo que eu tinha no mundo. Disse que fui até lá só para continuar subindo, na realidade, sentia-me atraído também pela oficina de amolador de Guglielmo que ficava pouco distante da cantina.

E de fato, quando a vi de longe, meu sangue entrou em curto, e primeiro me senti arder e depois gelar, como se estivesse desmaiando.

Entrei na cantina que àquela hora estava deserta, fui sentar num canto na penumbra e, em voz baixa, chamei Gigi, que estava lendo o jornal atrás do balcão. Ele veio e, quando me reconheceu, foi logo me abraçando, com espontaneidade, repetindo que estava muito contente em me ver; e eu me senti reanimado porque, com exceção de minha mãe, esse era o primeiro cristão que na volta me tinha demonstrado um pouco de afeto. Sentei-me sem fôlego, os olhos rasos de lágrimas, e ele, após algumas frases de circunstância começou:

- Rodolfo, quem foi que me disse que você ia voltar? ah sim, Guglielmo.

Eu não disse nada, mas àquele nome senti tudo embaralhar.

Gigi prosseguiu:

- Sabe-se lá como ficou sabendo... é claro que veio me dizer com uma cara... tinha medo: dava para ver

- Eu disse, sem erguer os olhos:

- Medo de quê?

- Por acaso não disse a verdade? Não cumpriu seu dever de

estemunha? E depois, não existem os carabineiros para protegê-lo?

- Gigi deu-me um tapinha no ombro:

- Rodolfo, você continua o mesmo, não mudou absolutamente nada... pois bem, ele tem medo, conhecendo o seu caráter... diz que ele não achava que ia prejudicá-lo: foi intimado a dizer a verdade e disse.

- Não abri a boca; e Gigi, após uma pausa, recomeçou:

- Sabe que me aborrece muito ver duas pessoas como você e Guglielmo se odiando e tendo medo um do outro?

- Diga, quer que eu o tranquilize, que lhe diga que você não está bravo com ele, que o perdoou?

- Entendi onde estava querendo chegar e respondi:

- Não lhe diga nada.

- Ele se informou com cuidado:

- Por quê? Está ressentido com ele ainda? Depois de tanto tempo?

- O tempo não existe.

- Mas, vamos, insistiu ele:

- Vamos, não deve teimar desse jeito... o que te importa?... não conhece o refrão: o que passou passou, quem pôde pôde, esqueçamos o passado; escute aí, esqueça o passado e beba a isso.

Respondi:

- Quanto a beber, pode deixar: traga meio litro... do seco.

- O tom era seco, e ele, não mais insistindo, levantou-se e foi buscar o vinho.

Porém, quando voltou, não quis me servir logo e, mantendo o gargalo afastado, como se estivesse querendo me impor alguma condição, perguntou sério:

- Rodolfo, por acaso você vai querer cometer uma loucura?

- Respondi:

- Sirva e não se preocupe.

Insistiu:

- E depois, pense bem: Guglielmo é um coitado, tem família, quatro filhos e a mulher... é preciso um pouco de compreensão.

- Repeti:

- Sirva... e não se meta na minha vida.

Daí ele serviu, mas bem devagarinho, sempre me olhando.

Disse-lhe: "Pegue um copo... vamos beber... você é o único amigo de verdade que eu tenho no mundo.

- Aceitou logo, serviu-se de um copo, sentou e retomou:

- E justamente por ser seu amigo, quero te dizer o que eu faria em seu lugar: iria procurar Guglielmo, espontaneamente, e lhe diria:

- O que passou, passou, dê um abraço de irmão e não falemos mais nisso.

- Segurava o copo na altura dos lábios e me olhava fixo.

Respondi:

- Irmãos, gato e cão... não conhece o provérbio?

- Naquele instante entraram dois fregueses, e ele, após ter esvaziado o copo num só trago, largou-me ali.

Bebi lentamente o meio litro, refletindo. O fato de que Guglielmo sentisse medo não me tranqüilizava, pelo contrário, me despertava não sei que furor na alma.

- Covarde, está com medo, pensava, e apertava com força o copo de vidro grosso, como se fosse o pescoço de Guglielmo. Dizia-me que era um perfeito covarde e que, depois de me ter levado à condenação com seu falso testemunho, agora intervinha com Gigi para que eu o perdoasse. Assim, terminei o meio litro e pedi mais.

Gigi trouxe e disse:

- Sente-se melhor? Tornou a pensar naquilo?

Respondi:

- Sinto-me melhor e tornei a pensar naquilo.
- Gigi observou, servindo-me o vinho:
- Nesses assuntos é preciso ir com calma... não se deixar levar pelo sentimento... a razão está com você, não se discute, mas justamente por isso você deve se mostrar generoso.

- Não deixei passar, ácido:
- Foi Guglielmo quem te deu um toque.
- Ele não se ofendeu e respondeu com sinceridade:
- Que toque? Sou amigo dos dois... gostaria que fizessem as pazes... é só isso.

Recomecei a beber e aí, de Guglielmo, talvez pelo efeito do vinho, o pensamento se voltou para mim e pus-me a pensar em tudo o que passara naqueles dois anos, no quanto tinha sofrido, em todos os maus tratos a que me tinham submetido, e meus olhos se encheram de lágrimas e senti uma grande compaixão por mim mesmo e, indiretamente, por todo mundo. Eu era um desgraçado, sem culpa e sem razão, como muitos, como todos e Guglielmo também era um desgraçado, e meu pai, meu irmão, minha irmã e minha mãe: Todos desgraçados. Agora estava enxergando Guglielmo com novos olhos e aos poucos me convencia de que talvez Gigi tinha razão: era conveniente para mim, mostrar-me generoso e perdoá-lo. Ante essa idéia, achei que estava gostando de mim duas vezes mais que antes; e fiquei contente em tê-la tido pois, embora na cabeça estivesse quase convencido de que perdoar era melhor que vingar, ao mesmo tempo nunca teria sido capaz de fazê-lo se o coração não tivesse me sugerido.

Porém, agora, tinha medo de que esse impulso bom passasse; sabia que precisava ser ligeiro. O segundo meio litro terminara, chamei: - Gigi, venha cá um pouco.

Ele veio e eu fui logo dizendo:

- Gigi, no fundo você tem razão: pensei melhor, se quiser estou pronto,

vamos procurar Guglielmo.

- Ele respondeu:

- Eu não te disse? Um pouco de reflexão e de vinho bom e quem fala é o coração. Eu não disse nada e, de repente, apertei a cara entre as mãos e comecei a chorar: acabara de me rever em Portolongone, na oficina da prisão, vestido com o uniforme de prisioneiro, ocupado em aplinar tábuas para esquifes. Na prisão todos trabalhavam e da secção da carpintaria saíam todos os caixões de defunto para Portoferraio e os demais lugarejos do Elba.

E eu chorava, lembrando que, ao fabricar esses caixões, freqüentemente tinha desejado que um deles fosse o meu.

Enquanto isso, Gigi me dava tapinhas nas costas, repetindo:

- Vamos, não pense nisso agora tudo já passou. Após uma pausa, acrescentou:

- Agora vamos até o Guglielmo, vocês se abraçam como amigos, e depois vêm para cá e bebem juntos o copo da reconciliação.

Enxuguei as lágrimas e disse:

- Vamos lá .

Gigi saiu da cantina e eu fui atrás dele. Percorremos uns cinqüenta metros e em seguida, do outro lado da rua, entre uma padaria e um marmorista, surgiu a oficina do amolador.

Guglielmo, ele também, não mudara: baixinho, grisalho, gorducho e careca, com a cara melíflua de Judas ou de sacristão, reconheci-o no ato, em pé, de perfil, dentro da oficina, lidando com a roda. Amolava, e estava tão absorto em refazer o fio de uma faca, virando-a e revirando-a sob o pingo d'água, que não nos viu entrar. Logo que o vi, senti meu sangue refter; e dei-me conta de que não poderia abraçá-lo como Gigi queria: se o abraçasse, podia ser que lhe arrancasse a orelha com uma mordida, assim, sem querer. Depois Gigi, com voz de festa, disse:

- Guglielmo, está aqui o Rodolfo que veio te dar um aperto de mão... o

que passou, passou... ele se virou e o vi empalidecer e esboçar um gesto para se refugiar no fundo da oficina. Então, enquanto Gigi nos encorajava:

- Vamos... se abracem e não se fale mais nisso.

Algo me estalou no peito e minha vista escureceu. Gritei:

- Covarde você me arruinou, e parti para cima dele, tentando agarrá-lo pelo pescoço. Ele soltou um berro, de perfeito covarde, e fugiu para o fundo da oficina. Fez mal porque com todas aquelas prateleiras cheias de facas até um santo teria caído em tentação. Imagine eu que há anos esperava por esse momento.

Gigi gritava:

- Rodolfo pare... controle-se

Guglielmo berrava como um porco sendo degolado; e eu, pegando uma faca entre as muitas, lancei-me contra ele. A intenção era feri-lo nas costas, mas ele virou para se defender, e acabei acertando em cima do peito. No mesmo instante alguém me agarrou o braço enquanto eu o erguia para desferir um novo golpe; em seguida, me achei de novo fora da oficina, rodeado por todos os lados de pessoas que gritavam e, no frenesi da confusão, tentavam me bater na cara e nas costas.

Eu dissera ao diretor de Portolongone e, com efeito, naquela mesma tarde encontrei-me de novo numa cela da Regina Coeli, junto com mais três. Para desabafar, contei o acontecido, e um deles, então, que parecia mais sabido, observou: - Meu irmão, quando você disse até à vista, era o seu subconsciente que o fazia falar... você já estava sabendo o que faria.

- Quem sabe, ele, que falava tão difícil e até sabia o que era subconsciente, tinha razão. Mas, no entanto, eu estava lá dentro e, desta vez, até à vista, eu tinha dito à liberdade.

CHUVA DE MAIO

Um dia desses voltarei a Monte Mario, na Taverna dos Caçadores, mas irei com amigos, aqueles do domingo, que tocam acordeão e, na falta de moças, dançam entre si. Sozinho, nunca teria coragem. De noite, às vezes, sonho com as mesas da taverna, com a chuva quente de maio caindo em cima da gente, as árvores encrespadas que gotejam sobre as mesas, e entre as árvores, no fundo, as nuvens brancas passando e, sob as nuvens, o panorama das casas de Roma. E parece que estou ouvindo a voz do taverneiro, Antonio Tocchi, como a ouvi naquela manhã, chamando da adega, uriosa: - Dirce, Dirce.

- E parece que o revejo me lançando um olhar de cumplicidade, antes de descer à adega, com aquele seu passo duro que ressoa nos degraus.

Fora parar ali por acaso, vindo do interior; e quando me ofereceram para fazer as vezes de empregado, sem me pagar, pensei:

- Dinheiro não vou ter, mas pelo menos estarei em família.

- Mas que família qual nada, ao invés de família, encontrei o inferno. O taverneiro era gordo e redondo como uma bola de manteiga, mas de uma gordura má, ácida. Tinha uma cara larga, cinzenta, com muitas rugas finas em volta do rosto por causa da gordura e dois olhinhos pequenos, pontiagudos, iguais aos das cobras: sempre de jaleco e em mangas de camisa, com um boné de pala cinza enterrado até os olhos.

A filha Dirce, quanto ao caráter, não era melhor que o pai, dura ela também, maldosa, áspera; porém bonita: daquelas mulheres pequenas e musculosas, bem feitas, que caminham mexendo os quadris e batendo os pés, como que dizendo:

- Esta terra é minha.

- Tinha uma cara larga, de olhos negros e cabelos negros, pálida que parecia uma morta. Apenas a mãe, naquela casa, talvez fosse boa: uma mulher que devia ter uns quarenta anos e aparentava sessenta, magra, com um nariz de velha e os cabelos escorridos de velha, mas talvez fosse apenas abobada, pelo menos era a impressão que dava vê-la de pé diante do fogão com a cara toda repuxada num riso mudo; se se virava, a gente via que tinha um dente ou dois e só. A taverna se debruçava com uma tabuleta em arco, vermelho-sangue, com a inscrição: “Taverna dos Caçadores, proprietário Antonio Tocchi” em letras amarelas. Depois, por uma alameda, chegava-se às mesas, debaixo das árvores, diante do panorama de Roma. A casa era rústica, só paredes e quase sem janelas, coberta de telhas. No verão era a melhor época, vinha gente de manhã até à meia-noite: famílias com crianças, casais de namorados, grupos de homens, e sentavam às mesas, bebiam vinho e comiam a comida dos Tocchi, admirando o panorama. Não tínhamos tempo de respirar: nós homens sempre servindo, as duas mulhéres sempre cozinhando e lavando, e à noite estávamos arrebetados e íamos para a cama sem sequer nos olharmos. Mas no inverno, ou mesmo no verão, se chovia, começavam os problemas. Pai e filha se odiavam, mas odiar é dizer pouco, se matariam. O pai era autoritário, avarento, estúpido, e por um nadinha já ia avançando com as mãos, a filha era dura como uma pedra, fechada, sempre ela a dar a última palavra, arrogante. Odiavam-se, talvez, sobretudo, porque eram do mesmo sangue e, como se sabe, não há nada como o mesmo sangue para se odiar; mas se odiavam também por questões de interesse. A filha era ambiciosa: dizia que eles com aquele panorama de Roma tinham um capital a ser aproveitado e que o deixavam, ao contrário, entregue aos cachorros. Dizia que o pai deveria construir uma pista de cimento para dançar, contratar uma orquestra e pendurar balõezinhos venezianos, e transformar a casa em restaurante moderno e chamá-lo de Restaurante Panorama. Mas o pai não se atrevia, um pouco porque era avarento e inimigo das novidades, outro, porque era a filha

que estava propondo, e ele preferia se deixar degolar que dar o braço a torcer à filha. Os choques entre pai e filha ocorriam sempre à mesa: ela implicava, com maldade, ofendendo, contra alguma coisa de pessoal, contra o fato de que o pai, comendo, soltava um arrotto, por exemplo, ele respondia com palavrões e xingos; a filha insistia; o pai dava-lhe um tapa. É preciso dizer que devia sentir algum prazer em esbofeteá-la, porque fazia uma certa cara, prendendo o lábio inferior com os dentes e piscando os olhos. Mas para a filha aquele tapa era como água fresca numa flor: ficava verde de ódio e de maldade. Então o pai a agarrava pelos cabelos e lá vinha pancadaria. Caíam pratos e copos, sobrava também para a mãe que, de boba, ficava no meio, com aquele riso eterno na boca desdentada e eu, o coração cheio de veneno, saía e ia dar uma volta pela rua que leva a Camillucia.

Teria ido embora há tempo se não tivesse me apaixonado pela Dirce.

Não sou do tipo que se apaixona com facilidade, porque sou positivo e as palavras e os olhares não me encantam.

Porém, quando uma mulher, em lugar de palavras e olhares, oferece a si mesma, inteirinha, em carne e osso e, ainda por cima, de surpresa, então o sujeito fica preso como numa armadilha, e quanto mais esforço faz para se soltar, mais se afundam os dentes da armadilha na carne. Dirce devia ter a intenção antes mesmo de me conhecer, eu ou outro qualquer para ela era a mesma coisa, porque, no dia de minha chegada, entrou de noite no meu quarto quando eu já dormia; e assim, entre o sono e a vigília, que quase eu não entendia se era sonho ou realidade, me fez passar repentinamente da indiferença à paixão. Não houve entre nós nem conversas, nem olhares, nem toques de mão, nem todos os demais subterfugios a que recorrem os namorados para dizer que se amam; ao contrário, foi como com uma mulher de rua, das baratas. Só que a Dirce não era uma mulher de rua e até passava por virtuosa e cheia de orgulho, e essa diferença foi para mim, justamente, a armadilha em que fiquei preso.

Tenho gênio paciente, razoável, mas também sou violento e, se me espicaçam, o sangue me sobe à cabeça facilmente. Dá para ver pelo físico: loiro, com o rosto pálido, mas basta um nada para que se torne escarlate. Ora, Dirce vivia me espicaçando e logo entendi por que: queria que me pusesse contra seu pai.

Dizia que eu era um patife por tolerar que em minha presença seu pai a esbofeteasse e depois a agarrasse pelos cabelos e até, como aconteceu uma vez, a jogasse no chão e lhe desse pontapés. E não digo que não tivesse razão: éramos amantes e devia defendê-la. Mas eu sabia que seu objetivo era outro e entre a raiva que me dava aquele insulto de patife e a raiva de saber que dizia de propósito, eu não dava mais conta.

Depois, um belo dia mudou de conversa: como seria bonito se pudéssemos nos casar e montar o Restaurante Panorama, eu e ela, sozinhos. Tornara-se boazinha, gentil, amorosa, doce. Foi essa a melhor época do nosso amor; mas eu não mais a reconhecia e pensava: aqui tem coisa. E de fato, de repente, mudou a toada pela terceira vez e disse que, casados ou não casados, não podíamos esperar nada enquanto existisse o pai, e, resumindo, me disse abertamente: devíamos matá-lo. Foi como na primeira noite que entrou no meu quarto, sem preparo nem fingimentos: jogou a proposta ali e foi embora para eu pensar nela sozinho.

No dia seguinte disse-lhe que estava enganada se achava que ia ajudá-la numa coisa como aquela e ela me respondeu que nesse caso eu fosse tratando de ir logo embora porque para ela eu não existia mais. E manteve a palavra porque desde aquele dia nem sequer me olhava. Quase não nos falávamos e por tabela comecei a odiar o pai porque achava que a culpa era dele.

Por coincidência, naquela época, o pai aprontava uma todos os dias e parecia que aprontava de propósito para se fazer odiar. Era maio que é a boa estação e as pessoas vêm à taverna para tomar vinho e comer fava fresca;

mas, ao contrário, só dava pancada de chuva naquele campo verde e denso , à taverna nem cachorro vinha e ele ficava sempre de mau humor.

Uma manhã, à mesa, ele afastou o prato, dizendo:

- É de propósito que você me dá esta nojeira de sopa grudenta.

E ela:

- Se fosse de propósito, teria posto veneno nela.

Ele olha para ela e dá- lhe um tapa, que faz seu pente saltar longe. Estávamos quase no escuro por causa da chuva e o rosto da Dirce naquele escuro era branco e duro como o mármore, com os cabelos que de um dos lados, onde se soltara o pente, se desmanchavam bem devagarinho, iguais a serpentes acordando.

Eu disse ao Tocchi:

- Quer parar com isso de uma vez?

Ele respondeu:

- Não se meta, mas estarecido porque era a primeira vez que eu intervinha. Eu tive, então, quase que uma sensação de vaidade, como se defendesse um ser frágil, que não era bem o caso, e achei que assim eu a recuperaria e que era o único modo de recuperá-la e disse com força:

- Pare, entendeu, não permito isso.

Estava vermelho feito fogo, com o sangue nos olhos, e a Dirce por baixo da mesa pegou minha mão e vi que tinha caído, mas então já era tarde demais. Ele se levantou e disse:

- Está querendo levar o seu também?

Pegou na bochecha, meio de atravessado, e eu agarrei um copo e atirei todo o vinho na cara dele. No copo e no vinho, pode-se dizer que já vinha pensando neles há um mês, tanto me agradava o gesto quanto odiava o Tocchi. E agora ele estava com o vinho na cara e eu tinha feito o gesto e dava o fora pela escada.

Ouvi ele gritar:

- Eu te mato, viu, vagabundo, mendigo, então, fechei a porta do meu quarto e fui até a janela olhar a chuva caindo e de raiva peguei uma Chuva de maio faca que eu tinha na gaveta e a finquei no peitoril com tanta força que a lâmina partiu.

Chega, estávamos lá em cima, no topo do Monte Mario do mau agouro, e talvez, se estivesse em Roma, não teria aceito, mas ali tudo se tornava natural e o que no dia anterior era impossível, no dia seguinte já estava decidido. Assim, eu e a Dirce combinamos e estabelecemos juntos o modo, o dia e a hora. Tocchi, de manhã, descia à adega para pegar o vinho do dia, junto com a Dirce que lhe trazia o garrafão. A adega era subterrânea e para descer havia uma escadinha montada em cima de um tear e apoiada na parede: seriam sete degraus. Decidimos que eu os alcançaria e, enquanto Tocchi se abaixava para espichar o vinho, eu lhe bateria na cabeça com uma barra curta, de ferro, que servia para atizar carvões. Em seguida, retirá-íamos a escadinha e diríamos que ele tinha caído e ferido a cabeça. Eu queria e não queria; e de raiva disse:

- Estou fazendo isso para te mostrar que eu não tenho medo...mas depois eu vou embora e não volto mais.

E ela:

- Então é melhor que você não faça nada e vá indo depressa... eu gosto de você e não quero te perder.

- Sabia quando queria, simular a paixão: e assim eu disse que faria e depois ficaria e abríamos o restaurante.

No dia marcado Tocchi disse à Dirce que pegasse o garrafão e dirigiu-se à porta da adega, no fundo da taverna. Chovia, o de sempre, e a taverna estava quase às escuras. Dirce pegou o garrafão e seguiu o pai; mas, antes de descer, virou-se e me fez um gesto de cumplicidade, às claras. A mãe, que estava diante do fogão, viu o gesto e ficou de boca aberta, olhando a gente. Eu me ergui da mesa, fui até o fogão e peguei o atizador em cima da chaminé,

passando na frente da mãe. Essa, então, me olhava, olhava a Dirce, ficava olhando, olhando, mas via-se que não iria falar. O pai berrou da adega:

- Dirce, Dirce, e ela respondeu - Estou indo.

Lembro que me agradou fisicamente pela última vez, enquanto descia a escada, com aquele seu andar duro e sensual, dobrando o pescoço branco e roliço sob a viga mestra.

Naquele instante, a porta que dava para o jardim se abriu e entrou um homem com um saco molhado nas costas: um carroceiro.

Sem me olhar, disse:

- Moço, me dá uma mãozinha?, e eu, maquinalmente, com o ferro na mão, o acompanhei. Ali ao lado, numa chácara, estavam construindo uma cocheira, e a carroça carregada de pedras ficara atolada na passagem da porteira e o carvão não conseguia sair. O carroceiro parecia fora de si, um homem torto e feio, quase um animal. Pousei o ferro em cima de uma das pilastras da porteira, pus duas pedras embaixo das rodas e empurrei o carroceiro puxava o cavalo pelo cabresto. Chovia a cântaros sobre as sebes de sabugueiro verdes e cerradas e sobre as acácias floridas que cheiravam forte; a carroça não se movia e o carroceiro praguejava.

Pegou o chicote e bateu no cavalo com o cabo, depois, enfurecido, agarrou o ferro que eu deixara em cima da pilastra. Dava para ver que estava fora de si não pela carroça, mas pela vida inteira, e que odiava o cavalo como uma pessoa.

Pensei:

- Agora vai matá-lo e quase gritei:

- Não, largue esse ferro.

Mas depois pensei que se ele matasse o cavalo, eu estava salvo. Achava que toda minha raiva estava passando para o corpo daquele carroceiro que parecia um possesso, e de fato, ele se atirou sobre os varais, empurrou de novo e depois bateu na cabeça do cavalo, com o ferro. Eu, ante o golpe, fechei

os olhos, e ouvi que ele continuava batendo, e ao mesmo tempo eu me esvaziava e quase desmaiava, e depois voltei a abrir os olhos e vi que o cavalo tinha caído de joelhos e que ele continuava batendo, agora não para fazê-lo levantar, mas para matá-lo. O cavalo arreou de costas, escoiceou o ar, mas debilmente e aí largou a cabeça na lama. O carroceiro arquejante, a cara transtornada, jogou o ferro e deu um safanão no cavalo, porém sem convicção: sabia que o tinha matado.

Eu passei a seu lado, sem sequer tocá-lo, e pus-me a caminhar pela estrada. Passou o bonde que ia para Roma, eu o peguei na corrida e depois olhei para trás e vi pela última vez a tabuleta:

- Taverna dos Caçadores, proprietário Antonio Tocchi, entre a folhagem de maio, lavada pela chuva.

NÃO SE APROFUNDAR

Agnes podia ter-me avisado em vez de ir embora assim, sem sequer dizer: dane-se. Não pretendo ser perfeito e se ela me tivesse dito o que lhe faltava, poderíamos ter discutido. Mas não: durante dois anos de casamento, nenhuma palavra, e depois, uma manhã, aproveitando um instante em que eu não estava, foi embora sorrateiramente, como fazem as empregadas que arranjam um serviço melhor. Foi-se e, ainda agora, seis meses depois que

me deixou, não entendi porquê.

Naquela manhã, após ter feito as compras no mercadinho do bairro (gosto de fazer as compras eu mesmo: conheço os preços, sei o que quero, gosto de regatear e discutir, experimentar e apalpar, quero saber de que animal vem minha bisteca, de que cesta a maçã), saí novamente para comprar um metro e meio de franja para pregar na cortina, na sala de jantar. Como não queria gastar mais que o devido, dei muitas voltas antes de encontrar o que me convinha, numa lojinha na rua da Umiltà.

Voltei para casa a umas onze e vinte, entrei na sala de jantar para comparar a cor da franja com a da cortina e logo vi em cima da mesa o tinteiro, a caneta e uma carta. Para dizer a verdade, o que, sobretudo, atraiu minha atenção, foi uma mancha de tinta, na toalha de centro da mesa. Pensei:

- Mas olha, que porcalhona... manchou a toalha.

- Tirei o tinteiro, a caneta e a carta, peguei a toalha, fui à cozinha e ali, esfregando limão com força consegui tirar a mancha. Depois voltei à sala de jantar, repus a toalha no lugar e, só então, me lembrei da carta. Era endereçada a mim: Alfredo. Abri e li:

- Limpei a casa. O almoço você mesmo faça, que tem muita prática. Adeus. Volto para a casa de mamãe Agnes .

- Por um instante fiquei sem entender nada. Em seguida, reli a carta e finalmente entendi: Agnes tinha ido embora, me deixava após dois anos de casamento. Por força do hábito, coloquei a carta na gaveta do bufê onde guardo os recibos e a correspondência e sentei numa cadeira perto da janela. Não sabia o que pensar, não estava preparado para isso e quase que não acreditava. Enquanto assim refletia, bati os olhos no chão e vi uma pequena pena branca que devia ter se soltado do espanador quando Agnes tirara o pó. Catei a pena, abri a janela e a joguei fora. Depois peguei o chapéu e saí de casa.

Caminhando, conforme uma mania que tenho, uma laje sim outra não

da calçada, comecei a me perguntar o que eu poderia ter feito a ela, a Agnes, para que me deixasse com tamanha ruindade, como se quisesse me fazer uma afronta. Para começar, pensei, vejamos se Agnes pode me acusar de alguma traição, por menor que seja. Respondi imediatamente: nenhuma. Pois nunca senti muito entusiasmo pelas mulheres, não as compreendo e elas não me compreendem; mas desde o dia que casei, pode-se dizer que deixavam de existir para mim. A tal ponto que a própria Agnes me cutucava às vezes, perguntando:

- O que você faria se se apaixonasse por outra mulher?

E eu respondia:

- Não é possível: amo você e este sentimento durará a vida inteira.

Agora, pensando bem, parecia-me lembrar que aquele “vida inteira” não a deixara contente, pelo contrário: ficara amuada e se calara. Passando a uma outra ordem de idéias, quis examinar se, por acaso, Agnes tinha me deixado por causa de dinheiro e, em suma, do tratamento que eu lhe dispensava. Mas também dessa vez, vi que tinha a consciência tranqüila.

Dinheiro, é verdade, eu não lhe dava a não ser em casos excepcionais, mas que necessidade tinha ela de dinheiro? Eu estava sempre lá pronto a pagar. E o tratamento, por sinal, não era dos piores: julguem vocês mesmos. Cinema duas vezes por semana; café duas vezes e não importava se tomava sorvete ou simples cafezinho; um par de revistas ilustradas por mês e o jornal todos os dias no inverno, felizmente, até ópera, no verão, férias em Marino, em casa de meu pai. Isso no que diz respeito às distrações; agora, quanto às roupas, Agnes podia se queixar menos ainda. Quando ela precisava de alguma coisa, um sutiã ou um par de meias, ou um lenço que fosse, eu estava sempre pronto: ia com ela pelas lojas, escolhia com ela o artigo, pagava sem um pio. A mesma coisa no que diz respeito às costureiras e às modistas; não houve vez, quando ela me dizia:

- Preciso de um chapéu, preciso de um vestido, que eu não

respondesse:

- Vamos, eu te acompanho.

De resto, é preciso reconhecer que Agnes não era exigente: depois do primeiro ano parou quase por completo de mandar fazer roupas. Aliás, era eu então, que lhe lembrava estar precisando dessa ou daquela peça. Mas ela me respondia que tinha a roupa do ano passado e que não tinha importância tanto que cheguei a pensar que, por esse aspecto, fosse diferente das outras mulheres e não ligasse para roupas.

Portanto, coisas de coração e de dinheiro, não. Sobrava aquilo que os advogados chamam de incompatibilidade de gênios. Então me perguntei: que incompatibilidade de gênios podia existir entre nós se em dois anos nenhuma discussão, uma que seja, acontecera? Estávamos sempre juntos, se essa incompatibilidade existisse teria aparecido.

Porém, Agnes nunca me contradizia, até, pode-se dizer, nem mesmo falava. Algumas noites que passávamos no café ou em casa, mal abria a boca, era sempre eu quem falava. Não nego, gosto de falar e de ouvir-me falando, especialmente se estou com uma pessoa com quem tenho intimidade. Tenho a voz calma, regular, sem altos nem baixos, razoável, fluida e, se ataco um assunto, eu o destrincho de cabo a rabo, em todos os seus aspectos. Os assuntos, então, que prefiro, são os domésticos: gosto de falar do preço das coisas, da disposição dos móveis, da cozinha, do aquecedor, de cada ninharia enfim. Nunca me cansaria de falar dessas coisas, sinto um prazer tão grande que quase sempre percebo estar voltando ao começo, com os mesmos argumentos. Mas, sejamos justos, com uma mulher essas são as conversas que se deve ter também, do que se vai falar? Agnes, de resto, me escutava com atenção, pelo menos assim me parecia. Uma única vez, enquanto lhe explicava o funcionamento do aquecedor de água elétrico, percebi que tinha adormecido. Perguntei, acordando-a:

- O que foi, estava se aborrecendo?

Ela respondeu logo:

- Não, não, estava cansada, essa noite eu não dormi.

Os maridos habitualmente têm escritório, loja, ou até não têm nada e vivem flanando com os amigos. Mas para mim, o meu escritório, a minha loja, os meus amigos eram Agnes. Não a deixava nem um instante sozinha, estava a seu lado até, talvez se admirem, quando cozinhava. Tenho paixão pela cozinha e todo dia, antes das refeições, punha um avental e ajudava Agnes.

Fazia de tudo um pouco; descascava as batatas, limpava as viagens, preparava o recheio, vigiava as panelas. Eu ajudava tão bem, que ela quase sempre me dizia: - Olhe, vai fazendo. ... estou com dor de cabeça... vou dar uma deitada.

E eu então fazia a comida sozinho, e com o auxílio do livro de receitas, era até capaz de experimentar pratos novos. Pena que Agnes não fosse gulosa, aliás, nos últimos tempos perdera o apetite e mal tocava na comida.

Uma vez ela me disse assim, de brincadeira:

- Você nasceu homem por engano... você é uma moça... ou melhor, uma dona- de- casa.

- Devo reconhecer que nesta frase havia algo de verdadeiro: realmente, além de cozinhar, gosto também de lavar, passar, costurar e, até, nas horas de folga, refazer as barras à jour dos lenços. Como disse, não a deixava nunca, nem mesmo quando alguma amiga ou a mãe vinha visitá-la; nem mesmo quando lhe deu na telha, não sei porque, tomar aulas de inglês, além de estar a seu lado, tive de me conformar eu também em aprender essa língua tão difícil. Vivia tão grudado nela que às vezes até me sentia ridículo: como naquele dia que, não tendo entendido uma frase que ela me dissera em voz baixa, num café, segui-a até a toalete e a servente me deteve, avisando que era o reservado das senhoras e que eu não podia entrar ali.

- Eh, não é fácil encontrar um marido como eu. Quase sempre, ela me dizia:

- Preciso ir a tal lugar, ver tal pessoa que não te interessa.
 - Mas eu lhe respondia:
 - Eu também vou...não tenho nada mesmo para fazer.
 - Ela, então, me respondia:
 - Por mim pode vir, mas já vou avisando que vai se aborrecer.
- E, ao contrário, não, não me aborrecia e depois lhe dizia:
- Viu só, não me aborreci.
 - Em suma, éramos inseparáveis.

Pensando nessas coisas e sempre me perguntando em vão porque Agnes me deixara, tinha chegado à loja de meu pai. É uma loja de objetos sagrados, lá pelos lados da praça Minerva. Meu pai é um homem ainda jovem: cabelos pretos, crespos, bigodes pretos e, debaixo dos bigodes, um sorriso que nunca entendi.

Talvez pelo hábito de tratar com os padres e com as pessoas devotas, é muito doce, calmo, sempre bem-educado. Mas minha mãe, que o conhece, diz que ele é uma pilha de nervos. Então, passei por todas aquelas vitrines cheias de casulas e de cibórios e fui direto ao armazém onde ele tem uma escrivaninha. Como de costume, fazia as contas, mordendo os bigodes e refletindo.

Disse-lhe, ofegando:

- Pai, Agnes me abandonou.

Ele ergueu os olhos e achei que por debaixo dos bigodes estivesse sorrindo; mas talvez tenha sido impressão.

Disse:

- Sinto muito, sinto muito mesmo... e como é que foi?

Contei como a coisa acontecera. E concluí:

- Claro, acho desagradável... mas, gostaria sobretudo de saber porque me deixou.

Ele perguntou, perplexo:

- Você não está entendendo?

- Não.

Ele permaneceu um instante calado e depois disse com um suspiro: - Alfredo, sinto muito, mas não sei o que dizer...você é meu filho, eu te sustento, gosto de você... mas na sua mulher quem deve pensar é você.

- Sim, mas por que ela me abandonou?

Ele balançou a cabeça:

- Em seu lugar eu não me aprofundaria...deixe para lá... que lhe interessa saber os motivos?

- Me interessa muito... mais que tudo.

Naquele momento entraram dois padres; meu pai se levantou e foi ao encontro deles, dizendo:

- Volte mais tarde...conversaremos... agora tenho o que fazer. Entendi que dele não podia esperar outra coisa, e saí.

A casa da mãe de Agnes não ficava longe, no corso Vittorio.

Achei que a única pessoa que podia me explicar o mistério de sua partida era justamente Agnes; e fui até lá. Subi as escadas correndo, esperei na sala. Mas, em vez de Agnes, veio a mãe, uma mulher que eu não podia suportar, comerciante ela também, com os cabelos pretos tingidos, as faces pintadas, sorridente, dissimulada, falsa. Estava de roupão, com uma rosa no peito.

Disse, ao me ver, com fingida cordialidade:

- Oh, Alfredo, o que anda fazendo por esses lados?

Respondi:

- Você sabe o quê, mamãe. Agnes me abandonou.

Ela disse, calma:

- Sim, está aqui... meu filho: o que se vai fazer? São coisas que acontecem.

- Como, isso é jeito de responder?

Ela me examinou por um momento e depois perguntou:

- Você já contou a sua família?

- Sim, a meu pai.

- E o que foi que ele disse?

Mas o que lhe interessava saber o que tinha dito meu pai?

Respondi de má vontade:

- Sabe como é papai... ele diz que eu não devo me aprofundar.

- Disse bem, meu filho... não se aprofundar.

- Mas então, disse, ficando esquentado, por que abandonou? O que foi que eu lhe fiz? por que não me conta?

Enquanto falava, completamente enfurecido, bati o olho em cima da mesa. Estava recoberta por uma tapeçaria e sobre a tapeçaria havia um centro branco bordado e sobre o centro um vaso cheio de cravos vermelhos. Mas o centro estava fora de lugar.

Mecanicamente, sem sequer saber o que estava fazendo, enquanto ela me fitava sorrindo e não me respondia, ergui o vaso e ajeitei o centro no lugar. Ela disse, então:

- Muito bem...agora o centro está bem no meio... nunca que eu ia perceber,mas você viu logo... muito bem... e agora, meu filho, é melhor que você se vá.

Nesse ínterim, tinha se levantado e eu fiz o mesmo. Gostaria de perguntar se podia ver Agnes, mas vi que era inútil, e depois, eu receava, se a visse, perder a cabeça, e fazer ou dizer alguma besteira. Assim fui saindo e desde aquele dia não vi mais minha mulher. Quem sabe um dia ela voltará,considerando que maridos como eu não se encontram todos os dias. Mas da porta da minha casa ela não passa se antes não me explicar por que me abandonou.

UMA BELA NOITADA

Quantos éramos? Éramos seis, duas mulheres: Adélia, a mulher de Amílcar e Gemma a sobrinha deles de Terni, a passeio em Roma, e quatro homens, Amílcar, Remo, Sírío e eu. Entretanto, o primeiro erro foi convidar Sírío que por causa da úlcera no estômago é irascível e fica esquentado por qualquer coisinha.

O segundo foi dar ouvidos ao Amílcar na escolha do restaurante: uma vez que tinha que pagar por três e não queria gastar, insistiu, no encontro na praça Independência, para que fôssemos a uma cantina que ele conhecia ali perto, o proprietário era seu amigo, comia-se bem, faziam preços especiais para nós. Devíamos ter pensado antes: o que pode haver de bom naqueles bairros perto da estação?

São partes de Roma onde só se topa com forasteiros de passagem ou recrutas das casernas de Macao. Então nos encaminhamos por aquelas ruas retas, entre os prédios cinzentos, num frio próprio de janeiro, seco e cortante.

Amílcar, que é um comilão, fazia questão de repetir:

- Rapazes, quero fazer um banquete de primeira... desta vez quero comer e beber sem pensar no fígado, nos rins, no estômago e nas outras tripas... já vou avisando antes, Adélia, para que você não comece com a lengalenga de sempre.

- Por mim - disse Adélia uma mulher tão ressequida e triste quanto ele era gordo e alegre :

- Faça como quiser... amanhã vamos ver no que dá.

Enquanto isso Remo brincava com Gemma, uma bonita garota morena, e Sírio e eu comentávamos as últimas do futebol. Percorremos desse modo muitas daquelas ruas mortas com os nomes das batalhas pátrias:Castelfidardo, Calatafine, Palestro, Marsala, e finalmente,ilumi nado por duas luzes redondas, com a tabuleta “Restaurante Africa”, entramos.

A cantina, logo vimos, não era grande coisa. Havia um primeiro salão com as mesas de mármore para se tomar uma meia garrafa e depois havia um segundo salão dividido em duas partes por um tabique: de um lado a cozinha, do outro o restaurante propriamente dito com cinco ou seis mesas com toalhas.

Depois disto, o costumeiro despojamento dos locais perto da estação, serragem no chão, reboque rebentado nas paredes,cadeiras escangalhadas, mesas idem, toalhas remendadas,esburacadas e ainda por cima imundas. Mas o que me tocousobretudo foi o frio: intenso, úmido, cavernoso. Tanto queSírio, entrando, exclamou:

- Oh, bem diferente da Africa!...aqui é o caso de se apanhar uma pneumonia.

- Fazia realmente muito frio na cantina os bebedores estavam sentados às mesas,de chapéu, sobretudo e de gola levantada; respirando, via-se no ar a nuvenzinha, como se estivéssemos na rua. Sentamos numa daquelas mesas, e logo veio o proprietário, um homenzarrão de cara lúgubre, quadrada, olhos pisados e insatisfeitos.

Amílcar, todo alegre, perguntou-lhe:

- Seu João, lembra-se de mim? .Mas o outro, sem sorrir:

- Me chamo Serafim e não João...para dizer a verdade não me lembro do senhor. Amílcar ficou sem jeito e começou a bombardeá-lo com perguntas, o outro franzia a testa, incerto e finalmente exclamou:

- Mas claro...o senhor veio aqui no Fim de Ano, para comer pé- de- porco com lentilhas.

Amílcar respondeu que passara o Fim de Ano em casa e, enfim, não se reconheceram. Depois o proprietário tirou do casaco branco que era uma mancha de gordura só, a lista dos pratos, perguntando:

- O que os senhores vão comer? e a discussão das lembranças acabou por aí.

Pegamos a lista e logo vimos que não era bolinho: macarrão,carneiro ou frango, queijo e fruta. Amílcar para não fazer feio insistiu com o proprietário:

- Mas vocês têm aquela sua especialidade... espaguete all’matriciana.

O proprietário disse que de fato tinha espaguete à matriciana e todos pedimos antepastos, espaguete, um pediu frango, um assado e outro carneiro ao forno. Quanto ao doce dissemos que iríamos pensar.

Porém Sírío protestou que queria sopa e o proprietário lhe garantiu que havia canja de galinha. Depois perguntou como queríamos o vinho: se branco ou tinto, se seco ou suave.

Escolhemos o Frascati seco e o proprietário trouxe as garrafas, os copos, o pão, os talheres embrulhados nos guardanapos e foi para a cozinha. Amílcar reanimado perguntou:

- O que vocês acham ... não está bom? Olhamos um para a cara do outro e finalmente interpretando o sentimento comum, Sírío respondeu:

- Bem, não sei não... por enquanto parece que estou num banheiro público.

Essa resposta não agradou a Amílcar que travou uma discussão

áspera: você é um desmancha- prazeres, e você está querendo economizar; você tem úlcera e não deveria freqüentar restaurantes; e você quer comer mas não quer gastar, e assim por diante. Entretanto, o tempo passava e nós, como sempre acontece nos lugares mal servidos, nos empanturrávamos de vinho e de pão, discutindo banalidades.

Estava realmente fazendo frio, tínhamos todos os pés gelados e o traseiro adormecido, o vinho, então, talvez por ser batizado com água, como disse Sírio, quanto mais se bebia menos esquentava.

Amílcar finalmente se tocou e foi à cozinha, voltando pouco depois, satisfeito, para anunciar que logo iríamos comer. Chegou de fato, o proprietário e distribuiu os antepastos, todos olhamos para os pratos: miséria. Duas alcachofras, uma fatia de presunto, uma sardinha. Sírio disse a Amílcar:

- Acho que esta noite você não vai fazer banquete nenhum.

Começamos a comer mas todos disseram que o presunto era puro sal, de não se comer.

- Presunto africano, disse Sírio que parecia fazer de propósito para caçoar de Amílcar.

Em suma, o antepasto ficou nos pratos; por sorte, em compensação, chegaram os espaguete. Fumegavam, porque o ar estava um gelo de frio; mas na boca se revelaram mornos.

Sírio, como costuma fazer, remexia a sopa com a colher, como se quisesse encontrar pérolas ali dentro. Depois, chamou o proprietário, e com seriedade perguntou-lhe:

- O senhor é caçador?

O proprietário respondeu que não estava entendendo e Sírio:

- Porque com certeza deram um tiro nesta sopa.

- Significa?

- Significa que a sopa tem gosto de fumaça.

O proprietário protestou bravo:

- Mas que fumaça o quê... gosto de fumaça a minha sopa?... fumaça quem tem é o senhor, na cabeça.

- E Sírío empalidecendo e erguendo a voz:

- Eu disse que parece de fumaça e o senhor deve acreditar.

Resmungando, o proprietário foi à cozinha e trouxe nada menos do que a panela para nos mostrar as carnes com que fizera a sopa. Enquanto passava a panela para todos verem, um grito:

- Ah, tem uma barata.

Viramo-nos era Gemma, a sobrinha de Amílcar, que apontava alguma coisa preta entre os espaguetes. O proprietário disse:

- Mas que barata o quê... é um pedaço de tocinho que se queimou um pouco.

Mas Gemma insistiu:

- Eu lhe digo que é uma barata... olhe... com todas as patas.

- O proprietário foi olhar e, de fato, era mesmo uma barata. Disse, porém, pegando-a com um garfo:

- Vai ver, pode ter caído da chaminé... são coisas que acontecem, e sem acrescentar mais nada, voltou à cozinha com sua panela e sua barata. Ficamos olhando um para a cara do outro, estarecidos.

- Eu tenho fome e vou comer, disse finalmente Amílcar, pegando o garfo. Nós o imitamos, ainda que com repugnância. Apenas Gemma disse que lhe dava nojo e não tocou no prato.

Estava mais frio que nunca, e depois dos espaguetes, fomos todos buscar os capotes e assim sentamos à mesa encapotados. O proprietário voltou e serviu rapidamente as porções de frango e de carneiro. O frango estava ressecado, um frango de rotisseria de quinta categoria; o carneiro era só costela, pele e gordura, ainda por cima requentado desde manhã. Amílcar espetou o carneiro, erguendo-o no ar e depois gritou enfurecido:

- Mas isso não se pode comer... proprietário, proprietário. Lave-o de

novo o proprietário, com sua cara fechada e Amílcar lhe disse:

- O senhor quer me dizer por que é proprietário de uma cantina?
- E o que deveria ser?
- Uma outra coisa qualquer: motorneiro, varredor, coveiro, mas não proprietário de cantina.

Resumindo, surgiu um bate- boca, mas desanimado, porque o proprietário, com seu ar macambúzio, não era nem mesmo susceptível. Em seguida, da cozinha apareceu o cozinheiro com seu chapelão, chamando o patrão e este nos deixou. Amílcar gritou ao cozinheiro:

- Cozinheiro... você nos envenenou.

Mas o cozinheiro não respondeu e nós voltamos a brigar com as costelas do carneiro e com os ossos do frango.

Estávamos todos de mau humor, mais enregelados do que se tivéssemos ficado ao ar livre, com o estômago cheio de porcaria malcozida e pior ainda digerida. Amílcar, que já então se dava conta de seu erro, quis consertar a situação e pediu duas garrafas de vinho tinto para beber com panetone.

Foram essas as únicas coisas boas da noite e o proprietário não tem mérito nenhum, porque as garrafas eram lacradas e o panetone vinha de Milão. Bebemos o vinho que era barbera, comemos o panetone e nos aquecemos um pouco. No entanto, a cantina esvaziara e só ficara um grupo de rapazes numa mesa perto da nossa, estavam jogando baralho e, dali a pouco, o proprietário e o cozinheiro se juntaram a eles. Remo, que durante a noite inteira não parara de brincar com Gemma, encorajado pelo vinho, propôs então cantar. Fazia sempre assim, na hora da fruta se oferecia sempre para cantar e não digo que não cantasse bem, mas as canções eram sempre as mesmas e nós conhecíamos todas. Porém ele, aquela noite, queria cantar para Gemma que era nova e nós, compreendendo a intenção, lhe dissemos que podia cantar.

Para entender, porém, o que significava cantar para ele, é preciso que

eu o descreva: Remo é baixinho com a cara morena e ossuda, a testa baixa cheia de cachinhos pretos, os olhos apertados e injetados de sangue. Com essa compleição um tanto brutal Remo porém, quando canta, nunca é vulgar. Quando muito é demasiado piegas. Pega a mão da moça, se estica para o lado dela, entrefechando os olhos e fazendo beicinho, e canta em surdina com voz apaixonada, ciciante, insinuante. Suas canções, então, todas fazem rima em “or”: dor cor, amor; ou em “ão”: paixão, perdição, devoção. Bom, aquela noite, como de costume, agarrou a mãozinha de Gemma e começou a cantar de rosto colado ao dela, enquanto nós nos calávamos embaraçados, olhando para ele. Gemma sorria, e ele encorajado por aquele sorriso, depois da primeira canção atacou a segunda.

Entretanto, na mesa ao lado tinham se calado e nos olhavam, depois começaram a rir entre si; e aí um deles pôs-se a imitar Remo e um outro, abaixando-se sob a toalha, imitou um miado de gato. Remo talvez não tenha reparado ou não quis reparar.

Mas na terceira canção, interrompeu-se dizendo com dignidade:

- Chega, é melhor parar...

Porém, Sírío, que nada tinha a ver com isso, foi logo se metendo:

- Cante... não ligue para essa gente ignorante e mal-educada... cante.

De repente, como a um sinal, um loirinho crespo, baixo, com uma malha vermelha que lhe chegava até as orelhas, levantou-se e enfrentou Sírío, perguntando:

- E quem seria a gente ignorante e mal-educada?

Sírío é um tipo bilioso e não tem medo de ninguém.

Respondeu:

- Vocês mesmos.

- Ah, é?... e por quê? Estamos na cantina... é um lugar público e fazemos o que bem entendemos.

- Nós também fazemos o que bem entendemos... e dizemos

justamente que vocês aí dessa mesa são ignorantes e mal- educados.

Nesse ínterim, o proprietário, o cozinheiro e os outros dois tinham se levantado e se aproximaram, eles também. Em nossa mesa ao contrário continuamos todos sentados. O loirinho disse:

- Mas quem é você? O que quer? Pode-se saber o que está querendo? Erguendo ao mesmo tempo a mão como que para agarrar Sírío pela gravata.

- Tire a mão, tire, respondeu-lhe Sírío, de pé ele também, cara a cara, afastando a mão com um safanão. O loirinho então o agarrou realmente pela gola do casaco, dobrando-o para trás.

As duas mulheres soltaram um grito, Remo berrou:

- Vamos embora, deixem disso.

Foi um segundo. Depois, de modo imprevisto, Amílcar deu um pulo, agarrou o loirinho pela malha, no peito, e rolou com ele pelo chão, até o fundo do salão, distribuindo pancadas feito doido. Acuado contra a geladeira, o loirinho se protegia com um braço enquanto Amílcar estava em cima dele com o corpo inteiro, espancando-o.

Porém, de repente, vimos as costas largas de Amílcar dobrar-se para trás e depois o vimos desmoronar como um rochedo, supino.

O loirinho, pugilista, dera-lhe um soco direto no queixo e agora Amílcar estava estendido no chão, em cima da serragem.

Acabou como devia acabar: com os policiais anotando os nomes, com as duas mulheres se queixando; com Amílcar segurando o queixo com a mão e repetindo que ele não iria pagar um tostão, com Sírío e Remo e eu pagando a conta; com o proprietário gritando da cozinha:

- Mas o que vocês vêm fazer nos restaurantes? Por que não ficam em casa?

Depois, quando saímos, uma janela se abriu e alguém jogou na rua um saco de restos que acertou na cabeça de Amílcar:

Oh, desculpe, gritou uma vozinha, era para os gatos. Realmente, havia

uma quantidade de gatos por ali, acorados na rua, esperando a gente sair para se aproximarem do saco. Mas Amílcar, que tinha perdido a cabeça, convencido, sabe-se lá porquê, de ter sido alvejado pelo proprietário, queria voltar atrás; e precisamos levá-lo embora, pode-se dizer, arrastado, enquanto xingava e limpava o chapéu das espinhas de peixe. Em suma, o que se chama de uma bela noite.

BRINCADEIRAS DO CALOR

No verão, talvez por ser ainda jovem e ainda não me ter adaptado ao fato de ser marido e pai de família, sempre me dá vontade de fugir. No verão, nas casas dos ricos, as janelas são fechadas de manhã e o ar fresco da noite perdura nos cômodos amplos e obscuros onde, na penumbra, brilham espelhos, pisos de mármore, móveis reluzentes de cera. Tudo está em ordem, tudo limpo, repousante, escuro. Se você está com sede, então, trazem-lhe numa bandeja uma bela bebida gelada, uma laranjada, uma limonada, num copo de cristal onde remexendo os cubos de gelo, só pelo barulho alegre que fazem, já refresca.

Mas nas casas dos pobres as coisas são diferentes. No primeiro dia de calor, o mormaço penetra em seus quatinhos sem luz e não vai mais embora. Você quer beber, mas da torneira, na cozinha, sai uma água quente que parece sopa. Dentro de casa você não pode mais se mexer: parece que tudo, móveis, roupas, utensílios, está inchado e caindo em cima de você. Todos ficam em mangas de camisa, mas as camisas estão suadas e fedem. Se você fecha as janelas, fica sufocado porque o ar da noite não consegue penetrar naqueles dois ou três cômodos, onde dormem seis pessoas, se você as abre, o sol invade e você pensa que está na rua e tudo parece de metal fervente, de suor,

de poeira. No calor, até os ânimos se aquecem, quero dizer, tornam-se briguentos: mas o rico, se lhe dá na telha, pega e vai para o fundo do apartamento, três ou quatro cômodos mais adiante, os pobres, ao contrário, permanecem diante dos pratos engordurados e dos copos sujos, nariz com nariz: ou então precisam sair de casa.

Um dia daqueles, após ter tido uma boa briga com toda a família, ou seja, com minha mulher porque a sopa estava salgada e fervendo, com meu cunhado porque tomava as dores de minha mulher e, na minha opinião, não tinha esse direito por viver desocupado e às minhas custas, com minha cunhada porque me defendia e isso me aborrecia porque eu sabia que ela fazia por interesse, por estar apaixonada por mim, com minha mãe porque tentava calar minha boca, com meu pai porque protestava que queria comer em paz, e até com a criança, porque abrisse o berreiro, levantei-me de repente, peguei o casaco da cadeira, disse simplesmente:

- Sabem qual é a novidade? Vocês me encheram, tchau até outubro, quando refrescar, e saí de casa. Minha mulher, coitada, correu atrás de mim e, debruçando-se no parapeito da escada, gritou que tinha salada de pepino de que eu tanto gosto. Respondi-lhe que comesse ela mesma e desci à rua.

Moramos na rua Ostiense. Atravessei-a e, maquinalmente, dirigi-me à ponte de feno, onde fica o porto fluvial de Roma.

Eram duas horas, a hora mais quente do dia, com um céu de siroco, lívido, parecendo um olho que tinha levado um soco. Chegando à ponte, me apoiei no parapeito de feno rebitado: queimava. O Tibre, encaixado entre as margens, no fundo dos paredões oblíquos, parecia, também pela cor barrenta, um esgoto aberto.

O gasômetro que parece um esqueleto salvo de um incêndio, os altos-fornos das oficinas de gás, as torres dos silos, as tubulações dos reservatórios de petróleo, os telhados pontiagudos da central termoelétrica fecham o horizonte de modo a dar a impressão de que não estava em Roma, mas em

alguma cidade industrial do Norte. Fiquei um tempão olhando para o Tibre, amarelo e pequeno, com uma balsa cheia de sacos de cimento parada perto da margem, e me deu vontade de rir ao pensar que aquele riacho se chamava porto como os portos de Gênova e de Nápoles apinhados de navios de todos os tamanhos.

Se queria fugir realmente de qualquerjeito daquele porto poderia dar uma chegada em Fiumicino, só mesmo para comer peixe frito, olhando para o mar. Finalmente pus-me em movimento, atravessei a ponte, dirigime até uns tenenos que ficavam do outro lado do Tibre. Embora morasse ali perto,nunca tinha estado lá e não sabia por onde andava. Primeiro segui uma rua asfaltada, regular, se bem que entre terrenos cheios de lixo; depois a rua virou um beco de tena e os lixos viraram pilhas altas, quase montes. Achei que tinha ido parar justamente no lugar onde descanegam toda a sujeira de Roma,não se via um fio de capim, mas apenas papéis, latas enferrujadas,caroços, detritos, numa luz que ofuscava, com um mau cheiro azedo de coisas apodrecendo.

Sentia-me desorientado, como quem não tem mais vontade de seguir adiante e por outro lado não gostaria de voltar atrás. De repente, ouvi chamar :

- Pss...pss..., como se faz com os cachorros.

Virei-me para ver onde estava o cachorro. Porém não havia cachorros por ali, se bem que, com todo aquele lixo triturado,aquele fosse o lugar próprio para vira-latas; assim, pensei que estivessem me chamando e olhei para o lado de onde vinha o chamado. Vi, então, atrás dos montes de lixo, um barraco que não tinha percebido, minúsculo, torto, com o telhado de chapa ondulada. Uma menina loira, de uns oito anos talvez, estava à porta e fazia-me sinal para entrar. Olhei para ela: tinha o rosto branco e sujo com os olhos marcados de roxo embaixo,como uma mulher. Os cabelos cobertos de palha, de lanugem e de poeira deixavam sua cabeça inchada e hirta como um milagre.

Sua roupa era simples, um saco de canhamo com quatro buracos,dois para os braços e dois para as pernas. Perguntou-me, logo que me virei:

- Você é médico?
- Não, respondi.
- Por quê? Precisa de um médico?
- Porque se você é médico, prosseguiu, entre mamãe está passando mal.

Não quis insistir em demonstrar que não era médico e entrei no barraco. De início pareceu-me estar entrando num belchior, em Campo di Fiori. Tudo pendia do teto: vestidos, meias, sapatos, utensílios, louças, trapos. Depois vi que eram suas coisas, penduradas em pregos na falta de móveis. Enquanto, inclinando a cabeça sob todos aqueles penduricalhos, zanzava de um lado para outro à procura da mãe, a menina me apontou, com um gesto quase festivo, um monte de trapos num canto.

Olhei melhor e me dei conta de que o monte de trapos me fitava com um olho brilhante, o outro estava recoberto por um cacho de cabelos cinzentos. Tocou-me seu aspecto: parecia uma velha, mas dava para ver que era jovem. Quando me viu, foi logo dizendo:

- Quem é vivo, sempre aparece.

A menina desatou a rir, como no início de um espetáculo divertido, e se acorrou no chão, brincando com algumas latas de conserva vazias. Eu disse:

- Eu realmente não te conheço...o que você tem?... Esta menina é sua filha?

E ela:

- Claro... e sua também.

A menina riu de novo, consigo mesma, cabisbaixa. Achei que era brincadeira e respondi:

- Tanto pode ser minha filha, como de um outro qualquer.
- Não, disse ela, erguendo-se um pouco do chão e me apontando um dedo.
- É sua filha mesmo e só sua... seu mandrião, vagabundo, descarado,

você não passa de um sem-vergonha.

A menina pôs-se a rir com gosto dessas injúrias, como se estivesse esperando por elas. Eu disse, ofendido:

- Olhe lá como fala... já disse que não te conheço.

- Não me conhece, hein?... não me conhece, mas voltou... se não me conhecia, como fez para achar o caminho de casa?

- Descarado, sem-vergonha, a menina pôs-se a cantar em voz baixa. Agora eu estava suando, um pouco por causa do calor sufocante, outro por causa da aflição. Disse:

- Estava passando por acaso...

- Ah, claro, coitadinho... Virou-se para a menina e ordenou:

- Dê-me a bolsa. A menina, rápida, pendurou do teto uma bolsinha de veludo preto suja e rasgada, e entregou-lhe. A mãe abriu-a, puxou um papel e disse:

- Olhe a certidão de casamento...: Proietti Elvira casa-se com Rapelli. Ernesto...vai negar ainda, Rapelli Ernesto?

Tocou-me o fato de também chamar-me Ernesto. Disse meio perturbado:

- Mas eu não sou Rapelli.

- Ah, não é? A menina cantarolava

- Ernesto, Ernesto; e ela se pôs de pé. Tinha adivinhado certo: com todo aquele cabelo grisalho, rugas e a falta de dentes, via-se que não tinha mais de trinta anos.

- Ah, não, você não é Rapelli? Com as mãos nos quadris se aproximou, fitou-me e depois gritou:

- Você é Rapelli... diante de Deus e dos homens, você é Rapelli.

- Entendi, disse:

- Vejo que você não está bem... se não ficar chateada, já vou indo.

- Devagar, um momento... não tão depressa.

- Enquanto isso a menina, no auge da alegria, dançava à nossa volta. Ela recomeçou, sarcástica:

- Ernesto, o grande Ernesto... que larga a mulher, foge de casa e durante um ano não dá mais as caras... mas, sabe do que vivemos, eu e esta criatura, neste ano que você passou fora?

- Não sei, disse áspero, e não quero saber... deixe-me ir.

- Diga a ele, ela gritou à menina.

- Diga a ele do que vivemos, diga a seu pai.

- De caridade, disse a menina alegrinha, com uma voz cantante, aproximando-se de mim também.

Confesso a verdade, estava começando realmente a me sentir perturbado. Todas aquelas coincidências: o nome Ernesto, o fato de que eu também saíra de casa, o outro fato de que eu também tinha mulher e uma filha, me davam como que uma sensação de não ser mais eu e ao mesmo tempo de ser, mas de um modo diferente do habitual. Ela, nesse meio-tempo, vendo-me incerto, berrava debaixo do meu nariz:

- Mas sabe qual o destino de quem abandona o lar? A cadeia... entendeu, seu cafajeste? a cadeia.

Dessa vez eu senti medo e, sem falar nada, virei-me para a porta para sair. Porém alguém nos observava, da soleira: uma mulherzinha magrela, pobre, mas vestida com asseio. Disse, vendo-me perdido:

- Não lhe dê ouvidos... tem fixação de que todos os homens sejam seu marido... e a malvada da filha, atrai de propósito os transeuntes para casa para se divertir, ouvindo-a berrar e endoidecer... olha que eu te pego, viu, sua bruxa feia. Fez um gesto como que para dar um tapa na menina, mas essa, esperta, o evitou e começou a dançar ao meu redor, repetindo, alegre:

- Você acreditou, fala a verdade, você acreditou... e ficou com medo, ficou com medo... ficou com medo.

- Elvira, esse não é seu marido, disse a mulher tranquilamente. De

repente, como que convencida, Elvira voltou a se acocorar num canto. A mulher, sem ligar mais para mim, foi até o fundo do barraco e começou a lidar no fogão.

- Sou eu quem faz a comida delas, explicou-me, é verdade, vivem de caridade, mas o marido não foi embora, ele morreu...

Já era o suficiente. Tirei cem liras da carteira e entreguei à menina que pegou sem agradecer. Depois saí e refiz o caminho percorrido: do beco à rua asfaltada e em seguida, através da ponte, até a rua Ostiense. Em casa, em comparação ao calor que fazia no barraco, pareceu-me estar entrando numa caverna. E embora nossos poucos móveis fossem coisa modesta, eram sempre melhores que os pregos em que aquelas duas infelizes penduravam seus trapos. Na cozinha já tinham tirado a mesa, mas minha mulher foi buscar a salada de pepinos que guardara para mim e eu a comi com pão, olhando para ela que lavava a louça e os talheres, de pé diante da pia. Ezp seguida me levantei, dei-lhe de leve um beijo no pescoço e assim fizemos as pazes.

Alguns dias mais tarde contei à minha mulher a estória do barraco e depois resolvi voltar lá para ver se algo podia ser feito pela menina. Agora, já não tinha mais medo de ser trocado por Ernesto Rapelli. Mas não vão acreditar. Não encontrei nem o barraco, nem a mulher, nem a menina, nem aquela outra mulher magrela que preparava a comida delas.

Vaguei durante uma hora, debaixo do sol que ofuscava, entre os montes de lixo, e depois voltei para casa, derrotado. Desde então, acho que não soube encontrar o caminho.

Minha mulher, ao contrário, diz que aquela história eu inventei, de remorso por ter pensado em abandoná-la.

O DUBLÊ

Depois de um ano que namorávamos, Agata e eu, dei-me conta de que, aos poucos, ela ia se tornando fria e rareava os encontros. Foi igual a um fogo que se apagou: de início você não percebe, depois, repentinamente, só restam cinzas e tições negros e você fica enregelado. No princípio foram coisas leves: meias palavras, silêncios, olhares. Mais tarde as desculpas: resfriados, compromissos, a mãe para ajudar no serviço de casa, a escola de datilografia. Finalmente a impontualidade e a pressa: chegar aos encontros às vezes com uma hora de atraso e partir com um pretexto um quarto de hora depois. Ao mesmo tempo falava comigo num tom impaciente como se as coisas que eu dizia fossem sempre além da conta, e algumas vezes pareceu-me até que ao contato da mão e ao roçar dos lábios, se afastasse para trás.

Ora, uma vez que eu sofria com isso, e, por outro lado, percebia que, embora então ela já me tratasse muito mal, eu continuava apaixonado do mesmo modo, e o prazer que antes me dava ouvi-la dizer:

- Gosto tanto de você, era idêntico ao de agora quando mal pronunciava com os lábios apertados:

- Adeus, Gino, um dia, ao nos encontrarmos no largo Flaminio, decidi-me e disse-lhe bruscamente:

- Falemos claro, você, por mim não sente mais nada. Acreditaria nisso? pôs-se a rir e respondeu:

- Puxa, você é duro, hein?...queria ver quanto você ia demorar... até que enfim entendeu.

- Fiquei boquiaberto, sem fôlego, em seguida dei uma volta sobre mim mesmo, como um fantoche, e me afastei. Porém, alguns passos depois, me virei: esperava que ela me chamasse de novo. Tinha subido na plataforma da parada do bonde e ali esperava, calma, serena. Fui embora.

Agora, vendo as coisas à distância, posso até rir de tudo, mas naquela

época, eu estava apaixonado e o amor não me deixava enxergar direito. Passei dias péssimos: sentia que a amava e gostaria de não mais amá-la; e para não mais amá-la procurava lembrar sobretudo de seus defeitos. Dizia a mim mesmo:

- Tem as pernas tortas e caminha mal... tem mãos feias... em relação ao corpo, tem a cabeça grande demais... de passável só tem os olhos e a boca: mas é pálida, aliás, de carnação amarela, com os cabelos crespos e opacos e o nariz em forma de cabo de chaleira, na parte de cima e largo na base.

- Trabalho desperdiçado, enquanto pensava essas coisas, percebia que aquelas pernas, aquelas mãos, aqueles cabelos, aquele nariz me agradavam e que, talvez, me agradassem exatamente porque eram feios. Então eu pensava:

- É mentirosa, ignorante e com um miolo de canário, vaidosa, interesseira, namoradeira.

E o depois descobria que seus defeitos eu os tinha no sangue e me excitavam a fantasia. Resumindo, quando tudo fora dito, dava-me conta de que não deixara de amá-la.

Resolvi não dar as caras por um mês pelo menos, pensando, injustamente, que não me vendo mais, viria me procurar. Mas não tive forças de manter a palavra e, uma semana depois, logo de manhã, entrei num bar do largo Flaminio e lhe telefonei.

Foi ela quem atendeu e, mesmo antes que eu abrisse a boca, no ato marcou um encontro, naquela mesma manhã. Saí do bar, atravessei a praça, fui ao florista ao pé dos muros e comprei um maço de violetas. Eram nove horas, o encontro era às dez.

Com meu ramalhete de violetas na mão, pus-me a andar de um lado para outro no ponto, fingindo esperar o circular. O bonde chegava, as pessoas subiam, em seguida o bonde partia e eu ficava ali. Pouco depois o ponto se

enchia de novo e eu de novo fingia esperar o bonde, entre novas pessoas que não sabiam que eu não estava esperando o bonde, mas Agata. Esperei assim aquela hora que devia esperar, e depois esperei mais dez minutos que não devia esperar, e então tive certeza de que ela não viria mais. Dez minutos de atraso não eram muito, especialmente tratando-se de uma mulher: mas eu sabia com certeza que ela não viria, como se sabe com certeza, em certos dias serenos, que desabará um temporal: estava no ar. Não viria e, de fato, não veio. Para ter plena certeza, esperei ainda meia- hora e depois mais um quarto de hora, e depois cinco minutos e depois contei até sessenta e depois esperei mais cinco minutos para completar uma hora além daquela marcada. Finalmente, fui à fonte junto aos muros e joguei o maço de buque de violetas na água suja. O florista esperou que eu tivesse me afastado e voltou a pescar as flores.

Todos sabem como são essas coisas: começa-se perdendo o pé; após a primeira besteira apronta-se outra e depois outra ainda, e em seguida não se acerta mais uma que seja e tudo se confunde. Aquela tarde mesmo, fiquei na dúvida se Agata tinha entendido o lugar do encontro e telefonei-lhe. Bem mansinho perguntei:

- Agata, por que você não veio? Talvez eu não tenha me explicado bem.

Ela respondeu no ato:

- Você explicou muitíssimo bem.

- E então por que não veio?

- Porque estava sem vontade. Dessa vez também fiquei sem palavras: desliguei devagar o telefone e saí.

Outro se teria dado por vencido. Porém, eu a amava e desejava tanto ser amado que até se tivesse me dado uma facada, eu poderia ter pensado que não era a facada definitiva ou mesmo que a tivesse dado por amor e não por ódio. O amor certamente não me fazia ver o que não existia: mas me fazia

esperar que entre tantos tipos de amor houvesse esse também: o de uma mulher que não vai aos encontros, que responde mal, que despreza e não liga. Assim, no dia seguinte, à mesma hora, telefonei-lhe novamente. Dessa vez, mandou a irmãzinha me dizer que não estava; mas o telefone, como eu sabia, ficava na sala de jantar e ouvi a voz dela dando a sugestão à menina.

Então perdi completamente a cabeça e comecei a lhe telefonar a toda hora, durante as refeições, de manhã cedinho, tarde da noite, nunca estava. Então, na hora de entrar na cabine telefônica quase tinha náusea: porém continuava discando o maldito número. De tantos telefonemas e de tantas esperas entre um telefonema e outro, minha vida se tornara uma confusão, um lodaçal sem pé nem cabeça: eu sentia isso, mas não podia fazer nada e continuava a me afundar cada vez mais.

Por último, desesperado, pensei em me plantar, de manhã bem cedo, diante de sua casa. Esperei um par de horas, envergonhado, porque não havia ponto de bonde, depois ela apareceu à porta, me viu e voltou atrás. Passaram-se mais duas horas, desconfiei, fiz uma exploração e descobri que o prédio tinha duas entradas. Renunciei às vigias.

Estava tão desesperado que mesmo o fato de encontrar trabalho após meses de desocupação, não me trouxe qualquer alívio.

Nasci para ser ator, sobre isso todos estão de acordo; mas um defeito de pronúncia que me faz comer as palavras e impele a saliva entre os lábios, me impedirá de ser outra coisa a não ser figurante. Dessa vez porém não era nem figurante, era dublê. Num filminho bobo, de dois tostões, devia tomar o lugar do ator jovem nos momentos em que virava de costas. O ator que eu devia substituir era em tudo e por tudo igual a mim: mesma estatura, mesmos cabelos, mesmas costas, mesmo jeito de andar. Para ele, porém, as palavras não se molhavam de saliva e desse modo ele, naquele filme, levava um milhão e eu alguns milhares. Dublê, em suma, o mesmo que dizer espantalho, boneco, sócia de ocasião.

Enquanto ficava no estúdio a me consumir e a me chatear, a maior parte do tempo sem fazer nada, num canto escuro, fora da luz dos refletores, comecei a pensar num truque para rever Agata. Sabia que ela também, como todo mundo, sentia-se atraída pelo cinema, esperando, sabe-se lá porquê, tornar-se atriz. Só que, ela, nem para ser figurante era chamada: na minha opinião não dava para o negócio. Desse modo, achei que se conseguisse armar a armadilha do cinema, ela cairia sem falta. O diretor era um tipo brusco, que só ligava para o dinheiro e não fazia favores a ninguém. Mas o assistente de direção, que eu já conhecia há tempos, era um rapaz simpático, da minha idade. Puxei-o de lado no restaurante do estúdio e lhe pedi o favor. Pôs-se a rir e depois me deu uns tapinhas nas costas e disse que o faria.

Agata, naturalmente, enviara aos produtores daquele filme fotografias em poses diferentes, endereço, número do telefone.

No dia marcado, logo cedo, o assistente de direção mandou que lhe telefonassem para se apresentar no estúdio dentro de duas horas: estavam precisando dela. O cinema é uma força mais forte que qualquer outra: se, suponhamos, um rei tivesse convidado Agata para se apresentar na corte, ela talvez ficasse pensando no assunto; mas o porteiro da casa de produção lhe dizer para passar no estúdio, era suficiente para fazê-la vir correndo a qualquer hora.

Naquela manhã, plantei-me na antecâmara, entre os muitos figurantes e pessoas que esperavam para trabalhar; e, de fato, na hora marcada, ela apareceu.

Já fazia dois meses que eu não a via e, na hora, quase não a reconheci. Os cabelos, antes castanhos e soltos sobre os ombros, agora estavam ruivos e repuxados para cima, num coque, no topo da cabeça, de modo a deixar descobertos as orelhas e o pescoço. Tinha depilado as sobrancelhas com tanto afinco que parecia estar com os olhos inchados. Fazia um trejeito enigmático com a boca. Infelizmente o nariz de cabo de chaleira não pudera consertar. A

roupa chamou minha atenção: um casaco largo, vermelho fogo, novo, com a gola erguida atrás da nuca, e uma saia preta, reta. Na lapela tinha um alfinete em forma de navio com as velas desfraldadas, de metal amarelo; debaixo do braço apertava uma bolsa que parecia de cobra: talvez fosse verdadeira e sabe-se lá quantos sacrifícios tinha feito para comprá-la. Entrou séria, lenta, distante: como se naquela antecâmara cheia de gente igual a ela tivesse medo de se sujar. Foi até o porteiro e disse-lhe não sei o quê em voz baixa. Este, feito um verdadeiro vilão, respondeu, sem erguer os olhos do jornal que estava lendo:

- Fique esperando um pouco... chegará a sua vez.

Ela se voltou e então me viu. Contemplei-a naquele momento e fez-me de longe um cumprimento e foi sentar no canto oposto ao meu, como se nos conhecêssemos só de vista.

Me dava pena agora, vendo como tinha se vestido, preparado, penteado, enfeitado e tudo mais, para aquele falso chamado do departamento de produção. Dava-me conta de me sentir contente: até que enfim eu a via de novo. Desse modo ficamos esperando um tempão, na antecâmara apinhada, cheia de gente que caminhava de um lado para outro, conversando e fumando. Ela, de vez em quando, abria a bolsa e só olhava no espelho, ajeitava um cachinho, retocava o batom dos lábios e o pó-de-arroz no nariz. Cruzara as pernas que, quando estava sentada, podiam até parecer bonitas.

Não me olhou mais, nem mesmo uma única vez: era eu, ao contrário, que não tirava os olhos dela.

Por fim chegou a sua vez; entrou na sala do assistente de direção e ali ficou talvez uns dois minutos e em seguida saiu altiva como sempre. O combinado era que o assistente de direção devia olhar as fotografias e depois dizer:

- Senhorita, pode ser que logo precisemos da senhora... fique preparada, uma manhã dessas nós a chamamos.

Mais nada. Mas para ela era o suficiente. De moça pobre que era quando entrou, eis que saía já mudada, em sua fantasia, em estrelinha ou até em estrela.

Levantei-me também e a segui, pelos corredores longos e despojados. Andava sem pressa, reta e orgulhosa, com suas belas pernas tortas. Hesitou um instante no cruzamento dos corredores, depois entrou na antecâmara e saiu à rua. Os estúdios ficavam na periferia, ao longo de uma rua a meio caminho do campo e da cidade: de um lado havia os campos, cheios de sol naquela manhã de outubro; do outro, os prédios populares, altos como torres, cheios de janelas e de roupas estendidas nos varais.

Ela caminhava devagar pelos prédios, e eu me apressei em alcançá-la. Chamei, ofegante:

- Agata...

Fitou-me e depois pronunciou à flor dos lábios, quase sem saliva:

- Oi, Gino...

Eu disse tudo de uma vez, como um único lamento:

- Agata, por que você não quer me ver?... gosto tanto de você... por que não gosta de mim?... Agata, vamos nos ver.

- Agora está me vendo, respondeu ela, dando de ombros. Disse:

- Agata, quer casar comigo?

- Nem penso nisso, respondeu, sempre caminhando.

- Por quê?

Como única resposta, perguntou:

- O que você está fazendo agora?

- Sou dublê, mas...

- Por que você teima em ser ator?, continuou com maldade, não vê que não nasceu para isso?... é dublê e quer se casar comigo... qual o quê, acha que eu sou boba?

- Agata... exclamei desesperado, tentei agarrá-la por um braço.

Desvencilhou-se logo com uma violência que ofendeu.

Perdi a cabeça e gritei:

- Dublê é sempre melhor que nada...o que você acha? que de manhã telefonaram a sério para você? fui eu quem fez o assistente de direção chamá-la, só para vê-la... você, minha cara, nunca será chamada para fazer nada, nem mesmo os ruídos de fundo.

Logo me arrependi de ter falado mas, então, já era tarde demais. Vi por seu comportamento que acreditava em mim e vi também que com aquelas palavras eu destruía qualquer esperança de recuperá-la. Não disse nada, não parou, não mudou de cor, não me olhou e continuou andando devagar, calma, a bolsa debaixo do braço. Arrependido, pus-me a correr a seu lado, suplicando que me perdoasse: mas ela, dessa vez, fez como se eu não estivesse ali. Seguiu reto, sem pressa, pela rua deserta, entre os campos e os prédios populares.

Finalmente, vendo que não dava bola, parei no meio da calçada, fitando-a, enquanto se afastava. A desilusão devia ter sido terrível para ela, mas não deixava transparecer a não ser no jeito de andar. Antes tinha ficado satisfeita, pavoneava-se; agora estava apenas melancólica. Podia-se ver pelo modo como mexia as pernas e mantinha a cabeça um pouco inclinada para o ombro. Me deu dó e pareceu-me, de repente, que nunca a amara tanto. Abri a boca como que para chamar: "Agata"; mas, naquele mesmo instante, ela virou e desapareceu. E eu fiquei com a boca escancarada no primeiro "a" de Agata, diante da rua deserta.

O PALHAÇO

Aquele inverno, só para ver se arranjava algum trabalho, pus-me a vagar pelos restaurantes tocando violão para um companheiro meu que cantava. O companheiro se chamava Milone, também apelidado de o professor porque antigamente tinha ensinado ginástica sueca. Era um brutamontes na casa dos cinqüenta, não propriamente gordo mas socado, com uma cara densa e fechada e um corpanzil maciço que fazia ranger as cadeiras quando se sentava. Eu tocava violão à minha moda, ou seja, a sério, quase sem me mexer, os olhos baixos, porque sou um artista e não um palhaço; quem bancava o palhaço, ao contrário, era o Milone. Começava como que ao acaso, de pé, apoiado a uma parede, o chapeuzinho sobre os olhos, os polegares embaixo do sovaco, a barriga fora das calças e o cinto embaixo da barriga: parecia um bêbado cantando para a lua. Em seguida, aos poucos ia esquentando e, apesar de não cantar realmente, porque não tinha nem voz nem ouvido, acabava dando um espetáculo de si mesmo, ou melhor, como disse, bancando o palhaço. Sua especialidade eram as canções sentimentais, as mais famosas, aquelas que naturalmente comovem e enternecem; mas em sua boca as canções não comoviam, faziam rir porque ele sabia torná-las ridículas, de um jeito todo seu, desagradável e triste.

Eu não sei o que tinha aquele homem: ou na juventude alguma mulher o enganara; ou, então, tinha nascido daquele jeito, com um gênio assim, de sentir prazer em caçoar das coisas boas e belas; fato é que não era um simples cômico; não, ele punha naquilo não sei que raiva e era necessária toda a obtusidade das pessoas enquanto comem para não se dar conta de que não era ridículo, mas simplesmente dava pena. Superava, sobretudo, a si mesmo quando se tratava de imitar os meneios, os dengos e os modos femininos. O que faz uma mulher, sorri provocante? e ele por baixo da aba do chapéu, esboça uma risadinha descarada de rameira. Rebola, como se diz, um pouco com as cadeiras? e ele se punha a fazer a dança do ventre, arrebitando as nádegas quadradas e maciças como um pacote. Faz voz doce? e ele, apertando a boca, emitia uma vozinha maviosa, melada, completamente enjoativa. Em resumo, não tinha medida, ultrapassava sempre o limite, tornava-se obsceno, repugnante. A tal ponto que eu quase sempre me envergonhava, porque uma coisa é acompanhar um cantor ao violão e outra é servir de muleta a um palhaço. E depois me lembrava de ter tocado não muito tempo atrás aquelas mesmas canções, cantadas a sério por um excelente artista; e me dava pena vê-las reduzidas àquilo, irreconhecíveis e indecentes. Disse-lhe isso, uma vez, enquanto trotávamos pelas ruas, de um restaurante a outro.

- Mas o que foi que as mulheres te fizeram?

De costume, após ter bancado o palhaço, ficava distraído e sombrio, como se lhe passasse sabe-se lá que pensamentos pela cabeça.

- A mim, disse, elas não me fizeram nada.

- Digo isso, expliquei, porque para ridicularizá-las você se entusiasma todo. Dessa vez ele não respondeu e a conversa morreu aí.

Eu o teria deixado se não tivesse meus interesses, porque, embora possa parecer incrível, juntava mais dinheiro ele com suas vulgaridades que muitos excelentes ambulantes com suas canções bonitas. Vagávamos

sobretudo por aqueles restaurantes não propriamente de luxo, quase cantinas, caseiros mas caros, onde as pessoas vão se empantunar e se alegrar. Ora, mal entrávamos, e eu, de leve, dedilhava o violão, daquelas mesas apinhadas vinha um só grito:

- Oh, o professor... lá está o professor... venha cá, professor.

Carrancudo, debochado, desvairado, viscoso, Milone se apresentava dizendo:

- O que mandam; e aquele o que mandam já era tão ridículo, ao seu modo, que todos caíam na gargalhada. Entretanto chegava a massa; e enquanto o dono circulava servindo, Milone, com uma voz de taquara rachada, anunciava:

- Uma canção bem bonita, quando Rosina desce do vilarejo... eu farei Rosina.

- Imagine os outros: vendo ele fazer Rosina, com as piadas e as obscenidades costumeiras, ficavam até parados com os espaguetes pendurados no garfo, e entre a boca e o prato. E não era nenhuma turma de açougueiros ou coisa semelhante; era tudo gente fina: os homens de terno azul-marinho, embonecados, de pérola na gravata; as mulheres com casacos de pele, cobertas de jóias, delicadas, rebuscadas.

Diziam entre si, enquanto Milone bancava o palhaço

- É bom... é bom mesmo; ou então alguém, assustado, gritava: - Peço-lhes, não espalhem por aí que nós o descobrimos... senão se estraga.

Entre as demais vulgaridades, Milone tinha uma canção em que, a certa altura, para tornar mais ridícula a personagem, fazia um certo barulho com a boca que nem digo.

- Pois bem, você acreditaria?, eram justamente aquelas madames dengosas que pediam bis dessa canção.

É preciso dizer que de tanto se ver aplaudido, Milone tinha perdido a cabeça. Morava perto de uma costureira, num quarto mobiliado, escuro e

úmido, na rua Cimarra. Agora, todas as vezes que ia pegá-lo em casa, encontrava-o ensaiando na frente do espelho alguma nova indecência, alguma nova vulgaridade.

Punha nisso um escrúpulo sombrio, como de grande ator se preparando para a récita; e eu sentado na cama, olhando-o dançar a dança do ventre na frente do espelho da cômoda às vezes me perguntava se, por acaso não era meio doido.

- Mas não seria hora, perguntei-lhe um dia, de inventar algo gracioso, comovente?

E ele:

- Bem se vê que você não entende nada...as pessoas comendo querem rir não se comover... e eu, acrescentou compenetrado, as faço rir.

Algum tempo mais tarde, sempre com aquela mania de aperfeiçoar, inventou de levar numa malinha algumas peças femininas, por exemplo, um chapeuzinho, um xale, uma saia, para vestir na hora, para tornar ainda mais cômica a paródia. Isso de se travestir de mulher nele, era uma mania; e não sei dizer que pena dava vê-lo saracoteando com o chapeuzinho sobre os olhos e a saia presa na cintura, por cima das calças. Finalmente, não sabendo mais o que inventar, queria que eu também bancasse o palhaço, e mesmo dedilhando as cordas do violão. E desta vez me recusei.

Percorríamos o maior número de restaurantes que podíamos, entre o meio-dia e as três da tarde e entre as oito e a meia-noite. Íamos aos grupos, conforme os dias: uma vez os restaurantes dos lados da praça de Espanha, outra vez aqueles em volta da praça Veneza, outra os de Trastevere; outra ainda, os da Estação. Entre um restaurante e outro, sempre correndo pelas ruas, não conversávamos: entre nós não havia intimidade.

Terminado o giro, íamos a uma cantina e dividíamos o dinheiro.

Depois, em silêncio, eu fumava um cigarro e Milone tomava um trago. À tarde, Milone ensaiava os papéis na frente do espelho, eu, ao contrário, ou

dortnia ou ia ao cinema.

Numa noite de tramontana, após ter circulado pelos restaurantes de Trastevere, entramos, mais para nos aquecer que para tocar, numa cantina atrás da praça Mastai. Era uma tripa comprida, quase um corredor, com as mesas alinhadas ao longo da parede e, na maioria dos casos, gente pobre à mesas, bebendo o vinho da casa e comendo comida embrulhada em jornais. Não sei por que, a vaidade, já que não podia ser o interesse, levou Milone a se exhibir também naquela cantina.

Escolheu então uma das canções mais bonitas e, com os modos de sempre, reduziu-a à força de chacotas e de contorções a uma porcaria. Logo que terminou, houve um aplauso frio, frio, e depois, de uma daquelas mesas, ouviu-se uma voz:

- Agora quem vai cantá-la sou eu.

Virei-me e vi se aproximar um rapaz loiro, com um macacão de mecânico, bonito como um anjo, que fitava Milone com olhos furiosos, como se quisesse comê-lo.

- Você toca, me disse com autoridade, e recomeça do princípio.

Milone, acanhado, fingiu estar cansado e deixou-se cair numa cadeira perto da porta. O rapaz me fez um sinal com a mão para tocar e em seguida começou a cantar. Não digo que cantasse igual a um cantor de verdade, mas cantava com sentimento, com uma bela voz quente e tranqnila e, em suma, cantava como se deve cantar, e como a canção pedia para ser cantada. Além disso, como eu disse, era bonito, com aqueles seus cachinhos, especialmente se comparado a Milone, tão maciço e tão sórdido.

Cantava ;voltado para a cantina, olhando para uma mesa onde estava sentada sozinha uma moça, como se estivesse cantandopara ela.

Quando acabou, fez um gesto na direção de Milone, com a mão estendida, como que para dizer:

- Olhe como se canta, e voltou à mesa onde o esperava a moça que

logo lhe pôs os braços em volta do pescoço.

Na cantina, para falar a verdade, aplaudiram-no menos que a Milone, tudo gente que não entendera por que se dera ao trabalho de cantar. Mas eu o entendera, e desta vez até Milone tinha entendido.

Enquanto eu tocava, fiquei olhando para Milone; e o vi passar muitas vezes a mão no rosto e sob os cabelos que lhe tombavam na testa, como quem não consegue se manter acordado e está caindo de sono. Porém, não conseguia esconder uma expressão amarga que eu nunca vira; e cada estrofe que o rapaz acertava, parecia aumentar sua amargura. Finalmente, pôs-se de pé, esticando-se e fingindo bocejar, e disse:

- Bom, é hora de ir dormir... estou com sono...

Separamo-nos na esquina da rua, com o costumeiro encontro marcado para o dia seguinte. Aquilo que aconteceu durante a noite, reconstruí mais tarde; mas são suposições. Disse que Milone era um convencido, que pensava ser sabe-se lá que grande artista, quando na realidade era um coitado que bancava o palhaço para divertir as pessoas enquanto comiam; desse modo, tanto maior foi o tombo que o rapaz loiro de macacão o fez levar com seu gesto. Acho que enquanto o rapaz cantava, de repente, ele devia ter se visto como era e não como então acreditava ser: um brutamontes na casa dos cinqüenta que punha o babador e recitava a Vispa Teresa¹. Mas acho também que devia ter entendido que era incapaz de cantar, mesmo se tivesse feito um pacto com o diabo. Ele, resumindo, só podia fazer rir: e só sabia fazer rir pondo certas coisas na berlinda. E essas coisas, por coincidência, eram justamente as coisas que nunca conseguira obter em sua vida.

Porém, como eu disse, são suposições. Certo é que a costureira, sua senhoria, no dia seguinte o encontrou pendurado entre a janela e a cortina, no lugar onde habitualmente são colocadas as gaiolas dos canários. Foram alguns transeuntes que descobriram, na rua Cimarra, vendo através da vidraça, as pernas e os pés que pendiam no vazio.

Despeitado como todos os suicidas, fechara a porta à chave e encostara a cômoda com o espelho nela: talvez quisesse se ver, como quando ensaiava um papel, no ato de enfiar o pescoço no laço. Em suma, precisaram arrombar a porta, e o espelho caiu e quebrou. Levaram-no ao Verano e eu fui o único a acompanhá-lo, dessa vez sem o violão. A costureira teve que substituir o espelho, mas se consolou vendendo, a um tanto o metro, a corda.

A NOTA FALSA

Estava passeando pela praça Risorgimento, quando ouvi chamarem:

- A cara, que está fazendo?. Era Staiano, um amigo de outros tempos, de quando vendíamos juntos cigarros no câmbio negro, na rua Gambero. Estava todo asseado, isso eu vi na hora, e como lhe disse que não estava fazendo nada, embora não pudesse me considerar realmente desocupado por nunca ter tido uma ocupação, pegou-me pelo braço e me disse que ele estava

a fim de me fazer ganhar sem esforço mil, duas mil ou até três mil libras por dia. Perguntei-lhe de que jeito, e ele, então, veio com rodeios. Disse que eram tempos difíceis e que havia uma penca de pessoas de bem, que mesmo tendo uma ocupação, não sabia como sobreviver. Disse que em tempos como aqueles os homens se dividiam em duas categorias: os que tinham coração e os que não tinham, e os primeiros acabavam sempre vencendo, enquanto os segundos bancavam os trouxas.

Disse que ele tinha certeza de que eu pertencia à primeira categoria, porque me conhecera em outros tempos não menos duros e difíceis. Disse que a proposta que ia me fazer talvez me deixasse espantado, mas eu não devia interrompê-lo, não devia dizer nada além de sim ou não. Eu o deixava falar e ao mesmo tempo pensava que devia ser uma proposta muito estranha, porque tantas precauções nele eram realmente insólitas.

Finalmente se calou e eu perguntei do que se tratava. Ele foi logo respondendo:

- Trata-se de gastar grana.

- Gastar grana?

- Sim, eu te dou, por exemplo, uma nota de cinqüenta milliras... você pega, dá uma volta, estuda a situação e depois compra, suponhamos, um café, ou um maço de cigarros... em seguida você me traz o troco... eu te dou um terço do troco.

- Um terço de libras verdadeiras? interrompi para mostrar que tinha entendido.

- Sim, claro, verdadeiras... por quem me toma?

- E se descobrem que a nota é falsa?

- Que nada... você diz logo que sabe quem a passou e a pega de volta, fingindo indignação.

Eu queria responder:

- Você ficou louco, nem vamos falar nisso mas, ao contrário, não sei

como,saiu da minha boca. Tudo bem... estamos combinados. O que aconteceu depois eu nem saberia dizer, tão admirado de mim mesmo estava, por ter aceito e por continuar aceitando.

Resumindo, ele me deu uma nota de dez mil liras, dizendo que naquele dia queria fazer uma experiência comigo; e marcou um encontro às oito da noite, no jardim da praça Risorgimento.

Eram duas da tarde.

Aqui estou eu com uma nota falsa de dez mil liras no bolso e com a esperança de com ela ganhar, assim, na brincadeira, mais de três mil das verdadeiras. De repente me senti rico e cheio de tempo livre, como se tivesse diante de -mim não uma tarde,mas uma semana ou um mês, e pudesse satisfazer minhas vontades o quanto quisesse antes daquele momento, que via ainda muito distante, em que me decidira a gastar a nota falsa. Além das dez mil liras de Staiano, tinha no bolso cerca de mil e quinhentas liras verdadeiras, e pensei que podia até deixar o barco correr, uma vez que eu tinha de duas a três mil liras garantidas por dia, sabe-se lá por quanto tempo. Desse modo fui diretamente a uma cantina ali perto, na praça da Unità e,pela primeira vez, após muitos almoços à base de bolinhos de arroz e de pãozinhos recheados, pedi uma refeição completa:espaguete, carneiro ao forno e uma garrafa de vinho. Na hora de pagar, pensei um instante em gastar a nota falsa, mas depois disse a mim mesmo que eram sempre trezentas liras a menos que Staiano me daria e guardei-a para alguma bobagem qualquer: café ou cigarros, como ele tinha sugerido, e pagueicom o dinheiro de verdade. Espetei um palito entre os dentes,e saí à rua Cola de Rienzo, com as mãos no bolso.

Era primavera, com o céu cheio de nuvens brancas e um ar ameno que de vez em quando se banhava de chuva, coisa passageira ,porém, e logo depois saía de novo o sol. Olhando as árvores da rua Cola de Rienzo, que já soltavam folhinhas verdes, me deu saudade do campo: deitar na relva, olhar para o céu, não pensar em nada. Mas gosto de ir ao campo com alguma

moça:sozinho me aborreço. Agora eu não estava com moça nenhuma e não via jeito, ali naquela hora, de arranjar uma. Pensando nessas coisas, passo a passo, descí toda a rua Cola de Rienzo, atravessei a praça da Libertá, a ponte, cheguei ao largo Flaminio. Ali sob o abrigo do bonde, parei e olhei à minha volta. Quase sempre sou tímido com as mulheres, sobretudo porque não tenho dinheiro, mas o que é sentir-se rico: vi uma moça que não parecia esperar o bonde,gostei, e logo falei com ela, quase sem pensar. Era uma morena com uma cara vermelha e cheia e dois olhos escuros, vestida à vontade com uma blusa vermelha e uma saíinha marrom, com as pernas nuas e as meias dobradas. Disse que era empregada, que se chamava Matilde e que era de um lugarejo perto de Roma,Capranica, acho. Procurava uma colocação e no momento era pensionista de certas freiras que tinham um convento também em sua terra. Mantinha-se um tanto reservada, porém depois de lhe dizer duas ou três vezes “senhorita”, tornou-se mais cordial.

Disse:

- Senhorita, decerto não conhece Roma... quer que lhe mostre?

Ela, fingindo embaraço, respondeu:

- Na verdade eu precisava ir até a casa de uma senhora me apresentar...

Resumindo ofereci-me para mostrar-lhe o Foro Italico e ela, após alguma hesitação, aceitou.

No bonde não fiz outra coisa senão brincar; a moça me escutava séria e em seguida, de repente desatava a rir, cobrindo o rosto com as duas mãos, como uma perfeita caipira. Descemos no largo da Ponte Milvio, pegamos o Lungotevere rumo ao obelisco.

Conhecia o lugar e sabia que atrás do Foro há o morro, cheio de prados onde se pode estar à vontade, sem receio de ser observado. Porém, quis mostrar-lhe o estádio, que é uma verdadeira maravilha, com todas aquelas estátuas, uma para cada esporte, dispostas em círculo ao redor das

escadarias.

Não havia ninguém e o estádio era bonito mesmo, num silêncio de dar medo, com as estátuas que se erguiam de encontro a um céu cheio de nuvens.

Mas ela continuava fria: mesmo quando lhe expliquei que aquelas estátuas eram todas de mármore verdadeiro, de um único bloco, e pesavam cada uma mais de uma tonelada. Disse apenas que achava as estátuas indecentes; e eu lhe respondi que eram estátuas e não pessoas e que as estátuas têm que ser nuas, senão não são estátuas. Para acalma -larguei um lápis e escrevi na barriga da perna de uma das Estátuas, um homem que trazia nas costas duas luvas de boxe:

- Abílio gosta de Matilde, e convidei-a a ler. Porém ela respondeu que não sabia ler e assim fiquei sabendo que era também analfabeta. Agora não se mostrava mais tão cordial e quando chegamos na boca do atalho que subia para o morro, recusou-se a me acompanhar, dizendo:

- Você está achando que eu sou boba, mas eu não sou não, viu?... Vamos voltar para a cidade. Eu queria arrastá-la mas não houve jeito, e até levei um empurrão no peito que por pouco não me fez cair.

Assim voltamos, com o mesmo ronde em que viéramos, ao largo Flamingo, e ali, para fazer as pazes, ofereci-lhe um café e dois bolinhos num bar. Eram cinco horas e propus irmos a um cinema ali perto onde, além de um filme colorido, estavam levando o documentário do jogo Itália - Austria. Dessa vez também ela se fez de rogada, dizendo que precisava ir à casa daquela tal senhora; mas eram modos de caipira, como no mercado quando vendem ou compram; e, de fato, foi aceitando logo ao ver que eu, impaciente, ia me despedir.

Também paguei o cinema com o dinheiro verdadeiro, e, uma vez no escuro, peguei-lhe a mão e ela permitiu. Infelizmente o filme colorido acabara de começar e o jogo vinha por último, e já que o filme me aborrecia, tornei-me mais ousado e tentei beijá-la no pescoço. Foi logo me empurrando com um

safanão, e disse em voz alta:

- Ora, tire a mão e todos, ao redor, nos mandaram calar; e eu fiquei envergonhado e comecei a ter ódio dela. Para enganar a chatice daquele filme que tratava de Cristóvão Colombo, pus-me a fazer mentalmente a conta dos gastos do dia: trezentas o almoço, cento e vinte os cigarros, duzentas o café e os bolinhos, quatrocentas o cinema. Gastara ,então mais de mil liras e não tinha me divertido.

Terminou a primeira parte do filme, acenderam as luzes, e eu disse repentinamente à Matilde:

- Mulheres como você deveriam ficar na roça cavoucando a terra.
- Por quê?
- Porque você é uma ignorante e uma tonta e não foi feita para viver na cidade.

- Você acreditaria? Aquela caipira das bochechas grossas olhou para mim e respondeu, com orgulho:

- Quem desdenha, quer comprar.

De raiva, eu a teria estrangulado. Não disse nada, levantei e fui sentar cinco fileiras mais adiante, deixando-a plantada lá, como merecia. Eram sete horas.

A segunda parte do filme não terminava nunca e eu pensava cada vez mais na nota de dez mil liras que eu devia gastar e em Staiano que às oito me esperava na praça Risorgimento . Mas o documentário me segurava e quando, finalmente, às oito menos um quarto, Cristóvão Colombo resolveu morrer e acenderam as Luzes, esperei me livrar em dez minutos e depois correr para trocar a nota. Enganava-me, não fizera os cálculos com o Programa: primeiro teve o intervalo, depois o anúncio de uma sapataria, depois o de uma fábrica de móveis, depois um outro intervalo. Eram oito horas quando, finalmente, começou o jornal. Sou torcedor fanático e assim, à primeira aparição das caras dos nossos queridos jogadores, esqueci a nota, Staiano , a pressa e tudo mais,

e concentrei toda a minha atenção no jogo. Estou dizendo a verdade, esse foi o único momento feliz daquele dia que a princípio achara tão bonito.

Sai do cinema deslumbrado, aturdido, arrasado: eram oito e vinte. Então, pensando em Staiano que me esperava, na nota falsa que eu devia gastar e no dinheiro de verdade que já gastara, quase perdi a cabeça. Não sabia para onde ir, não sabia o que fazer, sentia-me perdido. Não sei como, fui dar por mim no fim da rua Cola de Rienzo, perto da praça Risorgimento e a uma voz que gritava:

- Olhe a sorte... quem quer tentar a sorte?

Virei-me cheio de esperança. Era um moleque moreno, com uma cara de alcagute , encostado num muro, uma tabuleta no colo e, em cima da tabuleta, o jogo das três cartas. O seu lado estava o comparsa, falso e morto de fome ele também, fingindo interesse no jogo. Então tive uma ideia e resolvi tentar aquela sorte simulada com as dez mil liras de Staiano : faria o comparsa trocar a nota, apostaria cem liras e depois iria embora. O jogo era proibido e assim não havia nem mesmo o perigo daqueles dois vigaristas irem me denunciar.

Aproximei-me, olhei com avidez para a tabuleta e em seguida.

Disse com o rabo no meio das pernas:

- Gostaria de apostar...mas como vou fazer? Não tenho trocado, e mostrei a nota. O da Tabuleta tratava de mudar o lugar das cartas, repetindo como um papagaio:

- Olhe a sorte... quem quer tentar a sorte ?mas o comparsa, apareceu logo com a carteira, dizendo:

- Que diacho , um rapaz querendo tentar a sorte, é preciso ajudá-lo, olhe eu aqui, dê-me a sua nota.

Entreguei-a e ele me devolveu contando uma em cima da outra, nove notas de mil e dez de cem.

Apostei cem liras, como tinha resolvido, o da tabuleta disse:

- Este senhor aposta cem liras... por favor, senhor, e em seguida descobriu a carta e vi que tinha ganho. Daí, mesmo, tendo a certeza de que era uma trapaça e sabendo como se fazia, talvez pelo cansaço, tive a ilusão de recuperar as despesas do dia e apostei as outras novecentas liras. Dessa vez perdi, como era de se esperar. Afastei-me, pensando que gastara duas mil liras e que não me sobravam mais que mil liras de lucro.

Porém a verdadeira surpresa foi Staiano, a quem encontrei

Pouco mais tarde, no jardimzinho da praça Risorgimento. Quando nos retiramos para um canto e eu comecei a contar as notas, ele, sem hesitar, pôs-se a repetir.

- É falsa, falsa, esta também é falsa, falsa, falsa. até que eu acabasse.

- Essas notas são todas falsas, concluiu, depois, embolsando-as e olhando para mim, disse:

- E não são das nossas. As nossas são perfeitas... mais falsas que estas, só aqueles anúncios com a Inscrição: banco do amor, mil beijos... não há o que dizer, você é bom mesmo.

Eu fiquei boquiaberto, aturdido. Staiano acrescentou:

- Eu lhe dei uma nota de dez mil que era como se fosse de verdade e você me trouxe nove que nem mesmo um cego aceitaria.

Aí, eu disse:

- Pelo menos pague minhas despesas.

- Que despesas?

- Bom, achando que ia ganhar três mil liras, gastei, entre uma coisa e outra, mais de duas mil.

- Azar seu... o que você pensa? Que aquela nota não me custou?

- Paguei trezentas liras por ela... é você que deveria pagar meu prejuízo.

Resumindo, discutimos um tempão mas ele não quis me dar nada. Aliás, por fim, como eu o acusasse de trapacear comigo, puxou fora as notas

de mil, rasgou-as em mil

Pedacinhos e foi jogá-los na boca de lobo, junto da sarjeta.

Porém o que me feriu mais, foi que, antes de partir, ele me disse:

- Você não foi feito para um trabalho honesto, sério, de responsabilidade! Deixe que eu lhe diga, que tenho vinte anos a mais que você... Você é desligado demais, distraído demais. Você nasceu para vender cigarros no câmbio negro... tchau mesmo, ô cara.

O CAMINHONEIRO

Sou magro, nervoso, com os braços finos, as pernas compridas e a barriga tão achatada que as calças vivem me caindo: sou, em suma, exactamente o contrário daquilo que é necessário para ser um bom caminhoneiro. Repare nos caminhoneiros: são todos uns exageros de homens de costas largas, braços de carregador, dorso e ventre fortes. Porque o caminhoneiro se vale principalmente de seus braços, das costas e do ventre: dos braços para virar o volante que nos caminhões têm um diâmetro Um pouco menor que um braço, e às vezes, nas curvas da montanha, deve fazer com que dê uma volta completa; das costas para resistir ao cansaço de passar horas e horas sentado, sempre na mesma posição, sem relaxar nem endurecer; finalmente do ventre para ficar bem firme, quieto no banco, encaixado como um rochedo. Isso no que se refere ao físico. Quanto ao temperamento, sou ainda menos apropriado. O caminhoneiro não deve ter nervos, nem grilos na cabeça, nem saudades, nem o outros sentimentos

delicados: a estrada é exasperante e mataria um boi. E quanto a mulheres, o caminheiro pouco deve pensar nisso, como o marinheiro, de outro modo naquele contínuo vai e vem, ficaria louco. Mas eu vivo cheio de pensamentos e de preocupações; tenho um temperamento melancólico, e gosto de mulheres.

Porém, apesar de não ser profissão para mim, quis me tornar caminheiro e consegui ser aceito numa firma de transportes.

Deram-me como companheiro um certo Palombi que era, pode-se dizer, um brutamontes. O caminhoneiro perfeito, não porque os caminhoneiros não sejam, quase sempre, inteligentes, mas ele tinha também a sorte de ser burro, a ponto de formar com o caminhão uma só peça. Apesar de ser um homem com mais de trinta anos, conservava algo de infantil: uma cara cheia com as bochechas enfunadas, os olhos pequenos sob uma testa curta, a boca cortada como a de um cofre. Falava pouco, aliás nem falava e de preferência grunhia. Sua inteligência só acordava quando se tratava de comida. Lembro uma vez que entramos, cansados e famintos, numa cantina de INRI, no caminho de Nápoles. Só tinha feijão com pele de porco e eu mal toquei na comida porque me faz mal. Palombi devorou as duas travessas cheias, em seguida, estirando-se para trás na cadeira, me olhou um instante, com solenidade, como se fosse me dizer algo importante. Pronunciou, finalmente, alisando a barriga com a mão:

- Comería mais uns quatro pratos. Esse era o grande pensamento que levava tanto tempo para exprimir.

Com esse companheiro que parecia de pau, nem lhe digo como Fiquei contente quando encontramos Itália pela primeira vez. Naquela época fazíamos a Roma- Nápoles, levando as mais diferentes mercadorias: cerâmica, sucata, rolos de papel para jornal, madeira, fruta e, às vezes, até pequenos rebanhos de ovelhas que se deslocavam de um pasto para outro. Itália nos parou em Terracina pedindo para levá-la a Roma. A ordem era não dar carona a ninguém mas, após ter dado uma olhada nela, resolvemos que daquela vez a

ordem não ia valer. Fizemos sinal para que subisse e ela saltou para cima toda agitada, dizendo:

- A saúde dos caminhoneiros que são sempre gentis.

Itália era uma moça provocante: não há outra palavra. Tinha o busto com um talhe longo de não se acreditar, e, em cima, umpeito erguido, pontudo, uma tentação, sob a blusa justa que lhe descia até os quadris. Também o pescoço era longo, com uma cabeça pequena e morena e dois grandes olhos verdes. Embaixo daquele busto tão comprido, tinha pernas curtas e tortas, de modo a dar a impressão de que andava com os joelhos dobrados.

Não era bonita, enfim, porém mais que bonita; e tive a prova disso naquela primeira carona, quando na altura de Cisterna, enquanto Palombi dirigia, introduziu sua mão na minha e apertou-a com força, sem largá-la até Velletri, onde revezei com Palombi. Era verão, lá pelas quatro da tarde que é a hora mais quente, nossas mãos dadas escorregavam de suor mas ela, de vez em quando, me dava uma olhada com aqueles olhos verdes de cigana e para mim parecia que a vida, após ter sido durante tanto tempo nada mais que uma faixa de asfalto, voltava a sorrir. Tinha encontrado o que procurava: um muco caminhoneiro lher em quem pensar. Entre Cisterna e Velletri, Palombi parou e desceu para ir examinar as rodas e eu aproveitei para lhe dar um beijo. Em Velletri revezei de bom grado com Palombi, um aperto de mão e um beijo, por aquele dia, eram suficientes.

Desde então, regularmente, Itália, uma e até duas vezes por semana, foi e voltou de carona de Roma a Terracina. Esperava a gente de manhã, sempre com algum pacote ou mala perto dos muros, e depois, se Palombi estava dirigindo, segurava minha mão até Terracina.

Na volta de Nápoles, esperava-nos em terracina, subia, e recomeçavam os apertos de mão e até, embora ela não quisesse, os beijos às escondidas, quando Palombi não podia ver. Afinal, apaixonei-me de verdade, mesmo porque fazia muito tempo que não gostava de uma mulher e não

estava mais acostumado. A tal ponto que bastava ela me olhar de um certo jeito e eu logo ficava comovido como uma criança, até as lágrimas. Eram lágrimas de ternura; mas me pareciam de uma fraqueza indigna de um homem e, sem conseguir, fazia força para contê-las. Quando eu dirigia, aproveitando que Palombi dormia, conversávamos em voz baixa.

Não me lembro nada do que dizíamos: sinal de que eram coisas à toa, brincadeiras, conversas de namorados. Lembro, porém, que o tempo voava, até a pista de Terracina, que habitualmente não acaba nunca, passava como que por encanto. Eu diminuía para trinta, vinte por hora, sendo ultrapassado até pelas carroças: sempre, porém, chegava o fim e Itália descia. De noite era também melhor: o caminhão seguia adiante como que sozinho, e eu segurava o volante com uma das mãos e com a outra enlaçava a cintura de Itália. Quando no fundo da escuridão, acendiam e apagavam os faróis dos outros carros, respondendo aos sinais eu tinha vontade de formar umas palavras que dissessem a todo mundo o quanto eu estava feliz. Por exemplo: Eu amo Itália e Itália me ama.

Palombi não percebeu nada ou, então, fingiu não perceber. Fato é que não protestou nem uma vez sequer contra as caronas tão frequentes de Itália. Quando ela subia, saltava para cumprimentá-la, um grunhido e depois se afastava para o lado para lhe dar lugar. Ela ia sempre no meio, porque ao mesmo tempo eu devia ficar de olho na estrada e avisar Palombi, quando se tratava de ultrapassar um outro carro, que o caminho estava livre. Palombi não protestou nem mesmo quando, apaixonado, quis escrever no vidro do pára-brisa algo que se referisse à Itália. Fiquei pensando e depois escrevi em letras brancas:

- "Viva a Itália." Mas Palombi, de tão burro que era, não percebeu o duplo sentido a não ser quando outros caminhoneiros, brincando, nos perguntaram como afinal tínhamos nos tornado tão patrióticos. Só então, olhou para mim boquiaberto e em seguida, esboçando um sorriso, disse:

- Eles pensam que é a Itália e em vez é a moça... você é inteligente, foi bem achado.

Tudo isso continuou uns dois meses ou talvez mais. Um dia daqueles, após ter deixado Itália, como sempre, em Terracina, chegando a Nápoles, recebemos ordem de descarregar e voltar a Roma, sem pernoitar. Não gostei porque o encontro com Itália era para a manhã seguinte; mas a ordem era aquela. Eu peguei a direção e Palombi começou logo a roncar. Até Itri tudo correu bem, porque a estrada é cheia de curvas e à noite, quando começa o cansaço, as curvas que fazem manter os olhos abertos, são as amigas dos caminhoneiros. Mas depois de Itri, entre os pomares de laranjas de Fondi, me deu sono e, para enxotá-lo, fiz força para pensarna Itália. Porém, mesmo pensando nela, parecia que meus pensamentos se cruzavam cada vez mais densos na mente, como os ramos de um bosque que se torna cada vez mais espesso e, por fim, torna-se escuro. De repente, lembro de ter dito a mim mesmo:

- Por sorte tenho ela para pensar e me manter acordado... do contrário já teria adormecido.

Porém,eu já estava dormindo e esse pensamento não era acordado que eu tinha, mas dormindo, e era um pensamento que o sono me mandava para fazer dormir melhor e com mais abandono. Ao mesmo tempo senti o caminhão sair da estrada e entrar no fosso, e senti, atrás, o estrondo e o choque da carreta virando. Vamos devagar e por isso não nos machucamos, mas, logo que descemos,vimos que a carreta estava capotada com as rodas para cima e toda a carga, peles de curtume, se amontoara no fosso. Estava escuro, sem lua, mas com um céu cheio de estrelas. Estávamos,por sorte, às portas de Terracina: à direita tínhamos o monte e à esquerda, além dos vinhedos, o mar calmo e negro.

Palombi apenas disse:

- Você aprontou uma boa; e depois,acrescentando que devíamos ir a

Terracina para buscar ajuda,foi indo a pé. Era logo ali, mas quando chegamos na entrada de Terracina, Palombi, que só pensava em comer, disse que estava com fome e, como, antes de chegar o caminhão de socorro com o guincho passariam algumas horas, era melhor ir a uma cantina.

Assim, entrando em Terracina, fomos à procura de um lugar.

Porém passava da meia-noite e naquela praça redonda, toda esburacada pelos bombardeios, só havia um bar aberto e, ainda por cima estava fechando.

Pegamos uma ruazinha que parecia ir dar no mar e, dali a pouco, enxergamos uma luz com uma tabuleta. Apertamos o passo,cheios de esperança, era realmente uma cantina, mas a grade estava abaixada até a metade, como se estivesse para fechar.

Tinha portas de vidro e a porta de ferro deixava descoberta uma tira desses vidros, de modo que podíamos olhar lá dentro.

- Quer ver que está fechado, disse Palombi e se abaixou para olhar. Eu também me abaixei. Então vimos um salão de cantina do interior, com poucas mesas e o balcão. As cadeiras estavam pousadas de cabeça para baixo sobre as mesas, e Itália, armada de uma vassoura, fazia a limpeza com agilidade, um pano em volta da cintura. Atrás do balcão, bem no fundo da sala, havia um corcunda. Já vi corcundas, mas como aquele nenhum. O rosto encaixado entre as mãos, a corcunda mais alta que a cabeça,olhava fixo para Itália com os grandes olhos escuros e biliosos. Ela varria com agilidade, depois o corcunda disse-lhe algo, sem se mexer, e então ela se aproximou,encostou a vassoura no balcão, pôs-lhe os braços em volta do pescoço e deu-lhe um beijo bem demorado. Depois, pegou a vassoura novamente, girando pela sala como se dançasse. O corcunda saiu do balcão para o meio da cantina: era um corcunda do mar, com as sandálias tripolitanas, as calças de pano azul, de pescador, anegaçadas e a camiseta decotada à robespierre. Aproximou-se da porta, e nós dois nos afastamos,como que com o mesmo pensamento. O corcunda

abriu a porta de vidro e por dentro desceu a porta de ferro.

Disse, para ocultar a perturbação:

- Quem iria dizer? e Palombi respondeu:

- Pois é, com uma amargura que me surpreendeu. Fomos à garagem, e passamos a noite consertando o caminhão e recarregando todas aquelas peles. Mas, de madrugada, descendo para Roma, pela primeira vez, pode-se dizer, desde que o conhecia, Palombi começou a falar:

- Viu só o que aquela bruxa da Itália me aprontou?

Eu disse espantado:

- O quê?

- Depois de tantas histórias, continuou ele devagar e obtuso, me apertando a mão o tempo inteiro enquanto iam para cima e para baixo e eu disse que queria casar com ela e, por assim dizer, estávamos noivos, viu só? Um corcunda.

Fiquei pasmo e não disse nada. Palombi recomeçou:

- Eu lhe dei presentes tão bonitos: corais, um lenço de seda, sapatos de verniz... estou dizendo a verdade, gostava dela e, depois, tinha sido feita para mim, aquela moça... ingrata, sem coração: é o que ela é...

Continuou assim um tempão, lento e como que falando sozinho, naquela luz amortecida do amanhecer, enquanto corríamos sacudindo a lataria em direção a Roma. Assim, não pude deixar de pensar, a Itália para economizar passagens do trem, enganara os dois. Me magoava ouvir Palombi falar, porque dizia as mesmas coisas que eu poderia ter dito, e depois porque, na boca dele que quase não sabia falar, essas coisas me pareciam ridículas. Tanto que, de repente, disse-lhe com brutalidade.

- Mas me deixe em paz com essa piranha... estou com sono. Ele, coitado, respondeu:

- Certas coisas, porém, fazem mal, e depois ficou quieto até Roma.

Depois, por muitos meses, continuei triste; a estrada para mim voltara

a ser o que era antes: sem começo nem fim, nada além de uma faixa amarga para engolir e cuspir duas vezes por dia.

O que, porém, me convenceu a mudar de profissão foi que Itália abriu uma cantina bem na estrada de Nápoles, com a placa “O recanto do caminhoneiros”. É, belo recanto, de se percorrer centenas de quilômetros para freqüentá-lo. Naturalmente nunca paramos ali, porém, assim do mesmo modo, ver Itália atrás do balcão e o corcunda passando-lhe os copos e as garrafas de cerveja, me fazia mal. Me mandei. O caminhão com a inscrição “Viva a Itália”, e Palombi na direção continua rodando.

O PENSADOR

No restaurante típico romano, aliás típico de Trastevere, “Marforio”, de início tudo correu bem. Eu tinha a cabeça vazia e sonora como aquelas conchas que se encontram a beira-mar e o bicho de dentro sabe-se lá há quanto tempo está morto e quando os fregueses me pediam: “Espagete ao molho” minha cabeça ecoava com fidelidade; e quando pediam “Sopa inglesa”, minha cabeça sempre ecoava “sopa inglesa” e nada mais. Em suma, não pensava em nada, era garçom tanto por dentro como por fora, tão garçom que à noite, quando estava pegando no sono, continuavam a me ressoar na cabeça os vários “espaguetes ao molho... sopa inglesa” que eu gravara durante o dia. Disse que tinha a cabeça vazia, mas talvez seria mais exato dizer que eu tinha a cabeça congelada, como a água de certos lagos da montanha que na primavera, ao sol, de gelo que era torna a ser água e um belo dia, recomeça a se mexer e a se encrespar ao vento. Afinal, vazia ou congelada que fosse minha cabeça, eu era um garçom perfeito, tanto que uma vez ouvi uma moça,

no restaurante, dizer a seu acompanhante, apontando para mim:

- Mas olhe aquele garçom ali que cara de garçom ele tem...aquele, por exemplo, só poderia ser garçom... nasceu garçom e morrerá garçom.

Qual seja a cara de um garçom, vale a pena saber. Provavelmente a cara de garçom é bem a cara que agrada aos fregueses: os quais não têm de ter cara de fregueses porque não têm de agradar a ninguém, enquanto que os garçons, se querem continuar sendo garçons, têm de ter cara de garçons. Chega, por um ano a fio não pensei em outra coisa e executei as ordens que me davam os fregueses. Mesmo quando um freguês mal-educado me gritava: - Você é bobo ou está se fazendo de tubo? minha cabeça ecoava com fidelidade:

- Você é bobo ou está se fazendo de bobo? e mais nada. No restaurante, é claro, o patrão estava satisfeito comigo. Tanto que quase sempre dizia aos outros:

- Não quero saber de histórias...sigam o exemplo do Alfredo... nem mais uma palavra... ele é o verdadeiro garçom.

Começou uma noite, igual ao gelo que, ao sol, se derrete e de novo vira água que se move e corre. Um freguês velho, mas prosa, de cabelo crespo e grisalho como se lhe tivessem salpicado neve na cabeça, com uma cara escura de bode, começou a me destratar, talvez para causar impressão na moça com quem estava, uma loirinha insignificante, datilógrafa ou modista.

Nunca estava contente e quando trouxe o prato que tinha pedido, pôs-se a insultar:

- Mas que droga é essa?... onde estamos? Não sei o que me segura, que não atiro tudo na sua cara. Estava errado, porque pedira rabo à vaccinara e rabo à vaccinara era o que tinha trazido. Dessa vez, porém, em vez de me limitar, como de costume, a ecoar as palavras dele, surpreendi-me dizendo: - Mas olhe só que cara de bode tem esse cornudo. Não era um pensamento de peso, reconhecimento, mas para mim era importante por ser a primeira vez que eu

pensava desde que servia no restaurante. Depois fui à cozinha, troquei os pratos, trouxe-lhe duas porções de carneiro à caçadora, e pensei de novo:

- Pronto... tomara que morra engasgado. Um segundo pensamento, como notará, também este não um pensamento de peso, mas, enfim, um pensamento.

Desde aquela noite comecei a pensar, quero dizer que comecei a fazer uma coisa e a pensar em outra que é então, acho, aquilo que se chama, justamente, pensar. Perguntava, por exemplo, me inclinando:

- Os senhores desejam?, e lá dentro de mim pensava:

- Mas olha aquele safado que pescoço comprido que ele tem. ∴ parece uma marreca.

- Ou então, dizia, solícito:

- Queijo, senhora?, e pensava, ao contrário,

- Você tem bigodinho, minha filha... pode descolorir mas dá para ver assim mesmo. A maior parte das vezes, porém, passavam pela minha cabeça ameaças, injúrias, palavrões, insultos:

- Cretino,tonto, morto de fome, que a sua língua fique seca, a mãe, e assim por diante. Era mais forte que eu, ferviam continuamente na cabeça, como feijões numa caçarola. Finalmente percebi que estava concluindo mentalmente as frases que dizia com a boca.

Por exemplo, perguntava:

- Gelo e limão?, e terminava dentro de mim:

- Na sua cara, bobão horroroso. Ou então, perguntava:

- O senhor conhece nossa especialidade? e completava:

- Comida ruim e conta salgada.

- Ora, de repente, descobri que não estava mais terminando essas frases com a cabeça, mas com os lábios,embora em tom mais baixo, aliás baixíssimo, de modo a não ser ouvido. Enfim, estava falando, ainda que com prudência. Então,recapitulando: primeiro eu não pensava em absoluto, depois

começara a pensar, e agora pensava em voz alta, ou seja, falava.

Lembro muito bem como foi a primeira vez que falei. Uma noite de sábado, veio sentar-se numa de minhas mesas um casal desses de sábado: ela devia ser uma daquelas, oxigenada, descarada, bonita, alta, toda pintada e perfumada; ele, um loirinho de cara vermelha, nariz pontudo, cabelos crespos, baixo com as costas bem largas, vestido de azul mas com sapatos amarelos.

Ela devia ser do Norte; ele falava com o “u” fechado, como falam em Viterbo. Ele pegou o cardápio como se fôsse uma declaração de guerra e olhou feio, para ela, um longo instante, sem se decidir. Em seguida pediu para si apenas comida substancial: espaguete à carbonara, carneiro com batatas, puntarelle e alicies. Ela, ao contrário, comida leve, delicada. Anotei os pedidos no bloquinho e me dirigi à cozinha. Mas, a caminho, não pude deixar de lançar-lhe uma olhada e percebi que meus lábios diziam num sussurro, mas claramente:

- Que cara de caipira. Ele, que continuava a estudar o cardápio, não percebeu; mas ela, de ouvido fino como todas as mulheres, estremeceu na cadeira e me fitou com olhos arregalados: tinha escutado. Fui à cozinha, gritei a plenos pulmões:

- Um consommé e um espaguete à carbonara, e em seguida voltei a ficar de prontidão junto à parede, a pouca distância deles. Agora ela ria, ria e ria, apertando o peito com a mão, com o rosto vermelho; e ele, ofendido, se inclinava para frente: devia estar perguntando por que ela ria, mas ela continuava a rir, sacudindo a cabeça e apertando o peito com a mão. Finalmente ela se acalmou um pouco, inclinou-se por sua vez, e disse alguma coisa apontando para mim. Ele se voltou e me encarou. Fingir os olhos para outro lugar e depois olhei de novo, e vi que ela recomeçou a rir e que ele me fitava, cabisbaixo, como um carneiro pronto para investir, com dois olhos terríveis. Finalmente me chamou: - Garçom. Ela parou de rir, e eu me aproximei sem pressa. Ao me aproximar, embora tivesse um pouco de medo,

não pude deixar de murmurar novamente, com convicção:

- Sim, cara de caipira mesmo. Depois me apresentei com um “às ordens”, e ele ergueu os olhos para mim e disse, ameaçador: - Garçom, agora há pouco você fez um comentário.

Fingi cair das nuvens.

- Comentário... não entendo.

- Sim, você emitiu um julgamento... a senhora ouviu.

- A senhora decerto ouviu mal

- A senhora ouviu muitíssimo bem.

- Não estou entendendo... talvez o senhor não queira mais os espaguetes... podemos trocar.

- Garçom, você fez um comentário e sabe disso...

- A essa altura, ela se inclinou e pediu:

- Olhe, é melhor deixar para lá.

- Ele, então disse:

- Chame o gerente.

- Inclinei-me e fui chamar o gerente. Este veio, escutou, falou, discutiu, enquanto ela continuava rindo, rindo e ele se tornava cada vez mais feio. Em seguida, o gerente veio ter comigo e me disse em voz baixa:

- Agora sirva-os e chega... mas, olhe, se aprontar outra dessa, está despedido.

- Mas eu...

- Chega... vai indo.

- Desse modo eu os servi, em silêncio, mas ela continuou rindo durante toda a refeição e ele quase não tocou na comida. Por fim, sem esperar pela fruta e sem deixar gorjeta, foram embora. Porém ela ainda continuou rindo até a saída.

Após aquela primeira vez, em lugar de me corrigir, piorei. Já então quase que não pensava mais: falava. Nos dias que havia pouca gente e os

garçons ficam de pé entre as mesas ou ao longo das paredes, ociosos, acontecia-me falar sozinho, ininterruptamente movendo os lábios, de modo que os outros percebiam e me diziam rindo:

- O quê está rezando? Está puxando o terço?

- Não, não estava rezando, não estava desfiando o terço, mas olhava para uma família de cinco pessoas, pai, mãe e três filhos pequenos, murmurava:

- Ele não quer gastar porque é pão- duro ou então porque não tem... mas ela é uma sonsa com a cabeça cheia de minhocas e só pediu comida cara; coisas fora da estação, lagosta, cogumelos, doce... ele estoura, mas se controla... Ela, malvada, sente prazer em vê-lo sofrendo... enquanto isso, as crianças fazem travessuras e ele passa um mau bocado.

- Ou então, examinava a cara de um freguês que tinha uma enorme verruga na testa... - deve ser uma sensação estranha tocá-la e senti-la tão enorme... e como faz, para pôr o chapéu?... Veste-o por cima do carço, ou então usa-o caído na nuca com o carço fora?

Falava, enfim, sozinho e, quanto mais falava sozinho, menos falava com os outros. No entanto, o patrão não me apontava mais como exemplo, aliás, me olhava torto. Acho que me considerava um tonto. Em suma, esperava a primeira ocasião para me mandar embora.

A ocasião chegou. Uma noite o restaurante estava meio vazio, a orquestra de Trastevere cantava “Anema e core” nas mesas desertas, eu me espreguiçava e bocejava diante de uma grande mesa reservada de dez lugares. Os fregueses que fizeram a reserva não tinham chegado ainda, porém, sabia quem eram e não esperava nada de bom. Ei-los, finalmente, entrando no salão fortemente iluminado, as mulheres em trajes de noite, não muito sóbrias, excitadss, falando alto, a cabeça virada para trás, os homens acompanhando, todos de azul- escuro, mãos nos bolsos, barriga empinada, flácidos e arrogantes. Era aquilo que se chama de gente boa, claro, ouvira um pilantra

dizer uma vez enquanto olhava:

- Viu só? Hoje bem gente boa

- De qualquer modo, bons ou maus que fossem, não me desciam por um monte de razões: a principal 6 que me tratavam com intimidade:

- Traz uma cadeira... me dá o cardápio... mexa-se, faça, vai, corre.

- Me tratavam desse jeito como se fôssemos irmãos e eu ao contrário, não me sentia irmão de ningum, muito menos deles. Tratavam, b verdade, todos assim, os outros garçons também e até o patrão, mas a mim, não me interessava, que fossem ter intimidades com o pai de todos, se quisessem, mas comigo não.

Pois bem, entraram, e, logo de início, começou a palhaçada dos lugares.

- Júlia fica ali, Fabricio aqui, Lourenço ao meu lado, Pedro vem cá, Joana entre nós dois, Marisa na cabeceira.

Finalmente, com a ajuda de Deus, todos encontraram seus lugares e então eu avancei, com o cardápio, e o entreguei àquele que estava na cabeceira, um gordo, careca, com olhar apagado, o nariz em bico e a papada branca e delicadaborrifada de talco.

Ele pegou o cardápio e pôs-se a examiná-lo, dizendo:

- Então, o que nos aconselha?

- Pensei que estava me tratando com intimidade e murmurei: - Morto de fome mas ele, por sorte, não me ouviu, por causa do alarido que agora os outros faziam se pegando por causa do menu. Um queria comer espaguete, outro antepasto, um queria as especialidades romanas e outro não, um queria vinho tinto e outro vinho branco. As mulheres, sobretudo, faziam uma barulheira do diabo como muitas galinhas catando piolho no poleiro antes de dormir. Não pude deixar de murmurar entredentes, enquanto me inclinava às suas costas:

- Mas olhe só que galinhas.

Deve ter-me ouvido, porque estremeceu e perguntou:

- O que disse?... galinhas?
- Sim, expliquei, temos galinhas ensopadas.
- Que galinha ensopada o quê gritou:
- Queremos comida romana: favá com toicinho, pagliata.
- Mas, afinal, o que é pagliata?
- Pagliata, disse o que estava lendo o cardápio.
- É o intestino do bezerro de leite que ainda não comeu capim, cozido com tudo o que tem dentro, ou seja com os excrementos...

Excrementos... uh, que horror.

- É o que vocês merecem, pensei, ou melhor, murmurei me inclinando.

Dessa vez ele escutou alguma coisa porque perguntou, quase incrédulo:

- O quê?
- Eu não falei nada.
- Você falou e disse alguma coisa, respondeu ele com firmeza, mas sem raiva. Enquanto isso, não sei como, fizera-se silêncio, não só naquela mesa, mas no restaurante também. Até a orquestra, por uma coincidência, parara de tocar. Nesse silêncio eu me ouvia dizer, em voz baixa, mas com clareza:

- E dá-lhe com essa intimidade... seu unha- de- fome.

De repente ele deu um pulo na cadeira, com violência inaudita:

- Unha- de- fome, eu... você sabe com quem está falando?
- Eu não disse nada.

- Unha- de- fome, eu... seu patife, sem-vergonha, canalha, agora você vai ver só. Enquanto isso tinha se levantado, me agarrava pela gola, e me atirava contra a parede. Os outros da mesa tinham se posto de pé eles também, um tentava apaziguar, e outro, por sua vez, avançava contra mim. O restaurante inteiro, então, olhava para a gente. Eu me esquentei e

disse,empurrando-o: “Eu não disse nada, tire as mãos.

- Ah, não disse nada. .

- Não disse nada?

- Não disse nada, repeti, desvencilhando-me. E depois, em voz mais baixa:

- Morto de fome.

Assim, pela segunda vez, a palavra escapara. Por sorte o gerente chegou correndo, dócil como um cachorrinho, deslizante como uma cobra.

- Desculpe, comendador... desculpe.

- O comendador, feito um carregador, berrava:

- Mas eu arrebento a cara dele. O gerente me puxou finalmente por um braço,dizendo:

- E você venha comigo.

Mais intimidades. Enquanto atravessávamos a sala, com as pessoas ficando de pé para nos enxergar melhor, não pude deixar de pensar em voz alta:

- Olha outro morto de fome que me vem com intimidade.

- Na hora, ele não disse nada; mas quando chegamos na cozinha, a portas fechadas, gritou na minha cara:

- Então você diz morto de fome para os fregueses... e depois ainda diz para mim?

- Mas eu não disse nada... morto de fome.

- Você insiste... mas morto de fome é você, meu caro... e você vai... você vai embora agora mesmo.

- Está bem... eu vou... morto de fome.

Em suma, meus lábios se mexiam contra minha vontade, sem que eu pudesse impedir. Achei-me no olho da rua protestando, quase em voz alta:

- Vêm com intimidades... como se fôssemos irmãos.. . e quem já os viu mais gordos?... por que não mantêm as devidas distâncias?

Naquele instante um guarda, vendo que eu falava sozinho aproximou-se e me interpelou:

- Andou bebendo, hein... como era? ... doce ou seco?... anda, circulando... aqui não se pode ficar.

- Mas quem bebeu?, protestei. E logo depois, a palavra saiu da minha boca, a mesma que me expulsara do “Marforio”. Gostaria de tê-la apanhado de novo como uma borboleta que foge do boné.

Pois bem, tinha escapado e agora não havia mais nada a fazer.

Resultado: detenção por desrespeito à autoridade, noite na cadeia, processo, condenação com a condicional. Saindo da prisão, dei-me conta de que minha cabeça estava congelada de novo. Aturdido, estava atravessando a rua na altura da ponte Vittorio quando um carro por pouco não me arrebenta. Não satisfeito, enquanto eu ainda tremia, o motorista se debruça e berra:

- Morto de sono

- Olhei ele se afastando enquanto minha cabeça ecoava com fidelidade, tal e qual um ano antes:

- Morto de sono... morto de sono... morto de sono.

MOSTRENGOS

Nunca se sabe muito bem quem se é, nem quem são aqueles que estão abaixo e aqueles que estão acima da gente. No que me diz respeito, eu exagerava no sentido de me considerar o pior de todos. É verdade que não nasci vaso de ferro; digamos que sou vaso de barro. Mas eu me considerava vaso de vidro, aliás decristal, e isso era excessivo. Deprimia-me. Quase sempre dizia a mim mesmo: passemos as qualidades em revista. Portanto, força física: zero, sou baixo, torto, raquítico, as pernas e os braços como dois palitos, uma aranha; inteligência, pouco mais que zero, a partir do momento em que, dentre tantas profissões, não consegui ir além de ajudante de cozinha do hotel; beleza: menos que zero, tenho o rosto estreito e amarelado, olhos cor de burro quando fuge, e um nariz que parece ter sido feito para uma cara duas vezes mais larga que a minha, grosso e comprido que parece seguir para baixo e depois, na ponta, se ergue para cima como um lagarto levantando o focinho. Outras qualidades, como coragem, presteza, encanto pessoal: melhor nem falar. É natural que com esses pensamentos me guardasse de fazer a corte às mulheres. A única de quem tentara me aproximar, uma camareira do hotel, me pusera no meu lugar com a palavra necessária: mostrengo. Por isso, aos poucos, convenci-me de que eu não valia nada e que o melhor para mim era ficar quieto, num cantinho, de modo a não fazer sombra a ninguém.

Quem passar nas primeiras horas da tarde pela rua atrás do hotel onde trabalho, verá uma fileira de janelas abertas rente ao chão, das quais sai um cheiro forte de lavagem de pratos.

Aguçando os olhos na escuridão, verá também montes e montes de pratos em pilhados até o teto, em cima das mesas e do mármore da pia.

Pois bem, aquele era meu cantinho, a esquina da vida que escolhera

para não dar na vista. Porém, fatalidade é fatalidade: esperaria qualquer coisa menos que bem naquele canto, quero dizer naquela cozinha, alguém viesse me surpreender, me colher como uma flor que está escondida no meio do mato. Foi Ida, a nova ajudante de cozinha que tomou o lugar de Judite que ficou grávida. Ida entre as mulheres era aquilo que eu era entre os homens: um mostrengo. Como eu, era baixa, torta, magrela, insignificante. Mas era agitada, inquieta, alegre, um diabo.

Logo nos tornamos amigos, porque ficávamos de pé diante dos mesmos pratos, da mesma água engordurada; e depois, aos poucos, ela me induziu a convidá-la um domingo para irmos juntos ao cinema. Convidei-a mais por gentileza, e fiquei surpreso quando, no escuro do cinema, ela pegou minha mão, fazendo escorregar seus cinco dedos entre os meus. Pensei num engano, tentei até desprender-me, mas ela me sussurrou para ficar quieto, que mal havia em estar de mãos dadas? Mais tarde, na saída, explicou-me que ela já tinha me notado há tempo, desde o dia, pode-se dizer, que fora admitida no hotel. Que desde então não fizera outra coisa senão pensar em mim. Que agora esperava que eu gostasse um pouco dela, porque ela, sem mim, não conseguia viver. Era a primeira vez que uma mulher apesar de ser uma mulher como Ida, me falava essas coisas e eu perdi a cabeça. Desse modo, respondi-lhe tudo aquilo que ela queria e muito mais.

Porém, restava em mim um espanto profundo, e embora ela continuasse repetindo que era louca por mim, não conseguia me convencer disso. Assim, nas outras vezes que saímos juntos, eu voltava quase sempre a insistir, um pouco pelo prazer de ouvi-la dizer e um pouco, também, por incredulidade:

- Mas diga-me, pode-se saber o que foi que você achou em mim? Como faz para me amar?

- Você acreditaria? Ida me agarrava o braço com as duas mãos, erguia para mim um rosto arrebatado, e me respondia:

- Te amo porque tem todas as qualidades... para mim você é a perfeição na terra.

Repetia, incrédulo:

- Todas qualidades? Olhe só, e eu que não sabia.

- Sim, todas... para começar, você é bonito. Me dava vontade de rir, confesso e dizia:

- Bonito eu? Mas você olhou direito para mim?

- Claro que olhei... não faço outra coisa.

- Mas e meu nariz? Você nunca viu meu nariz?

- É do nariz que eu gosto, respondia ela, e depois, prendendo meu nariz entre dois dedos e sacudindo-o como um sino. Nariz, nariz... não sei o que faria por este nariz. - Acrescentava, em seguida:

- E depois, você é inteligente.

- Inteligente, eu? Mas se todo mundo diz que eu sou burro.

- Diz por inveja, respondia ela com lógica feminina, mas você é inteligente, inteligentíssimo... quando fala, fico te ouvindo de boca aberta... é a pessoa mais inteligente que eu encontrei até agora.

- Não vai dizer, porém, eu recomeçava um instante depois, que sou forte... isso você não pode dizer. - E ela, espevitada:

- Sim, você é tão forte...tão, tão forte.

Essa era tão disparatada que por um momento eu ficava sem fala. Ela, então, retomava:

- E depois, se quer que eu diga, você tem um não sei quê, de que eu gosto muito.

Perguntava-lhe então:

- Posso saber que não sei quê é esse?

- Como te dizer, respondia ela, quem sabe será a voz, a expressão, o jeito como você se movimenta... é claro que ninguém faz com você.

- Naturalmente, durante um tempo não lhe dei crédito, e fazia ela me

repetir essas conversas, só porque me divertia confrontá-las com o que eu sempre pensara de mim mesmo. Mas, dá-lhe hoje, dá-lhe amanhã, comecei, confesso, a perder a cabeça. As vezes, dizia a mim mesmo:

- E se fosse verdade?

- Não que acreditasse realmente ser diferente, materialmente, daquilo que até então pensara ser. Mas a frase de Ida sobre o “não sei quê” me punha em dúvida. Naquela frase eu sentia, estava a expressão do mistério. Por causa daquele “não sei quê” como eu sabia, as mulheres gostavam dos corcundas, dos anões, dos velhos, até dos aleijados. Por que não devia gostar de mim que corcunda, anão, velho e aleijado não era?

Um dia daquele decidimos, Ida e eu, ir ver um circo que armara as tendas em frente da Passeggiata Archeologica. Estávamos ambos muito alegres; quando entramos na grande tenda do circo, nos lugares populares, sentamos, apertados um contra o outro, de braços dados. Ao meu lado havia uma enorme mulher loira, jovem e formosa e com ela, um lugar mais adiante, um rapazinho moreno, também ele grande e forte, tipo barqueiro ou esportista. Achei que formavam aquilo que se diz um belo casal; e depois não pensei mais neles e me ocupei somente com o circo. A arena coberta de areia amarela ainda estava vazia, mas no fundo havia um palco com uma orquestra de instrumentistas em uniformes vermelhos, inteira de metais e flautas, que não parava de tocar umas marchas de guerra.

Entraram, finalmente, quatro palhaços, dois anões e dois maiores, com as caras empoadas e com os calções caindo, deram tantas cambalhotas e fizeram tanta palhaçada, dando-se bofetões e pontapés, que Ida, de tanto rir, quase tinha acesso de tosse. Em seguida, a orquestra atacou uma marchinha ligeira e foi a vez dos cavalos, seis ao todo, três cinzentos malhados e três brancos, que se puseram a rodar em volta, bem mansos, enquanto o domador, no centro da arena, todo vestido de vermelho e ouro, fazia estalar um longo chicote. Uma mulher de saiotte de tule e meias brancas entrou em passo de

dança, agarrou-se com as mãos na sela de um dos cavalos e começou a montar e a desmontar na sela enquanto os cavalos rodavam, primeiro ao trote e depois ao galope. Saindo os cavalos, voltaram os palhaços dando encontrões e pontapés e depois apareceu uma família de trapezistas, pai, mãe e filho, os três vestidos de malha colante azul, os três musculosos, sobretudo o menino. Bateram as mãos e depois, hop, lá se foram trepando por uma corda comnós, até o teto do circo. Aí começaram a trocar de trapézios voadores, agarrando-se ora com as mãos e ora com os pés, e atirando o menino feito uma bola.

Eu disse a Ida, cheio de admiração:

- Olhe, eu gostaria de ser um trapezista...gostaria de me atirar no vazio e depois agarrar o trapézio com as pernas.

Ida, como de costume, estreitou-se contra mim, respondendo em tom de adoração:

- É questão de treino... até se você treinasse, conseguiria.

A mulher loira nos fitou, e em seguida disse algo em voz baixa ao companheiro e ambos puseram-se a rir. Depois dos trapezistas, foi a vez da atração principal: os leões. Entraram muitos jovens de casaco vermelho e enrolaram o tapete que servira para os trapezistas. Ao tirá-lo, embrulharam, sem perceber, um palhaço; e de novo, Ida, vendo despontar aquela cara empoada fora do rolo do tapete, quase caiu da poltrona de tanto rir. Rápidos, os moços montaram no meio da arena uma grande jaula toda niquelada e depois, ao rufar dos tambores, por uma portinhola, aparece a cabeçona loira do primeiro leão. Entraram cinco ao todo, mais uma leoa que parecia bem brava e foi logo rugindo. Por último veio o domador, um homenzinho garboso e cerimonioso, de casaca verde com passamanaria dourada, que começou a se inclinar para o público, agitando numa das mãos um chicotinho de cavalaria e na outra um bastão com um gancho, igual àqueles com que se puxam as portas de ferro das lojas. Os leões vagavam à sua volta, rugindo; ele se

inclinava, calmo e sorridente, finalmente, virou-se para os leões e, a golpes de ganchos no traseiro, obrigou-os a subir, um após o outro, nuns banquinhos bem pequenos dispostos em fila no fundo da jaula. Os leões acorados, pobres bichos, naqueles banquinhos de gato, rugiam mostrando os dentes, alguns, quando o domador lhes n'issavarente. esticavam uma patada que ele evitava com uma pirueta.

- Agora o comem, sussurrou-me Ida, apertando meu braço. Houve um rufar de tambores, o domador se aproximara de um leão mais velho que os outros, que parecia morto de sono e não rugia, abriu-lhe a boca, e enfiou nela a cabeça, três vezes em seguida.

Eu então disse a Ida, enquanto estouravam os aplausos:

- Você não acreditaria... mas eu seria capaz de entrar naquela jaula e enfiar eu também a cabeça na boca do leão.

E ela cheia de admiração, apertando-se contra mim:

- Sei que você seria capaz

A essas palavras, a mulher loira e o moço esportista desataram a rir, olhando-nos com intenção. Dessa vez não podíamos ignorar que estavam rindo de nós, e Ida, ofendida, murmurou.

- Estão rindo da gente... por que você não diz para eles que são mal-educados?

Mas naquela hora soou uma campainha e todos se levantaram, enquanto os leões iam saindo, cabisbaixos, pela mesma portinhola. A primeira parte do espetáculo tinha acabado.

Sáímos do circo e aqueles dois caminhavam à nossa frente; Ida, furiosa, não parava de me sussurrar:

- Deve dizer a eles que são mal-educados... se não disser, você é um covarde, e eu, ferido no amor próprio, decidi enfrentá-los. Fora do circo, na parte de trás da tenda, havia um barracão, onde, pagando, podia-se visitar o zôo do circo: uma fileira de jaulas de um lado, com os animais ferozes, e do

outro, na palha, em liberdade, os animais domésticos, ou seja, zebras, elefantes, cães. Esse barracão estava quase escuro e, quando entramos, avistamos na penumbra aqueles dois que estavam observando a jaula do urso. A mulher loira se esticava para olhar o urso que estava enrodilhado ali, dormindo na santa paz, as costas peludas contra as grades, e o homem a amparava por um braço.

Fui direto até ele e com voz firme disse-lhe:

- Diz aí... por acaso estava rindo da gente?

Ele mal se virou e respondeu sem hesitar:

- Não, estávamos rindo de um sapo que queria bancar um boi.

- E o sapo seria eu?

- A primeira galinha que canta é a que bota o ovo.

Ida me empurrava com uma das mãos pelo braço e eu erguendo a voz, respondi:

- Sabe o que o senhor é? um ignorante e um caipira.

Ele retrucou, com brutalidade:

- Ah, é, desde quando as pulgas tosem?

Aí, a mulher pôs-se a rir e então Ida, enfurecida, interveio dizendo-lhe:

- Não há do que rir... e depois, ao invés de rir, vê se não fica se esfregando no meu marido... pensa que eu não vi... ficou se esfregando nele com o braço o tempo inteiro.

Fiquei surpreso porque não tinha percebido: no máximo, estando próxima, ela, quem sabe, tinha me tocado com o cotovelo. A mulher, de fato, respondeu, indignada:

- Minha filha, você é boba...

- Não, não sou boba, vi você se esfregando.

- Qual é, acha que vou ligar para um mostrengo como seu marido?

-agora falava com desprezo:

- Se quisesse me esfregar, me esfregaria num homem de verdade...

olhe aqui um homem de verdade. - Assim dizendo pegou o braço do amigo como se pega um presunto na casa de frios para mostrá-lo a um freguês.

- Olhe aqui o braço em que me esfregaria... olha que músculos. .. Olha como é forte.

O homem, por sua vez, se aproximou de mim e disse ameaçador:

- Agora chega... vão indo... será melhor para vocês.

- Mas quem disse? - gritei exasperado, erguendo-me na ponta dos pés para ficar na altura dele.

Vou me lembrar da cena que se seguiu enquanto viver. A minha frase ele não disse nada, mas de repente, me pegou por debaixo dos braços e me suspendeu no ar como uma pluma. Do outro lado das jaulas, como eu disse, sobre um leito de palha, ficavam os animais domésticos. Bem atrás de nós, achava-se uma família de elefantes, pai, mãe e filho, esse último um pouco menor mas tão grande quanto um cavalo. Estavam à sombra, coitados, as orelhas e a tromba pendentes, com as costas escuras apertadas umas contra as outras. Aquele bandido, então, me levanta e repentinamente me põe na garupa do elefante menor. O bicho acha que talvez tenha chegado a hora de se apresentar no circo e desata num trote miúdo, comigo na garupa pelo corredor, ao longo das jaulas. Todo mundo foge, Ida corre atrás de mim berrando, e eu, escarranchado em cima do elefantinho, após ter tentado em vão agarrar suas orelhas, chegando ao fim do corredor, escorrego e caio no chão, batendo a parte de trás da cabeça. O que aconteceu em seguida não sei, porque desmaiei, e quando voltei a mim estava no pronto-socorro, com Ida sentada a meu lado, apertando a minha mão. Mais tarde, logo que me senti melhor, voltamos para casa sem ver a segunda parte do espetáculo.

No dia seguinte disse a Ida:

- A culpa é sua... você me virou a cabeça fazendo acreditar que eu era sei lá quem... porém, aquela mulher disse a verdade: não passo de um mostrengo.

Mas Ida, pegando meu braço e fitando-me:

- Você esteve ótimo... ele ficou com medo e por isso te pôs em cima do elefante... e depois, cavalcando o elefante você estava tão bonito... pena que tenha caído.

Assim não havia nada a fazer. Para ela eu era uma coisa e para os outros eu era outra. Mas pode-se saber o que vêem as mulheres quando amam?

Subindo a escadaria do palácio, Antonio, o mordomo, me avisou:

- Não tenha a ilusão de sair ganhando muito com a princesa porque é avarenta de não se acreditar... desde que o marido morreu, então, deu-lhe a paixão de cuidar da administração e tira o sossego de qualquer um.

- Mas e aí, é velha? - perguntei à toa.

- Velha ela? É moça e bonita... deve ter uns vinte e cinco anos... vendo parece um anjo... eh, as aparências enganam.

Respondi:

- Bom, pode até ser um diabo, mas eu só quero aquilo que me é devido... sou corretor, a princesa tem um apartamento para vender, eu vendo para ela, pego a porcentagem e tchau mesmo.

- Ei, não é tão simples... fará você cuspir sangue...espere que vou avisá-la.

Deixou-me no hall e foi avisar a princesa que ele tratava de “excelência”, como se fosse um homem. Esperei um bocado naquele hall gelado de frio, bem de palácio antigo, com as paredes cobertas de tapeçarias e a abóbada com afrescos.

Finalmente Antonio veio me informar que sua excelência estava à minha espera. Atravessamos uma fileira de salões e depois,num salão maior que os outros, no vão de uma janela, vi uma escrivaninha e ela que estava ali sentada, escrevendo. Antonio se aproximou, com respeito, dizendo-lhe:

- O senhor Proietti, excelência - e ela respondeu:

- Então entre, Proietti -sem erguer os olhos. Quando me aproximei, pude examiná-la à vontade e logo precisei reconhecer que Antonio não havia exagerado comparando-a com um anjo. Tinha um rosto miúdo, branco, delicado, doce, com cabelos pretos e uns longos cílios negros que lhe sombreavam as faces. O nariz um tanto arrebitado, era fino, transparente, como que acostumado só a perfumes. A boca era pequena, com o lábio superior mais grosso, igual a uma rosa. Abaixei o olhar para o resto da pessoa: estava vestida de preto, com um casaco apertado, tinha os quadris e o peito largos e uma cintura de vespa, de se enlaçar com as duas mãos. Escrevia: a mão era branca, magra, elegante, com um brilhante no indicador. Em seguida, ergueu os olhos para mim e vi que eram belíssimos: enormes, escuros, aveludados e líquidos ao mesmo tempo. Disse:

- Então, Proietti, vamos ver o apartamento

Tinha uma voz doce, acariciante. Balbuciei:

- Sim, princesa.

- Venha, Proietti, por aqui - disse ela, pegando uma grande chave de ferro.

Tornamos a atravessar todos aqueles salões, no hall ela disse a Antonio que corria para abrir-lhe a porta:

- Antonio, diga aos lá de baixo, do aquecimento, que não ponham mais carvão...aqui dentro está se sufocando de calor - e eu me admirei porque o hall estava gelado e também os outros aposentos.

Fomos pela escadaria, ela na frente e eu atrás, e enquanto me precedia pude ver que tinha também um porte belíssimo: alta,delgada, com as pernas retas e aquele vestido preto que fazia ressaltar a brancura da nuca e das mãos. Subimos duas rampas da escadaria, em seguida dois lances de uma escada de serviço e finalmente, no fundo de um sótão, demos com a escada em caracol, de ferro, que conduzia ao apartamento. Ela foi subindo pela escadinha e eu fui atrás, baixando os olhos, porque sabia que poderia

olhar suas pernas e não queria e já a respeitava como uma mulher que se ama. Entramos no apartamento que consistia, como logo vi, em dois salões com o piso de lajotas e as janelas gradeadas, abertas em cima, embaixo do teto. Um terceiro quarto, de forma circular, aproveitando um mirante, dava com uma portajanela para um balcão com balaustrada, suspenso sobre um grande telhado de telhas castanhas. Ela abriu a porta- janela e saiu no balcão, dizendo:

- Venha, Proietti, veja que panorama. Realmente a vista era bonita: daquele balcão se descortinava Roma inteira, com muitos telhados, cúpulas e campanários. Fazia um dia bom e, no fundo do céu azul, entre um telhado e outro, podia-se ver até a cúpula de São Pedro. Olhava embasbacado o panorama, mas na realidade quase não via e só pensava nela, como em algo que me preocupava e que não podia esquecer.

Ela, entretanto, tinha entrado novamente; e eu me virei, perguntando mecanicamente,

- E as demais dependências?
- O banheiro, quer dizer?... Aqui está.

Foi até uma portinha em que eu não tinha reparado e me mostrou um cômodo sem luz, baixo e retangular, em que tinha adaptado o banheiro. A primeira vista pude ver que as louças eram bem baratas, coisa de casa popular. Ela fechou novamente a porta do banheiro e pondo-se no meio do salão, as mãos nos bolsos do casaco, perguntou:

- Então, Proietti, quanto acha que podemos pedir?

Estava tão preocupado com sua beleza e com o fato conturbador de encontrar-me a sós com ela naquela água- furtada, que por um instante não respondi nada, fiquei olhando. Ela talvez se tenha dado conta do que me passava pela cabeça, porque, batendo no chão o pé pequeno e nervoso, acrescentou:

- Pode-se saber em que está pensando?

Respondi depressa:

- Estava fazendo um cálculo... são três cômodos... mas não há elevador e quem comprar precisará fazer reformas... digamos três milhões e meio.

- Mas Proietti - exclamou logo, erguendo a voz - , Proietti, eu queria pedir sete milhões.

Digo a verdade, por um momento fiquei aturdido. Essa combinação de beleza e de especulação me desconcertava.

Balbuciei finalmente:

- Princesa, por sete milhões, ninguém compra.

- Mas isso não são os Parioli... este é um palácio histórico... é o centro de Roma.

Enfim, discutimos por um bom tempo, ela de pé no meio da sala, e eu a uma boa distância, para não cair em tentação. Falava e falava, mas na realidade só estava pensando nela, e, na falta de melhor, devorava-a com os olhos. Por fim, muito a contragosto, deixou-se convencer por quatro milhões, que já era uma soma elevada. Realmente, calculando em um milhão as reformas que precisavam ser feitas, incluindo as taxas e o resto, o apartamento para o comprador acabaria custando quase seis milhões. Eu, que já tinha o cliente, disse-lhe que era negócio fechado e fui embora.

No dia seguinte, apresentei-me no palácio com um jovem arquiteto que estava à procura justamente de algo pitoresco e excepcional. A princesa pegou sua chave e nos mostrou o apartamento. O arquiteto discutiu um pouco sobre o preço, mas acabou aceitando a somajá fixada: quatro milhões.

Porém na manhã seguinte, logo cedo, não deveria nem ser oito horas, minha mulher veio me acordar, dizendo-me que a princesa estava ao telefone. De sono eu quase não enxergava nada; ainda assim a voz dela, doce e fina, falando comigo, pareceu-me uma música. Escutei essa música de pijama, descalço no chão, enquanto minha mulher se ajoelhava para me calçar os

chinelos,e depois me jogava um robe nos ombros. Entendi pouco ou nada mas, entre muitas palavras, duas de repente, me tocaram: - Cinco milhões...

Disse logo:

- Princesa, assumimos um compromisso de quatro milhões... não podemos voltar atrás...

- Nos negócios não existem compromissos... cinco milhões ou nada.

- Mas, princesa, o sujeito vai furar...

- Não se faça de besta, Proietti... cinco milhões ou nada.

- Digo a verdade, a palavra “besta”, pronunciada por aquela voz, não me pareceu nem vulgar, nem injuriosa: quase um cumprimento. Disse que faria como ela queria e logo depois telefonei ao cliente comunicando a novidade. Ouvi ele exclamar no ato, na outra ponta do fio.

- Vocês estão brincando: um milhão a mais da noite para o dia.

- O que se vai fazer... essas são as ordens.

- Pois bem, verei, vou pensar

- Então o senhor me fará saber...

- Sim, vou pensar, vou ver.

Moral da história: não deu mais as caras. Começou então, por assim dizer, o período mais íntimo de minhas relações com a princesa. Ela me ligava em média três vezes por dia e eu, cada vez que minha mulher gritava com ironia:

- É a princesa de sempre - , me perturbava como se fosse um telefonema de amor.

Sim, que amor que nada. Era apegada ao dinheiro de não se acreditar, interesseira, avarenta, cabeçuda e esperta, pior que um usurário. É preciso dizer que no lugar do coração tinha um cofre: só vivia e só pensava em dinheiro. Todo dia, ao telefone, inventava uma novidade para aumentar o preço, ainda que fosse uma ninharia, cinco ou dez mil liras. Hoje era o banheiro no qual era preciso incluir o pagamento do funileiro, amanhã o panorama, um

outro dia o fato de que o ônibus parava justamente diante do portão do palácio e assim por diante. Mas eu me mantinha firme na cifra de cinco milhões que já era enorme, tanto é verdade que os compradores, mal a ouviam, não apareciam mais. Finalmente, por um feliz acaso, encontrei o interessado: um milanês, um industrial, que no apartamento queria instalar uma sua manteúda. Era homem despachado e prático que conhecia o mercado e o valor do dinheiro: de meia-idade, alto, com a cara comprida e morena e a boca cheia de dentes de ouro.

Veio ver o apartamento, examinou com cuidado cada coisa e depois disse à princesa, sem muita cerimônia:

- É uma ratoeira, em Milão colocaríamos os tanques para lavar roupa... vale cinco milhões tanto quanto eu sou turco... quando fizer as obras necessárias, como reformar o piso e as fechaduras, abrir as janelas, trocar essa droga, e apontou as louças do banheiro, vai me custar sete ou oito milhões... não importa... a lei do mercado é regulada pela oferta e pela procura... a senhora encontrou a pessoa que precisa desse apartamento portanto a senhora está com a razão.

Porém ele fez mal em ter feito esse discurso, franco e brutal, de homem de negócio. Porque ela, mal ele se foi, me disse desolada:

- Proietti, cometemos um erro enorme.
- Qual?
- Pedir só cinco milhões... esse aí pagava até sete.

Respondi:

- Princesa, receio que a senhora não compreendeu o tipo: aquele é um homem cheio de dinheiro, é verdade, deve até gostar da amante, não discuto; porém mais que aquilo ele não dá.

- O senhor não sabe o que um homem pode fazer pela mulher que ama - , disse ela me olhando com aqueles belíssimos olhos em que só havia interesse e dinheiro. Fiquei confuso e respondi:

- Pode ser... mas eu estou convencido do contrário.

Basta, no dia seguinte o milanês apareceu no palácio com seu advogado e a princesa, logo que nos sentamos, foi dizendo:

- Senhor Casiraghi, sinto muito... mas pensando melhor não posso mais oferecer o apartamento pelo preço de ontem.

- Significa?

- Significa que serão necessários seis milhões.

Precisava ver o Casiraghi. Com muita simplicidade levantou-se e disse:

- Princesa, tenho o prazer e a honra de apresentar-lhe meus cumprimentos - , inclinou-se e saiu. Eu disse, logo que ele desapareceu:

- Viu só? Quem tinha razão?

Mas ela, nem um pouco desconcertada:

- Vai ver que encontraremos o comprador mesmo a seis.

Gostaria de mandá-la ao diabo, porém, infelizmente, eu estava apaixonado. Talvez justamente por estar apaixonado, não reparei na extravagância do comprador que, por cinco milhões e meio encontrei dali a alguns dias. Ante a soma, realmente alta, não bufou. Era um senhor do campo, um rapagão alto e grande que parecia um urso, de nome Pandolfi. Logo de cara me foi antipático, como que por um pressentimento. Quando o apresentei à princesa, vi logo porque não protestava contra o preço. Ao mesmo tempo, pelo que parece, tinham um monte de amigos em comum. E depois ele a olhava de um certo jeito que não deixava dúvidas. Examinamos, como de costume, os três aposentos e o banheiro e daí ela abriu a porta- janela e saiu com ele no balcão para mostrar-lhe a paisagem. Eu permanecera afastado na sala, assim pude observá-los. Apoiavam ambos as mãos na balaustrada e então vi a mão dele se aproximar como que por acaso da dela e depois sobrepor-se, cobrindo-a.

Comecei a contar, devagar e cheguei até vinte. Vinte segundos de

esfregação, parece nada, mas experimente contar. Aos vinte, ela, com naturalidade, tirou a mão e voltou à sala.

Ele disse, em resumo, que o apartamento lhe convinha e se foi. Ficamos a sós e ela, descarada, disse:

- Viu só, Proietti? Cinco milhões e meio... mas vamos subir.

Na manhã seguinte voltei à casa dela que me esperava, como de costume, sentada à escrivaninha, no salão. Disse-me, toda agitada:

- Sabe, Proietti, o que eu descobri ontem enquanto olhava o panorama com aquele seu cliente?

Gostaria de responder:

- Que está apaixonado pela senhora - , mas me controlei. Ela continuou:

- Descobri que num ângulo dá para ver um bom pedaço de Villa Borghese. Proietti, é preciso bater o ferro até que es quente... hoje vamos pedir ao Senhor Pandolfi seis milhões e meio.

- Viu só? Sabia que Pandolfi estava apaixonado por ela e queria especular em cima. Por aqueles vinte segundos que ficaram de mãos dadas, agora ela o fazia pagar um milhão ao todo, cinqüenta mil liras por segundo. Que apetite. Mas dessa vez vi que obteria a soma e, de repente, senti ao mesmo tempo raiva, ciúme e desgosto. Tinha sido corretor de um negócio, até o momento; mas agora ela me fazia virar corretor de uma relação amorosa. Antes mesmo que eu pudesse me dar conta, disse com força:

- Princesa, sou corretor, não alcoviteiro - e, com o rosto vermelho, saí correndo. Ouvi ela dizer, nada ofendida:

- Mas o que lhe deu, Proietti? - e aquela foi a última vez que ouvi aquela voz tão doce.

Meses mais tarde encontrei Antonio, o mordomo, e perguntei:

- E a princesa?

- Vai se casar.

- Com quem? Aposto que vai se casar com Pandolfi que lhe comprou o ático.

- Que Pandolfi que nada... vai se casar com um príncipe meridional, velho gagá, que poderia ser avô dela... porém, rico, diz que é dono de meia Calábria... em suma, o rio corre para o mar.

- Continua bonita?

- Um anjo.

O NENE

Aquela boa senhora que vinha nos trazer os auxílios do Socorro de Roma e nos perguntava, ela também, porque púnhamos tantos filhos no mundo, minha mulher, que nesse dia estava indisposta, disse a verdade:

- Se tivéssemos dinheiro, à noite iríamos ao cinema... como porém não há dinheiro, vamos para a cama, e assim nascem os filhos.

- A dona, ao ouvir isso, ficou semjeito e foi embora sem abrir a boca. Eu ralhei com minha mulher porque nem sempre é bom falar a verdade, e antes de dizê-la é preciso saber com quem se está tratando.

Quando era moço e não tinha casado ainda, quase sempre me divertia lendo no jornal a página policial de Roma, onde são contadas todas as

desgraças que podem acontecer às pessoas, ou seja, furtos, homicídios, suicídios, acidentes rodoviários. E dentre todas essas desgraças, a única que eu achava impossível de me acontecer era tornar-me aquilo que o jornal chamava de um “caso de dar pena”; ou seja, uma pessoa tão desgraçada a ponto de causar compaixão sem necessidade de qualquer desgraça em particular, assim pelo simples fato de existir. Era moço, como estava dizendo, e ainda não sabia o que significava sustentar uma família numerosa. Mas hoje, com espanto, vejo que aos poucos me transformei justamente num “caso de dar pena”. Lia, por exemplo: “vivem na miséria negra”. Pois bem, hoje eu vivo na mais negra miséria. Ou então: “moram numa casa que de casa só tem o nome.” Pois bem, eu moro em Tormarancio, com minha mulher e seis filhos num quarto que ao todo é uma fileira de colchões e, quando chove, a água vai e vem nas bermas de Ripetta. Ou ainda: a desgraçada, ao saber que estava grávida, tomou uma decisão criminoso, desfazer-se do fruto de seu amor. Pois bem, tomamos essa decisão de comum acordo, minha mulher e eu, quando descobrimos que estava grávida pela sétima vez. Decidimos, enfim, logo que o tempo permitisse, abandonar a criatura numa igreja, entregando-a à caridade do primeiro que a encontrasse.

Minha mulher, sempre por intermédio daquelas boas senhoras, foi parir no hospital e depois, logo que se sentiu melhor, voltou a Tormarancio com o nenê. Entrando no quarto disse:

- Mas sabe que, apesar do hospital ser um hospital, eu ficaria lá só para não ter de voltar mais aqui?

- O nenê, então, a essas palavras, como se as tivesse entendido, abriu um berreiro daqueles. Era um menino bonito e robusto e tinha uma voz forte, tanto que de noite, quando acordava e começava a chorar, não deixava mais ninguém dormir.

Quando chegou maio, com o tempo já quente o suficiente para se ficar ao ar livre sem casaco, saímos de Tormarancio para ir a Roma. Minha mulher

segurava o nenê apertado contra o peito, embrulhado num monte de trapos, como se tivesse que deixá-lo num campo de neve, e quando chegamos à cidade, talvez para não demonstrar que lhe desagradava, pôs-se a falar sem parar afobada e ofegante, os cabelos ao vento, os olhos saltando do rosto. Uma hora falava das várias igrejas em que podíamos deixá-lo e me explicava que devia ser uma igreja onde aparecessem pessoas ricas, porque, se o nenê fosse recolhido por alguém pobre como nós, era melhor que ficasse com a gente; outra hora me dizia que queria a igreja que fosse consagrada a Nossa Senhora, porque Nossa Senhora também tinha tido um filho e podia entender certas coisas e assim atenderia seu desejo.

Esse jeito de falar me cansava e me deixava agitado, tanto mais que eu também estava mal e não me agradava fazer o que estava fazendo; mas repetia-me que devia manter a cabeça no lugar, mostrar-me calmo e dar-lhe coragem. Fiz algumas objeções, só para interromper aquela torrente de palavras, e depois disse:

- Tive uma idéia... e se o deixássemos em São Pedro?
- Ela ficou incerta por um instante e depois respondeu:
- Não, aquilo é uma praça de armas... nem o veriam... quero ver uma igreja pequena que fica na via Condotti onde estão todas aquelas lojas bonitas... ali aparece tanta gente rica... aquele é o lugar.

Tomamos o ônibus e, no meio das pessoas, ela se acalmou. De vez em quando tornava a enrolar mais apertado o nenê em sua coberta, ou então descobria com cuidado seu rosto para olhá-lo. O nenê dormia, o rosto branco e vermelho afundado nos trapos.

Estava mal-vestido, como nós, de bonito só tinha as luvinhas de lã azul e, de fato, ficava com as mãos de fora, bem abertas, como que para mostrá-las. Descemos no largo Goldoni elogiando minha mulher voltou a matraquear. Deteve-se diante de um ourives e mostrando-me as joias expostas nas prateleiras de veludo vermelho, disse:

- Olha que beleza... as pessoas vêm aqui nesta rua só para comprar jóias e outras coisas bonitas... um pobre não vem aqui... entre uma loja e outra, vão até a igreja um pouco... são gente bem... vêem o nenê e o pegam.

- Dizia essas coisas olhando para as jóias, o menino apertado ao peito, os olhos arregalados, como que falando consigo mesma; e eu não ousei contradizê-la. Entramos na igreja. Era pequena, toda pintada, imitando mármore amarelo, com muitas capelinhas e o altar-mor; e minha mulher disse que se lembrava dela diferente e que, agora, vendo-a novamente, não gostava mais. Porém molhou os dedos na água benta e fez o sinal da cruz. Em seguida, com o nenê no colo, começou a dar uma volta lentamente pela igreja, examinando-a com ar desconfiado. Da cúpula, através das clarabóias, descia uma luz fria mas clara; minha mulher ia de uma capelinha a outra, examinando tudo, os bancos, os altares, as imagens para ver se era o caso de largar o nenê ali; e eu a seguia à distância sem perder de vista a entrada. Entrou de repente uma mocinha alta, vestida de vermelho, de cabelos loiros como ouro. Forçou a saia justa, ajoelhou-se, rezou nem mesmo um minuto, persignou-se e saiu sem olhar para a gente. Minha mulher que acompanhava a cena, disse repentinamente: “Não, não dá... aqui aparece gente como aquela moça, que tem pressa de se divertir e de bater pernas pelas lojas... vamos embora”.

Assim dizendo, saiu da igreja.

Subimos um pedaço do Corso, sempre correndo, minha mulher na frente e eu atrás; e a caminho da praça Venezia entramos noutra igreja. Esta era muito maior que a primeira, quase que totalmente no escuro, cheia de drapejos, de dourados e de vitrinas atulhadas de copas de prata que brilhavam na obscuridade. Havia um bocado de gente e assim, por cima, julguei que deviam ser pessoas abastadas, as senhoras de chapóu, os homens bem vestidos. Um padre pregava e gesticulava do púlpito; todos estavam em pé, olhando para ele; e eu achei que isso era uma coisa boa, porque ninguém nos observaria.

Disse à minha mulher, a meia-voz:

- Vamos tentar deixá-lo aqui? e ela fez que sim. Fomos até uma capela lateral, muito escura; não havia ninguém e quase não dava para enxergar; minha mulher cobriu o rosto do nenê com a ponta da coberta em que estava embrulhado e depois colocou-o num banco, como quem descansa um pacote, para se ficar mais à vontade. Em seguida, ajoelhou-se e rezou durante um bom tempo, o rosto entre as mãos, enquanto eu, não sabendo o que fazer, olhava as centenas de copas de prata de todos os tamanhos que forravam as paredes da capela. Finalmente minha mulher levantou, com um rosto compenetrado, persignou-se e, bem devagarinho, se afastou da capela, seguida à distância por mim. O padre em seu sermão, naquele instante, berrava:

- E Jesus disse: Pedro, onde vais? e eu prestei atenção porque pareceu-me que estivesse perguntando a mim. Porém, quando minha mulher foi puxar a almofada da porta, uma voz fez a gente dar um pulo:

- Dona, a senhora deixou um embrulho em cima do banco.” Era uma mulher vestida de preto, uma daquelas carolas que passam o dia entre a igreja e a sacristia.

- Ah, é mesmo - disse minha mulher -, obrigada... tinha-me esquecido.

Em suma, tornamos a pegar o pacote e saímos da igreja mais mortos que vivos.

Fora da igreja, minha mulher disse:

- Ninguém quer esse coitadinho do meu filho, um pouco como um vendedor que, tendo calculado uma saída rápida da mercadoria não encontra ninguém no mercado que a compre. Entretanto, já se pusera a correr novamente daquele seu jeito afobado, quase sem encostar os pés no chão. Desembocamos na praça Santi Apostoli; a igreja estava aberta; e, quando entramos, vendo que era grande, espaçosa e na penumbra, minha mulher sussurrou:

- Isto é o que precisamos. Com decisão caminhou até uma das capelas

laterais, pôs o nenê em cima de um banco e, como se o chão estivesse queimando a sola de seus pés, sem se persignar, sem rezar, sem nem mesmo dar-lhe um beijo na testa, afastou-se depressa para o portal de entrada. Porém, tinha dado só alguns passos quando na igreja inteira ouviu-se um choro desesperado: era hora de mamar e o nenê, pontual, chorava porque estava com fome. Minha mulher como que perdeu a cabeça ante aquele choro tão forte: primeiro correu até a porta, depois voltou atrás, sempre correndo e, sem se preocupar com o lugar, sentou num banco, pegou o nenê no colo e desabotoou-se para dar-lhe o peito. Mal tinha tirado o seio para fora e o nenê, feito um lobo, logo tinha se acalmado, agarrando-o com as duas mãos, quando uma voz grosseira começou a gritar:

- Não se fazem essas coisas na casa de Deus... sai, sai... vá pra rua.

- Era o sacristão, um velhote de barbicha branca e voz poderosa.

Minha mulher disse, levantando e recobrando ao máximo a cabeça do nenê e o peito:

- Nossa Senhora porém, nos quadros está sempre com o menino no colo.

- E ele:

- E você, querendo se comparar com Nossa Senhora, sua presunçosa.

- Chega. Saímos dessa igreja também, e fomos sentar no jardim da praça Venezia; e ali minha mulher deu de mamar ao nenê até que ficou satisfeito, e adormeceu novamente.

Já anoitecera então, as igrejas se fecharam e nós estávamos cansados, aturdidos e incapazes de ter qualquer idéia. Só de pensar em fazer tanto esforço para algo que não deveria fazer, eu já me sentia mal; aí disse a minha mulher:

- Ouça, é tarde, e eu não aguento mais, vamos resolver de uma vez.

- Ela respondeu, azeda:

- Mas é o teu sangue... você quer abandoná-lo assim, num cantinho

como se abandona um pacotinho de tripa para os gatos?

Eu disse:

- Isso não, mas certas coisas ou se fazem logo e sem pensar, ou então não se fazem mais.

- Eu disse:

- A verdade é que você tem medo de que eu pense melhor e volte para casa com ele... vocês homens são todos uns covardes. Eu vi que naquele momento não devia contradizê-la e respondi com jeito:

- Estou te entendendo...

Não tenha medo... mas pense bem, por pior que possa lhe acontecer, será sempre melhor do que crescer em Tormarancio, num quarto sem latrina e sem cozinha, entre baratas no Inverno e moscas no verão.

- Ela, dessa vez, não disse nada.

Sem saber aonde íamos, pegamos pela rua Nazionale, subindo até a Torre de Nerone. Pouco mais adiante, vi uma ladeirinha completamente deserta, com um carro cinza, fechado, parado diante de um portão. Tive uma inspiração, fui até o carro, experimentei a maçaneta e a porta se abriu. Disse a minha mulher:

- Rápido, chegou a hora... ponha-o no banco de trás.

Ela obedeceu e depositou o nenê no banco de trás e depois eu fechei a porta. Fizemos tudo num segundo, sem que ninguém nos visse. Em seguida dei-lhe o braço e saímos correndo para a praça do Quirinale.

A praça estava deserta e quase no escuro, com pouca iluminação nos palácios e todas as luzes de Roma cintilando na noite, alburno dos parapeitos. Minha mulher aproximou-se da fonte, embaixo do obelisco, sentou num banco e, de repente, começou a chorar, como que para si mesma, abaixada, de costas.

Disse-lhe:

- O que te deu agora?

Ela:

- Agora que o abandonei, sinto sua falta... parece que está me faltando alguma coisa aqui no peito, onde ele se apegava." Disse à toa:

- Entendo...mas vai passar.

Ela deu de ombros e continuou chorando.

Depois, repentinamente, o choro secou, como seca a chuva na rua quando sopra o vento.

Levantou-se, furiosa, e disse, apontando para um daqueles palácios:

- Agora vou até lá e faço o rei me receber e lhe conto tudo.

- Páre, gritei, agarrando-a pela mão, ficou louca... ou não sabe que não existe mais rei?

E ela:

- E daí?... falarei com quem tomou o lugar dele... deve ter alguém.

Enfim, correu para o portão e sabe-se lá que escândalo teria feito, se eu, de repente, desesperado, não lhe tivesse dito:

- Ouça, pensei melhor... vamos voltar até o carro e pegar o nenê... quer dizer que ficamos com ele... também, a essa altura, um a mais, um a menos.

- Essa idéia, que era também a idéia principal, suplantou aquela de falar com o rei.

- Mas será que ainda está lá? disse, dirigindo-se imediatamente para a ladeirinha onde se achava o carro cinza.

- Só pode estar, respondi-lhe, não passaram nem cinco minutos.

O carro estava lá realmente. Mas bem na hora que minha mulher ia abrir a porta, um homem de meia-idade, baixo, com uma cara autoritária, saiu de um portão, gritando:

- Páre, páre... o que está querendo no meu carro?

- Quero o que é meu, respondeu minha mulher sem se virar,

abaixando-se para pegar a trouxa do menino no banco. Mas o outro insistiu:

- O que está pegando?...este carro é meu... entendeu?... é meu. Precisava ver a cara da minha mulher. Endireitou-se e investiu contra ele assim mesmo:

- Mas quem está pegando o quê... não tenha medo,ninguém está tirando nada de você... o seu carro, eu cusponele... olhe, e cuspiu realmente na porta.

- Mas esse pacote... começou o outro espantado. E ela:

- Não é um pacote... é o meu filho... olhe!

Descobriu o rosto do nenê, exibindo-o, e depois continuou:

Você, um filho bonito como esse, com a sua mulher, não vai fazer, nem na outra encarnação... e não tente pôr as mãos em mim, senão eu grito, chamo os guardas e digo que você estava querendo roubar o meu filho. Resumindo, falou tanto que o outro, coitado, com a cara vermelha e a boca aberta, quase teve um ataque.

Finalmente, sem pressa, afastou-se e me alcançou na entrada da rua.

O CRIME PERFEITO

Era mais forte que eu. Toda vez que conhecia uma mulher eu a apresentava a Rigamonti e ele, regularmente, me surrupiava a moça. Talvez eu o fizesse para mostrar-lhe que eu também tinha sorte com as mulheres; ou, talvez, porque não conseguia pensar mal dele e, toda vez, apesar da traição precedente, voltava a considerá-lo um amigo. Ainda vá lá, se tivesse feito as coisas com um pouco de delicadeza, um pouco de educação; mas comportava-se como um perfeito prepotente, como se eu não existisse.

Chegava a cortejar a moça em minha presença; a marcar encontros na minha cara. Nesses casos, como se sabe, quem sai perdendo é a pessoa educada: enquanto ele não tinha escrúpulos de satisfazer a sua vontade, eu calava para não provocar uma discussão, temendo faltar ao respeito com a moça. Uma vez ou duas, prótestei, mas timidamente, porque não sei expressar os meus sentimentos e quando por dentro estou pegando fogo, por fora continuo frio, de modo que ninguém nunca sabe que estou enfurecido. Sabe o que respondeu?: “A culpa é sua, não minha... se a moça saiu comigo, é sinal que eu sei passar a conversa melhor que você.” Era verdade: como era verdade que ele, fisicamente, era melhor do que eu. Mas um amigo se reconhece justamente pelo fato de deixar em paz as mulheres do outro.

Afinal, depois de ter repetido aquela brincadeira quatro ou cinco vezes, comecei a odiá-lo com tantá força que no bar onde trabalhávamos, mesmo estando atrás do balcão com ele e servindo com ele os mesmos fregueses, procurava sempre ficar de perfil ou de costas para não vê-lo. Quase já não pensava mais nas afrontas que me fizera, mas nele, em como era, e dava-me conta de não poder mais suportá-lo. Odiava aquela sua cara robusta e estúpida, com a testa estreita, os olhos pequenos, o nariz grosso e recurvo, os lábios sem cor e os bigodes ralos. Odiava os seus cabelos que formavam um eapacete, pretos e brilhantes, com dois longos cachos que partindo das têmporas chegavam até a nuca. Odiava os braços peludos que ele exibia, manobrando em pé a máquina de café. O nariz, sobretudo, me intrigava: largo nas narinas, arqueado, grosso, pálido no meio do rosto bem conservado, como se a força do osso tivesse esticado a pele. Pensava freqüentemente em desferir-lhe um soco bem em cheio e ouvir o osso, crac, arrebentando sob o soco. Sonhos, porque sou baixinho e franzino e Rigarnonti, com um só dedo, poderia me derrubar.

Não saberia dizer quando foi que pensei em matá-lo; talvez uma noite em que fomos juntos assistir um filme americano que se chamava:

- Um Crime Perfeito. Eu, de princípio, não queria realmente matá-lo, mas apenas imaginar como me comportaria ao fazê-lo. Gostava de pensar nisso antes de adormecer, de manhã antes de me levantar da cama e, até mesmo de dia quando no bar não havia nada a fazer e Rigamonti sentado num banco, atrás do balcão, lia o jornal, baixando para a página aquela sua cabeça besuntada. Pensava:

- Agora pego o pilão com que quebramos o gelo e bato-lhe na cabeça, mas assim, de brincadeira. Era, em suma, como quando se está apaixonado e o dia inteiro se pensa só na mulher e se imagina fazer-lhe isso e dizer-lhe aquilo. Só que minha namorada era o Rigamonti e aquele prazer que outros têm ao imaginar beijos e carícias, eu o sentia ao sonhar com sua morte.

Sempre de brincadeira e porque sentia muito prazer nisso, imaginei um plano em todos os seus detalhes. Porém depois, uma vez formulado o plano, fiquei tentado de pô-lo em prática e essa tentação era tão forte que não resisti mais e resolvi passar à ação. Mas não resolvi nada e me encontrei em ação quando acreditava ainda estar imaginando. Isso para dizer que, como no amor, fiz tudo com naturalidade, sem esforço, sem empenho, quase que sem me dar conta.

Comecei, então, a dizer-lhe entre uma xícara de café e outra, que conhecia uma moça muito bonita, que desta vez não se tratava de uma das moças de sempre de quem eu gostava e depois ele me surrupiava, porém de uma moça que estava de olho nele, queria ele e mais ninguém. Repeti-lhe isso todos os dias, uma semana inteira, sempre acrescentando novos detalhes àquele amor tão ardente e fingindo que estava enciumado.

Ele, no início, bancava o indiferente, e dizia:

- Se me ama, que venha até o bar...tomar um café, mas depois começou a ficar nervoso. De vez em quando, fingindo brincar, perguntava:

- Me diga uma coisa...e aquela moça... continua me amando?

Eu respondia:

- Só vendo...

- E o que diz?

- Diz que gosta muito de você.

- Mas como?... Gosta do quê?

- De tudo, do nariz, dos cabelos, dos olhos, da boca, do modo como voce manobra a máquina de café...de tudo, estou te dizendo...

- Enfim, justamente as coisas que eu odiava nele, e o teria matado só por causa delas, eu fingia que tinham feito a moça, inventada por mim, perder a cabeça.

Ele sorria e ficava inchado porque era extremamente vaidoso e se achava o máximo. Via-se que naquela sua cabeçorra não fazia outra coisa senão pensar nisso e que queria conhecer a moça e somente o orgulho o impedia de pedir. Até que, um dia, disse imitado:

- Como é... ou você me apresenta a moça... ou então, é melhor não falar mais nisso.

Eu esperava essas palavras, e logo marquei um encontro para ele na noite seguinte.

Meu plano era simples: às dez parávamos, mas até às dez e 9 e meia o patrão ficava no bar fazendo as contas. Eu levava Rigamonti até o aterro da ferrovia de Viterbo, ali ao lado, dizendo-lhe que a moça nos esperava naquele lugar. As dez e quinze passava o trem e eu, aproveitando o barulho, atirava em Rigamonti com uma "Beretta" que eu comprara algum tempo antes na praça Vittorio.

As dez e vinte voltava ao bar para pegar um pacote que tinha esquecido e assim o patrão me via. As dez e meia, no máximo, já estava na cama na portaria do prédio, onde o porteiro me alugava uma cama de lona para a noite. Esse plano, em parte, eu tinha copiado do filme, sobretudo no que dizia respeito à coincidência da hora e do trem. Podia até não dar certo, podiam até me descobrir. Mas então sobrava a satisfação de ter desabafado o

meu ódio. E eu por essa satisfação era capaz de ir até para a cadeia.

No dia seguinte tivemos que trabalhar bastante porque era sábado e foi bom porque, assim, ele não me falou da moça e eu não pensei nisso. As dez, como sempre, tiramos os aventais e, despedindo-nos do patrão, saímos por baixo da porta de ferro meio abaixada. O bar ficava numa alameda que leva a Acqua Acetosa, a um passo da ferrovia de Viterbo. Aquela hora os últimos casais tinham deixado o morro do parque da Rimembranza e pela alameda escura, sob as árvores, não passava ninguém.

Era abril, com o clima já ameno e um céu que aos poucos ia clareando, embora a lua ainda não fosse visível.

Seguimos pela alameda, Rigamonti alegre, dando-me fortes tapas protetores nas costas, e eu duro, a mão no peito, em cima do revólver que estava no bolso interno do anoraque. No cruzamento, deixamos a alameda e nos metemos por um atalho de mato, atrás do aterro da ferrovia. Ali, por causa do aterro, estava mais escuro que em qualquer lugar, e isso eu também tinha calculado. Rigamonti caminhava na frente e eu atrás.

Chegando ao lugar marcado, pouco distante de um poste de luz, eu falei:

- Disse para esperá-la aqui... verá que daqui a pouco chega. Ele parou, acendeu um cigarro e respondeu:

- Como empregado de bar você é discreto... mas como cafetão é insuperável. Enfim, continuava me ofendendo.

Era um local realmente solitário e a lua, surgindo às nossas costas, iluminava toda a planície à nossa frente, enevoadada por um sereno branco, coberta de arbustos pardos e de montes de lixo, com o Tibre serpeando ali, curva após curva, e parecia de prata. Senti arrepios do sereno e disse a Rigamonti, mais por mim do que por ele:

- Sabe, a qualquer minuto ela chega...está de serviço e precisa esperar que os patrões saiam.

- Mas ele redarguiu:

- Que nada, olha ela aí. Então me virei e vi um vulto escuro de mulher vindo ao nosso encontro pelo atalho.

Mais tarde me contaram que era um lugar freqüentado por aquelas mulheres para encontros com os clientes; mas eu não sabia e, na hora, quase cheguei a pensar que aquela moça não era invenção minha e existia realmente. No entanto, Rigamonti, seguro de si, ia ao seu encontro e eu o acompanhei maquinalmente. A poucos passos, ela saiu da penumbra, à luz do poste, e então eu a vi. E quase levei um susto. Teria uns sessenta anos, com uns olhos possessos, pintados de preto, o nariz empoado, a boca vermelha, os cabelos esvoaçantes e uma fita preta em volta do pescoço. Era justamente uma daquelas que procuram os lugares mais escuros para não se deixarem ver e realmente não se entende, de tão velhas e esfarrapadas que são, como ainda conseguem arranjar clientes. Rigamonti, porém, antes mesmo de vê-la, já lhe perguntara, com o descaramento de sempre:

- Moça, estava esperando a gente?; e ela, não menos descarada, respondera: “Claro.” Depois ele a viu finalmente e percebeu o engano. Deu um passo atrás, disse, incerto:

- Pois é, sinto muito, esta noite não posso... mas tem aqui um amigo meu, deu um salto de banda e desapareceu pelo aterro. Vi que Rigamontipensara que eu havia querido me vingar, apresentando-lhe, depois de muitas moças bonitas, um monstro daquela espécie; e vi também que meu crime iá pelos ares. Olhei a mulher que me dizia, coitada, com um sorriso que parecia a careta de uma máscara de carnaval:

- Loirinho bonito, me dá um cigarro?; e senti pena dela, de mim e talvez até de Rigamonti. Tinha sentido tanto ódio e agora, não sei como, o ódio se descarregara; e fiquei com lágrimas nos olhos e pensei que graças àquela mulher eu não me tornara um assassino.

Disse- lhe:

- Não tenho um cigarro, mas fique com isso... se a revender, pode sempre conseguir umas mil liras; e enfiei-lhe a “Beretta” na mão. Depois saltei eu também para o aterro, correndo em direção da alameda. Nesse instante passou o trem de Viterbo, vagão após vagão, com todas as janelinhas iluminadas, espalhando fagulhas vermelhas na noite. Parei para vê-lo se afastar; e depois escutei seu barulho até desaparecer; e finalmente voltei para casa.

No dia seguinte, no bar, Rigamonti me disse:

- Sabe, logo vi que tinha alguma coisa por baixo... mas não tem importância... como brincadeira valeu.

- Eu o fitei e percebi que não o odiava mais ‘ embora fosse sempre o mesmo, com a mesma testa, os mesmos olhos, o mesmo nariz, os mesmos cabelos, os mesmos braços peludos que exibia sempre do mesmo jeito ao manobrar a máquina de café. De repente me senti mais leve, como se o vento de abril, que enfunava o toldo diante do bar, me tivesse varrido por dentro. Rigamonti deu-me duas xícaras de café para levar a dois fregueses que estavam sentados ao sol, na mesa de fora, e eu, ao pegá-las, disse, a meia voz:

- A gente se vê de noite?... convidei a Amélia. Ele bateu debaixo do balcão o café usado, encheu as medidas de pó fresco, soltou um pouco de vapor e então respondeu simplesmente, sem rancor:

- Sinto muito, mas hoje não posso. Sai com as xícaras; e dei-me conta de que estava decepcionado que ele naquela noite não viesse e não roubasse de mim a Amblia, como sempre fez com as outras.

O PIQUENIQUE

Natal. Fim de ano. Dia de Reis, quando lá pelo dia quinze de dezembro

começo a ouvir falar em festas, tremo, como se ouvisse falar de dívidas para pagar para as quais não sobrou dinheiro. Natal, Fim de Ano, Dia de Reis, vai se saber porque puseram essas festas todas juntas, tão perto uma da outra. Assim enfileiradas, não são festas, mas, para um pobretão como eu, são um desastre. E isso não significa que não gostaria de festejar o Natal, o Primeiro de Ano, a Epifania, isso significa que os comerciantes de coisas para comer se postam naqueles três dias como muitos assaltantes na esquina da rua, tanto que, nas festas, o sujeito chega ali vestido e sai pelado. Quem sabe nos tempos de antanho, Natal, Fim de Ano e Dia de Reis eram festas de verdade, modestas mas sinceras: ainda não havia a organização, a propaganda, a exploração. Mas dá-lhe uma, dá-lhe duas, dá-lhe três, até os mais tolos perceberam que nas festas se podia praticar a especulação; e assim, agora a praticam. Festas para os espertos, então, que vendem coisas de comer; não para os pobres que as comprem. E muitas vezes pensei que para o pasteleiro, para o frangueiro, para o açougueiro, essas são festas de verdade, aliás festas duplas: festas porque são festas e depois festas porque nessas festas eles vendem dez vezes mais do que nos dias que não são de festa. E assim, enquanto o infeliz festeja as festas de má vontade, com a carteira vazia e a mesa escassa, há os que festejam de verdade, com a carteira cheia e a mesa transbordando.

De resto, para provar que eu disse a verdade, basta olhar para a rua onde tenho minha papelaria. Em fila, um depois do outro, há o Tolomei da charcutaria, De Santis da avícola, De Angelis que tem o forno a vapor, e Crociani, dono do depósito de bebidas.

Preste atenção. o que está vendo? Montanhas de queijos e de presuntos, quantidades de frangos e de galináceos, sacos cheios de tortellini, pirâmides de vidros e de garrafas, luz e esplendor, gente indo e vindo, da manhã à noite, sem interrupção, como num porto marítimo; nas quatro primeiras lojas. Na minha livraria- papelaria, ao contrário, silêncio, sombra, calma, poeira no balcão, e, de vez em quando, um moleque que vem comprar

um caderno, uma mulher que entra para levar um vidro de tinta para fazer as contas da despesa. E eu me pareço com minha loja, vestido com um avental preto, magro, esfomeado, com o cheiro da poeira e do papel na pele, sempre azedo, sempre preocupado; e eles, ao contrário, De Angelis, Tolomei, Crociani, De Santis, são todos o retrato de seus negócios que vão muito bem, bonitos, corados, gordos, com a voz firme, sempre alegres, sempre seguros de si. Claro, errei de profissão; e com o papel impresso ou em branco; há pouco a fazer, gastam mais eles para embrulhar pacotes que eu para fazer ler ou escrever.

Basta, alguns dias antes do fim de ano, minha mulher, de manhã, me diz:

- Ouça, Egisto, que boa idéia... Crociani disse que no fim de ano todos os cinco comerciantes deste lado da rua vamos nos reunir, e fazer um piquenique pela passagem do ano.

- E o que é esse piquenique? perguntei.

- Bem, seria a ceia tradicional.

- Tradicional?

- Sim, tradicional, mas do seguinte modo: cada um leva alguma coisa e assim cada um oferece a todos e todos oferecem a cada um.

- Bom esse o piquenique?

- Sim, esse é o piquenique... De Angelis levará os tortellini, Crociani o vinho e a champanhe, Tolomei os antepastos, De Santis os perus...

- E nós?

- Nós deveremos levar o panetone.

Eu não disse nada. E ela insistiu:

- Não é uma boa idéia esse piquenique?... Então, digo-lhe que vamos?

Estava sentado no balcão, desembulhando um pacote de cartões de Natal. Disse, finalmente:

- Acho que esse piquenique não é muito justo... De Angelis tem tortellini na loja, e do mesmo modo Crociani o vinho, Tolomei os antepastos e

De Santis os perus... mas eu, o que é que eu tenho? Bulhufas... o panetone eu vou ter de comprar.

- O que é que tem?... eles também pagam as coisas, não nascem na loja... o que é que tem... vê como você continua sempre o mesmo... Quer se fazer de difícil, discutir, bancar o esperto... e depois se queixa que as coisas não vão bem para você.

Enfim, discutimos um bocado e finalmente eu cortei o assunto, dizendo:

- Está bem, diga-lhe que vamos ao piquenique...levaremos o panetone.

Ela recomendou, então, que levássemos um bonito e grande, para não fazer feio: dois quilos, pelo menos. E eu prometi o panetone bonito e grande.

O último dia do ano eu passei, como sempre, vendendo cartões de festa e figurinhas de papel para o presépio: Enquanto isso, meus vizinhos vendiam galináceos e frangos, tortellini e tagliatelle, caixas de bebidas e de vinhos caros, queijos e presuntos. Estava fazendo um dia bonito e eu, do fundo da minha lojinha escura, via, lá fora, passar ao sol as mulheres carregadas de compras.

Era um dia bonito mesmo, de Fim de Ano romano, com um céu turquesa, duro que parecia de cristal puro e todas as coisas parecendo pintadas nesse cristal, com suas cores.

A noitinha, fechando a loja, disse à minha mulher:

- É besteira a gente comer agora... comemos à meia-noite, no piquenique... se não fosse o panetone que estou levando...dá para cem comerem.

- E realmente, a caixa do panetone era enorme. Porém, disse à minha mulher que não se incomodasse: eu o levaria.

As dez e meia, entramos no portão de Crociani que morava em cima da loja. Acho que os Crociani moravam ali havia mais de cinquenta anos: ali morara o avô quando o depósito de bebida não passava de um botequim onde os operários iam tomar um trago; o pai que o aumentara, vendendo vinho a

granel; agora, estava lá o Adolfo, o filho que, além de vinho vendia também whisky e outras bebidas estrangeiras. Era um daqueles partamentos em mau estado da velha Roma, só corredores e quatinhos, mas Crociani, um rapaz com as bochechas balofas e os olhos pequenos, nos guiou com orgulho até a sala de jantar: que beleza. Só móveis novos, de mogno envernizado, com maçanetas de latão e pés de carvalho claro. A última vez que vira aquela sala, estava ainda como sempre esteve: com uma mesa comum, cadeiras de palha, fotografias nas paredes, e, no vão da janela, a máquina de costura. Tudo isso, agora, não mais existia: além dos móveis, vi um grande quadro dourado com um pôr- de-sol no mar; um rádio enorme que também servia de bar; bibelôs de louças em forma de mulheres nuas, palhacinhos, cachorrinhos, e, sobre a mesa posta, um serviço de porcelana dos mais finos, estampados de flores rosadas.

- Comprei-a na Argentina, disse-me Crociani apontando a sala, adivinha só quanto paguei. Disse uma quantia e ele a triplicou, inchado de satisfação. Enquanto isso ia chegando mais gente; e logo estávamos todos ali.

- Quem estava? Estava o Tolomei, um rapagão de bigodes, que, quando pesa os frios na balança, diz às empregadas:

- Passou um pouco; estava o De Angelis do forno a vapor, um homem baixinho, com cara de bobo: mas ele, ao contrário, é um espertalhão que, quando criança, andava por aí com um cesto e agora vende tagliatelle ao bairro todo; estava o De Santis, da avícola, que continua sendo caipira como na época em que vinha a Roma com o cestinho dos ovos frescos: com a cara sem barba, cinzenta e cheia como uma bolacha e a fala grossa da gente de Viterbo. Suas mulheres estavam, todas empetecadas, mas não os filhos, porque, como disse Crociani, oferecendo o vermute, aquela era uma noite entre comerciantes, para saudar o ano que chegava, ano comercial sobretudo, durante o qual todos deviam ganhar dinheiro aos montes. Digo a verdade, vendo-os sentados à mesa me agradavam menos do que quando os via à

soleira de suas lojas: durante o comércio, escondiam a satisfação e, às vezes, até, se queixavam, mas agora que se tratava de festejar e os fregueses não estavam, a satisfação jorrava-lhes pelos poros.

Pusemo-nos à mesa às onze horas e logo atacamos os antepastos de Tolomei. Aí começaram as brincadeiras: um perguntava a Tolomei se a mortadela era de porco de verdade, outro lhe lembrava a frase:

- Passou um pouco que ele dizia tão freqüentemente. Mas eram todas brincadeiras com luvas de pelica entre pessoas que se entendiam e se assemelhavam: se eu, que raramente me permitia aqueles antepastos, tivesse brincado, acho que os teria ofendido; e por isso preferi comer e ficar quieto. Quando chegaram os tortellini fez-se um pouco de silêncio, mesmo porque a sopa estava fervendo e todos sopravam nas colheres. Porém, alguém observou que esses tortellini estavam realmente recheados e não meio vazios como os que eram vendidos normalmente, e todos deram uma gargalhada. Fiquei calado dessa vez também e tomei duas conchas cheias de sopa para esquentar o estômago. Chegaram, por fim, dois perus assados grandes como duas avestruzes; e, também pelo tamanho, todos ficaram alegres e começaram a arrelhar o frangueiro perguntando onde ele tinha encomendado aqueles dois fenômenos da natureza, se tinha sido no famoso De Santis que fornecia para Romainteira. Mas ele, que era caipira e não entendia a brincadeira, respondeu que aqueles dois perus, ele os escolhera entre cem e os engordara com as próprias mãos, em sua casa.

Também dessa vez eu não disse nada, mas escolhi com cuidado uma coxa do tamanho de um bonde, e mais três fatias de recheio, e depois um pedaço quadrado que não sei de onde tiraram, mas estava gostoso do mesmo jeito. Comia com tanto gosto que alguém observou:

- Olha só o Egisto como come... não é todo dia que se pode comer um peru assim, hein?, Egisto.

Respondi com a boca cheia:

- É isso mesmo, e dentro de mim pensei que, uma vez pelo menos, tinha dito a verdade.

Nesse ínterim, as garrafas de Crociani circulavam, e todas aquelas caras em volta da mesa reluziam, vermelhas e brilhantes, como uma bateria de painéis de cobre. Com exceção, porém, daquelas frases sobre a comida, ninguém falava realmente porque, no fundo, não tinham nada a dizer. O único que tinha algo a dizer era eu, justamente porque, ao contrário dos outros, meus negócios iam mal, e isso me fazia pensar, e pensar, se não enche a barriga, pelo menos enche a cabeça.

Terminando os perus, veio uma salada que ninguém tocou, depois o queijo e as frutas, e aí Crociani disse que era meia-noite e mostrando a garrafa de champanhe, que, como fez notar, era francesa autêntica, daquelas que ele vendia por mais de três mil liras cada. Na hora, porém, de espoucar a champanhe, todos gritaram:

- Egisto, é a sua vez, mostre o seu panetone.

Eu me levantei, fui até o fundo da sala, peguei a caixa de panetone, tornei a sentar e a desembulhei com solenidade.

Disse, só para começar:

- Esse é um panetone bem especial...você vão ver. Abri a caixa, enfiei a mão e comecei a distribuição: um vidro de tinta, uma caneta, um caderno e uma cartilha, para cada um dos homens; nas mulheres, como disse, pedia desculpa, mas não tinha pensado. Diante dessa distribuição, todos se calaram espantados; não entendiam, mesmo porque estavam atordoados pelo vinho e pela comida.

Finalmente, de Angelis disse:

- Mas Egisto, tenha paciência, que brincadeira é essa? Não somos criança de ir à escola. De Santis, que parecia embrutecido, perguntou:

- E o panetone onde está?

Eu respondi, pondo-me de pé:

- Isso é um piquenique, não é? Cada um trouxe o que tinha na loja, não é... eu trouxe aquilo que eu tinha: tinta, caneta, caderno, cartilha.

- Qual é?,disse Tolomei de repente. Ficou bobo ou está se fazendo de bobo?

- Não, respondi,não sou bobo, sou papeleiro... você trouxe os antepastos que eu sou obrigado a comprar de você o ano inteiro... eu trouxe aquilo que eu tinha e que você não pensa nunca em comprar.

De Angelis disse, conciliador:

- Chega, sente aí, não vamos perder o bom humor. E a proposta foi aceita. Apareceram alguns doces, garrafas foram abertas, e todos beberam.

Porém, como notei, durante o brinde ninguém quis beber à minha saúde. Então, levantei e disse, o copo na mão:

- Visto que não querem beber à minha saúde... então quem faz o brinde sou eu... que vocês possam, durante este ano, ler um pouco mais,ainda que, por isso, precisem vender um pouco menos.

- Houve um coro de protesto e depois Crociani, que bebeu mais que os outros, se enfureceu e gritou:

- Não ponha olho gordo... dá azar... venda os livros a quem quiser mas não venha amolar a gente... aliás, olhe, é melhor você ir indo... mesmo porque,agora, a ceia você já comeu.

Então respondi:

- Você não quer beber à saúde do comércio dos livros?

Mas pare,engraçadinho, bobo, ignorante, palhaço.” Agora todos me xingavam; eu respondia na bucha, calmo, embora minha mulher me puxasse pela manga; o pior de todos era justamente o dono da casa que insistia para a gente ir embora.

Por fim, não sei como, me vi de novo na rua, com um frio daqueles, e com minha mulher que chorava e repetia:

- Viu só o que você foi fazer... agora arrumamos inimigos e o ano que

vem vai ser pior que aquele que passou.

Assim, discutindo entre os estouros dos flashes e os cacos que voavam das janelas, voltamos para casa.

A MARCA DE NASCENÇA

Com meu cunhado Raimundo, só podia acabar daquele jeito: sinto muito por minha irmã, mas a culpa não foi minha. No primeiro dia de calor, de manhã, após ter feito um embrulho com o short e a toalha e tê-lo amarrado no selim da bicicleta, dirigia-me com a bicideta nas costas para a escada, com a idéia de me esgueirar sem ser visto e ir até Ostia. Mas, azar é azar, quem encontro à entrada? Raimundo, ele mesmo, entre os muitos que dormem em nossa casa. Logo bateu os olhos no embrulho e perguntou:

- Aonde você vai?
- A Ostia.
- E o trabalho?

- Mas que trabalho?
- Não banque o besta.
- Irá a Ostia na segunda- feira... agora vamos trabalhar.

Em suma, Raimundo era um rapaz alto e grande e eu, ao contrário, sou baixo e franzino. Tomou minha bicicleta à força, trancou-a num quarto de despejo e depois, pegando-me por um braço, me empurrou pelas escadas abaixo, dizendo:

- Vamos, Que é tarde.
- Nunca o suficiente respondi ,para aquilo que temos de fazer.
- Dessa vez não disse nada mas, pela cara, vi que o tinha atingido em cheio. Com o dinheiro de minha irmã, coitada, abrira uma barbearia, mas os negócios não iam lá muito bem, aliás, para falar a verdade, iam bem mal. Éramos dois na barbearia: eu e ele; mas pelos fregueses que apareciam, tanto fazia que fôssemos passear os dois, deixando a barbearia aos cuidados de Paulinho, o moleque, para impedir, se não outra coisa, que, ainda por cima, nos roubassem as navalhas e os pincéis.

Fomos em silêncio, debaixo do sol que já ardia. A barbearia ficava a pouca distância de casa, no coração de Roma antiga,na rua do Seminário; e esse fora o primeiro erro porque era uma rua onde não passava ninguém, num quarteirão de escritórios e de gente pobre. Logo que chegamos, Raimundo levantou a porta de aço,tirou o paletó e enfiou o avental e eu fiz o mesmo. Chegou Paulinho então, e Raimundo, no ato, pôs-lhe a vassoura nas mãos e recomendou-lhe que varresse direito porque, como disse,a limpeza é a primeira condição para um salão de barbeiro. Mas haja vontade de varrer: não é a vassouradas que se pode transformar em ouro o que é de lata.

Porque, além da rua infeliz, a loja tinha o defeito de ser uma miséria: pequena,com o rodapé das paredes imitando mármore, as poltronas e as prateleiras de madeira pintadas de azul turquesa, as louças,arranjadas de uma outra loja, escuras e encardidas, os barrados e as toalhinhas costuradas e

bordadas por minha irmã, que dava para ver de longe que era coisa feita em casa. Basta.

Paulinho varreu o piso que também era bastante ordinário, de ladrilhos cinzentos, e enquanto isso Raimundo, estirado numa poltrona, fumava seu primeiro cigarro. Terminada a limpeza, Raimundo, com um gesto de rei, deu a Paulinho vinte e cinco liras para que fosse comprar o jornal; e quando o moleque voltou, mergulhou na leitura das notícias esportivas. Assim começou a manhã: Raimundo, estirado, lia e fumava; Paulinho, acocorado na soleira, divertia-se puxando o rabo do gato; e eu, sentado, fora da barbearia, observava atordoado a rua.

Como disse, era uma rua pouco movimentada: numa hora devo ter visto passar, uma dezena de pessoas, nem isso, quase todas mulheres voltando do mercado com o embrulho das compras.

Finalmente o sol, vindo por trás dos telhados penetrou na rua; então entrei na barbearia e também sentei numa poltrona.

Passou mais meia- hora, sempre sem fregueses.

De repente, Raimundo jogou o jornal, deu uma espreguiçada, bocejou e disse:

- Vamos, Serafim... já que os fregueses não vêm, pelo menos pratique: faça minha barba. Não era a primeira vez que me pedia para lhe fazer a barba, mas naquele dia, com a idéia de que me impedira de ir a Östia, a coisa me incomodou mais que de costume. Sem dizer nada, agarrei uma toalha e a sacudi com força embaixo do queixo dele, bem estabanado. Outra pessoa teria compreendido, mas ele não. Vaidoso, já se esticava para olhar no espelho, examinando a barba, tocando as faces com os dedos.

Paulinho, zeloso, estendeu-me a tigela, eu preparei o sabão de barbear e depois, girando o pincel como se tivesse batido uma gemada, ensaboei Raimundo até debaixo dos olhos. Passava o pincel com raiva e assim fiz duas enormes bolas de espuma em suas faces.

Em seguida, empunhei a navalha e comecei a raspá-lo com grandes navalhadas decididas, de baixo para cima, como se quisesse degolá-lo. Dessa vez ficou assustado e disse:

- Devagar... o que deu em você?

- Não lhe respondi e, puxando sua cabeça para trás, com uma única passada de navalha, tirei a espuma do pomo- de-adão até o buraquinho do queixo. Não abriu a boca, mas vi que se enfurecia. Também o escanhoei, com o mesmo sistema, e depois ele se inclinou na pia e lavou a cara.

Enxuguei-o, dando-lhes uns tapas fortes que na minha intenção deveriam ser outros tantos bofetões e, a seu pedido, borrifei bastante talco.

Achava que tinha acabado, mas ele,esticando-se de novo:

- E agora os cabelos.

Protestei:

- Mas eu cortei seu cabelo anteontem mesmo.

E ele calmo:

- Cortou, é verdade... mas agora precisa aparar as pontas... o cabelo cresce.

Dessa vez também engoli em seco e,após ter dado uma sacudida na toalha, prendi-a novamente embaixo do pescoço. Raimundo, é preciso reconhecer, tem cabelos magníficos, bastos, pretos e brilhantes que lhe crescem no meio da testa e ele, depois, os ajeita em longas madeixas até a nuca; mas, naquele dia, esses cabelos tão bonitos me eram antipáticos, parecia-me que neles estava seu caráter vaidoso e ocioso, próprio de um exibido. Ele recomendou:

- Preste atenção... apare mas não desbaste; e eu respondi entredentes:

- Não se preocupe .

Enquanto aparava as pontinhas que nem se viam, pensava em Ostia e me vinha uma vontade enorme de dar uma tesourada naquela massa lustrosa:

não o fiz por amor à minha irmã. Ele, nesse meio tempo, tornara a pegar o jornal, e desfrutava o pipilar de minha tesoura como se fosse o canto de um canário. Disse, a uma certa altura, dando uma olhada no espelho:

- Saiba que você leva jeito para se tornar um ótimo barbeiro.

- E você para se tornar um magnífico cafetão, gostaria de ter respondido.

Finalmente, aparei-lhe as pontas; em seguida, pegando o espelho, postei-o atrás de sua nuca para mostrar-lhe o serviço e perguntei insinuante:

- Agora vamos lavar os cabelos?... questão uma boa fricção? Estava brincando; mas ele, com cara de pau:

- Fricção.

Dessa vez não pude deixar de exclamar:

- Mas Raimundo, só temos seis vidrinhos ao todo e você quer gastar um para fazer fricção?

- Ele deu de ombros:

- Não se preocupe...o dinheiro não é seu não é? Gostaria de ter-lhe respondido:

- É mais meu que seu, mas não disse nada, sempre por amor à minha irmã que morria por aquele homem; e obedeci. Raimundo, cara de pau, quis escolher o perfume, de violeta; daí, recomendou que eu lhe esfregasse bem os cabelos e lhe massageasse a cabeça de baixo para cima, com a ponta dos dedos. Enquanto eu fazia a massagem, olhava para a porta para ver se entrava algum freguês para interromper aquela palhaçada; mas, como de costume, não veio ninguém. Após a fricção, quis brilhantina em pasta, também, a melhor, aquela do pote francês.

Finalmente tirou-me o pente da mão e penteou-se sozinho, com um cuidado daqueles.

- Agora sim, eu me sinto bem, disse, erguendo-se da poltrona. Olhei o relógio: era quase uma. Disse-lhe:

- Raimundo... eu fiz a sua barba e o cabelo, fiz a fricção... deixe-me ir à praia... ainda dá tempo.

Mas ele, tirando o avental:

- Eu agora vou para casa almoçar... se você também sair, quem vai ficar na barbearia?... escute aqui, para Ostia você vai na segunda- feira.

Vestiu o paletó, fez-me um sinal de despedida e saiu, acompanhado por Paulinho que devia me trazer o almoço de casa.

Logo que fiquei sozinho, tive vontade de dar pontapés nas poltronas, quebrar os espelhos, jogar pincéis e navalhas na rua. Porém sempre pensando que, no fundo, aquilo tudo era de minha irmã e portanto meu também, dominei a raiva e me estirei na poltrona, esperando. Agora pela rua não passava mesmo ninguém, o calçamento ao sol ofuscava; na barbearia eu só enxergava a mim mesmo, refletido pelos espelhos, de cara fechada; e um pouco pela fome outro pouco por causa dos espelhos, minha cabeça girava. Quando Deus quis, Paulinho chegou com um prato amarrado num guardanapo; disse-lhe que fosse também para casa e me retirei para o fundo da loja, num buraco escondido atrás de um pano transparente, para comer em paz. A essa hora, em casa, Raimundo, bancava o enjoado com as coisas deliciosas que minha irmã lhe preparava; mas eu, desamarrando o guardanapo, só encontrei um prato de macarrão cozido meio frio, um bengala e uma garrafinha de vinho. Comi devagar, se não por outro motivo, para fazer passar o tempo; e comendo, pensava que Raimundo tinha arranjado, a maior mamata e que era realmente um crime minha irmã ter topado com ele. Mal acabara de comer, uma voz me fez estremecer:

- Incomodo?

Saí depressa do fundo da loja. Era Santana, a filha do porteiro do prédio da frente. Uma baixinha morena mas bem feita, com um lindo rostinho um tanto largo embaixo e dois olhos pretos cheios de malícia. Aparecia quase sempre na barbearia, ora com uma desculpa e ora com outra; e eu, na minha

ingenuidade, vivia na ilusão de que viesse por minha causa. Naquela hora sua visita me deixou satisfeito; disse-lhe que ficasse à vontade e ela sentou na poltrona:era tão baixa que seus pés não chegavam ao chão. Começamos a falar e eu, só para dirigir a conversa, disse que aquele era um dia para se ir à praia.

Ela suspirou e respondeu que iria de boa vontade, mas, infelizmente, à tarde, precisava estender as roupas no terraço. Propus:

- Quer que suba com você, para ajudá-la?

E ela:

- No terraço, comigo?... não estou louca. ... depois minha mãe me dá uma surra.

Ficava olhando à volta à procura de assunto, disse finalmente: - Vocês não têm muitos fregueses, não é?

- Muitos? Nenhum.

Disse:

- Vocês deviam abrir um negócio de cabeleireiro para senhoras... eu e minhas amigas viríamos fazer permanente.

Para cativá-la,propus:

- Permanente eu não posso fazer... mas se quiser posso dar uma borrifadinha.

Ela, logo, toda assanhada:

- É? E que perfume tem?

- Um perfume bom.

Peguei o frasco com a bombinha e comecei a borrifá-la por todos os lados, de brincadeira, enquanto ela gritava que eu lhe fazia arder os olhos e se protegia. Naquele instante chegou Raimundo.

Disse:

- Muito bem, estão se divertindo, com severidade, sem olhar para a gente. Santana tinha-se posto de pé,desculpando-se; eu coloquei o frasco de

volta na prateleira.

Raimundo disse:

- Você sabe que eu não quero mulheres na barbearia... e o borrifador é para os fregueses.

Santina protestou, dengosa:

- Seu Raimundo, não pensei que o senhor fosse tão ruim, e foi saindo sem pressa. Vi Raimundo lançar-lhe atrás um olho comprido e isso me irritou porque me dei conta de que Santina lhe agradava e, de repente, pelo jeito como ela tinha protestado, me veio a idéia que também ela gostava dele. Eu disse, de mau humor:

- Violeta para você na fricção, pode... mas uma borrifada para a moça que, pelo menos, me fez companhia, não pode... dois pesos e duas medidas.

Raimundo não disse nada e foi tirar o paletó no fundo da loja. Assim começou a tarde.

Passamos um par de horas, no calor e no silêncio. Raimundo primeiro puxou uma palha, a cara virada para trás, roxo, de boca aberta, roncando como um porco; depois acordou e, com uma tesoura, durante boa meia hora, divertiu-se cortando os pêlos do nariz e das orelhas, finalmente, não sabendo mais o que fazer, ofereceu-se para fazer minha barba. Ora, se havia uma coisa de que gostava menos que barbeá-lo era que ele me barbeasse. Que eu, que era ajudante, fizesse sua barba, parecia-me normal; mas que ele, o patrão, fizesse a minha, isso significava que éramos dois azarados, sem um cão que se servisse de nós. Porém, uma vez que também me enchia ficar sem fazer nada, aceitei. Já tinha raspado a espuma de um lado e preparava-se para barbear o outro, quando da rua, lá vem de novo a voz de Santina:

- Incomodo?

Viramo-nos, eu com meia cara ensaboada, Raimundo com a navalha no ar: Santina, sorridente, provocante, um pé na soleira e o cesto cheio de roupa torcida apoiado na coxa, nos fitava.

Disse:

- Com licença, como eu sabia que a essa hora vocês não têm fregueses, pensei: quem sabe o seu Raimundo que é tão forte, não me ajuda a levar lá para cima no terraço este cesto de roupa. Desculpem.

Vejam só o Raimundo. Larga a navalha, diz: - Serafim, a barba você termina sozinho -, arranca o avental e sai, como um foguete, junto com Santana. Não tive tempo sequer de me recobrar e já tinham desaparecido no saguão do prédio da frente, rindo e brincando.

Então, sem pressa, porque sabia que tinha tempo, acabei de me barbear, lavei-me, enxuguei-me e depois ordenei a Paulinho:

- Vá em casa e diga a minha irmã Josefina que venha imediatamente para cá... vá corra.

Dali a pouco Josefina chegou, afobada, assustada. Ao vê-la tão torta e feia, coitadinha, com aquela marca de nascença na face em que estava toda a estória da barbearia montada com o seu dinheiro, quase tive pena e pensei em não lhe dizer nada. Mas, então, já era tarde demais, e depois eu queria me vingar de Raimundo. Disse-lhe:

- Não se assuste, não foi nada... só que Raimundo subiu ao terraço para ajudar a filha do porteiro aí da frente, a estender a roupa.

Ela disse:

- Pobre de mim...agora vai ver só, e foi diretamente ao portão, do outro lado da rua. Tirei o avental, vesti o paletó e abaixei as portas.

Porém, antes de sair, preguei um cartaz impresso que tínhamos recebido junto com os lavatórios da outra loja e que dizia:

“Fechado por luta em família.”

VALENTÃO NA MARRA

Tinha dado a facada sem querer e como que por engano; Gino a evitara; e eu, cheio de medo, fugira para casa onde, depois, vieram me prender. Porém, quando fui solto, seis meses mais tarde, percebi que todos me olhavam com admiração, especialmente no bar da rua San Francesco em Ripa, onde se reúnem os barqueiros. Antes ninguém me dava importância, agora até me adulavam; e todos aqueles rapazotes competiam entre si para demonstrar sua amizade, oferecendo-me bebida, fazendo-me contar como tinha sido, perguntando se ainda estava bravo com o Gino, ou então se o tinha perdoado. Não deu outra, contra minha vontade, acabei ficando envaidecido e me convenci de que era realmente um valentão daqueles que não olham a cara de ninguém e por qualquer coisinha vão logo batendo sem a menor cerimônia. Assim, quando esses mesmos amigos do bar insinuaram que, durante a minha ausência, Serafim andara se metendo com Sestilia, vendo que me olhavam como que para dizer:

- O que vai fazer agora?, antes mesmo que eu tivesse pensado, escapou da minha boca:

- É isso mesmo, quando o gato não está os ratos fazem a festa... mas agora eu dou um jeito nisso.

Quando acabei de dizer essas palavras, achei que tinha posto a

assinatura num contrato que não poderia executar. Disse um contrato que não poderia executar; e me explico: em primeiro lugar, Serafim tinha o dobro do meu tamanho; é verdade que não era tido como corajoso por ser molenga como uma trouxa de trapos, com os quadris largos, os ombros caídos, e uma cara sem um fio de barba, lisa e deformada; mas no fim das contas era um homenzarrão e me metia medo; em segundo lugar, não estava tão apaixonado assim por Sestilia, e certamente não a ponto de ir parar na cadeia por ela. Gostava dela, isso sim, mas até certo ponto, e, em resumo, poderia até deixá-la para Serafim. Capricho da vaidade, então, porque sentia que agora todos me consideravam um valentão; e não tinha coragem de decepcioná-los. E realmente depois daquele “agora eu dou um jeito nisso”, todos me caíram em cima com conselhos e auxílios, e, em breve, estabeleceu-se um plano. É preciso saber que Serafim há muito tempo devia se casar com uma passadeira que se chamava Júlia. Tratavase, portanto, de irmos, Serafim, Júlia, Sestilia e eu e os outros do bar, beber numa cantina para lá da Porta San Pancrazio, para festejar minha volta à liberdade. Lá, a certa altura, eu enfrentaria Serafim com minha célebre faca e o intimaria a deixar Sestilia e a se casar o mais rápido possível com Júlia. Essa idéia, parece que era do irmão de Júlia, um dos que mais se esquentava. Mas todos, uns mais e outros menos, implicavam com Serafim porque, diziam, não era um verdadeiro amigo. Se me tivessem falado seis meses antes, eu lhes teria respondido:

- Estão loucos... como posso dar um susto no Serafim?... e depois, por quê? por Sestilia?; mas já estava feito, eu era um valentão, estava apaixonado por Sestilia e não podia tirar o corpo fora. Assim, não cabendo em mim, estufei o peito, e disse:

- Deixem comigo. Tanto que alguém, mais prudente, achou por bem me avisar. Mas, oh, cuidado, deve a elas dar- lhes um susto... não matá-lo.

Repeti:

- Deixem comigo.

Na noite marcada, fomos todos até a Porta San Pancrazio, na cantina. Quem estava lá? Estavam Serafim, Júlia, Maurício vulgo Zio, Frederico, o irmão de Júlia, os dois irmãos Pompei, Terribili que levava o acordeão, e eu. Todos sabiam do plano, os do bar e eu, porque o tínhamos combinado juntos, Júlia e Sestilia tinham sido avisadas, e até Serafim devia suspeitar de alguma coisa porque viera a contragosto e não abria a boca.

Sestilia e eu sequer nos olhávamos, frios, distantes; Júlia, ao contrário, uma moça exuberante que estava sempre rindo e que quando ria mostrava as gengivas como um cavalo, cheia de esperança, se esfregava no Serafim. Os outros brincavam e conversavam, com esforço, porém, porque havia qualquer coisa no ar. Eu estava mesmo era com medo e de vez em quando olhava Sestilia, como que esperando ciúme dela para me dar coragem. E não digo que não gostasse dela: reta como uma tábua dos pés ao nariz, com aquele jeito de rainha no andar que têm as transtiberinas, os cachos negros caindo pelo rosto, os olhos, grandes e escuros, a boca ruim; mas do gostar ao ir para cadeia por causa dela, havia uma bela distância. Estava quase querendo gritar ao Serafim:

- Fique com ela, se quiser, e ponto final. Mas isso quem falava era o velho Luís, o de antes do caso do Gino. O novo Luís, ao contrário, devia dar facadas, ir à forra.

Chegando à cantina que ficava na esquina da rua Aurélia, bem em frente às muralhas, sentamos numa das mesas, sob a pérgula, e pedimos vinho e rosquinhas. Rapidamente, talvez pelo efeito do vinho, os do bar foram tomados por uma alegria exagerada.

Conversavam, bebiam, se atiravam rosquinhas, cantavam, e, quando Terribili começou a tocar acordeão, como as duas mulheres não quiseram dançar, puseram-se a dançar o samba entre si. Se não estivesse com tanto medo, acho que também teria rido. Precisava ver eles dançando um com o outro e aquele que fazia a mulher rebojava as cadeiras com todos os moneios

e os trejeitos que as mulheres têm e o que fazia o homem agarrava com força a cintura do outro, erguia-o e o fazia girar e cair de novo no chão. Todos riam de perder o fôlego; os únicos que não riam éramos eu e o Serafim. Ele tinha tirado o casaco e ficara de camiseta branca, exibindo um braço moreno, como de mulher; e no íntimo eu calculava que uma pancada daqueles braços seria suficiente para me derrubar.

Pensando nisso, me deu uma tristeza e eu disse baixinho a Sestilia, bravo:

- Depois vamos ter uma conversinha, sua bruxa.

- Ela deu de ombros e não disse nada. Entretanto, porém, o tempo passava e os do bar me faziam sinais para atacar.

Ótimo, valentões, muito bem, como se fosse fácil. Tratava-se, afinal, de dar um susto definitivo em Serafim, absoluto, de não deixá-lo mais erguer a cabeça. Parece uma coisa à-toa falando assim: quem vai ao cinema e vê os atores trocarem socos fingidos e darem tiros que não fazem mal a ninguém, pode até pensar que dar um susto em alguém é uma coisa de nada. E não é verdade; para dar um susto em alguém é preciso dar-lhe a impressão de que se quer realmente matá-lo; e isso é muito difícil quando, ao contrário, como era o meu caso, não se quer matar, mas apenas dar um susto. Por sorte houvera aquela facada em Gino: antes eu fizera sem querer, agora tratava-se de fazer de propósito. Ficava olhando para Sestilia, e gostaria que' tivesse ido se engraçar com Serafim: isso teria esquentado meu sangue. Porém ela continuava quieta e reservada, à parte, como que ofendida, Júlia, ao contrário, só se esfregava no Serafim e ria à toa, exibindo as gengivas.

Enfim, numa hora em que o acordeão não estava tocando, quase sem pensar, talvez porque antes eu pensara muito, estiquei me sobre a mesa e disse a Serafim:

- Me diga uma coisa, o que você tem?... a gente o convida para festejar a minha volta e você não bebe, não fala... fica murcho aí como se não gostasse

de me ver solto. Serafim respondeu:

- Mas não, Luís... não tem nada a ver... estou com um pouco de dor de estômago, é isso.

E eu:

- Claro que não gosta... porque quando eu não estava, você cortejava a Sestilia e minha volta não era desejada... é por isso que você não gosta.

Tinha erguido a voz e no íntimo pensava:

- Ainda estou no chão, mas devo me levantar, levantar como um avião que toma altura... se não levantar, caio.

Todos agora se calavam, satisfeitos em me ver enfrentar o Serafim, como num show; Serafim, como observei, tornara-se pálido, ou melhor, cinzento, com aquela cara lisa e sem barba.

Então me estiquei ainda mais do outro lado da mesa e agarrei a bainha da camiseta, no peito, torcendo-a, e disse com força:

- Você tem que deixar Sestilia, viu... tem que deixá-la porque a gente se gosta.” Serafim encarou Sestilia, como que esperando que ela desmentisse, mas Sestilia, feito uma bruxa, baixou os olhos arrependida. Júlia pegou o braço de Serafim, dizendo-lhe:

- Venha, Serafim... vamos embora. Ela se aproveitava disso, coitadinha, tentando puxar a brasa para a própria sardinha. Serafim balbuciou algo que não entendi, depois levantou e disse: - Vou embora, não quero ser ofendido.

Bem alegre, Júlia também se levantou, dizendo:

- Eu também vou. Mas Serafim intimou-lhe:

- Você fica... não preciso de você, daí, pegou o casaco e se afastou embaixo da pérgula.

Todos aqueles rapazotes ficaram me olhando, para ver o que eu faria; e o irmão de Júlia disse:

- Tá indo embora, Luís... o que vai fazer? Eu fiz um gesto com a mão,

como que para dizer “calma”; e esperei que Serafim tivesse saído da cantina. Em seguida, levantei e saí correndo atrás dele. Fui alcançá-lo na alameda delle Mura Aurelie: caminhava sozinho, naquela rua escura, alto e encorpado, um grandalhão, e me deu medo de novo. Mas, então, já tinha me atirado e o alcancei, e segurando seu braço, disse afobado:

- Espere, quero falar com você. Senti que o braço era grosso, mas flácido e como que sem músculo; e ele, mesmo protestando, deixou-se levar para uma daquelas reentrâncias escura das muralhas. Pensava:

- Mãe do céu, ajude-me e, embora estivesse com medo, com uma das mãos atirei-o contra o muro e com a outra ergui a faca, dizendo:

- Agora eu te mato, Serafim. Esse era o momento, e se ele me segurasse a mão me desarmava no ato, porque eu resolvera deixar-me desarmar a cometer um desatino. Senti, ao contrário, que ele ia escorregando, quase desmaiando, ao longo do muro contra o qual eu o empurrara. Disse, desenxabido:

- Mãe do céu, que eram as mesmas palavras que pouco antes eu pensara para tomar coragem e, depois, ficou ali me olhando, com os olhos arregalados; e vi que o tinha vencido.

Baixei a mão armada e disse:

- Você sabe o que eu fiz com o Gino?

- Sim.

- Sabe que eu seria capaz de fazer com você também, de verdade?

- Sim.

- Então, não se meta com a Sestilia.

- Mas eu nem a vejo, disse ele retomando a coragem.

- Não basta, eu disse, “você deve regularizar sua situação com Júlia o mais rápido possível... está entendendo? e tornei a erguer a mão.

Ele disse tremendo:

- Está bem, Luís... mas deixe-me ir.

Eu repeti:

- Combinado, se não casar com ela eu te mato, se não for hoje será amanhã, mas eu te mato.

E ele disse:

- Vou casar.

- Agora chame-a, ordenei-lhe. Ele levou a mão à boca e chamou: - Júlia, Júlia.

Imediatamente, pela alameda, Júlia veio correndo ao nosso encontro, coitadinha.

- O Seráfim aqui quer falar com você , eu disse:

- Vão indo...eu volto à cantina.

Observei-os se afastando juntos e depois voltei à pérgula.

Estava encharcado de suor e quase caindo no chão, exatamente como Serafim quando o ameaçara com a faca. Mas os da mesa me receberam com aplausos:

- Viva o campeão. Terribili atacou um samba com o acordeão, os outros recomeçaram a fazer palhaçada,e Sestilia me disse baixinho:

- Vamos dançar, Luís.

- Dançámos,e dançando encostou a boca no meu ouvido e me disse num sussurro:

- Então você achou que eu não gostava mais de você?

Dei uma volta mais larga, levei-a para um canto escuro da pérgula, aí eu a beijei e assim fizemos as pazes.

No dia seguinte achava que Serafim já tinha esquecido o susto: porém, quando entrei no bar, vi que me olhava com medo e depois me disse:

- Vamos fazer as pazes, topa? e me ofereceu bebida. Em seguida começou a falar de si e de Júlia, e, com muitos volteios de frase, deu-me a entender que tinham resolvido se casar. Eu quase não acreditava nos meus ouvidos:

Serafim ia se casar de medo de mim. Gostaria de ter-lhe dito:

- Mas deixa prá lá, coragem, não percebe que somos da mesma laia?"; e ao contrário, já não era mais possível: eu era o forçudo, o que tem a faca no bolso, o que espanca. E Serafim acreditava nisso como os outros.

Casaram-se realmente, eu fui convidado para a festa e o irmão de Júlia me disse que aquilo tudo era mérito meu. Porém, mais tarde, chegou a minha vez de casar. Fizera todo aquele escândalo por Sestilia, agora devia provar-lhe que o tinha feito realmente por ela. Não estava nem um pouco a fim de casar com Sestilia, porque, na minha ausência tinha flertado com Serafim; mas, então, já não podia mais dar o fora. Quando nos casamos, naturalmente, Serafim também veio com Júlia que já estava grávida. E o coitado do Serafim, me abraçou, dizendo:

- Viva, Luís.

- Claro pensava eu, viva o cacete.

Mas a faca no bolso desde então eu não carrego mais.

MÃO FURADA

Dava-me bem com minha mulher em tudo, menos no item dinheiro. Tinha uma loja de fogões, estufas e acessórios elétricos num bairro não tão nobre como San Giovanni e por isso o dinheiro nunca era garantido. Havia dias bons em que vendia um fogão de quarenta mil liras, havia os maus em que não vendia nem uma lâmpada de trezentas liras. Mas isso, Valentina não queria entender. Em sua opinião eu era um avarento; e a minha avareza consistia no fato de que eu cuidava das contas do caixa, anotava as saídas e as entradas, e quando não as tinha, dizia-lhe, exatadamente, que não as tinha. Então, ela gritava:

- Você é um avarento... casei com um avarento.

Eu lherespondia:

- Mas por que você me chama de avarento, assim, sem ter provas? Por que não vem até a loja? por que não vai até o banco? eu te mostrarei o que vendo e o que não vendo... te mostrarei como diminuiu minha conta.

Ela respondia que na loja eu jamais a veria porque ela não era comerciante e seu pai tinha sido funcionário público; quanto ao banco, não iria porque não entendia nada daquilo e que, por isso, eu a deixasse em paz. Depois explicava, quase afetuosamente: - - Está vendo, Augusto, você é um avarento... é capaz de gastar tudo o que tem, é capaz de fazer dívidas... mas você é avarento. ... avarento não é quem não quer gastar... avarento é quem não gosta de gastar.

- E quem te disse que não gosto de gastar?

- Sempre faz uma cara daquelas quando se trata de soltar dinheiro.

- Mas que cara?

- Cara de avarento.

Naquele tempo eu estava apaixonado por minha mulher:

cheinha, branca e rosada, gostosa, fresca, Valentina ocupava todos os meus pensamentos. E eu não reclamava absolutamente que passasse o dia sem fazer nada, a fumar cigarros americanos, ler fotonovelas e ir ao cinema com as amigas. Amando-a como eu a amava, achava que ela sempre estava com a razão e eu errado. A avareza, sem dúvida nenhuma, é um defeito horrível e eu, sempre ouvindo dizer que era avarento, acabava acreditando nisso e me convencendo eu também de que o era. Assim, em vez de responder:

- Quer parar com esse negócio de avarento... e depois, avarento ou não, só eu sei quanto podemos gastar, bastava ela dizer:

- Olhe aí o avarento para que, aterrorizado, eu desembolsasse o dinheiro e pagasse sem abrir a boca. Desse modo, ela, que já percebera essa minha fraqueza, não me deixava em paz:

- Augusto, precisamos de um rádio... todo mundo tem rádio.

- Mas Valentina, custa caro um rádio.

- Uh, não seja avarento, com todo aquele dinheiro que tem no banco, vai querer me dizer que não pode comprar um rádio?

- Está bem, vamos comprar o rádio.

Ou então:

- Augusto, vi um par de sapatos tão bonitos... me dá o dinheiro?

- Mas, outro dia mesmo você comprou um par.

- Mas eram sandálias... vamos, não banque o avarento.

- Tá bem, tome o dinheiro.

Enfim, encontrava o modo de me fazer pagar e calar, infalível, e não falhava nunca.

Eu pagava porque tinha esperança de que um dia finalmente ela reconhecesse que eu não era avarento, que até era generoso, como eu achava que era. Mas isso era ilusão e passou depressa.

De fato, mais eu gastava e mais, para ela, era avarento. Quem sabe, ela compreendia que eu gastava por um impulso do orgulho, para fazer com

que mudasse de idéia e vencer sua obstinação em me considerar avarento; e ela de birra também, não queria dar o braço a torcer. Porém, talvez, fosse apenas estupidez da parte dela: imaginava que eu lhe escondia sabe-se lá que riquezas, como fazem os avarentos de verdade, que quando têm cem, saem por aí se queixando de que só têm dez. No mais ela tinha razão, ao dizer que eu não gostava de gastar.

Não gostava porque sabia quanto tínhamos e sabia também que nesse passo logo não teríamos mais nada. Tinha me casado com a loja montada e uma conta no banco de quase um milhão. Agora, por mais esforços que fizesse, apesar de não mais depositar dinheiro no banco e levar toda a fêria para casa, a conta ia diminuindo, de mês para mês, cada vez mais. Primeiro novecentas mil, depois oitocentas, depois setecentas, depois seiscentas. Estava claro, gastávamos mais do que ganhava e desse jeito, num ano no máximo, a conta estaria a zero.

Resolvi que nas quinhentas eu pararia e falaria com ela. Devo dizer que esperava por aquele dia quase com ansiedade: dava-me conta de que se nesse dia não conseguisse firmar os pés, estaria perdido. Entretanto o tempo passava e a conta diminuía. Eram seiscentas mil liras, depois quinhentas e cinqüenta, depois quinhentas e vinte e cinco. Numa manhã daquelas, retirei vinte e cinco mil liras, fui para a casa e disse a Valentina:

- Olhe, você está vendo, são vinte e cinco mil notas de mil.

Ela disse:

- E daí, por que está me mostrando? quer me fazer um presente?

- Não, não quero fazer presente nenhum.

- Imagine só, você me fazendo um presente... seria bom demais.

- Espere... estou mostrando porque são as últimas.

- Não acredito.

- Mas é verdade.

- Está querendo dizer que não tem mais dinheiro no banco?

- Ter tem... mas é o mínimo para um comerciante como eu...se gastarmos esse também, posso fechar o negócio.

- Se sabe que tem... então, por que fica me mostrando?... deixe-me em paz... e depois, não quer que eu diga que você é avarento.

Tinha jurado ficar calmo. Mas ao ouvir a palavra avarento,dei um pulo, enfurecido:

- Não sou avarento... gastamos mais que ganhamos...é por isso. . mas por que não vem comigo à loja... por que não vem comigo ao banco?

- Não me encha a paciência com o seu banco e a sua loja...faça o que quiser, se te dá prazer ser avarento, então seja avarento... mas me deixa em paz.

- Idiota.

Era a primeira vez desde que havíamos casado que eu a xingava.

Já viram o fogo explodir de um pouco de gasolina se se aproxima dele um fósforo? Tal qual a Valentina, sempre tão calma e até indolente, ante a palavra que me escapara.

Começou a me xingar e quanto mais me xingava, mais achava novos xingos, como se um puxasse o outro, como cerejas. É preciso dizer que andava brava comigo fazia tempo e o que me dizia já vinha remoendo na cabeça " sei lá desde quando. Não eram,também, xingamentos comuns, brutais, de homem: "canalha, sem-vergonha, tratante", que no fundo não ofendem ninguém; não, eram xingamentos de mulher, sutis, daqueles que te penetram como agulhas e depois ficam em você e mais tarde, se você se mexe, sente eles picarem só o diabo sabe onde.

Xingos que diziam respeito à família, à profissão,ao físico; não propriamente xingos, mas frases maldosas, rodeios cruéis, de fazer perder o fôlego. Eh, não conhecia a Valentina, e se não tivesse sentido tanta dor ouvindo ela falar daquele jeito, até poderia ter-me admirado. Bom, ela acabou se acalmando, finalmente, e eu um pouco pela humilhação, outro pelo cansaço

daquela cena tão longa, comecei a chorar feito criança, ajoelhado diante dela, a cara entre suas pernas. Porém, meso chorando e pedindo perdão, sentia que tinha acabado e que não a amava mais; e esse pensamento para mim era tão amargo que eu voltava a chorar de novo, mais forte que antes. Por fim, parei de chorar, dei-lhe cinco mil de presente e saí.

Sobravam vinte mil liras, mas não amava mais minha mulher e, por despeito, estava disposto a mostrar-lhe que não era avarento, ainda que para isso tivesse que me arruinar. Porém, antes de fazer o que tinha em mente, tive uma dúvida, uma hesitação, quase um pavor, como quando, no mar, o sujeito está para mergulhar e a água se mexendo lá embaixo no fundo, sob seus pés, lhe dá medo.

Achava-me às margens do Tibre, dos lados de Ripetta, com um sol de primavera que esquentava, suave, sem queimar. Vi no pé de uma ponte um mendigo que estendia o rosto para esse sol ao mesmo tempo que a mão, acocorado no chão. E vendo esse rosto tão contente, com os olhos abertos e a boca quase sorridente, pensei:

- Mas do que você tem medo?... mesmo se ficasse igual a ele, seria sempre mais feliz que agora.

- Então apertei na mão todas aquelas notas de mil que tinha no bolso e, ao passar, pus-lhe uma no chapéu. Como era cego, não me agradeceu e continuou com o rosto estendido ao sol, repetindo as palavras que os mendigos costumam dizer.

Pouco mais adiante, depois da ponte, havia uma relojoaria; fui até lá e, no ato, sem titubear, comprei um relógio para minha mulher, no valor de dezoito mil liras. Sobravam mil liras, peguei um táxi e fui à loja. Já me sentia melhor, embora ainda estivesse com um pouco de medo; mas me reanimei, recusando a manhã inteira mercadoria aos fregueses. A um dizia que o artigo estava esgotado; a outro pedia um preço caro demais; a outro, ainda, explicava que tinha o artigo mas não estava à venda porque era uma amostra. Dei-me ao

luxo até de maltratar alguns fregueses, daqueles bem antipáticos. Ao mesmo tempo continuava a repetir no íntimo:

- Nada de medo, o primeiro passo é o mais difícil... depois tudo vem por si.

Voltei para casa aquela manhã quase receando descobrir que depois de tudo ainda amava minha mulher; receava porque, daí, deveria recomeçar a lutar pelos centavos, a ouvi-la me chamar de avaréto e, enfim, a refazer a vida que tinha levado naqueles dois últimos anos. Mas, quando olhei para ela, vi que não a amava mais; parecia-me um objeto; notei que por baixo do pó-de-arroz estava com o nariz brilhando um pouco. Disse-lhe:

- Querida, trouxe-lhe um presentinho: já que você se queixava sempre de não ter um relógio de pulso.

- Estendeu-me o pulso e eu, antes de afivelar o relógio, dei-lhe um sonoro beijo, bem de marido apaixonado. Porém, enquanto isso, pensava:

- Tome...esse beijo é mais falso que o de Judas.

- É preciso dizer que nesse dia ela sentia remorso de todas as coisas feias que me dissera, porque estava toda dengosa e graciosa. Mas eu não sentia mais nada: dentro de mim a mola do amor se partira e não havia mais nada a fazer.

Nos dias seguintes continuei a execução de meu plano. Não havia dia que não lhe desse um presente; na loja, recusava-me até a escutar os fregueses, declarando desde o início:

- Não vendo nada; ao mesmo tempo a conta no banco ia diminuindo.

Meio milhão, também, não é uma grande soma, ao cabo de dois meses ou pouco mais não me restava quase nada. Valentina nem desconfiou. Continuava lendo revistas, fumando cigarros americanos, indo ao cinema com as amigas.

Só de vez em quando, a um novo presente, dizia próforma:

- Veja como eu tinha razão, quando você dizia que não tinha dinheiro e

era pobre e não ganhava muito... agora, gasta muito mais, você é, não digo generoso, mas menos avarento e o dinheiro você arranja do mesmo jeito.

- Eu não dizia nada, mas dentro de mim repetia:

- Espere, antes de cantar vitória.

Num daqueles dias, retirei do banco as últimas cinquenta mil libras e comprei tantos pacotes de cigarros americanos de modo a não ficar com mais de trezentas libras. Era de manhã cedo e, em vez de ir à loja, voltei para casa, fui até o quarto e deitei, vestido como estava e com os sapatos nos pés, sobre os lençóis ainda desfeitos. Valentina, que dormia, revirou-se no sono dizendo:

- Não vai trabalhar?... hoje é domingo? e eu respondi:

- Sim, é feriado.

- Então ela se levantou e se vestiu lentamente, falando pouco e perguntando à toda hora:

- Mas que feriado que é? como se estivesse pressentindo que não era absolutamente feriado. Eu aguardava o momento em que ela pediria o dinheiro para as compras: era ela, com toda sua preguiça, que fazia as compras e depois cozinhava com o auxílio de uma empregadinha de meio período. Ela foi ao banheiro, acabou de se vestir, e depois foi à cozinha e falou com a empregada e preparou o café. Finalmente, levantei da cama e também fui à cozinha. Tomamos o café em silêncio, exceto quando insistiu:

- Mas que feriado que é... Lúcia diz que não é feriado e que todas as lojas estão funcionando.

- Então, respondi com simplicidade:

- Hoje o feriado é meu; e fui para o quarto, onde deitei novamente sobre os lençóis, com sapato e tudo.

Na hora Valentina não falou nada, passou um bocadinho de tempo na cozinha conversando com a empregadinha e, na minha opinião, dando um tempo para mostrar que não estava me levando a sério.

Finalmente apareceu na soleira, as mãos nos quadris, e disse:

- Se não está com vontade de trabalhar, não discuto... tem direito de ficar na cama... mas se quer comer, precisa me dar dinheiro para as compras.

Soltei fumaça em direção ao teto e respondi: "Dinheiro? Não tenho.

- Como não tem?

- Não tenho.

Ela, então, disse:

- Escute, que estória é essa? O que tem na cabeça?... Se não me der o dinheiro, não faço as compras, e se não fizer as compras a gente não come.

- Realmente, respondi, acho qu'enão vamos comer!

- Bom - disse ela,vou para lá, não tenho tempo a perder... deixe o dinheiro emcima do criado-mudo.

Eu continuei a fumar e quando ela voltou, alguns minutos mais tarde, disse com sinceridade.

- Valentina, estou falando sério,não tenho mais dinheiro... ao todo dobraram trezentas liras.. . não ' tenho mais nada.

- Você tem a conta no banco... que avareza é essa agora?

- Não sou avarento, não tenho mais nada... olhe aqui, se quiser.

Tirei do bolso o talão de cheques e mostrei-o: dessa vez ela não disse que não entendia daquilo e que a deixasse em paz, entendera que eu não estava brincando e fazia uma cara espantada. Examinou o talão e depois deixou-se cair numa cadeira, sem abrir a boca. Expliquei:

- Você dizia que eu era avarento; quanto mais eu gastava, para você, mais avarento era... então, me arruinei de propósito... gastei tudo... na loja não quis mais vender... e agora acabou... Não tenho mais nada e não temos com que comer... mas pelo menos não poderá dizer que eu sou avarento.

Ela, repentinamente, pôs-se a chorar, mais, como parecia,porque sentia que não a amava mais que pelo fato em si. Depois disse:

- Você nunca gostou de mim, e agora até me deixa faltar comida.

- Claro, disse, não tenho dinheiro.

Ela disse:

- Eu te largo... vou para a casa da mamãe.

- Tchau mesmo.

Saiu para o quarto e, enfim, também da minha vida, pois desde aquela manhã não mais a revi. Dali a pouco me levantei da cama e também saí. Era um dia de sol, comprei uma bengalinha e fui comê-la às margens do Tíber. Olhando a água correr, senti-me repentinamente feliz e achei que aqueles dois anos de casamento não tinham passado de uma aventura sem consequências: quando ficasse velho, iria me lembrar deles não como de dois anos, mas como de dois dias. Comi a bengala devagar e depois grudei-me ao bico da fonte e bebi. Mais tarde fui à casa de meu irmão e pedi-lhe que me hospedasse até arranjar serviço.

Encontrei um, realmente, de simples eletricista, dali a uma semana.

Como disse, não revi mais Valentina. Mas sabem o que anda dizendo? Que sou um esbanjador de mãos furadas, que ela não conseguia me fazer economizar; e por isso me largou.

O DIA NEGRO

Quando se fala em azar, muitos não acreditam, mas eu tenho provas. Que dia foi anteontem? terça- feira, dezessete. O que aconteceu de manhã, antes de sair? procurando o pão no armário, derrubei o sal. Quem encontrei, na rua, logo que saí?

Uma moça corcunda, com uma mancha de nascença peluda no rosto,

que, no bairro, e é claro que conheço todos ali, eu nunca tinha visto. O que fiz ao entrar na garagem? passei embaixo da escada de um operário que estava consertando a placa luminosa.

Quem foi o mecânico que primeiro falou comigo na garagem? sicrano, só para não nomeá-lo, que todo mundo sabe que dá azar com aquela sua cara torta e os dois olhos enfezados. Não chega? eis mais uma: indo ao estacionamento por pouco não esmaguei um gato preto que atravessou a rua saindo de não sei onde, de modo que precisei brecar de chofre com um chiado do diabo.

No estacionamento do largo Flaminio, a poucos passos da estação dos trens para Viterbo, não esperei muito. Deveriam ser umas sete horas, e lá vêm correndo, com uns passos como se dançassem a tarantela, dois caipiras desses bem da roça. Ele baixo e atarracado, de calças pretas, faixa na barriga, gibão, camisa sem colete, a cara amassada e preta de barba, caolho, com um olho fechado e o outro esbugalhado; ela, talvez a mãe, vestida de cigana, de saia preta, xale preto, a cara como que de buxo amarelo, toda enrugada, e argolas de ouro nas orelhas.

Carregados como burros, também, com embrulhos, pacotes, maços de verduras e lenços cheios de tomates. Ele me estendeu sem falar um pedaço de papel em que, com umas letras flutuantes que pareciam notas musicais, estava escrito o endereço: praça Pollarola; que fica justamente perto do mercado de Campo dei Fiori. Enquanto isso ela, bem depressa, carregava toda aquela bendita carga para dentro do táxi. Virei-me e observei:

- Qual é, estão pensando que isto aqui é o caminhão da verdura?

Ele respondeu entredentes, sem me olhar:

- É tudo coisa fresca... corre, vamos, que estamos com pressa.

Liguei o motor e corri. Enquanto corria, ouvi-o dizer à mulher:

- Mas olhe onde põe os pés... já me amassou o tomate; e logo achei que tinham sujado o táxi. Quando, de fato, cheguei à praça Pollarola me virei e

vi que tinham feito um massacre: folhas de salada, terra, água, tomates esmagados, e não um só.

Disse, com raiva:

- E agora vai me pagar o couro do assento?

- Não é nada", disse ele, tirando do bolso o lenço e limpando onde estava mais sujo. Respondi enfurecido:

- É inútil enxugar... você me fez um estrago de mil liras.

Mas ele não me dava ouvidos. Ajudava a mulher a descarregar os embrulhos repetindo:

- Vamos, depressa... desce tudo.

Então, gritei-lhe:

- Ei, nada, nada, além de caolho você também é surdo?... estou te dizendo. quem vai me pagar pelo couro do assento?

Irritado, virou-se, dizendo:

- Espere, não vê que estou descarregando?

- Mas eu quero que você me pague pelo estrago.

- Então, já tinha acabado.

- Tó, disse, enfiando na minha mão o dinheiro da corrida, pega e vai embora.

- Qual é, você é bobo? O que vou fazer com isso?

- Não chega?

- Isso é a corrida, tudo bem... mas e o estrago?

Agora estávamos um em frente do outro. A mulher permanecia à parte, tranqüila, entre seus pacotes. Ele disse:

- Agora vou te pagar; em seguida, após ter passeado os olhos em torno da praça, que naquela hora estava deserta, enfiou a mão no bolso.

Achei que estava pegando o dinheiro. Ao contrário, era um canivete de mola, de pastor:

- Está vendo isso? Dei um pulo para trás; ele tornou a fechar o canivete

e acrescentou:

- Agora estamos entendidos.

Fervendo de raiva, entrei de novo no táxi, liguei o motor, dei a volta na praça e depois, em alta velocidade, corri para cima da mulher que continuava parada junto dos pacotes. Escapou por milagre, eu entrei com o táxi no meio de toda aquela verdura, fazendo um massacre. Ele gritou algo e pulou no estribo. Tirei uma das mãos do volante e dei-lhe um tapa na cara, obrigando-o a descer; mas perdi a direção e fui bater num muro. Porém, consegui endireitar o carro e virei. Na ponte Vittorio, finalmente, parei e olhei: o pára-lama estava arranhado e torto: além da sujeira, um estrago realmente de mil liras. Estava começando bem.

Mal-humorado, amaldiçoando os caipiras e a roça, fiz mais cinco corridas de nada, de duzentas ou trezentas liras.

Finalmente, às duas, dei por mim na Estação Central, no rabo de uma fila de outros táxis. Chega um trem, o pessoal se espalha, os táxis partem um depois do outro, vem a minha vez, sobe um senhor gordo e alto, calvo, com as lentes no rosto redondo e escanhado. Tinha uma maleta, disse seco:

- Rua de Macchia Madama.

Ora, é impossível alguém conhecer todas as ruas de Roma.

Porém, mais ou menos, pelo faro, se adivinha. Mas essa rua de Macchia Madama era a primeira vez que eu ouvia falar.

Perguntei:

- Mas onde fica?

- Então, vá até o Foro Italico... depois eu ensino.

- Não disse

nada e dei a partida. Corri, corri e corri, rua Flaminio, ponte Milvio; depois da ponte Milvio, segui pela marginal do Tibre, em direção ao Foro. Ele me gritou: “Agora a primeira à direita e depois novamente à direita.”

Já estávamos então no começo da encosta do Monte Mario.

Peguei, atrás do estádio que tem as estátuas nuas, uma ladeira e comecei a subir. No meio da ladeira, uma placa no meio de um poste, entre as moitas, trazia escrito:

- Rua de Macchia Madama .

Mas não era uma rua, e sim uma viela de campo, só cascalho e poeira.

Perguntei:

- Devo entrar?

- Claro!

Deixei escapar:

- Mas mora na floresta negra mesmo.

- Não banque o engraçadinho... é uma rua como todas as outras.

Chega, engoli essa, como se diz, e enfiei o carro pelo beco. Os buracos e as pedras, não dava para contar; de um lado tinha a encosta, só touceiras de giestas; do outro lado um precipício; e ao fundo, o panorama de Roma. Fui subindo; nas curvas, de tão curtas, precisava dar marcha-à-ré; finalmente, um portão, no topo da última subida. Entro no portão, continuo por uma área calçada com cascalho, sem árvores, diante de uma casinha de campo branca, páro. Ele desce e me dá depressa o dinheiro da corrida.

Protesto: - Isso é pela corrida... e a volta?

- Que volta?

- Aqui estamos fora de Roma... o senhor deve pagar a volta.

- Eu não pago nada... nunca paguei volta nenhuma e não é hoje que vou pagar.” Dizendo essas palavras, afastou-se rapidamente em direção à casa. Gritei-lhe, exasperado:

- Vou ficar aqui enquanto não me pagar a volta... nem que tenha que esperar até à noite.

- Ele deu de ombros e depois, quando a porta se abria, pareceu-me entrever um homem de avental branco. Olhei para a casa: estava com todas as persianas fechadas; no térreo as janelas tinham grades. Dei de ombros eu

também, voltei ao táxi, que debaixo do sol já se esquentava, sentei ao volante, tirei do bolso a bengala do almoço e comi lentamente, naquele silêncio profundo, admirando, além da beira do barranco, o panorama de Roma. Depois me deu sono, naquele calor abrasante, adormeci e dormi uma hora talvez. Acordei de sobressalto, aturdido e suando, e vi que tudo estava como antes: a área deserta, a casinha com as persianas fechadas, o sol, o silêncio. Fui tomado por um frenesi, comecei a buzinar, pensando:

- Alguém há de vir.

Às buzinas, alguém veio, realmente. Um homenzinho escuro que parecia um sacristão, vestido de seda crua, despontou atrás da casinha, trotou através do pátio, aproximou-se:

- Livre?

- Sim.

- Então, me leve até São Pedro.

Pensei que havia males que vinham para o bem: São Pedro era uma bela corrida e, além de tudo, eu saía ganhando também a volta. Liguei o motor e parti. Pareceu-me, é verdade, enquanto estava saindo pelo portão, ver alguém que de uma das janelas, me chamava com sinais, mas não fiz caso. Desci devagar, curva por curva, uns cinqüenta metros por aquele beco, depois, num cotovelo mais estreito, dei marcha- à- ré. De repente, descendo a pique pela encosta, agarrando-se às touceiras e agitando os braços, dois brutamontes de avental branco:

- Páre, páre.

Parei. Um deles abriu a porta e disse, sem muita cerimônia, ao homem reclinado no fundo do táxi:

- Vamos, meu caro, desça... e nada de histórias.

- Mas o Papa está me esperando.

- Pois bem, fica para outra vez... desça, vamos.

Desceu afinal, e o grandalhão segurou-o por um braço, enquanto me

explicava:

- É sempre tão calmo, por isso o deixamos solto... mas com os loucos nunca se pode saber.

- Mas aquilo o que era? Uma clínica para loucos?

- Pois é, ainda não tinha percebido?

- Não, não tinha percebido; e, resumindo, tinha perdido todo o tempo que ficara lá em cima, mais a volta. Então já era tarde e a manhã tinha sido negra. Fui ao estacionamento do Viale Pinturicchio e ali, podem não acreditar, esperei cerca de quatro horas. Finalmente, ao escurecer, um rapaz moreno, de camiseta por baixo do casaco, de cabelos compridos, um verdadeiro capiau, de braço com uma moça bonita e torta, disse:

- Leve-nos ao Gianicolo, e entraram. Pus-me a correr em disparada e, de vez em quando, olhava pelo espelho sobre o pára-brisa. Na altura do Lungotevere Flaminio, ele agarrou a moça pelos cabelos, dobrou-lhe a cabeça para trás e a beijou na boca. Ela gemeu:

- Não, não, malvado; e em seguida, naturalmente, passou-lhe o braço em torno do pescoço e retribuiu o beijo. Beija que beija, não terminava mais; eu não costumo ser implicante com os casais; mas naquele dia, após tantas desgraças, me deu uma raiva. Brequei e parei o carro de chofre, anunciando:

- Chegamos.

- Já é o Gianicolo? perguntou ela, saindo do abraço com o batom todo borrado e os cabelos em desordem.

- Não, não é o Gianicolo. ∴ mas se vocês não se comportarem eu não prossigo.

Ele disse, valente:

- Mas o que você tem a ver com isso?

- O táxi é meu... se querem fazer amor, há os matagais de Villa Borghese.

Ele me fitou um momento e disse:

- Está bem, agradeça a Deus por eu estar com a moça... leve-nos ao Gianicolo.

Não disse nada e levei-os ao Gianicolo. Já era noite, e eles desceram dizendo que eu esperasse, e encostaram no parapeito e por um tempo ficaram olhando o panorama de Roma. Depois voltaram e ele disse:

- Agora vamos aos Cavalieri di Malta.

- Mas já deu mil liras.

- Vá, não se preocupe.

Do Gianicolo aos Cavalieri di Malta é uma viagem. No táxi, parece que ainda se beijavam, mas eu já não ligava mais, queria somente o dinheiro. Nos Cavalieri di Malta, naquelas ruas desertas, fizeram-me parar em Santa Sabina. Ali há uma praça e a entrada de um jardim cercado de muros, que dá para o Tibre. Novamente mandaram que esperasse, desceram e entraram no jardim. Estava escuro, com o tempo ameno, as últimas andorinhas esvoaçavam antes de ir dormir, o perfume das magnólias tão forte que deixava tonto. Um lugar para namorados: e pensando que, depois de tudo, aqueles dois tinham razão de se beijar e que, em seu lugar, eu teria feito o mesmo, esperei por eles de boa-vontade. Assim, esperei talvez meia hora, descansando naquela penumbra silenciosa e fresca. De repente, bati os olhos no taxímetro, vi que marcava duas mil liras, sobressaltei-me, desci, entrei no jardim.

Bastou-me uma olhada para ver que estava deserto, com todos os bancos vazios embaixo das árvores. Havia outra entrada que dava para a rua de Santa Sabina, certamente tinham saído por ali, para descer depois, abraçados, feito namorados, até o Circo Massimo. Em suma, tinham aprontado comigo.

Puto, amaldiçoando minha desgraça, desci eu também, ao luar.

No obelisco de Aksum, um guarda me parou:

- Em contravenção... não sabe que de noite não se anda com os faróis apagados?

Mas, no Coliseu, eis finalmente um freguês do meu gosto: um corcunda, de camisa branca, o colarinho aberto à robespierre, o casaco debaixo do braço, a corcova alta sobre a cabeça sem pescoço:

- Tarde demais, murmurei entredentes.
- O que disse? falou ao subir.
- Nada, para onde vamos? Deu-me o endereço, liguei o motor e parti.

AS JOIAS

Quando numa turma de amigos entra uma mulher, podem apostar: a turma vai se desmanchar e cada um vai embora para seu lado.

Éramos, naquele ano, uma turma de rapazes que se davam bem como poucos, sempre unidos, sempre firmes, sempre juntos.

Ganhávamos todos muito bem, Tore com a garagem, os dois irmãos Modesti com a distribuição de carne para corte, Pippo Morganti com a casa de frios, Rinaldo com o bar, e eu com as coisas mais diferentes: naquela época comerciava com resina e produtos afins. Embora estivéssemos todos aquém dos trinta anos, nenhum de nós pesava menos de oitenta, noventa quilos: todos bons garfos, como se diz. Durante o dia trabalhávamos; mas a partir das sete encontrávamo-nos, primeiro no bar de Rinaldo, no corso San Vittorio, depois numa cantina com jardim pelos lados da Chiesa Nuova. Os domingos os passávamos juntos, naturalmente: ora no estádio para o jogo, ora passeando nos Castelli, ora, quando fazia calor, em Ostia ou em Ladispoli.

Éramos seis, mas pode-se dizer que éramos um só. Assim, Quando um de nós ficava com uma mania, os outros cinco também ficavam. Aquela

das jóias, começou com Toré: uma noite apareceu na cantina, trazendo no pulso um cronômetro de ouro maciço com a pulseira, também de ouro, de corrente, da largura de três dedos. Perguntamos quem lhe tinha dado o presente; e ele:

- O gerente do banco da Itália, quer dizer, comprara-o com o próprio dinheiro. Depois, tirou-o e o exibiu: era um relógio de marca, com duas caixas, indicava os segundos e pesava, com aquela corrente tão grossa, vai se saber lá quanto. Causou impressão. Alguém disse:

- Um investimento. Mas Tore respondeu:

- Que investimento que nada... Gosto de usá-lo no pulso, é isso.

No dia seguinte, na cantina de sempre, Morganti já tinha seu relógio, com pulseira de ouro também, mas não tão pesada. Depois chegou a vez dos irmãos Modesti que compraram um cada, maior que o de Tore, mas e com a corrente mais leve e mais larga. Quanto a mim e a Rinaldo, como gostávamos do relógio do Tore, perguntamos onde ele o tinha achado e fomos juntos comprá-lo, num boa loja do Corso.

Era maio, e quase sempre, de noite, íamos ao Monte Mario, na cantina, tomar vinho e comer fava fresca e pecorino. Uma noite daquelas Tore estica a mão para pegar uma fava e todos vemos em seu dedo um anel maciço, com um brilhante não muito grande, mas bonito.

- Caramba, exclamamos. E ele, brutalmente:

- Agora porém, não me imitem, seus macacos... Este eu comprei para me diferenciar." Ainda assim ele tirou e nós passamos de mão em mão: era um belíssimo brilhante, límpido, perfeito. Mas Tore é um granda, lhão um tanto mole, com uma cara achatada e trêmula, dois olhinhos pequenos de porco, um nariz de burro e uma boca que parece uma bolsa desengonçada. Com aquele anel no dedo gordo e pequeno e aquele relógio no pulso atarracado, parecia quase uma mulher. O anel de brilhante, como ele queria, não foi imitado. Porém, todos compramos o nosso anel.

Os Modesti mandaram fazer dois anéis iguais, de ouro vermelho, mas com duas pedras semipreciosas diferentes, uma verde e uma turquesa; Rinaldo comprou um anel meio à antiga, perfurado e cinzelado, com um camafeu marrom em que se via uma figurinha branca de mulher nua; Morganti, sempre exibido, adquiriu um anel inteirinho de platina, com uma pedra negra; eu, mais comedido, contentei-me com um anel de engaste quadrado, com uma pedra amarela chata sobre a qual mandei gravar minhas iniciais, de modo a servir para selar o lacre dos pacotes.

Depois dos anéis, foi a vez das cigarreiras. Tore, como sempre, foi quem começou, fazendo estalar debaixo de nosso nariz um estojo comprido e achatado, de ouro naturalmente, com ranhuras cruzadas; e em seguida todos o imitaram, quem de um jeito, quem de outro. Depois da cigarreira, endoidamos; um comprou uma pulseira com plaqueta para usar no outro pulso; outro uma caneta tinteiro aerodinâmica; outro uma correntinha com a cruz e a medalha de Nossa Senhora para pendurar no pescoço; outro, finalmente, um isqueiro. Tore, o mais fútil de todos, mandou fazer mais três anéis; e agora mais do que nunca parecia uma mulher, principalmente quando tirava o casaco e ficava em camiseta de mangas curtas, com aqueles braços moles à mostra que terminavam nas mãos cheias de anéis.

Vivíamos carregados de jóias; e, não sei por que, foi aí justamente que as coisas começaram a desandar. Coisa de nada porém: uma gozação, uma frase mais atrevida, uma resposta seca. Até que numa noite daquelas, Rinaldo, o dono do bar, apareceu com uma moça, a nova caixa, na cantina de sempre.

Chamava-se Lucrécia, não chegara ainda aos vinte anos, mas já tinha o corpo de uma mulher de trinta. Tinha as carnes brancas como leite, os olhos escuros, grandes, parados e sem expressão, a boca vermelha, os cabelos pretos. Parecia uma estátua, mesmo porque estava sempre comportada e imóvel, quase sem falar. Rinaldo confiou-nos que a contratara através de um anúncio e disse que não sabia nada sobre ela, se tinha família e com quem

vivia. Era justamente o que precisava, para o caixa: uma moça assim fazia afluir os fregueses com sua beleza e depois, com sua seriedade, mantinha-os à distância; uma feia não atrai e uma bonita mas fácil não trabalha e provoca desordem. Aquela noite a presença de Lucrécia nos deixou acanhados: ficamos o tempo inteiro empertigados, sem tirar o casaco, falando com moderação, sem brincadeiras nem palavrões, comendo com educação; e Tore até experimentou cortar a fruta com faca e garfo, sem muito sucesso, porém. No dia seguinte corremos todos ao bar para vê-la em suas funções. Estava sentada num banco minúsculo do qual transbordavam os quadris que já eram demasiado largos para sua idade; com o peito protuberante quase apertava as teclas da caixa registradora.

Ficamos todos boquiabertos ao vê-la, calma, precisa, sem pressa, distribuir os tíquetes com o preço, apertando sucessivamente as teclas da registradora sem sequer olhá-las, fixando os olhos diante de si, em direção do balcão do bar. A cada vez, com uma voz tranqüila e impessoal, avisava o balconista:

- Dois cafés... um bitter... uma laranjada... uma cerveja.

Não sorria nunca, nunca fitava o freguês; tanto que havia os que se punham bem debaixo de seu nariz para serem olhados. Estava vestida propriamente, mas como moça pobre que era: um vestido branco, sem mangas, simples. Porém limpo, fresco, passado. Não usava jóias, ela, nem mesmo brincos, embora tivesse os furos nos lóbulos das orelhas. Nós, é claro, ao vê-la tão bonita, começamos a brincar, encorajados por Rinaldo que estava orgulhoso dela. Mas ela, após as primeiras brincadeiras, disse: - A gente se vê à noite no restaurante, não é?... Enquanto isso, deixem-me em paz... quando trabalho não gosto de perturbada.

Tore, a quem eram dirigidas essas palavras, porque era o mais grosseiro e atrevido, disse com admiração fingida: "Desculpe, você sabe... somos gente simples... não sabíamos que estávamos tratando com uma

princesa. . desculpe... não queríamos ofender.

E ela, seca:

- Não sou uma princesa, mas uma pobre moça que trabalha para viver... e não me ofenderam... um café e um bitter.

Enfim, saímos dali quase envergonhados.

A noite, nos encontramos, como sempre, no restaurante, Rinaldo chegou com Lucrécia por último; e nós logo pedimos a comida.

Por um instante, enquanto esperávamos os pratos, recomeçou o acanhamento; em seguida o proprietário trouxe uma grande travessa com frango à romana, guisado, com molho de tomate e pimentões. Então, olhamos um para a cara do outro e Tore, interpretando o sentimento comum, exclamou:

- Sabem de uma coisa? Gosto de ficar à vontade na mesa... façam como eu e vão se sentir bem. Assim dizendo, agarrou uma coxa e, com as duas mãos cheias de anéis, levou-a à boca e pôs-se a devorá-la. Foi o sinal; após um instante de hesitações todos comíamos com as mãos; todos exceto Rinaldo e, naturalmente, Lucrécia, que mal tocou num pedacinho de peito. Após aquele primeiro instante, reanimados, voltamos em tudo e por tudo à antiga algazarra: comíamos falando e falávamos comendo; entornávamos, a cada bocado, copos transbordando de vinho; refestelávamo-nos na cadeira; contávamos as histórias descaradas de sempre. Aliás, talvez por provocação, nos portávamos pior que de costume; e não me lembro de ter comido tanto e com tanto gosto como naquela noite. Terminada a refeição, Tore afrouxou a fivela do cinto das calças e soltou um arroteo profundo, de fazer tremer o teto, se não estivéssemos ao ar livre, sob um caramanchão.

- Ufa, estou me sentindo melhor, declarou. Pegou um palito, e, como sempre fazia, começou a palitar os dentes, um por um, e depois recomeçou; e finalmente, o palito preso no canto da boca, contou-nos não sei que história bem ordinária.

Lucrécia, então, levantou-se e disse:

- Rinaldo, estou cansada... Se não for incômodo, leveme para casa.

Todos trocamos um olhar significativo: era caixa só há dois dias e já o tratava com intimidade e o chamava pelo nome. Que anúncio no jornal, que nada. Foram, e, mal saíram, Tore soltou outro arroteio e disse:

- Estava na hora... não aguentava mais...viram só que orgulho?... e ele andando atrás dela todo manso... um carneirinho... o anúncio, hein... digamos antes que era um anúncio matrimonial.

Durante dois ou três dias repetiram-se as mesmas cenas:

Lucrécia comendo comportada e silenciosa; nós, fingindo que não estava ali; e Rinaldo, entre Lucrécia e a gente, não sabendo como se portar. Mas algo estava no ar, todos sentiam:a moça, água parada, não demonstrava mas queria o tempo todo que Rinaldo escolhesse entre ela e nós. Finalmente, uma noite, sem uma razão precisa, talvez porque fizesse calor e como se sabe o calor dá nos nervos, Rinaldo, no meio da refeição,agrediu-nos do seguinte modo:

- É a última vez que venho comer com vocês. Ficamos todos estupefatos, Tore perguntou:

- Ah, é? E pode-se saber por quê?

- Porque não gosto de vocês.

- Não gosta da gente? Sentimos muito, muito mesmo.

- São um bando de porcos, é o que são.

- Olha como fala, ficou louco, é?

- Sim, são um bando de porcos, digo e repito... comer com vocês me dá ânsia de vômito.

Todos agora estávamos com a cara vermelha de raiva, alguns tinham se posto de pé.

- No entanto - disse Tore -, o primeiro porco é você! Quem te deu o direito de nos julgar? Não estávamos sempre juntos? Não fazíamos sempre as mesmas coisas?

- Fique quieto aí - disse-lhe Rinaldo - que com todas essas jóias em cima parece uma daquelas... só falta o perfume... diga, nunca pensou em usar perfume? - A indireta era dirigida a todos nós; e nós, certos de que vinha de lá, olhamos para Lucrécia; mas ela, fingida, tratava de puxar Rinaldo pela manga, pedindo que parasse e viesse embora. Tore então lhe disse: "Você também tem jóias... você também tem relógio, anel, pulseira... igual aos outros." E Rinaldo, fora de si:

- Mas eu, sabem o que vou fazer? Vou tirar tudo e dar para ela... Toma, Lucrécia, são de presente. Assim dizendo, tirou o anel, pulseira, relógio, puxou do bolso a cigarreira e foi jogando tudo no colo da moça. "Vocês" disse para insultar "não saberiam fazer uma coisa dessas... não poderiam fazê-la."

- Vá para o inferno - disse Tore; porém, via-se agora que se envergonhava de ter todos aqueles anéis nos dedos. "Rinaldo, pegue de novo suas coisas e vamos", disse Lucrécia, calma.

Ajuntou todos os ouros que Rinaldo lhe dera e enfiou-os no bolso dele. Rinaldo, porém, por não sei que rancor que tinha da gente, continuou a xingar, deixando-se ao mesmo tempo arrastar por Lucrécia.

- São um bando de porcos, ouçam o que eu digo... aprendam a comer, aprendam a viver... porcos.

- Idiota, gritou-lhe Tore enfurecido, ignorante... você se deixou levar por esta outra idiota, que está aí do seu lado.

Podem imaginar o Rinaldo? Pula por cima da mesa, agarra Tore pelo colarinho. Em poucas palavras, precisamos separá-los.

Naquela noite, depois que se foram, não abrimos mais a boca e dali a pouco saímos nós também. Na noite seguinte voltamos a nos encontrar, porém, então, a antiga alegria já tinha acabado. Percebemos, também, que muitos anéis tinham desaparecido e mesmo alguns relógios. Duas noites mais tarde, estávamos todos sem jóias, mais abatidos que nunca. Passou uma semana e

depois, desculpa vai desculpa vem, deixamos completamente de nos encontrar. Tinha acabado, e, como se sabe, quando as coisas acabam, não recomeçam mais: ninguém gosta de sopa requentada. Um dia desses soube que Rinaldo casou com Luerécia; me disseram que, na igreja, ela estava mais coberta de jóias que uma imagem de Nossa Senhora. E Tore? Faz tempo, eu o vi em sua garagem. Tinha um anel no dedo, mas não de ouro e sem brilhante: um daqueles anéis de prata que usam os mecânicos.

CORPO FECHADO

Alexandre me aprontara aquela cena indigna no restaurante; mas duas semanas mais tarde, correndo de motocicleta na Cassia, trombou com um caminhão e foi morto no choque. Júlio me pegara aos tapas na saída do cinema; mas apenas três dias depois, pegou nos banhos no Tibre aquela terrível doença que vem dos esgotos e partiu desta em poucas horas. Remo me dissera:

- Seu idiota, imbecil e ignorante”, na rua Ripetta; mas pouco depois, virando na via dell’Oca, escorregou numa casca e quebrou o fêmur. Mario fizera um gesto obsceno no jogo de futebol, mas quase no ato, pode-se dizer, percebeu que lhe tinham surrupiado a carteira do bolso. Esses quatro casos e outros que não conto para não me tornar monótono, convenceram-me naquele ano de que eu era protegido por uma força misteriosa que fazia morrer ou, pelo menos, punia quem quer que fosse que se metesse a besta comigo. Notem que não se tratava de mau-olhado. Quem lança a inhaca prejudica sem motivo, ao acaso, espalhando desgraças mais ou menos como o carro- bomba espalha água: em quem espirrar, espirrou. Não, sentia que, embora homem

insignificante, nem bonito, nem forte, nem rico (sou balconista numa loja de tecidos), nem, em suma, particularmente dotado de modo algum, eu era protegido por uma força sobrenatural, devido à qual ninguém podia me fazer mal impunemente. Vão dizer: presunção. E então, por favor, expliquem-me a coincidência dessas mortes e dessas desgraças acontecidas a todos aqueles que quiseram bancar os prepotentes comigo. Expliquem-me por que me achando num aperto, e invocando, justamente, essa força, ela logo vinha correndo, como um cachorrinho, e punia o imprudente que tinha ousado ir contra mim. Expliquem-me finalmente... mas, deixemos para lá.

Basta saber que naquele tempo enfiara na cabeça que era invulnerável, como que por um encantamento.

Num daqueles dias de verão decidimos, Graça e eu, ir passar o domingo em Ostia. Na loja de tecidos éramos três balconistas:

Graça, eu e um novo que se chamava Hugo. Um sujeito, esse último, que, para dizer a verdade, não me agradava mesmo: alto, atlético, seguro de si, com uma cara de pugilista, de nariz achatado e queixada protuberante. Hugo tinha um jeito de jogar a peça no balcão, desenrolar o tecido e fazê-lo estalar entre os dedos, olhando não para o freguês, mas para os transeuntes, na rua, através dos vidros da porta da loja, que me atacava os nervos; e quando um comprador ficava em dúvida, em vez de tentar convencê-lo, dava uma de bravo: ou seja, fechava-se num silêncio desdenhoso e desaprovador; ou então dizia, sem mais, secamente:

- A senhora precisa de um artigo mais ordinário, e ia guardar a peça. Procurava, enfim, intimidar o comprador; e realmente, quase sempre, esse o chamava novamente, arrependido, voltava a examinar o tecido e fazia a compra. Porém eu, toda vez que queria imitá-lo, talvez porque não tinha o porte físico e o descaramento de Hugo, ouvia dizer que era maleducado, que a direção faria bem em me despedir e coisas assim. Por isso, após algumas tentativas infelizes, voltei ao meu jeito que é, ao contrário, viscoso, melado,

todo insinuação e amabilidade.

Graça não gostava de Hugo; pelo menos era o que me garanti tira muitas vezes:

- Esse aí... pelo amor de Deus... que horror!

Parece um negro. Porém quando, após ter combinado o passeio a Ostia, Hugo se aproximou da gente perguntando com aquela sua voz arrogante:

- O que vão fazer de bom no domingo?, ela respondeu logo, saracoteando, sorrindo, estufando-se toda,oferecida:

- Por que você não vem também, Hugo? Imaginem o Hugo: aceitou no ato, e até disse com ar de proteção que providenciaria uma moça para levar, de modo que cada um tivesse a sua. Porém, falou isso de um jeito tal que me deixou em dúvida: como se tivesse pretendido dizer que sua pequena era Graça e que a outra ele traria para mim.

Domingo nos encontramos à hora marcada na estação de São Paulo, no meio de uma multidão que nem me fale. Graça, estreando um vestido novo, celeste, que, combinava com seus cabelos loiros; eu, carregado de pacotes, com as compras para a refeição; Hugo vestido de Paino, cor de penicilina; e a pequena de Hugo, uma tal de Clementina. A suspeita que me viera na loja, porém, viu-se logo confirmada quando Hugo, com autoridade, deu o braço a Graça e disse a mim e a Clementina:

- Ei, vocês dois aí, não vão desaparecer, hein... tomem cuidado para não nos perderem de vista na hora da partida.

- Graça ria e se apertava contra ele,feliz. Olhei para Clementina: era justamente o que me cabia,claro que segundo a idéia que Hugo fazia da minha pessoa: uma boa moça, branca e gorda, com cadeiras e peito de vaca e um palmo de rosto imbecil, bovino ele também: só lhe faltava o guiso no pescoço. Disse-me com um sorriso, olhando para Hugo e Graça:

- Logo se vê que aqueles dois se gostam, não é verdade?

Era, quem sabe, um convite para fazermos o mesmo. Respondi, azedo, mantendo-me à distância:

- Ah, é mesmo... olha só... e eu que não tinha percebido.

Chegou o trem e Hugo, naturalmente, foi o primeiro a subir, sabe-se lá como, em meio à multidão que berrava e se pegava; o primeiro, também, a mostrar aquela sua cara antipática na janelinha, gritando:

- Estou guardando quatro lugares, podem subir sem pressa.

- Subimos e fomos sentar, casal diante de casal, e o trem partiu.

Durante todo o trajeto pode-se dizer que não tirei os olhos um único momento daqueles dois: era mais forte que eu. Hugo já então se apoderara de Graça, e ora lhe falava em voz baixa, fazendo com que ela risse e corasse; ora, como que de brincadeira, abraçava-a; ora como quem não quer nada, fazia-lhe uma carícia. Graça, feito uma sem-vergonha, deixava, e saracoteava feito uma enguia e se esfregava nele. Mas o que mais me magoava era que se comportassem daquele modo como se não estivesse ali, ignorando minha presença. Tivesse eu, pelo menos, podido arranjar-me com Clementina, para contrabalancear a conduta de Hugo. Porém, além de não me agradar, Clementina não parecia desejar que lhe fizesse a corte: dormia, o pescoço dobrado para trás, a boca aberta, as mãos no colo.

Em Ostia, fomos ao balneário e nos trocamos, um por vez, na cabine. Uma vez em trajes de banho, as diferenças se acentuaram ainda mais: Graça tinha um lindo corpo esbelto, com pernas altas e fortes, o busto viçoso; mas Clementina, ao contrário, parecia um travesseiro amarrado no meio, só cadeiras e peito, sem cintura e sem pescoço. Entre Hugo e eu, então, a diferença era mais visível ainda: ele tinha um corpo de lutador, musculoso, maciço, moreno, largo nos ombros e estreito nos quadris, com o maiô colado nas nádegas e as coxas peludas completamente frementes; eu, ao contrário, era pequeno, com pernas magras, o corpo sem músculos, os braços descarnados: uma aranha. Hugo, naturalmente, foi logo pegando Graça pela

mão; e numa corrida, através da areia escaldante rumo ao mar, mergulharam juntos de cabeça baixa.

- Que belo par, disse Clementina que parecia fazer de propósito para me envenenar. Agora, os dois lá longe, no mar, espirravam água um no outro, davam-se empurrões e depois Hugo pegava Graça nos braços, e Graça se agarrava em seu pescoço, rindo. Perguntei a Clementina se queria entrar n'água e ela respondeu que entraria de bom grado, mas queria ficar nabeira porque não sabia nadar.

Afinal, tomamos o banho em meio metro de água suja e quente, entre as crianças que choravam, gritavam e jogavam bola e as babás e as mães que as chamavam, com o rádio do balneário que benava sem parar uma velha canção:

- O mar é sempre azul, como quando estavas tu..

- Entretanto, Hugo e Graça nadavam ao longe, como perfeitos esportistas, e quase não dava mais para vê-los.

Naquele instante, sem querer, com naturalidade, veio-me à cabeça que Hugo, naquele dia, se afogaria. Pensei nisso sem esforço, como uma coisa inevitável e justa: tinha aprontado comigo, portanto devia morrer. Esse pensamento devolveu-me repentinamente a tranq'ilidade. Aproximei-me de Clementina que estava em pé na água, agarrando-se na corda salva-vidas, e lhe disse:

- Hugo é um desses valentões que têm câimbra e se afogam... depois o trazem de volta desmaiado à praia e lhe fazem a respiração artificial.

- Ela me fitou sem compreender, e disse:

- Mas ele nada muitíssimo bem. Eu respondi sacudindo a cabeça:

- Nada muitíssimo bem, não discuto... mas que tem o tipo de homem que acaba o domingo estendido na areia enquanto lhe fazem a respiração artificial, isso tem... olha o que eu estou dizendo.

Um pouco mais tarde, Graça e Hugo voltaram à beira e começaram a correr pela praia, para se enxugar diziam eles.

Perseguiam-se, agarravam-se com todos os dedos, atiravam bolas de areia um no outro, rolavam juntos pelo chão. Eu os fitava imóvel, ali perto de Clementina que se segurava na corda, e parecia-me ver Hugo se jogando na água e tendo uma câimbra: começava a sufocar, afogava-se e depois era trazida à beira, e lhe faziam a respiração artificial. Não tinha certeza se devia morrer; porém não me desagradava pensar que por uma hora, pelo menos, ficaria, como se diz, entre a vida e a morte.

Entretanto, Hugo e Graça tinham terminado de se enxugar e Hugo veio nos propor um passeio de barco. Clementina declarou no ato que passear de barco ela não ia, porque não sabia nadar; e assim embarcamos os três, eu nos remos, Hugo e Graça sentados um ao lado do outro, na popa.

Comecei a remar devagar, naquele mar calmo e enfadonho, ao sol que ardia, olhando-os fixamente, como que esperando que todo o veneno que havia nos meus olhares os deixasse encabulados e os tornasse mais discretos. Trabalho perdido: como há pouco no trem, continuavam se esfregando e brincando, como se eu não passasse de um barqueiro. Aliás, Hugo quis reforçar a coisa, dizendo-me zombeteiro: “Se não se incomoda, bom homem, reme com a esquerda de outro modo vamos bater contra aquele pedalinho.” Dessa vez perdi a paciência e respondi:

- Me diz uma coisa, Hugo, nunca te disseram que você é um tremendo mal-educado? Ele se endireitou no assento e perguntou:

- O queeeeê? alongando o e, como que para dizer:
- O que foi que ouvi? Estou ouvindo direito?
- Continuei, sempre remando:
- Sim, um mal-educado e um ignorante... nunca ninguém te disse?
- Mas o que te deu?, perguntou ele, erguendo a voz.
- Me deu disse francamente “que você é um caipira de marca maior.”

- Olha como fala.
- Falo como quiser, é um caipira e também um patife.
- Ei, qual é, vai devagar, comigo não se brinca.

Assim dizendo, ficou de pé e me deu um murro, no peito.

Larguei os remos, levantei-me também, e ameacei devolver-lhe o soco; mas ele, preparado, segurou meu pulso com dois dedos que pareciam de ferro. Agora lutávamos, ambos de pé. Enquanto Graça, sentada, berrava e se segurava. A um movimento mais violento, a barca, que era estreita e baixa, virou e caímos todos n'água.

Não estávamos longe da praia e juro que, ao cair n'água, pensei satisfeito: - Agora vai lhe dar uma câibra e se afoga...e morre como Alexandre, como Júlio. Entretanto, o barco prosseguia, virado e com os remos boiando à tona; e nós três saímos nadando. "Imbecil". gritou Hugo para mim; Graça, como se nada tivesse acontecido, dirigia-se nadando até a praia.

- Imbecil é você e semvergonha também, respondi; e assim dizendo, me entrou água na boca. Porém, Hugo já não ligava mais para mim, nadava ao encalço de Graça. Comecei também a nadar em direção à praia, pensando sempre na câibra que dentro em pouco o faria afundar, quando, repentinamente, senti uma dor aguda por todo o lado direito, do ombro aos pés, e percebi que a câibra, em vez dele, estava pegando em mim. Foi um instante e naquele instante perdi a cabeça: a dor não parava, comecei a sufocar, me faltava ar, sentia um medo terrível, soltei um grito e a água me entrou na boca. Berrei:

- Socorro - e novamente engoli água. A câibra, enquanto isso, continuava e eu afundei e em seguida tornei a subir, gritei de novo "socorro" e afundei novamente, sempre engolindo água.

Enfim, teria me afogado se, finalmente, uma mão não me tivesse agarrado pelo braço, enquanto uma voz, a de Hugo, me dizia:

- Fique quieto, que vou levar para a praia. Então fechei os olhos e acho

que desmaiei.

Voltei a mim não sei quanto tempo depois e senti sob as costas a areia escaldante da praia. Alguém, segurando-me pelos braços, levantava e abaixava meus braços; um outro, agachado, fazia com as mãos massagens no meu peito e na barriga. O ar estava cheio de uma põe ira densa, o sol cegava, e à minhavolta havia uma floresta de pernas bronzeadas e peludas: tudo gente que aeompanhava minha morte. Ouvi alguém dizer:

- Para mim já foi, e um outro que observava:

- Aí está, bancam os valentões e depois dá nisso: se afogam. Sentia-me inchado de água, a cabeça me pesava e, enquanto isso, meus dois braços subiam e desciam como os cabos de um fole, então me deu uma enorme raiva e disse, tentando me soltar:

- Me larguem... vão para o inferno; e em seguida desmaiei de novo.

Daquele dia malfadado não quero contar mais nada. Porém, uma semana mais tarde, na loja, numa hora que Hugo estava longe, Graça me disse em voz baixa:

- Sabe por que em Ostia, domingo passado, você estava se afogando?

- Não, por quê?

- Hugo me explicou... ele diz que tem uma força misteriosa que o protege: quem se mete com ele, pode até vir a morrer...enfim, ele diz que tem o corpo fechado... mas, pode-se saber o que quer dizer corpo fechado?

- Corpo fechado respondi depois de um instante de incerteza quer dizer quando uma coisa ou uma pessoa é sagrada.

Ela não disse nada porque naquele momento Hugo se aproximava, trazendo no braço uma peça de algodão e a desdobrava com o costumeiro estalo, dizendo:

- Isso é o que a senhora precisa.

Mas pelos olhares de Graça percebi que estava apaixonada: diacho, um homem bonito, forte, jovem e, ainda por cima, com o corpo fechado

também.

NÃO DIGO QUE NÃO

Para entender o caráter de Adélia, quero apenas contar o que aconteceu na primeira noite de casados: como se diz, pela manhã se conhece o bom dia. Então, depois da ceia num restaurante de Trastevere, após os brindes, as poesias, os cumprimentos, os abraços e as lágrimas da sogra, fomos para minha casa, em cima de minha loja de ferragens, na via dell'Anima. Estávamos casados, ambos nos envergonhávamos um pouco; quando entramos no quarto, comecei a tirar o paletó e, pendurando-o numa cadeira, disse só para quebrar o gelo:

- Diz que dá sorte... viu só?... éramos treze à mesa. Adélia descalçara

os sapatos novos que lhe machucavam e estava parada em pé diante do espelho do guarda-roupa, olhando-se. Respondeu logo, satisfeita, como se aquela minha frase lhe tivesse feito passar o acanhamento:

- Realmente, Gino, éramos doze... dez convidados e agente, doze.

- Ora, eu, no restaurante, para controlar os pedidos também, tinha contado os presentes; e ao contá-los tinha visto que bramos exatamente treze, tanto que dissera a Ludovico, um dos padrinhos:

- Somos treze... não queria que desse azar.

- E ele respondera:

- Não, até traz sorte. Sentei na beirada da cama e comecei a tirar as calças,

respondendo com calma:

- Você está enganada... eramos treze...reparei nisso e até comentei com Ludovico.

- Adélia, de imediato, não me respondeu, porque estava com a cabeça e meio corpo enfiados no vestido que tirava por cima. Mas quando apareceu fora, antes ainda de tomar fôlego, disse, com vivacidade:

- Você não contou direito... éramos treze a caminho... mas depois Meo foi embora e ficamos em doze.

- Eu ficara de cueca e não sei por que, de repente me irritei:

- Que doze o quê... e depois, o que Meo tem a ver com isso?... se estou lhe dizendo que fiz o cálculo dentro do restaurante.

- É isso, então disse ela, indo guardar o vestido no guardaroupa, quer dizer que quando fez o cálculo já tinha bebido um pouco demais... é isso.

- Mas quem foi que bebeu?... se bebi quando muito uns dois copos incluindo a champanhe...

- Enfim- disse ela éramos doze... e você não se lembra porque agora está bêbado e a memória te trai.

- Mas quem é que está bêbado?... éramos treze

- E eu lhe digo que óramos doze.” “Treze.” “Doze.” Agora nos falávamos cara a cara no meio do quarto, eu de cueca e ela de combinação. Agarrei-a pelos braços e gritei-lhe na cara:

- Treze, mas depois mudei de idéia repentinamente e tentei abraçá-la urmurando: - Treze ou doze não tem importância... me dá um beijo.

Porém ela, mesmo caindo na cama e não me recusando o beijo, sussurrou, quase, pode-se dizer, embaixo dos meus lábios, na hora que encontravam os dela: “Sim, mas éramos doze.

Dessa vez pulei para o meio do quarto e gritei:

- Já começa mal... você é minha mulher e deve me obedecer... se lhe digo que éramos treze, treze há de ser e não deve contradizer.

Ela, então, levantou-se da cama e gritou com força:

- Sou sua mulher, ou melhor, serei... mas éramos doze.

- Tome... éramos treze.

Assim voara o primeiro tabefe, seco e sonoro. Adólia permaneceu por um instante como que aturdida, depois correu até a porta da sala, abriu-a, gritou da soleira:

- Éramos doze... e deixe-me em paz... você me dá nojo, e sumiu. Após um instante de estupor, recobrei-me, fui até a porta, chamei, bati, nada.

Acabou que passei a noite de núpcias completamente sozinho, cochilando, meio despido, na cama; e ela creio que fazendo o mesmo no sofá da sala. No dia seguinte, de comum acordo, fomos à casa da mãe dela e lhe perguntamos quantos

éramos. Deu que, na realidade, éramos quatorze por causa de dois garotos tão pequenos que tinham escorregado das cadeiras e se tinham posto a brincar debaixo da mesa. Quando eu fizera o cálculo, um deles ainda estava sentado; quando Adélia contara, os dois tinham desaparecido. Desse modo ambos tínhamos razão; mas Adélia, como mulher, estava errada.

Após aquela primeira vez, são incontáveis as ocasiões em que Adólia mostrou esse seu gênio tão tihoso. Tinha mania de discutir sobre qualquer bobagem, se eu dizia branco ela dizia preto, nunca cedia, nunca admitia estar errada. Se quisesse contá-las todas não terminaria mais: como daquela vez, por exemplo, que teimou o dia inteiro não ter recebido o dinheiro

da despesa e mais tarde, após ter discutido por vinte e quatro

horas em seguida, lá estava o dinheiro, não digo que não no parapeito da janelinha do banheiro, tomando a fresca, como uma rosa no copo. Naturalmente a discussão prosseguiu, porque ela teimava que o dinheiro em cima da janela quem tinha posto era eu; e eu, ao contrário, demonstrava-lhe com os fatos que era impossível e que ela fora, exatamente, naquele lugar escuro após ter recebido o dinheiro e não antes. Ou daquela outra vez que, sempre tihosa, teimou que Alexandre, o dono do bar da frente, tinha quatro filhos enquanto eu sabia muitíssimo bem que tinha três, e assim continuamos discutindo por uma semana, porque o sujeito estava ausente; depois ele voltou e então descobrimos que tinha três filhos quando a discussão começara e quatro agora porque no ínterim mais um nascera. Besteiras; e, como acontece, ora eu tinha razão e ora ela tinha razão; mas o que eu tentava em vão fazê-la entender, era que a razão não importava, e que aquela sua mania de discutir por qualquer coisinha acabaria estragando tudo. Ela respondia:

- Você não quer uma mulher, quer uma escrava.

Assim, de tanto discutir, já vivíamos então, como se diz, feito cão e gato; e mal eu dizia alguma coisa, mesmo a mais certa, como por exemplo:

- Hoje está um dia de sol, sentia-me completamente irritado com a idéia de que ela pudesse me contradizer; e a olhava, e realmente, ela dizia. Não, Gino, hoje não tem sol... só nuvens. Então pegava o chapéu e saía de casa, se ficasse, rebentaria de raiva.

Um dia daqueles, passando por Ripetta, encontrei Júlia, uma moça a quem cortejara pouco antes de conhecer Adélia. Então, me cansara logo dela

porque não me parecia suficientemente independente e qualquer coisa que eu dissesse, ela aprovava e nunca contrariava, nem mesmo quando até um cego veria que o errado era eu. Mas agora que eu casara com a mulher independente e a desfrutava, sentia saudade de Júlia tão doce e maleável, e puxava os cabelos por ter preferido Adélia; e assim, enquanto ela se esquivava dizendo que precisava ir ao mercado fazer compras, detive-se, apenas pelo prazer de vê-la dar-me razão, docemente, e não me contradizer sequer uma vez.

Disse-lhe, só para pô-la à prova:

- Então, já se arrependeu do erro que cometeu comigo? Percebeu que eu era melhor que muitos outros? Diga, por que não me quis?" Ora eu sabia muito bem que isso não era verdade: fora eu quem a abandonara, aduzindo, justamente, que não gostava de mulheres como ela, demasiado dóceis. Mas queria ver o que responderia a essa minha acusação tão falsa quanto injusta. Ela, coitada, ouvindo-me falar daquele jeito, arregalou os olhos, surpresa. Por um instante, certamente sentiu-se tentada a responder que o erro quem cometera fora eu para com ela, o que era verdade, e que fora eu quem a abandonara. Em seguida, porém, seu gênio foi mais forte. Disse, com sua voz doce:

- Gino... deve ter havido um mal-entendido... eu, nunca mas nunca teria abandonado você, te amava tanto. Vão notar que não me acusava de estar dizendo uma mentira, como certamente Adélia teria feito; tentava, ao contrário desculpar-se e, para me agradar, admitia que um pouco de culpa talvez também tinha sido dela. Desatei então numa risada alegre ao pensar na besteira que fizera ao preferir Adélia; e exclamei, fazendo-lhe um agrado no rosto:

- Sei que a culpa foi; só minha... eh, infelizmente, não houve nenhum

Mal-entendido... a culpa foi toda minha... falei só por falar... para ver o que você respondia." Em seguida fiz-lhe outro carinho no rosto, fazendo-a

enrubescer de prazer, e me mandei. Mas antes de dobrar a esquina, virei-me: continuava lá, na calçada, com o cesto das compras no braço, olhando para mim, espantada.

Maio estava no fim e no dia seguinte fomos, Adélia e eu, a Fregene, de motoca, para tomar o primeiro banho. Encontramos a praia deserta, com um céu azul e ofuscante de sol, com um vento que soprava forte, cortante, pungente, cheio de areia. O mar perto da praia era só ondas verdes e brancas, que se amontoavam e se chocavam umas contra as outras; mais ao longe, era riscado de azul quase preto, com algumas orlas brancas aqui e ali. Adélia disse que queria andar de barco e eu, embora o mar não estivesse bom, para não contrariá-la e ter de ouvir que o mar estava um espelho, aluguei um barquinho e mandei que o empurrassem até a água. Eu estava de maiô, mas Adélia estava de roupa e eu, sempre com medo das discussões, não insisti para que se trocasse. O sujeito dos barcos me deu um empurrão, eu agarrei os remos e comecei a remar com força, de encontro às ondas. Não eram ondas altas, e, quando superei o raso, remei mais devagar; porém estava atento para pegar as ondas de proa porque, se ficasse de lado, podia ser que o barco, uma casca de noz, virasse. Adélia estava na proa, e subia e descia ao sabor das ondas; de repente, ao vê-la vestida e lembrando que não a aconselhara a mudar de roupa, fiquei imitado e deu-me vontade de contar-lhe que tinha encontrado Júlia. Desse modo, continuando a remar, contei-lhe de como quisera pôr à prova o gênio de Júlia e de como ela não me contradissera. Adélia escutou, enquanto o barco subia e descia e, finalmente, disse com calma:

- Você está enganado... a culpa foi dela mesmo. .foi ela quem te largou.

Não digo que não dei uma remada forte para evitar uma onda mais alta que as outras e respondi com raiva:

- Quem foi que te disse isso?...fui eu uma noite, que dei a entender que não gostava mais dela... lembro até do lugar... no Lungotevere.

Adélia, com certa maldade na voz, os cabelos esvoaçando ao vento, respondeu: - Como sempre se lembra mal... foi ela quem te abandonou... disse que você tinha, como realmente tem, um gênio muito briguento... e que não seria capaz de viver com você.

- Mas quem te disse?

- Ela me disse... uns dias mais tarde.

- Mas não era verdade... disse isso para esconder seu desapontamento: a raposa e as uvas.

- Foi ela, Gino, não insista... até a mãe dela me disse o mesmo.

- E eu te digo que não é verdade... fui eu.

- Foi ela.

Não sei que diabo me deu naquela hora. Teria suportado ser contrariado em qualquer coisa, mas não naquela. Suponho que nisso também entrava o meu amor próprio de homem. Larguei os remos e levantando gritei:

- Fui eu... e depois chega... não quero mais discutir... se continuar falando, te dou uma remada na cabeça.

- Experimente, disse ela, mas se está com raiva é porque não tem razão... sabe que foi ela.

- Fui eu.

Agora eu estava no meio do barco, em pé, e gritava, para ser ouvido também naquele estrondo de ondas. O barco subia e descia com os remos largados e, sem que me desse conta, se pusera de atravessado. Adélia, lembro-me, epentinamente ergueu-se também em pé e me gritou na cara:

- Foi ela, juntando as mãos em concha na boca. No mesmo instante uma onda maciça ergueu-se, verde, como que de vidro, com a crista branca, e investiu contra nós, derrubando-nos dentro do barco.

Caí n'água pensando que por sorte o barco não tinha virado e logo afundei puxado pelos pés por um redemoinho. Fui ao fundo, bebi um pouco de água e depois voltei à tona, lutando contra a corrente e chamando Adélia. Mas

quando olhei à minha volta, vi que o barco já estava longe, e que estava vazio, e que Adélia não estava lá. Chamei Adélia ainda e comecei a nadar em direção do barco, sem saber o que fazia. Porém, a cada onda, o barco se afastava um pouco mais, e minha boca enchia de água cada vez que chamava Adélia, e ao mesmo tempo achava que era inútil voltar ao barco, visto que Adélia não estava mais lá.

Finalmente renunciei a isso e pus-me a nadar em círculo, procurando Adélia ; pelo mar. Mas Adélia não se via, só eram visíveis as ondas que rolavam rumo à praia e começaram a me faltar as forças. Fiquei com medo de me afogar e comecei a nadar para a praia. Em seguida toquei o fundo com os pés e, embora ainda estivesse longe da praia, parei e pus-me a gritar, e um pedalinho, de fato, saiu da beira e veio ao meu encontro. Enquanto vinha vindo, eu olhava à minha volta, procurando Adélia pelo mar que estava deserto a perder de vista, exceto pelo barco vazio que seguia à deriva, com os remos abandonados, e comecei a chorar repentinamente - Adélia, Adélia, em voz baixa, como que para mim mesmo. Parecia que o mar com seu estrondo respondesse:

- Foi ela, como se a voz de Adélia desaparecida tivesse permanecido no ar e ainda me contradissesse. Depois chegaram os salva-vidas com o pedalinho e procuramos por mais de três horas, mas o corpo de Adélia não foi encontrado nem naquela manhã nem nos dias seguintes.

Assim tornei-me viúvo. Passou um ano e depois tomei coragem e fui procurar Júlia. A mãe me levou à sala de jantar e, quando ela entrou, lhe disse: "túlia, vim para perguntar se quer se tornar minha esposa." Ela corou de prazer e respondeu com sua voz doce:

- Não digo que não... é preciso que você fale com mamãe.

- Essa sua primeira frase me tocou e depois, mais tarde me lembrei dela, como uma promessa:

- Não digo que não.

Enfim, casamo-nos; e se querem ver um casal que se dá bem, venham nos conhecer. Júlia continuou sempre tal e qual comonaquela manhã quando me respondeu:

- Não digo que não.

O INCONSCIENTE

Quando se age é sinal de que se pensou antes: a ação é como o verde de algumas plantas que mal desponha em cima da terra, mas experimente puxar e vai ver como são profundas as raízes.

Quanto tempo será que eu pensei para escrever aquela carta?

Seis meses, uma vez que fazia exatamente seis meses que aquele senhor mandara construir a villa no quilômetro 20 da Cassia. E a idéia me veio, justamente, ao ver a nova villa num topo de um morro, no meio do campo deserto. Naquele tempo vivia com a cabeça cheia de filmes e fotonovelas e além disso sentia necessidade de me exhibir diante de Santina, uma moça da minha idade, filha do guarda da passagem de nível, tonta, mas bonita, ou pelo menos então assim me parecia. Uma tarde em que

Passeávamos juntos, disse-lhe, mostrando a villa:

- Seria capaz de escrever qualquer dia ao dono daquela villa uma carta de ameaça.

- O que quer dizer de ameaça?

- De ameaça, assim...ou dá tanto ou do contrário acabamos com você... de ameaça em suma.

- Mas não é proibido? perguntou ela surpresa.

- Sim, é proibido... mas o que importa?... Uma carta com a indicação do lugar onde deve levar o dinheiro... hein, o que acha disso?” Esperava impressioná-la, mas ela, ao contrário, como se lhe tivesse proposto a coisa mais natural do mundo, disse após um instante de reflexão:

- Eu, por mim, entro nessa... e quanto você lhe pediria?

Em suma, encarava o fato com a maior naturalidade; tanto que eu, para não ficar por baixo, respondi tranquilamente:

- Não sei... cem, duzentas mil liras.

E ela, batendo palmas:

- Ai que bom... e me daria um presente?

- Claro.

- E então por que não faz?... O que está esperando?

Disse então:

- Dá um tempo para eu pensar.

Desse modo, por causa de uma brincadeira, aqui estou eu com a carta para escrever.

O dono da villa passava quase sempre em seu carro pela Storta, diante da loja de frutas e de verduras de minha mãe. Era um homem alto, grande, gordo, com um narigão que parecia um daqueles de papelão pintado que se usa no carnaval, os bigodes pretos cortados à escovinha, os olhos vesgos. Sempre metido num sobretudo de pêlo de camelo: um perfeito urso. Fabricava perfumes no subsolo da villa e, realmente, ao aproximar-se das

janelas do porão, sentia-se subir não os cheiros da cozinha, mas os

das essências que utilizava em seu laboratório. Senti logo por aquele homem uma antipatia profunda e isso era um impulso a mais para escrever a tal carta. Mas nunca a teria escrito, por mais que o odiasse e por mais que Santina agora me atormentasse por causa das cem mil liras, se um dia, a poucos quilômetros da villa, três homens mascarados não tivessem

praticado um assalto. Os jornais forneciam todos os detalhes: o motorista, um comerciante romano, morto ao volante quando tentava escapar, o carro num buraco, os demais ocupantes despojados de tudo que possuíam. Eu disse a Santina, naquela mesma noite:

- Está na hora de escrever aquela carta.
- Por quê?, perguntou ela, surpresa.
- Porque, respondi, vamos fingir que a carta foi escrita por um daqueles que praticaram o roubo... com esses precedentes, o fulano ficará com medo e soltará a grana. E em seguida, vendo que Santina me olhava admirada, continuei:

- Está vendo?, não existe coragem nem medo... existe apenas consciência e inconsciência... a consciência é medo... a inconsciência é coragem... aquele fulano agora é um inconsciente... ele não tem consciência de

morar numa villa solitária no meio do campo, à disposição, por assim dizer, de quem o queira assaltar... ou melhor, tem consciência com a cabeça mas não com a própria pele... é, em suma, inconsciente, ou seja, corajoso... eu, com minha carta, vou torná-lo consciente, ou seja, medroso... de repente, descobrirá que está em perigo... então, sentirá medo e pagará.

- Tudo isso eram coisas em que pensava há meses, aliás há anos; e assim me saíam da boca como se as tivesse lido nas páginas de um livro. Santina, de fato, exclamou:

- Mas me diga uma coisa, como é que você pensa em todas essas

coisas?...

sabe que você é inteligente? E eu, inchado de vaidade:

- Isso não é nada... tá se vendo que não me conhece.

Estava tão exaltado que não perdi tempo. Fomos, Santina e eu, ao posto de abastecimento de Storta, e no ato, numa mesinha, escrevemos a carta. Esta dizia: "Unha- de- fome, há tempo a gente anda seguindo você e sabemos que dinheiro não lhe falta.

Se não quiser ter o fim do Vaccarino, pague cem mil liras, ponha num envelope e esconda-o embaixo de uma pedra, atrás da marca do quilômetro 30 da Cassia, amanhã, segunda- feira, antes da meia-noite. O homem mascarado.

Vaccarino era, justamente, aquele comerciante que tinham matado no dia anterior. Santina queria que pedíssemos um milhão e não cem mil liras, mas eu não aceitei. Por um milhão, expliquei, um homem arrisca até a pele; por cem mil liras, ao contrário, pensa duas vezes antes de pagar; e após ter pensado, acaba pagando.

Santina me deixou para ir até sua casa, e eu, após ter batido pernas mais um pouco pela área da Storta, quando escureceu, montei na bicicleta e rumei para a villa do homem, pela Cassia abaixo. Era inverno, com a tramontana, com um céu vermelho e transido, e as árvores negras como carvão e, entre uma árvore e outra, o campo já todo pardo, mas límpido como um cristal.

Cheguei voando ao portão da villa e, sem desmontar da bicicleta, apoiando uma das mãos num dos pilares, com a outra joguei a carta no buraco da orrespondência. A estrada naquele ponto forma uma reta entre duas curvas. Bem na hora em que enfiava a carta no buraco, vi apontar na curva, vindo de Roma, o cano do homem.

Na hora não pensei em nada, abaixei-me sobre o guidão e pedalei. No meio da reta cruzei com o cano: eu não vi o homem porque o vidro do pára-

brisa, espelhado, me impedia; mas ele, decerto, pôde me olhar o quanto quis. Corri a estrada inteira até a Storta, achando que conendo daquele jeito poderia largar às minhas costas o medo e ao contrário o medo continuava dentro de mim e, quando entrei em casa, até minha mãe percebeu e perguntou se por acaso eu não estava me sentindo mal.

Respondi-lhe que pegara um resfriado, que não jantaria e, sem dar ouvidos a ela que já se preocupava, fui para meu quarto.

Joguei-me em cima da cama, no escuro, e comecei a pensar.

Agora compreendo que o único consciente entre tantos inconscientes era eu e que, se não recobrasse a inconsciência, moneria de pavor. Tinha certeza que o homem me vira jogando a carta no buraco; e tendo me visto não havia esperança de que não me tivesse reconhecido: passava pela Storta pelo menos duas vezes por dia e eu estava sempre lá, entre os cestos de verduras e de frutas de minha mãe, ou então em pé por ali, apoiado à bicicleta junto com outros rapazotes da localidade.

Eu, também, sou reconhecível porque tenho cabelos ruivos, sou sardento e uso óculos e na Storta não tem ninguém como eu. Talvez o homem ignorasse meu nome; mas de qualquer modo iria ao posto policial e diria ao delegado dos carabineiros:

- Recebi esta carta de ameaça... foi postada por um rapaz assim e assado.

O delegado saberia no ato:

- Emílio... muito bem... agora encontramos. Viriam à barraca; e entre as cestas de escarolas e de laranjas, comigo tremendo inteirinho, me perguntariam:

- Diga uma coisa, Emílio, onde você estava ontem lá pelas seis? Eu responderia que estava na casa do cantoneiro, com Santina e ela, para não se comprometer, diria:

- E quem o viu?... eu não o vi.

- O delegado me diria:

- Eu digo já já onde é que você estava, Emílio... diante da Villa Sorriso... e pondo esta carta na caixa. Apesar de meus protestos, o homem confirmaria a acusação e o delegado me colocaria as algemas e me levaria em cana. Mais tarde, já que uma desgraça nunca vem sozinha, iriam atribuirme também o homicídio de Vaccarino. Meu processo seria clamoroso: o bandido da via Cassia, o monstro da Storta, o assassino do quilômetro 30. Com todas essas alcunhas, pegaria até uns vinte ou trinta anos...

A janela do meu quarto não tem persianas e dá para os campos:havia uma lua feroz, polida pela tramontana como um espelho de prata, e dentro do quarto enxergava-se melhor que de dia. Já fazia então duas ou três horas que eu me revirava na cama, aceso como um grilo, e a luz da lua parecia ter algo a ver com o medo e como não conseguia me livrar do medo, também não conseguia fechar os olhos à luz da lua. Mas o que mais me consumia era que a situação toda tinha se virado contra mim como uma cobra: o medroso agora era eu e não o homem; era eu quem seria acusado também pelo homicídio de Vaccarino e não os verdadeiros assassinos. O que acontecera com minha carta? Nada ou quase nada, eu vira o homem chegar de carro enquanto enfiava a carta. Porém, fora sufi; ciente para criar a situação.

Finalmente, não agiientando mais, pulei fora da cama, peguei a bicicleta que de noite guardava no quarto, no ombro, desci pela ! escada e alcancei a rua. Ali, montei na bicicleta e me dirigi à Villa Sorriso. Queria agora recuperar a carta; a qualquer custo; mesmo que precisasse me jogar aos pés do homem e implorar-lhe seu perdão de mãos postas. Mas não foi preciso tanto. Quando me debrucei por cima do muro, enxerguei minha carta no chão, junto ao muro, fora da alameda de entrada. Havia o buraco, mas ainda não havia a caixa de correspondência; e o homem, entrando com o carro, não vira a carta porque ficara oculta por uma moita de mirto.

Saltei o muro com facilidade, peguei a carta e, cheio de alegria,

pedalando devagar dessa vez, voltei para casa.

No dia seguinte, encontrei Santina no lugar de sempre e ela me perguntou se eu tinha entregado a carta. Respondi:

- Não, não entreguei e nem vou entregar.
- Como, estava indo tão bem , exclamou decepcionada. E eu:
- Eu não te disse que se é corajoso enquanto se é inconsciente? Agora, sabe o que me aconteceu? De inconsciente passei a ser consciente.
- Enfim, ficou com medo, disse ela com desprezo.
- Pois é, mas veja que eu tinha razão: coragem é inconsciência.
- Mas ela, decepcionada porque estava contando com as cem mil liras,

foi

embora dizendo que eu era um eovarde e que não aparecesse mais na sua frente. E desde então, quando me encontra, pergunta, gozando: - Como é, já recuperou a inconsciência?

O TESTE

Serafim e eu somos amigos apesar do trabalho ter afastado a gente um do outro; ele é motorista de um industrial e eu operador e fotógrafo. Também no físico somos diferentes: ele é um loiro encrespado, com um rosto rosado, de criança, e os olhos à flor da pele, de um azul berrante; eu, moreno, com um rosto sério, de homem, os olhos encovados e escuros. Mas a verdadeira diferença está no caráter: Serafim é um mentiroso e

eu, ao contrário, não sei contar mentiras. Tudo bem, num domingo desses Serafim mandou me avisar que precisava de mim: pelo tom do recado adivinhei alguma confusão, Serafim quase sempre aprontava uma com sua mania de mentir a torto e a direito. Fui ao encontro, num café da praça Colonna; e, dali a pouco, lá vem ele chegando com a primeira mentira: o carro

fora de série, do maior luxo, do patrão que eu sabia estar ausente de Roma. Me cumprimentou de longe com um gesto, um tanto envaidecido, como se o carro fosse dele e depois foi estacionar. Fiquei olhando enquanto vinha ao meu encontro: vestia-se como um janota, com calças de veludo cotelê amarelo, apertadas e curtas opaletó com uma abertura nas costas, um lenço colorido em volta do pescoço. Tive uma sensação de antipatia, não sei porquê, e, quando ele sentou, observei um tanto ácido:

- Está até parecendo um grãfino.

Ele respondeu com ênfase:

- Hoje eusou um grã- fino; e eu na hora não entendi. Insisti:

- E o cano? Você ganhou na loteria esportiva?

- É o carro novo do patrão, respondeu ele com indiferença.

Continuou distraído por um instante, depois acrescentou:

- Escute Mário, daqui a pouco vão chegar duas moças... como vê também

pensei em você... uma para cada um... são moças de boa família, filhas de um engenheiro das ferrovias... você é um produtor cinematográfico... estamos combinados... não me desminta.

- E você quem é?

- Já te disse: um grã- fino.

Não disse nada e pus-me de pé.

- O que está fazendo... indo embora? - disse ele alarmado.

- É, indo embora, respondi.

-você sabe que não gosto de mentiras... passe bem e divirta-se.

- Espere aí... vai estragar tudo.

- Fique tranquilo, não vou estragar nada.

- Espere, as moças querem te conhecer.

- Mas eu não.

Enfim, discutimos durante um tempão, eu de pé e ele sentado.

Finalmente, como sou um bom amigo, aceitei ficar. Porém, fui avisando: - Não garanto que vou sustentar sua mentira até o fim.

- Mas ele já não me dava mais ouvidos. Todo contente, disse:

- Lá vêm elas.

De início só vi os cabelos. Ambas tinham, na cabeça, como que duas bolas feitas de cabelos crespos, bastos, fofos. Em seguida, a custo, embaixo das duas massas enormes, entrevi os rostos, finos e magros, semelhantes a dois passarinhos sobressaindo do ninho. De corpo, eram ambas esbeltas e

rebolantes, só quadris e peito, com uma cinturinha de vespa de passar em argola de guardanapo. Achei que eram gêmeas porque estavam vestidas do mesmo jeito: saia escocesa, blusa preta, bolsa e sapatos vermelhos. Serafim, cerimonioso, levantou e fez as apresentações:

- Meu amigo Mário, produtor, a senhorita Iris, a senhorita Mimosa.

Examinei-as melhor, agora que estavam sentadas. Pela atenção que lhe dispensava, vi que Serafim tinha reservado Iris para si, deixando Mimosa para mim. Não eram gêmeas: Mimosa, que aparentava mais de trinta anos, tinha o rosto mais ávido, o nariz mais comprido, a boca maior e o queixo mais saliente que o de Iris, e, em suma, era quase feia. Iris, ao contrário,

podia ter uns vinte anos e era bonita. Notei, porém, que ambas tinham as mãos vermelhas e rachadas, mais de operárias que de mocinhas de família. Entretanto, Serafim, que com a chegada delas parecia ter ficado bobo, iniciava a conversa: que prazer em vê-las, como estavam queimadas, onde tinham passado o verão...

- Mimosa começou:

- Em Ven... mas Iris respondeu em cima:

- Em Viareggio. Então se olharam e se puseram a rir. Serafim perguntou: - Por que estão rindo?

- Não liguem para isso, disse Mimosa, minha irmã é boba...primeiro estivemos em Veneza, num hotel, depois em Viareggio, numa casinha de

nossa propriedade.

Vi que estava mentindo porque, ao falar, baixara os olhos. Era como eu: não sei falar mentiras olhando na cara. Ela prosseguiu, |senvolta: “Mário, o senhor é um produtor...

Serafim nos disse que o senhor quer fazer um teste conosco. Fiquei desconcertado e fitei Serafim; mas ele virou a cabeça.

Disse:

- Veja, senhorita... o teste é como um pequeno filme, não dá para improvisar... é preciso de um diretor, um operador, um cenário... Serafim não entende disso... quem sabe qualquer dia desses...

- Qualquer dia desses significa nunca.

- Claro que não, senhorita, eu garanto.

- Vamos, seja bonzinho, faça um teste com a gente. Agora se tornara insinuante, dera-me o braço, apertava-se contra mim.

Vi que Serafim tinha virado sua cabeça com essa estória de teste e tent| explicar novamente que um teste não podia ser feito assim, nas cogas. Aos poucos, ela foi entendendo, finalmente; e afrouxou o aperto do braço. Depois disse à irmã, que cochichava com Serafim:

- Eu não te disse que era tudo conversa fiada... e aí, o que vamos fazer? vamos para casa?

Iris, que não esperava por essa, ficou sem jeito. Disse, com embaraço:

- Podíamos ficar com eles... até à noite.

- Sim, rebateu Serafim, fiquemos juntos... vamos dar um giro de carro.

- O senhor tem carro? perguntou Mimosa quase apaziguada.

- Claro, olhe lá.

Seguiu o gesto, viu o carro e logo mudou de tom:

- Então vamos... o café me aborrece.

Levantamo-nos os quatro. Iris foi na frente com Serafim; e Mimosa veio ao meu lado, dizendo:

- Não se ofendeu, não é?. . Mas sabe como é, estamos cheias de promessa. então, vai fazer o teste?

Desse modo toda minha explicação não servira para nada: queria o teste. Não respondi e entrei no carro, sentando ao lado dela, atrás, enquanto Serafim e Iris sentavam na frente.

- Aonde vamos? perguntou Serafim.

Mimosa agora agarrara novamente meu braço, segurava minha mão na sua, apertando. Insistiu baixinho:

- Seja bonzinho, vamos, diga que vamos ao estúdio, fazer o teste. Devido à raiva, fiquei calado um instante; e ela se aproveitou disso para acrescentar,

sempre em voz baixa. Se fizer o teste, olhe, dou-lhe um beijo.

Tive uma inspiração e propus:

- Vamos à casa de Serafim... tem uma grande e bela casa... assim, lá examinarei melhor as duas, e direi se é o caso de fazer o tal teste.

Vi Serafim dar-me uma olhada de reprovação: o carro do patrão, passava por seu; mas ainda não tivera coragem de levar ninguém à casa. Tentou, realmente, objetar:

- Não seria melhor dar um belo passeio?; mas as moças, sobretudo Mimosa, insistiram: nada de passeio, era preciso conversar sobre o teste. Desse

modo, ele se resignou e partimos a toda para os Parioli, onde ficava a casa. Durante o trajeto, Mimosa continuou se esfregando em mim, falando com voz insinuante, baixa, acariciante. Não a escutava; mas, de vez em quando, ouvia a mesma palavra, que ela martelava como um prego:

- O teste. .. faz um teste comigo?... se fizermos o teste...Finalmente os Parioli, com as ruas desertas, entre casas de luxo, só balcões e vidraças. Ali está o palacete do patrão de Serafim, com entrada de mármore preto, elevador de mogno e cristal. Subimos ao terceiro andar, entramos no escuro, num cheiro

de naftalina e de coisa fechada. Serafim avisou:

- Sinto muito, estive fora, o apartamento ainda está desarrumado.

Fomos à sala; Serafim escancarou as janelas; sentamos num sofá coberto com uma capa cinza, diante de um piano envolto em lençóis presos por alfinetes de fralda. Disse, então, aplicando meu plano:

- Nós dois, agora, vamos examiná-las e vocês andem um pouco daqui para lá na sala... assim posso ter uma idéia para o teste.

- Devemos mostrar as pernas? perguntou Mimosa.

- Não, nada de pernas... basta que andem.

Dóceis começaram a passear para cima e para baixo, à nossa frente, sobre o soalho de madeira encerada. Não se podia negar que fossem graciosas, com aquelas cabeças cheias de cabelos, os quadris e o peito desenvolvidos, as cinturas delgadas.

Porém, como pude observar, além das mãos, também tinham os pés feios e grandes. E as pernas eram um tanto tortas, de formato desajeitado, duro. Moças, enfim, daquelas que os produtores não usam nem mesmo como figurantes. Elas, no entanto, continuavam andando; e cada vez que

se encontravam no meio da sala, começavam a rir. De repente gritei:

- Alto, chega, sentem-se.

Foram se sentar e me olharam com as caras ansiosas. Disse, seco:

- Sinto muito, mas não servem.

- E por quê?

- Já digo já o porquê, retruquei sério:

- Eu, para meus filmes não preciso de moças finas, educadas, distintas, aristocratas como vocês... mas de moças do povo... moças que, talvez, se

for o caso, saibam dizer palavrões, que se movam de modo provocante, que sejam, enfim, ordinárias, mal-educadas, grosseiras... vocês, ao contrário, são filhas de um engenheiro, são moças de boa família... não servem no meu caso.

Olhei para Serafim: estava afundando no sofá, parecia embrutecido.

Mimosa insistiu:

- Mas o que quer de nós?...podemos fingir de moças do povo.
- Nada disso: quem não nasceu assim, certas coisas não sabe fazer.

Seguiu um breve silêncio. Tinha jogado o anzol e estava certo de que o peixe morderia a isca. De fato, um instante depois, Mimosa ergueu-se e foi cochichar no ouvido da irmã. Esta não parecia satisfeita, mas depois, por fim, fez um gesto de consentimento. Então Mimosa pôs as mãos nos quadris, aproximou-se rebolando de mim e me deu um tapa no peito, dizendo:

- Ah, seu grã- fino, com quem acha que está falando?

Se dissesse que tinha se transformado, diria demasiado. Na realidade, era ela, ao natural. Respondi, rindo:

- Com as filhas de um engenheiro das ferrovias.
- Ao contrário, somos exatamente o que precisa... duas moças do povo... Iris é empregada, e eu enfermeira...
- E a villa em Viareggio?
- Que villa que nada: a gente se bronzeou em Ostia.
- Mas por que inventaram tantas mentiras?

Iris disse, ingênua:

- Eu não queria... mas Mimosa diz que é preciso ofuscar as pessoas.

Mimosa, positiva, observou:

- No entanto, se não tivéssemos inventado mentiras, o senhor Serafim não nos teria apresentado ao senhor... Portanto foi útil... pois bem, então, e o teste?...

- Já fizemos, respondi rindo, e serviu para demonstrar que vocês são duas excelentes moças do povo... aliás, mentira por mentira: eu não sou produtor, porém um simples operador e fotógrafo... e Serafim, aqui, não é o grã- fino que pretende ser: é motorista.

Desta vez preciso reconhecer que Mimosa aparou o golpe

magnificamente: - Bem, já esperava por isso, disse triste, somos duas azaradas... e quando encontramos alguém de carro, é um motorista... vamos, Iris.

Serafim, finalmente, despertou:

- Um momento... onde vão?

- Vamos embora, seu mentiroso.

De repente as duas me deram pena, sobretudo Iris, tão bonitinha, que parecia mortificada e tinha lágrimas nos olhos.

Propus:

- Ouçam... os quatro dissemos mentiras... vamos pôr uma pedra em cima e vamos juntos ao cinema... o que acham?

Seguiu uma discussão. Iris queria aceitar; Mimosa, ainda ofendida, não queria; Serafim, deprimido, não tinha mais coragem de abrir a boca. Porém, eu convenci Mimosa, dizendo-lhe, finalmente:

- Sou operador, não produtor... mas eu posso apresentar Iris a um assistente de direção conhecido meu... não será uma grande recomendação, mas alguma coisa poderia fazer.

Assim fomos ao cinema; mas não de carro, de ônibus. E Iris no cinema, grudou-se no Serafim de quem, apesar de mentiroso emotorista, gostava. Mimosa, ao contrário, ficou na dela. E num intervalo, me disse:

- Eu banco um pouco a mãe de Iris... não é verdade que é uma moça bonita? mas, olhe, o senhor fez uma promessa e deve cumpri-la... aí do senhor se não cumprir.

- Prometer e cumprir é covardia, disse eu, brincando.

- O senhor fez uma promessa e vai cumpri-la", disse ela, Iris há de ter o seu teste e terá.

GOIABA

Agora, quando me encontra na rua, Peppino passa ao largo sem me cumprimentar, mas houve um tempo em que éramos amigos. Ele começava então a ganhar bem com a loja de acessórios elétricos e eu era seu amigo não porque tivesse dinheiro, mas porque era seu amigo, assim, sem segundas intenções: entre outras coisas tínhamos feito juntos o serviço militar. Peppino é umas baixinho de costas largas e pernas curtas que anda empertigado, sem mexer o busto e a cabeça, como se da cintura para cima fosse de pau.

Tem uma cara que também parece de pau com a pele demasiado curta, se diria, toda repuxada e lisa, mas quando ri ou fixa o olhar formam-se muitas ruguinhas finas, de velho. Mesmo sem conhecê-lo, traz na testa aquilo que é: goiaba. E realmente é, de não se acreditar. Lembro, aliás, a esse propósito que uma vez, passeando com ele e uma moça pelo bosque de Fregene, ela que sempre gozava de sua goiabice, disse-lhe de repente,

apontando o chão:

- Olha... olha quantos Peppinos. Eu entendi no ato e comecei a rir. Mas o goiaba, logo ele, perguntou:

- Não entendo... o que quer dizer? E ela séria:

- Quantas goiabas, olha, só se vê Peppinos, ou seja goiabas.

Mas além de goiaba, Peppino tem um outro defeito, é vaidoso.

As goiabas, habitualmente, não são vaidosas, pelo contrário: são modestos, discretos, fechados, sérios, sem grilos, não incomodam

ninguém. Peppino, ao contrário, é um goiaba vaidoso. Pois é, até isso pode acontecer. E se um homem é apenas vaidoso, o máximo que provoca é o riso porque os vaidosos, todos sabem, são meninões inocentes, o vaidoso goiaba, ao contrário, é uma peste, de se fugir dele mais que do azarento. Peppino, enfim, abusa da goiabice sobretudo nas besteiras. Para um exemplo,

chegava ao bar perto da Rotonda, onde nos encontrávamos com amigos, e logo começava a zanzar de um amigo a outro, segurando entre os dois dedos a ponta da gravata:

- Está vendo esta gravata? Bonita, hein... comprei ontem numa loja da rua

Due Macelli... paguei mil e quinhentas liras... olha que cores... e tem forro também... “ etc. , etc. Os amigos olhavam a gravata, só por um instante, o suficiente para não ofendê-lo, e em seguida retomavam suas conversas. Mas ele, nem por isso desanimava. Continuava girando de um ao outro com a gravata entre os dois dedos, como se quisesse vendê-la.

Enfim: goiaba.

Um dia, no bar, Peppino anunciou com solenidade, quatro meses antes de recebê-lo, que tinha encomendado um cano a uma fábrica de Turim. Os amigos, tudo gente escolada, que não nasceu ontem, viram e discutiram canos aos montes. Imagine que interesse podia despertar o baixote do Peppino, quando, com a costumeira goiabice, começou a explicar:

- Como tenho um amigona agência que é parente de um parente de um diretor de Turim, poderei recebê-lo dentro de quatro meses... do contrário, teria que esperar sabe-se lá quanto... não chegam a produzir nem a metade da procura... mas meu carro será uma coisa muito especial.

- Por que, perguntou um que estava apoiado no balcão, bebendo um aperitivo, terá cinco rodas, por acaso?

Peppino tem outra particularidade: não entende uma brincadeira.

- Terá cinco, claro... quatro e uma de estepe. .. não é, será especial porque tem um tipo novo de canoceria. .. faz tempo que o estudam em Turim, e eu serei o primeiro a tê-lo, imagine só. E dá-lhe explicações longas e eternas, segurando pela gola o interlocutor, como se temesse que escapasse.

Alguém lhe disse por fim:

- Peppino, mas que raio temos a ver com isso?, assim, simplesmente,

quase com antipatia.

Desorientado, ele murmurou:

- Achei que interessasse. Em seguida virou-se e, ao ver que estava sozinho, à parte, veio ao meu encontro, dizendo:

- César, logo que estiver com o cano, vai ver quantos passeios faremos... diga a verdade, César, você não vê a hora de eu estar com o carro para paquerar como se deve.

Respondi, seco:

- Veremos.

Ele se virou para os amigos e recomeçou:

- Prometi a César logo que estiver com o carro, vou levá-lo para dar uma voltas... eu sou assim, não gosto de aproveitar sozinho das coisas... mas, ô, César, você não deverá abusar do carro... vou levá-lo de boa vontade para dar umas voltas, mas não pense que bancarei seu motorista... vocês aí, o que acham? estou certo? Amigo sim, mas motorista, não... estou certo?"

"Está certíssimo", disse um deles, se fazendo de tonto:

- César talvez, já estivesse pensando em se aproveitar de você... melhor breca logo de cara.

- Amigos amigos, negócios à parte... afinal o carro será meu quero que você o aproveite, César, não quero que se acostume.. . nada de caronas.

Fiquei cheio no fim e avisei:

- Para falar a verdade, Peppino, estou pouco ligando para o seu carro.

No ato, me arrependi porque fez uma cara humilhada e confusa.

Disse, dando-me um tapa nas costas:

- Mas não, não fique com raiva, falei só de brincadeira... verás, o carro servirá mais para você do que para mim. Fitava-me, ao pronunciar essas palavras com um ar ansioso, quase assustado. E eu então tive dó dele e disse que estávamos combinados e que, logo que o carro chegasse,

daríamos uma bela volta juntos, pelos arredores de Roma.

Não acho que me levasse a sério; mas os goiabas, como se sabe, têm boa memória. Pontualmente, quatro meses mais tarde certa manhã, ele me telefona:

- Chegou!
- Quem?
- É uma beleza... chego logo e vamos juntos a Bracciano almoçar.
- Mas quem? claro, claro, você está falando daquela moça?...
- Que moça que nada... o carro... então, chego num minuto... .
esteja pronto.

Fiquei pronto e dali a pouco, realmente, chegou um carrinho de passeio, como se vê aos milhares por Roma. Ele desceu, abaixouse para examiná-lo, e finalmente se aproximou, cheio de júbilo:

- O que acha?
- Acho respondi seco que é um belo carro.
- Sim, mas olhe aqui; e pegando-me por um braço me arrastou até o carro e começou a explicação. Fingi escutá-lo uns dez minutos e depois o interrompi:

- A propósito, Peppino... não vai dar para ir a Bracciano hoje... tenho o que fazer.

Ele fez uma cara de dor:

- Você prometeu... não pode me trair.

Em suma, tanto fez e disse, como um verdadeiro goiaba, que venceu, principalmente, pelo cansaço. Mas me irritou logo quando, na hora da partida, me avisou:

- Mas preste atenção... não empurre o fundo com esses seus pés enormes; não vê que vai escangalhar o banco?

Não disse nada, porém, e partimos. Deixamos Roma e pegamos a

Cassia. Como o carro estava amaciando, Peppino guiava devagar, a quase trinta por hora, segurando o volante com as duas mãos, com delicadeza, como se estivesse segurando a cintura de uma esposa. O sol batia nas pedras. Peppino, sempre segurando o volante dojeito que eu disse, começou naturalmente a me falar sobre o carro: tinha me trazido para isso. Para quem não sabe, Peppino tem uma voz monótona, rneio anasalada, sem altos nem baixos, que lembra a mistura do cimento que se derrama lenta e

densa, mas líquida e depois, ao contrário, quando seca, torna-se dura como o feno. Essa voz, enfim, aos poucos inunda o cérebro de tédio e em seguida o tédio se torna um peso e se transforma em sono. E assim aconteceu também comigo. Enquanto ele falava, explicando com sua voz anasalada não sei o quê sobre a mudança de velocidade, me deu um moleza mortal e

finalmente adormeci. Acordei ensopado de suor, com o barulho de buzinas e de vozes. O carro estava parado numa passagem de nível e várias caras enfurecidas se debruçavam nas janelas: caras de caminhoneiros, de automobilistas. Peppino, como sempre, goiaba, explicava: “Eu estava na minha mão, a estrada é estreita.

- Não senhor, você não estava na sua mão coisa nenhuma estava no meio da estrada e andava feito uma lesma.

- Morto de sono gritou- Ihe um caminhoneiro quem é que deixou você dirigir? Desci a custo e vi então que atrás do carrinho do Peppino havia uma fila de carros e de caminhões. Eu tinha dormido e Peppino, por despeito, não dera passagem a todos aqueles infelizes, obrigando-os a andar a trinta por hora, debaixo daquele sol de rachar. Por sorte chegou o trem, ergueram as cancelas, e, entrando, eu disse ao Peppino:

- Agora saia da frente e chega de brincadeiras, senão matam a gente.

- Já viram as crianças, na escola, quando saem no fim das aulas?

Do mesmo modo todos aqueles caminhões e auto móveis, desembestaram pela estrada, mal saímos da frente, envolvendo-nos numa

nuvem de poeira e de fumaça.

Basta, chegamos a Anguillara quase às três e fomos logo a cantina à beira do lago. Fazia um calor indescritível e o lago fumegava, quase branco, entre as margens que eram amarelas e secas como a palha. Peppino, um raio de sol sobre o rosto suado, continuava falando de seu carro com aquele tom igual que dava moleza, e eu que de tédio e de calor tinha perdido até o apetite, agarrei-me ao vinho que pelo menos era fresco, bem de adega, com um sabor metálico indefinível que dava vontade de beber mais, justamente para saber que raio de sabor era aquele. Bebi uma primeira meia garrafa, depois uma segunda e depois uma terceira e Peppino sempre falando do carro.

Finalmente, após mais de uma hora de silêncio e de bebedeira, eu disse a primeira palavra:

- Então, vamos? Peppino respondeu desconcertado

- Sim, vamos... quer que façamos o caminho comprido, pelo lago de Vico? - Por favor... vamos pelo caminho mais curto... preciso voltar a Roma.

Retomamos a estrada de Roma. Num cruzamento uma loira bonita faz um gesto pedindo carona. Disse a Peppino:

- Páre, vamos levá-la conosco. Mas ele:

- Não fiquei louco... não deixo ninguém subir... pode acontecer de me estragarem os bancos, e depois estamos tão bem juntos os dois, sozinhos... Não disse nada mas senti que, com a ajuda do vinho, agora a minha antipatia já estava madura e na próxima oportunidade não me

controlaria mais. Entretanto, ele percorrendo e eu cochilando, graças a Deus, chegamos a Roma. Peppino quis me acompanhar até em casa. Mora na avenida della Regina, Peppino pegou pela via Veneto que àquela hora já começava a encher. De repente, um carro com chapa francesa, à nossa frente, dá uma freada brusca, e Peppino que vinha trás, vai se encaixar com os pára-choques dentro da parte posterior daquele carro. Foi logo descendo, aproximou-se, examinou os dois carros e em seguida dirigiu-se à porta do

carro francês. Havia uma senhora sozinha, jovem e graciosa, loira, as mãos de unhas pintadas pousadas no volante.

- Senhora, tenha a bondade de me dar a carta, o número do carro, o nome, começou Peppino, desembolsando uma caderneta e um lápis,

-a senhora deve entender que não comprei o carro para ser arrentado pela

senhora... a senhora me fez um estrago de milhares de liras. .. quem é que vai pagar? recebi o carro hoje de manhã mesmo, novinho, e não foi para a senhora arrentá-lo.

- Via-se que, com o acidente, ele ficara agitado; era do que precisava para insuflar sua goiabice.

- Mas primeiro tente separar os dois carros, gritou com muito bom senso um garoto, da rodinha de desocupados que já nos circundava. Tinha razão, era uma coisa de nada, bastava dar marcha- à- ré para desengatar os carros; mas Peppino não achava que ia ser tão fácil assim.

- Você separa começou a gritar, autoritário, você separa os carros para mim?... vamos, força... separe você que é tão sabido. A multidão se adensava e nos olhava de atravessado, a dona francesa que não entendia nada, fitava Peppino e sorria.

Peppino insistiu:

- Senhora, por gentileza, seu nome, sua carta, o número do carro.

- E quantos anos tem e se tem filhos tou alguém da multidão.

- Mas tente separar o carro, tornou a gritar o primeiro. E Peppino, atacando: - Já disse, separe você... vamos, fique à vontade, sem dúvida é mecânico,

entende disso mais do que eu. Este, então, se aproximou, ameaçador, um brutamontes alto, grande e gordo, e enfiando-lhe o punho fechado debaixo do nariz:

- Não, não sou mecânico...sou campeão de luta livre

- Tanto melhor... com sua força, pode certamente separá-los.

As coisas terminariam mal para o Peppino se, de repente, eu não tivesse me metido no meio, gritando:

- Força, rapazes... vamos erguer o carro... é uma coisa à-toa.

- Dito e feito: pusemo-nos em cinco, o carro de Peppino era leve, com uma única sacudidela nós o levantamos e desengatamos do carro francês. Porém, logo depois, me virei e disse a Peppino:

- Agora pegue sua caderneta e escreva.

- Mas o que te deu... ficou louco?

- Estou falando para escrever, escreva: eu sou um goiaba, um chato, um pentelho... escreva, vamos. Elevou-se uma grande risada e até alguns assobios; Peppino, a caderneta na mão, ficou como que perdido.

Acrescentei:

- Agora suba no carro e se mande. Dessa vez obedeceu, subiu no carro e partiu, em alta velocidade. Os da roda deram-lhe uma vaia. A dona francesa, enquanto isso, também tinha partido. Eu atravessei a rua e fui a um bar tomar um aperitivo.

(1) Pinhão (Pignolo) no original. Diz-se do sujeito chato, cacete. Preferiu-se “goiaba” como solução para manter certos jogos de palavras do texto, embora a fruta não seja nativa da Itália. (N. dos T.).

A CIOCIARA

Ao professor, quando insistia, eu disse e repeti:

- Olhe, são moças simples... gente da roça... tome cuidado com o que vai fazer... é melhor para o senhor arranjar uma romana... as ciociaras são rústicas, camponesas, analfabetas. A última palavra agradara ao professor: - Analfabeta... é do que preciso... pelo menos não lerá fotonovelas...

analfabeta. O professor era um homem velho, de barbicha e bigodes brancos, que lecionava no ginásio. Porém sua ocupação principal eram as ruínas. Todo domingo e também nos outros dias ele perambulava pela via Appia, ou pelo Foro Romano ou pelas Termas de Caracalla, e explicava as ruínas de Roma. Em sua casa, também, os livros sobre as ruínas e outros estavam empilhados como numa livraria: começavam na entrada onde havia um monte deles, escondidos atrás de umas cortinas verdes, e continuavam pela casa inteira, corredores, salas, quartos de despejo: somente no banheiro e na cozinha é que não estavam. Livros que ele considerava como a menina dos olhos e aí de quem tocasse neles; livros que parecia impossível ter lido. Contudo, como dizemos nós na Ciociaria, jamais ficava de bucho cheio' e quando não lecionava ou dava aulas particulares em sua casa ou explicava as ruínas, ia aos sebos e procurava junto aos vendedores ambulantes e depois voltava para casa sempre com um pacote de livros debaixo do braço. Colecionava, enfim, como os meninos colecionam selos. Porque teimasse em querer como criada uma moça da minha terra, para mim era um mistério.

Dizia que eram mais honestas e não tinham minhocas na cabeça. Dizia que as camponesas o deixavam contente com aquelas belas faces de maçãs vermelhas. Dizia que cozinhavam bem. Enfim, uma vez que não passava um dia sem dar as caras na portaria, sempre insistindo com a moça ciociara e analfabeta, escrevi para minha terra, ao compadre, e ele me respondeu que tinha exatamente quem eu precisava: uma moça das bandas de Vallecorsa que se chamava Tuda, que ainda não completara vinte anos. Porém, dizia-me o compadre na carta, Tuda tinha um defeito: não sabia ler nem escrever. Mas eu lhe respondi que isso, justamente, era que queria o professor: uma analfabeta.

Tuda chegou uma noite a Roma junto com o compadre e eu fui buscá-la na estação. A primeira vista, vi que era da boa raça ciociara, uma daquelas que são capazes de carpir por um dia inteiro sem reclamar, ou então carregar na cabeça, pelos atalhos da montanha, um cesto pesando duas

arrobas. Tinha as faces avermelhadas que agradavam ao professor, a trança enrolada em volta da cabeça, as sobrancelhas pretas, unidas barrando a testa, o rosto redondo e, quando ria, mostrava os dentes brancos, estreitinhos, que as mulheres, na Ciociara, limpam esfregando uma folha de malva. Não estava vestida de ciociara, é verdade, mas tinha o andar da ciociara habituada a pôr a planta do pé no chão, sem saltos, e tinha as barrigas das pernas musculosas, que são muito bonitas, com os cordões das sandálias enrolados em volta. Trazia debaixo do braço um cestinho, e disse que era para mim: uma dúzia de ovos frescos, na palha, recobertos com folhas de figo. Disse-lhe que era melhor dá-los ao professor, para causar boa impressão; mas ela respondeu que não tinha pensado no professor, porque tratando-se de um senhor, devia ter um galinheiro em casa.

Pus-me a rir e, assim, de pergunta em pergunta, enquanto íamos de bonde para casa, vi que era bem bronca: nunca tinha visto um trem, um bonde, um prédio de seis andares. Em suma, analfabeta, como queria o professor.

Chegamos em casa e primeiro eu a levei até a portaria para apresentá-la à minha mulher; em seguida, até lá em cima, de elevador, ao apartamento do professor. Ele veio abrir, porque não tinha criadagem e era minha mulher que habitualmente fazia a limpeza e cozinhava um pouco. Tuda, quando entramos, pôs-lhe o cestinho nas mãos dizendo:

- Tó, professor, pega, te trouxe ovos frescos.

Eu lhe disse:

- Não trate o professor por tu..., mas o professor, ao contrário, a encorajou, dizendo:

- Pode me tratar por tu, minha filha...; e me explicou que aquele tu era o tu romano, dos antigos romanos, que eles também, como os ciociaros, não conheciam o você e tratavam as pessoas sem cerimônias, como se todos

fossem uma família só. O professor, depois, levou Tuda à cozinha que era grande, com fogão a gás, panelas de alumínio e, enfim, todo o necessário,

e explicou-lhe como funcionava.

Tuda escutou tudo, calada e séria. Finalmente, com sua voz sonora, disse: - - Mas eu não sei cozinhar.

O professor surpreso, disse:

- Mas como?... me disseram que sabia cozinhar.

Ela disse:

- Na minha terra eu trabalhava... na roça. Cozinhávamos, claro, mas só para comer... uma cozinha destas eu nunca tive na minha vida.

- E onde cozinham?

- Na cabana.

- Bem”, disse o professor puxando a barbicha, nós aqui também cozinhamos só para comer... suponhamos que você precise preparar para mim um almoço só para comer... o que faria?

Ela sorriu e disse:

- Fazia macarrão com feijão... depois de dava um copo de vinho... e depois talvez umas nozes, uns figos secos.

- Só isso... mais nada?

- Como, mais nada?

- Digo, nada de segundo prato, peixe, carne?

Dessa vez ela se pôs a rir com gosto:

- Mas quando tu comes um prato de macarrão com feijão e pão, já não chega?... o que mais queres?... eu com um prato de macarrão com feijão e pão passava o dia inteiro na roça... tu nem trabalhas.

- Estudo, escrevo, trabalho também.

- Bem, pode ser que estudes... mas o trabalho de verdade fica para nós.

Enfim, não queria se convencer de que era necessário, como dizia o professor, um “segundo prato. Finalmente, após muitas discussões, decidiu-se que a minha mulher por algum tempo viria ensinar. Tuda, na cozinha.

Passamos, em seguida, ao quarto de empregada que era um bom quarto, dando para o pátio, com uma cama, uma cômoda e um guarda-roupa. Ela logo disse, olhando ao seu redor:

- Vou dormir sozinha?
- E com quem quer dormir?
- Na minha terra, dormíamos em cinco no quarto.
- É todinho seu.

Por fim, sai após ter recomendado que estivesse atenta e que trabalhasse bem porque era o responsável tanto diante do professor, como do compadre que a enviara. Ao sair, ouvi o professor explicando:

- Olhe, esses livros todos, você deve tirar pó deles todos os dias com o espanador e o pano. Ela, então, perguntou:

- O que fazes com todos esses livros... para que servem?

E ele respondeu:

- Para mim são como a enxada para você... trabalho com eles.

E ela.

- Sim, mas eu, de enxadas, só tenho uma.

Depois daquele dia o professor de vez em quando, passando na portaria, me dava notícias de Tuda. Para dizer a verdade, o professor não andava mais tão satisfeito. Um dia me disse:

- É rústica... bem rústica, sabe o que fez ontem? Pegou um papel escrito de cima de minha mesa, a redação de um aluno, para tapar as garrafas de vinho. Disse:

- Professor, eu o avisei... gente da roça.

- Sim, porém, concluiu ele é uma boa menina... boa, prestativa... uma boa menina mesmo.

A boa menina, como ele a chamava, precisou de pouco tempo para se tornar uma moça igual às outras. De início, mal recebeu o salário, mandou fazer um vestido de duas peças, que parecia o de uma senhorita. Em seguida comprou sapatos de salto alto.

Depois uma bolsa de imitação de crocodilo. Cortou a trança, um verdadeiro pecado. Continuava, claro, tendo as faces vermelhas como duas maçãs, estas não se tornariam pálidas tão depressa como as das outras moças nascidas na cidade, mas agradavam e não apenas ao professor. A primeira vez que a vi com aquele desgraçado do Mário, motorista da senhora do terceiro andar, disse-lhe:

- Olhe que ele não serve para você... aquilo que lhe diz, diz a todas.

Ela respondeu:

- Ontem me levou de carro ao Monte Mario.

- Pois bem, e então?

- É gostoso andar de carro... e depois, olha o que ele me deu.

- E mostrou-me um alfinete de metal branco com um elefantinho, daqueles que os marreteiros vendem em Campo dei Fiori. Eu lhe disse:

- Você é uma ignorante e não vê que ele te leva no bico... no entanto não deveria andar de carro sozinha, com você... se a senhora ficar sabendo, azar dele, e depois, tome cuidado... tome cuidado... digo e repito, tome cuidado.

Mas ela sorriu e continuou saindo com Mário.

Passaram algumas semanas, um dia o professor apareceu na portaria, me chamou de lado e perguntou, baixando a voz:

- Escute aqui, João... a moça é honesta?

Eu disse:

- Isso sim, professor, ignorante mas honesta.

- Pode ser disse ele pouco convencido mas desapareceram cinco livros de valor... não queria...

Protestei mais uma vez que não podia ter sido Tuda e que os livros ele encontraria de novo com certeza. Porém, fiquei preocupado, confesso, e

resolvi ficar de olhos bem abertos. Uma tarde, alguns dias depois, vejo Tuda entrar no elevador junto com o Mario. Ele disse que precisava ir ao terceiro andar, receber ordens da patroa, o que era mentira, pois a patroa tinha saído há mais de uma hora e ele sabia disso. Deixei que subissem, e depois tomei o elevador, subi e fui direto ao apartamento do professor. Por acaso, tinham deixado a porta entreaberta, entrei, atravessei o corredor, ouvi os dois conversando no escritório e vi que não me enganara. Aproximei-me devagarinho da porta, e o que vi? ; Mário, trepado em cima de uma cadeira encostada na estante, esticando a mão para uma fileira de livros que estavam abaixo do teto; e ela, a santinha de bochechas vermelhas, segurando a cadeira e dizendo:

- Aquele lá em cima.. . aquele bonito e grosso... aquele bonito e grosso, encadernado de couro.

Disse, então ó, aparecendo:

- Muito bem... muito bem... peguei vocês... muito bem... e o professor que tinha me falado e eu não acreditava... muito bem.

Já viram um gato se lhe atiram um balde de água pela janela?

Assim ele, ao ouvir a minha voz, pulou no chão e fugiu, deixando-me sozinho com Tuda. Eu, então, disse-lhe poucas e boas, que uma outra, pelo menos, teria caído na choradeira.

Mas claro, com as ciociaras o negócio é diferente. Escutou cabisbaixa, sem falar; em seguida ergueu os olhos, secos, e disse:

- Quem foi que roubou quem? O troco das compras eu trago de volta... nunca faço como algumas cozinheiras que pagam o dobro pelas coisas.

- Desgraçada... e você não rouba os livros?...

- Isso não é roubar?

- Mas ele tem muitos livros.

- Muitos ou poucos, você não deve tocar neles... e tome cuidado... pois, se te pegar novamente, vai voltar para sua terra.

Na hora, cabeça dura, não quis me dar razão nem admitir, sequer por um instante, ter roubado. Porém alguns dias mais tarde, lá vem ela entrando na portaria, com um pacote debaixo do braço:

- Olhe, os livros do professor... estou devolvendo e assim não poderá mais reclamar.

Disse-lhe que fizera bem e no íntimo pensei que, apesar de tudo, era uma boa moça e que a culpa era toda de Mário. Acompanhei-a ao elevador e em seguida entrei com ela no apartamento, para ajudá-la a repor os livros no lugar. Bem naquele instante, enquanto abríamos o pacote, chega o professor.

Disse:

- Professor... olhe seus livros... Tuda os encontrou... tinha emprestado a uma amiga para ver as ilustrações.

- Bem, bem... não se fala mais nisso.

De sobretudo e chapéu na cabeça, ele se lançou sobre os livros, pegou um deles, abriu e em seguida deu um grito:

- Mas estes não são meus livros.

- O que está querendo dizer?

- Eram livros de arqueologia", continuou ele, folheando febrilmente os outros volumes e estes, ao contrário, são cinco volumes, ainda por cima desparelhados, de direito.

Eu disse a Tuda:

- Pode-se saber o que você andou fazendo?

Dessa vez ela protestou com veemência:

- Tinha pegado cinco livros... e trouxe os cinco de volta... o que querem de mim?... paguei caro por eles... mais que me deram quando os vendi.

O professor estava tão estarecido que olhou para mim e para Tuda

boquiaberto, sem dizer nada. Ela continuou:

- Olha... são as mesmas capas... mais bonitas ainda... olha... e o peso também e o mesmo... foram pesados... são quatro quilos e seiscentas... igual aos outros.

Dessa vez o professor pôs-se a rir, ainda que um riso amargo:

- Mas os livros não se medem pelo peso como a vitela... um livro é diferente do outro... a que faço com estes livros?... Não está vendo?... Cada livro contém coisas diferentes... de autor diferente.

Vá se fazer com que entenda. Repetiu, obstinada:

- Eram cinco e aí estão cinco... eram encadernados e estes também... eu

não sei de nada.

Por fim, o professor mandou que fosse para a cozinha, dizendo:

- Vá cozinhar... chega... não quero perder a paciência. Em seguida, quando ela saiu, disse:

- Sinto muito... é uma boa moça... mas demasiado caipira.

- Foi o senhor quem quis, professor.

- Mea culpa, disse ele.

Tuda continuou com o professor até arranjar outro lugar.

Arranjou um, como ajudante de cozinha, numa leiteria do bairro. De vez em quando vem nos visitar na portaria. No assunto dos livros, não tocamos. Porém diz que está aprendendo a ler e escrever.

(1) Attrippato, no original. (N. dos T.)

O PATAQUEIRO

Era sexta- feira, dezessete, mas não liguei. Mal me vesti, peguei as cinqüenta mil liras que devia a Otávio, tudo em notas de cinco, enfiei-as no

bolso das calças, e saí de casa.

As cinquenta mil liras eram a parte de Otávio por causa de umas jóias falsas que negociamos juntos e eu já estava atrasado uma semana. Esperando o circular fiquei com raiva só de pensar que devia dar-lhe aquela grana que, ao contrário, seria tão útil para mim. Ele não tinha arriscado nada; limitara-se a me fornecer a mercadoria, como excelente ourives que era; eu, ao contrário, tinha ficado com todo o trabalho, me expondo inclusive ao perigo da prisão. Se tivesse sido pego em flagrante, não teria certamente dado o nome dele e iria parar direto na cadeia; enquanto ele continuaria em sua lojinha, trabalhando à mostra atrás da vitrine, uma lente encaixada no olho. Tal pensamento me envenenava; e, tomando o circular, passou-me pela cabeça a idéia de não lhe dar nada. Mas significava não poder mais recorrer a ele e ao seu serviço caprichado, significava ter de procurar outro Otávio, pior que esse, talvez. E depois, para um homem de consciência como eu, significava também faltar com a palavra; seria a primeira vez na minha vida que faria isso. Ao mesmo tempo não me agradava ter que dar-lhe o dinheiro. Estava com a mão no bolso e de vez em quando o apalpava e o acariciava. Eram sempre cinquenta mil liras, e quando as entregasse a ele, teria cumprido minha obrigação mas teria ficado com cinquenta mil liras a menos.

Enquanto me remoía desse jeito, senti baterem no meu cotovelo.

- Atílio, não está me reconhecendo? Era César, um pobretão de marca maior, que eu conhecera no pós- guerra na época do mercado negro de cigarros. Devia ter ficado, como se costuma dizer, no “inicialmente”, ou seja, no ponto de partida, mais miserável que nunca: tinha um sobretudo desbotado e remendado que abotoava até o queixo mas não o suficiente para que não se percebesse o pescoço nu, sem gravata nem colete. De cabeça descoberta, com os cabelos desgrenhados que me pareceram

cheios de lanugem e da poeira que recolhia, dormindo nos banacos: digo a verdade, dava medo. Respondi, embaraçado:

- César, o que anda fazendo?

Disse:

- Vamos descer um pouco, preciso falar com você.

Não sei porquê, a essas palavras, me passou pela cabeça a esperança de achar um jeito de recuperar aquele dinheiro que devia ao Otávio. Fiz-lhe um sinal de que estava de acordo e me dirigi à saída. O bonde parou e nós descemos: estávamos na estação, diante do jardim, dos lados da rua Voltorno.

César me conduziu a um lugar solitário; ali se deteve e resmungou:

- Tem mil aí?

- Mil, o quê?

- Mil liras... faz dois dias que não como. Respondi:

- Ótimo, apareceu na hora certa... estava justamente pensando na melhor maneira de gastar mil liras. Ele entendeu no ato e disse, com o rabo entre as pernas:

- Então, se não quer me emprestar... pelo menos me ajude.

Perguntei-lhe cautelosamente que espécie de ajuda ele queria; e ele:

- Olhe aqui um pouco. Baixei os olhos e vi que segurava na palma da mão uma moeda dourada, com umas crostas de tena e uma cara de mulher no meio.

- Me ajude vender esta moeda romana... depois a gente divide.

Fitei-o e aí não pude deixar de soltar uma gargalhada, nem mesmo eu sabia por quê:

- Pataqueiro... pataqueiro... acabou virando pataqueiro...oh, oh, oh,... pataqueiro.

Quanto mais repetia “pataqueiro”, mais gargalhava; ele, no entanto, me fitava, mais feio que nunca, com a moeda na mão. Disse finalmente:

- Pode-se saber por que está rindo?” Continuei rindo durante um bom tempo e depois respondi:

- Nem vamos tocar no assunto.

- Por quê?

- Por que, meu velho, hoje em dia até as crianças conhecem as patacas... foi-se o tempo das patacas.

Magoado, tornou a pôr as moedas no bolso, dizendo:

- Então, me empreste duzentas liras, pelo menos.

Naquele instante, lembrei-me novamente de Otávio e do dinheiro que devia lhe dar, e voltou a esperança de me recuperar.

Afinal, todos os dias, pode-se dizer, lia-se nos jornais sobre gente que caía nessa, no golpe da pataca. Por que não devíamos entrar nessa nós também? Disse a César:

- Olhe, você me dá pena... quero ajudá-lo... mas vamos combinar... se por

acaso te aganarem, você não me conhece... sou realmente um senhor que gosta de moedas romanas... até tenho dinheiro... veja.

- Talvez por vaidade, tirei do bolso o maço de notas e as folhee no nariz dele.

- Tenho dinheiro e você, para todos os efeitos, é um trapaceiro e eu aquele que poderia ser trapaceado... combinado?

Ele logo disse, com entusiasmo:

- Combinado.

Prossegui, já então seguro de mim:

- Então, vamos combinar. Que preço vamos fixar?

- Trinta mil.

- Não, trinta mil é pouco... sessenta mil no mínimo... e desses quarenta mil levo eu e você vinte... está bem?

- Para falar a verdade, tínhamos combinado a metade.

- Então, nada feito.

- Vinte mil, está bem.

- Vamos ver agora como é que vamos representar, continuei; "você é

um braçal... trabalhava aqui, no aterro da nova estação... achou a moeda e escondeu... combinado?

- Combinado.

- E quanto à moeda: eu me intrometo e declaro que é uma peça de muito valor... é preciso encontrar, porém, o nome de um imperador romano... o que vamos dizer?

- Nero.

- Não, Nero não... está vendo como você é burro... Nero, quem és; não conhece em Roma?... é o primeiro que vem à cabeça... outro César - perplexo, coçou o queixo e depois disse:

- Só conheço Nero... os outros não conheço.

- E ao contrário eu disse foram muitos... no mínimo uma centena... Vespasiano, por exemplo, o dos vespasianos, dos mictórios, você conhece?

- Ah, sim, Vespasiano.

- Mas Vespasiano não pega bem... poderia fazer rir... vejamos antes o que está inscrito na sua moeda... dê cá.

Ele a entregou e eu examinei: havia letras, mas confusas, e não dava para entender nada. Disse, com repentina inspiração:

- Caracalla... o das termas... entendeu? Caracalla.

- Claro, Caracalla.

- Então - concluí - vamos fazer assim... a gente se separa, mas sem ficar muito longe um do outro... eu escolho o sujeito... quando me ouvir tossir, significa que é ele e você o aborda... está bem?"

- Pode crer.

Assim nos separamos: César começou a passear de um lado para outro pelo jardim; e eu fiquei de tocaia na calçada. Naquele lugar, como sabia, apareciam, vindo da estação, todos os interioranos dos arredores de Roma, gente caipira e ignorante, mas com a carteira cheia da nota. Gente que acredita ser esperta; e não digo que na terra natal, entre as ovelhas e os

queijos frescos, não seja; mas em Roma sua esperteza é ingenuidade. Vi muitos deles, uns com pacotes e malas, outros sozinhos, ou com mulheres; mas por um motivo ou outro, nunca conseguíamos nada. Enquanto isso, para matar o tempo e tomar uma atitude, tirei um cigarro da cigarreira e acendi. Não sei por que, na primeira tragada, engasguei com a fumaça e tossi, o imbecil do César foi direto até um rapaz loiro que há algum tempo perambulava debaixo das árvores, e tocou seu cotovelo. A cena fora tão rápida que não tive tempo de intervir.

Enquanto César falava, examinei o rapaz. Era de pequena estatura, vestido de camponês, num anorake com gola de raposa, bombachas de veludo marrom, botas de vaqueta amarela enlameada. Tinha o rosto branco, achatado, penetrante, bigodes loiros sob o nariz pontudo, cabeça raspada. Parecia esperto; mas, por sorte, também parecia matuto. Escutava César com curiosidade, talvez com interesse. Finalmente, César enfiou a mão no bolso e sacou a moeda. Agora, então, tinha chegado a minha hora, e vi que não podia mais voltar atrás.

O rapaz examinava a moeda, revirando-a, César falava com ele.

Aproximei-me e disse num tom de conhecedor:

- Desculpem a indiscrição... Essa não é por acaso uma moeda romana?

César fitou-me apavorado. O rapaz disse em voz baixa:

- Parece.

Eu disse:

- Permitam que eu a examine... entendo disso... sou antiquário... permitam.

O rapaz me estendeu a moeda e eu a examinei demoradamente, fingindo curiosidade. Em seguida virei para César e perguntei, severo:

- E você, onde você arranjou isso?

É preciso dizer que César, assim esfarrapado e sujo, se afinava

perfeitamente com seu papel. Choramingou:

- Que quer que eu diga?... sou um coitado.
- Vamos eu disse não tenha medo... não sou um oficial à paisana...

comigo você pode falar. Como a arranjou?

- Sou um braçal, respondeu César sempre em tom lamentoso; achei-a enquanto trabalhava no aterro, da estação, aqui...talvez o senhor possa me dizer quanto vale.

- Valer, vale com certeza... é uma moeda do imperador Caracalla.
- É isso, é isso mesmo, Caracalla disse César alguém me disse esse

nome.

Chegara o momento delicado, decisivo. Brusco, perguntei:

- Quanto?
- Quanto o quê?
- Quanto quer por ela?
- Me dê sessenta mil liras.

Era a quantia combinada, mas alguém menos imbecil que César, teria armado o golpe, talvez respondendo:

- Faça o senhor o preço. Eu disse, contudo, sempre brusco, como quem não quer deixar fugir a ocasião:

- Dou cinqüenta mil... está bem?

Ao mesmo tempo olhava o rapaz e achei que tinha mordido a isca. De fato, respondeu:

- Eu lhe dou dez a mais... quer me dar? em tom suave, persuasivo, insinuante. César ergueu os olhos para mim e depois disse, numa entonação apropriadamente sentida:

- Está vendo?... ele estava na frente... sinto muito... devo dar a ele.

O rapaz mordia os bigodes loiros, olhando-nos. Retrucou:

- Mas o dinheiro não está aqui... venha comigo que eu lhe dou.
- Onde?

- Na delegacia!

César arregalou os olhos, assustado, quase desmaiando. Vi que devia intervir com a máxima decisão e me intrometi:

- Um momento... com que direito? Quem é você?... Um agente?

- Não sou agente coisa nenhuma respondeu o gozador mas também não sou tão bobo como vocês pensam... estavam querendo me passar a pataca, hein?... Venham comigo à delegacia...ali nos _ entenderemos melhor.

César olhava para mim, desesperado. Tive uma inspiração e disse:

- O senhor está enganado... pode ser que, pela aparência, ele pareça um trapaceiro, eu o comparsa e o senhor o otário... mas na realidade eu não conheço ele, o senhor não é um otário e eu realmente sou um antiquário... e a moeda é verdadeira... tanto é verdade que vou comprá-la já,já..

Virei-me para César e ordenei:

- Dá cá a moeda e estenda a mão.

Ele obedeceu e eu, uma em cima da outra, fui contando na mão dele as cinqüenta mil liras do Otávio. Em seguida disse ao rapaz:

- Para seu governo... aprenda a distinguir as pessoas honestas dos vigaristas... aprenda a ver as diferenças.

Porém o outro respondeu, obstinado:

- E quem me garante que vocês não estão combinados?

Agora que tinha pago mesmo pela pataca, sentia-me agressivo, odiava-o. Disse, erguendo os ombros:

- Combinados nós?... bem se vê que vem da roça... de mussarela pode ser que você entenda, mas de gente honesta, não... mas volte para a roça,volte...

- Ei disse ele arrogante: com quem pensa que está falando? Não levante a voz... seu valentão.

- Valentão é você... seu unha-de-fome. Estava enfurecido sem motivo, talvez porque, afinal, sentia estar com a razão. Ele respondeu:

- Sem-vergonha; eu me lancei contra ele, fazendo menção de agarrá-lo pela gola de raposa. No entanto, porém, tinham se juntado os desocupados de sempre que nos separaram, enquanto eu me debatia e gritava:

- Vá vender queijo fresco. .. seu caipira, ignorante, capiau.

Ele, erguendo os ombros,afastou-se no meio da multidão e eu, aí, virei para procurar o César.

Meu sangue gelou ao ver que não estava ali. As pessoas, após terem nos separado, saíam para cuidar da própria vida; e César não estava no pátio da estação, nem no jardim, nem dos lados da praça Esedra. Tinha esaparecido; e junto com ele as cinqüenta mil liras. Fiz um gesto de desespero tão violento que alguém me perguntou:

- Está se sentindo mal?

Bem, tremendo todo de raiva, suado, ofegante, arrasado, fui correndo pelo curto trecho de rua da praça à rua Vicenza onde ficava a loja de Otávio. Encontrei-o, como de hábito, atrás da vitrina; gordo, desleixado, a barba comprida, examinando sei lá o quê com sua lente de ourives. Entrei e, recobrando-me,disse-lhe.

- Olhe, Otávio, o dinheiro eu não posso dar... se quiser pode ficar com esta moeda romana em troca.

Ele a pegou com calma, sem olhar para mim, aproximou-a do olho, examinou-a por um breve instante e depois começou a rir.

Como que para si mesmo. Em seguida levantou-se e, sempre rindo e me dando tapinhas nas costas, disse:

- Pataqueiro,pataqueiro... oh, oh, oh... acabou virando pataqueiro.

(1) Attrippato, no original. (N. dos T.)

BRINCADEIRAS DE FERRAGOSTO

Tudo ia mal para mim naquele verão e, quando chegou o feriado de agosto, dei comigo em Roma sem amigos, sem mulheres, sem parentes, sozinho. A loja onde eu era balconista estava fechada por causa das férias, do contrário, por desespero, só para ter companhia, até me resignaria a vender os saldos de verão, cuecas, meias, camisas, tudo mercadoria de segunda.

Assim, na manhã do dia 15, quando Torello veio buzinar debaixo da minha janela e depois me convidou para ir com ele até Fregene, pensei:

- É antipático, aliás, é insuportável... mas antes ele do que ninguém e aceitei de bom grado. Torello era um rapaz atarracado, socado, como um pãozinho, com a cara lívida toda estendida para a frente com um ar de arrogância, com os olhos saltados, duros e estúpidos, de dar vontade de

furar com um alfinete. Me era antipático, como disse, mas talvez fosse o único a achá-lo antipático; em geral conseguia ser simpático, e as mulheres, então, morriam por ele. Estava sempre cheio da gaita, porque tinha uma garagem bem montada, e assim à arrogância natural acrescentava a do dinheiro. Porém, arrogância ainda passa; eu não aguentava mais o focinho do Torello por outro motivo: porque sempre dizia e fazia as coisas erradas. Era irremediavelmente desajeitado, sempre inoportuno, sempre ofensivo, sempre incômodo. Você ficaria ouvindo um cantor que erra todas as notas? Não, e até pagaria para que se calasse. Esse era o efeito que me causava Torello.

Punha meus nervos à flor da pele e, já que tenho bom gênio e gosto de me dar bem com todos e com ele não conseguia, evitava-o o mais que podia. Mas naquele feriado não o evitei e fiz mal.

A primeira coisa saiu errada, Torello disse na hora em que me sentava a seu lado, no carro:

- Foi uma mão na roda eu vir te buscar, hein?... se não lá ia você passar o feriado todo em Villa Borghese. Pensei:

- Pronto, começou; mas não disse nada porque, ele, além de indelicado, também era estúpido e não compreenderia. Depois o carro partiu,

dirigindo-se à Aurélia.

Torello tinha um carro com a carroceria fora de série, verde e baixa, do qual era orgulhoso e mais não poder. Ainda dentro da zona urbana, depois de São Pedro, começou a correr feito louco: noventa, cem, cento e dez, cento e vinte. Eu lhe dizia.

- Vá devagar... ninguém nos espera e ele, como única resposta, pisava no acelerador. Assim, como um raio, atravessamos Madonna di Riposo e prosseguimos pela Aurélia.

Por causa do feriado, a estrada estava cheia de carros, e para Torello era questão de honra ultrapassar todos eles, sem buzinar, sem olhar se a estrada estava livre, de cabeça baixa, como um touro. Finalmente pegamos uma reta e lá longe, no fundo, via-se um enorme carro americano, também ele correndo bastante, reto e brilhante ao sol.

- Agora vamos passar aquele também, disse Torello e acelerou. Era um carro mais potente que o nosso, mas o homem que estava no volante guiava com prudência, regularmente: ao seu lado ia uma mulher. Torello

alcançou-o, estávamos numa curva, emparelhou-se com ele e, então, vi a mulher: loira, com o rosto redondo, os olhos de veludo negro, a expressão sonsa e dengosa: uma gatona. O homem parecia baixo, com o nariz em forma de aldrava. Guiava com o charuto na boca, com uma camiseta decotada, os braços peludos na direção. Torello gritou:

- Tchau, loirinha bonita, e ela se virou e sorriu para ele. Naquele exato momento um caminhão alto como uma casa apareceu na curva, e o homem do charuto, no ato, jogou-se no acostamento e Torello mal teve tempo de encostar junto com o carro americano. O homem do charuto fez um gesto com a mão e tornou a partir como uma flecha.

- Gosto daquela mulher disse Torello apertando o acelerador, você viu, sorriu para mim.

Eu lhe disse:

- Deixe para lá, não é para o seu bico.

E ele, estúpido:

- Pedirei seu conselho quando precisar comprar um pijama. Enfim, ofendia.

Perseguimos o carro americano feito diabos e numa passagem de nível paramos lado a lado com eles. A loira nos olhou e sorriu para Torello; que logo lhe fez um sinal de entendimento. O homem do charuto viu claramente o gesto, tirou o charuto da boca e aí, na passagem de nível, na minha presença, na do guarda-linha e de uns camponeses que esperavam, deu uma bofetada na mulher, com as costas da mão, na boca. Naquele momento as cancelas da passagem de nível se ergueram e o carro partiu antes que eu pudesse rever a cara da mulher. Imagine Torello. A bofetada fora tão valiosa para ele como uma declaração de amor.

- Lá vamos nós mugia, curvado sobre o volante, quer ver como vou tirá-la dele?

Entretanto o carro americano tinha arrancado numa corrida dos diabos e não houvejeito de alcançá-lo antes do pinheiral de Fregene.

Lá estávamos nós no pinheiral, na encruzilhada onde ficam os vendedores de limonada, com os turistas estendidos à sombra dos pinheiros, os rádios ligados, os cartuchos e as garrafas do Ferragosto. O carro americano nos precedia e nós atrás, devagarinho. O carro americano desembocou na clareira e foi parar na sombra, embaixo da cobertura. Torello deu meia-volta e foi se colocar ao lado do carro americano. O homem do charuto saiu por uma porta, a mulher pela outra. Torello, rápido, correu para ajudá-la a descer. Ela agradeceu com um somso e se afastou junto com seu acompanhante. Era mais alta que ele uma cabeça, sinuosa como uma cobra; caminhando, rebolava as cadeiras e balançava a cabeça. Ele parecia quase mais largo que comprido, os braços pendentes, um gorila.

Entraram no balneário e nós entramos no balneário. Compraram o

bilhete e nós compramos o bilhete. Dirigiram-se às cabines, pela guia de cimento, através da praia, e nós os seguimos. O responsável, vendo os quatro juntos, virou-se e perguntou:

- Estão juntos, na mesma cabine? A loira pôs-se a rir, fitando Torello que disse em voz alta:

- Tomara. O homem de charuto disse ao responsável:

- "Não, estamos separados.

A loira entrou em sua cabine e Torello entrou na cabine ao lado que era a nossa. Ficamos de fora eu e o homem. Ele tirou do bolso uma grande cigarreira e me ofereceu:

- Um charuto?

Recusei, dizendo que não fumava. Ele insistiu, dizendo:

- Então, pegue um para seu amigo, em tom sombrio, quase ameaçador. Achei que falava o italiano com sotaque meridional e ao mesmo tempo estrangeiro e julguei que fosse ítalo-americano. Em seguida ouvi Torello bater na divisória entre as cabines e a loira abafar uma risada. O homem disse:

- É um sujeito alegre o seu amigo e depois gritou algo em inglês e a loira saiu da cabine. O homem entrou na cabine por sua vez e Torello saiu. Disse-lhe:

- Este charuto é um presente dele para você, apontando a porta fechada. Torello pegou o charuto e gritou:

- Obrigado, hein, pelo charuto.

- Não há de quê disse o homem, aparecendo só com a cabeça através da porta e olhando feio para ele, quer a saída de banho também?... ou então esta bolsa?... ou prefere esta cigarreira? é de ouro. Assim, a seu

modo, dava-lhe uma lição. Torello corou até as orelhas e a porta se fechou. Torello fitou-me, piscou o olho e lançou-se atrás da loira que, enquanto isso, tinha se dirigido para o mar.

Da cabine vi que alcançava a loira, falava e depois a pegava por um

braço. Não acreditava em meus olhos e aí, quase ia lhe dando razão. A loira rebojava os quadris e as costas, tinha um corpo flexível, sem músculos nem ossos, como que de borracha.

Entraram n'água, o mar estava agitado, uma onda os atingiu e, quando passou, vi a loira entre os braços de Torello, agarrada a seu pescoço e rindo. Em seguida se afastaram e eu os perdi de vista.

O homem saiu da cabine, num traje de duas peças, branco e preto. Tinha pernas curtas, era branco como toucinho, com as coxas ; pretas de pêlo e o peito cabeludo. Estava com um jornal na mão e o mesmo charuto na boca. Não entrou na água, mas mandou colocar uma espreguiçadeira diante da cabine, sentou-se e desdobrou o jornal. Naquele instante Torello e a loira saíam da água brincando e empurrando um o outro. O homem olhou para eles, depois abriu o jornal e começou a ler.

A loira veio pela praia até o homem e agachou-se a seu lado.

Torello, no meio da praia, pôs-se a fazer exercícios de ginástica: para frente, para trás, de um lado, de outro, só para se mostrar para a loira. Então eu fui tomar banho e durante uma hora não me ocupei mais deles.

Na volta encontrei Torello já vestido e impaciente.

- Onde você estava? depressa, vista-se: eles já foram comer. Vesti-me e o

seguí para fora do balneário, até o restaurante. Os dois estavam à mesa, no fundo de um caramanchão cheio de gente.

Torello, imediatamente, foi se sentar numa mesa perto deles. O homem disse em voz alta para Torello:

- Por que vai se sentar na mesa aí do lado?... pode até sentar aqui na minha.

- Como de hábito, caçoava dele; mas Torello é tão idiota que fez menção de aceitar; porém o homem continuou:

- Oa, então, quer que eu saia e o deixe sozinho com a senhora?

Torello sentou ao meu lado e por um tempo não abriu a boca. Comemos em silêncio; mas à sobremesa a loira aproveitou um momento em que o homem não estava olhando e sorriu para Torello. Reanimado, ele pediu uma garrafa de Frascati espumante e com a garrafa na mão levantou-se e dirigiu-se à mesa ao lado. A loira de 1 gg satou a rir ao vê-lo se aproximar. O homem ergueu os olhos e encarou Torello.

- Vamos beber juntos? disse Torello.

- Que graça tem a gente ficar se olhando de atravessado? vamos beber e ficar de bem.

O homem respondeu:

- Dê cá, e, pegando a ganafa, derramou-a denho de um vaso de flores ali ao lado e esperou que todo o vinho tivesse acabado no vaso; e em seguida entregou a garrafa a Torello, dizendo:

- Obrigado. A loira riu.

Mais tarde o homem levantou para ir ao banheiro e a loira, então, disse a Torello: "Obrigada pelo vinho... gostei do seu gesto. Começaram desse modo a conversar sobre banalidades.

Torello entusiasmando-se cada vez mais; de repente, o homem surgiu entre eles, de pé, o charuto na boca e disse a Torello, com bastante gentileza: - Nós vamos ao pinheiral, não querem vir também? Torello hesitava, receava uma nova gozação, mas a loira exortou-o com autoridade: "Se está dizendo para vir, venham"; e então aceitamos.

Lá estávamos de novo no pinheiral. O carro americano nos precedia, sacudido suavemente pela relva do atalho, no coração da mata. Seguimos em frente por um bom tempo; através do vidro posterior do carro americano, via as duas cabeças, a da loira e do homem do charuto, e tudo me parecia demasiado fácil para ser verdade. Porém Torello estava excitado e me disse:

- Agora ele vai dormir e não me chamo mais Torello se não papo aquela linda boneca.

- Nunca o vira tão antipático.

Chegamos finalmente numa clareira, num lugar solitário: pinheiros, pinheiros e mais pinheiros por toda parte, e lá em cima, entre as copas que se moviam ao vento, o céu brasa e azul. O carro americano deu meia-volta, pondo-se de frente para o caminho de onde viéramos. Torello parou, e todo alegre e cheio de empáfia desceu e foi ao encontro do homem que nesse ínterim também tinha descido.

Estendia-lhe a mão, talvez querendo se apresentar. O homem permanecia parado no meio da clareira. Em seguida pegou impulso a dois ou três metros de Torello e, de repente, como um aríete, atimu-se de cabeça baixa e deu-lhe uma tremenda cabeçada na boca do estômago. Isso mesmo, com a cabeça, um golpe de luta-livre. Torello esboçou um gesto como que para se defender; mas o homem se abaixou e deu-lhe um soco na cara.

Torello deu dois ou três passos para trás e recebeu outro soco, dessa vez no estômago. Torello encostou-se num pinheiro, levando uma das mãos ao rosto. O homem voltou para o carro, entrou, ligou o motor e partiu.

Quase caí na gargalhada; e confesso que não me desagradou que Torello levasse aquela cabeçada no estômago. Em seguida, aproximei-me dele e vi que estava com a boca cheia de sangue.

Apertava o estômago com uma das mãos; depois foi para trás de um pinheiro e vomitou. Eu fui para o carro, entrei e fiquei quieto ali um tempão. O silêncio era profundo: se apurava o ouvido, escutava um pássaro, no coração do bosque, piar de vez em quando. Finalmente Torello entrou também, apertando o lenço na boca. Ligou o motor e partimos.

Durante um tempo não conversamos. Por fim Torello disse:

- Tudo culpa daquela sirigaita. Eu gostaria de ter dito que a culpa era dele mas fiquei quieto, pois sabia que não iria adiantar.

Em Roma nos separamos e desde aquele dia nunca mais voltei a vê-lo.

O TERROR DE ROMA

Tinha tanta vontade de um par de sapatos novos que quase sempre sonhava com ele durante aquele verão, lá, no porão onde o porteiro do edifício me alugava uma cama de campanha a cem liras por noite. Não que andasse com os pés descalços, mas os sapatos que usava tinham me sido dados pelos americanos, sapatos baixos e leves, e já não tinham quase mais salto e um deles estava rasgado no dedinho e o outro se alargara e me saía do pé, parecendo um chinelo. Vendendo mixarias no mercado negro, carregando pacotes e fazendo entregas, mal conseguia matar a fome, e o dinheiro para os sapatos, sempre alguns milhares de liras, eu nunca conseguia poupar. Esses sapatos tinham se tornado para mim uma obsessão, um ponto escuro

suspenso no ar que me seguia por onde quer que fosse. Achava que sem os sapatos novos não poderia mais continuar vivendo, e, às vezes, pelo desconforto de não ter os sapatos, pensava até em me matar. Ao caminhar pela rua, vivia olhando para os pés dos transeuntes; ou então parava na frente das vitrinas das lojas de calçados e ficava ali, embasbacado, contemplando os sapatos, comparando os preços, o modelo e a cor, escolhendo mentalmente o par que me serviria. No porão onde dormia,

conhecera um tal de Lorusso, que era outro sem eira nem beira como eu, um rapaz loiro e crespo, forte, mais baixo que eu, e vi que o invejava só porque ele, não sei como, conseguira arranjar um par de sapatos até que bonitos, altos, de amarrar, de couro grosso, com ferrinhos e as solas duplas, do tipo daqueles usados pelos oficiais aliados. Os sapatos eram grandes para Lorusso e de fato, toda manhã, ele colocava jornais dentro para que não lhes saíssem dos pés. Para mim, que era mais alto que ele, serviam como uma luva.

Sabia que Lorusso também tinha uma vontade: queria comprar um pífaro que sabia tocar porque antes de chegar a Roma estivera nas montanhas,junto com os pastores. Dizia que assim, pequeno, loiro, de

olhos azuis, de anoraque e calças dos aliados enfiadas nos sapatos dos aliados, e o pífaro na boca, era capaz de perambular pelos restaurantes e ganhar muito dinheiro tocando,justamente, no pífaro, umas cantigas dos pastores e também algumas outras que aprendera quando moleque de recados dos americanos. Mas o pífaro custava caro, tanto quanto os sapatos

e talvez mais, e Lorusso que de tudo fazia um pouco como eu, nunca tinha dinheiro para comprá-lo. Ele também sempre pensava no pífaro, como eu nos sapatos; e sem trocar palavras tínhamos combinado: primeiro eu lhe falava dos sapatos e depois ele me falava do pífaro. Porém não passavam de palavras e o pífaro e os sapatos a gente não conseguia arranjar.

Finalmente tomamos uma decisão, de comum acordo, na verdade fui eu quem pensou, mas Lorusso aprovou no ato como se não tivesse pensado noutra coisa a vida inteira. Iríamos a um lugar solitário, freqüentado por namorados, Villa Borghese,por exemplo, e aplicaríamos um golpe num daqueles casais que se isolam para melhor se esfregar e trocar beijinhos.

Descobri, então, com surpresa, que Lorusso era sanguinário, coisa em que eu nunca teria acreditado, visto seu jeito de pastorzinho inocente. Foi logo dizendo com entusiasmo que ele era capaz de dar cabo da mulher e do homem; e repetia a frase “dar cabo” que ouvira sabe-se lá onde, com muito gosto, como se já estivesse vendo a hora de dar cabo deles de verdade. A

uma certa altura, até, como que para me mostrar de que modo procederia, jogou-se para cima de mim e me aganou pelo pescoço fingindo me dar muitas porradas na cabeça com uma chave inglesa de ferro maciço. - Bateria assim... e depois assim... e depois assim até dar cabo dos dois.

Ora, eu sou muito nervoso porque passei uma noite e um dia num porão, sob as ruínas da minha casa, no interior, por causa de um bombardeio,

e desde aquela época minha cara inteira pula a toda hora num tique e

basta um nada para que fique fora de mim. Desse modo, com um empurrão, atirei Lorusso de encontro à parede do porão e lhe disse

- Tire as mãos daí... se me tocar de novo, palavra de honra que pego esta chave e dou cabo é de você, na hora. Em seguida me recobrei e acrescentei: - Tá vendo como você é burro?... não entende nada, é um asno mesmo... Não sabe que os casais que fazem amor ao ar livre, fazem

escondido? Do contrário fariam em suas casas... Então se você lhes tira a grana, não o denunciam porque têm medo que o marido ou a mãe venham a saber que estavam fazendo amor...mas se der cabo deles, os jornais noticiam, todos vão ficar sabendo e a polícia te pega... É preciso, ao contrário, fingir que somos dois guardas à paisana: mãos ao alto, estão

se beijando, não sabem que é proibido? Estão em contravenção... E com a desculpa da contravenção, pegamos o dinheiro deles e nos mandamos.” Lorusso, que é burro mesmo, fitava-me boquiaberto, com seus olhos redondos e azuis, como que de porcelana, embaixo dos cabelos que lhe crescem no meio da testa. Finalmente, disse:

- Sim, mas... o morto jaz e o vivo não nos ! deixa em paz. Porém assim sem expressão, como quando dizia “dou cabo deles”, feito papagaio, e vai se saber onde tinha ouvido esse provérbio. Eu lhe respondi:

- Não se meta a besta: faça o que lhe digo e feche a boca. Dessa vez ele não protestou mais e assim ficamos combinados quanto ao golpe.

No dia marcado, à noite, fomos à Villa Borghese, Lorusso enfiara no anoraque a chave e eu no bolso um revólver alemão que tinham me dado para vender, mas que ainda não encontrara menor precaução guém que o quisesse. P eu o descarregar, achando que se precipitou o golpe dava certo no ato, ou então, isasse disparar, tanto fazia renunciar a ele. Pegamos a alameda, rente à pista de cavalos e ali em cada banco tinha um casal, só que havia postes e muita gente passando, como nas ruas. Dessa alameda

passamos àquela que conduz ao Pincio, que é um dos lugares mais escuros de Villa Borghese, e os casais o preferem também porque fica perto da praça del Popolo. No Pincio estava realmente escuro, por causa das árvores e também havia poucas luzes; e os casais nos bancos nem dava para contar. Havia até dois por banco e cada um fazia o que bem entendia, aos beijos

e abraços, sem se envergonhar de ser visto pelo outro que fazia o mesmo. Aí a vontade de Lorusso de dar cabo das pessoas já tinha passado, porque ele era assim e mudava de idéia facilmente e ao ver todos aqueles casais se beijando, começou a suspirar, com os olhos brilhantes e a cara cheia de inveja, depois disse:

- Eu também sou moço e quando vejo todos esses namorados se beijando, vou te dizer uma coisa, se não estivesse em Roma mas na roça, eu daria um susto no homem para que fosse embora e à mulher eu diria:

- Vamos gracinha... vem que não vou te fazer mal... vamos, gracinha, venha com o teu Tommasino. Caminhava pelo meio da alameda afastado de mim, e virava-se para olhar os casais que até dava ver gonha, lambendo os beijos com a língua grossa e vermelha, igualzinha a um boi; e queria por força que eu também olhasse os casais e observasse como os homens enfiavam as mãos por baixo das roupas das mulheres e as mulheres se apertavam aos homens e deixavam eles enfiarem as mãos por baixo. Eu lhe

respondi:

- Como você é bobo... mas você quer ou não quer o píforo? Ele respondeu, virando-se para olhar um dos bancos:

- Agora eu queria mesmo é uma moça... qualquer uma, aquela, por exemplo.

- Então, eu disse, não devia ter pego a chave inglesa e vindo comigo. E ele, - Até acho que teria sido melhor. Falava desse modo porque era leviano e mudava de idéia a toda hora. Vira, dando uma volta pelo Pincio, uns

pares de pernas nuas de mulher, alguns beijos, umas esfregadas, e

isso fora o suficiente para que ficasse morrendo de vontade de fazer amor. Porém eu, ao contrário, não me distraio facilmente, quando quero uma coisa, há de ser essa e não outra. Queria, então, os sapatos e estava decidido a arranjá-los naquela mesma noite, a qualquer custo.

Perambulamos um tempo pelo Pincio, de uma alameda à outra, de um banco a outro, ao longo dos bustos de mármore branco alinhados em fila à sombra das árvores. Nunca encontrávamos o lugar apropriado porque receávamos sempre que os outros casais, tão próximos, nos vissem; e Lorusso, como sempre, já ia se distraindo de novo. Agora não era mais no amor que pensava mas, não sei por que, nos bustos de mármore.

- De quem são todas essas estátuas? perguntou de repente, pode-se saber de quem são?

Eu lhe respondi:

- Está vendo como você é burro... são todos grandes homens... E como são grandes homens, fizeram suas estátuas e as colocaram aqui. Ele se aproximou de uma das estátuas, examinou-a e disse:

- Mas esta é de uma mulher. Respondi:

- Significa que ela também era grande. Ele não parecia convencido e por fim perguntou:

- Quer dizer, se eu fosse um grande homem, iriam também fazer uma estátua minha?

- Claro que sim... mas você nunca será um grande homem.

- Quem foi que disse?... Suponhamos que eu me torne o terror de Roma... dou cabo de muita gente, os jornais falam de mim, ninguém me encontra... e aí também fazem a minha estátua.

Eu me pus a rir, apesar de não sentir vontade, porque sabia de onde lhe viera a idéia de se tornar o terror de Roma: tínhamos ido, alguns dias antes, assistir a um filme que se chamava justamente "O terror de Chicago"; e respondi-lhe:

- Ninguém se torna grande dando cabo das pessoas.. . Como você é burro... aqueles são grandes homens que não davam cabo de ninguém.

- E o que faziam?

- Bem, escreviam livros. Ele, ouvindo isso, ficou sem graça porque era quase analfabeto; e por fim disse:

- Gostaria, porém, de ter uma estátua... estou falando a verdade,gostaria... Assim as pessoas se lembrariam de mim. Eu lhe disse:

- Você é bobo mesmo, só me faz passar vergonha... mas é inútil eu explicar,seria trabalho perdido.

Chega, andamos mais um pouco e aí fomos ao tenaço do Pincio.

Havia alguns canos, as pessoas tinham descido e admiravam o panorama de Roma. Nós também nos debruçamos: via-se Roma inteira, semelhante a uma torta preta queimada, com muitas fendas de luz, e cada fenda era uma rua. Não havia lua mas estava claro e eu mostrei a Lorusso o perfil da cúpula de São Pedro, negro contra o céu estrelado. Ele disse:

- Imagine só,se eu fosse o tenor de Roma.. . todas as pessoas, em todas essas casas, só pensariam em mim e se ocupariam de mim, a essa altura fez um gesto com a mão como se quisesse ameaçar Roma, eu sairia todas as noites e daria cabo de alguém e ninguém me encontraria.

Eu lhe respondi:

- Mas você é bobo mesmo e não deveria ir nunca ao cinema... na América eles ‘+ têm metralhadoras, canos e são organizados... é gente que faz as ; coisas para valer... e você quem é? Um pastor de ovelhas papa- ricota, com uma chave inglesa dentro do anoraque. Ele calou-se ofendido, e depois disse:

- Bonita a paisagem, não se pode negar, bonita mesmo... mas enfim, já vi que esta noite não se faz nada e vamos para a cama. Eu perguntei:

- O que está querendo dizer?

- Estou querendo dizer que você perdeu a vontade e está com medo. Ele procedia sempre assim: distraía-se, pensava em outras coisas e em seguida jogava a culpa em cima de mim, acusando-me de covarde. Eu respondi: - Vamos, idiota... vou te mostrar se estou com medo.

Tomamos por uma alameda muito escura, a toda volta do parapeito que dá para a estrada do Muro Torto. Ali também havia bancos e casais em quantidade, porém por um motivo ou por outro, via que era impossível e fazia sinal para Lorusso seguir adiante. A certa altura vimos dois, num lugar bem escuro e solitário, e eu estava quase me decidindo, mas naquele momento passaram dois guardas a cavalo e os casais, com medo de serem vistos, saíram dali. Desse modo, seguindo sempre o parapeito, chegamos ao trecho do Pincio que dá para o viaduto do Muro Torto. Ali há um pavilhão circundado por uma sebe de louro reforçado com arame farpado. Porém

num dos lados há um portãozinho de madeira que fica sempre aberto. Conhecia aquele pavilhão por ter passado nele algumas noites em que não tinha nem mesmo dinheiro para pagar a cama de campanha do porteiro. É uma espécie de estufa, com vidraças dando para o viaduto, e dentro guardam as ferramentas de jardinagem, os vasos de flores e vários daqueles bustos de mármore a quem a molecada quebrou o nariz ou a cabeça, para consertar. Aproximamo-nos do parapeito, Lorusso sentou-se em cima dele e acendeu um cigarro. Estava pendurado no parapeito, fumando com um ar atrevido, e naquele instante senti tamanha antipatia por ele que pensei seriamente em dar-lhe um empurrão e jogá-lo para baixo. Daria um salto de cinqüenta metros, se esborracharia como um ovo na calçada do Muro Torto e eu, então, correria para lá, e pegaria seus belos sapatos que me davam água na boca. Fiquei com raiva ao pensar nisso porque percebi que, por um momento, tive a ilusão de experimentar tanta antipatia por Lorusso a ponto de ser capaz até de matá-lo; na realidade, ao contrário, o verdadeiro motivo eram sempre aqueles malditos sapatos, e Lorusso ou um outro, desde que tivesse sapatos, para mim era tudo

a mesma coisa. Mas talvez o teria jogado realmente, porque estava cansado de zanzar e ele me atacava demais os nervos, se, de repente, por sorte, duas sombras escuras não tivessem passado por perto, quase esbarrando na gente, enlaçadas: um casal. Passaram bem na minha frente, ele mais baixo do que ela, mas por causa da escuridão não pude ver as caras. No portão, a mulher pareceu resistir e ouvi o rapaz murmurar:

- Vamos entrar aqui. Ela respondeu:

- Mas está escuro.

E ele:

- E daí? Por fim, ela cedeu, abriram o portão, entraram e desapareceram no recinto.

Então, virei-me para Lorusso e disse:

- É disso que precisamos.. . entraram na estufa buscando sossego...

Nós agora nos apresentamos como policiais à paisana... fingimos aplicar

multas e levamos o dinheiro deles. Lorusso jogou fora o cigarro, pulou do parapeito e me disse:

- Sim, mas a moça fica comigo. Fiquei boquiaberto e perguntei:

- O que está dizendo?

Ele repetiu: "A moça fica comigo... não entende?... Em suma: quero comê-la." Aí entendi e disse:

- Qual é, ficou bobo?... Os policiais à paisana nunca tocam nas mulheres. E ele:

- E o que é que eu tenho a ver com isso? Tinha uma voz engraçada, como que estrangulada, e embora não lhe enxergasse o rosto, vi, pela voz, que falava sério. Respondi resolutamente:

- Nesse caso, nada feito.

- Mas por quê?

- Porque não... comigo não se toca nas mulheres.

- E se eu quisesse?

- Te daria umas porradas, Deus é testemunha. Estávamos ali junto ao parapeito, cara a cara, discutindo. Ele disse:

- Você é um covarde. E eu seco...

- E você é um idiota. Então ele, devido à raiva pela vontade de mulher que eu lhe impedia de saciar, disse repentinamente:

- Está bem... não vou tocar na moça. .. mas do homem eu dou cabo.

- Mas por quê? Seu idiota... Por quê?

- É isso aí, a moça ou o homem. Enquanto isso o tempo passava, eu me agitava porque uma ocasião como aquela não mais se repetiria, e, por fim disse:

- Está bem... Se é necessário... mas quer dizer que só o matará se eu fizer este gesto, e passei a mão na testa. Sabe-se lá por que, talvez porque fosse mesmo imbecil, Lorusso foi logo aceitando e respondeu que estava de acordo. Fiz com que repetisse a promessa de não se mover se eu não fizesse o sinal e, em seguida, empurrámos o portão e também entramos no recinto. De um lado, contra o parapeito, havia aquele pequeno bonde que, durante o dia, puxado por um burrico, leva a criançada a passear pelas alamedas do Pincio. No canto, entre o parapeito e o portão havia um lampião que derramava sua luz, através do recinto e das vidraças, até dentro da estufa. Viam-se, na estufa, muitos vasos alinhados em ordem, de acordo com o

tamanho e, atrás dos vasos, diversos bustos de mármore, pousados no solo, engraçados de se ver assim tão brancos e imóveis, como pessoas que estivessem saindo do chão só com o peito. Por um instante não enxerguei o casal, depois imaginei que estava no fundo da estufa, fora da luz do lampião. Era um canto escuro, mas a moça, em parte, estava sob o raio da luz, e eu vi que lá estava por causa da mão branca que ela deixava pender inerte, durante o beijo, no fundo escuro da roupa.

Então, empurrei a porta, dizendo:

- Quem está aí... o que estão fazendo aqui? Logo o homem avançou

com decisão, enquanto a mulher permanecia no canto, talvez na esperança de não ser vista. Era um rapaz baixo, de cabeça grande e quase sem pescoço, o rosto cheio, os olhos saltados e os lábios protuberantes. Seguro de si, logo vi, e antipático.

Mecanicamente baixei os olhos para os pés, examinei seus sapatos e vi que eram novos, daqueles que eu gosto, à americana, com a sola de borracha e as costuras tipo mocassin.

Não parecia absolutamente assustado e isso me deixava nervoso de modo que minha cara pulava mais que nunca por causa do tique. Ele perguntou: - E vocês, quem são?

- Polícia, respondi, não sabem que é proibido se beijar em lugares públicos? Estão em contravenção... e a senhora, mocinha, pode aparecer... é inútil tentar se esconder.

Ela obedeceu e veio pôr-se ao lado do amigo. Era, como disse, um pouco mais alta que ele, com a cinturinha e a saia godê preta que lhe descia até a metade da perna. Era bonitinha, com uma cara de madona, cabelos pretos e longos, olhos escuros e grandes e parecia muito séria, sem pintura, tanto que se não a tivesse visto beijá-lo, nunca acharia que fosse capaz disso.

- A senhorita não sabe que é proibido beijar em lugares públicos?, disse-lhe para dar seriedade ao meu papel de policial.

- E depois, a senhorita, uma moça tão distinta, que vergonha... beijando no escuro, no jardim, como uma prostituta qualquer.

A moça esboçou um protesto, mas ele a deteve com um gesto; e, em seguida, virou-se para mim, com prepotência:

- Contravenção, hein... Então mostrem os papéis.

- Que papéis?

- Os documentos de identidade que provam que realmente vocês dois são policiais.

Veio-me à cabeça que ele fosse da polícia: não ficaria surpreso, dado

meu azar. Disse, porém, com violência:

- Chega de conversa... Estão multados e precisam pagar.
- Que pagar o quê; falava desembaraçado, como um advogado; e via-se que não tinha medo.

- Que policiais, o quê... vocês, policiais, com essas caras. Ele com esse anorake e você com esses sapatos... Ei, estão pensando que eu sou bobo?

Ao ouvir lembrar dos sapatos, que efetivamente, de tão rotos e deformados que estavam, não podiam ser os de um policial, senti uma espécie de fúria. Puxei do impermeável o revólver, empunhei-o contra a barriga dele dizendo: - Está bem, não somos policiais... mas você vá soltando a grana do mesmojeito e chega de conversa.

Lorusso, até então ficara a meu lado sem dizer nada, boquiaberto, de idiota que era. Mas quando viu que eu desistira da farsa também despertou.

- Entendeu? Ele disse, metendo a chave inglesa debaixo do nariz do homem. - "Vá soltando a grana se não quer que te dê com isso na cabeça.

Essa intervenção me irritou ainda mais que os modos orgulhosos do homem. A moça, ao ver aquela fenamenta, soltou um pequeno grito; e eu lhe disse com gentileza, porque sei ser gentil quando quero:

- Senhorita, não lhe dê ouvidos... vá para aquele canto lá embaixo e deixe o resto por nossa conta... e você, jogue fora esse feno.

Em seguida, disse ao homem:

- Então, apressemo-nos.

É preciso dizer que o rapaz, apesar de muito antipático, era porém corajoso: mesmo agora que mantinha o revólver afundado na barriga dele, não demonstrava medo. Levou simplesmente a mão ao peito e puxou a carteira: - Olhe a carteira. Eu a apalpei, enfiando no bolso e percebi pelo tato que havia pouco dinheiro:

- Dê-me o relógio, agora. Ele tirou o relógio do pulso e o entregou.
- Olhe o relógio. Era um relógio de pouco valor, de aço. Agora me dê a

caneta. Ele tirou a caneta do bolso:

- Olhe a caneta. A caneta era bonita, americana, com a pena fechada dentro do cilindro, aerodinâmica. Agorajá não tinha nada mais o que lhe pedir. Nada, isto é, exceto seus belos sapatos novos que tinham me impressionado desde o princípio. Ele disse com ironia:

- Quer mais alguma coisa? E eu, sem hesitar:

- Sim, tire os sapatos.

Dessa vez protestou:

- Os sapatos, não. E eu, então, não resisti. Fazia tempo, desde o primeiro momento, que eu sentia a tentação de dar um tapa naquela sua cara repulsiva e antipática; e queria saber que efeito causava em mim e nele.

Por isso disse:

- Tire os sapatos, vamos... não se faça de besta, e com a mão livre dei-lhe um tabefe, meio atravessado.

Ele ficou todinho vermelho e depois branco e vi chegar o momento que partiria para cima de mim. Porém, por sorte, a moça lá de seu canto gritou: - Vai, Gino, dá tudo o que querem, e ele mordeu os lábios até sair sangue, encarando-me fixo, depois disse:

- Está bem, baixando a cabeça; em seguida curvou-se e começou a desamarrar os sapatos. Tirou-os um após o outro e, antes de entregá-los, examinou-os um instante com ar de pena: também gostava deles. Sem sapatos era baixinho, mais baixo ainda que Lorusso; e entendi por que tinha comprado um par de sapatos com a sola tão grossa. Foi então que

aconteceu o erro. Ele, de meias, perguntava:

- O que quer agora?... a camisa também?...; e eu, os sapatos na mão, ia

responder-lhe que era o suficiente, quando algo roçou minha testa.

Era uma pequena aranha que descera por seu fio do teto da estufa; e eu a vi quase no ato. Levei a mão à testa para afastá-la; e Lorusso, feito um

bruto, achando que lhe fazia o sinal, foi logo erguendo a chave inglesa e assentou uma tremenda pancada com o cabo na cabeça do homem. Eu mesmo ouvi

a pancada, forte e surda, como se tivesse batido num tijolo. E o sujeito de repente caiu por cima de mim como que me abraçando, como um bêbado; e depois escorregou para o chão, o rosto virado para trás e os olhos revirados em que só se via o branco. A moça soltou um grito agudo e preci

pitou-se do canto para cima dele que estava estendido imóvel no chão, chamando-o pelo nome. Para entender o quanto Lorusso é imbecil, será suficiente dizer que, naquela confusão, ergueu novamente a chave inglesa sobre a cabeça da moça ajoelhada, perguntando-me com os olhos se devia repetir a brincadeira que fizera com o amigo dela. Eu gritei:

- Ficou louco? Vamos embora. E assim desaparecemos.

Logo que chegamos novamente na alameda, disse a Lorusso:

- Agora, caminhe devagar como se estivesse passeando... Já andou fazendo besteira suficiente por hoje. Ele diminuiu o passo e eu, continuando a andar, enfiei os sapatos no impermeável, um em cada bolso.

Enquanto caminhávamos, disse a Lorusso:

- E depois não quer que eu diga que você é um idiota... o que deu na sua cabeça para bater daquele jeito? Ele me fitou e respondeu: - Voce me deu o sinal.

- Mas que sinal?... Era uma aranha que tinha esbarrado na minha testa.

- Como é que eu ia saber... Você deu o sinal.

Naquela hora sentia tanta raiva dele que o estrangularia. Disse enfurecido:

- Você é um idiota mesmo... Decerto o matou.

- Ele,então, como se eu o estivesse caluniando; protestou:

- “Não...dei com o cabo... onde não tem ponta... se tivesse querido

matá-lo, teria batido com a ponta. Não disse nada, eu me roía de raiva e minha cara pulava por causa do tique a ponto de ter que levar a mão à face para segurá-la. Ele recomeçou:

- Viu só que moça bonita?... quase ia lhe dizendo: vamos gracinha, venha gracinha... É possível que até topasse... Fiz mal em não tentar. Caminhava satisfeito, pavonenhado todo e continuava

dizendo o que queria ter feito com a moça e como o teria feito; até que eu disse: Escute, feche esta maldita boca e fique quieto... Do contrário não garanto. Ele se calou e, em silêncio, atravessamos o largo Flaminio, à beira-rio, a ponte, e chegamos à praça da Liberdade. Ali há bancos, à sombra das árvores, e não havia ninguém, só um pouco de neblina que subia do Tibre. Eu disse: - Vamos sentar aqui um instante... assim vemos quanto deu... E também quero experimentar os sapatos.

Sentamos no banco e, primeiro, abri a carteira e vi que continha apenas duas mil liras e dividimos. Em seguida disse a Lorusso:

- Você não merecia nada... mas eu sou justo... dou-lhe a carteira e o relógio... E eu fico com os sapatos e a caneta... Está bem?

Ele, de repente, protestou:

- Está bem coisa nenhuma... que modos são esses? Cadê a metade?" E eu, irritado:

- Mas você cometeu um erro... é justo que pague por ele. Em suma, discutimos por um bom tempo e por fim acertamos que eu ficaria com os sapatos, e ele com a carteira, a caneta e o relógio.

Eu, porém, lhe disse:

- O que vai fazer com a caneta... nem sabe escrever seu nome. E ele: Para seu governo sei ler e escrever fiz até o terceiro ano primário... E depois, uma caneta como essa, me compram fácil na praça Colonna. Eu cedera porque não via a hora de jogar fora os sapatos velhos e também estava

cansado de discutir e por causa do nervoso

ficara até com dor de estômago. Tirei os sapatos então, e experimentei os novos. Porém, descobri com desilusão que eram pequenos; e sabe-se que para tudo existe um remédio menos para sapatos pequenos. Então disse a Lorusso:

- Olhe, os sapatos são pequenos para mim... Para você servem...

Vamos trocar... me dá os seus que são grandes para você e eu lhe dou estes que são mais bonitos e mais novos que os seus.” Dessa vez ele soltou um longo assobio, como que de desprezo, e respondeu:

- Coitado... tudo bem que eu seja imbecil, como você diz, mas não a esse ponto.

- Significa?

- Significa que está na hora de ir para a cama. Examinou pomposamente o relógio do rapaz e acrescentou:

- No meu relógio são onze e meia... e no seu? Não abri a boca, tornei a enfiar os sapatos nos bolsos do impermeável e o acompanhei.

Pegamos o bonde e durante todo o tempo eu me roía por causa da minha sorte, e pensava no quanto Lorusso era imbecil, e eu em como devia proceder para conseguir que me desse seus sapatos em troca dos meus. Quando descemos do bonde, em nosso bairro, voltei à discussão e, até, visto que a razão não adiantava, implorei: - - -

Lorusso, para mim esses sapatos são a vida... Sem sapatos não posso mais viver... Se não quer me dar para não me satisfazer, ao menos me dê pelo amor de Deus. Estávamos numa rua deserta, lá embaixo, dos lados de San Giovanni. Ele sedeteve sob um lampião e começou a girar o pé de um lado para o outro, vaidosamente, para me provocar raiva.

- Bonitos os meus sapatos, não?... Está de olho neles, hã?... mas não adianta implorar... mesmo assim eu não dou... Em seguida pôs-se a cantarolar:

- Quá quá, quem os tem não os dá. Enfim, gozava da minha cara.

Mordi os lábios e juro que se tivesse balas no revólver, eu o teria matado, não só pelos sapatos, mas também porque não podia mais suportá-lo. Assim chegamos ao porão, onde dormíamos. Batemos na porta do porão; o porteiro, resmungando como sempre, veio abrir; e entramos. Ali havia cinco camas de campanha enfileiradas, nas três primeiras dormiam o porteiro e seus dois filhos, moços como a gente; nas duas últimas, Lorusso e eu. O porteiro nos fez pagar antecipadamente, depois apagou a luz e foi dormir, e nós, no

escuro, procuramos as camas e deitamos. Uma vez debaixo daquele cobertor fininho, voltei a pensar nos sapatos e, finalmente, tomei uma decisão. Lorusso dormia vestido, mas sabia que ele tirava os sapatos e os colocava no chão, entre as duas camas. Levantaria no escuro, calçaria seus sapatos, deixando-lhe os meus, e depois sairia dali, fingindo ir até à latrina lá fora, na entrada do porão. Achava que tinha de fazer isso de qualquer jeito porque podia ser que Lorusso tivesse realmente matado aquele homem na estufa e era melhor não ficar com ele. Lorusso não sabia meu sobrenome, conhecia apenas meu nome, e assim, caso fosse detido, não saberia dizer quem era eu. Dito e feito, levanto, ponho os pés no chão, me abaixo devagarinho, calço os sapatos de Lorusso. Ia amarrá-los quando sinto uma pancada violenta: por sorte desviei e a pancada raspou minha orelha e foi pegar no ombro. Era Lorusso que, no escuro, tinha me batido com aquela maldita chave inglesa. Eu, de dor, dessa vez perdi a cabeça, levantei e, às cegas, dei-lhe um soco. Ele me agarrou, ainda tentando me bater com a chave inglesa, e rolamos pelo chão. Com o barulho, o porteiro e seus dois filhos acordaram e acenderam a luz. Eu gritava:

- Assassino, e Lorusso, por sua vez, urrava:

- Ladrão; e os outros também gritavam e tentavam nos separar.

Depois Lorusso bateu com a chave inglesa no porteiro que era um brutamonte e bastava um nada para enfurecê-lo; e o porteiro pegou uma cadeira e tentou acertar a cabeça de Lorusso. Aí Lorusso se plantou no fundo

do porão, encostado à parede, e, agitando a chave, começou a gritar:

- Venham, se têm coragem. Dou cabo de todos vocês...

Sou o terror de Roma, feito um louco, vermelho, os olhos saltando da cara.

Nesse instante, cometi a imprudência, de tão fora de mim que estava, de gritar: “Cuidado, que agora pouco matou um homem... é um assassino.” Para encurtar a história: enquanto tentávamos segurar Lorusso que gritava e se debatia como um possesso, um dos filhos do porteiro foi chamar a polícia, e um pouco por minha causa, um pouco por causa de Lorusso, ficou-se sabendo do acontecimento na estufa e fomos ambos detidos.

Na delegacia onde nos levaram, bastou um telefonema, e logo nos disseram que éramos os dois que tínhamos dado o golpe em Villa Borghese.

Eu disse que tinha sido Lorusso e ele, dessa vez, talvez por causa das pancadas que levava, não abriu a boca. O delegado disse:

- Muito bem... Vocês são ótimos... Roubo a mão armada e tenta:tiva de homicídio.

Mas para ter uma idéia de quanto Lorusso é inconsciente, basta saber que, um instante mais tarde, como que se recobrando,perguntou :

- Que dia é amanhã?

Responderam-lhe:

- Sexta- feira.

Ele, então, esfregando as mãos:

- Oba, bom, amanhã em Regina Coeli tem sopa de feijão. Desse modo, fiquei sabendo que já estivera preso, embora vivessejurando que nunca tinha posto os pés na prisão.

Depois olhei meus pés, vi que estava com os sapatos de Lorusso e

pensei que, no final das contas, tinha conseguido aquilo que queria.

A AMIZADE

Maria Rosa é um nome duplo, e a mulher que tinha esse nome também era dupla, tanto no físico como na moral. Tinha uma carona corada, larga como a lua cheia, em desproporção ao corpo que era normal; lembrava aquelas rosas ditas repolhudas justamente porque são espessas e graúdas como repolho; e, em suma, ao vê-la de repente, pensava-se que com uma cara daquelas era possível facilmente fazer duas. Essa carona, também, era sempre plácida, sorridente, angelical, completamente o contrário do gênio que, descobri às minhas próprias custas, era endiabrado. É por isso que eu disse que era dupla também moralmente.

Eu a cortejara de todos os modos: primeiro, respeitoso, galante,

insinuante; mais tarde, vendo que não me dava bola, experimentei ser mais ousado e agressivo, esperando-a no meio da escada, no patamar mais escuro, tentando beijá-la à força:

ganhei alguns empurrões e, para terminar, um bofetão. Então pensei bancar o desdenhoso, o ofendido, não cumprimentá-la, virar para o outro lado quando a encontrava; pior, parecia que eu nunca tinha existido. Finalmente tornei-me implorante, suplicante, a ponto de pedir-lhe com lágrimas nos olhos que gostasse de mim: nada. Se ao menos tivesse me desencorajado completamente, de uma vez por todas. Mas, ruim que era, quando estava para mandá-la para o inferno, me seduzia novamente com uma frase, um olhar, um gesto. Mais tarde, vi que para as mulheres os cortejadores são como os colares e as pulseiras: enfeites dos quais, se possível preferem não se desfazer.

Porém, então, àquele olhar, àquele gesto, pensava:

- No entanto deve ter alguma coisa por baixo... vamos tentar." Sem querer fiquei sabendo que aquela namorada tinha ficado noiva

do meu melhor amigo, Atílio. Fiquei com raiva por muitos motivos: antes de mais nada porque fizera tudo na minha cara, sem falar nada; e depois porque fora eu quem lhe apresentara Atílio e assim, sem saber, tinha posto lenha na fogueira.

Mas sou um bom amigo e para mim a amizade vem em primeiro lugar. Tinha gostado de Maria Rosa: mas desde o momento em que se tornara noiva de Atílio, para mim ficou sagrada. Ela teria gostado, talvez, de continuar me provocando; mas eu dei-lhe a entender de todos os modos e, por fim, um dia, disse-lhe claramente:

- Você é mulher e não entende a amizade... Mas desde que se comprometeu com Atílio, para mim é como se você

não existisse... Não te vejo e não te escuto... combinado?

Na hora, pareceu dar-me razão. Visto porém que continuava

dando em cima de mim, resolvi não mais vê-la e mantive a palavra. Soube mais tarde que tinha se casado e tinham ido morar perto da irmã dela que era enfermeira. E que Atílio, que vivia desocupado, arranjava o que fazer como carregador numa firma de transportes. Maria Rosa, por sua vez, continuava passeadeira como antes, mas por dia. Essas informações, num certo sentido, me tranquiilizaram. Sabia, enfim, que não estavam tão bem assim e que o casamento muito bem não podia estar indo. Mas, como amigo leal, continuei sumido. Um amigo é um amigo e a amizade é sagrada.

Sou funileiro e, como se sabe, os funileiros vão de casa em casa e, nisso, acabam indo parar até onde não gostariam.

Um dia desses, quando ia até um freguês com a sacola das ferramentas a tiracolo, e duas voltas de canos de chumbo no braço, ao passar pela Ripetta, ouvi alguém me chamar:

Ernesto. Voltei-me, era ela. Ao vê-la, com aquela sua carona compacta, plácida e sonsa na figura de cintura fina, de quadris e peito arredondados, voltou-me o sentimento e quase perdi o fôlego. Mas pensei:

- Você é um amigo... comporte-se como amigo.

Disse, seco:

- Quem não morre sempre aparece.

Ela trazia o pacote das compras debaixo do braço, cheio de verdura e de embrulhos de papel amarelo. Disse, sorrindo:

- Não está me reconhecendo?
- Claro, até disse: quem não morre sempre aparece.

- Por que não me acompanha até em casa? retrucou. “Hoje de manhã mesmo vi que o cano da pia da cozinha está entupido...

acompanhe-me, vamos. Respondi com lealdade:

- Se é para um conserto, está bem... Ela me deu uma daquelas olhadas que antigamente viravam minha cabeça e acrescentou: “Porém vai ter de carregar o pacote.. E desse modo, lá vou eu carregado como um buno, com a sacola de ferramentas, os canos de chumbo e o pacote das compras, atrás dela que ia na frente.

Fomos não muito longe, numa travessa da rua Ripetta, entramos por um portãozinho que parecia a entrada de uma caverna, subimos por uma escada de dar vergonha, úmida, escura, fedorenta. No meio da escada ela se virou e disse sorrindo:

- Lembra quando você espreitava no patamar... no escuro... que medo me dava... ou você já se esqueceu?

Respondi, firme:

- Maria Rosa, não me lembro de nada... lembro apenas que sou amigo de Atílio e que a amizade vem em primeiro lugar. Ela disse, meio sem jeito:

- E quem foi que te disse que não deveria ser amigo dele?

Entramos no apartamento: três cômodos embaixo do telhado com as janelas dando para um quintal que parece um poço, escuro e sem sol. Na cozinha não dava para se mexer e a porta de vidro levava ao terracinho onde ficava a privada. Maria Rosa sentou-se numa cadeira, com as pernas abertas, o colo cheio de vagens para limpar; e eu, a sacola no chão, ajoelhei junto da pia para fazer o conserto. Logo vi que o cano estava podre e que precisava ser trocado; avisei:

- Olha, precisa de um cano novo... não se importa de pagá-lo?

- E a amizade?

- Está bem disse com um sorriso, vou trocá-lo de graça... significa que

em troca vai ter de me dar um beijo.

- E a amizade?

Mordi os lábios, pensando:

- Amizade de dois gumes; mas não disse nada. Peguei as tenazes, desatarraxei a guarnição que estava podre como o cano, tirei o cano, retirei da sacola o aparelho de solda, derramei gasolina nele, sempre em silêncio.

Nesse momento ouvi que perguntava:

- Você é realmente amigo de Atílio?

Virei-me para olhá-la: estava com os olhos baixos, sorridente melíflua, ocupada com as vagens. Disse:

- Claro que sou...

- Então continuou tranqüila com você posso falar livremente; gostaria de saber de você que o conhece bem, se algumas impressões que tenho são corretas.

Respondi que falasse então; nesse ínterim tinha acendido a chama e a estava regulando. Ela retomou:

- Por exemplo, você não acha que aquele serviço que ele arranjou não é coisa para ele... ba= gageiro, imagine...

- Quer dizer, carregador...

- Ser bagageiro não é profissão, eu insisto para que estude enfermagem... depois minha irmã poderia arranjar-lhe um lugar na Policlínica.

Nesse meio tempo tinha trocado o cano. Peguei o aparelho e quase sem reparar no que fazia, mantendo-o suspenso, perguntei:

- Você quer a verdade ou quer elogios?

- A verdade.

- Pois bem, sou amigo de Atílio, mas isso não impede de enxergar seus defeitos... Antes de mais nada é preguiçoso...

- Preguiçoso?

Peguei um pedaço de chumbo, aproximei o aparelho e iniciei a solda. A chama rugia e eu, para vencer o barulho, ergui a voz:

- Sim, preguiçoso... você, minha cara, deve se acostumar a ter um marido desocupado... eu é que sou trabalhador...ele não; ele gosta de levantar tarde, bater pernas por aí, ir ao café, ler jornal com as notícias esportivas... para um carregador, até que serve... mas enfermagem é uma profissão de responsabilidade... não, acho que ele não dá para isso.

- Mas eu retrucou ela sempre com aquela sua voz calma e pausada sequer tenho certeza de que tenha esse serviço... diz que vai para o trabalho... dinheiro porém ainda não vi nenhum... começo a pensar que tenha mentido... o que acha disso?

- Mentido? respondi sem pensar.

- Mas ele é o maior mentiroso que eu conheço; ele faz você ver o invisível... quanto a mentir, pode ficar tranquiila...

- Era o que eu pensava... mas se não vai trabalhar, o que será que fica fazendo? Não acho que fique só batendo pernas e indo ao café... alguma coisa deve ter aí... sai sempre com muita pressa, está sempre muito preocupado." Interrompeu-se para pegar de cima da mesa uma panela para pôr as vagens já limpas. Fitei-a por cima dos ombros: sorridente, tranquiila, serena. Recomeçou após um instante:

- Sabe o que eu acho? Que tem mulher na história... você que o conhece, pode me dizer se é verdade.

Uma voz, dentro de mim, avisava. Cuidado, Ernesto, vai devagar... é uma armadilha. Porém, seja porque o rancor

era mais forte que a prudência, seja porque ao vê-la falar mal daquele jeito do marido comecei de novo a ter esperanças, o fato é que não pude deixar de responder. “Acho que tem razão... as mulheres são tudo para ele... bonitas ou feias, mocas ou velhas... não sabia disso?”

A solda estava terminada. Apaguei o aparelho e com o dedo aplainei o chumbo ainda mole. Em seguida comecei a apertar a porca com a chave inglesa. Ela, no entanto, calma, dizia:

- Sim, sabia de alguma coisa, mas nada ao certo... agora, olhe só que idéia me veio à cabeça... deve estar andando com Emília, aquela moça, você conhece? de cabelos ruivos, que trabalhava junto comigo na lavanderia... o que você acha?

Fiquei de pé. Maria Rosa, que colocara as vagens na panela, ergueu-se também, sacudindo a roupa para as vagens caírem.

Depois foi à pia, colocou a panela sob a torneira e deixou a água escorrer. Fui atrás dela e a tomei com as duas mãos pela cintura tão delgada, dizendo. Sim, é verdade, ve Emília todos os dias, à tardinha, ele a espera do lado de fora da lavanderia e a acompanha até em casa. Agora você sabe de tudo: o que está esperando?

Ela virou apenas o rosto, sorrindo, e respondeu:

- Ernesto você não disse que era amigo dele? I, drgue-mel

Como resposta, tentei abraçá-la. Porém ela se soltou e disse, dura: “Já acabou de fazer o conserto... é melhor ir embora.

Mordi a língua e respondi:

- Tem razão... mas você me faz perder a cabeça... é preciso sempre me lembrar que sou amigo do Atílio e que você é mulher dele.” Assim dizendo, humilhado, recolhi as ferramentas, ia me despedir e sair. Naquele instante a porta da cozinha se abriu e Atílio apareceu.

Cumprimentou-me, contente, amigável:

- Olá, Ernesto. Respondi:

- Maria Rosa pediu-me que consertasse o cano... está pronto: coloquei um cano novo.

- Obrigado disse ele, aproximando-se muito obrigado... Naquele instante a voz de Maria Rosa,

calma porém forçada, fez com que ambos nos voltássemos:

- Atílio...

Estava parada perto do fogão, um somso no meio da cara, a mão em cima do mármore. Continuou, de um só fôlego, sem levantar a voz: “Atílio, Ernesto também diz que você é preguiçoso e que não tem vontade de trabalhar...

- Você disse isso?

- E, como eu pensava, disse também que você é um tremendo mentiroso e que, talvez, nem tenha o emprego de carregador...

- Você disse isso?

- E depois confirmou o que eu já sabia: que você encontra Emília todos os dias e faz amor com ela... enquanto eu banco a escrava, e me arrebento de tanto passar roupa nas casas, você se diverte com Emília... e me diz que vai trabalhar. .. é inútil negar, afinal... Ernesto, que é seu amigo e o conhece, confirmou tudo...” Falava com voz calmíssima e eu, pela primeira vez, entendi que fora me abrir com uma louca. De fato, mal acabara de falar, enquanto ele, terrível, se aproximava de mim, repetindo:

- Você disse isso?, ela pegou um ferro de passar, dos pesados, que estava em cima do fogão e o atirou na cabeça dele. Com tamanha precisão que se ele não abaixasse a cabeça, ela o matava.

Em seguida, o que aconteceu eu não sei nem contar. Ela firme, tranqüila e doida, continuava pegando do fogão objetos pesados

e perigosos, como facas, pau de macarrão, panelas e atirando nele; ele, após duas ou três tentativas de se desviar, passou pela porta e fugiu. Fugi também, deixando no chão uns dois ou três metros de cano de chumbo, e saí pelas escadas abaixo, enquanto ele berrava:

- Nunca mais apareça... se aparecer, eu te mato. Só me senti seguro quando ultrapassei a ponte e me achei novamente entre os canteiros da praça da Libertá. Ali, sentei num banco, para recobrar o fôlego. Então pensei que fora a amizade que me fizera falar, justamente porque sabia que Atílio era daquele jeito e não gostava dele; e jurei para mim mesmo que daquele dia em diante nunca mais ia ser amigo de ninguém.

A DESGRAÇA DA HUMANIDADE

Em meados de fevereiro amainou a tramontana que tanto me fizera sofrer durante o inverno, o céu ficou carregado de nuvens e começou a soprar um vento úmido que parecia vir do

mar. Com o sopro dess\vento senti-me reanimado, ainda que de um modo triste, como se tivessem sussurrado em meu ouvido:

- Vamos, coragem, enquanto há vida há esperança. Mas justamente porque sentia que o inverno terminara e começava a primavera, compreendi que não podia mais ir trabalhar na oficina de meu tio. Entrara na oficina um ano antes, como um trem que entra num túnel, e dali não tinha saído nem sequer via a luz da saída. Não que fosse um trabalho desagradável ou antipático: há piores. A oficina era um enorme barracão situado no fundo de um terreno cercado, que servia de depósito a uma olaria, a meio caminho da via della Magliana. Dentro do barracão, o ar estava cheio do pó branco da serragem, como num moinho; e no meio dessa poeira, no zumbido contínuo das serras e

dos tornos elétricos, nós os trabalhadores e o tio nos movimentávamos, esfarinhadados feito moleiros, o dia inteiro

ocupados em fabricar móveis e acabamentos. O tio, coitado, gostava de mim como de um filho; os trabalhadores eram todos boa gente, e como já disse, não era um serviço antipático: primeiro um tronco de carvalho, ou de bordo, ou de castanho, torto, comprido, apoiado na parede da oficina, com a casca inteira e, às vezes, dentro da casca ainda as formigas, que ali moravam quando era uma árvore; depois, à força de serra, muitas tábuas claras e limpas; depois, vindos dessas tábuas, com o torno, com a plaina, com os demais instrumentos,

conforme o caso, pés de mesas, partes de armários, molduras; e

finalmente, uma vez pregado, parafusado e colado o móvel, o verniz e o polimento.

Para quem trabalha com gosto, esse progresso do tronco da árvore ao móvel pode até se tornar uma paixão; e é sempre interessante, ou pelo menos não é enfadonho. Mas dá para ver que sou diferente dos outros: após alguns meses, esse trabalho eu já não agüentava mais. E não tanto porque eu não seja trabalhador, mas porque gosto de interromper de vez em quando o trabalho e olhar à minha volta: assim, para ver quem sou, onde estou, a que ponto cheguei. O tio, por sinal, era justamente o contrário de mim: sempre trabalhando, com afinco, paixão, sem nunca reclamar nem refletir; e assim, de uma

cadeira a um montante, de um montante a um armário, de um

armário a uma cômoda, de uma cômoda a uma cadeira chegara aos

cinquenta anos, que era o que devia ter, e via-se que continuaria daquele jeito até a morte, que seria um pouco a morte de um torno que se quebra ou de uma serra que perde os dentes, a morte, enfim, de uma ferramenta e não de um homem. E realmente, aos domingos, quando punha a roupa de missa e saía devagarinho, pelas calçadas de via Arenula, junto com a

mulher e os filhos, os olhos entreabertos, a boca torta e duas rugas profundas entre a boca e os olhos, parecia justamente uma ferramenta fora de uso, inútil, quebrada; e não podia deixar de lembrar que ficara com aquela cara de tanto se abaixar

sobre o torno e a serra e apertar os olhos na poeira da serragem; e dizia a mim mesmo que não valia a pena viver se de vez em quando a gente não parasse e não pensasse que estava vivendo.

O ônibus que sai da estação de Trastevere vai e volta do campo. Camponeses, operários, toda espécie de gente pobre, trazem para cá o barro dos sapatos, o fedor de suor das roupas de trabalho e, às vezes, até algum inseto. Por isso ali no terminal espalham no chão e até nos assentos não sei que desinfetante fedorento que pega na garganta e faz chorar como cebola. Uma daquelas manhãs amenas de fevereiro, enquanto esperava que o ônibus saísse, os olhos cheios de lágrimas por causa do desinfetante, o vento marinho que entrava pelas janelinhas me deu uma enorme vontade de seguir sozinho, parar um pouco e pensar sobre mim mesmo. Assim, quando descii, diante da oficina, em lugar de dirigir-me à direita, rumo ao barracão, fui para a esquerda, rumo aos prados que ficam entre a estrada e o Tibre. Pus-me a caminhar sobre a relva pálida, ao vento fraco e úmido que soprava na direção do céu cheio de nuvens brancas. Não enxergava o Tibre porque naquela altura ele corre numa dobra do terreno; além do Tibre eu via as fábricas abandonadas do E42, o palácio cheio de arcos parecendo um pombal, a igreja com a cúpula e as colunas que não sustentam nada e parecem colunas de madeira de um brinquedo de construções para crianças. As minhas costas ficava a zona industrial de Roma: os altos-fornos com os longos penachos de fumaça preta; os

barracões das fábricas cheios de janelões, os cilindros baixos e largos de dois ou três gasômetros, os altos e estreitos dos silos. Pensando nos operários que trabalhavam naquelas fábricas, o ócio me parecia mais saboroso. Sentia-me completamente safado e de tocaia, como se tivesse ido à caça.

E, realmente, estava indo à caça, não de passarinhos, mas de mim mesmo.

Junto ao Tibre, num trecho em que a encosta é menos íngreme, deixei-me escorregar pelo declive até a margem e sentei entre as moitas. A um passo de meus pés corria o Tibre, e eu o via passear como uma cobra pelo campo, com a luz ofuscante do céu nublado sobre a pele amarela e encrespada. Do outro lado do Tibre, havia outros prados de um verde-pálido, e espalhada pelos prados, muitas ovelhas pastando, inchadas de lã suja, com alguns carneirinhos brancos aqui e ali, cuja lã não tivera tempo de ficar suja. Estava sentado com os joelhos entre os braços e olhava fixo para a água amarela que naquele trecho formava um redemoinho do qual se destacava um galho preto, espinhoso e desgrenhado, parecendo a cabeleira de uma afogada.

Então, naquele silêncio, enquanto o galho preto como ébano tremulava aos solavancos da corrente mas não se movia, senti-me de repente como que inspirado; e não com o pensamento, mas com um sentido mais profundo que o pensamento achei que tinha compreendido uma coisa muito importante. Ou melhor, que podia compreendê-la, desde que me esforçasse para chegar lá. Estava, enfim, essa coisa em suspenso, como quando se diz que as palavras estão na ponta da língua. E eu, para retê-la e impedi-la de recair na escuridão, disse repentinamente em voz alta:

- Me chamo Gerardo Mucchietto.

No ato, uma voz zombeteira que vinha do alto, disse:

- Apelidado de Mucchio... que é isso, falando sozinho?

Virei-me e bem por cima de mim, em pé na encosta, vi a filha do guarda do depósito da olaria, Gioconda, com uma saia de

veludo preto e blusa vermelha, sem meias, os cabelos ao vento. Ora, de todas as pessoas que conhecia no mundo, Gioconda era a que menos gostaria de ter visto naquele momento. Apaixonara-se por mim e me perseguia, embora eu lhe tivesse dado a entender de todos os modos que não gostava dela. Então, tive logo o impulso de dizer- lhe algo desagradável, para que fosse embora e eu pudesse ficar sozinho e voltar àquela coisa que estivera a ponto de compreender quando ela chegara. Disse-lhe, sem me mexer:

- Olhe, está dando para ver suas pernas.

E ela, descarada, deslizando para o meu lado:

- Deixa eu te fazer companhia?

- Não sei o que fazer com a sua companhia eu disse sem fitá-la e depois, como é que vai sentar aqui no chão... com toda essa poeira?

Vi que ela erguia a roupa e sentava, satisfeita, dizendo: “Por isso não. Estou sem a calcinha.” A coisa em que queria pensar continuava ali, por sorte, suspensa na borda da mente, como um pássaro sobre um parapeito. Gioconda, no entanto, toda açucarada, se agarrava a meu braço e dizia:

- Gerardo, por que você é tão ruim?... eu te amo tanto.

- Não sou ruim, não gosto de você, só isso.

- E por que não gosta de mim?

Disse apressado, com medo que, falando, a coisa em que devia pensar desaparecesse:

- Não gosto porque você tem uma cara vermelha cheia de espinha... parece uma rosa repolhuda...

O que teria feito outra depois de uma frase dessas? Teria ido embora no ato. Mas ela, ao contrário, apertando-se contra mim, me namorava:

- Gerardinho, por que não é mais gentil comigo?
- Claro, vou ser, disse desesperado, desde que você vá embora.
- Por que, estava esperando outra mulher, Gerardinho?
- Não,ninguém; queria ficar sozinho.
- Por que sozinho? Vamos ficar juntos... é tão bom ficar juntos.

Dessa vez não disse nada: a coisa continuava ali, na borda, e sentia que seria suficiente quase nada para que mergulhasse de novo na escuridão de onde tinha saído. Foi aí que Gioconda exclamou:

- Quer ver como adivinho em que está pensando?

Respondi em cima:

- Não vai adivinhar nem se ficar pensando cem anos.
- Eu, ao contrário, digo que adivinho... vamos ver se tenho

razão... digo que você estava pensando nas minhas meias enroladas no tornozelo, combinando com a blusa... fale a verdade, estava pensando nisso. Assim dizendo esticou a perna, grossa e vermelha, coberta de pêlos loiros, exibindo o pé com a meia cor de morango.

Não pude deixar de erguer os olhos até aquele pé e, de repente, percebi que a coisa tinha mergulhado, do outro lado,na obscuridade. Não sentia mais nada, não compreendia mais nada, estava vazio, morto, inerte, como as tábuas de madeira envelhecida que o tio mantinha encostadas na parede da oficina. Ao pensar que tinha perdido aquela coisa tão bonita e importante por culpa do falatório daquela tonta, fiquei, de repente, com uma tremenda raiva e gritei, virando-me bruscamente:

- Mas por que você veio?... Você é minha desgraça.. . não podia me deixar sozinho? E uma vez que ela continuavame apertando o braço, libertei-me com força e bati em sua cabeça. Porém ela se agarrava, insistente,

embora lhe batesse na cabeça loira: então fiquei de pé, agarrei-a pelos cabelos e a joguei no chão e assentei- lhe uns pontapés pelo corpo inteiro e até na cabeça. Ela, encolhida, o rosto entre as

mãos, gemia e até deu alguns gritos, mas não se rebelou: talvez estivesse até gostando. Porém, quando cansei de espancá-la, ergueu-se, toda empoeirada, afastou-se soluçando.

Eu gritei alto:

- Vocês mulheres são a desgraça da humanidade.

Ela, sempre soluçando, saiu por um atalho, ao longo do areal do Tibre, e desapareceu.

Porém, então, a coisa já tinha voado e, agora, apesar de sozinho, sentia-me tão inerte, surdo e vazio como quando estava com Gioconda. Não tinha mais nada para fazer, naquele dia, e sabe-se lá por quanto tempo ainda não encontraria uma ocasião como aquela. Estourando de raiva e ao mesmo tempo inseguro e inquieto, perambulei a manhã inteira pelos prados, maldizendo Gioconda e a sorte, sem conseguir parar nem o pensamento nem o corpo. Finalmente vi que só me restava voltar à oficina e fui. Gioconda, entre as pilhas de cerâmica, uma panela no braço, atirava farelo às galinhas e me cumprimentou de longe com um sorriso. Eu não respondi e entrei no barracão.

- Eta, vontade de trabalhar, gritou o tio ao me ver. Não disse nada, enfiei o macacão e retomei o torno no ponto exato em que o deixara no dia anterior.

O PE- FRIO

Dei azar logo cedo, ao nascer, por causa do meu rosto que não tem queixo, absolutamente nenhum. Não é uma parte importante do rosto, o queixo,

muito menos importante que o nariz ou os olhos, mas se falta, não sei por que, todos te tomam por bobo.

Chega, continuei a ter azar ficando órfão aos treze anos, e depois tive azar novamente indo ficar com uma tia camponesa na Ciociaria, onde me reduzira a viver como um bicho, e depois ainda permanecendo um dia e uma noite sob as ruínas da casa quando foi bombardeada. Mais tarde, a guerra, alemães, aliados, fome, pós- guerra, mercado negro, latas de conservas: só dei azar. Pois é, se a vida é uma escada, como diz o provérbio, e há os que descem e os que sobem, eu, a escada da

vida sempre a desci por culpa do queixo que não tinha e que deveria ter. Eu desci a tal ponto que quando, há um ano, encontrei onde dormir na casa de um porteiro do centro de Roma e em seguida comecei a viver meio de esmola e meio de bicos naquela mesma rua em que ficava a portaria, pareceu-me subir, pela primeira vez desde que nascera. Pode não acreditar, mas foi justamente a falta de queixo que me salvou: aquela era uma rua de grandes lojas de gêneros aWnentfeios, ou seja, casas de frios, botequins, padarias, a'ougues, drogarias, salsicharias, e todos aqueles comerciantes cheios de fregueses precisavam de algubm para levar os pacotes, buscar garrafas vazias, ir aqui e ali para fazer entregas. Ao me verem sem o queixo, mas robusto, os comerciantes tiveram pena de mim; e assim, ora com um, ora com outro, arrumei várias bocas e pude contar com um bom número de gorjetas. Havia também, na rua, quatro ou cinco

cantinas e restaurantes; e os proprietários também, sempre com pena do queixo, me davam de vez em quando uma sopa. Vestia um blusão militar e um par de calças com os joelhos remendados; um me deu um paletó com os cotovelos rasgados mas no resto ainda bom; outro me deu um par de sapatos sociais. Enfim, como disse a mim mesmo um mês depois, já não tinha mais tanto azar, ou melhor, decididamente, ia engrenando.

Uma rua as pessoas percorrem de carro ou a pé e lhes parece uma rua como outra qualquer; mas viver nela, como eu fazia, sem nunca sair dali, de manhã até à noite, uma rua é um mundo que nunca se acaba de conhecer. Naquela rua em que eu conhecia até os gatos, havia os que gostavam de mim, os que não gostavam nem desgostavam, os que não gostavam. Os comerciantes e os donos das cantinas gostavam de mim porque eu era prestativo e não tinha frescuras; o barbeiro, a dona do bazar, o da perfumaria, o farmacêutico e muitos outros não gostavam e nem deixavam de gostar de mim porque eu não precisava deles e eles não precisavam de mim; finalmente uma turminha de rapazes que se encontravam no bar da torrefação não gostava de mim de jeito e maneira. Eram todos fanáticos que passavam o tempo a brigar pelos times de futebol e pelas corridas de bicicletas, e dá para ver que o esporte torna os homens ruins, fazendo com que tomem partido pelo mais forte e odeiem o mais fraco. Eu era o mais fraco e eles, mal entrava na torrefação, punham-me na berlinda com apelidos e caçoadas. Chamavam-me de Pé- frio, porque um dia, depois de beber na cantina, fui explicar como, desde que nasci, só tinha tido azar; faziam-me falsas encomendas, perguntavam, tirando um sarro:

- Como é, Pé- frio, tá dando pé? Ou então me aconselhavam, sérios:

- Olhe, para o seu bem, deveria deixar crescer a barba... assim ninguém mais perceberia que você não tem queixo. Conselho cínico,

pois barba, sabe-se lá por quê, eu não tinha. Apenas alguns pêlos compridos e macios, mas nada de barba. Ainda assim, apesar desses rapazes sem coração, eu, como disse, estava engrenando, isto é, até que dava pé. Aliás, ao ver-me pela primeira vez vestido e alimentado, com uma cama e um teto, e até com algum dinheiro no bolso, me admirava, quase não acreditava e repetia:

- Deixa eu fazer figa... dá de não durar... deixa eu fazer figa.

Realmente não durou. Uma manhã de verão, entrando na torrefação

para pegar uma caixa de latinhas de querosene paralevar a um freguês, notei que a mesma turminha de sempre se ocupava de algo que devia interessá-la muito, todos de pé, em círculo, no fundo da loja. Sem dar bola, dirigi-me ao balcão, fingindo ignorá-los. Mas eles tinham me visto e chamaram:

- Ei, Pé- frio, venha cá um pouco, olhe quem está aqui. Não queria dar-lhes ouvido, mas alguém me agarrou pelo braço e precisei ceder. No

fundo da loja, sentado numa cadeira, encostado numa pirâmide de rolos de papel higiênico, havia um homem puxando os cabelos, dando socos na cabeça e chorando. Estava vestido com um par de calças de veludo e com uma camiseta sem mangas.

Chorava e gemia, mas puxava os cabelos e dava socos na cabeça só com uma das mãos, porque era maneta e no lugar da mão tinha uma coisa redonda e lisa semelhante a um pequeno joelho. Em

seguida, ergueu o rosto, que era negro de barba e todo achatado, e vi que também era caolho; mas o outro olho valia por dois, vivo, cintilante, cheio de malícia. Os rapazes me explicaram que era um coitado mais coitado do que eu: não só órfão, não só inválido, não só refugiado, não só maneta, não só caolho, mas até mesmo coxo. E acrescentaram que ele era meu concorrente, agora, porque já encontrara onde dormir debaixo de uma escada, naquela mesma rua, e viveria de bicos como eu, e, em suma, viera me arruinar.

- Para você só falta o queixo etalvez um parafuso na cabeça”, disse um deles, mas para ele faltam uma das mãos, um olho e até coxo ele é... está derrotado, Pé- frio. Disse que tinha o que fazer e ia me retirar. Mas eles me seguraram, dizendo que devíamos apertar as mãos, visto que éramos os dois mais desgraçados da rua.

Assim, apertamos as mãos; e, em seguida, o maneta, que era um espertalhão, recomeçou a farsa, arrancando os cabelos, dando socos na cabeça e gritando:

- Deixem-me... não quero mais viver... quero morrer... vou me jogar no

Tibre... verdade...vou me jogar no Tibre.” Enfim, coube-me assistir a uma cena tão fingida que me dava vontade de vomitar. Tanto que, no fim, eu disse:

- Não, você não vai se jogar no Tibre... fique tranquiilo... estou lhe dizendo.” Ele me fitou com aquele seu olho e gritou:

- Ah, não vou me jogar?... então veja... agora mesmo, já. E ameaçou levantar-se e sair para ir ao Tibre que, realmente, não ficava longe. Moral da história: seguraram-no, deram-lhe algum dinheiro, e depois, quando fui até o balcão e disse:

- Vamos lá, as latinhas, me responderam:

- Pé- frio tenha paciência... hoje vamos deixar que ele as leve, que é muito mais desgraçado que você... Um pouco para cada um não faz

mal a ninguém.” Enfim, ele, um instante depois, enxugou as lágrimas, agarrou com a única mão a caixa de latinhas, jogou-a no ombro e, mancando com a perna curta, bem esperto, por sinal, saiu da torre fação. E eu fiquei de mãos abanando, com aqueles rapazes que

caçoavam de mim, repetindo que chegara o concorrente e que eu devia ter cuidado; do contrário ele tomaria meu lugar.

Eles falavam de gozação, mas infelizmente era a verdade. Pelo fato de ser maneta caolho e manco de ficar desvairado chorar e dar socos na própria cabeça a toda hora, o canalha do Baiúca (assim o chamavam porque gostava de enxugar um copo e passava as noites na cantina), não demorou a me tirar muitas bocas. Eu ia de loja em loja, apresentava-me para o pacote de sempre e ouvia dizer:

- Encarregamos o Baiúca... tenha paciência... precisa mais que você... fica para outra vez. Continuei assim por um mês e ia ouvindo cada vez mais:

- Baiúca precisa mais que você... tenha paciência. Paciência eu tinha; mas via que era impossível continuar daquele jeito: Baiúca sempre chorando, dando socos na cabeça e dizendo que queria se atirar no Tibre, avançava; e para mim, de novo, como antes, pior que antes, não dava pb. Finalmente, a

gota que fez transbordar o copo foi a resposta que me deu o dono da padaria, um dia que fui até lá para uma entrega:

- Escute,Pé- frio, acho que você está exagerando... é forte, moço, esperto, por que não procura um trabalho normal?... Baiúca,eu entendo, falta-lhe a mão, um olho e 6 manco. .. mas você,não lhe falta nada, por que não vai trabalhar? O que é que eu podia responder? Que me faltava o queixo? Mas não se trabalha com o queixo. Não disse nada, mas a partir daquele dia vi que naquela rua já não havia lugar para os dois: ou ele ou eu.

Certa manhã, lembrei que havia um caixa de garrafas de água mineral para levar a um freguês; e que, por coincidência,Baiúca fizera a mesma entrega no dia anterior, de modo que hoje era minha vez. Então, fui direto à casa de torrefação e disse ao dono: Vim por causa daquelas garrafas. O dono estava fazendo contas e demorou para responder; em seguida,sem levantar a cabeça, gritou:

- Dê-lhe aquelas garrafas. Mas o garçom do bar respondeu:

- Já demos ao Baiúca... Pé- frio,você chegou tarde e demos para ele... achamos que você não vinha mais.

- Mas é cedo ainda... comecei confuso e já furioso.

- Pois é, ele chegou primeiro que você, não sei o que fazer. Perguntei: - Faz muito tempo que saiu?

- Não, foi agorinha mesmo.

Eu disse:

- Agora eu me arranjo com ele, e saí da loja. Devia estar com a cara perturbada, porque os habituais rapazes do esporte, que tinham assistido à cena,acompanharam-me em bloco à rua. Baiúca, realmente,

manquitolava cinqüenta metros mais adiante na calçada, a caixa de garrafas no ombro. Corri até ele, agarrei lhe o'braço com que sustentava a caixa e disse-lhe, ofegante:

- Ponha essas garrafas no chão... hoje é minha vez. Ele se virou e

disse, agressivo:

- Qual é, ficou bobo?
- Estou falando para pôr essas garrafas no chão.
- Mas quem você pensa que é?
- Sou alguém que se você não as puser não vai acabar com sua

vontade de viver.

- Quem disse isso?
- Eu estou dizendo.

Em suma, lutamos um instante e depois lhe dei um safanão e a caixa caiu no chão e as garrafas se espatifaram, alagando a calçada de água mineral. Ele, no ato, hipbcrta, começou a berrar, dirigindo-se aos esportistas que tinham nos acompanhado e que agora nos rodeavam: - Vocês todos são testemunhas... foi ele quem quebrou as garrafas... vocês todos são testemunhas.

Eu, então, perdi completamente a cabeça: tinha um canivete no bolso, tirei-o, atirei-me para cima dele, agarrei-o pelo peito e ameacei, gritando:

- Você deve se mandar, entendeu?... deve se mandar. As pessoas

gritavam ao ver o canivete, alguém me agarrou o pulso torcendo-o, o canivete caiu no chão, um moleque, esperto, pegou-o. Nesse ínterim Baiúca berrava, saltitando de um lado para outro:

- Quer me matar, socorro... quer me matar; porém, em seguida, vendo que me seguravam e que não havia perigo para ele, covarde que era, acertou um soco na minha cara, duro como uma pedrada, com o osso do braço maneta. Aquele soco, dei um gemido, me soltei e atirei-me para cima dele. Porém ele, apesar de coxo, era esperto e se escondia ora atrás de um, ora atrás de outro daqueles rapazes, sempre gritando que eu queria matá-lo; e eu corria atrás dele, enxergando tudo vermelho como um touro que corre de um lado

para outro, dando chifradas, as pessoas fogem para onde dá e o touro acaba chifrando o ar.

Corria, e a multidão abria alas, depois se juntava de novo, e Baiúca sempre me escapando. Finalmente um tal de Renato, o mais forte da turma, agarrou-me pelos braços dizendo:

- Páre e fique quieto aí.

- É preciso dizer que devia ter tanta raiva dele como tinha do Baiúca, porque virei e lhe dei um soco na cara. O soco me pôs a perder. Recebi logo um que me fez rolar no chão e , quando me levantei, senti que um guarda me pegava pelo braço. Me arrastaram, perdendo sangue pelo nariz, com um cortejo de pessoas que nos acompanhavam, com Baiúca de longe que continuava gritando que eu queria matá-lo. O canivete foi achado e aí me condenaram. Quando saí da cadeia vi que com Baiúca não dava mais pé, definitivamente; e não dei mais as caras naquela rua. Quando não dá pé num lugar, o negocio é dar no pé e se mandar.

VELHO IDIOTA

Quando se tem o hábito de cortejar mulheres, é difícil perceber quando esse tempo passou e elas nos olham como a um pai ou quem sabe, a um avô. Difícil sobretudo porque todo homem maduro tem dentro da cabeça outra cabeça: a cabeça de fora tem rugas, cabelos grisalhos, dentes cariados, olheiras; a cabeça de dentro, ao contrário, permaneceu como quando era jovem, com cabelos pretos e bastos, rosto esticado, dentes brancos e olhos vivos. E é a cabeça de dentro que olha com cobiça as mulheres, pensando que é vista. As mulheres, ao contrário, enxergam a cabeça de fora e dizem:

- Mas o que está querendo esse coroa? Não vê que poderia ser meu avô?

Chega, naquele ano, o salão onde sou barbeiro há quase trinta anos,

foi aumentado: trocaram os espelhos e os lavatórios, pintaram as paredes e os armários e, por fim, o patrão achou por bem arranjar uma manicure que se chamava Iole. No salão, além do patrão, éramos três: um rapaz de vinte e cinco anos, Amado, moreno e sório, que tinha sido carabineiro; José, cinco anos mais velho que eu, baixo, corpulento e calvo; e eu. Como sempre acontece quando num ambiente só de homens entra uma mulher, logo me dei conta de que os três olhávamos com insistência para Iole. Ela era bem aquilo que se chama de tipo de folhinha: formosa, espalhafatosa, com um rosto vistoso e cabelos pretos; como ela existem milhões. É preciso notar a

essa altura que eu, sem querer contar vantagem, posso passar por homem bonito. Sou magro, de estatura normal, com um rosto pálido e nervoso; e as mulheres dizem que tenho uma expressão interessante. Com efeito, especialmente se olho de lado, meus olhos tocam, doces, cheios de sentimento, com uma pinta de ceticismo.

Mas o que tenho de melhor são os cabelos: castanhos claros, finos, brilhantes, bem ondulados, cortados à nazarena, isto é, ençados como uma fogueira, com longas costeletas descendo até a metade da face. Além disso sou elegante fora do salão sempre vestido apropriada

mente, com a gravata, as meias e lenço combinando; no salão, com um avental mais de cirurgião que de barbeiro, de tão branco. Não é ; surpreendente, com essas qualidades, que eu tenha sorte com as

mulheres. E, uma vez que essa sorte nunca foi desmentida, adquiri o hábito, se me agradam, de olhá-las de um modo insistente e sugestivo que vale por cem cumprimentos. Assim, quando, após tê-la olhado bastante, me aproximo, encontro o fruto já maduro: só me resta estender a mão e colhê-lo.

No salão, no que dizia respeito a Iole, quem me dava mais medo era Amado. Não era bonito, não era interessante, mas era jovem. José eu nem levava em consideração: mais velho que eu, como já disse, e feio de doer. Iole

ficava sempre sentada à sua mesinha de manicure, num canto, atordoada de tédio e de imobilidade, absorta na leitura e releitura dos dois ou três jornais do salão ou fazendo as unhas à eser

pa de fazer as dos clientes. Quase à minha revelia, por instinto, comecei a tirar uma linha com ela. Chegava um cliente, sentava-se na poltrona: eu pegava a toalha, estendia-a num único golpe, elegantemente, e ao mesmo tempo encontrava jeito de lançar-lhe um olhar demorado. Ou, então, lavava os cabelos massa' geando com as duas mãos a cabeça ensaboada, e lá se ia outra olhada. Ou, ainda, ocupava-me com a ponta da tesoura numa nuca: a cada quatro tesouradas, um olhar. Se depois se movia, indolentemente, para ir buscar uma ferramenta num armário, eu a seguia com os olhos pelo espelho. Iole, é preciso dizer, não era nada escolada, nem namoradeira: tinha, aliás, uma expressão sonolenta, sonsa, tapada, como um gato gordo cheio de sono. Mas dá-lhe hoje e dá-lhe amanhã, primeiro percebeu que eu olhava; depois aceitou ser olhada;

finalmente começou também a devolver os olhares. Sem malícia, porque não a tinha, de seu modo desajeitado e pesado, mas indubitável.

Achei então, como se diz, que a pêra estava madura; e num sábado eu a convidei a ir ao balneário de Ostia, domingo depois do almoço. Aceitou no ato, observando, porém, que não devia criticar seu traje de banho: tinha engordado e o único que possuía ficava justo para ela. Disse, aliás, sem sombras de coquetismo:

- Estou um pouco gordinha de tanto ficar sentada no salão, sem me mexer.

Frase de uma moça sem dengos: por isso mesmo gostava dela.

Marcamos encontro para o dia seguinte, na estação de São Paulo; e eu, antes de ir, fiz uma toailete cuidadosa. Barbeei-me e passei talco nas faces;

passei o pente fino nos cabelos para tirar deles até a menor suspeita de caspa; bomfei um pouco de violeta na cabeça e no lenço. Vestia uma camisa à robespierre, com o colarinho aberto, paletó sahariano e calças brancas. Iole foi pontualíssima: às duas, em meio à multidão de turistas, vi que vinha ao meu encontro, toda vestida de

branco, um tanto gorda e baixa, mas jovem e apetitosa. Disse, cumprimentando:

- Quanta gente... vai ver que teremos de viajar de pb.

- Ora, eu sou cavalheiro e por isso respondi-lhe que encontraria um lugar para ela: deixasse comigo. Nesse ínterim, o trem entra embaixo do abrigo, a multidão sobre a plataforma esboça um movimento de pânico, como se estivesse sendo atacada por um esquadrão da cavalaria, todos gritam e se chamam, eu me atiro, agarro-me a uma das portas, ergo-me por cima da multidão, estou quase subindo. Um garoto moreno me dá um empurrão e tenta passar à minha frente. Devolvo-lhe o empurrão, ultrapasso, ele me puxa por uma manga, dou-lhe uma cotovelada no estômago, liberto-me e me atiro no vagão. Mas perdi tempo com aquele metido e o vagão já está cheio, sobra apenas uma vaga. Corro até lá, ele também corre; quase ao mesmo tempo colocamos ali, para guardá-lo, eu o traje de banho e ele o paletó. Então nos enfrentamos. Digo-lhe:

- Eu cheguei primeiro.

- Quem foi que disse?

- Eu estou dizendo, respondo e atiro-lhe o paletó na cara. Nesse instante chega Iole e senta-se sem hesitar, dizendo:

- Obrigada, Luís. O garoto pega o paletó, hesita, depois vê que não pode enxotar Iole e se afasta, pronunciando em voz alta:

- Velho idiota.

O trem partiu quase que imediatamente e eu me aganei num apoio, ficando em pé perto de Iole. Mas, então, já tinha perdido todo o entusiasmo e

gostaria de ter descido e ido embora. Aquelas duas palavras:

- Velho idiota tinham me surpreendido bem na hora em que eu menos esperava. Achava que o garoto tinha dito “Velho idiota” com dois sentimentos diversos. A injúria estava no “idiota”; e até aqui nada de

mal: quisera ofender, me chamara de idiota. Porém não tinha dito “velho” para me insultar. Dissera “velho” como uma verdade. Como teria dito se, suponhamos, em vez de cinquenta anos eu tivesse dezesseis:

- Moleque bobão. Enfim, para ele, como para todos, lole inclusive, eu era um velho; e pouco impor tava que ele me visse como idiota e lole, ao contrário, como inteligente. Talvez nem teria sido preciso que lole tomasse o lugar. O garoto, por fim, o cederia do mesmo jeito por

respeito à idade. Isso me foi confirmado por um sujeito sentado diante de lole, que assistira à cena e disse:

- Moleque... se não por outra coisa devia dar o lugar por respeito à idade.

Sentia-me completamente gelado e confuso. E a toda hora levava a mão ao rosto como que tentando, na falta de espelho, reco’nhecer com os dedos o quanto estava velho. lole, naturalmente, não se dava conta de nada. Disse-me a meio do caminho:

- Sinto muito que o senhor viaje de pé. Eu não pude deixar de responder-lhe:

- Sou velho concordo, mas não a ponto de não poder ficar em pé durante meia hora. Quase esperando que ela me respondesse:

- Luís... velho o senhor... mas o que está dizendo? A tonta, ao contrário, não respondeu nada; e assim me convenci de que não tinha nada a fazer.

Em Ostia quem trocou primeiro foi ela, saindo, logo depois, da cabine, com o maiô estourando no corpo, branca, fresca, tesa,

jovem de deixar com raiva. Entrei por minha vez na cabine e antes de mais nada fui me olhar no espelhinho quebrado que pendia da parede. Estava velho mesmo: como não tinha percebido isso? Vi num único olhar os olhos velados e perdidos entre as rugas, os cabelos cheios de fios brancos, a pele das faces flácidas, os dentes amarelos. A camisa à Robespierre, tão juvenil, me dava até vergonha: ; ‘ deixava o pescoço à mostra, com muitas rugas frouxas na garganta. ; Despi-me, e ao me abaixar para enfiar o calção a barriga me subiu até o estômago e em seguida tornou a descer, como um saco vazio. “Velho idiota”, eu me repetia com raiva. Achava que

eram essas as surpresas da vida: há uma hora julgava-me jovem, a ponto de bancar o conquistador com lóe; agora, graças àquelas duas palavras, enxergava-me velho, com idade para ser pai dela. E me envergonhava por tê-la olhado tanto no salão e depois por tê-la convidado: sabe-se lá o que pensava de mim, sabe-se lá como me via.

Fiquei sabendo mais tarde o que pensava. Ao mesmo tempo que, segurando a corda salva-vidas deixávamos as ondas investirem contra nbs porque o mar estava bravo; e a cada onda que batia na gente, eu ficava sem ar e pensava:

- Fico sem fôlego porque estou velho”, ela, feliz da vida, gritava: - Sabe, Luís, que não achava que era tão esportivo.

- Por quê? perguntei.

- Como achava que eu era?

- Bom, respondeu ela, “um homem na sua idade não gosta mais do mar... é coisa de moços.

Naquele instante uma onda quebrou em cima da gente, alta e espumante, e eu despenquei em cima da lóe e, para me sustentar, agarrei-lhe

um braço: duro, roliço, de carne realmente jovem, tinindo. Gritei com a boca cheia de água salgada: “Poderia ser seu pai.” E ela, rindo, no meio da espuma que borbulhava a seu redor:

- Pai, não...digamos: tio. Enfim, saímos da água e eu, pelo embaraço e pela vergonha, nem tinha forças para falar. Parecia que na boca havia uma armadilha de mola, armada: de se precisar abri-la com um pedaço de pau. Iole me precedia, puxando nas coxas e no peito o maiô que, molhado, tornara-se realmente indecente; em seguida jogou-se no chão, revirando-se; e sua carne era tão tesa que a areia não aderiria e caía, molhada, aos pedaços. Sentei-me a seu lado, mudo, encolhido, incapaz de memexer e de falar. Talvez Iole, apesar de ser mais insensível que um rinoceronte, tivesse percebido meu mal-estar; porque, de repente me perguntou se não estava me sentindo bem. Disse:

- Estava pensando em você. Quem você prefere no salão? Amado,

José ou eu? Ela, escrupulosa, respondeu após demorada reflexão: -

Ah, acho os três simpáticos. Insisti:

- Amado é moço, porém.

- Sim- respondeu ela é moço.

- Acho que está apaixonado por você, retruquei um pouco depois. -

Será? Não tinha percebido. Em suma, estava distraída, como que preocupada. Por fim, disse:

- Luís, me aconteceu uma desgraça: meu maiô descosturou atrás... me dê a toalha, vou me trocar.

Para falar a verdade, fiquei contente com o descosimento.

Entreguei-lhe a toalha, ela a enrolou na cintura e correu à cabine. Meia hora mais tarde estávamos no trem, num vagão vazio. Eu puxara a gola da camisa à Robespierre sobre o pescoço e pensava que tudo acabara para mim, eu era um velho.

Naquele dia jurei que nunca mais olharia para Iole, nem para

mulher nenhuma; e assim foi. Pareceu-me que ela ficou um tanto

admirada e que de vez em quando me fitasse com ar de reprocação, mas talvez fosse só impressão. Passou um mês durante o qual lhe dirigi a palavra no máximo quatro ou cinco vezes. Ela, nesse ínterim, fizera amizade especialmente com José, que a tratava como um pai, sem sombra de corte, com bonomia e seriedade. Eu me sentia mais velho do que nunca, cortava cabelos, fazia barbas, pegava gorjetas e não abria a boca. Mas um dia daqueles, ao encerrar o expediente, quando tirava o avental no quartinho dos instrumentos, o patrão, um bom homem, anunciou:

- Hoje a noite, se não estiverem ocupados, jantamos juntos... eu ofereço... Iole ficou noiva de José.

Aproximei-me: Iole sorria no seu canto, à mesa de manicure;

José sorria do outro lado, afiando uma navalha. Senti de repente um enorme alívio: José era mais velho que eu, José era feio, no entanto Iole tinha preferido José a Amado. Corri de mãos estendidas para José, gritando:

- Parabéns, parabéns; em seguida abracei Iole e a beijei nas duas faces. Em suma, no salão o mais feliz dos três era eu.

O dia seguinte era domingo; e depois do almoço fui passear. E percebi, passeando, que voltava a olhar as mulheres, como no passado, uma por uma, na frente e atrás.

CATARINA

Casei aos dezoito anos e poderia prever tudo menos a mudança

que mais tarde devia se dar com o gênio de Catarina. Naquele tempo era uma moça sem graça, com os cabelos lisos e a risca no meio, com um rosto sem expressão, nem cores, pálido e regular. De bonitos tinha os olhos, grandes, um tanto inexpressivos, mas meigos, doces. De corpo não era bem feita, apesar de gostar dela exatamente porque era feita daquele jeito: com o peito forte, os quadris largos e no resto, braços, pernas, ombros, delicada como uma menina. Sua qualidade não era a de ser bonita, mas a de ser meiga, e acho que me apaixonei justamente por essa meiguice. Quem não

conheceu Catarina naquela época, não pode compreender o que era essa meiguice. Tinha gestos recatados e contidos que encantavam; jamais uma palavra violenta, jamais um olhar duro; e tinha um modo de dar sempre razão a mim, de se submeter sempre à minha vontade e de me olhar sempre como que pedindo minha permissão antes de fazer o que quer que fosse, que até me deixava embaraçado. As vezes pensava, lá no fundo:

- Realmente não mereço uma mulher como esta. Era paciente, submissa, devotada, cheia de atenções e de graça. Sua meiguice era conhecida no bairro inteiro, tanto que no mercado as mulheres diziam à minha mãe:

- Seu filho vai se casar com uma santa... sorte dele. Eu, cheguei a preferir que fosse menos meiga, veja só; e quase sempre lhe dizia: - Catarina, você nunca disse uma palavra dura, nunca fez um gesto brusco na sua vida?", assim, de brincadeira, e me parecia que até gostaria de vê-la dizer essa palavra, fazer esse gesto.

Casamo-nos, e fomos morar em cima de minha mãe, no beco do Cinque, onde havia uns sótãos desocupados. Minha mãe morava embaixo, no térreo tmhamos a loja de pão e massa, e desse modo trabalhávamos e morávamos todos na mesma casa. Nos dois primeiros anos, Catarina

continuou sendo tão meiga como quando a conhecera e talvez até mais, porque gostava de mim e porque estava agradecida por ter casado com ela, por ter-lhe dado uma casa e uma situação melhor. Era meiga comigo e com minha mãe, mas também era meiga sozinha, quando ninguém a estava vendo.

As vezes, ao voltar para casa; lá pelo meio- dia, ia na ponta dos pés observá-la lidando na cozinha, entre o fogão e a mesa.

E ficava encantado ao vê-la enquanto se virava no cômodo apertado, com uns passinhos e uns gestos, sem pressa, sem má-vontade, cuidadosa, diligente, silenciosa. Não parecia que estava na cozinha, preparando o almoço, mas na igreja diante do altar. Então, eu entrava de repente e a abraçava, e ela, depois do beijo, me dizia sorrindo:

- Você me assustou, com sua voz meiga que parecia um lamento.

Depois de dois anos de casamento, ficou claro que Catarina não podia ter filhos. Digo isso, tão abruptamente, mas a certeza, a gente só teve aos poucos. Queríamos um filho, quando não veio, primeiro discutimos muito em família, em seguida tomamos coragem e fomos a um médico, depois a um segundo, depois a um terceiro e depois Catarina fez uns tratamentos muito caros e por fim vimos que de nada adiantava. Eu disse:

- Paciência...a culpa não é de ninguém... é o destino", e por um momento pareceu que Catarina também se conformava. Mas nem sempre se faz aquilo que se quer: talvez ela quisesse se conformar, mas não pôde. Naquele tempo começou, realmente, a mudar seu gênio.

Talvez tenha mudado o físico antes do moral, tornando duros os olhos antigamente tão doces, repuxando a boca para baixo com duas marcas ruins e finas nos cantos, tornando áspera a voz que antes era igual a um canto; mas, quem sabe ela tentasse se controlar e eu, como acontece, percebi que o ânimo mudara porque o físico fazia um jogo sujo. De qualquer modo, primeiro deixou de ser meiga; depois, em seguida, tornou-se hostil, agressiva, raivosa. Começou a me dar respostas daquelas que cortam a respiração:

- Se gosta é assim, se não gosta é a mesma coisa; “não me amole”; “vá para o inferno; vê se me esquece. As primeiras vezes ela mesma parecia surpresa por falar daquele jeito; mas com o tempo abandonou-se e não mudou mais o refrão. Por qualquer bobagem começou a bater as portas:em casa as portas viviam batendo e a cada vez parecia-me estar levando um tapa na cara. Antigamente me chamava com aquelas palavras carinhosas que as mulheres dizem quando gostam de alguém:querido, amor, meu bem, mas agora, que palavras carinhosas que nada:

- Imbecil tonto, bobalhão, ignorante era o mínimo que podia me dizer. Não admitia ser contrariada e, antes mesmo de ouvir a objeção, me xingava de cretino:

- Cale a boca, você é um cretino, não entende nada. Quando, então, não havia nenhum motivo de briga, aí me provocava. Tinha uns requintes de ruindade que, se não fossem ofensivos, teriam me deixado admirado de tão rebuscado e sutis que eram. Sabia encontrar,como se diz, o ponto fraco: e não adiantava eu pensar dentro de mim:

- Tranco os dentes, não falo, fico indiferente, ela sabia sempre dizer algo que penetrava na pele e me fazia pular. Ora punha na berlinda minha família que, segundo ela,era um lixo enquanto ela era filha de um funcionário, na verdade um escrevente morto de fome da prefeitura; ora atacava o físico e, como tenho um olho que não enxerga e no lugar da pupila uma mancha como que de sangue coagulado, dizia torcendo a boca:

- Não chegue perto... teu olho me dá nojo... parece um ovo podre.Ora, todo mundo sabe que não há nada pior, para ofender, que pôr no meio família e físico. E eu, realmente,perdia a paciência e começava a berrar. Então, com um pálido sorriso cheio de fel, ela dizia:

- Como berra... não se pode conversar com você... está sempre berrando... não te deram educação? Enfim, só me restava sair dali; era o que fazia. Saía e ia passear sozinho à beira- rio, cheio de raiva e de tristeza.

Porém eu não a odiava, aliás, até me dava pena, porque sabia que era mais forte que ela e que a primeira a sofrer com isso era ela mesma. Era a natureza que a atormentava daquele jeito e a deixava fora de si, e isso via-se principalmente no seu jeito de andar e de olhar: cúpido, inquieto, ansioso, ávido, raivoso, como um bicho que procura alguma coisa à toa. Em sua voz, quando me respondia arrevezado, mais que raiva e artipatia, havia como que um rosnado de animal sofrendo e que sofre sem saber porquê e desconta nos outros que não têm nenhuma culpa. A suspeita de que a mudança de gênio fosse devida à falta de filhos foi-me confirmada pela mãe que, um dia em que me queixava, contou-me que Catarina, desde menina, sb ninava bonecas e queria sempre brincar de mãe dos dois irmãos menores. Mais tarde, crescida, tinha se desenvolvido do modo como contei, feito mulher que devia ter muitos filhos; ela sabia e contava com isso. Mas os filhos não vieram e ela, contra a própria vontade, perdia a cabeça.

Continuamos assim durante cinco anos. Os negócios iam bem, a venda prosperava, mas eu era infeliz e sentia que não dava mais para viver desse jeito. Catarina, então, tinha piorado e só falava comigo, pode-se dizer, através de rosnados e xingos. Agora as pessoas da vizinhança não mais diziam que eu tinha me casado com uma santa; todos sabiam que ao invés de uma santa eu enfiara um demônio dentro de casa. Minha mãe, coitada, tentava me consolar dizendo que quem sabe um dia esse filho viesse e Catarina voltasse a ser meiga como antigamente; mas eu não acreditava e ao vê-la perambular pela casa, a cara esticada para a frente, gananciosa e má, sentia medo e pensava com meus botões que um dia ou outro, exatamente como um

cachorro que se revolta e morde o dono, ela se mataria.

Enquanto isso não enxergava o fim dessa história e quando saía sozinho para passear à beira- rio e via o rio correr, pensava:

- Tenho vinte e cinco anos... sou moço ainda, por assim dizer... porém minha vida está acabada e para mim não há esperança... estou condenado a passar minha vida inteira

ao lado de um demônio.

Estava sabendo que não podia me separar porque no fundo gostava dela e porque ela só tinha a mim no mundo, mas estava sabendo também que continuar com ela significava não viver mais. Quando pensava nisso me dava uma grande tristeza e uma vontade louca de me atirar no rio.

Uma noite, voltando sozinho para casa, quase sem reparar, desci por uma daquelas escadinhas fedorentas que vão dar na praia do Tibre e, escolhendo um lugar no escuro debaixo da arcada da ponte, tirei o paletó, dobrei-o e o coloquei no chão, em seguida escrevi um bilhete, no escuro mesmo, e o coloquei em cima do paletó. O bilhete dizia:

- Me mato por causa da minha mulher e depois vinha a assinatura. Era começo de inverno e o Tibre estava cheio de dar medo, escuro,

atulhado de galhos e de lixo, frio como a boca de uma gruta; na hora de pular, me deu medo e comecei a chorar. Sempre chorando voltei pelo mesmo caminho na praia, subi a escadinha, corri para casa. Fui direto para o quarto, peguei Catarina, que já estava dormindo, pelo braço, e acordei-a e disse:

- Vem comigo. Ela dessa vez ficou assustada, e me seguiu sem abrir a boca. Talvez tenha achado que eu ia matá-la porque na escadinha se debateu um pouco. Mas estava escuro e não tinha ninguém e eu a obriguei a descer à força. Andamos pela praia,

ela na frente e eu atrás, em mangas de camisa e colete; debaixo da ponte, mostrei-lhe o paletó, peguei o bilhete, entreguei-lhe e disse:

- Olhe aí o que eu ia fazer por sua causa... mas por que, Catarina, você mudou tanto?... você era tão meiga... agora é um diabo... por quê? Ao ouvir isso ela também desatou a chorar e chorando me abraçou e prometeu que dali em diante se controlaria; depois me ajudou a vestir o paletó e voltamos para casa. Conteí essa história para mostrar como estava desesperado. Mas Catarina não se corrigiu, pelo contrário; desde então começou a caçoar de mim por não ter tido coragem de me matar.

Era 1943. Aos primeiros bombardeios, minha mãe resolveu fechar nossa venda e levar-nos todos para sua terra, Vallecorsa, na Ciociaria. Catarina, como sempre, queria e não queria, e naqueles dias me fez perder a paciência. Partimos, finalmente, num caminhão que ia buscar farinha e outras coisas de mercado negro. Íamos sentados nuns banquinhos do caminhão, debaixo de um sol de rachar, com as malas aos pés. Percorremos um bom pedaço e depois de Frosinone vimos-nos em campo aberto, longe das montanhas, entre campos ceifados e hirtos. O calor era forte e eu tinha quase adormecido quando, de repente, o caminhão pára de chôfre, e o motorista grita:

- Um avião... todos para o fosso. Não dava para ver o avião; mas se ouvia muito perto o ruído do motor, furioso, metálico, enlouquecedor, pontilhado de estampidos roucos; tinha uma

fileira de choupos e outras árvores copadas, o som do motor vinha de lá, o avião estava atrás das árvores. Eu disse a Catarina:

- Depressa... vamos descer. Mas ela ergueu os ombros e respondeu maldosa:

- Eu vou ficar aqui.

- Mas, vamos insisti; quer morrer?

- Pouco me importa morrer. Ouvi essa resposta quando já estava no chão; então corri até o fosso e logo depois o avião escureceu o céu em cima de nós e o barulho do motor desabou como uma tempestade e no meio do barulho ouvi a saraivada da metralhadora disparando: o caminhão estava parado no meio da estrada, com Catarina sentada e na estrada a metralhadora levantava muitas nuvens de poeira que se espalhavam aos poucos. O avião passou, desapareceu atrás das árvores. Agora subia e se afastava, como uma libélula branca, no céu em brasa; e o caminhão continuava parado com Catarina sentada, completamente sozinha. Então corri até o caminhão, chamando Catarina; mas ela não respondeu, pulei para cima do caminhão e vi que estava morta.

Desse modo, aos vinte e cinco anos fiquei viúvo, com a vida inteira pela frente, longa e aberta, como eu imaginava quando passeava sozinho à beira- rio. Porém tinha amado Catarina e por muitos anos não tive consolo. Achava que impelida pela natureza que a atormentava; ela vivia querendo e buscando algo que ela mesma não sabia o que era; e como não encontrava esse algo, tinha se tornado má, contra a vontade, inocentemente; e por fim, em vez daquilo que buscava, encontrara a morte. E tudo isso acontecera sem que pudéssemos fazer nada: ela mudara e morrerá por causas que não dependiam dela; eu sofrera e me libertara do sofrimento pelas mesmas causas. E a meiguice de que tanto gostava, lhe fora dada assim, como a ruindade e a morte.

A PALAVRA MAMÃE

Os acasos da vida são muitos, e encontrando-me uma noite no restaurante com Stefanini, assim, entre uma conversa e outra, perguntei-lhe se era capaz de me escrever uma carta como de alguém que tenha fome, esteja

desempregado, seja arrimo de mãe

doente de um mal incurável e, por esses motivos, se recomende ao bom coração de um benfeitor qualquer, pedindo-lhe dinheiro para matar a fome e para tratar da mãe. Stefanini era um morto de fome de marca maior, sempre sem um tostão, sempre em busca de uma oportunidade; mas era o que se chama de uma boa pena.

Era jornalista, mandava de vez em quando um artigo a um jornalzinho de sua terra natal e, nas horas vagas, era capaz de rabiscar uns versos, sobre um ou outro assunto, com todas as linhas e rimas no lugar. Meu pedido interessou-lhe; e foi logo me perguntando para que eu queria essa carta.

Expliquei-lhe que, justamente, os acasos da vida são muitos: eu não era escritor e podia chegar o momento em que uma carta dessas me servisse e aí não me aconteceria todos os dias ter à mão um Stefanini capaz de escrevê-la de acordo com todas as regras. Cada vez mais interessado, ele se informou se realmente minha mãe estava doente. Respondi- lhe que, pelo que me constava, minha mãe, que era parteira em sua terra, gozava de boa saúde; mas, enfim, tudo podia acontecer. Para resumir, tanto insistiu e perguntou que acabei falando a verdade; ou seja, que vivia, como se diz, de expedientes e que, na falta de melhor, um desses expedientes poderia ser justamente essa carta que lhe pedia para escrever. Ele não se scandalizou absolutamente, para minha surpresa; e fez-me ainda muitas perguntas sobre o modo como eu iria me comportar.

Sentindo que já era meu amigo, fui sincero: disse-lhe que iria com a carta até uma pessoa cheia de grana e a entregaria junto com um objeto artístico, um bronze ou um quadro, avisando que tornaria a passar uma hora depois para retirar a oferta. O

objeto artístico eu fingia dar de presente, em sinal de gratidão; na realidade servia para aumentar a oferta porque o benfeitor nunca queria receber mais do que dava. Concluí, afirmando que se a carta fosse escrita, o

golpe não podia falhar; e que, em todo caso, não havia perigo de uma denúncia: tratava-se de somas pequenas e depois ninguém queria admitir ter-se deixado enganar daquele jeito, nem mesmo à polícia.

Stefanini escutou todas as explicações com a maior atenção; e

em seguida se declarou disposto a escrever a carta. Eu lhe disse que devia se valer sobretudo de três argumentos: a fome, o desemprego e a doença de minha mãe; e ele respondeu que deixasse por conta dele, que iria me atender a contento. Pediu ao dono do restaurante um papel, tirou do bolso a caneta e em seguida, após ter-se concentrado um pouco, o nariz para cima, lascou a carta rapidamente, sem nenhuma rasura, nenhuma hesitação, que era uma maravilha de se ver e quase não acreditava nos meus olhos. O amor próprio devia animá-lo porque eu o adulara, dizendo-lhe que sabia que era uma boa

pena e que conhecia todos os segredos da arte. Quando acabou entregou-me o papel, eu comecei a ler e fiquei espantado.

Estava tudo ali, a fome, o desemprego, a doença da mãe e tudo estava como se deve, com palavras tão verdadeiras e sinceras que por pouco não fiquei comovido eu também, que sabia que eram falsas. Em particular, com intuição perfeita de escritor, Stefanini tinha utilizado várias vezes a palavra “mamãe”, em expressões como “minha adorada mamãe”, ou então “minha pobre mamãe”, ou ainda “minha querida mamãe”, sabendo que “mamãe” é uma daquelas palavras que acertam em cheio no coração das pessoas. Além disso, tinha entendido perfeitamente o truque do objeto artístico, e o trecho da carta que tratava disso era uma jóia pelo modo como dizia e não dizia, pedia e não pedia e, enfim, jogava a rede ao peixe sem que esse pudesse perceber. Disse-lhe com sinceridade que a carta era realmente uma obra de arte; e ele, depois de rir com ar lisonjeado, admitiu que estava bem escrita; tão bem que queria conservá-la, e me pedia para deixá-lo copiar. De modo que copiou a carta, mais tarde eu, em troca, paguei seu jantar e logo depois nos separamos

como velhos amigos.

Alguns dias mais tarde resolvi fazer uso da carta. Stefanini, falando de coisas à toa, deixou escapar o nome de uma pessoa que, segundo ele, cairia na certa: um advogado, Zampichelli, cuja mãe, justamente, fazia um ano que tinha morrido. A perda tinha arrasado com ele, ainda segundo as informações de Stefanini, e era dado a praticar o bem, ajudando sempre que podia as pessoas pobres. Enfim, era o homem de que eu precisava, dado que não apenas a carta de Stefanini era comovente e convincente, mas também porque ele, por conta própria, tinha sido preparado para acreditar nela pelos acasos de sua própria vida. Uma bela manhã, então, peguei a carta e o objeto artístico, um leãozinho de ferro fundido dourado com o pé apoiado em cima de uma base de imitação de mármore, e fui bater na porta do advogado.

Morava num chalé nos Prati, no fundo de um velho jardim. Uma criada atendeu e eu disse velozmente:

- Este objeto e esta carta para o advogado. Diga-lhe que é urgente e que volto a passar daqui a uma hora”, entreguei-lhe tudo em mãos e parti.

Passei aquela hora de espera, caminhando pelas ruas retas e vazias dos Prati e repetindo mentalmente o que devia dizer na presença do advogado. Sentia-me bem disposto, com a mente lúcida, e estava certo de que saberia encontrar as palavras e o tom necessários. Uma hora depois, voltei ao chalé e bati novamente.

Esperava ver um jovem da minha idade, era, ao contrário, um homem de seus cinqüenta anos, com uma cara balofa, vermelha, flácida, calvo, os olhos lacrimosos, parecia um cachorro São Bernardo. Achei que a mãe morta devia pelo menos ter chegado aos oitenta anos e, realmente, em cima da escrivaninha havia uma fotografia de uma mulher velhíssima de rosto enrugado e de cabelos brancos. O advogado estava sentado junto a uma mesa cheia de papéis, de robe de seda listrada, com o colete desabotoado e a barba comprida. O escritório era grande, repleto de livros até o teto, com muitos

quadros, estatuetas, armas, vasos de flores. O advogado me recebeu como um cliente, pedindo de imediato, com voz aflita, que me sentasse. Em seguida, apertou a cabeça entre as mãos, como que para se concentrar, dolorosamente, por fim disse:

- Recebi sua carta. .. muito comovente.

Pensei com gratidão em Stefanini e respondi:

- Doutor, é uma carta sincera... por isso é comovente... foi escrita de coração.

- Mas por que, entre tanta gente, dirigiu-se justamente a mim?

- “Doutor, quero lhe dizer a verdade, sei que o senhor sofreu uma grave perda, o advogado me escutava com os olhos entrefechados, e pensei: ele que sofreu tanto com a morte de sua mãe, entenderá a aflição de um filho que vê a própria mãe morrer, por assim dizer, diante de seus olhos, dia a dia, sem poder ajudá-la...

O advogado, ao ouvir essas palavras ditas em tom comovido porque eu começava a me esquentar, concordou com a cabeça, várias vezes, como que para dizer que estava me entendendo e em seguida, erguendo os olhos, perguntou:

- O senhor está desempregado?

Respondi:

- Desempregado? É dizer pouco, doutor... estou desesperado... é uma odisséia tudo isso... passei em tudo que é fir' ma, faz dois anos que estou passando e não encontro nada... doutor, não sei mais o que fazer.

Tinha falado com calor. O advogado tornou a apertar a cabeça entre as mãos e em seguida perguntou:

- E o que tem a sua mãe?

- Doutor, tem uma doença aqui, disse; e, para impressioná-lo

fiz uma cara aflita e toquei no peito com um dedo. Ele suspirou e disse:

- E este objeto... este bronze?

Tinha previsto a pergunta e respondi prontamente:

- Doutor...somos pobres, aliás, somos indigentes... mas nem sempre foi assim... Antigamente éramos abastados, pode-se dizer...

papai...

- Papai?

Fiquei surpreso e perguntei:

- Sim, por quê? não é assim que se fala?

- Sim, disse ele, apertando as têmporas;é papai que se fala. Continue.

- Papai tinha uma loja de tecidos... tínhamos uma casa montada... doutor, vendemos tudo, peça por peça... esse bronze é o último objeto que sobrou... ficava na escrivaninha de papai.

- De papai?

Fiquei atrapalhado de novo, e dessa vez, não sei porquê, corrigi:

- Sim, de meu pai... em suma, é nosso último recurso... mas, doutor, quero que o senhor aceite em sinal de minha gratidão pelo que puder fazer...

- Claro, claro, claro, repetiu três vezes o advogado, sempre apertando as têmporas como que para dizer que estava entendendo tudo. Depois, ficou um longo momento em silêncio, cabeça baixa. Parecia estar refletindo. Finalmente voltou a si e me perguntou:

- Com quantos eses o senhor escreve a palavra mamãe?

Dessa vez fiquei realmente assustado. Achei que, ao copiar a carta de Stefanini, tivesse cometido um erro e disse, incerto:

- Eu escrevo com dois eses, um no começo e outro no fim.

Ele gemeu e disse, quase dolorosamente:

- Veja só, é por causa justamente de todos esses emes que acho a palavra antipática.

Agora me perguntava se, por acaso, a dor pela morte da mãe, não o tinha deixado com o miolo mole. Disse, ao acaso:

- Mas é assim que se fala... as crianças dizem mamãe e depois, quando crescem, continuam dizendo pela vida afora, enquanto a mãe é viva... e mesmo depois.

- Pois bem ele gritou, de repente, com voz fortíssima, dando um soco na mesa que até dei um pulo, “essa palavra, justamente porque tem tantos emes, me é antipática... extremamente antipática... entende, Lopresto?... Extremamente antipática...

Gaguejei:

- Mas, doutor, que é que eu tenho com isso?

- Eu sei

ele recomeçou, apertando novamente a cabeça entre as mãos, com voz normal “eu sei que se diz e se escreve mamãe como se diz e se escreve papai... até o pai Dante diz isso... já leu Dante, Lopresto?

- Sim, doutor, li sim... li um pouco.

- Mas apesar de Dante, as duas palavras me são antipáticas ele continuou e talvez mamãe me seja mais antipática que papai.

Aí me calei, sem saber o que dizer. Depois de um demorado silêncio, arrisquei:

- Doutor... compreendo que a palavra mamãe, por causa da infelicidade por que passou, possa não lhe agradar... mas deveria, ao mesmo tempo, ter um pouco de compreensão por mim... todos temos uma mam... quer dizer, uma mãe.

Ele disse:

- Sim, todos...

Silêncio, de novo. Depois ele pegou meu leãozinho da mesa, estendeu-o dizendo:

- Tome, pegue seu bronze de volta.

Peguei o bronze e fiquei de pé. Ele tirou a carteira do bolso, puxou, suspirando, uma nota de mil liras, e disse, estendendo-a para mim: - Você me parece um bom rapaz... por que não tenta trabalhar?... Desse jeito acabará indo logo para a cadeia, Lopresto. Olhe as mil liras.

Mais morto do que vivo, peguei as mil liras e me dirigi à porta. Ele me acompanhou e na soleira me perguntou:

- A propósito, Lopresto, você tem um irmão?

- Não, doutor advogado.

- Mas há dois dias veio um sujeito com uma carta idêntica à sua... a mãe doente, tudo igual... até o bronze, só que um pouco diferente: uma águia em vez de um leão... e como a carta era idêntica, pensei que fosse seu irmão.

Não pude deixar de perguntar:

- Um moço baixinho... moreno, de olhos brilhantes?

- Exato, I,opresto.

Com essas palavras, me empurrou para fora do escritório e eu me vi de novo no jardim, o leãozinho de bronze falso apertado ao peito, atordoadado.

Viram só? Stefanini tinha usado a carta, seguindo minhas instruções, antes de mim. E com a mesma pessoa. Juro, fiquei indignado. Que um pobretão, um desgraçado como eu pudesse usar a carta, ainda vá lá. Mas o Stefanini, um escritor, um poeta, um jornalista, ainda que mambembe, um cara que tinha lido tantos livros e até sabia francês, isso era demais. E que diabo, quando alguém se chama Stefanini, certas coisas não se fazem. Mas achei que a vaidade também tinha tido sua parte nisso. Devia ter pensado:

- É uma bela carta, por que desperdiçá-la?, e então fora até a casa do

advogado Zampichelli.

OS OCULOS

A costureira Néspera era chamada de Néspera porque era uma anã de cara amarela e preta, como as nêspersas justamente, quando estão maduras: pretos os olhos, os borrões embaixo dos olhos, as sobranceiras e o buço, amarelas as faces, a testa, o nariz.

Néspera estava sempre vestida como aquelas bonecas de pano que as crianças arrastam de cara no chão: atarracada, com a saia curta levantada nas pernas grossas e inchadas. Néspera trabalhava em casa, num segundo andar, na rua dell'Arancio.

Tinha três cômodos: o quarto com uma enorme cama de casal e, ao redor, tão atulhado que mal dava para andar, uma cômoda com tampo de mármore, o guarda-roupa com espelho, os criados-mudos, a mesa, as cadeiras; a salinha de provas em que havia um espelho de três faces e mais nada; por fim, o quatinho onde dormia o filho, Natal, situado no terracinho que dava para o quintal, entre o banheiro e a cozinha. Néspera trabalhava no quarto de dormir, no vão da janela, sentada numa poltrona de vime para criança. Se alguém entrava, não a enxergava porque ela ficava dentro do vão, entre a cortina e a janela; e a cortina, toda bordada com passarinhos e cestos de flores, ficava fechada. Naquele vão, além da cadeirinha, Néspera tinha a mesinha dos carretéis e a gaiola com o canarinho. Quando riscava ou cortava, estendia o tecido na cama, trepava no cobertor e, de joelhos, trabalhava em volta da roupa. As provas, como disse, eram feitas naquela salinha minúscula: a freguesa se despia e ficava de pé diante do espelho; Néspera, uma agulha ou um alfinete entre os lábios, subia num taburé e assim conseguia ficar na altura da freguesa. Enquanto provava, Néspera só falava, falava sem parar, em tom confidencial e atencioso. Geralmente,

elogiava a freguesa à meia-voz,

exaltando a ; brancura de sua pele, a beleza dos cabelos, a cor dos cabelos, as formas do corpo. Se, a freguesa era linda mesmo, Néspera ia até pedir o testemunho do filho:

- Natal, vem cá, olhe e diga se esta não é a virgem que desceu do céu."

As freguesas, que na sua maioria eram moças da vizinhança, não protestavam; mesmo porque Natal não era homem de deixar ninguém sem jeito.

Néspera, com esses elogios, de resto sinceros, conseguira uma boa freguesia. Apare! ciam, ali, justamente, muitas moças que moravam no prédio ou naqueles dos arredores.

Sei de tudo isso por ter frequentado a casa de Néspera na época em que Natal e eu éramos amigos. Naquele tempo, Natal procurava emprego e achara um, realmente, na oficina de vulcanização em que eu era mecânico. Porém, ao fim de dois meses, disse que aquele não era o caminho melhor para o sucesso, largou a oficina e voltou para casa. Fiquei impressionado com a frase sobre o sucesso porque nunca tinha pensado que com a vulcanização, que mal dava para viver, se pudesse ter sucesso; e assim, por outras conversas também, que tinham me atiçado a curiosidade, continuei a frequentar sua casa, embora para falar a verdade, nem mesmo o achasse simpático. Natal, no físico, era atarracado e socado, com a cara cheia, sem cor, pálida e feia; uma cara que, sabe-se lá por quê, me fazia pensar num peixe com bochechas. Mas como usava óculos redondos e grossos e tinha um jeito sempre grave e compenetrado, era chamado de professor, apesar, pelo que sei, de só ter o primário. A cara e os modos pausados inspiravam confiança; e realmente, os serviços que encontrara antes da vulcanização nunca tinham sido de operário mas quase de empregado: oficebói, guarda, ajudante de _ armazém, copista. Trabalhos esses, enfim, devidos à confiança que ; despertava aquela sua cara de luacheia com óculos. Mas aqui entra o diabo:

Natal perdera todos os empregos porque, pelo que parece, a uma certa altura aprontava uma daquelas, ou seja, enrolava, embrulhava, roubava. Fazia sempre igual, pelo que pude entender: primeiro ganhava a confiança do chefe, depois punha sua mão no fogo por sua honestidade e depois teria dado as chaves do cofre; e mais tarde, não se sabe como, de repente, o punha na rua, dizendo infalivelmente:

- Vá embora e não me apareça mais aqui... e agradeça à santa de sua mãe se não o denunciarmos.

Dessas coisas eu sabia e não sabia, porque, mesmo frequentando sua casa, nada transpirava. Nessa hora, sempre ativa, sempre ocupada, se deixava escapar de vez em quando um suspiro, era muito; ele, podia até cuspir em sua cara que não perderia a compostura. Salvavam as aparências, enfim; porém, na intimidade, é possível que ela se desesperasse e chorasse e ele promettesse mudar de vida. Porém, mal arranjava um novo emprego, acabava caindo.

Natal, aparentemente, não era muito forte: de estatura mediana, corpulento, com as roupas que pareciam sempre justas demais, rasgadas. Porém, na verdade, era um touro; e eu o via levantar sozinho, na oficina, um carro de passeio. Essa força disfarçada era um pouco o símbolo de seu verdadeiro caráter, ele também oculto sob as aparências tão sérias e compassadas. Era, como se diz, por fora bela viola, por dentro pão molento. Só a mãe sabia de fato o que ele era realmente: Natal abrir os olhos dela com o caso de Nápoles alguns anos antes. Naquele tempo em que o Norte ainda estava em guerra, Natal, que ainda não tinha se revelado e engabelava até a

própria mãe com sua cara séria e seus óculos, convenceu ela e

algumas amigas dela a lhe entregarem um dinheiro para ir até

Nápoles negociar com meias de mulher; em Roma estavam em

falta, iria revendê-las acima dos preços, todo mundo ficaria rico. Não sei por quê, espalhou-se pelo prédio o boato de que Natal levava jeito para o

negócio, e todas as pobres mulheres lhe confiaram algum dinheiro, a mãe então entregou-lhe todas as suas economias. Natal foi até Nápoles de carro, mas não trouxe as meias, voltou até sem paletó. Contou que, na altura de Formia, fora vítima de assalto. Pena, porém, que dali a pouco o motorista que o levara até Nápoles disse a verdade: em Nápoles, tinha encontrado uns napolitanos, jogadores

inveterados. Tinham sentado para uma partidinha, e ele perdera. Néspera, dizem que ficou passadíssima, por causa, sobretudo, de todas as amigas que tinham confiado nela. Quis pagar e penou durante alguns anos. Natal, porém, não perdeu a pose e continuou como se nada tivesse acontecido. Mas a mãe, acho que nunca mais confiou nele.

Enfim, Natal era jogador, não por paixão ao jogo, mas porque ele, como repetia, tinha percebido logo que o pobre não pode ir para frente com trabalho honesto e que só a sorte pode tirá-lo dessa condição. Aliás, tinha suas idéias sobre a vida, sobre o sucesso na vida e as expunha de boa vontade; e, como já disse, mesmo após ter largado a vulcanização, continuei freqüentando sua casa porque suas idéias me deixavam curioso e o ladrão que parecia um professor, o moleque que parecia um homem feito, o ignorante que nunca parava de pontificar, por um lado me dava raiva e por outro me atraía. Finalmente, Natal dizia que na vida tudo é questão de sorte e a sorte é de quem a tem; mas que é preciso ajudar a sorte, que o segredo consiste em ser rápido: aproveitar o momento oportuno e dar o ! golpe. Pena, porém, que com essa mania de dar o golpe, ele não tinha lá muito escrúpulo, por sinal, tinha bem pouco. Natal dizia essas coisas como se fossem um evangelho, olhando fixo através dos ; óculos, com uma segurança assustadora, como se ele não fosse o infeliz que era, mas um cara que, justamente, soubera agarrar a sorte pelos cabelos e não largasse mais dela. Me dava raiva: e uma vez não resisti à tentação e o

interrompi, dizendo:

- Mas e você... então?

Ele, porém, não perdeu a pose, porque tinha uma tremenda caradepau, e respondeu, erguendo os ombros: “Eu o quê?... Roma não foi feita num dia.

Enquanto isso, à espera de que Roma fosse feita, continuava perseguindo a sorte, jogando baralho onde desse e com quem viesse. Jogava sobretudo numa leiteria, não muito longe de sua casa, de noite, após o fechamento, no fundo da loja, onde o sujeito do bar, descida a porta de ferro, espalhava serragem no chão e limpava o balcão. Ele, o dono da leiteria, o empregado e um outro. Ganhava? Perdia? Quem sabe algumas vezes ganhasse porque, do contrário, não vejo como poderia arranjar dinheiro para continuar jogando; mas, no fim, acabava perdendo sempre porque ele, pobre e filho de uma costureira, era o vaso de barro contra os vasos de ferro, os outros três que tinham mais dinheiro que ele. Então, quando perdia, não sabendo como tapar o rombo, trafa a confiança de quem lhe dava emprego.

Roubava e vendia. Af estava todo o mistério das dispensas repentinas, com aquelas palavras de despedida que fazia corar um negro e que para ele tanto faziam como não faziam. A mãe, que já o conhecia a fundo, não lhe dizia, realmente, como as outras mães:

- Não corra atrás de mulheres, ou então
- Não perca tempo com o esporte; mas apenas:
- Largue do baralho, filho do sol.

Chamava-o de filho de ouro, filho do sol porque, quando tudo ; já tinha sido dito e apesar de saber que era desonesto e também ladrão, continuava, no entanto, sendo filho seu e ela esperava que um belo dia se regenerasse, seguisse o caminho certo e se tornasse um trabalhador modelo. Mas qual; o filho

de ouro, o filho do sol, ao contrário, uma manhã que Néspera tinha saído para entregar um vestido, pegou um pedaço de pau, forçou a fechadura do guarda-roupa e passou a mão em todo o dinheiro que encontrou. A mãe, depois, acho que explicou que queria jogar uma partidinha, sob uma, e aí devolver-lhe o dinheiro multiplicado por cem. Por azar, porém, como sempre, tinha acabado por perder. Acho que Néspera, pelo dinheiro, teria posto uma pedra em cima, de tão acostumada que estava. Mas o pedaço de pau foi como se ele o tivesse fincado em seu coração. Desde aquele dia ela se tornou triste e, trepando no taburé para provar os vestidos nas freguesas, parou até de elogiar.

Um dia, Natal voltou para casa à noitinha e disse à mãe que andava procurando emprego. Estava sem óculos e explicou que os tinha esquecido num café onde os tirava para ler o jornal. Era hábito seu, quando precisava fazer algo que exigisse um cuidado particular, tirar e pôr os óculos, talvez com medo de quebrá-los ou porque, de perto, enxergava melhor sem eles. A

mãe tinha preparado seu jantar, como sempre, na mesa de trabalho, no vão da janela do quarto; e ele devorou um prato de aletria com anchova, um prato de acelga refogada e um pãozinho. Em suma, estava com muita fome; e Néspera, mais tarde, disse que nunca o tinha visto comer com tanto gosto.

Depois de comer, Natal acendeu um cigarro e em seguida dormiu uma horinha na cama de casal. Depois acordou, pediu dinheiro a Néspera e foi ao cinema ali perto, onde passava uma comédia americana. Eu estava lá e o vi na primeira fila, sem óculos, rindo a toda hora, sacudindo o corpo inteiro entalado na poltrona, como se estivesse tossindo. Para encurtar a história: na saída do cinema, os policiais, que já tinham estado em sua casa, detiveram-no e o arrastaram para a delegacia. Na manhã seguinte todos os jornais publicaram a notícia: Natal fora pagar o aluguel e aproveitara a ocasião para matar a marteladas o dono da casa, velho e com gota. Se

não tivesse sido um homem tão meticoloso, talvez nunca o descobrissem. Mas para dar melhor a martelada, tirara antes os

bculos, depositando-os no parapeito da janela; depois, na agitação, esquecera-se deles, e ali tinham sido encontrados pela polícia. A mãe, coitada, que já não acreditava em novas surpresas, teve, ao contrário, naquela manhã, a maior de todas. Não sei como ela aceitou a coisa nos primeiros dias, quando todos os jornais falavam do filho e dela; mas, depois, é de se acreditar que se pegasse com Nossa Senhora, pois era religiosa; e que Nossa Senhora lhe concedesse a graça de

recuperar a coragem e seguir adiante. Claro que, passado algum tempo do crime, Néspera foi encontrar o filho na prisão onde ele, graças a seu jeito sério e sua boa conduta, obtivera um cargo de confiança nos escritórios da enfermaria.

O CÃO CHINÊS

Naquele inverno, sem saber como agixentar o batente, pensei em virar homem da carrocinha. Mas não por conta da prefeitura; que depois manda matar os cachorros, mas por minha conta,

para pegar a recompensa de cada cão que roubava. Ia num bairro elegante, na hora que as empregadas levam os cães para passear, e trazia no bolso uma cordinha com um nó corredio.

Logo que uma daquelas empregadas saía, eu a seguia à distância. As empregadas, como se sabe, não têm muitas distrações e aproveitam toda saída para se encontrar com uma amiga ou, então, com o noivo. A empregada, então, soltava o cachorro, que desembestava, farejando e levantando a pata a cada canto. Logo que via a empregada distraída, me aproximava do cachorro, jogava-lhe rápido a cordinha no pescoço e dava no

pé. Depois, difícil era chegar em Tormarancio onde morava. Mas um pouco a pé, um pouco com uns motoristas de táxi que moravam por aquelas bandas, chegava na Garbatella. De lá, ia de camionete para casa. Dá até vontade de rir: para casa.

Digamos antes que ia para um canto de quarto num daqueles cortiços de Tormarancio, que o Bonifácio, um operário amigo meu, alugava junto com uma cama de campanha. No mesmo quarto dormiam ele, a mulher e três filhos, e assim, de noite, era colchão estendido por toda parte e para sair era preciso que alguém se levantasse e enrolasse o seu. Eu deixava o cão no depósito de Bonifácio que conhecia o meu negócio, e no dia seguinte me dirigia ao prédio de onde vira sair a empregada. Dizia ao porteiro que tinha achado um cachorro assim e assado. Logo me chamavam, e me faziam entrar num hall inteirinho de mármore e de espelhos e quase me abraçavam de gratidão. Na manhã seguinte trazia o cão de volta, pegava a recompensa e depois recomeçava.

Um dia, com o mesmo método da cordinha, peguei um cão estranho, nunca visto antes: parecia um leão, com a cabeça grande, redonda, a juba, o corpo com o pêlo curto, o focinho pequeno e a língua de um preto violáceo. Era um bicho manso mas pouco esperto, antes triste e como que preocupado, e me seguiu cabisbaixo, como se já soubesse o que o esperava. Estava chovendo naquele dia, eu vestia só um jaleco puído e uma blusa por baixo, os sapatos estavam furados e, enfim, apanhei tanta chuva que na camionete batia os dentes e ao mexer os dedos dospés sentia escorrer água da meia e do couro do sapato.

Em Tormarancio, então, a chuva, como sempre, já que fica no fundo do vale, tinha alagado as casas e desse modo, em lugar de calor no quarto de Bonifácio, encontrei água, com a mulher berrando de desespero, os filhos chorando e ele tentando montar passarelas no soalho inundado. Fui para a cama, sem janta, naquela mesma noite me deu uma febre e no dia seguinte continuei deitado. A febre não me largou por uma semana inteira. Eu ficava

num canto, na cama de campanha, embaixo de dois varais, e sticados de uma parede à outra, em que estavampendurados meus quatro trapos, e olhava do fundo da febre para o quarto, com todos os colchões enrolados nos cantos, e outros varais com outros trapos pendurados que se cruzavam em todas as direções, e no chão algo mais viscoso espalhado em manchas que se moviam e eram baratas que a cada chuva saem dos tijolos das paredes apodrecidas. Estava quase escuro, porque não parava de chover, e de cada três janelas, duas tinham papelão em lugar de vidros. A mulher de Bonifácio cozinhava no quarto ao lado e eu sempre sozinho e atb que gostava, porque quando estou

doente não tenho vontade de conversar: penso muitas coisas e fico calado. O cão, ele estava muito bem e eu, para que não ficasse doente com a umidade, com serragens e trapos fiz uma caminha para ele, bem embaixo da minha, e de vez em quando esticava a mão e acariciava sua cabeça. Estava com uma febre bem alta, ardendo, e assim mesmo sb pensava no cachono e dava sempre dinheiro à mulher de Bonifácio para que lhe comprassé comida, não tanto pela recompensa mas porque gosto dos bichos e não gosto de judiar deles. No sétimo dia comecei a delirar, e fiquei com a idéia fixa de que me queriam tirar o cachono e pedi a Bonifácio ue o usesse em cima da minha cama. Ele o pôs, eu,

então,abracei o cão com força, entenando o rosto naquele seu pêlo muito quente e dormi abraçado a ele: o cão não se mexia. Durante a noite, talvez por causa da juba do cachono, suei tanto que fiquei ensopado de torcer, depois me senti como que desligado e de manhã não tinha mais febre nenhuma. O cão, durante a noite inteirinha, não se mexera nenhuma vez e quando eu acordava sentia-o respirar no meu rosto, com o fôlego um tanto curto, talvez porque eu o estivesse apertando com muita força. Passei ainda alguns dias de resguardo, enquanto isso o sol

voltara e eu ia passear entre as casas de Tormarancio, puxando o cão por uma cordinha. Fora de Tormarancio há uns barracos piores do que as casas de Tormarancio e imagine só o que podem ser: tábuas e tambores de gasolina, telhados de flandre ondulado, cerquinha de sabugueiro em volta, e as portas tão baixas que, para entrar, é preciso se abaixar. Num daqueles morava um chinês desses que vendem gravatas. Tinha chegado ali há alguns anos e foi ficando, vivia com uma mulher a quem chamavam de Bobeira. Ela merecia o apelido; era magra, branca, enxuta, com um rosto comprido e umas enormes sobrancelhas pretas e olhos escuros. Tinha cabelos bastos e pretos, macios como seda e quando passava batom, atb que ficava bonita. O chinês era um chinês; visto de costas podia até passar por um italiano, baixo e atanacado que era: mas depois virava-se e dava para ver que era chinês. Fui, então, passear com o cachono na frente do barraco do chinês e logo os dois apareceram, ela com um balde cheio de água que quase me acerta na perna e o chinês com uma panela na mão: vivia cozinhando. O chinês se aproximou e disse em bom italiano:

- Este é um cachorro da minha terra... é um cão chinês. E me explicou que esses cachorros, na China, são tão comuns como os vira-latas aqui. Disse que, se eu quisesse, ele ficava com o cachono,

porque lhe lembrava sua tena e trataria bem dele. Mas não podia me dar nada, só um par daquelas gravatas de seda natural; e eu, recusei; que gravata que nada, eu queria só a recompensa. Bobeira, com o balde na mão, gritou:

- Luís, como é, vai dar o cachono ou não? provocante, alegre, pulando de uma poça à outra com suas pernas compridas, magras e brancas.

Embora ainda estivesse doente, não pude deixar de sentir tesão por ela, tão magra e branca, com aQuelas enormes sobrancelhas

pretas. Mas não disse nada e voltei para a casa de Bonifácio.

No dia seguinte fui a Roma, naquele prédio de onde eu tinha visto a empregada sair com o cachono. Mas azar é azar:

- Era uma família de americanos me disse a zeladora e partiram ontem mesmo... fizeram história por causa do cachorro, mas depois precisaram partir e partiram.

Lá estava eu, então, com um cão de raça sem saber o que fazer com ele. Primeiro pensei em vendê-lo mas ninguém o queria: olhavam meus trapos e depois diziam que era coisa roubada, o que era verdade. Por outro lado, não gostaria de ter que levá-lo à Prefeitura porque mandariam matá-lo, coitado do bicho, e eu não podia me esquecer daquela noite que ele me curou com seus pêlos sem se mexer nem um pouco. Enquanto isso, porém, saía caro, porque comia muito e não era um cão pequeno.

Um dia, depois do almoço, em vez de ir à cidade, saí de Tormarancio que com o sol, do pântano que era, agora se tornara uma mina de poeira, e subi um dos morros dos arredores. Já era primavera, sem uma nuvem no céu, com o ar ameno e o sol, e até Tormarancio, vista lá de cima, com todas aquelas casinhas compridas e baixas de telhados vermelhos, parecia menos cortiço do que era. O morro estava coberto de relva macia, fresca e verde que dava gosto olhar, e aqui e ali parecia ter nevado por causa das margaridas que cresciam

densas e ocultavam a relva. Pus-me a passear de um mono a

outro, as mãos no bolso, assobiando: a doença me fizera bem e

eu ' sentia uma espécie de esperança no coração, ao olhar o

horizonte cheio de sol, com umas imensas borboletas brancas acasaladas que pareciam voar ao seu encontro. O cão, é esquisito, tinha se tornado esperto até e pôs-se a correr na minha frente.

Depois voltava para trás e latia para mim. Tudo, porém, de modo desajeitado e pesado, de bicho triste que era. A uma certa altura desci no fundo do vale e costeei um riacho, entre dois morros altos. Em

seguida, ouvi o cachorro latir, ergui os olhos e vi Bobeira passeando também, completamente sozinha, os cabelos soltos nos ombros, um talo de mato entre os dentes, as mãos nos bolsos do avental listrado. Ela parou e se abaixou para agradar o cachorro e depois disse, sorrindo:

- Como é, vai dar ou não? E eu, antes mesmo de pensar no assunto, respondi: Dou, mas com uma condição.

Em suma, fizemos amor no chão, entre os dois morros altos, perto do riacho. O cão, enquanto isso, bebia água no riacho com sua língua roxa e depois foi sentar na relva, não muito longe da gente, e ; ; ficou ali olhando, que até me deixou sem jeito. E eu fiz o que fiz não ;

só porque a mulher me agradava mas também porque me agradava dar o cachorro em troca de um pouco de amor: porque tinha me afeiçoado a ele e achava que desse modo seria pago pelo que valia.

Por fim, nos levantamos e Bobeira pegou a cordinha do cachorro, dizendo:

- Ele vai ficar contente, porque vai lembrar da terra dele. Eu fiquei onde estava, olhando enquanto se afastava com o cão, ainda gostando dela. Depois, deitei no chão e dormi umas boas horas.

Na manhã seguinte fui à cidade e fiquei lá até de noite, com um bassé que pegara pelos lados da praça Santiago do Chile.

Dormi num albergue público e em seguida voltei a Tormarancio.

Mais tarde, depois do almoço, saí para passear com o bassé e, não sei como, fui parar na frente do barraco do chinês. Bobeira não estava, devia ter ido a Roma. Mas ele estava e saiu com um balde de lixo que jogou atrás do barraco. Não sei por que, queria que ele me agradecesse pelo cachorro e perguntei-lhe onde estava. Ele sorriu, fez-me um gesto que não entendi e depois voltou ao barraco. O bassé fuçava na sujeira, eu me aproximei, e então vi, entre os papéis e os caroços, a pata do cachorro, suja de sangue, mas com

todo o pêlo.

Mais tarde me contaram que na terra deles comem cachorros, todos comem, e não há nada de mal nisso. Mas naquela hora o sangue me subiu à cabeça; entrei no barraco, ele estava de costas, mexendo no fogão. Virou-se sorrindo, com um prato que continha uma carne escura num molho; e compreendi o que era a carne do cachorro que ele me oferecia para experimentar. Com um soco, joguei-lhe o prato na cara, berrando:

- Assassino, o que fez com o cachorro? e logo me dei conta de que ele não entendia por que eu estava com tanta raiva. Conseguiu esear, saiu do barraco e foi correndo para Tormarancio. Peguei uma pedra e atirei nele, fui atrás e agarrei-o pelo colarinho.

Apareceu tanta gente; e ele, com a cara espantada e toda borrada de molho de carne, repetia:

- Segurem esse doido; eu o sacudia pelo colarinho e me esgoelava:

- O que fez com o cachorro?... Assassino... O que fez com o cachorro? Finalmente nos separaram; Bonifácio e os outros me enfiaram na camionete que ia para Roma.

Naquele mesmo dia devolvi o bassé aos donos e recebi a recompensa. Mas não voltei a Tormarancio. Não tinha pertences e não tinha deixado nada na casa de Bonifácio. Estava lhe devendo um mês e pensei que há males que vêm para bem. Por outro lado, essa história do cão chinês me deu um desgosto com a profissão que resolvi mudar. Tornei-me vendedor ambulante, andando com um carrinho cheio de tudo quanto é coisa:

azeitonas, doces, sementes de abóbora, castanhas secas, amendoins, figos secos e nozes.

Enchia saquinhos o dia inteiro, na ponte nova, na entrada do túnel do Gianicolo e, bem ou mal, ia vivendo. Naquela época estava sempre triste e a

vida não significava nada para mim,talvez por causa do cachorro. Só uma vez vi Bobeira, de longe,mas não falei com ela: se me contasse que ela também tinha comido o cachorro, acho que a teria matado.

MARIO

Foi assim. De manhã cedo, levantei quando a Filomena ainda estava dormindo, peguei a sacola de ferramentas, saí de casa sem dar na vista e fui ao Monte Parioli, na rua Gramsci, onde havia um aquecedor vazando. Quanto tempo teria gasto no conserto? Umas duas horas, certamente, porque precisei trocar o cano. Terminado o serviço, tomei um ônibus e um bonde para voltar à rua dos Coronari, onde tenho casa e oficina. Repare no tempo: duas horas em Monte Parioli, meia hora para ir, meia hora para voltar: três horas ao todo. O que são três horas?muito ou pouco, eu acho, conforme o caso. Eu tinha levado três horas para trocar um cano de chumbo: outro, no meu lugar...

Mas vamos por ordem. No começo da rua dos Coronari, enquanto seguia depressa ao longo dos muros, ouvi que chamavam meu nome. Virei-me: era da Fé, a velha dona de pensão que mora em frente da gente. A da Fé, coitada, tem umas pernas tão grossas, por causa da gota, que parece um elefante. Disse,arquejando:

- Que siroco, hoje... vai subir? me dá uma mão com esse cesto?

Respondi que ajudaria de bom grado. Passei a sacola de ferramentas para o outro ombro e peguei o cesto. Ela foi andando ao meu lado, arrastando aquelas duas colunas de pernas embaixo do casacão. Daí a pouco, perguntou:

- E a Filomena,onde está?

Respondi:

- "Onde havia de estar? Em casa.

- Pois é, em casa disse ela cabisbaixa claro. Perguntei, por perguntar: -

Por que claro?

E ela:

- Claro... claro, meu pobre filho.

Desconfiado, deixei passar um tempo e depois insisti:

- Por que meu pobre filho?

- Porque tenho dó de você, disse aquela bruxa sem me fitar.

- Ou seja?

- Ou seja, já não é como antigamente... as mulheres hoje não são mais como no meu tempo.

- Por quê?

- No meu tempo, o sujeito podia deixar a mulher em casa, tranquilo... como a deixava, assim a encontrava na volta. .
. mas hoje...

- Hoje?

- Hoje não é assim... chega... pode me dar o cesto: muito obrigada.

Já então toda a alegria daquela manhã sumira com o veneno.

Disse, puxando o cesto para trás:

- Não devolvo se não me explicar... o que tem a Filomena a ver com tudo isso?

- Eu não disse nada, falou ela, mas um homem prevenido vale por dois.

- Mas e daí gritei o que foi que a Filomena fez?

- Pergunte à Adalgisa, respondeu ela; e dessa vez agarrou o cesto e se afastou com agilidade de que não a julgava capaz, quase correndo com seu casaco comprido.

Achei que não tinha mais cabimento ir à oficina, e dei marcha- à- ré para procurar Adalgisa. Por sorte, ela também

morava na rua dos Coronari. Adalgisa e eu tínhamos sido noivos antes que eu encontrasse Filomena. Tinha ficado para titia e estava desconfiado de que a história sobre Filomena ela mesma

tinha inventado. Subi quatro andares, bati forte com o punho fechado, por pouco não lhe acertei a cara, quando ela abriu a porta de repente. Estava de mangas arregaçadas, com uma vassoura na mão. Disse bem seca: "Gino o que você quer?" Adalgisa é uma moça não muito alta, atraente, mas com a cabeça um pouco grande e o queixo saltado. Por causa do queixo, é chamada de queixuda. Mas ninguém pode tocar no assunto. Eu, furioso, ao contrário, lhe disse:

- Foi você, queixuda, quem espalhou o boato de que Filomena, quando estou na oficina, fica fazendo não sei o que em casa?

Ela me encarou com dois olhos de raiva:

- Você preferiu a Filomena... agora fique com ela. Mário Entrei e agarrei-a pelo braço. Mas logo soltei porque ela me fitou quase com esperança. Disse:

- Então, foi você?

- Não fui eu... do modo como recebi, passei adiante.

- E quem te passou?

- Giannina.

Não disse nada e fui saindo. Mas ela me segurou e acrescentou, encarando-me, provocante:

- E não me chame mais de queixuda.

- Por que, você não tem uma queixada? respondi, soltandome e descendo a escada à toda.

- Melhor queixada do que chifre, gritou ela, debruçando no corrimão.

Agora começava a me sentir mal. Não me parecia possível que Filomena estivesse me traindo, visto que nos três anos que estávamos casados, ela vivia me cobrindo de carinhos. Mas veja só o que é o ciúme. Esses mesmos carinhos, à luz das conversas de da Fé e de Adalgisa, me pareciam uma prova de traição.

Chega, Giannina era caixa num bar ali perto, ainda na rua dos Coronari. Giannina é uma loira aguada, com os cabelos lisos e os olhos de porcelana azul. Calma, lenta, pensativa. Fui até o caixa e sussurrei: “Me diz uma coisa, foi você quem inventou que a Filomena, quando eu não estou, recebe gente em casa?”

Ela estava atendendo um freguês. Bateu com os dedos nas teclas da máquina registradora, destacou o tíquete, anunciou sem erguer a voz:

- Dois cafés..; em seguida, perguntou, tranqüila:

- O que você está me dizendo, Gino?

Repeti a pergunta.e ela entregou o troco ao freguês e depois respondeu:

- Pelo amor de Deus, Gino, você acha que eu sou capaz de inventar essas coisas sobre a Filomena... minha melhor amiga?

- Então a Adalgisa andou sonhando.

- Não ela corrigiu não... não sonhou não... mas eu não inventei... eu repeti.

- Que bela amiga, não pude deixar de exclamar.

- Mas eu até disse que não acreditava... isso, com certeza a Adalgisa não te contou.

- E quem foi que te contou?

- Vicentina... veio da lavanderia só para me contar. Saí sem me despedir e fui direto à lavanderia. Da rua, logo pude ver a Vicentina, parada em pé diante da mesa, apoiando o peso dos dois braços em cima do ferro,

passando. Vicentina é uma moça miudinha, com um rosto achatado, de gato, bem morena,viva. Sabia que tinha um fraco por mim e, realmente, ao primeiro sinal que fiz com o dedo, ela foi logo largando o ferro e saiu. Disse esperançosa: - Gino, benza Deus, você por aqui.

Respondi:

- Sua bruxa, é verdade que anda dizendo por aí que a Filomena, quando estou na oficina, recebe homens em casa?

E ela, um tanto desiludida, requebrando, as mãos no bolso do avental :

- Te magoaria?

- Responda insisti:

- foi você quem inventou essa infâmia?

- Uh, como é ciumento disse ela, erguendo os ombros que coisa! uma mulher agora não pode fazer meia dúzia de fococas com um amigo...

- Então foi você.

- Ouça,.tenho dó de você me disse a víbora de repente; que é que eu tenho a ver com as coisas da sua mulher?... eu não inventei nada... foi Agnes quem falou... ela até sabe o nome dele.

- Como se chama?

- Vá perguntar a ela.

Já tinha certeza de que Filomena me traía. Sabiam até o nome.

Pensei involuntariamente:

- Por sorte não tenho na sacola nenhuma ferramenta grande, do contrário, poderia perder a cabeça e matá-la.” Não conseguia acreditar; Filomena, minha mulher, com um ? outro. Entrei na tabacaria onde Agnes vendia cigarros no lugar do pai. Joguei o dinheiro no balcão, dizendo:

- Dois nacionali.

Agnes é uma mocinha de dezessete anos, com uma floresta de cabelos crespos e arrepiados na cabeça. Tem uma cara cheia, lambuzada de pó de arroz cor-de-rosa, pálida, descorada, dois olhos pretos como duas bagas de louro. Eu a conhecia como todos, na rua dos Coronari. E como todos sabiam, também eu sabia que era interesseira, capaz, por dinheiro, de vender a própria alma. Enquanto me entregava os cigarros, me abaixei e perguntei:

- Diga, como é que se chama?
- Mas quem? respondeu ela espantada.
- O amigo de minha mulher.

Fitou-me estarrecida: eu devia estar com uma cara terrível.

Disse logo:

- Eu não sei de nada.

Tentei sorrir: "Vamos, diga-me... afinal, todos já estão sabendo, só eu é que não sei. Mário

Me encarava, balançando a cabeça; aí acrescentei:

- Olha, se me disser te dou isso. E puxei do bolso uma nota de mil que recebera pelo conserto naquela manhã.

Quando viu o dinheiro, ela ficou perturbada, como se lhe tivesse falado de amor. Seus lábios tremeram, olhou à sua volta e depois colocou a mão sobre a nota, dizendo baixinho:

- Mário.
- E como foi que soube?
- Pela sua zeladora.

Então era verdade, mesmo. Como na brincadeira do frio e do quente, agora já estávamos no meu prédio. Logo vamos estar no meu apartamento. Saí da tabacaria e fui correndo para casa, alguns portões mais adiante. Ia repetindo:

- Mário”, e todos os Mários que eu conhecia desfilavam diante dos meus olhos: Mário leiteiro, Mário o ebanista, Mário o fruteiro, Mario o filho do porqueiro, Mário, Mário, Mário... Em Roma devia existir um milhão e na rua dos Coronari uns cem. Entrei no portão do

prédio, fui direto à gaiola da zeladora. Velha e bigoduda como da Fé, estava de pernas abertas, um fogareiro entre os pés e um maço de chicória para limpar no colo. Perguntei, me aproximando:

- Me diga uma coisa, foi você quem andou inventando que a Filomena, na minha ausência, recebe um tal de Mário?

Irritada, respondeu no ato:

- Mas quem está inventando o quê?foi sua mulher quem me disse.

- Filomena?

- Pois é... ela me disse: vai chegar um rapaz assim e assado que se chama Mário... se o Gino estiver em casa, diz para ele não subir... mas se o Gino não estiver, então mande subir... agora está lá em cima.

- Está lá em cima?

- Se está, vai fazer uma hora que subiu.

Então, não só Mário existia, mas estava agora com Filomena, em casa, há uma hora. Me atirei pelas escadas, subi correndo três andares, bati. Filomena mesma veio abrir: e logo vi que ela,sempre sossegada e serena, parecia assustada. Disse:

- Muito bem... quando não estou, você recebe o Mário.

- Mas como assim?. . começou ela.

- Eu sei de tudo, e fui entrando. Daí, ela me barrou a passagem, dizendo:

- Esquece... que lhe interessa? Volte mais tarde.

Dessa vez não vi mais nada. Dei-lhe um bofetão, gritando: “Ah, é assim, não deve me interessar? e depois, com um empurrão,

joguei-a de lado e corri até a cozinha.

Ao diabo as fofocas das mulheres e ao diabo as mulheres. Lá estava, claro, o Mário, sentado à mesa, tomando café com leite, mas não era o Mário ebanista, nem o Mário fruteiro, nem o Mário filho do porqueiro, nem mesmo qualquer um dos muitos Mários em que ! tinha pensado na rua. Era simplesmente Mário, o irmão de Filomena, que passara dois anos na cadeia por roubo e arrombamento. Eu, sabendo que um dia iria sair, tinha lhe dito:

- Olhe, não quero você mais aqui na minha casa... não quero nem ouvir falar em você. Mas ela, coitadinha, que gostava do irmão apesar de gatuno, quis recebê-lo mesmo na minha ausência. Mário, quando me viu tão fora de mim, pôs-se de pé. Disse, ofegante:

- Olá, Mário.

- Estou indo disse ele, sem graça.

- Não tenha medo... estou indo... Qual é?... nem que eu fosse um empestado.

Ouvia Filomena soluçando no corredor e aí senti vergonha do que fizera. Disse, confuso:

- Não, fique... fique por hoje...fique para almoçar... não é verdade, Filomena?, acrescentei,voltandome para ela que tinha se aproximado da porta, enxugando as lágrimas “que o Mário pode ficar para almoçar?

Foi isso, remediei o melhor que pude, depois fui até o quarto,chamei Filomena, dei-lhe beijo e fizemos as pazes. Faltava,porém, o fato das fofocas. Hesitei e depois disse ao Mário:

- Vamos, Mário... vamos até a oficina: pode ser que o patrão lhe arranje alguma coisa. Ele me acompanhou; quando estávamos na escada, acrescentei:

- Ninguém te conhece aqui... você, esses anos, trabalhou em Milão...

combinados?

- Combinados.

Descemos as escadas. Quando chegamos na gaiola da zeladora, peguei Mário pelo braço e o apresentei, dizendo: “Este é o Mário... meu cunhado... veio de Milão... agora vai ficar conosco.

- Muito prazer, muito prazer.

- O prazer é todo meu, pensei, saindo à rua. Por causa das fofocas das mulheres tinha gasto mil liras; e, agora, ainda por cima, também tinha um ladrão dentro de casa.

OS AMIGOS SEM DINHEIRO

Falam tanta coisa sobre a amizade, mas, afinal, o que significa ser amigo? Será suficiente, como fiz eu, por cinco anos seguidos, encontrar no bar da praça Mastai sempre a mesma turma, jogar sempre com os mesmos jogadores, discutir futebol sempre com os mesmos torcedores, ir passear juntos, no estádio, no rio, comer e beber juntos na mesma cantina? Ou então será necessário, de agora em diante, dormir na mesma cama, comer com o mesmo talher, assoar o nariz no mesmo lenço?

Eu, quanto mais penso nesse negócio de amizade, mais fico confuso. Acreditamos durante anos e anos que somos íntimos, unha e carne como se diz, que nos gostamos, que somos irmãos. E mais tarde, de repente, descobrimos que, ao contrário, os outros tinham mantido as devidas distâncias, nos criticavam e até ficavam com o saco cheio da gente e, enfim, não sentiam por nós, não falo no sentimento da amizade, porém nem mesmo o da simpatia. Mas então, digo eu, a amizade é um hábito como

tomar café ou comprar jornal; uma comodidade como a poltrona e a cama; um passatempo como o cinema e a meia- garrafa? Mas, se é assim, por que a chamam de amizade e não a chamam de um outro nome qualquer?

Bom, eu sou um homem com o coração na mão, daqueles que não acreditam no mal. Desse modo, naquele inverno, após ter tido pneumonia, entre o médico que me dizia que eu precisava de pelo menos um mês na praia, e o dinheiro que faltava porque as poucas economias tinham ido com médicos e tratamentos, disse à minha mãe que as trinta mil libras necessárias eu pediria emprestado aos amigos do bar da praça Mastai. Minha mãe não é como eu: quanto mais eu sou entusiasta, crédulo, atirado, mais ela é cética, amarga, prudente. Assim, naquele dia, sem se virar do fogão, respondeu:

- Mas que amigos, se durante a doença nem um cachorro veio te visitar? Fiquei perturbado com a frase, porque era a verdade, mas logo me recobrei, explicando que todos eram gente muito ocupada. Ela balançou a cabeça, mas não disse nada. Era noite, a hora em que todos se reuniam no bar.

Me agasalhei bem, porque era a primeira vez que estava saindo, e lá fui eu.

Ao me aproximar do bar, mal me agiientando nas pernas de tanta fraqueza, estou falando a verdade, sorria a contragosto e sentia que o sorriso iluminava como um raio de sol meu rosto abatido e embranquecido pela doença. Sorria de alegria antecipada porque imaginava a cena: eu aparecendo à porta, eles que me olhavam por um instante e depois se levantavam todos juntos e vinham ao meu encontro; e um me dava um tapinha nas costas, outro me pedia notícias da saúde, outro ainda me contava o que acontecera na minha ausência. Percebia, enfim, pelo sorriso, que gostava de meus amigos; e

aquele encontro me fazia estremecer um pouco como quando se revê, depois de muito tempo, a mulher amada. Sentia o sentimento da amizade e, como acontece, achava que aquilo que eu sentia os outros também deveriam sentir.

Quando cheguei no bar vi, ao contrário, que estava deserto. Só estavam o balconista, Savério, ocupado em limpar o balcão e a máquina de café, e Mário, o dono, lendo o jornal, sentado no

caixa. O rádio ligado estava tocando em surdina uma música para dançar. Eu e o Mário, um rapagão alto e desajeitado, com a cabeça pequena, olhos de mulher sempre pisados e lânguidos, éramos irmãos, pode-se dizer. Tínhamos crescido juntos na mesma rua, tínhamos ido juntos à escola, tínhamos servido juntos. Feliz, trêmulo, fui me aproximando dele que lia e disse num sopro, pois, um pouco de fraqueza e outro tanto de alegria, estava quase sem voz:

- Mário.

- Oh, Gigi, disse ele, erguendo os olhos, com voz normal, “quem está vivo sempre aparece... o que foi que aconteceu?

- Pneumonia e estive muito mal... precisei tomar penicilina...nem te conto o que passei.

- Verdade?, disse ele, dobrando o jornal e olhando para mim: dá para ver... está meio abatido... mas já sarou?

- Sim, serei... é modo de dizer, porém... não me aguento em pé... o médico diz que precisaria passar pelo menos um mês na praia...

Os amigos tem razão... são doenças perigosas... toma um café?

- Obrigado... e nossos amigos?

- Savério, um café para o Gigi... Nossos amigos? Saíram agorinha mesmo para ir ao cinema.

Daí, abriu novamente o jornal, como que desejoso de continuar a leitura. Disse:

- Mário...

- O que foi?

- Olhe, precisaria de um favor seu... para passar um mês na praia é preciso de dinheiro... eu não tenho nenhum...poderia me emprestar dez mil liras? Logo que retomar os negócios, devolverei.

Ele me fitou com aqueles seus olhos pretos e lânguidos, por um longo instante. Depois disse:

- Vamos ver, e abriu a gaveta da máquina registradora.

- Olhe, disse em seguida, mostrando-me a gaveta quase vazia, não tenho nada mesmo... acabei de fazer um pagamento... sinto muito.

- Como não tem? disse confuso,dez mil liras não é muito. ..

- Aliás é pouco, disse ele, mas quanto a ter... Como que por uma repentina inspiração, ergueu os olhos para o balcão e gritou:

- Savério, você teria dez mil liras para emprestar aqui ao Gigi?" O balconista, um coitado com família, naturalmente respondeu:

- Seu Mário... dez mil liras, eu? Então, Mário se voltou para mim e disse:

- Sabe quem lhe pode emprestar? Egisto... a loja dele está indo bem... ele eertamente vai lhe emprestar. Não disse nada: estava gelado. Mas para manter as aparências, tomei o café e depois quis pagá-lo eu mesmo. Ele entendeu e disse:

- Sinto muito, sabe...

- Imagine, respondi, e saí.

Egisto era outro desses amigos queridos que eu vira todos os dias durante anos. Na manhã seguinte, logo cedo, saí de casa e fui atrás do Egisto. Tinha uma loja de móveis usados atrás da praça Navona, na rua di Parione. Quando cheguei diante da loja, logo o vi através das vidraças da porta, em pé no meio de pilhas de cadeiras e de bancos, com uma cômoda no fundo, de

casaco, com a gola levantada na nuca e as mãos no bolso.

Egisto era um tipo comum: nem alto nem baixo, nem magro nem gordo, com uma cara prudente e irritada. Estava sempre ora com um, ora com outro olho vermelho e meio fechado, por causa de um terçol; roía as unhas a fundo, até a carne. Apesar de me sentir já menos entusiasmado, quando chamei

- Egisto ainda havia um tremor de alegria em minha voz. Ele disse: -

Olá, Gigi, friamente; mas não fiz caso porque sabia que ele tinha temperamento frio. Entrei e disse francamente:

- Egisto, vim lhe pedir um favor.

Ele respondeu:

- Enquanto isso feche a porta porque esfá fazendo frio. Fechei a porta e repeti a frase. Ele foi até o fundo da loja, num canto escuro onde havia uma escrivaninha velha e uma cadeira e sentou, dizendo: - - Mas você esteve doente... conte como foi... o que você teve?

Vi pelo tom que queria falar da doença para evitar a conversa sobre o favor que viera lhe pedir. Encurtei o assunto, respondendo secamente:

- Tive pneumonia.

- Verdade?... E vai dizendo assim? Conte como foi...

- Não é sobre isso que eu queria conversar com você, disse; o favor primeiro... precisaria urgentemente de quinze mil liras...

empreste-me: daqui a um mês eu devolvo. Aumentara a

soma porque, tirando o Mário, agora sobravam apenas dois que podiam me emprestar.

No ato, ele começou a roer a unha do indicador e depois atacou o médio. Finalmente disse, sem me encarar:

- Quinze mil liras eu não posso emprestar... mas posso te indicar um jeito de ganhar quinhentas liras por dia e até mil, sem esforço.

Olhei para ele, confesso, quase com esperança:

- E como? Ele abriu a gaveta da escrivaninha, tirou um recorte de jornal e me entregou, dizendo:

- Leia aqui. Peguei e li: De quinhentas a mil liras você pode ganhar sem esforço, em sua casa, fabricando objetos artísticos referentes ao ano santo. Enviar quinhentas liras para caixa postal, etc. , etc.

Por um instante fiquei boquiaberto. É preciso saber que eu já conhecia aquele anúncio: tratava-se de uns vigaristas de subúrbio que se aproveitavam da credulidade dos pobres. Você mandava quinhentas liras e em troca recebia um molde de papelão com os furos para preencher com tinta nanquim, sobre cartões postais. Saía o perfil de São Pedro. Em seguida, era preciso vender os cartões, e eles diziam que, dada a grande afluência de peregrinos, podia-se vender facilmente de cinqüenta a cem por dia, a cinqüenta liras cada um. Devolvi o recorte, observando:

- Pensei que fosse meu amigo.

Agora ele estava roendo a unha do anular. Respondeu sem erguer os olhos:

- E sou...

- Tchau, Egisto...

- Tchau, Gigi.

Da rua di Parione fui tomar o ônibus no corso Vittorio e me dirigi à rua dos Quattro Santi Coronati. Ali ficava o outro amigo com quem esperava contar para o empréstimo: Atílio. Era o terceiro e o último porque os outros da turma eram pobres e,

mesmo que quisessem, não poderiam me emprestar nem um centavo.

Eu tinha calculado direito, como pode ver: Mário tinha um bar bem montado. Egisto trambicava à beça com seus móveis usados, e o Atílio, então, enfiava a faca com uma garagem, alugando carros e fazendo consertos. Eu e ele também, pode-se dizer, éramos irmãos: eu até era padrinho de batismo da

filha dele.

Eneontrei-o estendido debaixo de um carro, na calçada, a cabeça e o peito embaixo e as pernas de fora. Chamei:

- Atílio, mas desta vez minha voz não tinha mais nenhum tremor. Ele continuou labutando ainda um instante e depois saiu devagarinho, enxugando a cara toda suja de óleo de motor

com a manga do macacão. Era um homem atarracado, uma cara sombria, cor de pão cru, olhos pequenos, testa curta, e uma velha cicatriz na sobrancelha direita. Foi logo dizendo: “Olhe Gigi, se é por um carro, nada feito... estão todos na rua e o furgão está consertando.

Respondi:

- Não se trata de um carro... vim te pedir um favor: me empreste vinte e cinco mil reais.

Fitou-me carrancudo, e depois disse:

- Vinte e cinco mil reais.. . mas é pra já... espere aí; e eu fiquei espantado porque já nem estava mais esperando. Foi até o paletó pendurado num prego dentro da garagem, tirou a carteira e depois veio ao meu encontro, perguntando:

- Quer em notas de mil ou de cinco mil?

- Como for melhor para você; não importa...

Fitava-me fixamente, com uma cara que parecia cheia de uma ameaça que eu não entendia. Insistiu:

- Ou talvez prefira uma parte em notas de cem?...

- Obrigado, em notas de mil está bom.

- Mas quem sabe, disse de repente como que tomado de uma desconfiança, você precise de trinta mil... se precisa, então diga, não tenha medo.

- Bem, você adivinhou, trinta mil... é justamente a quantia

de que preciso.

- Estenda a mão.

Estendi a mão. Aí, ele deu um passo atrás e disse com uma voz ameaçadora: “Diga a verdade, você acreditou, seu besta, que o dinheiro que tanto me custa ganhar, eu ia gastar com um vagabundo como você... acreditou, hein? Mas se enganou.”

- Mas eu...

- Mas você é uma besta... nem cem liras... trabalhe, arranje o que fazer ao invés de passar o tempo no café...

- Podia ter dito logo, comecei enfurecido, isso não se faz...

- E agora vá indo, disse ele, vá depressa... cai fora. Não pude mais me segurar e disse:

- Patife.

- Hein, o que foi que disse? gritou ele, agarrando um pedaço de ferro, repete.

Enfim, precisei me mandar, senão me acertava. Voltei para casa, naquela manhã, achando que tinha envelhecido uns dez anos. Para minha mãe, que da cozinha me perguntou:

- E aí, seus amigos te emprestaram o dinheiro?- respondi:

- Não os encontrei.

- Mas, na mesa, vendo-me aflito, ela disse:

- Confesse a verdade: não quiseram te emprestar... por sorte, você tem sua mãe... olhe o dinheiro”; e tirou do bolso três nota de dez mil, mostrando-as. Perguntei- lhe como tinha conseguido, e ela respondeu que o amigo do pobre é o prego da Caixa; querendo dizer com isso que tinha empenhado alguma coisa para arranjar o dinheiro. Tinha, realmente, empenhado os ouros; e, até hoje, não pôde retirá-los. Bem, passei um mês em Santa Marinella. Andava de barco, de manhã, ao sol, e, de vez em quando, inclinando-me para olhar dentro

da água todos os peixes grandes e pequenos que nadavam por ali, me perguntava se, pelo menos entre os peixes, havia amizade. Entre os homens não, embora a palavra tenha sido inventada por eles.

BU BU BU

Lá pela meia-noite deixei os patrões em casa e depois, em lugar de levar o carro para a garagem, fui para minha casa, tirei o uniforme de motorista, enfiei o terno azul de domingo e, sem pressa, dirigi-me ao encontro marcado, em via Veneto.

Jorge estava me esperando num bar, com dois clientes daquela

noite, dois sul-americanos, ela já meio passada, com os cabelos negros que pareciam tingidos, o rosto maltratado cheio de pintura e olhos azuis, esbugalhados; ele muito mais moço, com um rosto liso, manhoso, sem marcas, igual aos dos manequins dos alfaiates. Conhece Jorge? Quando o encontrei da primeira vez era um moleque com cara de anjo, loiro e rosado; era no tempo dos Aliados e ele, de anoraque e calças militares, saltitava de um lado para o outro, nos dias de tramontana, pelas calçadas do Tritone, sussurrando aos passantes:

- América. Assim, um pouco com a América e um pouco com outras coisas, começou a falar inglês e mais tarde, quando os Aliados partiram, ficou por aqueles lados, entre o Tritone e a via Veneto. Servia de guia turístico, durante o dia pelos monumentos, durante a noite pelos salões de baile, dizia ele.

Certamente, tinha se limpado: sempre com o casaco do desembarque

com o capuz nas costas, as calças justas, sapatos com fivela de latão; mas em compensação tinha enfeiado muito e não era mais o anjinho dos tempos do mercado negro: já careca na testa e nas têmporas, olhos azuis como que de vidro, as faces descarnadas e sem cor, a boca demasiado vermelha, com um quê e debochado e de violento. Jorge, então, me apresentou como um amigo e os dois sul-americanos logo se puseram a conversar comigo naquilo que eles pensavam ser italiano e que, ao contrário, era espanhol puro e simples. Jorge não parecia satisfeito e me

disse em voz baixa que os dois eram vidrados em lugares equívocos, freqüentados pelos marginais, e em Roma não havia desses lugares, e ele não sabia como satisfazê-los. A mulher, de fato, naquele italiano que era mais espanhol, me disse rindo que Jorge não era gentil, e que não servia para guia: eles queriam ir nos lugares onde se reuniam os pistoleiros. Eu perguntei que diabo eram os tais dos pistoleiros; e Jorge interveio, de mau humor, explicando que pistoleros eram assassinos, ladrões, rufiões e que tais, que nas cidades da América do Sul se reuniam, exatamente, em certos lugares tranquilos, junto com suas mulheres, para preparar, numa boa, algum golpe.

Aí eu disse, decidido:

- Nada de pistoleros em Roma... em Roma tem o Papa e os romanos são todos pais de famílias... entendeu?

Ela perguntou, fitando-me seus olhos elétricos:

- Nada de pistoleros?... e por quê ?

- Porque Roma é assim... sem pistoleros.

Nada de pistoleros ela teimou, fitando-me uase com ternura, 'nenhum mesmo?

Nem mesmo um.

O marido perguntou:

- Mas então, o que fazem os romanos de noite em Roma?

Respondi a esmo.

- O que fazem? Vão ao restaurante, comem espaguete à matriciana e carneiro de leite ao forno... depois vão ao cinema... uns até vão dançar. “Fitei-o e em seguida acrescentei, pondo em prática o meu plano, conforme o combinado com Jorge: “Conheço um lugar para dançar, bem aqui perto.

- Como se chama?

- As grutas de Poppea.

- E lá tem pistoleros?

E dá-lhe com os pistoleros. Arrisquei, só para não descontentá-los:

- De vez em quando aparece um ou dois...conforme a noite.

- Seu amigo é melhor que o senhor” disse a mulher virando-se para Jorge, está vendo como tem lugar com pistoleros?...vamos, vamos às grutas de Poppea.

Então nos levantamos e saímos do bar. As Grutas de Poppea não eram muito longe, ficavam num porão dos lados da praça dell’ Esedra. Enquanto dirigia o carro e a mulher, que sentara ao Meu lado, continuava me falando dos pistoleros, eu me preparava para a emoção de rever Corsignana, pela primeira vez depois de muito tempo. Tinha acreditado que não a amava mais, mas pela agitação que me apertava o peito, via que o sentimento ainda existia. Eu não a tinha visto desde que brigamos, justamente por causa das Grutas de Poppea, onde ela cantava e dançava e onde eu não queria que ela trabalhasse; e a idéia de revê-la me deixava agitado. Até mesmo a mulher percebeu, porque de repente me perguntou:

- Luís, o senhor permite que o chame de Luís, não é? Luís, em que anda pensando, que está tão distraído?

- Não estou pensando em nada.

- Não é verdade, o senhor está pensando em alguma coisa, aposto

que é numa mulher.

Bem, chegamos às Grutas de Poppea; uma portinhola num beco, com uma lanterna e um telhadinho, falso rústico. Descemos por uma escadinha tipo romano antigo, de tijolo, lajotas meio partidas, ânforas nos nichos iluminados a neon. O sul-americano agora parecia satisfeito; porém, observou:

- Vocês italianos não conseguem se esquecer do império romano, vocês o põem por toda parte, até nos lugares noturnos.”

Respondi, entregando o casaco à mulher que cuidava da chapelaria encaixada sob um arco de travertino:

- Não nos esqueçemos do império romano porque somos os mesmos romanos de sempre... é esse o motivo.

As Grutas de Poppea eram uma fileira de saletas de tetos baixos, uma depois da outra, a perder de vista. Na saleta maior, no fundo, havia o bar, o estrado de linóleo para a dança e a orquestra. Cheirava a fumo, as Grutas de Poppea, e as vozes e a música se apagavam como que abafadas. Enquanto atravessávamos as saletas, dei uma olhada ao redor; havia pouca gente, uma meia dúzia de pessoas por sala, mas nada de pistoleros: alguns americanos, vários casais de noivos, alguns

rapazes do gênero Jorge, dois ou três pares de moças em busca de clientes. Mas Corsignana, que eu receava ver sentada numa daquelas mesas, não estava. Fomos nos sentar numa mesa da sala do bar, bem em frente do microfone e logo os garçons nos rodearam. Perguntei, a esmo, dando uma de indiferente. Por acaso canta aqui uma moça chamada Corsignana?”

- “Corsignana?... não, esta noite não apareceu, disse ateneioso um dos garçons.

- Uma moça bem morena, com os cabelos crespos, olhos pretos, uma cicatriz na face.

- Ah, a senhorita Tamara, disse obsequioso o chefe.

- Vai cantar daqui a pouco... quer que a mande para cá?

A mulher parecia incerta; mas o marido cortou logo, dizendo que teria prazer em oferecer um licor à senhorita Tamara. Em seguida pedimos as bebidas. A orquestra atacou um samba e Jorge levantou, convidando a mulher para dançar. O sul-americano e eu continuamos sentados.

Lá estava Corsignana. Saiu por uma portinha que não tinha percebido, foi até o microfone e começou a cantar. Examinei-a com atenção e logo vi que era ela mas não era mais ela. Agora estava loira, de um loiro avermelhado, cor de cenoura, com os olhos que, por contraste, pareciam dois carvões; e também estava mal pintada, com uma segunda boca de batom sobreposta à verdadeira. Vestia um corpete decotado, verde, e uma saia preta; e a única coisa que tinha sobrado da Corsignana que eu conhecia, eram os braços robustos e musculosos, com as mãos vermelhas e um tanto inchadas, braços e mãos de moça que já tinha sido operária. Também a voz tinha mudado: rouca e debochada, com umas quedas abafadas de tom que pretendiam ser sentimentais. A canção que cantava tinha um refrão que parecia um cachorro latindo para a lua: "Bu, Bu, Bu, você é um burlão, bu, bu, bu, você é um burlão, bu, bu, bu, eu não arrisco não, bu, bu, bu, só não arrisco não, bu, bu, bu, pois voce é um burlão." Era uma canção idiota e quando ela repetia "bu, bu, bu", erguia-as mãos abertas no ar, na altura das têmporas onde colocara uma flor vermelha e remexia o peito e os quadris.

Perguntei ao sul-americano:

- Gosta?

- Hermosa, respondeu ele com convicção.

Não entendi direito a palavra e fiquei quieto. Corsignana cantou durante a dança inteira, e depois Jorge e a mulher voltaram à mesa, o gerente

falou com Corsignana e ela veio à mesa, rebolando e cantarolando. Fizemos as apresentações; e ela disse, desligada:

- Oi, Luís, e eu respondi:

- Oi Corsignana; daí ela sentou, o sul-americano perguntou-lhe o que queria beber, ela respondeu logo que queria um whisky e o gerente, obsequioso, trouxe-lhe o whisky. A orquestra atacou uma rumba, levantei e convidei Corsignana a dançar. Aceitou e começamos a girar pelo estrado.

De repente eu disse:

- Você não esperava me ver de novo, não é?

Ela respondeu, enfiando um chiclé americano na boca e mascando:

- Por que? Este é um lugar público, qualquer um pode vir aqui.

- Então, está contente?

- Mais ou menos.

Não olhava para mim e virava a cabeça para o lado, mascando o chiclé. Dei-lhe um cotucão nas costas, dizendo:

- Ei, olha para mim.

- Ai, disse ela, olhando para mim.

- Assim está bom... e quanto você está ganhando?

- Vinte e cinco mil por mês.

- E por tão pouco...

Mas ela, se animando de repente, em tom polêmico:

- Espere aí, vai devagar... vinte e cinco mil por mês fixos... e mais duzentas liras por whisky que me oferecem... e também jogo dados com os clientes”, pôs a mão no bolso, tirou os dados e os mostrou para mim, “e arredondo... e ainda tem os bicos.

- Que bicos?

- Bem, de tudo um pouco. Agora tinha se tornado mais amigável, quase íntima:

- Mas isso é só um trampolim... espero passar para um lugar melhor... aqui tem cada unha- de- fome e cada salafrário... imagine que, em lugar de whisky, no meu copo eles põem água suja, e apesar disso ainda tentam me levar nobico, e se eu mesma não marco os whisky falsificados que bebo, eles fingem se esquecer... o patrão também diz que se eu for boazinha para com ele, vamos nos entender fácil... mas eu: aqui ó.

Enfim, estava à vontade e falava depressa; mas eu estava desgostoso. Quando a deixei era uma bela moça, tímida até e, agora, eu a reencontrava calculista e descarada. Falava num

tom duro e consciente e dava para ver que agora só lhe interessava o dinheiro e nada mais que o dinheiro. As canções, era verdade, ela sempre cantara, mas antigamente cantava para mim, quando passeávamos porta afora, na primavera; e agora, até isso ela vendia e transformava em dinheiro.

- Bom eu disse de repente cansei... vamos voltar à mesa.

- Como quiser.

Voltamos à mesa e Corsignana foi logo pedindo um outro whisky, em seguida tirou os dados do bolso e convidou o sul-americano para uma partida. A mulher agora não ligava mais para o Jorge e vigiava o marido com aqueles seus olhos esbugalhados.

Corsignana jogou e ganhou três vezes, a mil liras cada vez. O

sul-americano tirou o dinheiro do bolso, pegou a mão de Corsignana, fechou nela as notas, depois a beijou e convidou para dançar.

Ele e Corsignana foram; a mulher os seguiu com os olhos e depois me disse, contrariada:

- Não gosto deste lugar... vamos sair?

Terminada a dança, os dois voltaram à mesa e Corsignana foi até o microfone e cantou outra canção mais idiota que a primeira. Depois, voltou à nossa mesa, mandou vir outro whisky e pôs-se novamente a jogar dados com o sul-americano. A mulher já estava insistindo para ir embora, mas o marido não lhe dava atenção e pediu bebida para todos. Jorge, então, convidou a mulher para dançar, e ela aceitou de má vontade. Logo que a mulher se afastou, o sul-americano e Corsignana começaram a fazer gracinhas um para o outro, ele não parava de dar em cima e com os joelhos tocava os joelhos dela. Eu olhava para eles e sofria, mas, no fundo, estava contente por sofrer porque queria não sentir mais nada por Corsignana e não sofrer mais.

Finalmente o sul-americano disse não sei o quê no ouvido de Corsignana e ela, sempre no ouvido, respondeu-lhe qualquer coisa; e depois ele tirou do bolso uma nota grávida, pegou a mão de Corsignana na mesa e pôs a nota em sua palma. De repente, a mulher surgiu na frente e caiu com a mão em cima da mão de Corsignana:

- Abra esta mão.

Corsignana abriu a mão e a nota caiu em cima da mesa.

Corsignana ficou de pé e disse rápido à mulher:

- Minha cara, se a senhora se preocupa tanto com seu marido, mantenha-o em casa. .. eu estou aqui para trabalhar, não para me divertir. .. ele me disse no ouvido que queria me dar um presente por

minhas canções e eu lhe respondi que então desse... por que não deveria aceitar?

- Atrevida, lavadeira. A mulher ergueu a mão e esbofetou Corsignana nas duas faces.

Depois não sei o que aconteceu. Tinha gostado daqueles tapas, como se fosse eu que os tivesse dado. Mas em seguida, vendo a cara de Corsignana depois dos tapas, vermelha e humilhada,

pareceu-me ver a cara dela quando éramos noivos e senti pena. Nesse ínterim, o gerente e os garçons vieram correndo e a mulher, furiosa, saiu acompanhada pelo marido e por Jorge. Eu me aproximei de Corsignana e, aproveitando o bafafá, disse-lhe em voz baixa:

- Te espero lá fora, quando terminar, estou de carro... a que horas você larga? às quatro, disse ela com uma luz de esperança nos olhos, me leva de carro para casa?

Entendi de repente que para ela, na verdade, tudo já não passava de interesse; às quatro viria ao meu encontro, mas não por mim, pelo carro. E, no fundo, era sensato: morava em San Giovanni. Mas vi que para mim tinha acabado, não resistiria ao sofrimento de vê-la sempre interesseira. Desse modo, disse-lhe que esperaria e saí. Lá fora, na rua, não encontrei mais o Jorge nem os sulamericanos. Entrei no cano e fui para casa, dormir. Acabou, Corsignana.

LADRÕES NA IGREJA

O que faz o lobo quando a loba e os lobinhos têm fome e estão de barriga vazia, se queixando e brigando entre si, o que faz o lobo? Eu digo que o lobo sai da toca e vai arranjar comida e de desespero é capaz de descer ao lugarejo e até entrar numa casa. E os camponeses que o matam têm razão em matá-lo; mas ele também tem razão de entrar na casa deles e mordê-los.

Desse modo todos têm razão e ninguém está errado; e da razão nasce a morte. Naquele inverno eu era como o lobo e, aliás, como o lobo eu não morava numa casa mas numa gruta, lá embaixo, no pé do Monte

Mário, numa pedreira de pozolana.

Existiam várias grutas, mas na maioria estavam atulhadas de sarças, só duas eram habitadas, a minha e a de um velho, que mendigava e também dava umas voltas recolhendo trapos, chamado Puliti. O lugar, encostado no monte, era amarelo e pelado, com as bocas das grutas completamente negras de fumaça. Na frente da gruta de Puliti tinha sempre um monte de trapos que ele vivia remexendo; na frente da minha tinha um tambor de gasolina que servia de fogão e minha mulher, de pé, com a criança no colo, abanando a ventarola para acender os carvões.

Dentro, a gruta era até melhor que um quarto, espaçosa, seca,limpa, com o colchão no fundo e as coisas penduradas nos pregos. A família, então, eu a deixava na gruta e ia até Roma procurar trabalho; era trabalhador braçal e quase sempre trabalhava nos aterros. Depois chegou o inverno e, não sei porquê, os aterros foram diminuindo, eu mudei de serviço muitas vezes, mas sempre por pouco tempo, e, no fim, fiquei sem trabalho. De noite, quando voltava à gruta e via à luz da lamparina, minha mulher agachada no colchão olhando para mim.

A criança que ela segurava no colo olhando para mim, os dois maiores que brincavam no chão olhando para mim, e lia naqueles oito olhos a mesma expressão de fome, parecia-me que eu era um lobo com uma família de lobos e pensava:

- Um dia desses, se não trago comida, quer apostar que me mordem?" Puliti, o velhote, que com sua bela barba branca parecia um santo e que,ao contrário, mal abria a boca, logo dava para ver que não

passava de um pilantra, me dizia:

- Para que põe filhos no mundo? Para que sofram? E você, enquanto isso, por que não vira catador de bitucas? Com as bitucas, sempre alguma coisa se arranja. Mas eu não era capaz de sair por aí catando

bitucas: queria trabalhar com meus braços. Certa noite, de puro

desespero, disse à minha mulher:

- Não estou agiientando mais... sabe o que vou fazer? Fico na esquina de uma rua e o primeiro que aparece... ‘ Minha mulher interrompeu:

- Quer ir parar na cadeia? E eu:

- Na cadeia, pelo menos, tem comida. E ela:

- Para você sim... mas e a gente? Essa última objeção, confesso, foi decisiva.

Foi Puliti quem me deu a idéia da igreja. Frequentava as igrejas para mendigar e, pode-se dizer, conhecia todas, uma por uma. Disse que se eu me deixasse trancar de noite numa igreja e depois soubesse me virar, de manhã podia escapar sem ser visto. Em seguida avisou:

- Preste atenção, porém... os padres não são bobos... as coisas boas eles guardam no cofre e as que a gente vê não passam de fundos de garrafas.

Finalmente afirmou que era capaz, depois que eu tivesse dado o

golpe, de revender a muamba. Enfim, me pôs uma pulga atrás da orelha, embora, em seguida, não pensasse nem tocasse mais no assunto. Mas as idéias, são como pulgas, andam sozinhas, e quando você menos espera, te mordem e te fazem pular em pé.

Assim, uma noite daquelas, a idéia me mordeu e eu contei à minha mulher. É preciso saber que minha mulher é religiosa e em sua terra, pode-se dizer, passava mais tempo na igreja do que em casa. Disse no ato:

- Qual é, ficou louco? Eu tinha previsto a objeção e respondi: “Isso não é um roubo... para que servem as coisas da igreja? Para fazer o bem... Se nós pegamos alguma coisa, o que estamos fazendo? Estamos fazendo o bem... a quem, realmente, deveria ser feito o bem se não a nós mesmos que precisamos tanto?

Ela ficou chocada e perguntou:

- Mas como foi que você pensou em todas essas coisas? Eu disse:

- Não se preocupe e responda: por acaso não está escrito que é preciso dar de comer aos que têm fome?

- Sim. Temos ou não temos fome?

- Sim.

-ois bem, então vamos cumprir nosso dever... aliás, praticar uma boa ação.

Enfim, tanto falei, sempre insistindo na religião que era, como eu sabia, seu ponto fraco, que a convenci. Em seguida acrescentei:

- E como não quero que você fique sozinha, virá comigo... assim, se nos descobrirem, iremos juntos em cana.

- E as crianças?

- As crianças a gente deixa com o Puliti... depois, o Senhor olhará por elas." Assim ficamos combinados e mais tarde falamos com Puliti. Ele discutiu o plano, aprovando-o; mas, depois, disse, alisando a barba:

- Domingos, vá por mim que já sou velho... deixe pra lá as copas de prata... é mixaria... pegue as jóias. Quando me lembro de Puliti, de sua barba e da gravidade com que me dava esses conselhos, sinto até vontade de rir.

No dia marcado, deixamos as crianças com Puliti e fomos a Roma de bonde. Exatamente como dois lobos famintos descendo o monte para a roça; e quem visse, nos tomaria por dois lobos: minha mulher, baixa e atarracada, só peito e ombros, de cabelos crespos espetados que formam como que uma chama em cima da cabeça, a cara decidida; eu, magro, só ossos, o rosto afilado escuro de barba, os olhos encovados e brilhantes. Tínhamos escolhido uma igreja antiga, lá pelos lados do Corso, numa

travessa. Era uma igreja grande e muito escura porque estava rodeada de prédios; com duas fileiras de colunas e, depois das colunas, duas naves estreitas e escuras com muitas capelinhas, cheias de tesouros. Tinha uma grande quantidade de vitrines com copas de prata e douradas, presas nas paredes. Mas eu tinha posto os olhos em cima de uma vitrine menorzinha, em que, entre poucas copas mais preciosas, estava à mostra um colar de lápis-lázuli sobre um fundo de veludo vermelho. Essa vitrine ficava numa capela dedicada à Nossa Senhora; e, realmente, em cima do altar, embaixo de um baldaquim, havia uma imagem da Virgem, em tamanho natural, toda pintada, com a cabeça rodeada por uma auréola de luzinhas e, nos pés, muitos vasos de flores e muitos candelabros. Entramos na igreja já de noite e, numa hora em que não tinha ninguém, nos escondemos atrás do altar, na capela onde estava a vitrine. Tinha dois ou três degraus, atrás da estátua, onde nos sentamos. Bem mais tarde, o sacristão deu uma volta pela igreja, arrastando os pés e resmungando:

- Vai fechar; porém, atrás daquele altar ele não veio e limitou-se a apagar todas as luzinhas, menos duas luzinhas vermelhas, uma de cada lado. Em seguida ouvimos ele fechar as portas e, por fim, atravessar a igreja em toda sua extensão e sair pela sacristia. Lá estávamos nós no escuro, naquele corredorzinho, entre o altar e a parede da ábside. Eu estava com febre e disse em voz baixa à minha mulher:

- Vamos, depressa... vamos abrir a vitrine.

- Ouvi ela responder:

- Espere... para que pressa?; e depois vi que saía do esconderijo. Foi até o meio da capela, ali, na penumbra, inclinou-se, fez o sinal da cruz, em seguida, caminhando de costas, inclinou-se novamente e fez o sinal da cruz

uma segunda vez. Finalmente, vi que se ajoelhava no chão, num canto da capela, e juntava as mãos como que para rezar. Que reza era aquela eu não sabia, mas vi que também não estava lá

muito convencido de praticar o bem, como eu lhe dissera, e queria se precaver o mais que podia. Vi que abaixava a cabeça, escondendo o rosto sob a massa dos cabelos e em seguida levantava o rosto naquela luzinha vermelha, movendo os lábios e tornava a abaixá-lo, como se estivesse rezando o terço. Me aproximei e murmurei, inquieto: - Rezar, você pode rezar em casa, não é? Mas ela, rude:

- Me esquece... vai anda, a igreja é muito grande... você tem que ficar aqui?

Sussurrei:

- Enquanto você reza, quer que eu abra a vitrine? E ela, sempre malcriada:

- Não quero nada... aliás, o ferro, dá ele para mim. O ferro era uma estaca mais do que suficiente para abrir a vitrine cambaleante: entreguei a ela e me afastei.

Pus-me a vagar pela igreja, sem saber o que fazer. A igreja, na penumbra, me dava medo, com as abóbadas altas e escuras que, a cada suspiro, retumbavam; com o altar-mor, lá no fundo, monumental, tremeluzente, com os confessionários escuros e fechados, encolhidos no escuro das naves laterais. Caminhando na ponta dos pés, fui até a porta, sozinho, entre duas fileiras de bancos vazios, e sentia frio nas costas, como se alguém estivesse me seguindo. Tentei abrir a porta, vi que estava fechada, e então, voltei atrás e fui me sentar na nave da esquerda, na frente de um túmulo iluminado por uma lanterna vermelha. O túmulo, murado na parede, tinha uma grande lápide de mármore preto, brilhante, e duas imagens, uma de cada lado; um esqueleto empunhando uma foice e uma mulher nua envolta nos próprios cabelos. Ambas eram de

mármore amarelo, reluzente, muito bem esculpido; e eu me distraí um pouco observando e de tanto olhar, parecia, talvez por causa da escuridão, que se moviam, que a mulher tentava fugir do esqueleto e ele, galante, a segurava pelo braço. Então, para me reanimar,

pensei na gruta, nos filhos, em Puliti, e disse a mim mesmo

que, se naquela hora me tivessem proposto voltar atrás e

escolher de novo o que ia fazer, teria feito a mesma coisa ou, pelo menos, qualquer coisa muito parecida com essa. Enfim, não era por acaso que estava na igreja e não era por acaso que lá estava por aquele motivo, e não era por acaso que não tinha arranjado nada de melhor para fazer. Pensando nisso, veio o sono e eu adormeci. Foi um sono pesado, sem sonhos, marcado pelo frio que naquela igreja

parecia de adega. De modo que dormi e não percebia nada.

Mais tarde al ém me sacudia e eu, no sono, disse.

- Ei, vai devagar... o que deu em você? Finalmente, como continuassem a me sacudir, abri os olhos e vi gente: o sacristão que me fitava com os olhos esbugalhados; o pároco, um velho de

cabelos brancos despenteados e a batina ainda desabotoada;

dois ou três guardas e, no meio dos guardas, minha mulher,

mais sombria do que nunca. Disse, então, sem me mexer:

- Deixem-nos em paz... somos desabrigados e entramos na igreja para dormir. Então um dos guardas me mostrou alguma coisa que, no ato, de tão tonto de sono clue estava, confundi com um terço: o colar de lápis-lázuli.

- E isso... para dormir também?

Em suma, após mais algumas explicações, os guardas nos ladearam e saímos da igreja.

Era noite ainda, mas perto do amanhecer, com as ruas desertas e molhadas de orvalho. Andávamos depressa, entre os guardas,

cabisbaixos, mudos. Ao ver minha mulher caminhando à frente, coitada, tão atarracada e baixa, com a saia curta e os cabelos espetados no topo da cabeça, tive pena e disse a um dos guardas:

- Sinto muito por ela e pelos meus filhos. O guarda me perguntou: - Onde estão os filhos? Disse-lhe, e ele:

- Mas você, um pai de família... onde estava com a cabeça?... Não pensou nos seus filhos? Eu lhe respondi:

- Justamente porque pensei é que fiz o que fiz.

Na delegacia, um rapaz loiro, sentado atrás de uma escrivaninha, quando nos viu, disse:

- Ladrões sacrílegos, hein? Mas minha mulher, de repente, gritou com uma voz terrível:

- Diante de Deus não sou culpada. Eu não conhecia aquele tom e fiquei de boca aberta. O delegado disse:

- Então, o culpado é seu marido.

- Que nada.

- Está se vendo que o culpado sou eu... e como conseguiu o colar? E minha mulher:

- Nossa Senhora desceu do altar, abriu a vitrine com suas mãos e me deu o colar.

- Nossa Senhora, hein?... e o pé-de-cabra também foi Nossa Senhora quem deu?" E minha mulher, sempre com a mesma voz, levantando a mão:

- Posso morrer se não disse a verdade. Continuaram a nos interrogar, durante não sei quanto tempo, mas eu dizia que não tinha visto nada, o que era verdade; e minha mulher repetia que Nossa Senhora lhe dera o colar. De vez em quando gritava:

- Homem, ajoelhe-se diante do milagre. Enfim, parecia exaltada ou até mesmo enlouquecida.

Terminou que a levaram embora, enquanto continuava gritando e invocando Nossa Senhora: acho que estava sendo mandada para a enfermaria. Depois o comissário queria saber de mim se eu achava que minha mulher era louca e eu lhe respondi: “Antes fosse”, pensando que os loucos não sofrem e vêem as coisas a seu modo. Mas também pensava que podia ser que minha mulher tivesse dito a verdade e até sentia muito não ter visto com meus próprios olhos Nossa Senhora descer do altar, abrir a vitrine e entregar-lhe o colar.

ESTE DAQUI

Quando eu era criança, fazia com ouhas da minha idade a brincadeira para saber em quem cai, com a ladainha que começa assim:

- Minha mãe mandou escolher, e termina assim:este da- qui E lembro o quanto torcia para que o dedo de quem contava parasse no meu peito e eu fosse escolhido para ser o chefe. Amor próprio; e, como se sabe, na vida o amor próprio é tudo; e quem não vê isso, não entende nada da vida. Mais tarde, adulto, continuei sendo aquele que espera sempre que “caia exatamente nele”.

Infelizmente nem sempre caía; aliás, quase nunca. Até há pouco tempo atrás, ao inconveniente do meu caráter modesto demais, juntava-se o da profissão: era

lixeiro. Dizem poucas e boas sobre o lixo e os lixeiros.

Abaixo do lixeiro, não existe nada, nem mesmo os mendigos.

Pode ser que seja verdade. Mas se não existissem os lixeiros, o que aconteceria? Dá para ver nos dias de greve da categoria: a cidade inteira suja, triste, cheia de papéis, com as latas de lixo transbordando. E as ruas mais bonitas, são as mais sujas, porque, como se sabe, os ricos produzem mais lixo do que os pobres; e pelo lixo pode-se ter uma idéia de como as pessoas vivem. Nesses dias, repito, dá para ver o que é o lixeiro e que importância tem ele na vida moderna.

Chega, no tempo em que eu passava com a carroça, recolhendo o lixo, achava que aquela frase: “este da- qui”, eu nunca mais conseguiria ouvir alguém me dizer. Caía sempre nos ouhos; especialmente com as mulheres. Realmente, todas as vezes que, estando com uma moça de quem gostava, chegava a dizer: “sou lixeiro”, via a moça murchar e torcer o nariz e mais cedo ou mais tarde, acabava me deixando. Era a mesma coisa que dizer: “sou ladrão. “ No começo não entendia; depois, dá-lhe uma, dá-lhe outra, comecei a desconfiar que talvez fosse conveniente esconder a profissão. Porém foi Silvestre, um velho que era meu companheiro de carroça, que, pode-se dizer, me abriu realmente os olhos. Certa manhã que passávamos, como sempre, de casa em casa, e eu me queixava de que as mulheres viviam criticando a nossa profissão, ele respondeu sem cerimônias:

- Porque é um trabalho sujo... às mulheres, os trabalhos sujos não agradam... mas você pode esconder isso.

- Como assim?

- Diga que é funcionário público... no fim das contas, é verdade mesmo... somos todos funcionários municipais... nós que catamos o lixo e os que ficam na repartição atrás dos guichês... todos funcionários.

O outro companheiro, Ferdinando, um da minha idade, de cabelo ruivo e sardento, abelhudo, se meteu na conversa:

- Na minha opinião, você está errado... por que esconder a profissão?... É uma profissão como outra qualquer... somos trabalhadores como outros quaisquer... escondendo-a, você

colabora com o preconceito.

- Muito bem disse Silvestre, mas o preconceito existe ou não existe? E para o Luís, o importante é ir contra o preconceito, ou que a moça goste dele? Por outro lado, veja os carregadores... também eles são trabalhadores... porém querem ser chamados de bagageiros, portadores, ou sei lá o quê... mudam a palavra, não o fato... eles também, por causa do preconceito.

- Vai por mim, Luís disse Ferdinando, teimando não esconde nada... se uma mulher dá importância ao preconceito, é sinal de que gosta mais do preconceito do que de você.

Enfim, conversamos durante um bom tempo, enquanto a carroça cheia de lixo seguia bem devagar, de rua em rua, na neblina da

manhã de novembro. Mais tarde a carroça parou diante de um daqueles prédios. Ferdinando agarrou o saco, desceu da carroça e se meteu portão adentro, assobiando. Eu disse a Silvestre.

- Você é velho e conhece a vida... diga-me o que devo fazer.

Ele tirou o cachimbo da boca e respondeu:

- Ferdinando prefere se gabar... mas para mim é um modo como outro qualquer de se envergonhar... quem não se envergonha sou eu... eu não me gabo e não escondo... sou lixeiro e nada mais."

"Sim, mas eu...

- Você é outra coisa... é do seu interesse esconder... eu já te disse, diga que é funcionário público.

Esse conselho, na hora, não me agradou. Eu era lixeiro e não via por que precisasse esconder isso. Porém dali a poucos dias, de folga, sem boné nem avental, sentado num banco de Villa Borghese, tornei a pensar no assunto e disse a mim mesmo que, no fundo, Silvestre podia ter razão. Ao pensar nisso, tive, de repente, a sensação como em certos sonhos, quando se sonha que se está passeando de camisa e de bunda de fora, sem saber, e depois alguém repara e aí a gente percebe que está nu, sente vergonha e acorda. Então, durante dois anos tinha sido lixeiro e não tinha percebido. Então, tinha passeado de camisa e tinha sido o único a não dar conta. Então...

Era um dia de meados de novembro, lindo, com o ar ameno e um pouco nebuloso, as árvores todas amarelas e vermelhas e as alamedas cheias de mulheres e de crianças. Estava tão mergulhado nos meus pensamentos que não percebi que no mesmo banco tinha se sentado uma moça com uma menina, quem sabe uma empregada ou uma governanta. Depois, ao ouvir sua voz dizer:

- Beatriz, não vá longe, virei-me e olhei para ela. Era jovem, robusta de corpo, com a cara redonda, branca e avermelhada, e uma trança loira, grossa como corda de linho, enrolada em volta da cabeça. Fiquei tocado com seus olhos: pretos e brilhantes, colno que de veludo, sorridentes. A menina estava agachada brincando com a areia. Ela estava sentada, segurando na mão o baldinho e a pá da criança. Vendo que era observada, virou-se para mim e disse tranqüilamente:

- O senhor não me conhece... mas eu conheço o senhor.

Isso é que dá quando te metem uma idéia na cabeça. Senti que corava e pensei:

- Será que me viu com o saco de lixo nas costas?

E logo respondi:

- Moça, a senhora está confundindo com outro... eu nunca a vi.
- Pois eu conheço o senhor.

Eu disse, já apelando para a mentira:

- É impossível... a menos que tenha me visto no registro civil, onde trabalho... aparece tanta gente por lá... Dessa vez, ela não disse nada, olhou para mim demoradamente, de um jeito esquisito. Finalmente disse:

- O senhor é funcionário na repartição?
- Claro.
- Em que sessão?
- Bom, uma hora aqui outra lá... tem tantas seções.
- Então disse ela lentamente.
- Devo ter visto o senhor ali... faz dois dias que estive lá.
- Isso mesmo.

A menina, no entanto, tinha se afastado uns passos e remexia com as duas mãos num monte de detritos e de folhas secas. Ela gritou:

- Saia daí, Beatriz... é lixo... as meninas boazinhas não mexem no lixo; e eu, ao ouvir a palavra lixo, não pude deixar de estremecer e ficar vermelho. Como se não bastasse, apareceu um varredor, com seu horrível uniforme cinza, com o carrinho de zinco e a vassoura, e começou a recolher o monte.

Ela disse:

- Com tantas folhas secas, imagine que trabalhadeira têm os varredores. Corei novamente; e respondi, esperando que me desse razão:
- É a profissão deles... são funcionários públicos como eu... eles varrem e eu escrevo... não existe outra diferença.
- Mas ela olhou para mim, sempre daquele jeito esquisito, e depois disse: "Me chamo Jacinta... e o senhor?"
- Luís.

Assim começou a relação. Nunca ela quis me dar o endereço de sua casa, dizendo que não queria que a patroa soubesse que nos

víamos; morava porém, pelo que entendi, na zona que toda manhã eu percorria com a carroça. Víamo-nos sempre, algumas vezes durante a semana, e todos os domingos. Íamos ao cinema, ou então ao jogo de futebol, ou a um café. Fiquei apaixonado por ela, pode-se dizer, sobretudo pelo temperamento. Um temperamento assim eu nunca vi: tranqüilo, terno, calmo, talvez sonso, encoberto e oculto, semelhante à água parada e profunda. Estava sempre calada e, quando lhe falava, balançava continuamente a cabeça, com doçura, como que para me aprovar e, ao mesmo tempo, soltava um leve sussurro, como que dizendo: - É verdade, isso mesmo, você tem razão. Mas se não falava, por ela falavam os olhos: sempre sorridentes, sempre atentos, num brilho de veludo negro, misteriosos. Nunca me deu muita intimidade: quando muito, duas ou três vezes, no cinema, deixou-me segurar sua mão. Por enquanto, continuava dizendo que era funcionário na repartição; aliás, como acontece, acrescentava sempre algum detalhe novo, de modo a reforçar a impressão de verdade. Porém, às vezes me traía, porque, como percebi, lixo e lixeiro entram na linguagem muito mais do que se pensa. Como daquela vez que, tendo me feito esperar no encontro, ralhei com ela e acabei, sem querer: “Sou um homem... não um monte de lixo. Mordi a língua no ato e corei até as orelhas.

Pareceu-me que ela sorriu, mas não disse nada:

Estava tão apaixonado que comecei a pensar em ficar noivo. Mas

logo vi que se queria casar com ela, precisava antes de mais nada mudar de emprego. Tinha contado muitas mentiras; reconhecer, de repente, que eu era lixeiro, significava estragar tudo. Primeiro por causa da decepção: lixeiro.

Depois, porque descobriria que eu era mentiroso e, como se sabe, as mulheres não gostam de mentiras. Porém não era nada fácil mudar de emprego. E eu precisava mudar de dois: do verdadeiro e do falso. Comecei, nas horas de folga, a andar por Roma à procura de trabalho. Não encontrava nenhum; e me veio à cabeça que perdido por perdido, tanto fazia pedir demissão e ficar desempregado. Sabe-se lá porquê, desempregado soa melhor do que lixeiro. Nessa altura, aconteceu o fato novo que, no fundo, eu sempre tinha temido.

A carroça de manhã percorre sempre a mesma zona. Como já disse, éramos três na carroça: Ferdinando e eu que, em turnos, íamos encher os sacos, e Silvestre que guiava os cavalos e nos ajudava a nivelar o lixo. Conversávamos pouco: Silvestre sentado no varal, as rédeas nas mãos, fumava o cachimbo; Ferdinando, empoleirado em cima do lixo, estava sempre lendo uma revista ou um jornal pescado nalguma lixeira; eu pensava em Jacinta e nas minhas mentiras. Ora, certa manhã que cabia a mim encher os sacos, a carroça, como sempre, parou diante de um prédio amarelo de três andares, nos arredores da praça da Libertá. Sem dizer nada, pego o saco, desço da carroça e entro. Não tinha elevador; era um prédio antigo e tão tranquilo que parecia desabitado, só com três apartamentos. Subi, dois degraus por vez, o primeiro lance, o saco na mão, e em seguida, no patamar, fui diretamente ao primeiro apartamento. Na porta tinha uma placa com um nome qualquer:

- Ginesi. Lembrava vagamente que sempre a mesma pessoa abria aquela porta: uma cozinheira de meia idade, friulana, robusta, sisuda, quase um homem. Naquela manhã também, como estava acostumado a fazer, mal vi que abriram a porta, sem sequer erguer os olhos, disse mecanicamente,

esticando o saco:“Lixeiro.”

Porém, à vista das mãos que me estendiam a lixeira de alumínio, não as mãos grandes e escuras da cozinheira, mas pequenas e brancas, ergui os olhos; e vi que era ela. Mais tarde, fiquei sabendo que naquela casa eram duas: ela e a cozinheira; e que ela, empregada de fino trato, nunca vinha atender a porta, mas tinha me visto

da janela; e que naquela manhã, por coincidência, a cozinheira estava doente. E fiquei sabendo também que foi a timidez que a impediu de falar, quando me viu aparecer à porta. Reflexo retardado. Mas na hora, enquanto ela, em silêncio, me entregava a lixeira, pareceu-me adivinhar não sei que caçoadada nos olhos escuros que me fitaram. Vi que corava e depois empalidecia. Virei o lixo no saco, pus o saco nas costas e saísem me voltar. Tinha me visto como eu era, com o boné achatado nas orelhas e o avental de riscado que fedia: lixeiro, não funcionário. E achei que não teria mais coragem de vê-la novamente. Porém não subi até os outros apartamentos. Voltei à rua, joguei a Ferdinando, em cima da carroça, o saco quase vazio, e depois, joguei-lhe o boné e o avental, e disse:

- Pegue isso tambbm... para mim chega... vou embora...

avise a central.

- Mas o que deu ém você? Ficou louco?

- Não, não fiquei louco... tchau mesmo.

Naquele dia tinha um encontro com Jacinta; mas não fui. Fiquei

deitado na cama, debaixo da escada que uma costureira me alugava, com o choro preso na garganta como quando dá comichão no nariz e se quer espirrar e não se consegue. A tardinha, em vez de chorar, adormeci; e quando acordei, dei-me conta de que tinha acabado mesmo. Receava, porém, ficar desempregado muito tempo. Por sorte, ao contrário, alguns dias mais tarde, encontrei um lugar de guarda, num canteiro de obras fora de mão, lá pelos lados da Magliana.

Fiquei naquele canteiro, no subúrbio, bancando o cão de guarda, sem nunca sair, talvez uns quatro meses. Mas um domingo que fui a Roma, na praça Risorgimento, encontrei Silvestre. Logo que me viu, disse:

- Depois ficamos sabendo por que você saiu... aquela moça... mas você fez mal... ela gostava de você de verdade aliás gostava de você porque era você e não outro... dizia que ela, então, só amaria um de

nós... dizia que só de ver um homem com o saco nas costas e o boné da limpeza pública, seu coração disparava... dizia que para ela a carroça do lixo era mais bonita que os carros de luxo... moral da história: agora está namorando o Ferdinando.

- O Ferdinando?

- É, pois ó, queria um lixeiro e achou um... ele não escondia a profissão, aliás até se gabava... estão noivos.

Saí num rompante, deixando-o de boca aberta. Tinha vontade de morder as mãos. Dessa vez que a conta tinha parado em mim, aliás, como diz a ladainha, “neste da- qui”, eu não tinha entendido. Entre tantas mulheres, tinha me aparecido uma que gostava da profissão de lixeiro e eu não me dera conta. Ah, na vida, quanto mais a gente faz, mais a gente se engana e assim, mais uma vez, não foi em mim que caiu.

CARA DE CAFAJESTE

Nunca recebi encomendas, mas um dia desses quero remeter uma a mim mesmo para ter o gosto de ir ao correio, ao guichê dos colis postaux e retirar a encomenda. Porque ali, naquela agência tão feia e velha, entre pilhas de pacotes de todos os pesos e de todos os tipos, manchas de tinta, cheiro de fechado e serragem molhada, ali, digo, começou a minha sorte. Não a sorte grande, claro, mas sempre melhor que distribuir encomendas.

Será que a Valentina ainda está lá, com seu avental escuro, cabelos

castanhos ondulados soltos nos ombros como os das meninas dos semi-internatos, olhos que parecem duas estrelastranquiilas, rosto pálido e redondo que o preto do avental deixa ainda mais pálido, quase lívido? Com toda sua meiguice,eu sei que Valentina é orgulhosa e, provavelmente, ao me ver aparecer no guichê, fingiria não me conhecer e se limitaria a me entregar o papel dos recibos, todo rasgado e borrado, e a dizer, apontando o lugar com o dedo rosado de moça séria que não pinta as unhas: “Assine aqui.” E depois me atiraria o pacote na cara, sem sequer olhar para mim; e iria até o fundo da agência, entre estantes cheias de pacotes, ler uma de suas muitas revistas de cinema.

Entretanto a minha sorte, como disse, começou justamente naquela agência; e para ser mais exato começou com aValentina; ou melhor, com sua paixão pelo cinema. Na agência,eu, feio e com a cara escura e torta, só pensava em distribuir pacotes, satisfeito com isso, após alguns anos de desemprego.

Mas Valentina, com seu rosto lindo, não estava contente e pensava no cinema. Porque pensava nisso, eu não sei; talvez porque fosse sempre ao cinema; e tem gente que só de ir ao cinema, já pensa que pode ser artista.

Mas era teimosa; e entre nós nunca se falou de amor, apesar de andar meio apaixonado por ela e ter-lhe dito, nunca se falou também de sair juntos, ainda que fosse para sentar num café.

Valentina olhava de cima a baixo para todos nós, na agência; e preferia ficar sozinha a ser vista por aí conosco, gentinha.

Um dia, sem muitos rodeios, até me disse:

- Renato, não quero sair com você, porque você tem uma cara muito feia.

- Mas cara feia como?

- Não se ofenda, sei que você é uma ótima pessoa, mas tem uma cara, desculpe, de bandido.

Um dia daqueles, apareceu no guichê uma cabeça loira, bem tratada, com uma gravata borboleta debaixo do queixo.

Valentina pegou a guia e se dirigiu até as estantes. Mas, de repente, o rapaz a chamou:

- Moça.

Ela se virou no ato:

- Moça, disse ele, “nunca lhe disseram que podia ser artista de cinema?

Eu estava num canto, observando, e vi Valentina ficar vermelha até a raiz dos cabelos: pela primeira vez na vida adquiria cores:

- Não, ninguém, por quê?

- Porque disse ele sempre com a mesma nonchalance “você tem um rosto lindo.

- Obrigada, gaguejou Valentina, em pé no meio da agência, as mãos juntas na frente do corpo. Mas o rapaz, agora, parecia não ter mais nada a dizer. Examinou Valentina mais uma vez, demoradamente, e depois falou:

- Bem, e meu pacote?

Ela obedeceu e eu, sem chamar a atenção, fui atrás dela e alcancei-a enquanto, com as mãos tremendo, ela remexia nos pacotes das estantes. Aproximei-me e sussurrei:

- Não vai acreditar naquele fanfarrão, não é?

Valentina, também sussurrando, respondeu:

- Me esquece.

- Então, você acredita nele?

- Me esquece, já disse.

Depois, encontrou pacote e levou ao rapaz que, nesse ínterim, tinha pego a caneta e escrito algo num bilhete. Ele retirou o pacote e entregou-lhe o bilhete, dizendo:

- Venha terça- feira neste endereço, nos estúdios... precisamos de um rosto igualzinho ao seu... procure por mim.” Mais morta do que viva, Valentina enfiou o bilhete no bolso do avental e o outro se foi.

Disse que Valentina nunca tinha aceito meus convites. Mas quando chegou a hora de ir aos estúdios, ela mesma me procurou.

- Acompanhe-me, disse na tarde da véspera, sozinha eu não tenho coragem. Até hoje não sei por que me pediu para acompanhá-la: quem sabe por timidez, pois era muito tímida; ou quem sabe, ainda que sem se dar conta, por afronta, para me fazer assistir o seu triunfo.

Terça- feira, no lugar marcado no largo Flaminio, Valentina apareceu vestida como que para uma festa: um belo casaco novode lã azul, meias de seda, sapatos com lacinhos e, na mão, uma sombrinha vermelha, de lacinhos também. O quarto laço estava amarrado em cima da cabeça, sobre os cabelos que,habitualmente, usava soltos pelos ombros. Para falar a verdade, ao vê-la tão linda, com aqueles olhos meigos iguais a duas estrelas, não pude deixar de sentir afeto: - Fique tranqüila disse-lhe vão te contratar na certa... na agência é que a gente não vai mais te ver.

Os estúdios ficavam no sopé do Monte Mário, no topo de uma ruazinha cheia de relva toda alagada pelo mau tempo.

Perconemos aquele atalho, pulando as poças, ao longe, dava para ver o muro da cerca, o portão e os telhados dos banacões dos estúdios despontando por cima do muro. O guarda, ao abrir, disse não sei o quê; mas nós, acanhados, não tivemos coragem de insistir e entramos no recinto, embora não soubéssemos para onde tínhamos de ir. O lugar era muito amplo, com muitos canos estacionados em filas por todos os lados, havia grupos de pessoas passeando por ali, alguns estavam como nós, outros usavam roupas engraçadas e tinham as caras pintadas de cor de

tijolo. Eu disse, então, a Valentina:

- Esses são atores...logo, logo você também estará passeando com essa pintura na eara.

Valentina não falava, de tão alegre e compenetrada perdera a fala. Não sabíamos onde ficavam os estúdios, mas depois enxergamos uns números nas portas dos banacões e eu, ao acaso,

me aproximei de uma das portas, segurei a maçaneta e abri: era uma porta acolchoada, pesada como a de um cofre. Entrei e Valentina veio atrás de mim na ponta dos pés. Agora estávamos

dentro do estúdio, quase todo no escuro, exceto numa parte em que uma lâmpada iluminava uma construção baixa, que parecia de papelão, com a metade de um telhado, sobre a metade de uma parede de tijolos, com metade de uma porta, e, através da metade da porta, a metade de um quarto, com uma parede pela metade e metade de uma cama.

Uma mulher seminua estava deitada na cama, um fecho de luz branca incidia ali, a mulher torcia as mãos e um homem estava junto dela, com o punho levantado e um joelho na cama. Disse à Valentina em voz baixa:

- Veja, estão representando; e naquele exato instante um berro: “silêncio”, me fez dar um pulo e achei que tinham gritado para mim. Aproximamo-nos e, então,atrás da meia cama, descobrimos a máquina de filmar com muita gente em volta; estavam empoleirados lá em cima, no escuro do barracão, feito um bando de gralhas; e a pobre atriz seminua agora devia recomeçar a torcer as mãos e ele devia tornar a levantar o punho. Depois um sujeito apareceu com dois pedaços de madeira, bateu um no outro com um som de castanhola e houve um novo berreiro de silêncio, em seguida começou o zumbido da máquina que ia filmando, enquanto a atriz torcia as mãos na cama e o ator lhe dava finalmente o murro, mas de verdade, tanto que ela

soltou um gemido que na minha opinião não era fingido. Foi assim que vi o estúdio pela primeira vez que lá

entrei. E assim é que Valentina deve ter visto também, coitadinha, ela que sonhara tanto com isso e nunca tinha pisado em nenhum. Em seguida, ao grito de “corta!” o zumbido cessou, a atriz levantou da cama, as lâmpadas se apagaram, todos se mexeram e começaram a circular. Vi que o momento era propício, me aproximei de um maquinista e perguntei:

- Por favor, o senhor Zangarini.

- E quem é Zangarini? perguntou ele, como um perfeito ignorante.

Fiquei confuso. Por sorte, um outro maquinista, mais gentil, interveio: - Zangarini... ele não está aqui... está no estúdio número três.

Saímos depressa e, atravessando a área, dirigimo-nos ao estúdio número três. Tornamos a abrir uma daquelas portas tão

pesadas, entramos num barracão muito semelhante ao primeiro.

Mas ali não estavam rodando: havia muita luz e várias pessoas conversando. Aproximamo-nos, mas não muito, porque estávamos com vergonha e as pessoas berravam feito feras e pareciam enfurecidas de verdade. Um cara magro como um prego, com óculos de aros de tartaruga e um par de bigodes pretos que lhe dançavam sobre os dentes brancos, gritava agitado:

- Não serve, não serve, não serve. E Zangarini, em pessoa, perguntou:

- Mas por que não serve?

O bigodudo respondia, sempre berrando:

- Porque é bom demais... porque tem cara de homem bom... e, ao contrário, eu quero uma cara de r. afajeste, de salafrário, de bandido.

- Chame o Proietti, então.

- Mas não serve, ele também parece bonzinho... é mole, bonachão... não serve, não serve.

- Chame o Serafim.

- Mas não serve, não serve... Serafim não é bom, é um anjo, aliás, um serafim... quem vai acreditar nele se bancar o vilão?... quem vai acreditar?

Achei que tínhamos aparecido na hora errada, porém paciência: afinal tínhamos entrado na dança e devíamos dançar. Aproveitei um instante em que o diretor se afastara, estrebuchando e gritando, me aproximei de Zangarini e disse-lhe em voz baixa:

- Zangarini, já chegamos.

- Chegamos, quem? perguntou ele num tom irritado.

- A senhorita Valentina, respondi e saí de campo. Valentina avançou e fez uma pequena reverência.

- A moça do colis postaux. .. o senhor disse para ela vir.

Zangarini devia ter-se esquecido de tudo. Depois olhou para Valentina, pareceu lembrar e disse, esforçando-se para tornar a voz gentil:

- Sinto muito, senhorita, mas não há nada para você fazer.

- Mas como, na sexta- feira o senhor disse que precisava de uma moça como ela.

- Precisava... mas agora não preciso mais: encontramos outra. - Como assim? eu disse esquentado “isso não é coisa que se faça... a gente vem até aqui para o senhor dizer que encontrou outra?

- E o que é que eu posso fazer?

la responder atravessado quando, de repente, estourou um grito:

- É ele... é ele... é dele que eu preciso.

Era o diretor que me caiu em cima, apontando o indicador no meu peito, com os olhos afogueados. Perguntei embaraçado:

- Mas ele, quem?

E o diretor:

- O senhor é um cafajeste, um aproveitador de mulheres, um vigarista, um cafetão, não é?...diga, o senhor é um bandido?

- Olhe como fala respondi ofendido, “sou um funcionário público...

chamo-me Renato Parigini.

- Não, o senhor é o cafajeste de que precisávamos, o senhor, com essa cara aí, é justamente o cafajeste que eu procurava... o senhor é o cafajeste.

Para resumir, Zangarini interveio e me explicou que estavam procurando exatamente uma cara de cafajeste para uma tomada secundária; que minha cara servia para o que precisavam; e desse modo, se eu quisesse, podia fazer o teste naquele dia mesmo. E Valentina?

- Não, nada a fazer, dessas temos quantas queremos, berrou o diretor no auge do entusiasmo. Mas em seguida, vendo que Valentina estava com os olhos cheios de lágrimas, corrigiu-se e acrescentou com voz afetuosa:

- Moça, hoje precisamos de uma cara de cafajeste e já achamos... quando precisarmos de uma cara de anjo, pensaremos em você.

Assim, fomos embora. Mas logo que saímos dos estúdios, no atalho de mato, Valentina separou-se de mim e não disse mais nada. Na parada do bonde, sobre a plataforma, havia a multidão de sempre e ela olhou confusa ao redor. Devia achar uma humilhação tomar o bonde, coitadinha, após ter sonhado com a riqueza, porque, de repente, disse:

- Tchau, Renato... vou pegar um táxi, estou com pressa... não o convido para ir junto porque moramos em lados diferentes. E sem dar tempo para eu abrir a boca, afastou-se, com todos seus lacinhos, através da rua alagada, em direção ao táxi.

Nunca mais tornei a vê-la porque no dia seguinte não fui à agência, fiz o teste, passei, comecei a trabalhar nos estúdios e desde então, posso dizer, nunca mais parei. Sou especializado em papéis de fundo, mudos também, de vigarista, aproveitador de mulheres, trapaceiro, gatuno, e que tais. Nos últimos tempos fiquei sabendo por um antigo colega de correio que encontrei na rua, que Valentina está noiva do funcionário da posta- restante, quarto guichê depois do dela.

UM HOMEM AZARADO

O azar me persegue. Com certeza, no dia do meu nascimento, devia ter no céu alguma má estrela, ou cometa, ou outro astro maligno. Lembro-me de ter conhecido, há algum tempo, um mecânico que esteve trabalhando na França e depois voltou; e ele também dizia que era azarado. Esse mecânico andou metido com uma turma: saíam de noite com um carro, amarravam uma corrente nas portas de aço e depois punham o carro em movimento, a porta saltava fora e se enrolava, eles entravam nas lojas e roubavam. Bem, o mecânico tinha uma guilhotina tatuada no peito e, em cima, a inscrição:

- “Pas de chance”, que, em francês, quer dizer exatamente: nada de sorte. Quando ele mexia os músculos do peito, parecia que a lâmina da guilhotina caía e ele dizia que aquele seria o seu fim. Para falar a verdade não

acabou na guilhotina, mas arranhou cinco anos de prisão. Agora, eu também devia ter uma inscrição igual no peito, ou até mesmo na testa: nada de sorte. Todos fazem o que eu fiz, mas para os outros dá certo e para mim não dá. Por isso sou azarado e certamente alguém não gosta de mim ou, então, o mundo inteiro está cismado comigo.

Sempre procurei trabalhar honestamente, não mais honestamente que os outros, é claro, porque, no fim das contas todos viemos ao mundo imperfeitos e somente Deus é perfeito. Comecei, logo depois de casado, montando, com o dinheiro de minha mulher, uma oficina de sapateiro. Escolhi o bairro dos funcionários e fiz bem: os funcionários, coitados, cuidam bem dos sapatos e, como são empregados e precisam fazer bonito no escritório, não podem andar por aí, como a gente que é do povo, com os sapatos rotos. Minha oficina ficava bem no centro do bairro, entre aqueles prédios que contêm cada um pelo menos uns mil funcionários; na mesma rua, na minha frente, havia outro sapateiro. Era um velho,

devia ter uns setenta anos, e meião cego que quase não enxergava a gente. No mesmo dia em que abri a oficina, veio me passar uma descompostura: era feio para valer, com uns olhos de coruja, tanto que minha mulher me disse para tomar cuidado com o olho- gordo. Eu não liguei, e fiz mal. No princípio tudo correu bem: eu era bom, jovem, simpático, cantava durante o trabalho, e sempre tinha, para as empregadas que vinham trazer os sapatos dos patrões, uma brincadeira ou uma boa palavra.

Minha oficina tinha se tornado a sala de visitas do bairro, e bem depressa, peguei toda a freguesia do velhote. Ele ficava furioso, mas não havia nada a fazer, mesmo porque eu, para acabar com a concorrência, cobrava mais barato. Naturalmente tinha meu plano: quando vi a freguesia nas minhas mãos eu o pus em prática. Comecei a alternar: para um eu punha sola de couro e para outro punha sola de compensado, imitando couro.

Um sim e outro não. Mais tarde, vendo que não se davam conta, tomei coragem e usei sola de papelão para todo mundo. Não era

de papelão, realmente, mas de um produto sintético fabricado durante a guerra e juro que era quase melhor que couro. Assim,

trabalhando com dedicação, sempre alegre, sempre gentil, sempre de bom humor, comecei a ganhar discretamente. Todos gostavam de mim, menos o velho sapateiro, claro; e nessa época nasceu o meu primeiro filho. Infelizmente, aconteceu não sei como, talvez por causa da chuva, de um daqueles sapatos cuja sola eu trocara arrebentar. O freguês veio à oficina reclamar; e por coincidência, naqueles dias, todos meus sapatos começaram a descolar. Todos sabem como são essas coisas: um foi espalhando para o outro, pelo bairro inteiro, ninguém mais veio me procurar, e todos voltaram para o velho. O qual, agora, fazia pouco de mim, por detrás da vidraça da oficina, e só fazia bater pregos e puxar barbante. Então eu me esgoelava, explicando que o atacadista tinha me levado no bico e que a culpa não era minha, mas ninguém acreditava. Finalmente

encontrei para quem passar a oficina, peguei aquela miséria de dinheiro e me mandei.

Vi que não era o caso de insistir com os sapatos e decidi mudar de profissão. Quando moço tinha trabalhado com um encanador e pensei em montar um negócio desses. Também dessa vez fiz as coisas com bom senso: escolhi um bairro do centro, onde todos os prédios são antigos e têm os encanamentos podres e as instalações velhas. Achei um lugar numa ruazinha úmida e sem sol, um buraco, entre uma carvoaria e uma tinturaria. Comprei as

ferramentas, uns canos de chumbo, umas pias, umas torneiras e mandei imprimir um cartão em que estava escrito:

- Oficina hidráulico-mecânica. Serviços a domicílio. Orçamentos sem compromisso. Já comecei indo bem: naquele inverno fez um frio

de lascar, até nevou, e não dava para contar os canos que rebentaram em todos aqueles prédios velhos e podres. Por outro lado, são poucos os bons encanadores, e quando estraga um aquecedor de banho ou uma máquina de café, a gente recorre ao encanador como a um deus. Não se tem idéia do desespero em que caem as pessoas, mesmo ricas, quando a água não sai ou alaga o banheiro: telefonam, pedem, imploram, se põem nas mãos do sujeito e, na hora, pagam sem piar. O encanador chega a ser indispensável, realmente todos os encanadores são orgulhosos, e aí de quem os trata mal. Para mim, como disse, começou bem logo de cara. A oficina era escura e pequena e na vitrine só havia uma dúzia de torneiras; mas muita gente me chamava e logo fiquei com o dia inteiro ocupado. E as coisas teriam continuado a ir bem, dessa vez, se um outro encanador não viesse abrir uma oficina na frente da minha. Era um moço loiro, baixo, silencioso, com uma cabeça dura e encaixada no peito pelo fato de quase não ter pescoço. O sujeito meteu na cabeça que tinha que tirar minha freguesia e como parecia decidido até a sair perdendo, convenci-me de que se não me prevenisse, ele conseguiria. Pensando nisso, tive uma boa idéia para manter os fregueses e, quem sabe, aumentar o trabalho. Suponhamos que precisasse instalar um aquecedor.

Apertando as porcas com a chave inglesa, dava uma entortada no cano, mas de leve, de modo que o cano, velho e estragado como estava, se rompesse dentro da parede. Durante a noite a casa era alagada, o freguês me chamava, eu arrebatava a parede, trocava o cano, e era um trabalho só. Enfim, provocava um estrago, tendo o cuidado de não o fazer no mesmo lugar que já tinha consertado. Com esse método enfrentei a concorrência e até melhorei minha situação. Nesse ínterim nasceu meu segundo filho e respirei aliviado: dessa vez estava realmente longe do azar. Porém nunca se deve cantar vitória. Um dos estragos provocados por mim foi além do que eu tinha previsto.

Arrebatou um aquecedor, pegou fogo num armário e em seguida

no apartamento. Quis o azar que fosse observado por alguém, um rapaz, apaixonado ao que parece, pela mecânica. Nem conto o que passei, por pouco não fui parar na cadeia. Precisei novamente fechar o negócio e sair do bairro.

Teimoso, quis montar uma oficina pela terceira vez. Já então, o dinheiro estava no fim e com dois filhos e um terceiro a caminho, não tinha muito o que escolher. Fui a um bairro bem popular, na periferia, lá pelos lados do matadouro, e abri uma oficina de colchoeiro. Dessa vez a idéia tinha sido de minha mulher, porque meu sogro, justamente, era colchoeiro. Comprei uma máquina de costura, umas redes metálicas, umas camas, uns rolos de tecidos para colchão, um pouco de lã e de crina.

Minha mulher, coitada, apesar de estar esperando nenê, costurava à máquina, e eu cuidava do trabalho mais pesado, como, por exemplo, cardar a lã. O bairro era paupérrimo e raramente chegavam encomendas. Não dava nem mesmo para a comida e, como disse à minha mulher, dessa vez seria muito difícil tirar o azar das costas. Mas na primavera as coisas começaram a melhorar. Também os pobres gostam de limpeza; e as famílias pobres fazem qualquer sacrifício para ter a casa em ordem. Na primavera, então, muitas mulheres do bairro vieram para reformar os colchões. Sabe-se como são essas coisas: um mês antes não vinha ninguém, um mês depois eu não sabia mais por onde começar. Como não dava conta sozinho, peguei um ajudante. Era um garotão de dezessete anos, chamado Negus porque tinha a pele escura e os cabelos crespos, como o Negus da Abissínia. Ele circulava levando e trazendo os colchões, e

eu ficava na oficina trabalhando. Esse Negus era o desespero da mãe dele que era lavadeira; um dia que eu o mandei cobrar uma conta, não voltou à oficina. Foi ao jogo de futebol e depois não sei aonde, enfim, sumiu com a grana. Mas depois teve a cara de pau de vir à oficina dizer que tinham lhe roubado a carteira. Disse que ele era um ladrão, ele me respondeu

atravessado, eu lhe dei um safanão e ainda tive que recorrer à força para enxotá-lo da oficina. Foi essa a origem

do meu novo azar. O cafajeste andou espalhando pelo bairro que eu, tempos antes, ao reformar cinco colchões, tinha encontrado percevejos num deles, e que aí, então, não só deixara os percevejos lá como ainda tinha colocado um casal em cada um dos quatro colchões. Isso para conseguir que, na próxima primavera, fossem mandados para eu reformar. Era verdade, mas, sabem como é, é preciso saber se virar e todo mundo se vira.

Resumindo: aconteceu quase uma revolução, as mulheres me procuravam na oficina e queriam me dar uma surra. Veio até a polícia e fui intimado. Essa foi a última vez. Vendi a máquina de costura e os outros trechos, e me mandei de fininho, de noite, como um ladrão.

Por isso eu digo: é possível ser mais azarado que eu? Queria trabalhar honestamente, tranquilamente, no máximo ajudando o trabalho com um pouco de esperteza, porém não mais do que os outros. Queria, enfim, me tornar um bom trabalhador; e, ao contrário, fiquei desempregado. Se ainda tivesse um pouco de dinheiro, abriria uma cantina e aí, como se sabe que no vinho se põe água, talvez pudesse desencalhar. Mas não tenho mais dinheiro, e vou ter que ser ajudante. E, como todos sabem, quem vive de salário, morre de fome. Sou mesmo um azarado, puseram olho-gordo em mim. Minha mulher costurou um santinho na carteira, e eu carrego comigo um monte de chifres e figas.

Na porta de casa, então, preguei uma ferradura de cavalo com todos os cravos. Não adiantou nada, sou azarado, vivo azarado, e morrerei azarado. A quiromante onde fui para saber quem me deseja mal, quando viu minha mão, ergueu os braços para cima e gritou:

- Nossa! o que estou vendo! o que estou vendo!

Eu fiquei assustado e perguntei o que estava vendo. Ela respondeu: -

Meu filho, uma estrela preta, preta... todos te desejam mal.

- E daí? perguntei.
- Daí, tenha coragem e confie em Deus.
- Mas eu, protestei, sempre cumpri minhas obrigações.

E ela:

- Meu filho, muita gente te deseja mal...de que adianta cumprir sua obrigação quando te desejam mal? Só serve para ter a consciência tranqüila.

Então, respondi:

- Para mim o suficiente é ter a consciência tranquiila, como de fato eu tenho. O resto não importa.

O SORTEIO

Domingo, sempre nos encontrávamos Remo, Heitor, Luís e eu, fora da porta São Paulo, na frente do cinema do bairro que passa filmes em terceira dimensão; mas na maioria das vezes não entrávamos porque não tínhamos dinheiro para o ingresso Os quatro com dezoito anos; os quatro sem trabalho; os quatro sem um tostão. Quer dizer, um pouco de dinheiro a gente tinha, mas era para os cigarros que, no fim das contas, são mais importantes que o cinema. Até os cigarros, de resto, pensávamos duas vezes antes de esbanjá-los; fumávamos um por vez, passando-os de mão em mão e dando uma tragada cada um.

Domingo, é claro, todos vestem suas roupas melhores; mas, para

a gente, nossas melhores roupas eram as piores de nossos pais e irmãos, as que não usavam mais e que passavam para a gente

quando ficavam bem gastas. Eu, por exemplo, estava usando roupa de meu irmão: em casa, tinham encurtado as mangas e as calças para mim, mas os ombros caíam, duas vezes maiores que os meus. Por sorte, embaixo do paletó eu usava uma blusa vermelha de gola olímpica que ficava bem em mim porque sou loiro e tenho olhos azuis. Os outros três não estavam melhor do que eu: calças deformadas, paletós idem, camisetas de ciclista. Éramos amigos sobretudo por causa da miséria que nos unia nas vontades que não podíamos satisfazer: juntos trepávamos nas paliçadas para assistir as partidas de futebol sem pagar o ingresso; juntos, de uma janela da casa do Luís, ficávamos vendo o cinema ao ar livre, no verão; juntos

jogávamos baralho, nalgum lugar tranquilo, no pé dos muros, mas sem dinheiro, com pedrinhas ou botões.

Num domingo, a gente se encontrou, como sempre, na frente do cinema porque Remo conhecia o dono, um sujeitinho gordo chamado Alfredo, que, às vezes, quando a sala não estava lotada, nos deixava entrar de graça. Porém, nesse dia, Alfredo foi logo dizendo: - Rapazes, nada de ingresso grátis hoje. E apontou, acima da caixa, um cartaz em que estava escrito: estão suspensos os ingressos grátis.

Remo insistiu:

- Ouça... dois por vez... dois agora e dois na próxima sessão. Mas Alfredo, sem tirar os olhos do bloco dos ingressos, fez que não com a cabeça, irremovível.

Porém, não tínhamos matado a vontade e assim ficamos por ali, debaixo da marquise do cinema, olhando para os cartazes e para as pessoas que entravam. De repente se aproximam dos cartazes duas moças, bem tímidas, uma morena e outra loira. A morena estava com um capote de veludo preto, meio puído, e uma saia vermelha, de tecido leve, que parecia

combinação de tão amarrotada e manchada. Porém, gostei dela no ato: pele morena como uma cigana, com dois olhos de carvão, vivos, a boca grande e vermelha, o corpo solto e esbelto. Da loira, ao contrário, eu não gostei: gorda, com o peito e os quadris transbordantes, um vestido marrom que parecia uma teia de aranha, as meias serzidas nas pernas grossas e brancas, a cara grande, rosada e cheia de penugem como um pêssego. A loira nem bolsa tinha; a morena sim, de veludo preto, mas tão achatada e magra que eu poderia jurar que dentro dela não havia nem mesmo um lenço. Dei uma cotovelada no Remo, apontando com os olhos, e ele me encorajou com um olhar. Então me aproximei e disse:

- Moças, podemos oferecer-lhes o cinema?

A morena se virou no ato, respondendo:

- Não, obrigada, estamos esperando alguém.

- Perguntei irônico:

- Quem? O noivo?

Ela retrucou:

- E daí? Você não acredita que a gente tem noivo?

Disse:

- Ninguém disse nada... o ovo é da primeira galinha que cantou.

E ela:

- Então a gente é galinha?

- É, pois é.

- E vocês os galos.

- Claro.

- Vocês são frangotes depenados, disse ela com suavidade rouca "frangotes sem penas."

- Afinal, o que têm vocês contra a gente?

- Nada, disse ela, decidindo de repente: aliás, se querem nos pagar o cinema, nós aceitamos; e fez uma pequena reverência, segurando com as

duas mãos a barra da saia, como que para dizer:

- Vamos, coragem, cheguem mais.

Fiquei sem jeito. Tinha falado do cinema só para quebrar o gelo. Mas não tínhamos dinheiro nem para nós, imagine, então, para elas. Respondi:

- Para falar a verdade, não temos dinheiro para o cinema... falei só por falar.

A morena se pôs a rir, mostrando duas fileiras de dentes brancos e bonitos, de selvagem:

- A gente já sabia disso há tempo. A loira disse-lhe algo, baixinho, mas ela, que estava me olhando, deu de ombros. Em seguida acrescentou:

- Pois bem, não tem importância... achamos vocês simpáticos assim mesmo, mesmo sem dinheiro... deixemos o cinema para lá... vamos dar uma voltinha?

- Vamos.

Afastamo-nos do cinema, seguindo por uma rua deserta que acompanhava os muros, fora da porta São Paulo. A morena caminhava na frente e os quatro ficavam rodeando, porque, como logo vi, os quatro tinham gostado dela. A loira, amuada, vinha atrás, sozinha. A morena flertava rindo e brincando e tinha um jeito especial de mexer as pernas dentro da saia vermelha que a cada passo a saia flutuava como uma bandeira; e os quatro competiam para agradá-la; mas para a loira nem uma palavra sequer. Como disse, tinha gostado muito da morena; porém a corte dos demais me incomodava e me deixava chateado. Se eu lhe dava o braço, na hora um deles lhe agarrava o outro braço; se eu olhava para ela, logo um outro começava a encará-la; se lhe dizia uma frase gentil, um outro metia o bedelho.

Finalmente, perdi a paciência e disse ao Luís, que era o mais metido dos quatro:

- Páre com isso... por que não vai fazer companhia à Elisa?

Elisa era a loira que caminhava um pouco apartada, um talo de

mato entre os dentes. A morena confirmou, rindo:

- Pois é,ninguém faz companhia à Elisa.

- Oh, por mim, eu não preciso de companhia... estou bem sozinha, disse Elisa amuada.

- Por que você não faz companhia à Elisa?, disse Luís.

- Pois é disse a morena rindo, por que não faz companhia à Elisa?

De repente fiquei furioso e respondi:

- Sabem o que estão parecendo? ... Um bando de cachorros em volta de um osso.. . Eu farei companhia à Elisa. . sim senhor. .divirtam-se.

E, sem hesitar, me aproximei de Elisa e dei-lhe o braço, dizendo:

- Então, Elisa... vamos ficar de bem?

- A gente nunca brigou, respondeu ela meio arrogante.

Pusemo-nos a caminhar novamente por aquela rua poeirenta, de uma torre dos muros à outra. Vi logo que a manobra tinha dado certo: agora, realmente, a morena não parecia mais tão satisfeita e, rindo ainda e flertando, de vez em quando se virava para nos dar, a mim e a Elisa que vínhamos atrás, umas olhadas cheias de ciúme. Disse à Elisa:

- Mas o que deu na sua amiga?... O que ela quer?

Ela respondeu:

- É assanhada... quer todos os homens para ela.

Disse:

- Eu, ao contrário, estou aqui... você me quer?

Ela não respondeu nada, quem sabe por timidez; mas ficou vermelha e me apertou o braço.

Nesse ínterim tínhamos chegado ao fim da rua e depois tínhamos voltado atrás, sempre rindo e brincando; e agora estávamos no lugar de antes, na frente do cinema. A morena, de repente,parou e disse decidida:

- Escutem aqui... faz uma hora que vocês nos fazem andar nessa poeira... afinal o que vão nos oferecer? Se não têm nada para nos oferecer, é melhor a gente se separar.

Elisa, contente por estar de braço comigo, arriscou:

- Eles nos oferecem a sua companhia. Mas a morena não fez caso dessas palavras e continuou:

- Ouçam, tenho uma idéia... pelo menos o dinheiro para pagar a entrada do cinema para duas pessoas vocês to- ; dos juntos têm?

Olhamos um para a cara do outro. Disse:

- Acho que sim... não é Remo?

- Sim, disse Remo.

- Bom... então eu escrevo o nome de vocês em quatro papeizinhos... depois colocamos num boné e tiramos a sorte.. . quem ganhar escolhe uma de nós e vai ao cinema com ela às custas dos outros três... topam?

Olhamos novamente um para a cara do outro. Era tentador e não era. Era tentador porque todos gostavam dela e sabíamos Que o escolhido iria escolhê-la; não era tentador porque a ninguém agradava a idéia de pagar o cinema para a moça e para o outro.

Por fim eu disse:

- Eu topo; e todos os outros, para não fazer feio, aceitaram.

- Muito bem disse ela, primeiro me dêem o dinheiro e depois um boné e um lápis.

Meio chateados reviramos os bolsos: apareceu o dinheiro para os dois ingressos e até um pouco mais. Remo entregou- lhe seu boné e Luís um toco de lápis. Ela pegou o dinheiro, catou um jornal velho, rasgou quatro tirinhas e em seguida, indo para perto de um monte de ruínas, no pé dos muros, gritou:

- Digam seus nomes.

Dissemos. Ela escreveu os nomes, pôs os papéis no boné e, sacudindo-o, veio até a amiga e disse:

- Tire um.

Elisa obedeceu, ela desdobrou o papel e disse com voz triunfante:

- Júlio.

Era o meu nome. Levantei, dizendo:

- Agora é minha vez; e sem hesitar aponte para a morena, ajuntando: - Escolho ela.

A morena deu uma risada, uma pirueta, e veio se pendurar no meu braço. Tudo acontecera num instante: agora a morena estava ao meu lado e o cinema estava lá, na outra calçada, e a loira tinha ficado atônita, com o boné na mão. Depois Remo gritou:

- Aí tem coisa... Ela queria o Júlio e saiu Júlio.

Outro disse:

- Não vale.

Respondi:

- Por que não vale?... fizemos o sorteio. Mas Remo tinha pego o boné e examinava os outros três papéis. Depois deu um grito:

- Não vale, não vale... está escrito Júlio em todos os papéis.

- Quem disse?

- Olhe.

Era verdade. A morena se pôs a rir, descarada, e disse:

- Bom, agora já foi... nós vamos ao cinema, até loguinho.

Remo, decidido, barrou nossa passagem:

- Vai devolvendo o dinheiro.

Respondi:

- Devolvo amanhã.

- Que amanhã que nada... devolve já.

A morena interveio, dizendo-me em voz baixa:

- Não fique por baixo; e eu, encorajado, enfrentei Remo, dizendo: -

Devolvo amanhã... e agora xô, dá o fora.

Mal acabara de dizer essas palavras, Remo partiu para cima de mim, com ele os outros dois e os quatro rolamos no chão, agarrados, lutando e batendo um no outro. Sou forte; mas eles eram três e eu era um só, e certamente acabaria ficando por baixo deles, se, por coincidência, um guarda que zanzava ali por perto, não tivesse se aproximado, gritando com voz autoritária: - Ei, rapazes...onde pensam que estão?... estou falando com vocês, estão escutando?

Levantamo-nos os quatro, ofegantes, e cobertos de pó. Remo gritou furioso:

- Devolva o dinheiro; mas a morena, franca e rápida, foi logo se adiantando e disse:

- Nós dois, eu e ele,somos noivos... estávamos passeando e cuidando de nossa vida... os três nos seguiram e ficaram nos chateando...

seu guarda; mande embora esses atrevidos... Quem os conhece? oque querem? quem são?... nós queremos passear em paz.

Para falar a verdade, tamanha cara de pau não só surpreendeu a eles como a mim também. O guarda disse, severo:

- Vão indo..circulando... se não... ; e eles, atônitos, começaram a se afastar, sempre olhando para a gente. O cinema estava ali, na calçada da frente; dei o braço à morena e atravessei a rua.

Remo gritou para mim

- Amanhã, a gente acerta as contas; mas tanto ele como os outros não tiveram coragem de se mexer porque o guarda tinha ficado parado, lá onde estava. Entrei no cinema e disse a Alfredo:

- Duas poltronas da platéia; e a morena jogou o dinheiro no balcão da bilheteria. Quando entramos na sala, ela disse:

- Conseguimos.

Perguntei:

- Como você se chama?

Ela respondeu:

- Me chamo Assunta.

TOME UM CALDINHO

Ser tapeceiro não é um negócio difícil. Não falo do olho que se deve ter para pregar e esticar sem rugas nem defeitos os tecidos sobre os móveis; nem da paciência para costurar à mão, suponhamos, quatro ou cinco peças de chintz; nem da limpeza, tratando-se de coisa delicada. Falo do espaço. Suponhamos que um tapeceiro tenha que forrar um par de sofás, entre poltronas, cadeiras e cadeiras de espaldar alto, umas cinco ou seis, que é um trabalho normal, e aí está o lugar completamente ocupado mesmo que se tenha uma oficina grande o bastante. Por isso dificilmente se encontram oficinas de

tapeçaria e eu, apesar de ser tapeceiro há mais de quarenta anos (comecei a trabalhar aos dezesseis anos com meu pai que também era tapeceiro), eu, digo, sempre trabalhei em casa.

Moro na Lungura, não muito longe da Regina Coeli, num salão comprido, largo e alto que dá para o Tibre, com quatro janelas. Nesse salão, enquanto viveu minha primeira mulher, não só trabalhei como dormi com

toda a família: num canto tinha uma cama para meu filho Ferdinando; no canto oposto, atrás de um biombo, uma cama de casal para mim e minha mulher.

Disposição obrigatória, visto que, além do salão, no apartamento só havia mais dois cômodos pequenos para a cozinha e o banheiro. Depois minha mulher morreu, aos cinqüenta anos e eu, que tinha quase sessenta, após ter experimentado viver sem mulher, percebi que não agüentava e tornei a casar, e tudo mudou. Judite, minha segunda mulher, tinha trinta anos a menos que eu e podia ser considerada bonita, embora muitos homens afirmassem que havia nela algo de repelente: pálida como uma morta, com os olhos pretos saltados como os carneiros degola dos que se vêem nos açougues, os cabelos pretos, as carnes brancas e duras, mas frias. Antes de se casar, Judite tinha sido uma pobre operária, depois de casada quis dar uma de madame. Antes de se casar tinha sido um anjo, depois de casada virou um demônio. Antes de se casar, eu, a casa e o resto

servíamos; depois de casada não gostava de mais nada: nem de mim, nem da casa, nem do resto. É, pois é, são as surpresas do casamento. Começou dizendo que não podíamos dormir no mesmo quarto com Ferdinando e me fez levantar um tapume de tijolos de modo a formar um outro quartinho para pôr nossa cama.

Depois quis que reformasse a cozinha, com um fogão novo.

Depois, que colocasse uma banheira. Finalmente, achou um jeito de brigar com nossos vizinhos, onde eu ia telefonar e receber telefonemas há vinte anos. Assim, tive também que arranjar um telefone.

Vieram instalar o telefone, suponhamos, na segunda; depois do almoço da quarta- feira, enquanto estava pregando o cetim numa

poltrona império e suspirava sozinho pensando na vida, o telefone tocou. Fui até lá, tirei o fone do gancho e disse:

- Pericoli falando. Do outro lado do fio, um vozeirão grosso, ordinário, bem romano, perguntou:

- Pericoli, o tapeceiro?

- Sim, senhor, às ordens, respondi, pensando que fosse um freguês.

- Bem disse o vozeirão pode-se saber por que você se casou, Pericoli?... não sabia que na sua idade não se deve casar? O que você acha? Que sua mulher gosta de você? Pobre coitado...

No ato o sangue me subiu à cabeça, mesmo porque aquele vozeirão, ainda que de modo debochado, exprimia a dúvida que naquele momento me atormentava. Respondi, com força: "Mas quem

é você?

E ele, com voz arrastada:

- Quem sou eu, você não adivinha nem se nascer de novo... ouça, aliás, quero te dar um conselho...

- Mas o que você quer? Quem é?

-m conselho de amigo: tome um caldinho.

Considereei o telefonema uma brincadeira de algum desocupado que nos conhecia. Porém me envenenou do mesmo modo porque, como disse, eu também há algum tempo estava achando que meu casamento tinha sido um erro. Naturalmente não contei nada a Judite que, seja dito entre parêntesis, desde aquele dia tinha

se tornado impossível e me tratava pior do que um monte de lixo. Passou uma semana talvez e depois, mais ou menos na mesma hora que da primeira vez, o telefone tocou e o vozeirão me perguntou:

- Bom- dia Pericoli, o que está fazendo?

Respondi:

- Estou fazendo o que me dá na veneta.

Te digo já o que você está fazendo: está franzindo as cadeiras que trouxeram ontem à tarde... muito bem, trabalhe... mas também posso dizer o que anda fazendo a sua mulher.

- Mas quem é você, pode-se saber quem é você?

- Sua mulher está namorando o balconista do bar de Porta Sentimiana... é isso o que anda fazendo.

- Quem foi que lhe disse?

- Eu estou lhe dizendo... de resto, vá lá e verá... ouça, Pericoli: você é velho, as mulheres não querem saber dos brochas.

- Mas quem é você, canalha?

- Não fique com raiva, ouça: tome um caldinho.

Dessa vez não pude me controlar, e quando Judite voltou para casa, a uma daquelas suas respostas de lavadeira, disse-lhe:

- Eu trabalho e enquanto isso você namora com o balconista do bar da Porta Sentimiana." Antes não tivesse dito: primeiro me cobriu de palavrões, depois quis saber quem tinha me contado; e quando lhe disse, voltou a me xingar:

- Ah, você dá ouvidos a qualquer cafajeste que telefona... acredita mais nele do que em mim... bem que merecia eu eu te pusesse os chifres... e tão grandes que você nem passaria nas portas. Etc., etc.

Acabou que eu chorei e me arrastei de joelhos aos seus pés, pedindo perdão, com todos os meus cabelos brancos e a barriga.

E que, para acalmá-la, precisei dar-lhe dinheiro para comprar meias de seda; e sabe lá Deus se eu tinha dinheiro ainda, com todas as despesas que me obrigara a fazer.

Mais tarde, porém, senti-me triste e desgostoso: estava com vergonha e ao mesmo tempo tinha certeza de que ela não gostava de mim. Passaram mais alguns dias, depois o telefone tocou e o

mesmo vozeirão de sempre perguntou:

- Pericoli, como vai?

Respondi, fingindo desenvoltura:

- Eu vou bem, e você? Bem. .. quem, ao contrário, não vai bem é sua

mulher.

- Por quê?

- Porque você é velho, Pericoli, e não dá no couro. Veja como as coisas são. Tinha jurado ficar calmo. Mas ao ouvir falar de velhice, dei um pulo:

- Olhe, canalha, de agora em diante, quando ouvir sua voz, vou bater o telefone.

- Uh, como você é intolerante... mas não se impressione, Pericoli... logo, logo sua mulher vai estar bem.

- Pare, canalha.

- Pericoli, por que você se desgasta tanto?... ao invés disso, faça o que digo: tome um caldinho.

Dessa vez eu não contei nada a Judite. Mas fiquei me roendo por dentro e me roí mais ainda nos dias seguintes porque os telefonemas continuaram. O vozeirão repetia sempre as mesmas coisas: que Judite era moça e eu velho, que ela me traía ora com um ora com outro, que todos já estavam sabendo e assim por diante. Ou então, sem nenhuma cerimônia, dizia:

- Pericoli, sua mulher..., e tome um palavrão daqueles de carroceiro. Era alguém que nos conhecia bem, a ponto de me aconselhar a fazer

a barba todos os dias para não aparecer de barba branca na frente da Judite. Havia também o problema do caldinho. O que pretendia dizer com essa frase? Via que era uma alusão maldosa, é exatamente o que se diz aos convalescentes e aos velhos: tome um caldinho. Mas por que sempre a mesma frase?

Algo me dizia que já tinha ouvido aquelas palavras, mas não conseguia lembrar nem quando nem onde. Enquanto isso, a par e

passo, as coisas com Judite iam de mal a pior. Pode-se dizer que já então só falava comigo num tom intolerante, irascível, de bruxa. Eu, por amor à paz, ia engolindo; mas, de tanto engolir, ficava envenenado e cada vez eu via

melhor que minha vida não era mais uma vida. Basta, uma noite daquelas, de repente, Judite se mostrou gentil para comigo, pela primeira vez depois de tanto tempo; e até propus que fôssemos os três juntos comer numa certa cantina em Trastevere. Era a cantina onde tínhamos oferecido o jantar de casamento e, quando chegamos, repentinamente, lembrei de um fato do jantar: seja por causa da emoção, seja por causa do vinho que eu já tinha bebido antes, naquela noite passei mal do estômago. Então,

enquanto todos pediam macarrão, Judite, vendo que eu hesitava, tinha insistido, como uma boa mulher que gosta do marido:

- Tome um caldinho... ouça, Meo... tome um caldinho. Vi desse modo que era essa a origem da frase que o vozeirão me repetia

no telefone; mas não consegui adivinhar de quem era o vozeirão, pois naquela noite, além naturalmente dos garçons e dos outros fregueses, éramos uns vinte à mesa. Claro, não contei nada dessa minha descoberta; e tudo correu com bastante alegria. Judite, aliás, no fim, quis beber à minha saúde e até me deu um beijo. Bebi muito naquela noite, talvez porque me sentia feliz, e mais tarde voltei para casa com Judite e Ferdinando, cheio de esperanças. Dormi como uma pedra; quando acordei, Judite já tinha saído para as compras. Le

Tome um caldinho vantei e, ainda com a impressão de que Judite finalmente se decidira a gostar de mim, comecei a trabalhar. O dia estava bonito, o sol entrava pelas janelas, o canarinho cantava de perder o fôlego em sua gaiola, e eu, de tão contente; mesmo trabalhando cantava também, como o canarinho, se bem que em

surdina. Aí, de repente o telefone toca, vou até lá, atendo, e o vozeirão me diz:

- Pericoli, é a última vez que eu telefono para você.

Respondo todo alegre:

- Menos mal... Até que enfim você viu que era inútil... Então até logo e

passasse bem.

- Espere, Pericoli, sabe por que é a última vez que eu telefono para você?

- Por quê?

- Porque sua mulher largou de você... Foi embora hoje cedo com o Gigi, aquele que aluga carros... Ele passou para pegá-la às sete com o mil e cem verde.

Assim, aquela foi a última vez que telefonou. De Judite não quero dizer mais nada: sei eu o que sofri antes que a coxa se tornasse indiferente para mim: e teria medo, se contasse, de sofrer tudo de novo. Tinha, mas era a curiosidade de saber quem era aquele vozeirão tão bem informado, que me avisara do meu erro, pode-se dizer, desde o primeiro dia. Curiosidade é dizer pouco, realmente: só pensava nisso e no fim virou uma verdadeira obsessão. Descobri por acaso, e ainda hoje, quanto mais penso, menos entendo. Ferdinando naquela época tinha quase quinze anos e já fazia tempo que não ia mais buscá-lo na escola. Mas um dia de manhã tive a idéia de passar no Instituto Técnico, assim, só para voltarmos juntos para casa.

Quando o encontrei já tinha saído e jogava com os colegas, no pátio diante da escola. Era um dia de sol e por um momento fiquei a observá-los enquanto jogavam. Não sei porquê, na hora comparei meu filho com os outros e cheguei à conclusão de que nem nisso eu tinha tido sorte. Talvez por ter nascido de pais velhos, Ferdinando não era bonito: baixo, com os pés e as mãos enormes, a cara amarela, com um narigão descendo na boca e dois olhos com um defeito que chocava: estrábicos. Notei que era forte, dava cada chute na bola que até fazia eco, mas sua força também não era normal, era excessiva para seu tamanho, meio parecida com a dos anões e dos corcundas. Enquanto fazia essas reflexões, apoiado numa mureta, ao sol, ouvi ele gritar furioso:

- Não vale... você tocou na bola com as mãos; e então, num relâmpago,

reconheci a voz. Era o mesmo vozeirão que me telefonava, o vozeirão, enfim, do rapaz que está virando homem, atormentado, debochado, desafinado como a idade.

Depois, preparando-se para chutar a bola, acrescentou:

- Tome, e reconheci também a palavra.

Na hora tive vontade de chamá-lo, pegá-lo braço e arrastá-lo para casa à força de safanões pelo caminho. Chamar o pai de “velho bobo e brocha” e dizer todos aqueles palavrões da madrasta pode até ser, mas um filho de verdade, deve ter respeito pelos pais. Depois ele me viu, largou a bola e veio ao meu encontro ofegante, gritando sempre com aquele vozeirão:

- Ah, pa'... Que está fazendo aqui?... Não tinha te visto; e de repente eu me senti desarmado. Era tão feio, com seu casaco

comprido demais, o narigão e os olhos estrábicos; e ao mesmo tempo dava para perceber que estava contente de me ver.

Gaguejei:

- Ferdinando, se quiser continuar jogando, continue... estou indo para casa Mas ele disse:

- Já acabei... Vamos; e satisfeito, deu-me o braço, seguindo comigo pela beira do rio. Fomos devagar, ao sol, em silêncio.

Agora achava que, no fim das contas, ainda que por telefone, ele tinha me dito a verdade e avisado do meu erro. E se um filho não diz a verdade ao pai, quem há de dizer?

A VIDA NA ROÇA

Depois da história do flagrante na casa de jogo, o ar de Roma não estava me servindo mais, e os amigos me aconselharam a sair por algum tempo. Até minha mãe, fingindo não saber e ao mesmo tempo deixando ver

que sabia pela cara fechada e o ar preocupado, me dizia: - Você anda abatido, Atílio... por que não vai a Bracciano no compadre? Eu resisti um pouco, pois nasci e cresci na cidade e o campo não me diz nada, aliás nem posso suportá-lo; e mais tarde, afinal, me resolvi. Então, minha mãe telegrafou ao compadre; e, mal recebeu o telegrama de resposta, ela mesma foi arrumar minha mala. Queria colocar minha roupa mais surrada: pois, dizia, era roça mesmo; mas eu lhe disse que, ao contrário, queria levar minhas melhores roupas, porque roça ou não, se não estou bem vestido, não sou mais eu. Ela me repetia:

- Vai se exibir pra quem? Pras vacas? Pros porcos?

Eu respondi:

- Deixa pra lá... é uma fraqueza.. . você também tem as suas.

Assim arrumou a mala como eu queria; só que, a cada peça, dava um suspiro: um suspiro para cada par de calças. Tanto que finalmente lhe disse:

- Quer parar com esses suspiros... vai me dar azar. E ela, olhando para mim:

- Meu filho, sua mãe lhe dá azar?

- Dá sim, com esses suspiros todos.

- Meu filho sua mãe quer o seu bem... se não se metesse com certa gente agora não precisaria ir a Bracciano. Finalmente ela terminou de arrumar a mala; e no dia seguinte, de manhã cedinho, depois de beijá-la, desci até onde Gino me esperava com o carro e partimos.

Saímos de Roma pela Cassia. Era julho e, apesar de ser nove horas, o sol, sobre o asfalto escaldante da estrada, entre os campos áridos, já ardia e cegava como se fosse meio- dia. O lugar para onde íamos, realmente, não era Bracciano, que pelo menos é uma

cidadezinha e tem o lago, porém um lugarejo em pleno campo

chamado Castelbruciato. Como nome já pegava mal, mas quando, após uma hora de viagem, chegamos lá, vi que era muito pior do que

eu imaginava. Primeiro enxergamos uma enorme árvore

empoeirada e sombria, um eucalipto, que despontava atrás de um morrinho pelado, em seguida vimos alguns chiqueiros e casas de colonos em volta do terreiro, e depois, por fim, um casarão de

três andares, com as paredes inclinadas como uma prisão, enegrecido, maciço, velho, encostado no morro; e isso era Castelbruciato. Ao redor o campo deserto, sem nenhuma árvore, sem casas, com os roçados já ceifados, erçados e pelados.

- Vai ver como será divertido, disse Gino, entregando-me a mala. Eu estava tão consternado que nem sequer respondi.

Quando me virei já tinha partido e eu estava sozinho.

Da chácara, pelo terreiro, vinha uma moça caminhando descalça pela poeira. Disse, quando chegou perto:

- Eu sou Filomena... a filha do seu padrinho. Falava com as vogais transformadas em u, como falam os caipiras daquelas bandas. Era uma moça bem da roça, com a cabeça grande, os cabelos crespos, a testa curta, os olhinhos encovados, o rosto moreno e grosseiro. Robusta, com um peito exuberante empinando a blusa e cadeiras de

cavalo. Pegou minha mala como se fosse um graveto e eu a segui através do terreno, reparando onde punha os pés por causa do monte de tita de galinha e de outros animais. Entramos num salão escuro e fresco, mas fedorento: havia uma grande lareira toda preta de fuligem, uma mesa e umas cadeiras que pareciam talhadas a machado. Apesar das várias tiras de papel gomado negras de moscas grudadas que pendiam do teto, dava para ver, onde entrava a luz pelas janelas gradeadas, outras nuvens de moscas voando baixo. Nas paredes, como enfeite, pendiam selas e arreios de mulos e de cavalos, de modo que parecíamos estar num estábulo. Ela seguiu por uma escada de pedra, com os tetos em abóbadas e me conduziu ao segundo andar. Ali, num corredor, entre muitas portas enfileiradas, empurrou uma e me fez entrar num

quarto com uma imensa cama de ferro, uma cômoda e um tripé com bacia. E o banheiro? Fez-me um sinal e me levou para outro quarto quase tão grande quanto o primeiro, completamente vazio. Num canto havia um buraco, escuro, na superfície do chão, e, em cima, as moscas de sempre. Disse que tinha o que fazer e me largou sozinho diante do buraco.

Assim começou minha vida no campo. De manhã era a melhor hora porque restava ainda o frescor da noite e porque eu me vestia. Porém, logo que acabava de me vestir, começava o desespero. Descia e sentava à mesa para o almoço. De vez em quando estava lá o pai, rústico como a filha, alto e gordo, com os bigode pretos, sempre vestido de vaqueiro, com polainas de vaqueta e as calças reforçadas no cavalo. Minha mãe, na hora da partida, me dissera:

- Você vai ver, lá tem leite tirado na hora, delicioso. Que leite que nada: café de chicória aguado, salame cheio de grãos de pimenta, daquele chamado culatello, e pão amanhecido cortado em fatias de um quarto de quilo cada uma. O pai, então, logo de manhã cedinho,

tomava um vinho escuro, denso, áspero e quente, que parecia suco de amorás. Era grosseiro e, quando achava que estava sendo gentil, era a hora que insultava; imagine o que era quando realmente insultava. Implicava com minhas roupas:

- Qual é, em Roma vão trabalhar com camisa de seda? Ou então: - Para quem você se veste? Hoje nem é domingo... Vai à missa? A

filha, quando ouvia essas palavras, ria, escondendo a cara com o braço, grossa de não se acreditar. Logo depois, o pai saía para o terreiro, montava o cavalo e me dizia com um gesto, apontando o campo incendiado pelo sol:

- Vá passear... não gosta da roça?... olhe quantos campos... pode caminhar à vontade. Enfim, caçoava de mim. Quando ele partia, eu ficava sozinho com a filha; dos camponeses que moravam ali perto é

melhor nem falar, gente completamente igual aos animais, de não se

poder trocar meia palavra. A filha, acho que estava meio apaixonada por mim: vivia fazendo gracinhas, mas a seu modo, como uma roceira. Passando perto da mesa, por exemplo, me dava como que por acaso um esbarrão, mas tão forte que quase me den'ubava da cadeira. Ou então, se estava andando pelo terreiro, punha-se a picar tempero em pé, diante da janela escancarada da cozinha, e cantava para mim, com intenção, com sua voz de homem baixa e rouca, umas cantigas da roça. Uma vez, não sei como, perguntei-lhe: - Filomena, você está noiva? Ela caiu na gargalhada e me deu um safanão no peito, bem de camponesa, que por pouco não me deixa um vergão.

- E não digo que como moça da roça, na roça, não fosse atraente.

Mas eu prefiro as mulheres da cidade: brancas, magras, limpas, bem vestidas, e às vezes até pintadas. E ela, ao contrário, parecia uma vaca.

- Vai em frente pensava, você pode ser uma vaca... mas não serei eu o touro.

O dia era comprido e não acabava nunca. Para passar o tempo, sentava à mesa, no salão do andar térreo, e jogava paciência.

Mais tarde, me enjoei do baralho e pensei em passear, mas vi que era impossível: por milhas e milhas ao redor só havia uma

árvore e essa árvore era a árvore que surgia no terreiro. Lá me jogar em cima da palha, atrás do paiol, naquele calor abrasante, mas logo depois ficava cheio de coceiras e de comichões por causa dos insetos da palha, e precisava levantar. Havia moscas em quantidade, vespas aos montes, e, de noite, mosquitos que picavam pior que facas. Quis fumar, e o padrinho me trouxe uns cigarros da venda do lugar: secos, vazios que ao acendê-los queimavam crepitando e depois ficavam

que era só papel.

Eu, então, sou enjoado para comer e a comida deles me fazia mal: sempre coisa forte, nacos de carne cheia de tocinho, de alho e de alecrim,

molhos escuros, favas e ervilhacas com tocinho, feijão com molho. Depois do almoço adormecia naquela cama tão dura, em cima de um colchão fino e cheio de pelotas, e dormia um par de horas, de boca aberta, como um morto, em seguida acordava molhado de suor, com a língua grossa e seca e com dor de cabeça. Enfim, o pai caçoava de mim, a filha me cortejava aos tapas e empurrões, e eu só pensava em Roma. De manhã quando levantava e me debruçava na janela e via aquela extensão de campos amarelos e secos com ruínas romanas de tijolos espetadas aqui e ali, e enxergava lá embaixo no terreiro a filha que passava, carregando as latas de sobras para os porcos, me dava um aperto no coração e eu amaldiçoava o dia que tinha vindo para cá. A filha, coitada, gostaria de ser gentil comigo: um dia, até pôs um maço de flores do campo

num jarro em cima da cômoda. Mas, como disse, não queria lhe dar confiança. Pode ser que depois o pai quisesse que me casasse com ela. Tinha uma espingarda pendurada na parede do salão e eu sabia que era capaz, se eu me comprometia com a filha, de me obrigar a casar com aquela espingarda. Isola.

A filha vivia me espicaçando. Um dia em que jogava paciência no escuro, com as moscas pousando aos montes na beira das cartas, perguntou-me, com jeito atrevido:

- Então, gosta do campo? Eu, duro, respondi:

- Não, não gosto. Ela ficou sem graça, talvez porque esperasse que, por educação, eu lhe dissesse que gostava; e perguntou:

- E por que não gosta? E eu:

- Porque isso não é vida.

- E o que é a vida?

E eu, de um só fôlego:

- Vida é estar na cidade onde tem cafés e lojas com iluminação, e tem cinemas e teatros... vida é encontrar com os amigos no bar, tomar um aperitivo

sentado a uma mesinha arejada, ler o jornal de esportes e comentar as notícias, e depois do almoço jogar sinuca, à tarde ir assistir um bom filme e de noite passear até tarde... vida é ir de domingo ao futebol no estádio, ou então às corridas de cavalos e até

às corridas de galgos... e, no verão, ir tomar banho em Ostia com uma moça... vida é andar de automóvel e não a cavalo, é encontrar frangos na avícola e não sempre entre os pés da gente, é não ver moscas pela frente porque existe flit para matá-las, é ter água corrente fria e quente em casa, é cozinhar a gás e não a carvão, é fumar cigarros americanos, e, de manhã, ao invés do vinho, tomar um cappuccino ou um café forte. Falei isso e logo me arrependi, pois a pobre moça ficou humilhada e foi para a cozinha sem dizer nada. Mas dá para acreditar? Três dias mais tarde pediu-me para acompanhá-la até a adega para buscar vinho. Na adega, naquela

escuridão fresca de gruta, encosta-se numa pipa e me diz:

- Sinta aqui o meu perfume; e com ambas as mãos agarra minha cabeça e me aperta o nariz contra seu peito. Tinha comprado um perfume, em Bracciano decerto, e ensopado o peito, por cima do suor e do cheiro selvagem. Estávamos sozinhos, embaixo da terra, e ela fazia uma cara como que dizendo:

- Beijeme. Eu disse apressado:

- É bom, e saí, deixando-a lá com a cara azeda.

Minha mãe mandava dizer de vez em quando nuns cartões que era melhor eu não me mexer; mas eu estava cheio e resolvi partir.

Na tardinha que anunciei minha partida, a moça levantou-se bruscamente e foi até a cozinha. O padrinho me disse:

- Já vai? Pensei que quisesse ficar até a feira, pelo menos. Respondi que tinha um compromisso em Roma e depois da janta subi para arrumar a mala. A moça, logo depois, a pretexto de trazer um jarro de água para a noite, entrou no quarto, sentou na cama e

disse:

- Sabe que essa noite sonhei com você? Eu estava arrumando a roupa na mala e não disse nada. Ela continuou:

- Estava vestido de noivo, eu estava vestida de noiva, e a gente se casava na igreja de Bracciano. Eu respondi, duro.

- E eu, ao contrário, sonhei que estava em Roma entrando num bar e tomava um cafezinho... veja como nossos sonhos são diferentes. Ela disse:

- Sua mãe é costureira, não é?

- Claro que é.

- Por que não diz a ela para me chamar para trabalhar de costureira em Roma?" Eu, então, para consolá-la, prometi falar com minha mãe e em seguida, sempre para me mostrar gentil, tirei da mala um lenço grande, de seda, e dei-lhe de lembrança. Ela foi colocá-lo, bastante satisfeita, diante do espelho da cômoda e depois ficou ali, sem jeito, com o lenço na cabeça e eu disse:

- Filomena agora vou tirar a roupa e deitar... não fica bem uma moça ver um homem tirando a roupa"; e tirei a camisa, ficando nu até a cintura. Ela então se aproximou, tocou meu braço com um dedo, dizendo:

- Uh, como você é branquelo, e depois caiu na gargalhada e saiu. Mas na manhã seguinte trouxe minha mala e disse:

- Adeus, Atílio, de longe, amuada, o rosto meio escondido pelo meu lenço. Em Roma minha mãe me recebeu com apreensão. Mas fui até o bar e lá os amigos me contaram que exatamente no dia

anterior o caso da jogatinha tinha sido resolvido. Tudo corria bem, era um dia lindo de verão, mas fresco e sem moscas. Pedi um café e me sentei ; com o jornal numa mesinha, como no sonho. Parece que eu tinha nascido de novo e quase não acreditava que estava em Roma e não em Castelbruciato.

OS SEUS DIAS

Dizem que para os romanos o siroco não faz nada: nasceram nele. Mas eu sou romano, nascido e batizado na praça Campitelli, e assim mesmo o siroco me tira do sério. Minha mãe, que sabe disso, quando de manhã vê o céu branco e sente o ar pegajoso, e depois olha para mim e nota que meus olhos estão turvos e minha fala curta, sempre fala, enquanto me visto para trabalhar:

- Tenha calma... não fique bravo...controle-se.

- Minha mãe, coitada, me dá esses conselhos porque Sabe que nesses dias é bem possível que eu vá parar na cadeia ou no hospital. Ela os chama de “os meus dias”. Conta para as vizinhas:

- Gigi, hoje cedo, saiu com uma cara de dar medo...pois é, ele tem os seus dias.

Apesar de ser baixinho, franzino e desprovido de músculos, nos dias de siroco me dá vontade de provocar briga ou, como nós romanos dizemos, procurar sarna para se coçar. Caminho olhando para os homens, sobretudo para os mais forçados, e penso:

“Esse aí eu arrebentaria o nariz dele com um soco... aquele ali, queria ver ele pular de tanto pontapé no rabo... e este?

uns dois bofetões de deixar a cara inchada. Sonhos: na realidade todos são mais fortes do que eu. Para bater em alguém, eu precisaria ir me meter com uma criança. E ainda assim ninguém garante. Tem uns moleques brigões, perversos,que se atiram de cabeça baixa e às vezes te mandam um pontapé no baixo ventre, esses me dão medo.

Para cúmulo da desgraça, escolhi uma profissão que não devia ter escolhido: garçom de bar. Os garçons, como se sabe, devem ser gentis, seja o que for que aconteça. A gentileza para eles é como o guardanapo que trazem no braço, como a bandeja em que

servem a bebida: um instrumento de trabalho. Dizem que os garçons

têm os pés cheios de calos. Eu não tenho, mas é como se tivesse, e os fregueses vivem pisando neles. Com minha sensibilidade, a menor observação, a menor grosseria me deixa furioso. E ao contrário, tenho que engolir, me curvar, sorrir, rastejar. Aí me dá um tique nervoso na cara que é o sinal da minha raiva.

Os do bar, que já sabem, quando me vêem torcer a cara, logo dizem:

- Ué, Gigi, o que foi?... ; O que te fizeram? Enfim, tiram um sarro. De vez em quando, porém, consigo desafogar essa vontade de

ofender e de agredir. Escolho um lugar cheio de gente, uma praça, ; um lugar público, escolho o cara após demorada observação, o abordo com um pretexto, e o insulto. Naturalmente, o cara ameaça se atirar contra mim; mas logo quatro ou cinco da turma do deixa pra lá se metem no meio e o seguram. Eu aproveito

para xingar mais ainda, e depois me afasto. Passo bem o resto do dia.

Basta, certa manhã que dava para cortar o siroco com faca, saí com o diabo no corpo. Uma frase, principalmente, zumbia nos meus ouvidos:

- Se não parar, faço você comer o seu chapéu.

Onde foi que escutei isso? Mistério: talvez o siroco me tivesse sugerido em sonho. Sempre remoendo essas palavras na cabeça, peguei o bonde para ir ao bar, que fica lá pelos lados

da praça Fiume. O bonde estava lotado e, apesar de ser de manhã cedo, já não se respirava. Cerrei os dentes e fiquei em fila no conedor. Logo começaram com o empurra- empurra, como se

não existisse outro jeito de passar à frente a não ser à força de cotoveladas. Comecei a me roer, mas não disse nada. O bonde

percorreu lentamente à beira- rio, atravessou o largo Flaminio,
passou o Muro Torto, chegou na praça Fiume. Dirigi-me à saída.

Se tem uma coisa que me tira do sério, com siroco ou sem siroco, é
quando no bonde as pessoas me perguntam:

- Vai descer?... dá licença, o senhor vai descer? Acho uma indiscrição,
como se me perguntassem:

- Dá licença, o senhor é cornudo? Nem sei o que daria para responder
que não têm nada a ver com a minha vida. Naquela manhã, pouco antes da
parada da praça Fiume, a voz de sempre, no meio da multidão de sempre,
perguntou:

- Rapaz, tu vai descer?

Um garçom também tem a sua dignidade. O fato de me tratar por
tu e de chamar por rapaz juntou, à raiva de sempre, um ressentimento
do orgulho. Pela voz achei que devia ser um

brutamontes: bem do tipo de pessoa em quem até sonho em dar um
murro. Olhei à minha volta: a multidão era enorme. Achei que poderia
insultá-lo sem perigo e respondi:

- Se eu vou descer ou não, o que é que você tem com isso?

No ato, a voz disse:

- Então, saí daí e deixa os outros descenderem. Pronunciei sem me virar:

- Uma pinóia. De repente, como resposta, recebi um empurrão de tirar o
fôlego e, como um bólido, ele passou à minha frente. Não me enganara: era
enorme, baixo com a cara vermelha, os bigodes pretos, à americana, e um
pescoço de touro. Também usava chapéu. Voltou à minha cabeça aquela frase:

- Se não parar, faço você comer o seu chapéu.

Ele estava descendo, eu estava no estribo. Juntei as forças e gritei: -
Seu papa- defunto, sem educação. Ele, que já tinhadescido, se virou, me
agarrou por um braço, me fez voar lá para baixo como uma pena. Berrava:

- Sem-vergonha, repete aí o que você disse. Porém, como previ, cinco

ou seis já o tinham segurado. Era agora ou nunca mais. Enquanto ele se debatia e mugia como um boi, estiquei-me e gritei- lhe na cara, com um ódio daqueles:

- Quem você pensa que é? seu canalha, patife, chave de cadeia... sabe que se não parar faço você comer o seu chapéu? Falei e respirei: sentia-me melhor. Ele, de repente, parou de se bater, meteu a mão entre os dentes e ergueu os olhos para o céu, dizendo:

- Ah, se eu pudesse.

Reanimado, cheguei bem debaixo do nariz dele e disse:

- Mas você pode... coragem... vamos ver... você pode...valentão, delinqüente, nojento.” Finalmente nos separaram e eu saí dali sem virar para trás, feliz, assobiando uma musiquinha.

No bar, enquanto púnhamos as mesinhas para fora, contei o caso, do meu jeito naturalmente. Descrevi o homem e em seguida expliquei como foi que mandei ele cuidar da vida dele, ameaçando, ainda por cima, de fazê-lo comer o chapéu. Mas não disse que, enquanto eu o insultava, seis o seguravam. Os do bar, como sempre, não me acreditaram. Gofredo, o barman,disse: “Você é um grande mentiroso... nunca se olhou no espelho?

Respondi:

- É a pura verdade... disse pra ele, na cara dura, o que eu pensava e ele abaixou as orelhas.

Eu estava na maior euforia, me sentia bem, naquela manhã até o serviço me agradava. Ia e vinha, movendo-me como se dançasse,gritando os pedidos em voz aguda, alegre. Gofredo me perguntou sério:

- Que é que foi, andou bebendo?

Respondi com uma pirueta:

- Não enche... um bitter e uma cerveja gelada.

Estava tão satisfeito que muitas horas mais tarde, às onze da noite, o efeito benéfico daquele esporro ainda não tinha passado. Mais ou menos a

essa hora, eu entrei no bar para pegar dois expressos e saí, leve como um passarinho. As mesas à esquerda da porta são minhas, no momento estavam ocupadas; só lá no fundo tinha uma livre: quando voltei, vi que alguém estava sentado. Levei os expressos, depois fui todo lépido até a mesa, dei uma passada de pano nela e perguntei:

- Os senhores desejam? erguendo finalmente os olhos. Perdi o fôlego, depois que vi que era ele mesmo, que me olhava sarcástico, o chapéu

caído sobre a nuca. Junto com ele estava um outro, da mesma laia: cor de azeitona, quase um mulato, de cabelos grisalhos, os olhos injetados de sangue. Ele disse:

- Olha, veja só quem está por aqui... os senhores desejam duas cervejas.

- Duas cervejas, repeti sem fôlego.

- Mas, ó, geladas, disse ele. E com o pé, para começar, me deu um pisão que me fez pular de dor. Mas não reagi, tinha caído

do cavalo, talvez pela surpresa e, na hora, só sentia medo.

Ele acrescentou, olhando à sua volta:

- Um belo lugar... tem muito serviço, rapaz?

- Conforme os dias.

- E a que horas larga?... só para saber.

- À meia-noite.

- Ótimo, falta uma hora... vamos aproveitá-la... e depois te daremos a gorjeta.

Eu não disse nada e tornei a entrar no bar. Gofredo, que estava lidando com a máquina, me deu uma olhada e viu logo que eu tinha mudado. Disse:

- Duas cervejas num fio de voz, me apoiando no balcão para não desmaiar. Ele me entregou as cervejas e perguntou:

- O que você tem? está se sentindo mal?

Não respondi, peguei as cervejas e tornei a sair. O outro me disse: -

Ötimo, como garçom está de parabéns. Mas logo em seguida tocou nas garrafas e acrescentou:

- Ei, essas daqui estão quentes.

Pus a mão numa das garrafas: estava gelada. Observei em voz baixa: - Acho que está gelada. Ele pôs a mão em cima da minha apertando até esmagar, e repetiu:

- Está quente... diga você também que está quente.

- Está quente.

- Assim está bom... traga alguma coisa realmente gelada.

- Um sorvete, sugeri confuso.

- Ötimo, um sorvete... mas vê lá: gelado; e assim dizendo me deu um pontapé na canela. A mesa estava num lugar em que se podia vê-la de dentro. Gofredo, quando cheguei ao balcão, disse rindo:

- É ele, não é? Os outros garçons também riam.

Não respondi nada, branco e tremendo todinho.

- Mas você, continuou Gofredo, pegando os sorvetes na sorveteira, não tinha dado um susto nele? e agora o que está esperando para

lhe dar uns tapas?... vamos, mostre que sabe pôr o sujeito em seu devido lugar. Em silêncio, peguei os sorvetes e levei-os até a mesa. Ele, com uma colherzinha, tirou um pedaço, pôs na boca e aí perguntou:

- Então larga à meia-noite... e para voltar para casa, por onde vai?

Respondi ao acaso:

- Moro perto do Policlinico. Não era verdade, porque moro na praça Campitelli. E ele, furioso:

- Ötimo, vai encurtar o caminho para o pronto-socorro.

Fui ao bar e disse em voz baixa a Gofredo:

- Quer me bater...me espera na hora da saída... que devo fazer?... talvez deva chamar a polícia. Gofredo deu de ombros e respondeu:

- E o que vai fazer?... os caras dizem que não te conhecem...

Não pode mandar prender as pessoas por suas intenções. Deu uma virada na máquina e depois acrescentou:

- Quer um conselho?... tente acalmá-lo... peça desculpas.

Não queria, porque sou orgulhoso. Mas naquela hora o medo venciu qualquer outro sentimento. De modo que resolvi: fui até a mesa, hesitei um instante e depois, em voz baixa, disse:

- Desculpe...

- O quê? disse ele, me encarando.

- Eu disse: desculpe... pelo que aconteceu no bonde. Fitou-me estarelecido e depois disse:

- Mas que bonde? Quem te conhece? Nunca te vi na minha vida... ah, entendi, talvez tenha medo que a gente não te dê gorjeta... fique sossegado... a gente vai dar a gorjeta... pra valer.

Já estava então quase batendo os dentes de pavor. Sabia que iriam esperar e me seguir. Ao redor da praça Campitelli, onde moro, não dá nem para contar os becos em que se pode até matar um homem sem ser visto. Me dariam uma surra pra valer e não havia nada a ser feito.

Voltei ao bar e arrisquei, a Gofredo:

- Vamos sair juntos...você é forte. Mas ele me interrompeu no ato:

- Eu sou forte mas você é bobo... e depois, que pode acontecer?

Levará uns socos... talvez devolva alguns... você não disse que tinha

dado um susto nele? Enfim, continuava tirando um sarro. Os outros dois garçons também riam. Achei que ninguém tinha pena de mim e meus olhos se encheram de lágrimas.

Entretanto, o tempo passava, a meia-noite estava chegando. Os dois garçons foram embora, um depois outro; Gofredo começou a limpar o balcão e a máquina; lá fora, nas mesinhas, só tinham ficado os dois. Depois de limpar o balcão, Gofredo saiu e começou a trazer as mesas e cadeiras, empilhando-as

dentro do bar. Apavorado, olhava à minha volta procurando uma saída. Mas sabia que o bar não tinha outra saída; escapar pelas ruas nem pensar. No entanto, os dois pagaram, levantaram e saíram para a calçada dianteira. Gofredo tornou a entrar, dirigiu-se para os fundos, tirou o paletó e foi saindo. Quando passou na minha frente, disse, com um sorriso:

- Boa sorte. Não tive forças para devolver o sorriso.

Agora, no bar, éramos dois: eu e o patrão que, de pé atrás do caixa, fazia a contabilidade do dia. Tinha posto as notas em cima do mármore e ia separando em montinhos o valor. O negócio ia bem: só em notas de mil deveria ter umas trinta mil liras.

Olhei para fora: os dois continuavam lá, à sombra de um prédio, na calçada dianteira. Não muito longe, perambulavam dois carabineiros. Então tomei minha decisão e me senti reanimado. Tirei o paletó branco do trabalho, vesti o meu, me aproximei do balcão como que para me despedir do patrão, e aí, com um gesto rápido, agarrei o bolo de notas de mil e saí correndo pela porta. Fugindo pela rua, como uma bala, logo ouvi o grito de “pega ladrão” e vi que meu plano tinha dado certo. Continuei a fugir mas diminuindo a marcha cada vez mais; na praça Fiume, os motoristas de táxi, ao ouvirem o grito de “pega ladrão”, tinham se disposto em círculo e eu, como quando se corre num revezamento, deixei que me rodeassem sem resistência. Em seguida vieram os carabineiros, o patrão gritando como uma águia depenada, Gofredo que, com o bafafá, tinha voltado atrás. Quando me viu com os guardas, no meio de uma multidão, Gofredo entendeu tudo e gritou:

- Que é que você fez, Gigi? Quem te mandou fazer isso? Respondi, enquanto iam me arrastando:

- O medo... melhor na cadeia que no hospital.

Entretanto, o patrão, que tinha recuperado o dinheiro, gente boa que era, pedia:

- Soltem-no, foi um momento de loucura.

Mas eu:

- Nada disso, me levem em cana... nunca se sabe.

O PASSEIO

Passeios pelos arredores de Roma? É o fim da picada. Para dar uma idéia do que são os passeios pelos arredores de Roma, quero contar o último que fizemos, há poucos dias atrás, um domingo, em cinco amigos. O primeiro erro, reconheço, foi irem só homens, sem nenhuma mulher. Os homens, todo mundo sabe, perdem facilmente o controle; e, entre uma coisa e outra, bebe-se demais, como foi o caso, passa-se o dia a falar palavrões, a gritar, a dar empurrões e, em suma, quando anoitece, o sujeito gostaria de nunca ter ido. Quem é, então, que estava naquele domingo? Estava a turminha toda do bar da praça Mastai, menos Amílcar, que, como era véspera do torneio

dos pesos- pena, precisava treinar. Estava o Alexandre, um dos balconistas do bar, alto e gordo, com a cabeça brilhante, chamado, por causa, justamente, dos cabelos melecados, de Brilhantina; Alfredo, um loirinho, apelidado de Espadafina porque é tão afiado nas discussões esportivas, que ninguém pode com ele; o desembestado do Teodoro, o garagista, a quem chamam de “Gol” porque, quando a bola entra na rede, é ele que grita mais que todos; Hugo, o filho do dono do bar, que guiava o automóvel; e eu. Partimos do largo Flaminio por volta das onze, contentes da vida, já à toda.

- Onde querem ir? perguntou Hugo.

- Por aí, respondemos, “onde der na veneta. .. sem programa.

O carro não era grande e em cinco ficávamos apertados, tanto mais que Alexandre e Teodoro são largos de quadris; e assim logo vieram com empurrões, tapas e outras brincadeiras. Hugo, um rapaz de rosto pálido e

esperto que, pela aparência, parece a calma em pessoa, logo depois da Ponte Milvio, pisou fundo no acelerador, perseguindo e ultrapassando um a um todos os carros da estrada. Havia carros de todos os tipos: de passeio com homens sozinhos, jardineiras cheias de mulheres e de crianças, carros de luxo, americanos, grandes como vagões, táxis, ! velhos carros de campanha. A cada carro que passávamos, esticávamo-nos nas janelas para fazer caretas e gestos de caçoada só pelo prazer de ver os do carro ultrapassado olharem para a gente ofendidos ou admirados.

Nessa brincadeira, o mais violento era Teodoro: precisavam vê-lo gritar “Gol” a cada automóvel que deixávamos para trás, como numa partida de futebol, pendurado para fora da janela, com a cara vermelha, as veias do pescoço rebentando de tão inchadas; mas Espadafina era o que encontrava as frases mais certeiras e mais maldosas.

A alegria vinha também do fato de estar fazendo um dia realmente bonito, com umas nuvens brancas aqui e ali no céu limpo, a ponto de lembrar que estávamos na primavera, e o campo todo verde, daquele verde de maio, tenro, inchado, como que espumante que faz pensar no leite recém-tirado e que até dá vontade de ser vaca só para sentir o prazer de enfiar a cara nele. Aliás, Teodoro, quando _ paramos um instante para examinar o mapa rodoviário, interpretando o sentimento comum, foi direto se jogar num daqueles prados, de pernas para o ar, feito um burro no cio, na relva alta e fresca de orvalho; para depois sair dali molhado e desgrenhado, a boca cheia de trevos, em meio à risada geral. Assim, sempre rindo e brincando, passamos o cruzamento da Ilha Farnese e chegamos ao de Bracciano. Era quase meio-dia e Alexandre propôs que fôssemos comer peixe no lago. Dito e aceito no ato: pegamos a estrada que vai para Anguillara. Porém, numa curva, eis que barra nosso caminho um furgão da funerária, preto e dourado, alto como uma casa, sem flores nem cortejo: provavelmente ia buscar o defunto em Bracciano. A estrada não era asfaltada, de modo que por debaixo daquele sacolejante

caixão preto saía uma nuvem de poeira branca. Hugo, naturalmente, buzinou pedindo passagem, mas nada: como tivesse tocado flauta. O catafalco andava devagar, como que passeando, e a poeira fazia a gente tossir. De vez em quando Hugo, que é um ótimo motorista, tentava emparelhar é aí o catafalco, de ruindade, se plantava no meio da estrada, apertando-nos contra o muro ou a cerca, com o perigo de nos esmagar. Não enxergávamos o motorista, mas devia ser arrelento e safado, sem caráter, estava na cara, pela maneira como guiava. Entretanto a poeira continuava a bater na cara da gente, uma nuvem, através da qual aparecia e desaparecia a cruz amarela sobre o caixão preto, todos gritávamos; e Hugo, pode-se dizer, não tirava a mão da buzina. Teodoro, sobre tudo estava fora de si. Pa a- defunto, mandrião, berrava; mas qual, o outro se fazia de surdo. Finalmente, numa curva, Hugo vê alguns metros livres, acelera, emparelha, ultrapassa o catafalco. Todos nos viramos para o lado do funeral para ver a cara do motorista. Eram dois, com umas caras tranquiilas; o que não estava guiando, comia um pãozinho. Precisava só ver o Teodoro:

- Papade funto, mandrião, desgraçado, ignorante. E o do pozinho, calmo, indicando o caixão, às suas costas:

- Querem se acomodar?... tem lugar. Percorremos quase um quilômetro, numa passagem de nível foi nossa vez de parar, e, logo em seguida, chegou o catafalco. Os dois desceram, Alexandre e Teodoro também saíram e os quatro se enfrentaram junto às cancelas da passagem de nível.

- Escutem aqui, não ouvem a buzina?

- Como não? Demos passagem um monte de vezes.

- Ah é, quando, hein? Papa- defunto.

- Olhe como fala.

- Por que, por acaso não é papa- defunto? E ainda por cima sem-vergonha.

- Cafajeste. Enfim, disseram poucas e boas, cara a cara, mas sem relar a mão, porque, todo mundo sabe, os romanos são mais valentes nas palavras

que nos atos. Nesse ínterim, passou o trem, as cancelas se levantaram e os do catafalco, mais espertos que a gente, pegaram a dianteira, mantendo-se como antes, no meio da estrada.

- Sabem o que vamos fazer? disse Hugo num desvio.

- Desistimos do peixe, vamos comer noutra lugar qualquer.

- Dito e feito. Pegamos uma estrada, deserta, entre os campos, e prosseguimos sossegados.

Que paz, que silêncio, que serenidade. Não passava ninguém de um lado havia um riacho pedregoso embaixo de um rochedo vermelho corado de bosques, do outro campos e mais campos de trigo tenro, até o horizonte. Ficamos em silêncio, quase pensativos; até que Teodoro encontrou a palavra certa, gritando forte de repente:

- Estou com fome. Era verdade, estávamos com fome; e de fato, como que por encanto, pusemos-nos todos a falar de comida. Um exaltava os espaguetes alho e óleo ou all'amatriciana; outro o cabrito ao forno ou o entrecosto; outro, simplesmente, o pão caseiro fresco,

estalando, de trigo puro. O apetite nos tornava eloquentes, quase brigávamos para saber o que iríamos comer. Numa curva, uma placa nos anunciou o lugarejo que procurávamos: Marciano.

Ficava no topo de um morro, com umas casas altas e escuras que pareciam as laterais de uma fortaleza. Seguimos pela estrada secundária, no pé do morro, entramos pela porta, fomos dar diante; de uma ladeira, estreita e escura, entre casas de gente pobre. Subimos a ladeira voando, desembocamos numa praça deserta circundada de palacetes antigos, com uma fonte para dar de beber aos animais no meio: nenhuma loja, nenhum bar, nenhum cinema, nada:

- Não estou vendo nenhum restaurante aqui, disse Hugo girando pela praça. Um camponês dirigia-se à fonte, segurando um mulo pelo cabresto, perguntamos onde podíamos comer. Mostrou-nos um beco, sem abrir a boca.

Hugo foi logo se metendo pelo beco, e realmente, no fundo, numa pracinha escura como um poço, em cima de uma porta, havia uma tabuleta com a inscrição “Cantina”. Descemos com alívio, alguém disse:

- Quer ver como até tem jardim e poderemos comer ao ar livre? Porém, quando entramos, vimonos num salão comprido e baixo, escuro, cheirando a mofo. Havia três bancos com três mesas maciças emais nada. Nem mesmo um balcão com uma garrafa, nem mesmo um calendário, nem mesmo um reclame de gasosa. Chamamos, batemos palmas, abriu-se uma porta e entrou, empinando a barriga para frente, uma mulher grávida de seis meses no mínimo, vestida de preto, com um rosto amarelo que não anunciava nada de bom, desconfiado e cheio de mau humor.

- Tem comida?

- Não tem nada... é tarde.

- Um pedaço de carne?

- O açougue está fechado... talvez uma porção de pecorino.

- Macarrão?

- Posso pôr a água... mas leva tempo, o fogo está apagado... e depois, não tenho manteiga nem conservas. Espadafina deu um passo à frente e perguntou-lhe com voz petulante:

- Nada, nada, mulher, está com medo que a gente não pague? Ela, sem se alterar, respondeu:

- Podem pagar quanto quiserem... mas se não tenho comida?

- E então por que em cima da porta está escrito cantina?

Ela deu de ombros e dirigiu-se à porta, arrastando os chinelos.

- Mal- educada, gritou-lhe Teodoro furioso. A mulher se virou e disse: - É o roto falando do esfarrapado, calma; em seguida, desapareceu. Saímos para fora, num sol de rachar, de barriga vazia, amaldiçoando Marciano.

Resolvemos voltar ao lago de Bracciano para ver se encontrávamos algo para comer, num daqueles lugarejos tão bonitos, Anguillara, ou então,

Trevignano. Durante a corrida, que foi vertiginosa, não deixamos um único instante de falar mal das pessoas dos arredores de Roma.

- Caipiras, ignorantes, bárbaros, casca- grossa, capiaus, matutos, desgraçados, roceiros”, esse era o mínimo. Correndo feito loucos, chegamos depressa à vista do lago, azul, cintilante: o cintilar, embaixo do sol forte, dava moleza. Chegamos a Trevignano, paramos num restaurante bem junto do lago.

Entramos num salão que se assemelhava bastante àquele de Marciano, só que havia alguns caçadores, com os fuzis e os cães.

- Enguias, foi logo dizendo Hugo, ao entrar.

- Só tenho uma, mas grande, respondeu a dona, aproximando-se de um barraco onde ficava o viveiro. Fez a gente entrar num quartinho escuro que parecia uma lavanderia, e, dentro de um tanque de cimento, desses de lavar roupa, mostrounos a enguia, cor de lama, enrodilhada no fundo da água escura. A mulher se debruçou com um balde, a enguia deslizava no fundo, de um lado para outro, finalmente entrou no balde e a mulher a puxou para fora pendurada e se torcendo. Então Teodoro, de fome, cometeu um erro. Agarrou a enguia pelo pescoço, gritando:

- Agora não escapa mais. A enguia, ao contrário, escorregou; ele, com medo, largou a presa, e a enguia caiu no chão e deslizou para baixo do tanque.

- Pega, pega, gritava Teodoro, jogando-se no chão. Mas qual; a mulher disse: “agora entrou no buraco do escoamento e quem é que vai apanhá-la?... mas vocês vão pagar por ela. Enfim saímos arrasados.

Ali também não havia nada para comer, como em Marciano.

Pedimos favas frescas, pecorino, pão e vinho. Almoço próprio de domingo, de se fazer mais de cinqüenta quilômetros para vir comê-lo em Trevignano. A cantina estava cheia de caçadores que falavam de caça, mas devia ser tudo conversa fiada, porque não vimos sequer uma calhandra. Cães, ao contrário, havia um monte deles, todos magros de dar medo, amarelos,

hirsutos.

Teodoro jogava-lhes as cascas das favas, dizendo:

- Comam,vamos, esganados; e os cães, coitados, caíam em cima achando que era pão. Porém o queijo era bom, forte, ardido, o vinho

não era ruim, pão e favas havia à vontade e, assim, nos empaturramos de pecorino, favas, pão e vinho. Quanto vinho bebemos? Sem exagero, uma garrafa cada um. Por fim, diante do

monte de cascas vazias, surgiu uma discussão sobre a última partida de futebol e Teodoro, intolerante como sempre, disse a Espadafina, que o vencia com argumentos um mais convincente que o outro, que era capaz de quebrar-lhe as fuças. Precisamos separá-los.

Partimos, e agora, devido à quantidade de vinho bebido, embora tivéssemos comido como cachorros, estávamos novamente alegres.

Em vez de irmos direto a Roma, pegamos por Ronciglione com a idéia de tomar um café. Numa subida, encontramos dois ciclistas penando para subir, com os números costurados nas costas e no peito.

Alguém lembrou que por aqueles lados, nesse domingo, devia ter uma competição; os dois deviam ter ficado para trás do grosso do grupo. Teodoro, como de costume, excitado pelo vinho, quando passamos ao lado dos ciclistas, pôs-se a caçoar deles:

“Perna- depau... cornudo... você corre e enquanto isso tua mulher te põe os chifres... cara de bunda.

De tanto rir segurávamos a barriga, mesmo porque os ciclistas, cansados e suados, curvados sobre o guidão, não falavam, para economizar o fôlego e limitavam-se a nos fulminar com os olhos.

Ultrapassamos os dois ciclistas, corremos talvez um quilômetro e, em seguida, lá estava, realmente, o grupo da competição: mais de

vinde corredores todos juntos, com um cortejo de admiradores de bicicleta, e mais uns dois carros, andando a passo. Deixamos a turma para trás, sempre em alta velocidade; e, sem diminuir, entramos, uns dois quilômetros adiante, em Ronciglione. Hugo, que tinha bebido com os outros, bem na praça, ao invés de diminuir, sabe-se lá por que, acelerou. Um carro minúsculo, azul-escuro, brilhante, que ia devagar, barrou-lhe o caminho e ele, feito um louco, jogou-se em cima, batendo em cheio. Paramos no ato, descemos; desceu também o sujeito do carro trombado, um senhor alto, calvo, de bigodes

escovinha, terno xadrez, luvas de camurça nas mãos. Estávamos errados, mas, como perfeitos bêbados, começamos a discutir com aquele senhor tão aristocrático. Ele falava calmo, com desdém, olhando de cima; nós berrávamos; ao redor estavam todas as pessoas da praça. O senhor disse com impaciência que estávamos bêbados, o que era verdade; e aí Teodoro pôs-se a berrar na cara dele: “Nós não falamos com o erre macio não guiamos com luvas de cabrito... mas somos capazes de fazer o senhor conde engolir esse orgulho.” Onde, então, tinha ido sacar que o outro era conde, eu não sei. Naquele instante houve um movimento na multidão, uma mão agarrou Teodoro pelo ombro, uma voz falou:

- Ei você, repita o que disse, vamos, repita. Eram os dois ciclistas que pouco antes, passando, Teodoro tinha insultado pela janela. Um alto, magro, franzino, as faces encovadas, os olhos brilhantes; o outro baixo, a cabeça achatada, sem pescoço, com as costas desse tamanho. Surgiu uma grande confusão: Teodoro se afastava, dizendo:

- Mas quem te conhece?, nunca vi mais gordo”, enquanto o outro lhe dava empurrões e pancadas, convidando-o a repetir o que tinha dito; o senhor, encorajado, gritava que estávamos bêbados; nós nos engalfinhávamos com o ciclista baixinho que também bancava o

valentão; a multidão ondeava. Depois o ciclista alto ameaçou dar um sopapo no Teodoro e, ao contrário, acertou no senhor; este reagiu com um soco; o ciclista baixinho se atirou para cima do Teodoro; nós o pegamos por detrás; e todo mundo começou a gritar. Por sorte, naquele instante, chegaram empertigados, educados, impassíveis, dois carabineiros; e como por encanto, imediatamente instalou-se ordem e silêncio. Todos mostraram os documentos; a multidão prendia a respiração; ouvia-se, agora, somente a voz do Teodoro, apavorada, se explicando:

- Somos uns coitados... foi um acaso... sabe, o domingo.

Na volta, naturalmente, estávamos abatidos. Alguém disse:

- O catafalco nos deu azar.

Porém Alexandre, mais ajuizado, respondeu: "Que catafalco que nada, fomos nós... da próxima vez, sabem o que vamos fazer?

Vamos trazer uma garotas... a mulher é gentil e certas coisas com as mulheres não acontecem." Separamo-nos em Roma sem abrir a boca, de mau humor. O carro estava com os pára- choques e um dos faróis arrebitados; e Teodoro com o lábio rachado.

A DESFORRA DE TARZÄ

Naquele verão, na falta de outro trabalho mais sério e mais digno, aceitei andar de bicicleta por aí, em fila com mais quatro, para fazer propaganda dos filmes de um cinema novo.

Cada bicicleta trazia um cartaz colorido com uma sílaba de duas ou três letras, e todos os cinco juntos, desfilando lentamente pelas ruas da cidade, compunham o título completo do filme. Homens-sanduíches sobre rodas, é o que éramos. É claro que há serviços bem melhores; inclusive porque, para nos tornar mais chamativos, faziam a gente vestir um macacão azul- celeste no qual parecíamos um bando de anjinhos desses que se levam nas procissões da semana santa. Mas, se quisesse comer, o trabalho tinha que ser feito.

Dei uma volta com “Ama-me esta noite”, “Chama sobre o Arquipélago”, “Dois corações na tempestade”, “A filha do vulcão” e vários outros. Eu ia sempre na bicicleta da frente, porque já tendo cinquenta anos, com os cabelos completamente brancos, era sempre o mais velho e a agência confiava a mim a responsabilidade da caravana. Atrás de mim vinha Poldino, rapaz alourado de dezessete anos, de rosto pontiagudo como o focinho de uma fuinha, de olhos de vidro celeste; quanto ao gênio, violento e insubordinado, um malandro.

Os outros quatro eram também rapazes entre os quinze e os vinte anos. Tinha idade para ser pai dos quatro, e eles, de

brincadeira, me chamavam de tio. Eram todos da mesma espécie de Poldino: moleques que cresceram no pós- guerra com o mercado negro, os negros americanos e as mulheres da vida. Sobre eles eu não tinha nenhuma autoridade, como logo fui avisando na agência; e eles, toda vez que podiam, se juntavam contra mim.

Era verão, julho, e circular pelas ruas, devagarinho, debaixo de um sol de rachar, era realmente um sacrifício. O percurso, também, era longo e sem paradas: partíamos do cinema, atrás da Santa Maria Maggiore, percorríamos a passo a rua Cavour, o largo da Estação, rua Volturno, rua Piave, rua Salaria, rua Pó, rua Veneto, rua Bissolati, rua Nazionale, rua Depretis e depois finalmente, de novo, Santa Maria Maggiore. Dávamos essa volta várias vezes, de manhã e à tarde, conforme os acordos com a agência. Havia duas equipes: uma de homens, vestidos, como disse, de azul- claro; e uma de mulheres, elas,

então, vestidas pior do que a gente, com umas túnicas brancas cobertas de lantejoulas prateadas e calças à zuava amarelo-ouro. Certa manhã, partimos, como de costume, do cinema, com um céu encoberto que, à primeira vista, tive a esperança de que o calor dos outros dias finalmente teria diminuído. Mas quando nos pusemos em marcha, logo vi que o abafamento, exatamente por causa das nuvens escuras que anunciavam o temporal, tinha aumentado. Eu suava, no meu macacão fechado, muito mais do que se estivesse fazendo sol: e naquele ar pesado parecia que a cada pedalada as mãos, os pés e a cara inchavam como se o sangue fosse esguichar da pele. O título do filme daquele dia era “A desforra de Tarzã, em technicolor. Eu estava com a sílaba A. Depois vinha Poldino com Forra; depois, em ordem, De, TarZã. Nos cartazes Tarzã aparecia vestido de peles como um selvagem, lutando com um gorila e, à parte, assustada, uma linda moça, também ela seminua. Ora, enquanto andávamos, bem devagar,

naquele ar abafado de terremoto, logo vi que, atrás de mim, já tinham se enturmado. A agência publicitária recomendava principalmente que não fizéssemos algazarra, não fumássemos, não conversássemos. Devíamos, enfim, dar a impressão de sermos quase máquinas, como as bicicletas: mudos, lentos, apáticos, inexpressivos. Desse modo a publicidade, diziam, era realmente eficaz, pois as pessoas não ligavam para a gente e olhavam os cartazes. Disse que os outros se enturmaram contra mim e explico. Mal chegamos ao largo da Estação ouvi os quatro atrás de mim, dando um para o outro o grito de Tarzã, tal como se ouve no cinema; não muito alto, é verdade, mas o suficiente para que os passantes ouvissem. Eu não podia me virar porque devia guiá-los e, se me virasse, podia acontecer que num lugar como o largo da Estação, a caravana inteira fosse parar debaixo das rodas de um ônibus; porém, quando entramos na rua Volturno, me virei e disse alto:

- Que balbúrdia é esta? Sabe o que o Poldino me respondeu? Um gesto obsceno. Não disse nada e continuei em direção ao Ministério das Finanças.

Passamos o Ministério; embocamos na rua Piave; na praça Fiume, o guarda, do alto de sua guarita listrada de preto e branco, parou o trânsito e nós também precisamos parar. Aproveitei para pôr o pé no chão e virar para ver como iam as coisas. Vi logo que iam muitíssimo mal: ou porque tinham marcado encontro, ou porque foram encontradas por acaso, Poldino e os outros estavam com duas moças, dessas que andam por aí vendendo flores nos restaurantes, baixas e tortas, uma loira e outra morena, e eles ali na maior farra como se a caravana publicitária não existisse. Em seguida, quando o guarda ergueu o bastão, as duas moças pularam para o cano da bicicleta, a loira na do Poldino e a morena na do que vinha depois do

Poldino. Aí eu fiquei furo de raiva, porque tenho o senso do dever e aquilo já era demais. Desci, me aproximei de Poldino e falei, sem erguer a voz:

- Mande ela deseer... e chega de histórias. Ele, talvez afoito por causa daquela zinha que agarrava no guidão, respondeu:

- Que é que você quer? Eu nem te conheço.

- Vamos, eu disse e peguei a moça pelo braço.

- Tire as mãos, gritou ela. E Poldino:

- Olha só esse velhote, pondo as mãos na minha garota. Entretanto, o trânsito tinha parado, os automóveis atrás da gente buzonavam, e as pessoas nos rodeavam e comentavam o fato: nem precisava dizer, estavam todos contra mim. Vi que não podia fazer nada, montei na

bicicleta e, roxo de raiva, peguei a rua Salaria.

No cruzamento da rua Salaria com a rua Pó, virei em direção do Corso d'Italia, mas logo vi que tinha virado sozinho, porque Poldino e os outros se dirigiam à praça Quadrata. Parei, desorientado, gritei: - Aonde vão? é por aqui. Poldino parou também e respondeu:

- Vamos até o Tibre, tomar um banho.

- Qual é, estão doidos?

E ele, com desprezo:

- O doido é você com esses cabelos brancos, vestido de azul, como um palhaço. As moças riam e eu fiquei envergonhado, e, apesar de ser capaz de matá-lo de tanta raiva, tive que me resignar mais uma vez.

Entramos na rua Pó, percorremos toda a alameda Liegi, praça Ungheria, toda a alameda Parioli. Agora já era Poldino quem

conduzia a caravana e eu vinha por último, mesmo porque tenho fôlego curto e eles estavam correndo. Agora o título do filme era lido do seguinte modo:

- Forra Tardezã A Des que não significa nada; e os passantes na calçada paravam para olhar aqueles quatro com as duas rameiras no cano, percorrendo à toda, vestidos de azul e seguidos por um velho também vestido de azul; e sacudiam a cabeça, rindo. Eles então, agora gritavam feito Tarzã como se realmente estivessem numa floresta e não sob os plátanos de uma rua de Roma. Desde a praça Santiago do Chile começa a descida, e me deixaram para trás, de modo que, no fim, cheguei sozinho a Acqua Acetosa. Errei de caminho um par de vezes, voltei atrás, finalmente achei que os enxergava lá longe, seguindo por um atalho, ao longo da margem do rio.

Furioso, ensopado de suor, me atirei naquela direção.

Tinham escolhido um lugar em que a margem do Tibre se alarga como uma plataforma natural de areia e toda coberta de moitas.

O Tibre, ali, faz uma curva que parece uma cobra, e na outra margem dá para ver uma daquelas redes com roldanas que sobem e descem por causa da correnteza. Ali, vi que tinham jogado no

chão as bicicletas, os cartazes e o resto e já estavam se trocando. As duas moças, pelo menos, tinham se escondido atrás de uma moita, eles nem isso. Desci da bicicleta e, furioso, corri para cima do Poldino que estava tirando

as pernas de dentro das calças e gritei:

- Sem vergonha, é essa a sua consciência, hein?

Mas ele anogante:

- O que você quer? Pode-se saber o que quer? Vai dizer o que quer?" A cada "o que quer" me dava uma pancada no peito, bem debaixo da garganta, só com uma das mãos porque com a outra segurava as cuecas; e eu, um pouco pelo esforço da corrida, um pouco pela idade, vacilava nas pernas, e pôr fim, no quarto tabefe, caí no chão.

De repente, como que a um sinal, caíram na gandaia. As moças saíram de trás da moita de mãos dadas, de combinação branca de

algodão, nem um pouco bonitas para falar a verdade, porque, como já disse, eram baixas e atarracadas, estreitas de busto mas com os quadris robustos, como justamente todas as mendigas e vagabundas que comem pouco e andam muito; e os outros quatro, como num baile, foram ao encontro delas segurando as cuecas com as mãos. Começaram a dançar entre as moitas, depois puseram-se a brincar de pega- pega. Poldino gritava:

- Mim Tarzã... agora eu te agarro e te levo embora, e rugindo como Tarzã coma atrás da morena que dava pena ver, era a metade dele, branco, franzino, fraco. Finalmente, pulando e correndo, foram para o rio e se jogaram n'água, um depois do outro.

Na margem só fiquei eu, vigiando os macacões azuis e os trapos das moças, eu, vestido de azul- claro e com os cabelos brancos, como um palhaço, a cara de desocupado crônico e o cigarro nazionale meio vazio entre os lábios que tremiam.

Estava humilhado, quase chorando; e se por um lado eu os odiava por me terem tratado daquele jeito, por outro odiava a mim mesmo por não ter tido a coragem de me livrar do senso do dever. Ainda agora, que nada mais podia ser feito, ao vê-los nadar felizes no meio do Tibre, não podia deixar de perguntar a mim mesmo com ansiedade:

- O que vão dizer na agência? E ficava louco de raiva ao sentir esse temor e ao mesmo tempo não conseguia deixar de sentilo. Gostaria de ser como eles, de me jogar n'água, de também dar o grito de Tarzã, brincando com as duas moças. Mas era velho, tinha o senso do dever e não podia fazer mais nada.

Sortudos em tudo, chafurdaram na água até que o céu se tornou escuro e os primeiros pingos arrepiaram as águas amarelas do Tibre. Então saíram da água e Poldino gritou que a chuva vinha a calhar: desse modo, se lhes chamassem a atenção, poderiam dizer que tinham sido obrigados a se abrigar. Uma das moças, depois que se vestiu, aproximou-se de mim e pediu um cigarro.

Dei e aí a loira também quis, e depois os quatro rapazes também, de modo que fiquei sem cigarros, mas fizemos as pazes.

Enquanto isso, as nuvens, após os poucos pingos, tinham passado por cima do Tibre e se afastado em direção do campo.

Pusemos-nos novamente em fila, conforme o título do filme, e nos dirigimos ao longo da barreira, até Acqua Acetosa. Lá as duas moças pegaram o ônibus e nós tornamos a subir a alameda Parioli. Mais tarde um pouco, a passo de enterro, desfilávamos entre os carros de luxo e o café, no meio da rua Veneto.

ROMULO E REMO

O aperto da fome não se pode comparar ao das outras necessidades. Experimente dizer em voz alta:

- Preciso de um par de sapatos... preciso de um pente... preciso de um lenço, páre um pouco para respirar, e depois diga:

- Preciso de um almoço, e logo verá a diferença. Você pode pensar, buscar, escolher qualquer coisa que seja, quem sabe até renunciar a

ela, mas na hora que admitir a si mesmo que o que precisa é de um almoço, não tem mais tempo a perder. Precisa encontrar comida, do contrário morrerá de fome. Em cinco de outubro do corrente ano, ao meio-dia, na praça Colonna, sentei no peitoril da fonte e disse a mim mesmo:

- Preciso de um almoço. Do chão para onde estava olhando durante essa reflexão, ergui os olhos para o trânsito do Corso e enxerguei tudo enevoado e trêmulo: não comia há mais de um dia e, como todo mundo sabe, a primeira coisa que acontece quando se está com fome é enxergar as coisas famintas, ou seja, vacilantes e fracas, como se elas é que estivessem com fome. Depois achei que devia arranjar esse almoço, e pensei que se esperasse mais um pouco, não teria mais forças nem para pensar nisso, e comecei a pensar sobre o modo de arranjá-lo o mais rápido possível. Infelizmente, quando se tem pressa não se pensa em nada de bom. As idéias que me vinham à cabeça não eram idéias, eram sonhos:

- Subo num bonde... bato a carteira de um cara...fujo; ou então:

- Entro numa loja, vou até o caixa, passo a mão na grana... fujo. Quase entrei em pânico e pensei:

- Perdido por perdido, tanto faz ser detido por desrespeito à autoridade... na delegacia uma sopa sempre há de ter.

Naquele instante um rapaz, ao meu lado, chamou um outro: "Rômulo.

Então, ao ouvir aquele grito, lembrei de um outro Rômulo que tinha

estado no exército comigo. Tivera, naquela época, a fraqueza de contar-lhe algumas mentiras: que na minha vila eu estava bem de vida, enquanto eu não nasci em vila nenhuma mas em Roma, na Prima Porta. Porém, agora, aquela fraqueza vinha a calhar. Rômulo tinha aberto uma cantina pelos lados do Pantheon. Iria até lá e comeria o almoço de que precisava.

Depois, na hora de pagar, apelaria para a amizade, o serviço militar, as lembranças... Enfim, Rômulo não me mandaria prender.

Antes de mais nada fui até a vitrine de uma loja e me olhei num espelho. Por coincidência tinha feito a barba, de manhã cedo, com o barbeador e o sabão do dono da casa, um oficial de justiça que me alugava um buraco debaixo da escada. A camisa, mesmo não estando muito limpa, não era indecente: só fazia quatro dias que estava com ela. O terno, de riscos cinzas, era quase novo: ganhara de uma boa senhora cujo marido tinha sido meu capitão na guerra. A gravata, ao contrário, estava desfiada, uma gravata vermelha que devia ter uns dez anos.

Levantei o colete e refiz o nó da gravata de modo que, agora, ela tinha um pedaço comprido e outro curto. Escondi o pedaço curto debaixo do comprido e abotoei o paletó até o peito.

Quando saí do espelho, talvez pelo esforço da atenção com que tinha me olhado, minha cabeça girou e fui bater num guarda parado no canto da calçada.

- Olhe por onde anda disse, está bêbado? Gostaria de ter respondido:

- Sim, bêbado de fome.

Com o andar vacilante, desviei para os lados do Pantheon.

Sabia o endereço, mas quando o encontrei não pude acreditar.

Era uma portinha no fundo de um beco sem saída, a dois passos de quatro ou cinco latões de lixo. Na tabuleta vermelho-vivo estava escrito: "Cantina, comida caseira"; a vitrine, também pintada de vermelho, só tinha uma maçã e nada mais. Digo uma maçã e não estou brincando. Comecei a entender, mas já tinha me atirado nessa e entrei. Lá dentro, entendi de vez e minha fome, por um instante, redobrou de decepção. Porém, tomei coragem e fui sentar numa das quatro ou cinco mesas da salinha deserta na penumbra.

Um pano sujo, atrás do balcão, escondia a porta que dava para a cozinha. Dei uns socos na mesa:

- Garçom! No ato houve uma movimentação na cozinha, o pano se ergueu, apareceu e desapareceu um cara em quem reconheci o amigo Rômulo.

Esperei um momento, e bati novamente. Dessa vez ele se precipitou para fora, abotoando apressado um paletó branco cheio de manchas de gordura e desengonçado. Veio ao meu encontro com um “As ordens” atencioso, cheio de esperança, que me apertou o coração. Mas então já tinha entrado na dança e devia dançar. Disse:

- Queria comer. Ele pôs-se a espanar o pó da mesa com um trapo, depois se deteve e disse, olhando para mim:

- Mas você é o Remo...Ah, está me reconhecendo, disse, com um sorriso.

- E como estou... não servimos juntos no exército? Não chamavam a gente de Rômulo e Remo e a Loba, por causa daquela moça que cortejávamos juntos?

Enfim: as lembranças. Via-se que ele apelava às lembranças não por que gostava de mim, mas porque eu era um freguês. Aliás, visto que na cantina não havia ninguém, o freguês. Devia ter poucos fregueses e as lembranças até podiam servir para me dar uma boa acolhida.

Deu-me, por fim, um tapa no ombro:

- Velho Remo; depois se virou para a cozinha e chamou: “Loreta.” O pano se ergueu e apareceu uma mulherzinha corpulenta, de avental, com a cara descontente e desconfiada. Ele disse, apontando-me: - Este é Remo, de quem tanto te falei. Ela me deu um meio sorriso e

fez um gesto de cumprimento; atrás dela apareciam os filhos, um moleque e uma menina. Rômulo continuou:

- Muito bem, muito bem... muito bem mesmo. Repetia:

- Muito bem como um papagaio: é claro que estava esperando eu pedir o almoço.

Disse:

- Rômulo, estou em Roma de passagem... sou caixeiro-viajante... como precisava comer em algum lugar, pensei: ‘Por que não iria comer no

amigo Rômulo?

- Muito bem, disse ele, e agora o que vamos fazer de bom: espaguete?

- Claro.

- Espaguete na manteiga com parmesão... leva menos tempo e são mais leves... e o que mais? Uma boa bisteca? Duas fatias de vitela?

Um belo lombinho? Um escalope na manteiga?

Eram pratos simples, eu mesmo poderia fazê-los, numa espiriteira.

Disse, de ruindade:

- Carneiro... tem carneiro?

- Sinto muito... preparamos para de noite.

- Está bem... então um filé com ovo em cima... à Bismarck.

- A Bismarck, claro... com batatas?

- Com salada.

- Claro, com salada... e uma garrafa, do seco, não é?

- Do seco.

Repetindo: "Do seco", foi para a cozinha e me deixou sozinho na mesa.

Minha cabeça continuava girando de fraqueza, sentia que estava fazendo uma safadeza das grandes; porém, quase sentia prazer em praticá-la. A fome nos torna cruéis: Rômulo talvez fosse mais esfomeado que eu, no fundo, isso me dava gosto. No entanto, na cozinha, a família inteira confabulava: ouvia ele falando em voz baixa, apressado, ansioso; a mulher, respondendo, descontente. Finalmente, o pano ergueu-se e os dois filhos apareceram, dirigindo-se rapidamente à porta. Vi que Rômulo, provavelmente, não tinha nem pão na cantina. Na hora em que o pano se ergueu, entrevi a mulher que, em pé diante do fogão, reacendia com o abano o fogo quase apagado.

Ele, em seguida, saiu da cozinha e veio se sentar na minha frente, à mesa.

Vinha me fazer companhia para ganhar tempo e permitir aos filhos

voltarem com as compras. Sempre por ruindade, perguntei:

- Você arranhou um lugar bem simpático... sim senhor, como vai?

- Ele respondeu, abaixando a cabeça:

- Bem, vai bem... claro, a crise está aí... hoje, também, é segunda-feira... mas habitualmente não dá para circular.

- Você se arranhou na vida, hein?

Encarou-me antes de responder. Tinha uma cara gorda, redonda, bem de dono de cantina, mas plácida, desesperada e com a barba por fazer. Disse:

- Você também se arranhou na vida. Respondi, negligentemente:

- Não posso me queixar... umas cento e cinquenta mil liras por mês eu sempre tiro... trabalho duro, porém.

- Nunca como o nosso.

- Só porque quer... vocês donos de restaurante vivem na moleza: as pessoas podem deixar de fazer tudo, menos comer... aposto que até tem dinheiro guardado.

Dessa vez ficou quieto, limitando-se a sorrir: um somso atormentado, que me deu pena. Disse, finalmente, como que querendo disfarçar:

- Velho Remo... lembra de quando estávamos juntos em Gaeta?

Em suma, queria as lembranças porque tinha vergonha de mentir e também porque, quem sabe, aquele tinha sido o melhor momento de sua vida. Dessa vez me deu mais pena ainda e para contentá-lo disse que me lembrava.

Logo se reanimou e pôs-se a falar, dando de vez em quando uns

tapas nas minhas costas, e até rindo. Entrou o moleque segurando com as duas mãos, na ponta dos pés, como se fosse o Santíssimo, uma garrafa cheia. Rômulo me serviu o vinho e serviu-se também, logo que o convidei. Com o vinho Rômulo e Remo 341 tornou-se mais loquaz, via-se que também estava em jejum.

Desse modo, batendo papo e bebendo, passaram uns vinte minutos, e depois, como num sonho, vi a menina entrar também. Coitadinha: segurava

com os bracinhos, contra o peito, um pacote que tinha de tudo um pouco: o embrulho amarelo da bisteca, o saquinho de azeite de jornal do ovo, a bengala embrulhada em papel de seda marrom a manteiga e o queijo fechados em papel oleado, o maço verde da salada e, assim me pareceu, também a garrafinha de óleo. Foi direto para a cozinha, séria, contente; e Rômulo, quando ela passou, se ajeitou na cadeira de modo a escondê-la. Em seguida serviu-se novamente e recomeçou com as lembranças. Entretanto, na cozinha ouvia a mãe dizer qualquer coisa à filha e a filha se desculpava, respondendo baixinho:

- Não quis me dar menos. Em suma: miséria completa, absoluta, quase pior que a minha.

Porém eu estava com fome e, quando a menina me trouxe o prato de espaguete, atirei-me em cima dele sem remorso; aliás, a sensação de me empanturrar às custas de pessoas pobres como eu aumentou meu apetite. Rômulo me olhava comer quase com inveja e não pude deixar de pensar que aqueles espaguetes ele mesmo se permitia muito raramente.

- Quer experimentar? propus. Balançou a cabeça como que negando, mas eu peguei uma garfada e enfiei na boca dele. Disse:

- Estão bons, não há o que dizer, como se falasse para si mesmo.

Depois dos espaguetes, a menina me trouxe o filé com o ovo em cima e a salada, e Rômulo, talvez com vergonha de ficar ali

contando minhas garfadas, voltou à cozinha. Comi sozinho, e, comendo, vi que estava quase zonzinho de tanto comer. Ah, como é bom comer quando se tem fome. Enfiava na boca um pedaço de pão, dava um gole de vinho, mastigava, engolia. Fazia tempo que não comia com tanto gosto.

A menina me trouxe a fruta e eu quis também um pedaço de parmesão para comer com a pera. Logo que acabei de comer, me

estiquei na cadeira, um palito na boca e a família inteira saiu da

cozinha e veio se plantar de pé na minha frente, me olhando como um objeto precioso. Rômulo, talvez por causa da bebida, agora estava alegre e contava não sei que caso de mulheres do tempo do exército. A mulher, ao contrário, com o rosto engordurado e sujo de um ! dedo de pó de carvão, estava bem triste. Olhei para as crianças;; eram pálidas,desnutridas, os olhos maiores que a cara. De repente senti ao mesmo tempo pena e remorso. Tanto mais que a mulher

disse:

- Ah, de fregueses como o senhor, a gente precisava de uns quatro ou cinco por refeição... aí sim poderíamos respirar.

- Por que? , perguntei, bancando o ingênuo, não vem gente?

- Só um pouco disse ela principalmente de noite... mas gente pobre: trazem um cartucho, pedem vinho, pouca coisa, um quarto, meia garrafa... de manhã, então, nem acendo o fogo,que não vem ninguém.

Não sei por que essas palavras deixaram Rômulo nervoso. Disse:

- Ei, pare com essa choradeira... me dá azar.

A mulher respondeu no ato:

- É você que dá azar pra gente... é você o azarento... entre mim que me mato de trabalhar e você que não faz nada e passa o tempo lembrando de quando era soldado, quem é o azarento?

Diziam essas coisas um para o outro enquanto eu, meio tonto

pelo bem- estar, pensava na melhor maneira de me safar na hora

certa. Depois, providencialmente, Rômulo teve um impulso:levantou a mão e deu uma bofetada na mulher. Ela não hesitou:correu até a cozinha, voltou com uma faca comprida e afiada,das que servem para fatiar presunto. Gritava: "Te mato" e correu para ele, a faca erguida. Ele, amedrontado, escapou pela cantina, derrubando as mesas e as cadeiras. A menina caiu no choro; o moleque também tinha ido à cozinha e agitava um pau de macarrão, não sei se para defender a mãe ou o pai. Levantei, dizendo:

- Calma, diacho... calma, calma; e repetindo:

- Calma, calmadei por mim lá fora, no beco.

Apressei o passo, dobrei a esquina; na praça do Pantheon retomei o passo normal e me dirigi para o Corso.

CARA DE SALSICHEIRO

Naquele inverno tudo corria bem para mim: fiz um negócio com sucatas de ferro e saí ganhando; depois um segundo negócio com material de construção e ganhei novamente; depois um terceiro negócio com remédios americanos e ainda saí ganhando. Comprei dois ternos, um azul de riscado e um de flanela cinza, dois pares de sapatos, pretos e amarelos, um casaco colorido, uma dúzia de camisas de seda com monograma e meias sortidas. Para minha mãe, dei um corte de seda preta e um serviço de porcelana para seis pessoas: um negócio da China, com um desenho muito bonito de flores e dragões. Para meu irmão, não dei nada porque disse que não queria nada de mim, estava desempregado e implicava comigo porque eu ganhava. Para minha irmã, comprei uma daquelas sombrinhas pequenas, de aço, que se dobram e ficam do tamanho de um leque. Em seguida, comprei um carro para mim, do tipo esporte, vermelho; e

essa foi a compra que me deu mais satisfação porque vivia pensando num carro desde criança. Enfim, não me faltava mais nada, tinha Quanto dinheiro quisesse, fumava cigarros americanos, ia ao cinema todos os dias. Porém ficava chateado, e sentia que alguma

coisa estava faltando, e logo vi que era uma garota. Não chego a ser feio embora seja baixinho: loiro, com uma cara branca e vermelha, olhos azuis. Quando criança, minha mãe dizia que me parecia em tudo com o menino Jesus; mais tarde, crescendo, mudei um pouco porque tenho o nariz com as narinas descobertas e a boca meio torta; de modo que os amigos, sabe-se lá por que, começaram logo a me chamar de “salsicheiro”. De qualquer modo, como disse, não sou feio; mas como estava sempre às voltas com o comércio, até

então tinha dedicado pouco tempo às xnoças; e sabe-se que com as mulheres é preciso tempo e dinheiro. Dinheiro agora eu tinha e tempo também. Assim resolvi amanjear uma garota.

Comecei a procurar. De manhã, lá pelo meio- dia, saía de carro e corria até os bairros altos. Passava e repassava de um lado para outro da via Veneto e depois percorria Villa Borghese de ponta a ponta, via Pinciana, o Muro Torto. Pensava justamente que aqueles eram os melhores lugares para abordar as mulheres, antes de mais nada porque as moças de Roma vão todas lá, se mostrar e se pavonear com os vestidos novos, e também porque são lugares amplos, pouco frequentados, onde um carro pode seguir uma mulher e a mulher aceitar subir sem dar na vista.

Seguia, então, ora uma moça ora outra, com o carro, a passo de gente, e, no momento propício, escancarava a porta e dizia me esticando:

- Moça, permite acompanhá-la? ou algo parecido.

Acreditaria? Nunca nenhuma aceitou. Algumas prosseguiram como se não tivessem nem me visto nem escutado; outras respondiam secamente:

- Não, obrigada, prefiro andar a pé ; outras ainda, mais malcriadas. Me deixe em paz ,senão chamo um guarda.

Um dia, uma me disse:

- Papagaio de rua, que significa justamente um homem que fica perturbando as mulheres na rua. Uma outra, sem mais, me retrucou: - Você,com essa cara de salsicheiro..., e me deixou admirado porque não podia saber que até os amigos me chamavam desse jeito.

Tanto que, voltando para casa, fui-me olhar no espelho,perguntando como eram as caras de salsicheiros e mais tarde até falei com minha mãe, porém sem contar que era eu, e ela me respondeu:

- Ah, os salsicheiros são coisas antigas... coisa de antigamente... no inverno vendiam carne de porco e no verão chapéus de palha e palhetas... coisa antiga... hoje são chamados de charcuteiros.

Entretanto chegara o outono, aliás já estávamos no fim de novembro e uma hora chovia e outra fazia sol e eu via que agora o verão já estava para terminar e não voltaria a falar em mulheres até a primavera, porque no inverno faz frio e as mulheres ficam sempre trancadas em casa. Ficava danado, porém,porque a qualquer custo não queria passar o inverno sem uma garota. Certa manhã, depois de ter explorado como sempre a via Veneto não sei quantas vezes, já estava me conformando em voltar no Prati, onde moro, pela Villa Borghese e a praça del Popolo, quando, na alameda que vai dar no largo Flaminio,pareceu-me ter visto aquilo de que precisava. Caminhava sozinha, embrulhada num desses impermeáveis transparentes que parecem de celofane, e, assim de longe, me pareceu

engraçadinha. Mas quando parei e abri a porta, dizendo:

- Moça,quer que eu acompanhe você? e ela se virou para me olhar, falo a verdade, quase me arrependi de ter abordado a moça. Não que fosse feia, ao contrário, mas tinha uma cara de manhosa desaforada que não me dizia nada de bom. Tinha uma floresta de

cabelos pretos e crespos, os olhos redondos, saltados, como que de vidro, o nariz meio de negra, viradinho, os lábios grossos e nenhum queixo. Disse no ato:

- Acompanhar-me aonde? e a voz era rouca e confidencial, com sotaque romanesco, de Ponte.

- Onde quiser respondi assustado. Ela, então, arrastando a voz, aborrecida. Já passou da hora, moro muito longe e agora minha mãe já não me espera mais... por que não vamos comer? Enquanto isso tive tempo de mudar de opinião, e, achando que me agradava, fiz-lhe sinal para subir. Ela não se fez de rogada:

- Realmente não deveria aceitar disse ajeitando-se mas o senhor parece uma pessoa distinta... mas não vá pensar que com outro eu teria aceitado.

Eu lhe disse, ligando o motor:

- Me chamo Atílio Pompei e sou uma pessoa séria... se abordei você foi porque me sentia sozinho e procurava companhia... veja: tenho dinheiro, o carro, não me falta nada... nada mesmo, só a companhia de uma garota como você...

Disse essas coisas para que ela visse quem era eu e quais eram minhas intenções. Mas ela, cortando:

- Então para que lugar bonito nós vamos? Arrisquei o nome de um restaurante mas vi que torcia a boca:

- Por que não vamos para fora de Roma? Para Fiumicino, por exemplo?

- Fora de Roma? Com um tempo destes?

- É tão bonito... e depois tem o mar... comeremos peixe. Pensei que o passeio serviria para tornar mais fácil a intimidade: talvez sua proposta até fosse proposital; e disse:

- Vamos a Fiumicino. No entanto tínhamos chegado à praça Cavour.

Ela me fez parar na frente de um bar, dizendo que precisava telefonar à mãe para avisar que não ia voltar para casa. Em seguida voltou e me informou, rindo:

- Coitada da mamãe... perguntou com quem eu estava... respondi: com Atílio... Agora ficará pensando quem será esse Atílio. Toda alegre se ajeitou, tirando o impermeável; e tornamos a partir.

Sáímos de Roma pela estrada da Magliana, brilhante como um espelho, com um sol berrante que machucava os olhos. Porém no segundo quilômetro o céu escureceu e começou a chover a cântaros. Enquanto o limpa-vidros subia e descia no pára-brisa inundado, para matar o tempo, comecei a falar de mim e das minhas aspirações. Fiquei contente ao ver que ela demonstrava me compreender. Disse:

- Um homem não pode viver sozinho como um cão... precisa de companhia, de afeto, de amor.

- É isso mesmo.

E depois, ela continuou, um homem que não tem mulher a quem se dedicar, perde o gosto pelo trabalho...trabalhar para quê?

- Certo. Uma mulher, tornou, dá à vida do homem algo de gentil, de carinhoso, algo que os amigos não podem dar.

- Vem falar disso para mim?

- Os homens sem mulheres não são homens completos.

- É o que eu também acho.

"Sem contar que num momento de tristeza, de dificuldade, só a mulher pode consolar o homem, devolver-lhe a coragem.

- Santas palavras.

- Um homem como o senhor concluiu sabe do que ele precisa? de uma moça boa e carinhosa que pense mais no senhor que nela mesma... uma moça que o compreenda e até seja capaz de se sacrificar." Em suma, era tão

ajuizada, tão intuitiva, tão sensata que eu me sentia totalmente compensado: era o que eu estava procurando. Pergunto:

- E você, como se chama?

- Gina. Disse:

- Gina, sinto que fomos feitos um para o outro e, ainda segurando o volante com uma das mãos, com a outra procurei a dela em cima do assento. Mas ela:

- Agora guie... em Fiumicino você me dará a mão; e retirou a mão. Porém aquele você me deixou contente, embora dito a meia voz e como que por acaso.

Entretanto o sol voltara, ofuscante, entre as nuvens negras e esfiapadas; e passando a estação da Magliana, atravessamos o campo, todo verde e molhado, com os prados brilhantes como charcos de tanta água que tinha caído. A estrada estava deserta, exceto por uma baratinha cor de café com leite, com dois homens dentro, que ora nos ultrapassava e ora se deixava ultrapassar, como se não quisesse perder de vista. Disse:

- Mas o que querem esses cornudos?; e forcei o motor à toda, deixando a baratinha para trás. Ela observou, rindo:

- São dois homens sem mulheres... divertem-se como podem, coitados.

Olhei a estrada, vi que a baratinha não estava mais lá, e diminuí de novo.

Depois de prados alagados, a estrada entrou num bosque. A chuva e o vento tinham jogado sobre o asfalto negro muitas folhas amarelas, vermelhas e castanhas; o bosque também era amarelo, vermelho e castanho; o sol brilhava no bosque, e todas aquelas folhas pareciam de ouro. De repente ela gritou:

- Nossa, que beleza... pare. Parei, e ela disse:

- Sabe o que vamos fazer agora? Você desce e vai ao bosque colher um belo maço de ciclames para mim.

- Ciclames?

- Claro... olhe quantos. Olhei e, realmente, no chão do bosque, enxerguei os ciclames cor-de-rosa espalhados entre as folhas amarelas e o verde do musgo. Ela disse, dengosa:

- Não quer colher um maço para a sua Gina?, e me fez um carinho no rosto, preparando a boca como que para um beijo. Achei que

tinha chegado a hora e tentei abraçá-la; mas ela me repeliu, dizendo: - Não, aqui não, em Fiumicino... enquanto isso, desça e colha um belo macinho. Não disse nada e desci, deixando a porta aberta.

Do carro ela me gritou:

- Vá lá dentro... são mais bonitos; e eu, andando com dificuldade, entre as sarças que se agarravam com os espinhos nas calças, penetrei no bosque, colhendo ciclames. O bosque estava molhado de chuva; tinha um cheiro bom de terra molhada, de musgo, de lenha podre; a cada passo, dos ramos em que esbarrava a cabeça, caía uma carga de pingos, de modo que em pouco tempo minha cara estava toda lavada. Os ciclames eram bonitos e eu, colhendo, pensava que estava muito contente por ter uma garota finalmente, agradava-me a idéia de colher ciclames para ela e tentava pegar os maiores, com o talo mais longo e o rosa mais vivo. Ouvi ela gritar:

- Entre...quanto mais entrar melhor é; e pus-me de pé no meio do mato para mostrar o maço que já tinha colhido. Então, além das

moitas pequenas, entre um tronco e outro, enxerguei a baratinha cor de café com leite parada perto da beira da estrada e um homem de impermeável que descia e entrava rapidamente no meu carro. Gritei: - Pare... pare, e saí correndo; mas pus o pé em falso e caí no chão, de cara no musgo molhado, num dilúvio de pingos de chuva.

Da volta, é melhor nem falar. Percorri cinco quilômetros a pé, estava tão atônito que na passagem de nível de Fiumicino vi que ainda apertava na mão o maço dos ciclames. E nem quero contar como reencontrei aquela

lambisgóia, uma semana mais tarde, na hora em que saía de uma loja do centro, e como mandei detê-la. Mas a única coisa que me machuca (o carro foi encontrado dois dias depois, sem pneus, numa estrada da periferia), foi que ela quando gritei:

- Ladra... finalmente te encontro, ladra, fingiu não me conhecer e, aliás, disse descarada:

- Quem é que o conhece? Nunca vi essa cara de salsicheiro. Entendeu? Ela também me chamava de cara de salsicheiro, como meus amigos, como a moça da via Pinciana. Por isso, desde aquele tempo, deixei crescer os bigodes, caídos, loiros, compridos. Mas, com todo esse bigode, garota que é bom eu ainda não arranjei.

O APETITE

Se uma manhã você passar lá pelos lados do Policlínico, naquele ponto dos muros onde ficam, pregadas, aquelas pequenas lápides brancas por graça recebida ou por receber que parecem muitos selos colados num envelope, verá, a pouca distância do tabernáculo de Nossa Senhora, um quiosque de florista bonito e grande, cheio de vasos com flores, de estatuetas coloridas, de cestos já prontos com as fitas e tudo. Ali, parentes e amigos compram flores para os pobres doentes; ali se abastece o quarteirão inteiro. A florista é uma mulher gorda, loira e alta, e tem um filho igualzinho a ela que a ajuda no negócio.

Carlos, se chama, tem dezenove anos e já deve pesar seus cem quilos. Repare nele, olhe-o, tem a cara gorda e toda sardenta, os óculos grossos de míope e os cabelos ruivos cortados à escovinha. Seu peito estremece a cada momento como o de uma mulher; tem barriga; e duas pernas que parecem um monumento.

Veste-se sempre à americana, anoraque e calças listradas: ajaqueta fica-lhe justa como um corpete; e as calças, quando se abaixa, sempre dão a impressão de que vão arrebentar no traseiro. Carlos e eu éramos amigos e agora não somos mais e isso me desagrada, não fosse por outra coisa porque, com aquele físico, ele afastava qualquer tristeza. Para acabar com a tristeza, bastava vê-lo comer: benza-o Deus, que apetite; como Carlos eu nunca conheci ninguém. Como se não fosse nada, ele era capaz de devorar meio quilo de espaguete ao molho, com pão; e depois declarar, insatisfeito:

- Esse macarrão não deu nem para o buraco do dente...: mãe, estou com fome. Tanto que de vez em quando os amigos o convidavam para um restaurante só pelo prazer de vê-lo comer. E ele não se fazia de rogado: certa noite, na Stelletta, ele, em menos de meia hora, devorou, chupou e triturou um cordeiro inteirinho, deixando no prato só um montinho de ossos. Em casa não tinha dessas comilanças porque a mãe era sovina e com as flores não se pode esbanjar. Por isso, sabendo que vê-lo comer era quase um espetáculo, ele mesmo propunha:

- Vão me convidar à noite? Como de empreitada, sem limites de quantidade, topam?

Um domingo desses, Carlos me avisou que tínhamos sido ambos convidados para almoçar na casa de sua noiva, Faustina. Fiquei admirado porque não tinha intimidade com a família de Faustina e não via motivo para o convite. Mas, quando encontrei Carlos, no Corso d'Italia, vi que motivo havia. Carlos, as mãos nos bolsos, parecia triste e desanimado e suspirava. Enquanto íamos à casa de Faustina, perguntei-lhe o que tinha e ele me respondeu com um suspiro. Insisti: um novo suspiro. Disse, por fim:

- Ouça, se não quer contar, não conte... mas pare de suspirar... parece uma foca.

- Por que, as focas suspiram?
- Não, mas se suspirassem, suspirariam como você

Ele suspirou de novo e depois explicou:

- Hoje cedo eu fiz com que o convidassem para você me ajudar...
promete?

Prometi, e então ele, sempre suspirando, disse:

- Faustina não me quer mais.

Confesso que a primeira reação foi de satisfação. Gostava de Faustina e nunca tinha entendido o que vira no Carlos. Mas sou um bom amigo e nunca me atrevi sequer a cortejá-la, quanto mais a deixar que ele percebesse. Disse, fingindo indiferença:

- Pois bem, sinto muito, mas o que é que eu posso fazer?

- Muita coisa... Faustina não me dá mais bola... mas você ela ouve. .
você sabe falar... não queria mais me ver,insisti para uma explicação e então ela nos convidou: você precisa falar com ela e dizer que eu gosto dela e que não deve me abandonar.

Eu respondi que as mulheres não se deixam convencer com raciocínios; mas no fim, uma vez que ele estava pedindo,acabei aceitando. Nesse ínterim, tínhamos chegado à casa de Faustina, perto dos mercados da praça Alessandria. Subimos as escadas, batemos à porta; a mãe de Faustina, uma mulherzinha de cabelos grisalhos, veio abrir com um abano na mão, gritou:

- Pelo menos vocês vieram e depois sumiu na cozinha. Passamos

à sala de jantar que nos outros dias servia de sala de provas para o pai de Faustina que era alfaiate. A mesa estava posta para oito entre as quatro paredes cobertas de figurinos e de páginas arrancadas de revistas de moda; num canto havia um manequim de mulher, com um casaco alinhavado em cima. Achei que no apartamento reinava uma grande confusão: ouvia-se a mãe berrar, furiosa, e alguém responder. Em seguida a porta se abriu

impetuosamente e Faustina entrou. Era uma mocinha de dezoito anos, baixinha e miúda, de cabelos crespos, a testa sumida, os olhos verdes e a boca grande: não bonita, mas provocante. Gritou, alegre:

- Olá Carlos, olá Mário... mamãe está furiosa porque pôs macarrão para oito e papai, Gino e Alfredo mandaram avisar que por causa do jogo vão comer fora, Ana Maria também não vem porque foi convidada pelo noivo... eu mesma estou de saída, também fui convidada... de modo que sobraram vocês três mamãe está com raiva porque diz que a carne ela pode guardar, mas a massa cozida, não.

Disse essas palavras de um fôlego só; depois, levantou o vestido atrás para que não amarrotasse, sentou-se num velho sofá amarelo todo arrebitado e rasgado, e continuou:

- Escute, Carlos, eu fiz você vir aqui com seu amigo porque mamãe tinha dito que eu devia dar-lhe essa satisfação... mas vou logo dizendo: é inútil insistir.

Não sei por que essas palavras, pronunciadas com tamanha desenvoltura, me deixaram contente. Tanto mais que ela, ao dizê-las, não tinha olhado para o Carlos, mas para mim; e nossos olhares se encontraram; e ela, foi o que me pareceu, sorriu para mim com segundas intenções. Enquanto isso Carlos choramingava:

- Mas se você não me quer mais o que é que eu vou fazer?

Ela se pôs a rir com gosto, exibindo os dentes largos e pequenos: - Você arranja outra... ou então não arranja...para mim pouco importa... desde que não nos vejamos mais, porque já estou cheia.

- Mas por que está cheia... o que foi que eu fiz... por que implicou comigo?

Ela deu um salto, mas alegremente, e sempre, com aqueles olhos verdes, olhando para mim e não para ele:

- Impliquei com você por aquilo que você é... um gordão, um colchão, um comilão.. . você só pensa em comer e quanto mais come, mais gordo fica... minhas amigas dizem que vou me casar com o rei Faruk... eu, ao seu lado, pareço uma pulga perto de um

elefante... não sirvo para você.

- Mas eu gosto de você.

- Pois eu não... nem um pouco.

Já viu um gordo chorar? O magro, quando chora, parece sincero;mas o gordo parece que está fingindo. Carlos tirou os óculos e começou a soluçar no lenço. Entrou a mãe, com a sopeira cheia de macarrão com molho de tomate, e perguntou, surpresa:

- O que aconteceu? O que deu no Carlos?

- Está chorando”, disse Faustina, alegre, dando de ombros: faz bem. E depois, levantando do sofá:

- Bom, eu já vou indo...você quis vir, eu repeti o que já tinha dito e agora vou indo.. . tenho o que fazer.

- Mas não vai comer? gritou a mãe.

- Não, como mais tarde... guarde alguma coisa para mim...adeus, Carlos, e bom apetite... até logo, Mário.

Assim dizendo, ela apertou minha mão, me encarando com os olhos verdes, e senti que, em vez de apertar, roçava-me com os dedos entre os dedos.

- Pois bem falou a mãe irritada só tem vocês dois... sentemse à mesa e comam.

- Não estou com fome, disse Carlos. Porém, como que por encanto, as lágrimas tinham secado e seus olhos pousaram sobre a sopeira.

Eu éstava realmente com fome: os olhares e o contato dos dedos de Faustina tinham me perturbado. Arrisquei:

- E se fôssemos embora?

- E jogo fora a comida? gritou a mãe, pondo as mãos na cintura; macarrão feito em casa... vamos, sentem e comam.

- Não estou com fome, protestou debilmente Carlos mais uma vez. Porém, naquele instante, Faustina apareceu na porta e gritou:

- Para quem está querendo mostrar que está sem fome?...venha, vamos, meu caro, venha comer. Jogou-se para cima dele,que estava afundado no sofá, agarrou sua mão, obrigou-o a se levantar e sentar à mesa, amarrou o guardanapo em volta de seu pescoço, pôs-lhe o garfo na mão. Enquanto isso a mãe,satisfeita, punha no prato de Carlos um monte de macarronada.

Carlos repetia, sufocado:

- Mas não estou com fome. Porém aquele prato fumegante, e de um belo colorido claro de tomate fresco, devia dar-lhe água na boca porque, sempre repetindo com voz de choro:

- Não estou com fome, começou, embasbacado, a enrolar o macarrão no arfo.

- Bom apetite, gritou Faustina, saindo novamente da sala. A mãe também tinha saído, depois de encher o meu prato.

Carlos ergueu o garfo cheio de macarrão e daí, com voz chorosa, disse devagar:

- Mário, vá atrás de Faustina...antes que saia... pode ser que com você, a sós...

- Não terminou e baixando a cabeça enfiou o macarrão na boca. Entretanto as lágrimas continuaram a rolar dos olhos, enquanto comia. Disse, contente:

- Você tem razão, a sós pode ser que me dê ouvidos. .. você come, enquanto isso... vou e volto.

Saí e fui diretamente ao quarto de Faustina. Estava de pé, de combinação verde- clara, na frente do espelho do guarda- roupa,retocando os lábios. Fechei a porta, me aproximei dela,enlaçando um braço na sua cintura,

disse-lhe, simplesmente:

- A gente se vê amanhã?

Ela me olhou de esquelha, com seus olhos verdes, afoita:

- Não, hoje mesmo.

- Hoje, quando?

- Me espere lá embaixo, no bar, daqui a meia hora. Não disse nada, dei meia-volta e saí. Voltei à sala de jantar. Carlos agora comia com bom apetite, mas sem pressa: a travessa já estava pela metade. Disse-lhe:

- Sinto muito... mas me pôs para fora do quarto... sinto muito.

Ele terminou de engolir a garfada e depois choramingou, cabisbaixo, enrolando o macarrão no garfo:

- Porcalhona... epensar que gosto tanto dela.

Agora eu também começara a comer, após a visita a Faustina, tinha recuperado o apetite, e o macarrão estava realmente bom, leve, nadando no molho, com muito pecorino ardido. Carlos

continuou:

- Não quero mais vê-la... nem se pedir de joelhos.

O prato está vazio e ele tirou da sopeira outra porção.

- Faz bem, disse eu.

Enfim, entre os dois, mas Carlos principalmente, quase esvaziamos a sopeira pela metade. Veio a mãe e propôs, mas só próforma, que comêssemos umas fatias de carne. Disse que tínhamos comido o suficiente e me levantei, embora pela expressão de Carlos, que continuou sentado, visse que a carne seria bem vinda. Assim, suspirando e enxugando com o guardanapo primeiro a boca e depois os olhos, ele também levantou; em seguida nos despedimos da mãe e saímos. Uma vez na rua, disse a Carlos. Bom, tenho que ir, tenho um encontro e sem dar tempo para que abrisse a boca, me mandei.

Vaguei um pouco pelo quarteirão e em seguida, na hora marcada, dirigi-me ao bar. Faustina me esperava, toda elegante, num vestidinho

roxo justo, um maço de violetas na mão. Foi logo me

pegando o braço e disse:

- Bobo, por que demorou tanto para entender que eu gostava de você?

Não tive tempo de responder. Passávamos naquele instante diante de uma doceira que vende doces frescos, recém-saídos do forno. À porta, uma sfogliatella napolitana na mão, a boca cheia e o rosto todo salpicado de açúcar de baunilha, estava o Carlos. Eu primeiro senti o cheiro bom do forno, depois o vi e vi que ele tinha nos visto, juntos, de braço dado. Mas Faustina não perdeu a pose:

- Tchau, Carlos, gritou enquanto nos afastávamos.

A ENFERMEIRA

Tenho um viveiro em Cidade Jardim e toda manhã, quando passo de ônibus pela rua Nomentana, não posso deixar de olhar o portão de uma certa villa, logo depois de Sant'Agnese. Há alguns anos o jardineiro da villa era eu e as touceiras de jasmim contra o muro da cerca fui eu quem plantou; assim como fui eu quem dispôs ao redor da área de entrada os vasos de camélias e apoiou na parede da villa a glicínia que, agora, se não morreu, deveria ter atingido o segundo andar. Aliás, por causa da doença do patrão, o jardim da villa estava abandonado e mais parecia um terreno baldio que um jardim; e eu, por amor à enfermeira que cuidava do homem, transformei-o em poucos meses numa estufa, com todos os canteiros verdes, alamedas cobertas de cascalho, moitas de liláses, e buxo recortado envolta dos canteiros e ao longo das alamedas. Plantei também, lembro-me, no meio de um canteiro, uma magnólia adulta da espécie Grandiflora, bem em frente à

janela de Nella, de modo que, na primavera, o perfume das flores entrasse fundo em seu quarto; e debaixo da janela, plantei uma japônica, planta trepadeira muito bonita, de ramos escuros e de flores vermelhas. Nella era a enfermeira por quem estava apaixonado: uma moça robusta, não muito alta, com os cabelos ruivos, o rosto largo e fresco todo sardento e óculos de míope. Gostei dela no ato porque era muito forte e saudável, com um corpo exuberante que parecia querer arrebentar a bata branca; e pelo ar manhoso e plácido que lhe davam as sardas e os óculos.

Parecia uma doutora; e foi sobretudo o contraste entre o aspecto severo e aqúele seu corpo jovem e alegre que me fez perder a cabeça.

Naquele tempo a saúde do homem de quem ela cuidava me preocupava mais que a minha, porque sabia que se se curasse ou

morresse, ela iria embora e eu não poderia mais vê-la tão facilmente. Assim, toda manhã daquela primavera, quando ela abria a janela do quarto em que estava o doente e se debruçava no jardim, eu dava umjeito de estar ali embaixo e logo perguntava:

- Como está?; e ela respondia com um gesto:

- Mais ou menos, sorrindo maliciosamente porque sabia o motivo dessa minha gentileza. Depois, durante o dia, eu a revia com freqüência, sempre naquela janela, em atitude ora de derramar remédios num copo, ora de ajustar a agulha de uma seringa antes da injeção. Fazia-lhe sinais com as mãos, mas ela se limitava a balançar a cabeça como que dizendo:

- Não está vendo que eu estou no quarto dele? Porque era mais consciente de seu dever que um homem; e maliciosa, servia-se do trabalho para me fazer suspirar, um pouco como certas moças que para se fazerem de difíceis levam sempre a mãe, que não quer ir, ao

baile; e, ao contrário, elas é que são namoradeiras.

De manhã, eu procurava permanecer no pátio, diante da villa, porque a janela do doente dava para aquele lado; depois do almoço, ao contrário, como

sabia que depois de comer o doente dormia e ela aproveitava para me ver, ia trabalhar no fundo do jardim, que era muito grande, atrás de um bosque de azinheiras, onde havia uma fonte grudada no muro da cerca.

Quase sempre, lá pelas duas ou três, ela vinha e ficávamos juntos meia hora, uma hora. Eu cortava para ela uma flor, uma gardênia, uma camélia, uma rosa; e ela, para me agradar, espetava-a no peito, por cima da bata. Depois sentava na beirada da fonte e eu lhe falava de meu amor. Estava apaixonado para valer e, desde o início, disse que queria casar com ela. Ela me escutava com cara de sonsa, sem abrir a boca. Dizia-lhe:

- Nella, quero me casar com você e quero que tenha muitos filhos... um por ano... vai ver que filhos bonitos vão nascer: você é linda e eu não sou feio. Ela ria e dizia:

- Coitada de mim... e como vamos sustentá-los?

Respondia:

- Trabalharei... quero montar um viveiro. Ela dizia:

- Mas eu quero continuar sendo enfermeira. Eu retrucava:

- Que enfermeira que nada... será minha mulher.

Ela dizia:

- Não quero filhos e quero ser enfermeira... meus filhos são os doentes. Mas sorria e deixava eu pegar sua mão. Porém, quando, de uma coisa a outra, eu tentava beijá-la, logo me repelia e se levantava, dizendo:

- Preciso ir cuidar dele.

- Mas se está dormindo?

- Sim, mas se acorda e não me vê, é capaz de morrer de desgosto: só quer a mim ao lado de sua cama. Naqueles momentos eu odiava o doente, embora devesse a ele o fato de tê-la conhecido. Desse modo ela ia e eu, de raiva, pegava um rastelo e rastelava o cascalho com tanta força que a terra saltava forajunto com as pedrinhas.

Nunca me beijou. Mas, às vezes, deixava-me admirar seus cabelos

que eram, com os olhos, o que tinha de mais bonito.

Pedia-lhe:

- Deixe-me ver seu cabelo.

- Como você é chato, protestava com ternura; mas, por fim, permitia que eu lhe tirasse o lenço e em seguida, um por um, os grampos. Por um momento, os cabelos, ruivos e bastos, ficavam amontoados na cabeça como uma coroa de cobre. Depois ela dava uma sacudida; e os cabelos caíam sobre suas costas, ondulados, longos até a cintura; e ela permanecia quieta, embaixo de todo aquele cabelo, me encarando através dos óculos. Eu, então, estendia uma das mãos e, delicadamente, tirava seus óculos. Com os óculos tinha um ar hipócrita, mas sem óculos, os olhos

grandes, doces, líquidos, quase desfeitos, marrons como castanhas, davam ao rosto uma expressão diferente: lânguida e

atraente. Assim eu a olhava sem tocar; e ela, por fim, talvez se envergonhasse e tornava a pôr rapidamente o lenço na cabeça e os óculos no nariz.

Estava tão apaixonado, lembro-me, que um dia lhe disse:

- Eu também queria ficar doente... pelo menos assim você cuidaria de mim. Ela respondeu, sorrindo:

- Você é louco... está bom e quer ficar doente.

Eu disse:

- Sim, queria ficar doente... assim, pelo menos, de vez em quando você passaria a mão na minha testa para ver se estou com febre... e lavaria minha cara de manhã, com água morna... e quando precisasse, você correria, pronta, com o papagaio, e esperaria eu terminar. A última frase provocou uma risada:

- Sabe que você é engraçado... acha que é agradável para nós enfermeiras fazer certos serviços?

Eu respondi:

- Não é agradável nem para vocês nem para os doentes... mas é sempre melhor que nada.

Basta, não acabaria de contar e, como todo mundo sabe, em amor, até os detalhes parecem importantes; principalmente, quando, como é o caso, o amor se detém no início e não consegue ter o desfecho que se desejaria. Como ouvia dizer que o doente estava melhorando e logo se levantaria, tornei-me mais insistente na questão do casamento. Mas ela tergiversava, ora dava a entender que eu não lhe desagradava, ora, ao contrário, respondia que não me amava o suficiente. Eu pensava que hesitasse antes de se entregar: indecisão de uma árvore ceifada antes de cair. Depois, uma tarde daquelas me tirou o fôlego, dizendo tranqüila:

- Por que não vem debaixo de minha janela esta noite?... depois da meia-noite... assim a gente conversa.

Naquela tarde escondi-me no jardim e esperei a meia-noite, sentado na beirada da fonte, atrás da moita de azinheira. Na hora marcada, dirigi-me para baixo da janela e assobieei, conforme o combinado. Logo as persianas se abriram e ela apareceu, branca, na janela escura. Sussurrou:

- Dê-me a mão, rápido; e eu mal tive tempo de me colocar embaixo que ela, pulando do parapeito, caiu nos meus braços. Era tão pesada que quase rolamos no chão; mas nos levantamos e seguimos ao longo da parede da villa, pela calçada. Ela me disse baixinho:

- Então, Lionello, tem mesmo certeza de que quer casar comigo?
e eu, mais pelo tom, suave como nunca tinha sido, do que pelas palavras, caí de joelhos, ali onde me achava, e abracei suas pernas, apertando o rosto contra o pano grosso da bata. Senti que ela me acariciava a cabeça com uma das mãos e, apesar de comovido, pensei com frieza:

- Está no papo. Bem naquela hora, ao contrário, toca a campainha lá dentro de seu quarto. Fosse o mais querido amante a chamá-la, não teria sido tão rápida:

- Depressa, depressa disse; e me afastou que eu quase caí no chão; depressa... ele está me chamando... depressa, me ajude a entrar de novo.” A maldita campainha continuava tocando, ela correu até a janela, ajudei-a a subir, desapareceu. Dali a um instante vi, na fachada, a janela do doente se iluminar, sinal de que Nellajá estava a seu lado, e, então, pela primeira vez, senti ciúme.

O que aconteceu nessa noite, no quarto daquele homem, eu não sei; mas no dia seguinte, de manhã, Nella não apareceu; nem depois do almoço, veio como sempre ao lugar de nossos encontros, perto da fonte. Assim passaram três ou quatro dias; e depois, numa tarde, eu a vi finalmente, mas não sozinha: caminhava pelo pátio, ao lado do doente, amparando-o; ele, um homem de meia-idade, aloirado, pálido, muito alto, de pijama, apoiava-se nela, enlaçando suas costas com um braço; e ela, amável e dócil, segurava-o pela cintura e acertava o passo com o dele. Fiquei atônito ao vê-los; depois, quando desapareceram atrás do canto da villa, virei-me para um criado que também os observava, da soleira da casa, e ele me fez um gesto como que dizendo:

- Estão de caso. Fingindo indiferença, interroguei-o: assim fiquei sabendo que se falava na villa que o patrão tinha intenção de se casar com Nella. Digo a verdade, não perguntei mais nada: achei que era uma mulher como tantas outras e que para ela o dinheiro importava mais que o amor. Tenho impulsos bruscos e não penso duas vezes para tomar certas decisões: naquele mesmo dia, fiz minha trousse e saí da villa, para nunca mais voltar.

Mais tarde, por muito tempo toda vez que pensava em Nella, imaginava-a mulher daquele homem, na villa, não mais enfermeira, mas patroa. Pensava também que agora não cuidaria dele com tanto amor se ficasse novamente doente: viúva, teria conseguido finalmente os objetivos pelos quais se casara. Mas às vezes a gente erra ao pensar que apenas o interesse ou o sentimento são as duas coisas que fazem os homens viverem. Há pessoas para as quais não importam nem o interesse nem o sentimento,

mas alguma outra razão, toda particular, que elas são as únicas a conhecer. Nella era uma dessas.

Alguns anos mais tarde, apresentei-me numa villa no Gianicolo, onde tinham me chamado para montar uma estufa de plantas tropicais. Pois é, enquanto esperava no átrio, notei uma certa atmosfera de precaução e quase que de luto: todas as janelas fechadas, sussurros, vaivéns, cheiro de desinfetante, ruídos abafados. Depois, de repente, enxerguei-a no topo da escada, vestida de enfermeira, como a tinha visto pela última vez, com o lenço na cabeça, os óculos no nariz, uma bandeja nas mãos.

Estava descendo, e assim não pôde evitar o encontro. Quando chegou perto, parou e eu lhe disse, entre triste e gozador:

- Sempre enfermeira, hein, Nella... mas você não ia se casar?

E ela, com aquele ar plácido e maroto que já me fizera perder a cabeça, sorrindo:

- Quem te contou essa mentira?... não te disse que não queria casar e que queria continuar enfermeira?

Disse:

- A raposa e as uvas. Dá para acreditar? Ela me fitou um instante e depois, balançando a cabeça, respondeu:

- Sabe que esse daqui também se apaixonou por mim?... mas agora não posso lhe contar tudo... se vier trabalhar aqui, depois conversaremos... minha janela fica no andar térreo e dá para

o jardim. Saiu, mas antes de sair, me deu uma olhada como que dizendo:

- Combinado, hein? Achei que, talvez justamente por ser tão saudável e forte, devia sentir um prazer especial em fazer amor com os doentes. Mas eu era saudável, infelizmente; e desse modo, para mim, não havia esperança. Renunciei imediatamente àquele trabalho e, sem esperar que me chamasse, saí na ponta dos pés.

O TESOURO

Na cantina fora da Porta San Pancrazio onde eu era garçom, aparecia naquele tempo um verdureiro que todos chamavam de Marinense, ou porque era de Marino, ou, aliás, principalmente porque gostava do vinho de Marino. Esse tal Marinense era muito velho, nem ele mesmo sabia quantos anos tinha. Bebia, porém, mas do que muitos jovens e, quando bebia, conversava com quem lhe dava trela ou até mesmo sozinho. Nós, garçons de cantina, como todos sabem, quando não estamos servindo, escutamos as conversas dos clientes. Marinense, entre muitas mentiras, contava quase sempre uma história que parecia verdadeira: que os alemães tinham roubado na villa de um príncipe, ali perto, um cofre de prataria e que o tinham enterrado num lugar que ele conhecia. As vezes, quando estava bêbado mesmo, dava a entender que o lugar era a sua horta. De qualquer modo, dizia que, se quisesse, poderia ficar rico. E um dia ele iria querer. Quando? - Quando ficar velho e não tiver mais vontade de trabalhar, disse uma vez a alguém que lhe perguntava. O que era uma resposta engraçada, pois parecia ter pelo menos oitenta anos.

Enfim, pus-me a pensar nesse tesouro e estava convencido de que existia, porque alguns anos atrás, durante a ocupação, justamente, o furto tinha realmente acontecido e o príncipe nunca mais encontrara sua prataria. Só de pensar, me dava uma raiva que estivesse em mãos do Marinense, o qual, mais dia menos dia, morreria de um ataque em seu barraco e aí, adeus tesouro. Tentei cair nas graças dele, mas o velho, um verdadeiro cara-de-pau, me fez pagar o vinho mas não abriu a boca.

- Mesmo que você fosse meu filho disse-me, por fim, solenemente eu não te diria... você é moço: trabalhe... quem precisa de dinheiro são os velhos

que estão cansados e não agiientam mais.” Finalmente, desesperado,fui me abrir com outro garçom, Remigio, um loiro, aguado, mais moço do que eu. Ficou entusiasmado no ato, mas tolamente, comotolo que era, e começou a fazer castelos no ar: ficamos ricos,compro uma moto, abrimos juntos um bar, e assim por diante.

Disse-lhe:

- Primeiro é preciso encontrar esse tesouro... e depois, não perca a cabeça... vamos dividir em quatro partes... eu fico com três e você com uma... tudo bem?

Ele concordou, sempre exaltado. E marcamos para aquela mesma noite, depois da meia-noite, no começo da Aurélia antiga.

Era comecinho de maio, e com o céu estrelado e a lua brilhante

que deixava enxergar as coisas como de dia, naquele ar ameno,não me parecia sequer estar fazendo algo proibido, como seria agredir um pobre velho: tinha a impressão de que tudo não passava de uma brincadeira. Fomos pela Aurélia, entre aqueles muros muito velhos, atrás dos quais existem hortas e jardins de conventos. Eu levava uma enxada para o caso de Marinense não querer nos emprestar a dele, e a Remigio, só para ocupá-lo com alguma coisa, tinha dado uma barra de ferro. Tinha comprado na praça Vittorio um revólver e uma caixa de balas,mas coloquei o dispositivo de segurança: nunca se sabe. Para

falar a verdade, eu também estava exaltado com a idéia do tesouro e agora me arrependia de ter conversado com Remigio:era uma parte a menos que eu poderia pegar para mim. Além disso, sabia que tinha a língua solta e, se falasse, a brincadeira acabaria na cadeia. Esse pensamento me atormentava enquanto caminhávamos ao longo dos muros. Assim, de repente, parei e, sacando o revólver, que ainda não lhe mostrara,disse:

- Olhe, se abrir a boca depois, eu te mato.

Ele disse todo trêmulo:

- Mas Alexandre, por quem me toma? Disse ainda:

- Será preciso dar alguma coisinha ao Marinense para que ele também tenha parte nisso e não nos denuncie... significa que você vai dar um pouco da sua parte para ele... combinado?

Ele concordou, eu tornei a guardar o revólver e continuamos a caminhada.

Pouco mais abaixo, à direita, havia um portal antigo, com colunas e uma lápide latina no frontão. O portão era pintado de verde, todo desbotado e desconjuntado; atrás daquele portão, como sabia, ficava a horta do Marinense. Olhei a rua e, visto que não vinha ninguém, empurrei o portão, que estava aberto e entrei, seguido pelo Remigio.

Quando me aproximei da horta, embora não viesse atrás de verduras, devo dizer que quase soltei um grito de admiração.

Que horta. A nossa frente, naquela luz forte e branca da lua, estendia-se a horta mais bonita que eu já vi. As canaletas reluzentes alongavam-se retas como se tivessem sido traçadas a esquadro; entre uma canaleta e outra, as verduras, em fila, pareciam subir em procissão, brincando ao luar, até o barraco do Marinense que se deixava entrever lá em cima, no fundo da horta. Havia alfaces gigantes, daquelas que, na quitanda, uma é suficiente para encher a balança; lindos pés de tomate, tutorados por pauzinhos e, entre as folhas, os tomates ainda verdes, mas já estourando de grãos; couves tronchudas grandes como cabeças de crianças; cebolas altas e espetadas como espadas; três ou quatro alcachofras em cada pé; tinha

endívias, ervilhas, feijões, escarolas, e, enfim, todas as verduras da estação. Aqui e ali, no chão, como que abandonados para quem quisesse colher, vi muitas abobrinhas e muitos pepinos. Árvores de fruta, como ameixas, pêssegos, maçãs, pêras, também tinha: baixas e frondosas, cheias de frutos ainda verdes que se debruçavam entre as folhas, ao luar. Dava para ver que cada uma daquelas plantas conhecia a mão do hortelão; e que não era apenas

o interesse que guiava essa mão. Remigio, que só pensava no tesouro, perguntou impaciente:

- Mas onde está o Marinense?

Respondi:

- Lá longe, apontando o barraco no fundo da horta.

Fomos andando por um caminho, entre uma fileira de alho e outra de aipo. Porém Remigio pisou numa alface e eu lhe disse:

- Animal, olha por onde anda. Me abaixei, colhi uma folha daquela alface e levei à boca: era doce, carnuda, fresca, como se tivesse sido lavada pelo orvalho. Assim chegamos ao barraco; e o cachorro do Marinense, que me conhecia, ao invés de latir veio ao meu encontro, abanando o rabo: um cachorro amarelo, próprio de hortelão, mas inteligente. Bati na porta fechada do barraco, primeiro devagar, depois mais forte e, finalmente, como não aparecia ninguém, a socos e pontapés. A voz dele nos fez dar um pulo, ao vir não de dentro do barraco mas de uma moita ali perto:

- Que foi? que querem?

Estava com uma enxada na mão, dava para ver que de noite também cuidava de sua horta. Apareceu no clarão da lua, os braços pendentes, a espinha encurvada, a cara vermelha com a barba cheia de pêlos brancos, um perfeito hortelão que de sol a sol cuida de suas verduras. Eu fui logo dizendo:

- Amigos e ele respondeu:

- Não tenho amigos. Depois se achegou e acrescentou:

- Mas você eu conheço... Não é o Alexandre?

Disse-lhe que era Alexandre, realmente; e, sacando do bolso o revólver, porém sem apontá-lo, intimei:

- Marinense... diga-nos onde está o tesouro... vamos dividi-lo... mas se não quiser nos dizer, a gente leva do mesmo jeito." Ao mesmo tempo erguia o revólver, mas ele pôs a mão grande em cima,

como que dizendo que não era o caso, e baixando a cabeça, perguntou com ar pensativo:

- Mas que tesouro?
- A prataria, aquela que os alemães roubaram.
- Mas que alemães?
- Os soldados, durante a ocupação... roubaram daquele príncipe.
- Mas que príncipe ?
- "O príncipe... e você disse que a enterraram na horta...
- Mas que horta?
- Marinense: a sua...e não se faça de besta... você sabe onde está e

ande logo.

Ele, sempre cabisbaixo, pronunciou lentamente, então:

- Ah, você quer dizer o tesouro?
- Pois é, o tesouro.
- Então venha disse atencioso; a gente o desenterra logo; tem enxada?

Pegue esta... Venha que arranjamós uma enxada para ele também...

venha. Eu fiquei meio espantado porque não esperava que ele aceitasse tão depressa; mas o segui. Foi atrás do barraco, sempre resmungando:

- O tesouro... agora vai ver que tesouro e voltou dali com uma enxada que entregou a Remigio. Depois prosseguiu, repetindo:

- Venham... queres tesouro... vão tê-lo.

Atrás do barraco o terreno não era cultivado mas cheio de trambolhos e de lixo. Mais adiante, havia uma fileira de árvores e, atrás dos troncos, um muro alto, igual àquele que limitava a horta do lado da Aurélia. Ele seguiu pelo caminho, junto às árvores, e foi até o fim da horta, lá onde o muro formava um ângulo. Ali virou-se repentinamente e batendo o pé no chão, disse:

- Cavem aqui... o tesouro está aqui.

Eu peguei a enxada e logo comecei a cavar. Remigio, a enxada na

mão, me observava. Marinense lhe disse:

- Cave você também... não quer o tesouro?

- Remigio pôs-se então a cavar com tanta fúria que Marinense acrescentou:

- Vai devagar... tem tempo. Ao ouvir isso Remigio diminuiu e deu uma enxadada no pé. Ele tirou-lhe a enxada, girou-a nas mãos, dizendo:

- Deve segurá-la assim... e toda vez que entrar na terra, deve empurrar em cima com o pé... do contrário não vai cavar. Em seguida acrescentou:

- Vocês cavem no mesmo comprimento e na mesma largura... um par de metros... não mais... o tesouro está embaixo... enquanto isso vou dar uma voltinha.

- Mas eu lhe disse:

- Você fica aqui.

Ele respondeu:

- Está com medo de quê?... já disse que o tesouro é seu.

Então, cavamos primeiro de qualquer jeito, depois cada vez mais fundo seguindo um retângulo que eu tinha traçado com a ponta da enxada. A terra estava dura, seca, cheia de pedras e de raízes; eu jogava a terra de um lado, em cima de um monte, e Marinense, que não fazia nada, afastava as pedras com o pé ou então dava conselhos: - Mais devagar... arranque aquela raiz...tire aquela pedra. Apareceu um osso, comprido e preto, e ele o pegou e disse:

- É um osso de vaca... vê como já começa a encontrar alguma coisa?

Não sabia se estava falando sério ou de brincadeira; apesar da noite fresca eu estava molhado de suor; de vez em quando olhava para Remigio e ficava com raiva de vê-lo também tão ofegante e zeloso. Cavamos um tempão, e nunca chegava: agora tínhamos feito um buraco retangular, com quase um metro de fundura, e a terra, no fundo, era úmida, farinhosa, escura, porém sem traços de cofre, ou de saco, ou de outro recipiente. Ordenei a Remigio de repente:

- Páre; e depois saí do buraco e disse a Marinense:

- Como é, cadê o tesouro? Por acaso, estaria caçoando da gente?

Ele respondeu logo, tirando o cachimbo da boca:

- Você quer o tesouro? vou te mostrar já, já o tesouro. Dessa vez não o detive porque estava esgotado e, no fundo, quase não ligava mais para o tesouro. Vi que se afastava, dirigindo-se a um outro barraco que antes eu não tinha notado, encostado atrás das árvores ao muro da cerca. Remigio disse:

- Vai fugir. Eu respondi, enxugando o suor, apoiado na enxada:

- Não foge, não. E realmente, dali a pouco, Marinense saiu do barraco, trazendo uma carriola cheia até a boca, como me pareceu, de esterco. Foi até o buraco e ali despejou o esterco e em seguida, pondo um pé dentro, começou a aplainá-lo com as mãos.

Perguntei, incerto:

- Mas e o tesouro?

E ele:

- Olhe o tesouro... olhe como é bonito ; e, ao mesmo tempo, com as mãos, pegava uma porção de estrume e o esmigalhava debaixo do meu nariz, aquoso e fedorento.

- Olhe se não parece ouro...foi a vaca que fez... veja que tesouro... um tesouro como esse, onde é que você encontra?... eis o tesouro. Falava sozinho, indiferente à nossa presença, depois, sempre falando,

saiu do buraco, pegou a carriola, tornou a carregá-la no barraco, trouxe-a até o buraco e ali despejou novamente o esterco. Dessa vez também aplainou com as mãos repetindo:

- Está vendo o tesouro... olhe só o tesouro. Eu fitei Remigio e Remigio me fitou, e depois tomei coragem e saquei novamente

o revólver. Mas ele, de repente, afastando-o como se fosse um graveto:

- Tire a mão, tire... se quer a prataria, sabe onde pode encontrá-la?

- Onde? perguntei ingenuamente.

- Na loja... se der umas notas de mil, terá toda prataria que quiser.

Em suma, caçoava da gente.

- E esse buraco que cavamos? perguntou Remigio com um fio de voz. -
É a estrumeira... estava mesmo precisando de uma... vocês me pouparam o esforço.

Eu estava completamente desconcertado. Achava que deveria tê-lo ameaçado, disparado, mas depois de tanto cavar e da decepção, não me sentia capaz. Daí eu disse:

- Mas então o tesouro não existe; quase esperando que Marinense me confirmasse que não existia. Mas ele, velho cínico que era, respondeu:

- Existe e não existe,

- E o que quer dizer isso?

- Quer dizer que se tivesse vindo por bem, de dia, quem sabe existiria... mas assim não existe. Entretanto, sem se preocupar com a gente, dirigia-se ao barraco. Corri atrás dele, aflito e o segurei por uma das mangas, dizendo:

- Mari! nense, pelo amor de Deus.

Ele se virou e perguntou:

- Por que não dispara? não tem revólver por acaso?

Eu disse:

- Não quero disparar... vamos dividir meio a meio

E ele:

- Fale a verdade: não tem coragem de disparar... bem se vê que você não presta para nada... um outro dispararia... os alemães disparavam.

- Mas eu não sou alemão.

- E então, se não é alemão, boa-noite. Assim, dizendo, entrou no barraco e bateu a porta na nossa cara.

Assim terminou a história do tesouro. No dia seguinte, na hora de sempre, Marinense entrou na cantina, e, quando lhe trouxe a ganafa, gritou:

- Ah, você é o tal do tesouro... e o revólver onde você o enfiou?

- Por sorte ninguém prestou atenção, porque, como já disse, falava muito e geralmente dizia coisas sem pé nem cabeça. Mas eu não me sentia seguro; e também não me agradava que fizesse pouco de mim na frente do Remigio que sabia e caçoava como se ele também não tivesse acreditado no tesouro. Assim, aceitei um convite e fui trabalhar num restaurante em Trastevere, na praça San Cosimato. Remigio, ao contrário, continuou em San Pancrazio.

A CONCORRENCIA

Dizem que a concorrência é a alma do negócio. Pelo menos, quando era criança, assim assegurava meu avô que, coitado, tinha ido à falência duas vezes devido à concorrência, com sua lojinha de objetos de barro e vidro. Assim ele explicava a lei da concorrência: “ uma lei de ferro, ninguém escapa dela...digamos por exemplo, que eu monte uma loja na rua dell'Anima.

Uma loja de utensílios como, por exemplo, pratos, xícaras, tijolos, copos... logo abaixo, na mesma rua, um outro monta outra loja igual... ele me faz concorrência, ou seja, vende os utensílios por um preço menor que o meu... os clientes vão para lá e eu vou à falência... essa é a lei da concorrência.

- Mas vovô, eu respondia, se o senhor for à falência, nós morremos de fome.

- Claro, respondia ele triunfante.

- Vocês morrem de fome, mas o comprador sai ganhando.

- O que eu tenho a ver com o comprador?

- Diz isso para mim? Se fosse por mim queria vê-lo morto, o comprador...mas aí está a beleza da lei da concorrência: obriga-te a fazer o interesse do comprador, mesmo que você não queira. Eu

concluía:

- Pode ser como o senhor diz, mas se alguém cismar de me levar à falência, de propósito, eu lhe faço dois olhos deste tamanho.” “Isto porque você é prepotente e briguento, respondia vovô,

- Mas no comércio a prepotência de nada adianta... põem você em cana e você vai antes à falência, aí está... no comércio só vale a concorrência.

Basta. Anos depois eu lembraria desse arrazoado sobre a concorrência. Eu também me metera no comércio, apesar de mais

modestamente que meu avô, porque, nesse meio tempo, a família tinha piorado: meu pai tinha morrido e meu avô, semiparalítico, não podia nem comerciar nem falar e ficava o dia inteiro na cama.

Tinha então já recebido a licença de vendedor ambulante para meu carrinho, cheio com um pouco de tudo: azeitonas, doces, laranjas, castanhas secas, figos secos, mixiricas, nozes, amendoins etcetera. Para este carrinho escolhi um lugar bem no começo da ponte que fica em frente ao túnel do Gianicolo. É um lugar frequentado, por lá passam todos os que vão e vem da Madona do Descanso e, em geral, os moradores de Trastevere e Monteverde que devem passar por ; Corso Vittorio. Tinha calculado bem o lugar e, de fato, as coisas pintaram logo bem. Era primavera: com os primeiros dias de calor de manhã cedo eu me punha no começo da ponte com o carrinho cheio e de tardezinha ia embora que nele só restavam os papéis dos preços e o encerado para cobri-lo. De domingo, então, com aquele mundo de gente que ia para lá e para cá da Porta, mesmo que tivesse dois carrinhos não teria dado conta.

O comércio, em suma, prosperava e contei isso para meu avô.

Mas ele, teimoso em suas idéias, respondeu:

- Por enquanto não se pode dizer nada... você não tem concorrência e vende à vontade... espere só.

Ele tinha razão. Uma bela manhã lá vem um carrinho igualzinho ao meu e se estabelece bem no meio da ponte. Eram dois que vendiam, duas mulheres, mãe e filha. Quero me dar ao trabalho de descrevê-las porque elas foram a causa de meu fracasso e vou lembrar delas até morrer. A mãe era uma camponesa dos lados de Anagni e se vestia do jeito das camponesas, com a saia preta comprida e um xalezinho. Prendia o cabelo com um lenço e a cara que despontava atenciosa e falsa, estava sempre contraída num trejeito de solicitude. Quando punha as azeitonas no saquinho, ou então pesava duas laranjas, bufava e franzia o cenho como para dar a entender que se empenhava de modo particular; em seguida, entregando a mercadoria, nunca deixava de acrescentar alguma palavra agradável, como:

- Vê, escolhi as laranjas mais bonitas, ou então. Passou de cem gramas... mas, para você, tudo bem. A filha não fazia nada e só ficava ali por boniteza, não vejo outra palavra. Bonita ela era, isso eu vi logo, sou moço e das mulheres bonitas eu também gosto. Podia ter uns dezoito anos, mas pelo corpo que tinha parecia trinta: majestoso, cheio, bem feito. Seu rosto era branco como leite, mas tinha um quê de turvo, de indeciso, de exigente, nos lábios carnudos e descorados e nos olhos cinza sempre turvos e invocados.

Franzia as narinas com facilidade, num jeito como que de nojo; em suma, parecia estar sempre a ponto de desmaiar, como se estivesse grávida. A mãe saltitava em volta do carrinho, viva e desgrenhada, os pés em dois sapatos de homem, parecia com um daqueles pardais velhos e gordos que não conseguem ficar parados. A moça, ao contrário, vestida com uma saia curta e uma blusa justa, ficava horas a fio sentada na cadeira fazendo tricô com as agulhas longas enfiadas embaixo do braço. Chamava-se Eunice; quando a via me lembrava do anis, quem sabe pela brancura de sua pele, que era como

a do anis,

quando a gente joga água por cima dele.

Eu sou alto e grandalhão, sempre com a barba comprida e os cabelos despenteados. Minha roupa é um remendo só. Tinha a pinta de um vagabundo, se não pior. Além disso, embora tivesse tentado controlar-me, meu jeito é brusco e me enfureço com facilidade. Minha voz então é rouca, quase ameaçadora. Logo percebi que, com a concorrência, este meu aspecto me colocava em condições de inferioridade. Nossos carrinhos quase encontravam um no outro: de um lado a mãe com voz de cigarra, gritava:

- Mas que laranjas... mas que laranjas... comprem, comprem minhas laranjas; do outro lado eu, de pé perto do carrinho, o casaco fechado embaixo do queixo, o boné cobrindo os olhos, respondia com meu vozeirão:

- Laranjas, laranjas doces, laranjas. As pessoas hesitavam, olhavam para mim, depois para a mãe, finalmente olhavam para a filha e, especialmente se eram homens, decidiam-se pelas mulheres. A mãe, verdadeira unha de fome, não satisfeita em ir pescando a mercadoria entre os bufos e as caretas de sempre, ainda ficava gritando: - Comprem, comprem, com medo que nesse meio tempo alguém se servisse comigo. Sabia das coisas e, quando realmente não dava conta, dizia, rápida, à filha:

- Vamos, Eunice, serve o senhor... depressa. Eunice pousava o tricô, levantava-se em dois tempos, majestosamente primeiro com o busto, depois com as cadeiras, servia o cliente sem olhá-lo, os olhos baixos.

Depois, sem uma palavra, sem um sorriso, voltava a sentar-se.

Enfim, a concorrência. Numa semana tiraram-me quase todos os compradores. Comecei a odiar as duas mulheres, principalmente

a mãe, que não escondia sua satisfação e lançava-me olhares de triunfo toda vez que me roubava algum freguês indeciso. Não há

nada pior, nesses casos, do que perder a cabeça e eu, a essa altura já a tinha perdido. Tornava-se cada dia mais rápido, mais brusco, mais ameaçador.

A barba, a roupa remendada e a voz rouca faziam o resto. Gritava:

- Laranjas doces num tom realmente truculento: e as pessoas olhavam-me assustadas e iam direto para o outro carrinho. Um dia, finalmente, meu gênio prepotente armou-me uma cilada. Um fulaninho jovem e baixote, com uma mulher duas vezes o tamanho dele, contemplava minhas laranjas e não se decidia, eu repetia, puto da vida:

- Bonitas, as minhas laranjas. Ele as apalpava e sacudia a cabeça. Aquele mulheraço que ele levava pelo braço podia ter sido a mãe dele e foi isso que o decidiu. Porque lançou um olhar para a Eunice, bela como uma estátua e então, porco safado, dirigiu-se diretamente na direção dela. Eu perdi a paciência e agarrei o braço dele dizendo: - Não quer minhas laranjas? Prefere aquelas... por que tua mulher é um elefante e a moça lá te apetece, aí está o porquê. Aconteceu um deus nos acuda.

Ele que gritava:

- Tire as mãos de mim ou te arrebento a cara; eu que, com uma garrafa na mão, respondia:

- Experimente só as pessoas todas querendo intervir. Chegou a polícia e nos separaram. Naquela hora porém descobri duas coisas: primeiro, que aquele impulso de cólera eu o tivera mais por ciúme que por raiva da concorrência; segundo, que Eunice, naquele escândalo todo tinha de certo modo ficado de meu lado, dizendo à polícia que ela não tinha visto e não sabia de nada.

Em poucas palavras, me apaixonei por Eunice, ou melhor, percebi que estava apaixonado e num momento em que a mãe não estava, contei para ela do meu jeito, curto e grosso. Ela não se admirou, mas limitou-se a dizer-me, levantando os olhos do tricô:

- Eu também gosto de você. Tinha que ver só. Mal acabei de ouvir aquelas palavras agarrei o carrinho e fui correndo pela beira-rio, cantando alto e as pessoas me olhavam das calçadas como se tivesse enlouquecido. Era a

primeira vez que uma mulher me dizia palavras como aquelas e eu tinha certeza de tê-la conquistado. Mas naquela noite mesmo, no encontro que marquei perto da ponte Vittorio, quando depois das falas de sempre tentei segurá-la na cintura e beijá-la, percebi que a conquista estava ainda toda por fazer. Deixava-se abraçar e apertar um pouco como uma morta, os braços caídos, o corpo mole e os joelhos dobrados; se tentava beijá-la de um jeito ou de outro não conseguia nunca encontrar seus lábios, e o beijo acabava caindo no pescoço ou na face. Depois daquela noite nos

vimos bastante vezes, mas sempre com o mesmo resultado. Tanto que no final, perdi a paciência e lhe disse:

- Vem cá, para que a gente se encontra?

E ela:

- Você é muito prepotente, com as mulheres é preciso ser gentil... se porta comigo como quando vende laranjas: quer tudo na marra.” Eu falei para ela:

- Não te entendo, mas estou pronto para casar com você... depois de casados, conversaremos. Mas ela sacudiu a cabeça:

- Para casar-se é preciso amar e eu não te amo ainda...é preciso que, de tanta gentileza, você me leve a te amar.

- Seja gentil e eu te amarei. Em suma, fiquei encabulado a tal ponto que agora nem me atrevi a mais a segurar na sua cintura.

De tanta gentileza tínhamos ficado como irmão e irmã. Mal e mal, de vez em quando, tocava- lhe a mão. Parecia-me, é verdade, que a coisa não fosse lá muito natural, mas ela fazia tanta questão dessa gentileza que eu me convenci que estava errado e que nunca tinha entendido nada de amor.

Uma noite em que não tinha marcado encontro, fui dar umas voltas pelos lados da rua Júlia, onde ela morava. De repente,num beco, vejo-a sair rapidamente debaixo do meu nariz, passar à minha frente e dirigir-se depressa para a beira- rio. Fiquei curioso e a segui a distância. Via-a ir direto à mureta do

rio, onde havia um homem que parecia estar à sua espera.

Depois tudo aconteceu de modo rápido e franco, sem gentileza nenhuma. Ela pôs-lhe uma mão no ombro e ele se virou; ela ofereceu os lábios e ele a beijou. Num minuto, enfim, ele tinha feito tudo aquilo que eu, com minha gentileza, não conseguira fazer num mês. Depois, quando ele se virou e a luz de um farol bateu-lhe na cara, reconheci-o: era um rapaz baixo e gordo que ultimamente vira andar perto dos can'inhos. Um açougueiro, com o açougue ali por perto, na rua Júlia. Pelo físico, perto de mim, não era ninguém, mas tinha o açougue.

Abri o canivete que guardava no bolso. Consegui controlar-me e fechei-o. Fui embora.

No dia seguinte deixei o carrinho no pátio, levantei a gola do paletó, afundei o boné sobre os olhos e apareci na ponte do Gianicolo, dessa vez como comprador. Fingindo que não a conhecia, disse à mãe: - Dê-me cem gramas de azeitonas, mas das boas, hein! com a voz mais rouca e ameaçadora que tinha.

Eunice que, como de hábito, tricotava sentada na cadeira, pareceu ter entendido que a coisa estava preta, pois mal me cumprimentou. Enquanto que a mãe, sem bufar, pelo contrário, com ar de quem está fazendo um favor, pesava as azeitonas. Bem naquela hora chega o açougueiro e se aproxima de Eunice. Digo para mãe:

- Não roube no peso, como é seu hábito.

- Ela, fula da vida, respondeu:

- Você é quem rouba no peso tanto é assim que todo mundo deixou de comprar com você. Vi o açougueiro fazer um carinho na cabeça de Eunice e inclinar-se para dizer-lhe algo no ouvido; peguei o saquinho de azeitonas, pus uma na boca e a cuspi na cara da mãe: - Qual é, estão podres suas azeitonas.

E ela, arrogante:

- É você o podre, seu vagabundo.

Disse eu:

- Dê meu dinheiro de volta, chega de conversa.

E ela:

- Que dinheiro que nada, vá embora.

A esta altura o açougueiro se aproxima sacolejando e pergunta:

- O que quer, pode-se saber o que quer? Respondi:

- O dinheiro... estas azeitonas estão podres e, ao mesmo tempo, cuspi-lhe na cara uma azeitona meio mastigada. Logo ele chegou perto e me aganou pelo colarinho dizendo:

- Olha aqui, é melhor que vá embora.

Bancava o prepotente, para se exhibir. Eu, que não esperava outra coisa, sem falar nada libertei-me com um safanão e o agarrei com uma mão na garganta e o joguei de bruços sobre o carrinho. Com a outra mão procurava o canivete no bolso. Por sorte dele o carrinho virou e ele caiu no chão entre as laranjas que rolavam por toda parte, enquanto a mãe gritava como endiabrada e as pessoas chegavam de todos os lados. Eu também, pelo impulso, tinha caído no chão. Quando levantei, encontrei à minha frente dois policiais. Segurava o canivete na mão. Apesar de não ter tido tempo de abri-lo, isso foi o suficiente. Prenderam-me e levaram-me para Regina Coeli.

Alguns meses depois saí da prisão judiado como nunca, sem dinheiro, sem licença de vendedor ambulante, desesperado.

O avô, mal me viu, disse:

- Você foi vítima da concorrência...mas ouça-me: no comércio, a faca não vale nada... venda as facas que quiser, mas não as use.

Não respondi nada e como fazia sol, fui dar umas voltas pelos lados da rua Júlia. O açougue estava aberto, com os quartos de boi pendurados nos ganchos e embrulhados em gaze; e o açougueiro estava atrás do balcão com

rosto corado e lustroso, as mangas da camisa arregaçadas sobre os braços nus. Ia cortando as bistecas em

cima do mármore, com golpes de machadinha. Junto do balcão, sentada na cadeira, tricotando, estava a Eunice. Fiquei sabendo assim que tinham se casado; e ela já devia estar grávida porque a meia que estava tricotando era cor-de-rosa, minúscula, de bebê. Segui em frente, olhando para todas as lojas da rua, na esperança de encontrar um outro açougue que fizesse concorrência ao marido de Eunice e o levasse à falência. Mas não havia nenhum. Apenas funilarias, carpintarias, marmorarias, cutelarias, moldurarias e coisas no estilo. Onde termina a rua Júlia na ponte Sisto, compreendi

que era inútil insistir e segui adiante.

BAIXOTE

O que significa ser baixote. Todos zombam de nós, os homens

altos, e somente porque são altos se consideram mais inteligentes que nós e as mulheres não nos levam a sério, como se fôssemos crianças. E no entanto, diz o provérbio, no barril pequeno tem o vinho bom, enquanto nos grandes põem o vinho ordinário, que se beber um quarto nem sobe à cabeça. Desconfio porém que este provérbio quem inventou foi um baixote para descontar as muitas humilhações. Os homens normais não conhecem esse provérbio, nem nunca ouviram falar dele e, quando podem, tiram sempre o sarro dos baixotes.

Minha desgraça quer, ainda por cima, que sendo tão baixo me

agradem apenas as mulheres grandes. Seja por contraste, seja pelo desejo de afirmar-me, o fato é que as mulheres de minha estatura não me dizem nada. Nem sequer as médias, digamos, de um metro e setenta e cinco. Não, para mim só servem as que superam o metro e oitenta. E não as quero apenas altas, mas também proporcionalmente grandes, ou seja, com as cadeiras amplas, o seio prepotente, os ombros largos e braços e pernas fortes. Notem, porém, que não se trata de uma questão de estética, é como dizer que alguém prefere os carros grandes ou os pequenos por uma ou outra razão bem clara. Não, gosto das mulheres grandes por gostar, sinal esse de que me agradam muito. De fato, tão logo vislumbro, mesmo de longe, uma mulher grandona, alta e forte, já antes de ver seu rosto meu coração

bate mais rápido, minha imaginação acende e eu me sinto atraído para ela como um pedaço de ferro por um ímã. É claro que não consigo esconder meus sentimentos e, apesar de repetir a mim mesmo continuamente:

- Devagar com o andor, lembre-se de que é um tampinha, lembre-se de que as mulheres, em geral, e as que te agradam, em particular, não te levam a sério. Vou de cabeça e cortejo a primeira gigante que me calha pela frente.

Resultado: nada. Ou melhor, menos do que nada, porque nove vezes em dez a mulher não se contenta em permanecer indiferente, mas zomba de mim. E mais do que a mulher caçoam de mim os amigos que conhecem essa minha fraqueza. Não só tiram sarro, isso é dizer pouco. Inventam umas brincadeiras que outro menos boa- praça que eu levaria a mal para o resto da vida. Como daquela vez que organizaram toda uma correspondência entre mim e a tabaqueira de corso Vittorio, avisando-me porém que deveria aguardar um certo número de cartas antes de apresentar-me. Só que era eles que escreviam as cartas e as minhas eles as liam em voz alta,

divertindo-se às minhas custas. Quando finalmente, cansado de tanto

esperar, criei coragem e fui falar com a moça, ela admirou-se e mandou-me embora não lembro mais com que desaforos. Brincadeiras sem graça, no mínimo, mas eles acham que essas brincadeiras, que com os grandes poderiam acabar em facadas, os pequenos têm que aceitar como prova de amizade e de benevolência. Assim, daquela vez, como tantas outras, tive que engolir; até mesmo pagar um vermute de reconciliação, para mostrar que não estava ofendido. A partir daí porém fiquei desconfiado: toda vez que me falavam de uma mulher ou outra que tinha um fraco por mim, ficava na minha e me mostrava evasivo. Já não confiava mais neles e em qualquer coisa que fizessem ou dissessem, farejava uma armadilha.

Basta. O amor verdadeiro, o amor forte, o amor que empolga eu o tive naquele inverno por Marcella, uma moça que, juntamente com o cunhado e a irmã, tomava conta de uma casa de vinhos lá pelos lados do teatro Valle. Nessa família eram todos grandes: Teodoro, o dono do local, um brutamontes que nem um carregador da estação; Egle, sua mulher, quase maior do que ele, não tão bonita, porém, nem tão moça e Marcella, uma verdadeira rosa. Grande, alta, majestosa, escultural como uma estátua, tinha o pescoço longo e a cabeça pequena, toda olhos e boca e os tornozelos e os pulsos finos e uma voz doce, angelical.

Conforme costuma acontecer com as mulheres grandes, tinha a alma pequena, de criança quero dizer, era tímida. Mas tão tímida que enrubecia e virava o rosto do outro lado toda vez

que via um homem olhando para ela. Essa timidez me agradava, porém complicava as coisas. A noite, após fechar minha lojinha de materiais elétricos e jantar, ia com os amigos à casa de vinhos. Era um local bem grande, com as paredes cheias de garrafas dispostas em pirâmide, com algumas mesinhas e o balcão de servir. Teodoro, a maioria das vezes, zanzava pelas mesinhas, bebericando; Egle servia os fregueses e Marcella, vestida com um

avental preto ficava atrás do balcão lá no fundo, para as vendas miúdas. Vocês não vão acreditar, mas num mês que frequentamos a casa ela não levantou os olhos para mim uma vez sequer. E eu sentava bem na frente do balcão e a fitava o tempo todo, procurando seus olhos com os meus.

Os amigos jogavam baralho, bebiam sua meia garrafa ou garrafa inteira cada um, brincavam e conversavam de banalidades, até a

hora de fechar. Teodoro passava de uma mesa a outra, com o ar de quem faz tudo sozinho, mas na verdade só fazia era beber de graça e jogar baralho; Eglè e Marcella cuidavam dos fregueses e eu estava cada vez mais apaixonado e roia-me todo nas várias tentativas de chamar a atenção. Torcia-me na cadeira pior que

um boneco de mola com o fio quebrado. Pretextos para levantar e ir até o balcão não era capaz de encontrar; ela nunca se mexia de lá; se tivesse estado só teria achado jeito de puxar conversa, mas os amigos já tinham descoberto meu sentimento e não me davam sossego. Se olhava para ela, eles caçoavam:

- Mas o que olha? o que olha tanto?... vai gastar lá de tanto olhar...olhe para as cartas, olhe para o copo; se não a olhava, perguntavam, fingindo ingenuidade:

- O que foi que aconteceu?

- Por que hoje não olha para ela?; aquelas duas ou três vezes que, finalmente desesperado, fiz menção de aproximar-me do balcão, tive que voltar para trás, ao ouvi-los rir e gritar às minhas costas. Disso tudo, Teodoro, embrutecido pelo vinho, não dava mostras de ter percebido nada. Mas Egle era minha inimiga e umas duas vezes me deu a entender, dizendo sem muita cerimônia:

- Deixe minha irmã sossegada... deveria entender sozinho... nem que fosse pela diferença de tamanho. Quanto a Marcella, uma estátua teria sabido mostrar-se mais sensível e disposta.

Enquanto isso, porém, minha paixão ia aumentando a tal ponto que o gesto que ela fazia para apanhar uma garrafa na prateleira, girando o busto e enchendo o peito por baixo do avental preto, bastava para me tirar a respiração. Quase perdi a consciência. As vezes, enquanto jogava baralho, pensava:

- Porque será que gosto tanto dela?" E chegava à conclusão que

além da altura, era por causa daquele detalhe tão bonito da cabeça pequena em cima do corpo grande que me fascinava; o porquê disso, como sempre acontece com o amor, eu desconhecia. Agradava-me; e à medida que o tempo passava e que ela se mantinha longe de mim, como que inacessível, em lugar de diminuir aumentava meu desejo e se no começo tinha pensado nela como numa mulher que teria gostado de amar, agora, aos poucos, tinha chegado a considerá-la como a única esposa que serviria para mim. Assim é a imaginação do homem: até que eu a tinha olhado como uma moça para ser cortejada, não me tinha arriscado com a fantasia mais além do que falar com ela, apertar sua mão, dar, quem sabe, algumas voltas por aí, ao cinema talvez, ao café. Tão logo porém pensei que poderia casar com ela, passei a imaginá-la em minha casa, sentada à mesa comigo, ou então na loja, atrás do balcão. Em suma, esposa.

Era como se esses pensamentos eu os levasse escritos na testa, porque um dos amigos, Joaquim, que nunca fora um dos que caçoaram particularmente de mim, uma noite, saindo da casa de vinhos, disse-me:

- Ouça bem, se você não tem a coragem de falar com Marcella, amanhã eu mesmo falo... quer que marque um encontro para você? Na hora me deu vontade de abraçá-lo, mas devido a meu constante receio de brincadeiras, limitei-me a esquivar-me, sem contudo recusar. Joaquim é um rapaz loiro, magro, de cara decidida, que parece estar sempre com pressa.

Se não tivesse espalhado a novidade, podia até ter acreditado nele, mas à noite, na casa de vinhos, percebi logo que o grupo todo já sabia da

história. Reinava uma atmosfera de suspense e gozação, cheia de alusões, diziam-me:

- Fique sossegado que Joaquim cuida do assunto...; ou então:
- Beba mais um copo.

Esta é sua noite. Enfim, encheram-me de suspeitas. Estava sentado de costas e me parecia que elas queimavam, porque atrás de mim estava o balcão e atrás do balcão estava Marcella que servia os fregueses. Jogamos e bebemos por uma hora, mais ou menos. Depois Teodoro saiu da nossa mesa e foi para uma outra e então Joaquim levantou-se sem hesitar e sussurrou-me:

- Agora eu falo.

Entre a porta e a vitrine ficava um grande espelho inclinado, com a propaganda de um vinho do Piemonte. Naquele espelho vi Joaquim dirigir-se rapidamente ao balcão, pousar nele os cotovelos e inclinar-se para falar com ela. Ela olhava para ele e respondia em voz baixa. Falaram um tempão, ao menos assim me pareceu; enquanto isso os outros ficavam o tempo todo me dando cotoveladas, rindo e caçoando. Joaquim, na hora de ir embora após ter falado com ela, disse-lhe alguma coisa que a fez corar e dar risada. Depois ela voltou a atender os fregueses.

- Amanhã de noite, às sete horas, sob as arcadas de São Pedro, à direita, murmurou logo, sentando com a cara satisfeita. Os outros, naturalmente, deram-me os parabéns. Já estava tudo resolvido, tinha marcado o encontro e agora cabia-me agradecer a Joaquim e oferecer bebida, mostrar que não era um ingrato. Fiz tudo o que queriam, mas continuava não acreditando em minha sorte e pensando que não passaria de uma brincadeira.

As sete horas, no inverno, já é noite. Tinha pensado, durante o dia inteiro, nem aparecer por lá. Mas no último momento, devido ao fio de esperança que ainda tinha, apesar das decepções passadas, quis ir até lá. A praça de São Pedro, àquela hora, mais do que uma praça era um deserto com gramas que despontavam aqui e acolá, com São Pedro no fundo mergulhado

na escuridão. Mas à luz dos lampiões brancos que, em cachos, estão em cima dos grandes postes de ferro, nitidamente, perto da fonte à direita, pude ver a perna de Raniero, um dos amigos, parado perto das arcadas. Através do parabrisa brilhante vi também a cara de Joaquim, ele mesmo, e então me convenci de que não passava de mais uma brincadeira.

Aparentando indiferença aproximei-me do carro, fiz um gesto vulgar com o braço, só para mostrar que tinha entendido e fui me afastando rapidamente da praça. Nunca me sentira tão pequeno como naquela noite, fugindo como um rato, por aquela imensidão toda, por baixo do obelisco cuja porta desaparecia, na escuridão de cima. Passava um táxi e eu o tomei. Voltei para casa com o coração cheio de veneno.

Dessa vez porém não perdoei: amara demasiado Marcella, sentia que não podia acabar numa simples reconciliação como das outras vezes. Não apareci mais. Ainda por cima fiquei doente, pode ser até pelo desapontamento e pela raiva. Fiquei em casa mais de um mês, depois fui passar mais um no campo, outro mês passou entre casa e loja, sem amigos, sem bebida. As vezes via um ou outro dos amigos, mas o cumprimentavam de longe e mudava de rumo. Assim chegou o verão.

Uma tarde de junho, era domingo, acompanhava a multidão pelas calçadas entupidas do Corso. Caminhava lentamente, como numa procissão. Sentia-me triste porque bem que teria gostado de estar andando com uma mulher do lado, Marceila quem sabe. No sinal do largo Goldoni parei e então a vi diante de mim andando de braço dado com um homem. Só podia ser ela: nenhuma outra mulher no mundo tem uma cabeça tão pequena e um corpo tão grande. Pararam e viraram o rosto um para o outro, conversando. Era Marcella sim, e o homem devia ter seus quarenta anos, com a cabeça grande, as costeletas e a cara larga. Dava-lhe o braço não como um homem, mas devido a diferença de estatura, mais como uma criança. Depois começaram a andar e desapareceram no meio da multidão.

Dessa vez a coragem que não tive durante o inverno veio-me de repente. O dia seguinte era segunda- feira, escolhi uma hora quente e fui até a casa de vinhos. Por coincidência ela estava sozinha, a casa estava deserta. Fui até o balcão e perguntei-lhe de chofre:

- Quem era o homem com quem estava passeando ontem, no Corso?" E levantou os olhos para me olhar, pela primeira vez desde que a conhecia e disse com simplicidade:

- Giovanni, meu noivo... não sabia?... dentro de um mês vamos casar. Senti uma força que me puxava para o chão, como se ele tivesse se aberto e me agarrei ao balcão com as duas mãos. Disse:

- Mas então, a senhorita, aquela noite. .. em São Pedro... Ela, desta vez, não foi tão tímida.

Respondeu, virando-se para as prateleiras e pegando uma garrafa: - Na vida é preciso saber aproveitar as ocasiões, não sabe disso, Francesco?... e o senhor como está?... toma um vermute?

Recusei com um gesto e insisti, com voz estrangulada:

- Mas eu achei que era brincadeira. E ela:

- Para eles sim, mas não para mim.

Assim fui embora e procurei não pensar mais no assunto. Se antes evitava os do grupo, agora realmente os odiava. Tanto zombaram de mim que me levaram a acreditar que desejava algo de impossível. E, ao contrário, era bem possível; e o instinto, que nunca ena, tinha-me avisado da verdade: Marcella era a mulher que servia para mim. Não apenas era grande, mais ainda por cima, tinha crescido com a vontade de um marido pequeno. Que ocasião que o quê: era quase um milagre. Mas eu sabia que não ia se repetir nunca mais.

O GUARDA

Gosto de ficar sozinho porque as pessoas zombam de mim por causa de meus óculos e de minha voz de mulher que, ainda por cima, quando fico nervoso, dá de gaguejar. Assim, quando a firma me ofereceu um lugar de vigia no quilômetro vinte da Salaria, aceitei sem discutir. O depósito encontrava-se no fundo de um vale, entre colinas verdes e peladas. Imaginem um quadrilátero seco e poeirento, no fundo do vale, com o muro externo feito de tijolos novos, um sobre o outro, muitos barracos baixos e compridos encostados ao muro e, no meio, um barril disforme embaixo de um mancal furado. Dentro dos barracos, um pouco de tudo: sacos de cimento, tubulações, telhas, barris de pixe, montes de traves, tijolos furados. Um dos barracos era a minha habitação: dois cômodos nus, com uma cama de campanha, uma mesa e umas poucas cadeiras. Parecia pleno campo, afastado do mundo, mas era suficiente subir até o alto de uma daquelas colinas para ver, bem do lado, a Salaria, uma reta só, com os plátanos riscados de branco e um pouco mais abaixo o teto de sapé da Osteria dos caçadores, onde eu comia. Tinham-me dado um revólver de ordenança com uma porção de balas e uma espingarda com que, às vezes, ia caçar rolinhas por aqueles morros. Enfim, não havia ninguém e, não sendo as rondas noturnas, nada tinha a fazer.

Fiquei quatro meses naquele canteiro de obras sem que me acontecesse nada. Uma certa tarde bateram à minha porta, eu fui abrir pensando que fosse alguém da firma e, ao contrário, vi diante de mim dois homens e uma mulher. Um deles eu conhecia bem, chamava-se Rinaldi e era motorista. Era o único, tanto do canteiro quanto da cidade, onde eu trabalhava antes, que não caçoava de mim por causa de meus óculos e de minha voz. Era exatamente o contrário do que eu sou. Eu sou grosso, ele é fino; eu sou feio e ele é bonito, assim, moreno, alto, forte; eu não agrado às mulheres e ele tem todas as mulheres que quer. Quem sabe por isso mesmo, pelo fato dele ser tão

diferente de mim e eu ter querido ser como ele, é que gostava dele. Com ele estava uma mulher de nome Emília: pequena, redonda, com o rosto pálido e oval, os olhos cinza grandes e apagados e a boca virada para cima, como se estivesse sempre sorrindo.

Quanto ao outro homem, era de Monterotondo e se chamava Teodoro: ruivo, de cabelo crespo e com os olhos amarelos de gato, o nariz afilado e as bochechas vermelhas, como se a tramontana lhe tivesse sempre soprado na cara. Rinaldi disse que tinha que falar comigo e eu o fiz entrar no barraco.

- Vincenzo, disse ele depois de ter-me dado um cigano, tem uma oportunidade para você ganhar alguma coisa sem muito trabalho... aliás, continuando a ser guarda como você é.

Eu arregalei os olhos mas não disse nada a ele, e ele, encorajado por meu silêncio, explicou. Eles estavam com uma mercadoria, retirada, digamos assim, de um armazém na cidade.

Eu deveria permitir que guardassem a mercadoria num dos barracos. Depois, mais tarde, eles a levariam, no tempo certo, e então eu também receberia minha parte.

Na hora em que ouvi a proposta fiquei com febre; mas recusar porém, como podia? Rinaldi era para mim como um irmão. Disse gaguejando:

- Ouça, Rinaldi, eu sou guarda, não sou?

- Claro.

- Poi seu quero continuar sendo guarda.

- E a que vem isso?

- Vem que vocês fazem o que querem. Põem a mercadoria no barraco, vão vem, e eu não conheço vocês... e se por acaso perguntarem, digam que não me conhecem... a mercadoria vocês a puseram sem eu saber de nada.

Eles sacudiram a cabeça, admirados. Teodoro falou, quase ameaçando:

- Mas você vai cuidar da mercadoria... não é por que você não sabe o

que é aquilo que... Rinaldi interrompeu-o:

- Você não conhece Vincenzo... deixa para lá. Eu disse, então:
- Sou guarda, não sou? Então serei guarda também para a sua mercadoria.

Teodoro, sempre ele, falou:

- Fique tranquilo, você vai ganhar com isso.

E eu, ressabiado: Fique tranquiilo você, seu tonto, de vocês não quero nada, entendido? Enfim, pusemo-nos de acordo; Rinaldi saiu e, dali a pouco, voltou com o caminhão. Descarregaram a mercadoria num dos barracos, atrás de uns barris, e eu nem sequer vi, mas disseram que eram tecidos. Antes de ir embora, Emília lançou-me um olhar que me pareceu afetuoso e este foi todo o presente que recebi. Depois daquele dia voltaram ainda três ou quatro vezes, sempre com Emília. Davam um sinal com a buzina e eu logo escancarava os portões. Descarregavam a mercadoria e iam embora. Não queria que demorassem; enquanto descarregavam eu me fechava no barraco. Com aquele Teodoro ainda tive ocasião de discutir, bancava sempre o prepotente e não o suportava. Mas a Emília sorna para mim e tinha alguma boa palavra. Uma vez me disse:

- Você não se aborrece, sempre assim sozinho? Eu respondi:
- Estou acostumado a ficar sozinho.

Um dia abri o jornal e vi que Teodoro, Rinaldi e muitos outros tinham sido presos. O jornal os chamava de o bando do buraco, porque entravam nas lojas fazendo um buraco, na parede da casa mais próxima. Outras vezes entravam pelo porão, mas sempre com o buraco. O jornal publicava as fotos de Rinaldi, Teodoro e um outro, sem gola, o queixo arrebitado, os olhos arregalados.

- Perigoso bando de marginais nas mãos da justiça, dizia a manchete. Mas Rinaldi, como motorista, era o menos comprometido e da Emília não se dizia nada.

Era inverno e uma noite chovia e soprava o vento e a área em frente ao barraco era um lago, quando bateram à porta. Vou abrir e vejo a Emília, mas em que estado: para começar estava grávida, com a barriga bem grande e aquele seu rosto bonito puxado para baixo, em direção à barriga. Depois estava molhada e parecia vestida de trapos e estava com o cabelo todo colado no rosto. Entrou sem falar nada e deu-me um bilhete de Rinaldi. No bilhete, Rinaldi me dizia que sairia da prisão dentro de um ano e, enquanto isso, confiava-me a Emília, pagando-me tanto para seu sustento e me confiava a mercadoria também, que era toda dele, por que os outros já tinham recebido sua parte. Nada mais. Pensei que Rinaldi estava convencido de poder fazer comigo o que bem entendesse e de fato, pensei, estava certo, eu por ele teria feito qualquer coisa. Assim disse à Emília para dormir na minha cama, aquela noite, que eu me arrumaria no outro quarto, com os travesseiros, no chão. Desse modo começou nossa vida em comum.

Dali a alguns meses quem tivesse vindo ao depósito teria certamente pensado que eu era marido e pai feliz. Brilhava o sol de outubro na área e no meio dela, com as mangas arregaçadas sobre os belos braços roliços, a Emília esfregava e enxaguava minhas camisas na água do barril; outros panos estavam estendidos na corda para secar, e eu estava sentado ao sol, numa cadeira fora do barraco e balançava no colo o menino da Emília que se chamava Vincenzo, como eu. Ao lado de meu barraco tinha um barraco menor que eu mesmo construía; de lá vinha o cheiro do molho de macarrão, porque quem cozinhava para mim agora era Emília e eu não ia mais para a Osteria. Qualquer um, digo, vendo-me brincar com o nenê e vendo a Emília falar comigo calma e sorrindo, enquanto lavava a roupa no barril, teria nos tomado por um família feliz. E, ao contrário, nada disso era verdade. Aquele menino era de Rinaldi, a Emília era de Rinaldi, os tecidos escondidos no barraco eram de Rinaldi e eu, como antes tinha sido guarda das coisas da firma, agora era

guarda das coisas de Rinaldi, menino e Emília incluídos.

Mas quanto ao resto, era realmente como se estivesse casado. A Emília era ótima e não me deixava faltar nada e o nenê era bonzinho e uma gracinha. O único inconveniente, se havia um, era que eu tinha que conversar sobre Rinaldi com a Emília que contava os dias e os meses que faltavam para ele sair: não que me desagradasse falar dele, mas uma coisa é ser amante, como a Emília, outra coisa é ser o amigo, como eu. E depois parecia não haver ninguém senão ele no mundo, eu não existia. Disse isso para ela, uma noite; e ela, como se tivesse descoberto pela primeira vez que eu também era homem, a partir daquele dia começou a cutucarme em questões de amor. Brincava, mas eu sofria com isso e percebi que ela me agradava. Até que uma vez lhe disse:

- Você é de Rinaldi, esqueça-me. Ela respondeu:

- Claro que sou de Rinaldi, mas você é um amigo verdadeiro e não deve ter ciúme. Tudo não passou disso. Uma noite daquelas pareceu-me ouvir um ruído. Levantei-me, peguei o revólver e sai do barraco. Era uma noite de lua cheia e a lua parecia ter caído na água do barril que brilhava feito prata. Distinguiase cada pedra na área, com sua sombra grande ou pequena, do lado.

E as colinas, em volta, negras contra o céu claro.

Enxergava-se, em suma, como se fosse dia e por isso o achei logo. Disse-lhe alto lá, quando estava se esgueirando de um barraco a outro e ele saiu logo para fora dizendo:

- Abaixе essa pistola, não me reconhece?

Era Teodoro, o de Monterotondo, mas bastante mudado. Vestido de trapos, com as faces encovadas cobertas por uma lanugem avermelhada, os olhos muito abertos, como os de um lobo.

Falou:

- Vim retirar aquelas fazendas, estou com os amigos e o caminhão aqui

fora.” Eu respondi:

- Aquelas fazendas são de Rinaldi.

Afinal, discutimos, e no começo ele queria bancar o prepotente, depois propôs-me fazer meio a meio, mas eu recusei. Está vamos de pé perto do barril e a janelinha da Emília estava iluminada e ela olhava para nós. Finalmente, disse-lhe:

- Vai embora que é melhor; e ele respondeu:

- Vou embora, não se preocupe, e foi indo em direção à entrada. Mas eu estava de olho nele, mesmo indo atrás, porque sabia que era um daqueles que gostam de dar facadas. E de fato, a pouca distância do ingresso, dá um pulo para cima de mim. Eu salto para trás e disparo. Acreditam? Continuou vindo ao meu encontro, com a

cara para frente, com aqueles olhos de lobo escaneados, uma mão sobre o peito, lá onde o tinha alvejado, e a outra na faca. Atirei mais uma vez e ele caiu no chão.

Na manhã seguinte a polícia fez uma investigação e descobriram que ele era fichado e que tinha fugido da prisão e ficou por isso mesmo. Até ganhei um presente da firma, por ter defendido tão bem suas coisas. Eu falei para a Emília:

- Rinaldi primeiro fez de mim um ladrão, agora também um assassino.

Ela respondeu:

- Você se defendeu... eis tudo. Eu então disse:

- Falei só por falar... eu sou o guarda e de qualquer modo, tinha que atirar.

Por coincidência, no mesmo dia em que Rinaldi, finalmente livre, veio buscar a Emília, o menino e as fazendas, a firma tinha-me anunciado que o canteiro seria desmanchado o quanto antes: assim terminava tudo junto e eu não teria mais sido guarda de mais nada, nem da firma, nem de Rinaldi. Ele

veio numa noite, depois da meianoite, com o caminhão, e em cima do parabrisa tinha escrito, em letras brancas: Emília. Eu disse para ele:

- Rinaldi, aqui está a Emília, como você a mandou. .. aqui está teu filho... e lá dentro estão tuas fazendas...tudo em ordem, conforme pode ver.

Ele sorriu, feliz por encontrar Emília e a criança, e disse:

- Está bem, Vincenzo...eu sabia que podia confiar em você... está bem. Mas eu sentia um certo sentimento de raiva e de tristeza e quase me deu um troço e repeti:

- Rinaldi, pode ver, que tudo o que você me confiou, tal e qual eu te entrego.

Depois ele quis dar-me dinheiro, insistiu para presentear-me com um relógio, propôs levar-me até Roma de caminhão, mas eu recusei tudo dizendo:

- Não quero nada... sou o guarda, não?... não quero nada. Compreendia agora que tinha estado apaixonado pela Emília e que ao mesmo tempo me arrependera e estava contente por tê-la respeitado. Em suma, eu mesmo carreguei as coisas dele no caminhão e depois ele subiu com a Emília que sorria e segurava no colo o menino embrulhado num cobertor.

Ele gritou para mim, quem sabe sem malícia:

- Vamos nos ver, hein, guarda; e o caminhão partiu.

Poucos dias depois vieram os caminhões da firma: carregaram os

tijolos, os sacos de cimento, os canos, os barris de pixe, depois demoliram o muro externo e carregaram também aqueles tijolos e no fim acabaram com os barracos e carregaram inclusive as tábuas. Durante o dia inteiro, por vários dias, os caminhões iam e vinham, num poeirão, carregando e levando embora. No final, uma manhã, desfizeram o meu barraco e carregaram também. Eu fiquei por último. Só sobrava agora a área de chão batido onde já despontava a grama cá e acolá, pedaços de tijolos, poças e, em volta, as colinas. Tinha passado quase dois anos naquele lugar, e agora estava tudo acabado. Numa mala de fibra amarrada ao selim da bicicleta eu tinha

minhas coisas todas. Peguei a bicicleta e, a pé,
dirigi-me até a Salaria. Uma vez na estrada, montei e pedalando
devagar segui em direção a Roma.

O NARIZ

Na praça da Libertá fomos sentar num banco e Silvano mostrou-me o jornal. Estava lá o anúncio da morte daquela personagem, em duas colunas. Estava escrito também que o funeral teria lugar na manhã seguinte e que o falecido permaneceria exposto aos visitantes durante o dia inteiro, em sua residência: no átrio, um registro receberia as assinaturas. Embora, em cursivo, estava tudo aquilo que o morto fizera em vida: mas Silvano arrancou-me o jornal da mão, dizendo que não era importante, bem na hora que começava a interessar-me. Naquele momento passou um carro de luxo, e uma moça seminua jogou pela janela um cigarro fumado pela metade.

Silvano foi recolher a bituca e, voltando ao banco, disse que o importante era o anel que o morto levava no dedo. Um anel histórico, de grande valor, com uma esmeralda antiga e encastonada. Fora um carregador da funerária, seu amigo, quem

lhe descrevera o anel que vira quando tinha ajudado a vestir o cadáver. Tinha sido o presente de um rei ao falecido e este havia pedido para ser sepultado com ele no dedo. Silvano concluiu o relato dizendo que o defunto vivia sozinho com uma empregada, a qual, era quase certo, não estava lá naquela noite, porque tinha medo: isso também tinha sido relatado pelo carregador.

Não falei nada enquanto ele continuava a me fornecer informações

sobre a casa, a rua, a localização do apartamento. Na realidade pesava o pró e o contra. De um lado estava a ocasião excepcional do anel, do outro, porém, havia o fato de que Silvano era um dos homens azarados que eu conheço. O azar ele o levava escrito na testa; e quando a sorte lhe sorria era para armar-lhe uma cilada e fazê-lo cair mais fundo na desgraça. O nariz, mais do que tudo re

velava-o azarado: um nariz badalo, torto, lívido, com a ponta acabando em inhoque e com uma pinta marrom por cima. Um nariz que dava tristeza só de olhar, imaginem ter que andar com ele.

Eu sou pobre, claro, mal vestido, e nos dias de dureza posso até parecer um vagabundo; mas o cheiro de miséria, o cheiro dos albergues noturnos, das sopas dos conventos que Silvano carregava, esse eu nunca tive. Nunca recolhi a bituca que alguém jogou de um carro. Pensava nisso tudo enquanto falava e ele, como se tivesse percebido que eu olhava para seu nariz,coçou-o depois começou a escarafunchar nele com um dedo. Disse então, numa decisão súbita: - Obrigad por ter-se lembrado de mim... mas não é possível.

- Por quê?

- Porque dois não é três. Vi-o empalidecer, abaixar a cabeça.

E depois, acreditam? começou a chorar. Falou, choramingando:

- Vê como sou azarado?... uma vez que pinta uma ocasião boa, não posso aproveitar.

Respondi:

- Entra nessa sozinho... assim não tem que repartir com ninguém e fica rico.

- Eu não tenho coragem reconheceu ele sempre chorando, os mortos me assustam... você não tem medo de nada e eu esperava...

Dessa vez levantei-me e, para encurtar o assunto, disse-lhe que nesse caso o anel ficaria na mão do morto; e fui embora.

Era o dia antes do feriado do Ferragosto e eu o passei de um banco a outro dos diferentes parques da prefeitura. Não havia ninguém em lugar nenhum: apenas poeira, papéis voando e o ar do verão na cidade, triste como uma roupa gasta. Assim, vagabundeando de um banco a outro, invadiu-me uma tristeza infinita: as festas devem ser guardadas e quem não as guarda sente que isso faz falta e fica deprimido. Mas eu sabia que a única festa para mim seria a de tirar o anel do falecido e compreendia muito bem que, após ter recusado minha ajuda a Silvano, seria uma sujeira muito grande eu me aproveitar de suas informações. Mas, afinal, a tristeza foi maior que o escrúpulo. Resolvi ir. Para dizer a verdade fiquei pensando na possibilidade de avisar Silvano que tinha mudado de idéia; descobri porém que não tinha seu endereço. Nisso também era azarado, pobre Silvano: encontrar o único homem que havia na praça e não poder tirar disso benefício algum.

Fui para casa, um quarto que subalugava de um velho operário marmorista e tirei meus instrumentos de um esconderijo: uma argola na qual estavam enfiadas muitas chaves de todos os tamanhos e ferramentas de toda as espécies. Um prego comprido com a ponta encurvada, de invenção minha; um pé de cabra; uma lima de aço. Peguei também meio sanduíche e enfiar no bolso.

Já era de tardezinha; dirigi-me de bonde para o endereço que Silvano me dera.

Encontrei a casa sem dificuldade; pelos lados da alameda Pariolo. Não me pareceu uma casa luxuosa e fiquei quase desiludido: uma personagem daquelas eu a tinha imaginado um palácio dos mais ricos. Era, ao contrário, um prédio simples, apesar de moderno, com a fachada de tijolos vermelhos e os balcões brancos, em forma de saboneteira. Calculava que, àquela hora, o porteiro estaria à mesa e, com efeito, entrei sem ser notado e dirigi-me diretamente ao apartamento número três, que era o do morto. Como o morto estava sozinho em casa, não havia fenolho e a porta estava fechada

simplesmente com uma fechadura comum, de mola. Apressado, mas sem me atrapalhar, experimentei as diversas chaves na fechadura.

Dizem que as fechaduras modernas têm cada uma um segredo diferente, mas é mentira, só haverá, no máximo, uns vinte tipos. Por sinal as fechaduras são como as mulheres: a chave certa, como o sentimento certo, não se encontra com a cabeça, mas com a intuição. Nenhuma das minhas chaves, é verdade, era a boa; mas após ter experimentado uma dúzia delas eu sabia quais dentes eram demais e quais entalhes seria necessário fazer. Sabia; digamos, sentia, assim, por simpatia. O olhar do ladrão é como o do cirurgião: ele sabe logo na primeira olhada, a quantos milímetros ele ena e a quantos não.

Após ter-me feito uma idéia da chave, fui até o tenaço, sem pressa. Lá havia uma porta, pequena, de madeira bruta, com fechadura à moda antiga. Introduzi meu prego, fisguei o cachinho da mola, girei e a porta se abriu. Encostei-a e debrucei-me no tenaço. Era um daqueles tenaços modernos que parecem caixas sem tampa: mas limpos, vazios, sem aqueles apetrechos todos atrás dos quais se escondem, sem clarabóias nem comunicações com outros tenaços ou telhados, em caso de se ter que fugir. O luar o iluminava como se fosse dia, como um salão de baile. Encontrei assim mesmo um cantinho na sombra, atrás de uma chaminé. Agachei-me, peguei a lima e comecei a preparar a chave. Sabia por intuição até onde tinha que limar.

Tratava-se sobretudo de afinar: o golpe de lima decisivo eu deixava para mais tarde. Quando achei que tinha preparado a chave de que precisava, estirei-me, comi meu meio sanduiche e fumei um

cigarro. Tinha umas quatro horas de espera. Joguei a bituca, encolhi-me e logo em seguida adormeci.

Acordei exatamente quatro horas mais tarde e achei que o sono tinha-me feito bem. Na hora que me encaminhei em direção à escada senti que tinha a tranqüilidade do funcionário que se dirige ao escritório: calmo, tranqüilo,

descansado, a cabeça fria. Desci devagarinho até o apartamento número três e experimentei minha chave. Não me tinha enganado: estava quase certa; mais uma limadinha e ela girou e a porta se abriu, suave feito mel.

O apartamento era realmente modesto, vi logo na primeira olhada. Um daqueles apartamentos de quatro cômodos e cozinha que não oferecem o menor interesse para um ladrão. Mas o jornal falava claro: tinha sido uma personagem importante. Da entrada passei para o corredor. Tinha uma porta aberta e dela vinha uma claridade que não parecia de lâmpada. Era o luar, conforme pude ver, que penetrava na sala com raio breve, pela janela aberta para o jardim. Fora esse canto perto do peitoril, o quarto estava no escuro: puxei uma lanterna de bolso e comecei a investigar. Vi primeiro uma porção de estantes cheias de livros, uma após a outra. Depois vi uma

mesa maciça, entalhada, com as patas de leão. Depois, as flores. Havia uma quantidade delas, de todas as espécies, principalmente rosas, cravos, palmas. De repente, no meio das flores surgiu o rosto do morto. Tinha barba, bigodes e cabelos brancos e brilhantes como seda, as faces nutridas e rosadas, as pálpebras transparentes, abaixadas. Um homem de seus setenta anos, corpulento, imponente, próspero, aristocrático.

Um morto digno da maior consideração, um senhor morto. Devagar abaixei o foco da lanterna: estava de smoking preto, com uma cara amarelo-avermelhado que se realçava sobre a camisa branca engomada e a gravata também branca amarrada sob a barbicha de

prata. Lá estavam as mãos cruzadas sobre o peito, róseas, limpas, um pouco esbranquiçadas, as unhas cuidadas. O anel estava em evidência e o verde da esmeralda ressaltava sobre o dedo curto e um pouco inchado. Segurei a lanterna com a esquerda e me debrucei, e apertando o anel entre dois dedos, comecei a girá-lo e a puxar. Não saía, então sacudi mais forte e ficou na minha mão. Pareceu-me porém que a sacudida tivesse desarrumado o morto. Levantei a lanterna e, de fato, agora estava de boca aberta e, por abaixo

daqueles seus bigodes de foca viam-se claramente muitos dentes de ouro. Naquele instante um silvo muito leve fez-me dar um pulo. Virei-me de chofre e vi então no peitoril da janela, engraçada como ela só, a cara de Silvano. Olhava para mim com olhos vidrados, mais pálido que o morto. Depois, em voz baixa,

falou:

- Ah.. voce veio...

Não passou de um instante e naquele instante resolvi enganá-lo.

Respondi com calma:

- Sim, vim... mas o anel não está. Fez uma careta e sussurrou com voz estrangulada:

- Não é possível.

- Vem você , respondi-lhe, e olhe. Com dificuldade, puxando-se com as mãos para cima subiu e sentou no parapeito, virou-se e caiu em pé, no quarto. Sem falar nada dirigi o foco da lanterna sobre as mãos despojadas do morto. Ele disse logo, fremente:

- O anel está com você... olhe as mãos, estão deslocadas.

- Deixe deserdidiota...

- Sim, está com você... seu ladrão.

- Vê como fala. Dessa vez não disse nada, mas atirou-se contra mim, procurando segurar-me no bolso da calça, exatamente onde

estava o anel. Dei um passo para trás, no escuro, dizendo:

- Cuidado, agora acham a gente. Mas acho que perdeu a cabeça porque se atirou novamente contra mim. Eu tinha reparado, na hora em que entrei, numa porta que ficava atrás da mesa que devia dar para o hall. Dei a volta na mesa enquanto ele, naquela penumbra, as mãos esticadas, avançava sobre mim, abri depressa a porta e entrei. Não tão rápido, entretanto, para que, à luz de minha lanterna, ele não visse que era, ao contrário, a porta de um quarto de despejo, sem nenhuma

saída. Ouvi a chave virar na fechadura enquanto eu dava voltas por entre casacos e chapéus pendurados nos cabides e ouvi ele dizer em voz alta:

- Ou você me dá o anel ou deixo você aí dentro. Agora, também devido ao calor e ao sufoco daquele buraco, estava fora de mim de raiva e respondi que o anel eu não ia dar para ele. Ele então afastou-se da porta e ouvi-o acender uma lâmpada e mexer-se pela sala. Pensei que estaria à procura de algum outro objeto, para consolar-se do anel, e não me enganava. De repente ouviu-se um grito agudo e o berro:

- Está me mordendo. Depois passos, vozes no jardim, vozes no prédio, portas batendo, intimações. Finalmente, a porta do quartinho abriu-se. A sala estava iluminada, várias pessoas seguravam Silvano pelos braços e na minha frente estavam os guardas de sempre.

Mais tarde reconstitui o que tinha acontecido: Silvano, azarado e imbecil como ele só, querendo a todo custo refazer-se, tinha enfiado os dedos na boca do morto, com a esperança de arrancar-lhe os dentes de ouro. Nem que eles

fossem flores, e pudessem ser colhidos assim, sem as tenazes próprias do dentista. O morto, com o impulso, tinha fechado a boca e ele, aterrorizado, tinha gritado. Isso tudo, porém, pensei mais tarde, na delegacia. Na hora o que fiz foi olhar para Silvano com raiva concentrada e sacudir a cabeça: com um nariz daqueles, não há nada a fazer; a culpa foi toda minha, quem mandou eu não entender isso antes.

MARÉ BAIXA

Gostaria de saber porque, quando gostamos de uma mulher, acabamos gostando também das coisas dela, que no começo nos desagradavam. Gostaria de saber apesar de ter compreendido há muito que Pina não serve para mim, por que é que vou a acabarcasando com ela, dentro de um mês ou pouco mais.

As qualidades de Pina estão no físico. Pequena, morena e socada como um fruto verde, com sua cara de moleque e seu cabelo cortado rente, ela fez de mim seu capacho por duas ou três coisas, sempre as mesmas, que porém produzem sempre o mesmo efeito: o jeito de mexer as pernas nervosas, como se dançasse dentro das saias longas e de cintura fina que ela inventa de usar, o jeito de olhar-me de lado e fixamente e sem piscar, com os olhos redondos feito olhos de coruja e o jeito de me dizer, outras vezes, plantada de costas à minha frente:

- Fecha o zíper pra mim; e eu, fechando o zíper, vejo o pescoço moreno que desce pelas costas morenas, cobertas de penugem transparente como se fosse de pêssego. Poucas coisas, e se não existissem acabaria a atração. Porém existem, e ela sabe disso, e assim acabarei casando-me com

ela.

Falemos agora dos defeitos, ou melhor, do defeito de Pina. Ela tem um, principalmente, mas é dos grandes. Ela tem péssimos modos. Dizer que tem péssimos modos é pouco, ela tem é os modos de uma lavadeira. Na vida tem os que vão devagar, os que trotam, os que galopam. Pina galopa. Vai em frente rápido como quem diz:

- Chega de conversa. Vamos ao que importa. Eu não tenho tempo para perder. E com seus modos, confirma a impressão: parece correr, abrir caminho a cotoveladas, impaciente, impulsiva, brusca, intolerante.

Eu, ao contrário, nasci com bons modos. E eu sim que poderia ter maus modos: sou grande e forte como um touro; peso noventa quilos, com vinte e oito anos. Na oficina mecânica onde trabalho sou capaz de levantar sozinho um carro de passeio.

Pois é justamente por ser grandalhão é que meço meus gestos, minhas palavras. Claro, mais alguém é forte, mais tem que ser gentil e não abusar de sua força. E Pina que me chega ao peito e de forte só tem a voz, que é rouca (outra coisa que me agrada nela, estava esquecendo), Pina; quem sabe por isso mesmo, sente a necessidade de ser prepotente.

Sei que vou casar com ela, não tem mais jeito. Tem horas porém que dá vontade de mandá-la pro inferno, ela e seus modos.

Anteontem, por exemplo, quando fomos passear em Ostia.

Fazia o calor que pode haver em Roma em agosto, depois de dois meses que já está fazendo calor. Quem sabe por causa disso, Pina estava uma fúria. Já foi falando logo que nos encontramos na rua, na frente de sua casa:

- Hoje não é dia... estou avisando.
- O que foi que aconteceu?
- Um gato morreu... pronto, o que aconteceu. Nada, né.

- Mas então por que não é dia?

Porque dois e um são três. Fomos tomar o trem em São Paulo, por volta das onze e meia, no meio da multidão esbaforida de sempre. Subimos. O vagão estava lotado, só sobrava um lugar lá no fundo. Pina se atirou como uma bala e sentou-se justamente no momento em que uma moça já não tão moça, branquela e delicada, tímida e recatada, bem ao contrário dela, fazia menção de sentar-se. Mais do que sentar pode-se dizer que Pina escorregou sob o traseiro da moça no exato momento em que esta, de pessoa bem educada que era, o fazia deslizar devagarinho no assento. Faltou pouco que a coitada não se achasse sentada no colo de Pina. Levantou-se logo confusa e falou:

- Este lugar é meu.

- Não, é meu... eu estou sentada aqui.

- Mas a senhora o tirou no momento em que eu ia sentar... todos são testemunhas... que modos são esses?

- Os modos que devem ser.

- Senhorita - a moça era firme, apesar de delicada -, levante-se ou chamo o fiscal.

Chamar o fiscal naquele mundo de gente era uma piada. E Pina de fato deu uma risada fragorosa. A moça então a pegou pelo braço e falou:

- Levante-se, senhorita.

Pina deu-lhe um tapa bem forte na mão:

- Tire as mãos de cima de mim.

A esta altura intrometeu-se o pai: um velho de bigodes e com a camisa à Robespierre, aberta na frente e o pescoço cheio de rugas:

- Senhorita, como pôde dar um tapa em minha filha?... tanto mais que a razão está com minha filha... levante-se, por favor.

- Mas quem é você?

- Sou alguém que poderia ser seu pai.

- Meu pai? quer dizer, meu avô. O que quer de mim esse gaiato? isso,

dirigido aos outros tantos que estavam olhando e que, conforme pude ver, não achavam graça nenhuma.

- Senhorita, tem que ceder o lugar; o velho agora falou bravo, levantando a voz. Imediatamente Pina gritou:

- Maurício.

Maurício sou eu. De má vontade, porque sabia que Pina estava errada e que mesmo que estivesse certa eu, colocando-me contra o velho faria o papel do prepotente, aproximei-me e falei sem graça:

- Ouça, acho melhor o senhor não insistir.

Ele olhou para mim, sacudiu a cabeça mortificado e depois falou:

- Está bem... Porém, não existe mais educação; e voltou para o lado da filha. Em toda volta ouviu-se um murmúrio de desaprovação; alguém disse:

- Muito bonito... pôr-se contra um velho... nem que fosse pela idade; e um rapaz levantou-se e disse para a moça:

- Por favor, senhorita, sente-se aqui. E desafiou-me com o olhar. Eu não falei nada, mas estourava de raiva, nem tanto por causa do rapaz que, afinal, tinha sido gentil, quanto por causa de Pina e de seu jeito. Assim, em silêncio, com todo aquele mundo de gente olhando-nos de lado, quando Deus quis, chegamos em Ostia.

A beira mar falei para Pina:

- Fique sabendo que detesto esses papelões... todo mundo olhou feio para nós, e estavam com a razão.

- E eu com isso? Queria sentar e fiquei sentada.

Chegamos às cabines de aluguel. Meu Deus, quanta gente. Mal dava para andar sem pisar naqueles corpos todos estendidos ao sol. O gerente do balneário nos disse teríamos que dividir uma cabine com outras pessoas e Pina fechou a cara, mas não disse nada. Chegamos à cabine. Estava ocupada por uma família: pai e mãe, ambos gordos e velhos, e dois filhos, uma mocinha engraçadinha, fina como junco e um rapaz moreno, de uns vinte anos. Boa

gente. De fato foram logo extremamente atenciosos:entrem por favor, acomodem-se. Pina que não tinha engolido a história da cabine em comum respondeu grosseira:

- Mesmo que não oferecessem, a gente ia se acomodar do mesmo jeito." Vi que os quatro ficaram de boca aberta pela surpresa. A mocinha falou azeda:

- Chegou a princesa. Pina ficou um tempão na cabine e depois, quando saiu, a mocinha deu um grito:

- Meu vestido! Olhei: Pina, para pendurar sua roupa, tinha jogado o vestido da moça amontoado em cima de uma cadeira. A moça entrou na cabine, pegou o vestido e o pendurou de novo, por cima da roupa de Pina. Por sua vez, Pina pegou o vestido e o jogou no chão:

- Não quero trapo nenhum em cima da minha roupa.
- Pois você cate já meu vestido- falou a moça com voz tremendo.
- Qual é, minha filha, está louca... eu não cato é nada.
- Cate já.

Agora estavam uma na frente da outra, como dois gatinhos, bonitinhas as duas. Os pais tinham se levantado; a mãe dizia:

- Desde que chegou só criou caso. O pai resmungava:
- Que modos são esses... tenham paciência. Dessa vez achei que era demais, Pina não tinha como ser desculpada. Entrei na cabine, recolhi o vestido e perguntei:

- Senhorita, onde quer que o pendure A mocinha, mais calma, disse que podia pô-lo sobre a roupa de sua mãe e foi o que eu fiz. Depois fechei-me dentro da cabine e me troquei. Quando saí, vi Pina indo em direção à praia junto com o rapazinho, o irmão da moça. Falavam e sorriam. Compreendi que Pina estava irrtada comigo por causa do vestido e queria castigar-me. Aproximei-me, assim mesmo, e falei:

- Pina vamos cair n'água?

- Vai você... eu vou com... como é mesmo que você se chama?

- Luciano.

- Vou com Luciano.

Não falei nada e tomei banho sozinho. Eles foram andando pela praia e logo em seguida desapareceram. Depois do banho, sequei-me na areia e voltei para a cabine. A família já estava comendo, sentada em volta da mesinha cheia de embrulhos.

Pina estava num canto, folheando uma revista. Falou com voz normal:

- Nós também vamos comer, não é? e eu peguei o saco da comida e sentei-me perto dela, nos degraus da cabine. Abri o embrulho, dei-lhe o sanduíche, ela o abriu e depois disse com voz indignada:

- Que que é isso? Sabe muito bem que não gosto de presunto.

- Mas Pina...

- E daí? Fico sem comer.

- Senhorita. Está servida? Era o rapaz que, sob o olhar de desaprovação da família oferecia um sanduíche de vitela fria. Já repararam que os grossos ficam ridículos quando querem parecer gentis? Assim ficou Pina, com aquele metido: pegou o sanduíche com um sorriso que parecia uma careta e enfiou os dentes nele com outro sorriso. Depois falou que estava ineômodo e foi sentar-se atrás da cabine, na sombra. De repente ouvi sua voz, enquanto comia, sozinho:

- Traz alguma bebida, o que você quer, que eu engasgue?

- Levantei-me e levei-lhe a garrafa de vinho. Bebeu e depois, chuí, cuspiu em leque todo o vinho na areia.

- Que porcaria é essa? Parece vinagrel

- Mas Pina...

- E dá-lhe com essa Pina.

- Senhorita, quer um pouco do nosso?

Era de novo o rapazinho, com uma garrafa. Ela aceitou logo com

aquele sorriso falso dela e eu me afastei, e ele aproveitou para sentar-se ao lado de Pina. Então levantei-me e fui até a praia. Sentei na areia e olhei para o mar. Estava fora de mim e de repente pensei:

- Chega, acabou. Hoje volto para Roma sozinho... e não vou vê-la mais. Estadecisão deu-me novo ânimo. Dava para ver, se quisesse, atrás da cabine, os quatro pés emparelhados, de Pina e do rapaz, estendidos um ao lado do outro. Achei porém que não me importava mais nada. Estiquei-me na areia e logo adornei.

Dormi bastante. Quando acordei enxerguei-os andando pela praia, à minha frente, em direção ao mar, para cair n'água. Conversavam, pareciam se dar bem. Senti uma ponta de ciúme. O mar estava agitado, no momento em que entraram na água, uma onda os colheu. Pina deu um grito e voltou para trás: o jovem, com naturalidade, pegou-lhe um braço para segurá-la, mas bem em cima, perto da axila. Então ouvi a voz de Pina dizendo:

- Está aproveitando da onda para se esfregar, hein... sinto muito, mas comigo a maré está baixa... já lhe disse antes, fique com as mãos no seu lugar,

- Mas eu...

- Eu nada. Fique com as mãos paradas... qual é, estou falando chinês?... aliás... deixe-me só... pode ir lá com sua irmã: comigo não consegue nada.

O rapaz estava sem graça, nem devia ser aquela a primeira resposta atravessada. Falou, mortificado:

- Então, como quiser... deixo-a sozinha.

- Sim, vai mesmo... até logo e obrigada pela companhia.

Ele se foi, virando de vez em quando, como que à espera de que o chamasse de volta. Pina entrou no mar sozinha e ficou segurando a corda salva-vidas.

Fiquei um tempão olhando para ela e agora pensava em ir até lá e fazer as pazes. Mas disse a mim mesmo:

- Maurício é dessa vez ou nunca mais ; e assim, pouco depois voltei à cabine,troquei-me, e pedi à família que avisasse Pina, paguei e fui embora.

Dei mais uma volta por Ostia nem sei porquê, talvez esperando encontrar a menina. Depois fui à estação e no empurra- empurra de sempre, subi no trem. Estava lotado, fiquei num canto,resignado a viajar de pé. De repente, no meio da multidão,escutei a voz de Pina: o que eu tenho com isso?

- Senhorita, aquele lugar estava guardado, todos são testemunhas. minha sacola estava aí.

- E agora aí está o meu traseiro.

- Malcriada.

- O roto falando do esfarrapado.

- Afinal, levante-se... vamos.

- Maurício.

E assim, apesar da multidão ela me tinha visto e agora me chamava, para que a apoiasse nas suas prepotências de sempre. Bem que eu queria não me mexer, mas um ímã me atraía. Saí domeu canto, aproximei-me dela. Dessa vez era uma senhora de idade, muito educada, de perna inchada, cheia de cabelos brancos na cabeça. Falei totalmente sem graça:

- Senhora, acho melhor não insistir.

- Mas o senhor quem é?

- Sou o noivo da senhorita.

E assim aconteceu tudo como de hábito: alguém ofereceu seu lugar à senhora, todos me olharam feio e Pina continuou sentada. Mas a senhora, ao sentar-se falou:

- O senhor é o noivo?... coitado... tenho pena do senhor.

Estava com toda a razão.